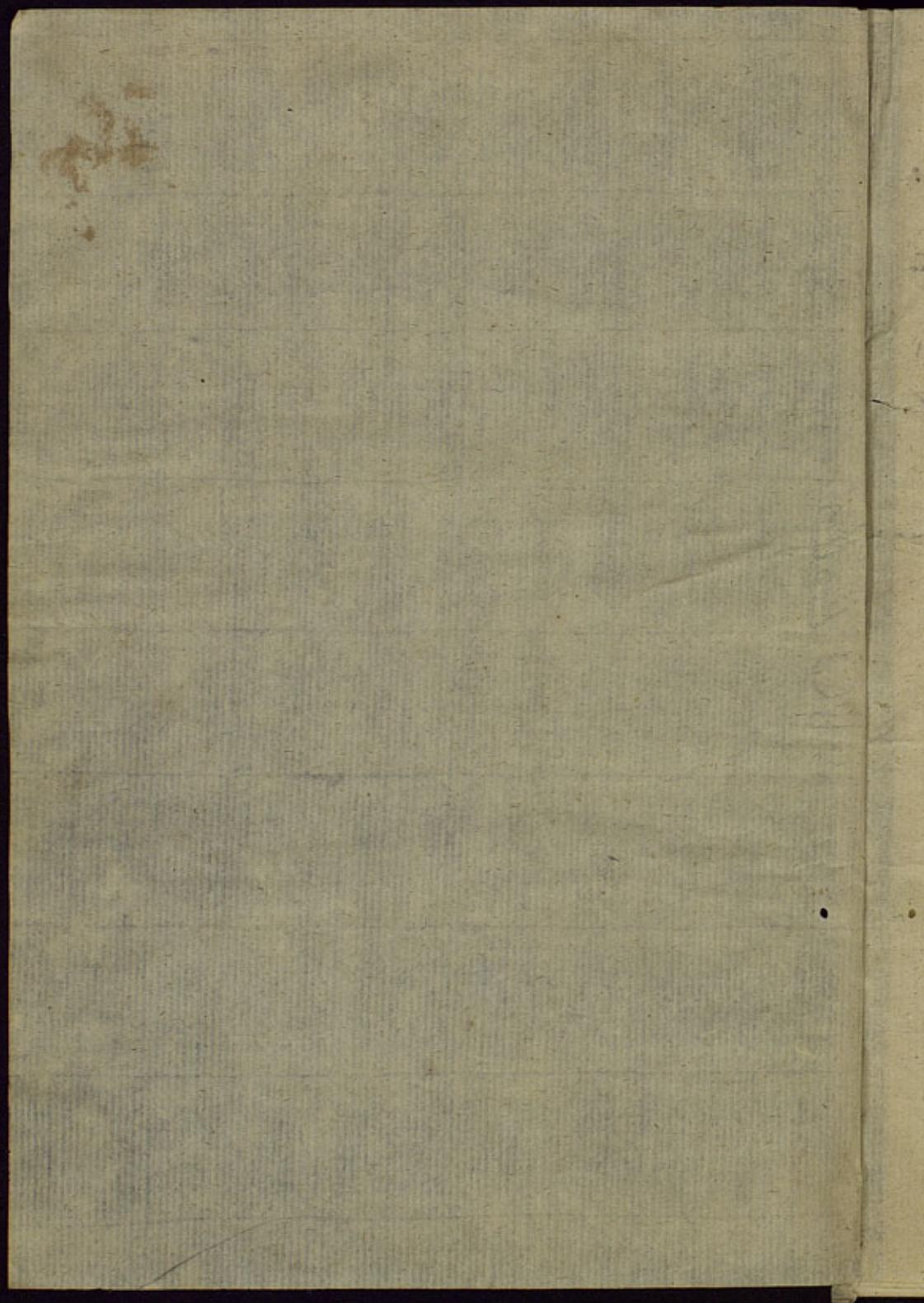


RP  
2  
1

1501

A-9-10

50  
M. S. M. 1869



afternoon of the 1st of the month of the year 1812

Disquisition on the Philosophy of Language

by John, Esq. Part 1. 1812

London, Printed by J. Johnson, in Pall Mall, 1812

(Printed by J. Johnson, in Pall Mall)

in three, bound in 2 vols. (with a new edition of the

of the author) Part 2. 1812

Acresca d'este Jornal de Coimbra vide :

- Dicionario Bibliogr. por Innocencio F.  
da Silva, Tomo 4.<sup>o</sup>, pag. 177
- Idem, tomo 1.<sup>o</sup> (artigo acerca de Angelo  
Ferreira Diniz), pag. 71
- Idem, tomo 4.<sup>o</sup> (artigo acerca do J.<sup>o</sup> Felicio  
de Castello) pag. 316

JORNAL DE COIMBRA.

---

---

VOLUME I.

---

---



LISBOA:  
NA IMPRESSÃO REGIA.

---

ANNO DE 1812.

*Com licença.*

JORNAL DE COIMBRA.



VOLUME I.



LISBOA:  
NA IMPRESSÃO REGIA.

ANNO DE 1812.

Com licença.

# JORNAL DE COIMBRA.

## PROSPECTO.

**F**azem objecto do J. de C. Observações, Memórias, Extractos, Noticias, etc. sobre todas as partes essenciaes, ou accessorias da Arte de curar — Sobre Educação, assim Fisica, como Moral — Agricultura — Economia pública, e domestica — E haverá hum Extracto das noticias politicas, e militares, que se publicarem nos Periodicos de Portugal em cada mez.

As materias serão expostas na seguinte ordem: 1.<sup>o</sup> Relação das Obras Estrangeiras, de que tivermos noticia, sobre Medicina e suas connexas; e outra das publicadas em Portugal, e seus Dominios; qualquer que seja o seu objecto. — 2.<sup>o</sup> Annuncios scientificos, que encontrarmos em quaesquer Periodicos; ou que autenticamente se nos communicarem. — 3.<sup>o</sup> Observações, Memórias, Extractos, etc. sobre os referidos ramos de Sciencia; e que os Redactores rogão, e esperão de todas as Provincias de Portugal, do Ultramar, e mesmo de Portuguezes viagentes em Reinos Estranhos. — 4.<sup>o</sup> Semelhantes Publicações feitas pelos Redactores; que escolherão para extractar, e analisar as Obras novas publicadas em Portugal, e seus Dominios, e as Estrangeiras mais interessantes. — 5.<sup>o</sup> Extracto dos acontecimentos politicos, e militares publicados nos Periodicos de Portugal, no mez a que pertencer cada Numero.

## II.

Os Redactores esperão que as producções, que lhes forem remettidas, tenham a possível dignidade a todos os respeitos. Se ellas não agradarem aos Redactores em tudo, ou em parte, estes se corresponderão com o Autor até, ou se resolver que a Peça se imprima, ou se lhe tornar a enviar. O Autor pôde usar na Peça; e correspondencia, do seu proprio nome, ou de hum supposto, declarando a segunda circumstancia, a fim de que tal Peça se imprima anonima.

He mui grande a difficuldade de chegarem agora a Portugal, Inglaterra, e suas Alliadas Livros das Nações Continentaes; chegam porém a Inglaterra muitas vezes Gazetas, e algumas vezes Jornaes, daquellas Nações; se chegarem aos Redactores as Obras primeiro, ou ao mesmo tempo que as Gazetas, ou Jornaes, que as annunciem, analisem, ou censurem, elles darão sua analyse, e juizo; se porém em qualquer Gazeta, ou Jornal acharem annuncio, analyse, ou censura de Obras, que não tenham ainda visto, darão, ou huma traducção, ou hum extracto do que acharem naquelles papeis.

No Extracto das noticias politicas, e militares referir-se-hão os diversos factos, collocando em artigos separados todos, os que dizem respeito a hum Reino, ou Provincia, qualquer que seja a data do seu accontecimento, ou a Folha, donde os Periodicos de Portugal os transcreverão; haverá porém o cuidado de conservar, quanto for possível, em cada artigo a ordem Chronologica: deste modo, bem como a huma Provincia se segue a outra sua immediata, tambem apóz os factos militares ou politicos daquella, relatar-se-hão os desta; para que os Leitores mais facilmente conheçam a mutua relação dos movimentos feitos em diferentes lugares, e que muitas vezes cooperão todos para hum mesmo fim.

Pôde qualquer daquelles artigos variar muito em extensão, e pôde alguma vez faltar algum absolutamente, os outros serão então mais extensos.

Os Redactores do J. de C. impõem-se, com muito gosto, a obrigação do respeito mais melindroso para com as pessoas quaesquer que sejam seus escritos.

### III.

Se alguém fundamentalmente contravies suas opiniões, e doutrinas, sustentallas-hão, se tiverem modo para isso, senão, corrigillas-hão com huma franqueza digna de imitação; se alguém da mesma sorte contravies doutrinas, que os Redactores exponhão d'outrem, darão vista ás partes, lançando em seu Jornal tal contravenção, e sua resposta.

Felizes os Redactores se em seu trabalho derem algum passo para a perfeição e utilidade, de que elle he susceptivel.

Publicar-se-ha no principio, ou o mais cedo possivel, de cada mez hum caderno de 70 paginas, pouco mais ou menos, percentente ao mez antecedente.

Seis Cadernos comporão hum Volume de 420 paginas, pouco mais ou menos; se em algum Caderno houver algumas de menos, que as promettidas, havellas-ha em outro de mais. Ha de completar-se em todo o caso aquelle numero de paginas no Volume, em que haverá tambem hum Indice das materias de todos os seis Cadernos.

A remessa de Memorias, Observações, etc. será com a circumstancia de porte pago, e sobrescrito = Aos Redactores do Jornal de Coimbra — em Coimbra — ou em Lisboa.

Acceita-se, mas para seis Cadernos, ou hum Volume sómente, o favor de Subscrição, que poderá fazer-se em Lisboa na Loja da Gazeta, de que he Administrador Manoel José Pinto Baptista; em Coimbra na de José Bernardo Girão; no Porto na da Viuva Alvares Ribeiro e Filhos no largo dos Loyos.

O preço da Subscrição, por seis mezes, em Lisboa 2880 rs. em Combra, e Porto 3000 rs.

O preço de cada Num. em Lisboa 480 rs. em Coimbra, e Porto 500 rs.

Naquellas Lojas se entregará aos Senhores Assignantes qualquer Caderno, logo que se imprima; e ficará de venda.

---



# JORNAL DE COIMBRA.

JANEIRO 1812.

Num. I.

*Sequimur probabilia . . . . . et refellere sine pertinacia, et refelli sine iracundia, parati sumus.*

CICERO.

Lista dos Livros, que, sobre Medicina, Cirurgia, e Farmácia, se publicarão na Grã-Bretanha, no ultimo (\*) Trimestre do anno passado, 1811.

**A**N Essay on the Disease called Yellow Fever, with Observations concerning Febrile Contagion, Thyphus Fever, Dysentery, and the Plague. By Edward Nathaniel Bancroft, M. D. Fellow of the Royal College of Physicians to the Army, 8vo. 1l. 1s.

*Ensaio sobre a Febre Amarella, com observações sobre os Contagios Febris, Tifo, Dysenteria, e Peste. Por E. N. Bancroft. Preço 3:780 rs. (\*\*).*

(\*) No Numero seguinte deste Jornal haverá huma semelhante Lista dos Livros publicados no penultimo Trimestre do anno passado.

(\*\*) O Cambio não he cousa constante; pouco mais, ou me-

Observations on the Use of Caustic Alkali in Scrofula and other Chronic Diseases. By Joseph Brandish, Surgeon to his Royal Highness the Duke of Sussex, and Member of the Royal College of Surgeons, London. 8vo. 3s.

*Observações sobre o uso do Alkali Caustico nas Escrofulas, e outras Molestias Chronicas. Por J. Brandish. Preço 540 rs.*

The Apothecaries Vade Mecum; or, Critico-explanatory Companion to the New London Pharmacopœia, for the Use of Students and Junior Practitioners; by Hyde Mathis Browne, 12mo. 7s. 6d.

*Vade Mecum de Boticarios. Por H. M. Browne 2:160 rs.*

Observations on the Surgical Anatomy of the Head and Neck, Illustrated by Cases and Engravings, by Allan Burns, Member of the Royal College of Surgeons, London, and Lecturer on Anatomy and Surgery, Glasgow. 8vo. 12s.

*Observações sobre a Anatomia Cirurgica da Cabeça, e Pescoço, com Estampas. Por A. Burns. 2:160 rs.*

The Principles of Midwifery; including the Diseases of Women and Children. Second Edition much enlarged. By John Burns, Lecturer on Midwifery, and Member of the Faculty of Physicians and Surgeons, Glasgow. 8vo. 12s.

*Principios da Arte Obstetricia: molestias de Mulheres, e crianças. 2.ª Edição muito augmentada. Por J. Burns. 2:160 rs.*

An Inquiry into the Process of Nature in repairing Injuries of the Intestines: illustrating the Treatment of Penetrating Wounds and Strangulated Hernia. By Benjamin Travers, Demonstrator of Anatomy at Guy's Hospital, 8vo. 15s.

*Indagação sobre o processo da natureza, em remediar as lesões dos Intestinos; para illustrar o tratamento das Feridas penetrantes, e Hernia estrangulada. B. Travers. 2:700 rs.*

Practical Observations on various novel Modes of operating on Cataract, and of forming an artificial Pupil, by Robert Muter Holbeach, Member of the Royal College of Surgeons in London. 8vo. 4s. 6d.

*Observações práticas sobre diferentes modos novos da operação da Cataracta, e da formação de huma Pupilla artificial. R. M. Holbeach. 810 rs.*

nos porém, e calculando-se sobre a fôrma da Lei, isto he, igualmente em metal, que em papel,

1 Denier (Dinheiro) equivale a - - - - 15 reis.

1 Shelling (Xellim, ou 12 dinheiros) - - 180 —

1 Livre (Libra esterlina, ou 20 xellins) 3:600 —

Calcula-se o preço pouco mais ou menos do Livro nas Lojas d'Inglaterra; mas dahi até á mão de seu dono, em Portugal, faz-se alguma despeza com Direitos, Commissão, e Frete.

Observations on the Utility and Administration of Purgative Medicines in several Diseases. By James Hamilton, M. D. Fellow of the Royal College of Physicians, of the Royal Society of Edinburgh, Senior Physician of the Royal Infirmary of that City, and Corresponding Member of the Medical Lyceum of Philadelphia. Fourth Edition, with additional Observations and Cases. 8vo. 10s. 6d.

*Observações sobre a utilidade e administração de Purgantes, em varias molestias.* J. Hamilton. 1:890 rs.

Observations on the Cataract and Gutta Serena; including a Translation of Wenzel's Treatise on the Cataract; a new Chapter on the Operation of largely puncturing the Capsule of the Chrystalline Humour; and many additional Remarks on the Gutta Serena. By James Ware, Surgeon, F. R. S. The Third Edition. 8vo. 10s. 6d.

*Observações sobre a Cataracta, e Gota-Serena, com a Tradução do Tractado de Wenzel, sobre a Cataracta: hum Capitulo novo sobre a operação de dilacerar a Capsula do Humor Cristalino; e muitas outras Reflexões sobre a Gota-Serena.* S. Ware. 3.<sup>a</sup> Edição 1:890 rs.

On the Operation of largely puncturing the Capsule of the Chrystalline Humour, in order to promote the Absorption of the Cataract, and on the Gutta Serena, accompanied with Pain and Inflammation. By James Ware, Surgeon, F. R. S. 8vo. 1s.

*Sobre a operação de dilacerar a Capsula do Humor Cristalino, a fim de promover a absorção da Cataracta: e sobre a Gota-Serena, acompanhada de dor, e inflammação.* J. Ware 180 rs.

A Treatise on the Management of Infants, containing the general Principles of their Domestic Treatment, with the History and Method of Cure of some of their most prevalent and formidable Diseases. By John Syer, Surgeon. 8vo. 10s. 6d.

*Tratado sobre o modo, porque as crianças devem ser dirigidas, com os Principios geraes de seu tratamento domestico, e com a historia, e metodo curativo de algumas de suas mais frequentes e perigosas molestias.* J. Syer 1:890 rs.

The Morbid Anatomy of the Human Gullet, Stomach, and Intestines. By Alex. Monro, jun. M. D. F. R. S. E. Professor of Medicine, Anatomy, and Surgery, in the University of Edinburgh, Fellow of the Royal College of Physicians, &c. &c. &c. Royal 8vo. 11. 13s.

*Anatomia Pathologica do Esófago, Estomago, e Intestinos humanos.* A. Monro, jun. 6:840 rs.

Practical Observations on the Treatment of the diseases of the Prostate Gland, illustrated by Copper-plates. By Everard Home, Esq. F. R. S. Serjeant Surgeon to the King, 8vo. 12s.

*Observações práticas sobre o tratamento das molestias da Glandula Prostata, com Estampas.* E. Home 2:160. rs.

A Treatise on the Diseases of Children; with Directions for the Management of Infants from the Birth. By Michael Underwood, M. D. Licentiate in Midwifery of the Royal College of Physicians in London, Physician to her Royal Highness the Princess of Wales, 3 vols. 8vo. Sixth Edition, revised and enlarged. 15s.

*Tratado sobre as molestias das Crianças, com regras sobre o modo, porque estas devem ser conduzidas desde que nascem. M. Underwood. 6.<sup>a</sup> Edição, correcta, e augmentada 2:700 rs.*

The Chemical Catechism, with Notes, Illustrations, and Experiments. By Samuel Parkes, Author of the Rudiments of Chemistry, &c. The fifth Edition, containing the new Discoveries, and other considerable Additions. 8vo. 12s.

*Catecismo Chimico, com Notas, Illustrações, e Experiencias. S. Parkes. 5.<sup>a</sup> Edição, a que se addicionão os descobrimentos modernos, e outros objectos de consideração 2:160 rs.*

Medico-Chirurgical Transactions, published by the Medical and Chirurgical Society of London. Volume the Second. 8vo. 16s.

*Transacções Medico-Cirurgicas, publicadas pela Sociedade Medica, e Cirurgica de Londres. Volume 2.<sup>o</sup> 2:380 rs.*

Discourses on the Nature and Cure of Wounds. By John Bell, Surgeon. The Third Edition, revised and corrected. 8vo. 12s.

*Discursos sobre a natureza e cura de Feridas. J. Bell. 3.<sup>a</sup> Edição, correcta 2:160 rs.*

Examinations in Anatomy, Physiology, Practice of Physic, Surgery, Materia Medica, Chemistry, and Pharmacy; for the Use of Students who are about to pass the College of Surgeons, or the Medical or Transport Board. By Robert Hooper, M. D. Lecturer on Medicine, &c. in London. Second Edition. 12mo. 3s. 6d.

*Exames em Anatomia, Fisiologia, Prática de Medicina, Cirurgia, Materia Medica, Chimica, e Farmacia. R. Hooper. 2.<sup>a</sup> Edição 630 rs.*

A Treatise on some practical Points, relating to the Diseases of the Eye. By the late John Cunningham Saunders, Demonstrator of Anatomy at St. Thomas's Hospital. To which is added a short Account of the Author's Life, and his Method of Curing the Congenital Cataract, by his Friend and Colleague, J. R. Farre, M. D. The whole illustrated by Engravings. Royal 8vo. Coloured Plates, 1l. 12s. 6d. Plain, 1l. 1s.

*Tratado Posthumo sobre alguns pontos praticos das molestias dos olhos. J. C. Saunders, ao qual se addiciona a vida do A., e seu metodo de curar a Cataracta congenita. J. R. Farre. Com Estampas. 3:780 rs. Com as Estampas em colorido 5:850 rs.*

Engravings of the Arteries; illustrating the second Volume of the Anatomy of the Human Body, and serving as an Introduction

to the Surgery of the Arteries. By Charles Bell. The third Edition. Royal 8vo. 15s.

*Estampas das Arterias, para illustrar o 2.º Volume da Anatomia do corpo humano, e para servir como de Introducção á Cirurgia das Arterias. C. Bell. 3.ª Edição 2:700 rs.*

Anatomico Chirurgical Views of the Male and Female Pelvis; with appropriate Explanations. By John James Watt, Surgeon. Fasciculus 2nd. Folio. Coloured, 2l. 12s. 6d. Plain, 1l. 11s. 6d.

*Vistas Anatomico-Cirurgicas da Pelve, assim do homem, como da mulher. Caderno 2.º J. J. Watt 5:670 rs. Em colorido 9:450 rs.*

Practical Observations on Cancer. By the late John Howard, Fellow of the Royal College of Surgeons. 8vo. 6s.

*Observações práticas sobre o Cancro. Obra Posthuma. J. Howard 1:080 rs.*

The Æsculapian Monitor; or, Faithful Guide to the History of the Human Species, and most important Branches of Medical Philosophy. By the Rev. Edward Burry, M. D. 8vo. 3s.

*Monitor Esculapio, ou Guia fiel á Historia da Especie Humana, e aos ramos mais importantes da Filosofia Medica. Rev. E. Burry. 540 rs.*

Vaccination Vindicated; or an Address to the People of England upon the important Subject of Vaccine Inoculation. With Remarks on the Necessity, in its Behalf, of Legislative and Clerical Interference. Written with a View to remove some Prejudices inimical to its Progress, and to guide the Public to a right Consideration of its great and real Merits. 8vo. By James Cooper.

*Vaccinação revindicada, ou Falla ao Povo d' Inglaterra sobre o importante objecto, Inoculação da Vaccina, com reflexões sobre a necessidade de fazer-se della hum objecto de Legislação, assim Civil, como Ecclesiastica. O fito desta Obra he remover alguns prejuizos inimigos do progresso da Vaccina, e guiar o Público para huma justa consideração de seu merecimento, tão grande, como real. J. Cooper.*

Bionomia. Opinions concerning Life and Health; introductory to a Course of Lectures on the Physiology of Sentient Beings. By A. P. Buchan, M. D. of the Royal College of Physicians, London. 8vo. 5s 6d.

*Bionomia. Opiniões sobre Vida, e Morte; Introducção a hum Curso de Leituras sobre a Fisiologia dos Entes sensiveis. A. P. Buchan 990 rs.*

Organic Remains of a former World. An Examination of the Mineralized Remains of the Vegetables and Animals of the Antideluvian World, generally termed Extraneous Fossils. By James Parkinson. Volume the Third, containing the Fossil Star-Fish,

Echini, Shells, Insects, Amphibia, Mamalia, &c. 4to. 3l. 13s. 6d.

*Reliquias Organicas do primeiro Mundo. Exame das Reliquias mineralizadas dos vegetaes, e animaes do Mundo Anti-diluviano.* J. Parkinson. 13:230 rs.

The London Dissector, or System of Dissections; explained by the clearest Rules, for the Use of Students: comprising a Description of the Muscles, Vessels, Nerves and Viscera, of the Human Body, as they appear on Dissection; with Directions for their Demonstration. Third Edition. 12mo. 5s.

*Dissecador de Londres; ou Systema de Dissecções, exposto em regras clarissimas, para uso dos Estudantes: descrevem-se, como se encontram na dissecção muscular, vasos, nervos, e visceras, do corpo humano; e dão-se regras para a sua demonstração.* 3.<sup>a</sup> Edição 900 rs.

---

*Publicações Portuguezas (\*) annunciadas nos Periodicos de Janeiro.*

2.<sup>a</sup> Edição da Lista dos Officiaes do Exercito, referida ao 1.<sup>o</sup> de Dezembro ultimo, consideravelmente augmentada a res-

(\*) Portugal acha-se hoje em hum desenvolvimento, e entusiasmo, difficil de conceber-se, quanto mais de explicar-se: suas circumstancias porém merecem, e atrahem, toda a sua attenção: seus esforços, seus recursos, seus sacrificios, tudo conspira, tudo se dirige para a Sagrada Causa, que defendemos, e que he de certo o objecto da admiração de todas as Nações do Mundo. Eis-aqui a razão porque são hoje tão poucas entre nós as Produções Literarias. Assim mesmo talvez nunca tenha havido em Portugal a curiosidade de ler, que hoje ha: talvez nunca se escrevesse mais do que agora se tem escrito.

Collocado Portugal em hum estado de perfeita segurança, e de socego por aquelle lado; seu entusiasmo, e energia deve sustentarse, deve porém dar-se-lhe outra direcção. Todas as Reparções do Exercito devem ficar perpetuamente reguladas, como, por fortuna nossa, hoje se achão: poderão, e deverão com tudo, reduzir-se. Todos os Portuguezes cuidarão então em Obras de commodidade, e de outra fórma de Gloria. As Sciencias, as Artes, a Agricultura, e o Commercio não poderão deixar de prosperar então. Appellamos para esse tempo a respeito de Publicações sobre todos os ramos dos conhecimentos humanos.

peito da 1.<sup>a</sup>: comprehende a Lista dos Officiaes Generaes effectivos, empregados, e desempregados, com a declaração das suas antiguidades, e dos empregos em que se achão: a Lista dos Officiaes, que compõe os Estados Maiores dos Generaes, e os Departamentos do Ajudante General, e Quartel-Mestre General do Exercito; a Lista dos Officiaes, que compõem os Estados Maiores dos Governos das Armas das Provincias, e das Praças; como tambem dos Estados Maiores das Praças, Torres, Castellos, Fortes, e Baterias; a Lista de todos os Coroneis, a dos Tenentes-Coroneis, e a dos Majores, effectivos, ou aggregados, por antiguidades, com indicação das datas dos Decretos dos Póstos, e Corpos, a que pertencem; as Listas de todos os Officiaes dos Corpos de Cavallaria, Infantaria, Caçadores, Engenheiros, Artilheiros, Empregados nos Arsenaes, e Trens, nas Companhias Fixas, e Veteranas; hum Appendice dos Despachos, que houve durante a sua impressão, e huma Relação dos Offi-

Ha ainda pouco que as Nações Estranhas pouco ou nada se applicavão á Língua Portugueza. Nestes ultimos annos porém immensidade de Russos, Alemães, Italianos, Suissos, Francezes, Hespanhoes, Inglezes, etc., ainda mal por huns, e ainda bem por outros, tem vivido em Portugal; tem estudado a Língua; e a terão provavelmente propagado.

Portugal, estas poucas legoas de terreno, he hoje de certo, e por bem justos motivos, hum objecto de interesse, de admiração, e de curiosidade, para a maior parte das Nações do Mundo: a todas chegão hoje Papeis Portuguezes.

Todas estas reflexões, e muitas outras bem obvias, fazem prever no futuro, que oxalá se faça bem depressa presente, grandes, e importantes Descobertas, e Publicações.

Todos fallão na difficuldade de vencer as Censuras em Portugal. Este objecto será moroso em materias melindrosas, que ha em todo o tempo, muito mais neste; mas em outras este Ramo de Serviço Publico está regulado de maneira, que Volumes grandes não levão muitos dias (he muito! mas he assim) em se apresentarem para a Imprensa. Este objecto está mui corrente; não carece manejos, nem contemplações particulares.

São exclusivamente dos Redactores, mas são involuntarios, os motivos da demora, que houve na publicação deste 1.<sup>o</sup> Num. do J. de C.: o 2.<sup>o</sup> Num. ha de publicar-se pouco depois deste: pouco depois do 2.<sup>o</sup>, o 3.<sup>o</sup>: e ahi ficarão as cousas em ordem, ou pouco faltará, relativamente ao tempo da publicação.

Os factos mais importantes, de que houver noticia, desde o ultimo de Janeiro até ao ultimo dia da impressão do presente Num., irão em *Post-Scriptum*; e semelhantemente se procederá sempre.

ciaes, que morrerão desde 1809, com declaração dos que forão feridos em acção contra o inimigo, de que lhes resultou a morte.

Mappa Alfabetico das Povoações de Portugal, que tem Juiz de primeira Instancia; contendo (além dos Titulos) a Provincia, Diocese, Comarca, Provedoria, Juiz, e Donatario, a que cada hum pertence. — Preço 240 rs., Brochado.

Origem da Revolução de Portugal para a expulsão do intruso Governo Francez nestes Reinos. Esta Obra tem por objecto patentear a singular virtude dos fieis Portuguezes, que para ella concorrerão; e a escandalosa malicia dos que lhe quizerão obstar. — Preço 300 rs.

Mappa Militar da retirada, que fez de Portugal o Exercito commandado pelo General Massena, em Março de 1811; no qual se achão designadas, por signaes, as Tropas Francezas, e as Alliadas; os Commandantes dos seus principaes Corpos; as marchas, e posições, que humas e outras fizerão, e tomárão, até ás Fronteiras de Portugal; assim como os dias, em que succedeo cada hum dos combates, e as Divisões, que nelles se empregarão. Nota-se igualmente a fuga, que os Francezes fizerão da Praça de Almeida em 11 de Maio.

Historia Secreta da Corte, e Gabinete de S. Cloud; em que se refere a biografia da familia de Napoleão, e de quasi todos os Generaes, Ministros, e outras Personagens notaveis de França, e de outros muitos Paizes da Europa. 2. Tom. em oitavo maior. — Preço 1:440 rs.

---

*Noticias scientificas nos mesmos Periodicos de Janciro,  
e outras.*

No dia 31 de Dezembro passado, se fez a Rifa da Biblia Regia Poliglota de Arias Montano na Cidade de S. Thiago em Galiza: coube a sorte a D. José Joaquim Zagarurieta.

---

*Paris, 11 de Dezembro.* — “Acaba de se vér hum novo Cometa na Constellação de Eridano. — Foi visto por Mr. Pons, em Marselha, a 16 do passado. O tempo sombrio não o deixou vér em Paris, senão a 5 do corrente; neste dia foi observado ás 11 horas e 1 minuto do tempo medio; a sua ascensão recta era 64. 23., e a declinação 13. 34. S. O movimento apparente do Cometa em ascensão recta he retrogrado e muito lento, e o movimento de declinação dirige-se para o hemisferio do Norte.

“ Não he visível a olho nú : com bons telescopios, o seu nucleo, cuja luz he viva, vê-se cercado por huma nuvem luminosa, mas não se lhe observa o mais pequeno sinal de cauda.

“ Annunciou-se que a 4 de Novembro, ás 7 horas da tarde, se viu em Berne na direcção de E. N. E. hum Cometa sobre o horisonte ; e accrescentou-se, que a sua cauda estava voltada para a banda do horisonte. He desnecessario notar, que estes caracteres não podem de modo algum quadrar ao Cometa descoberto por Mr. Pons ; 1.º porque este Cometa a 4 de Novembro estava ainda debaixo do horisonte ás 8 da noite ; e 2.º porque nasce no Sueste, e não tem cauda. He provavel que o Astronomo de Berne tomasse por engano o Nebuloso de Andromeda por hum Cometa. (*No Observatorio Imperial 9 de Dezembro de 1811.*) ”

Diz-se que o Conde Rzewuski de Vienna tem em seu poder hum manuscrito Arabe, escrito no tempo das Cruzadas, que refere algumas particularidades curiosas, relativas ao uso da polvora na guerra ; e que contém huma receita genuina do fogo Grego. O Conde está presentemente a trasladar esta rara, e preciosa obra.

A Real Companhia das Fiações, e Torcido das Sedas, erigio, e estabeleceu no sitio do Campo pequeno, suburbios de Lisboa, huma grande Maquina de Filatorio, para se torcer a Seda pelo metodo do Piemonte.

Mr. Clarke, na Inglaterra, construiu huma Maquina Aereo-statica ; prendeo-lhe hum como bote, ou carro ; e collocou dentro deste duas figuras de papelão, tendo cada huma dellas na mão hum Edital a annunciar o lugar, e a hora da subida da Maquina. Em 21 de Dezembro passado, 1811, em presença de huma mui numerosa, e respeitavel Assembléa de todas as Classes, Mr. Clarke introduzio o gaz para muitas horas na sua Maquina ; que subiu magestosamente a certa altura, tomando a impulso do vento fresco a direcção de N. E. A velocidade da Maquina era grande ; a altura foi tal, que depois de representar no ar apenas huma nodoa, desapareceu inteiramente. Nenhuma noticia tem havido da descida desta Maquina : conjectura-se que ella, ou cahio no Mar, ou crusou o Canal.

Napoles, 30 de Novembro. — Nós experimentamos ha dois dias hum frio excessivo. O Vesuvio está neste momento coberto de neve. O Etna continúa a vomitar torrentes de fogo.

Berlín, 5 de Fevereiro. — O Magnetismo parece querer renascer ! Ha aqui numerosos Partidistas, que buscão propagar sua doutrina. As Senhoras principalmente a defendem com calor.

A Sociedade Filomatica acaba de celebrar huma grande Sessão Publica, em que, entre outras cousas, Cloproth communicou á Sociedade fragmentos da Descrição da sua Viagem sobre o Monte Caucaso : e Mr. Fisher huma Dissertação sobre os Cometas.

O Desembargador João Severiano Maciel da Costa, Intendente Geral de Cayenna, remetteo daquella Colônia para o Rio de Janeiro, com hum habil Cultivador Mr. Germain, muitas plantas de especiarias; quaes o Geroflier, ou cravo da India; e o Muscadier, ou Noz-moscifada; com muitas outras exoticas, medicinaes, e de uso; quaes a Jalappa, a Arvore do Pão, a Barbadi-ne, (\*) etc.; havendo já ficado muitas das mesmas plantas em Pernambuco, aonde tocou a Embarcação, que as trouxe. Plantá-rão-se no Jardim da Lagoa de Freitas, para serem dalli distribuidas pelos Lavradores, que as quizerem cultivar.

Do Rio Grande e Seará se remetteo ao Excellentissimo Conde das Galveas huma cera, que se diz producção de huma Arvore, que se desenvolve, e cresce vagarosamente, chamada pelos Naturaes do Paiz, Carnaúba; a qual produz huma gommia, que serve d'alimento aos homens, e outra substancia, que engorda as aves domesticas. — Sua Excellencia escreveu, e remetteo daquella cera, a Lord Grenville em Julho de 1810. Lord Grenville deo-a ao Presidente da Sociedade Real de Londres, recomen-dando que se investigassem suas propriedades, na esperança de que se poderia substituir á cera das abelhas, e formar hum novo Artigo de Commercio entre o Brazil e a Inglaterra.

Em 9 de Maio de 1811, lêo-se naquella Sociedade huma Memoria sobre a cera vegetal do Brazil.

Esta cera no estado, em que foi mandada a Lord Grenville, assemelha-se muito á descrita por Humboldt, e que he producto da planta chamada Ceroxylon Andicola; mas não he provavel que seja a mesma. A cera descrita por Humb. he produzida de huma alta Palmeira, que vegeta em montanhas, que se elevão acima do nivel do mar de 900 a 1:450 toezas, e em regiões per-

(\*) Algumas destas castas de plantas, e muitas outras indigenas de Cayenna, sabemos nós, se cultivavão já no Pará desde o Governo do Excellentissimo D. Francisco de Sousa Coutinho.

petuamente cobertas de neve. Pelo contrario, a planta do Brazil he pequena, e cresce mui de vagar; e nas partes, onde se encontra, não ha aquellas elevadas montanhas.

As experiencias, que se tem feito para vér se della se podem fazer vélas para uso ordinario, são extremamente satisfatorias; e quando o pavio he exactamente proporcionado á grossura da véla, a combustão he tão perfeita, e uniforme, como a da cera commum das abelhas.

A simples addição de huma oitava, ou decima parte de sebo, he bastante para destruir a fragilidade da cera no seu estado puro, sem lhe dar algum cheiro desagradavel, ou prejudicar ao brilhantismo da sua chama. Huma mistura de tres partes de cera vegetal com huma parte de cera vulgar faz tambem excellentes vélas.

Eis-aqui hum novo Artigo de Commercio, que póde produzir a cultura desta planta, e de que o Estado póde tirar importantes vantagens.

A' Commissão d' Agricultura em Cadiz apresentou-se hum Informe sobre a Lei Agragria, de D. Gaspar de Jovellanos, Hespanhol, hoje defunto: obra mestra naquelle genero.

*Annunciou-se em Londres, em Janeiro, a LOTERIA REAL BOTANICA, estabelecida, por Acto do Parlamento, para animar as Sciencias, e as Bellas-Artes.*

Premios, e valor de cada hum delles.

1 Galeria Linneana dos Paineis Botanicos pelos mais distinctos Pintores, com huma cópia de todas as suas obras soberbamente encadernada: no valor de £ 5:800 — Rs. 20:880:000.

199 Premios das grandes Obras Nacionaes, o Templo de Flora, por Thornton, e a Filosofia da Botanica em 5 Volumes *in folio*, que contém muitos centos d'Estampas por Artistas eminentes, coloridas. Valor de cada Premio £ 80 — Rs. 288:000.

200 Premios: Series d'Estampas Botanicas, coloridas, das flores as mais raras da Europa, Asia, Africa, e America. Valor de cada Premio £ 30 — Rs. 108:000.

600 Premios: Exemplares do Templo de Flora, em quatto. Valor de cada Volume £ 15 — Rs. 54:000.

2:000 Premios: Flores do Reino-Unido, com a descripção de cada planta Britanica, e de suas virtudes; em 5 Volumens; 400 plantas arranjadas por hum novo Plano por R. J. Thornton M. D. Valor de cada Exemplar £ 5 — Rs. 18:000.

7:000 Premios: Elementos da Botânica, com 200 Estampas:  
Valor de cada Premio £ 3 — Rs. 10:800.

10:000 Premios. — Valor total £ 67:720 — Rs. 243:792:000.

Os Bilhetes são 20:000 : em consequencia tantos brancos, como com premio. O preço de cada Bilhete he dois Guineos. — Rs. 7:560.

**T**ODO o Mundo sabe, que a salga, a que he preciso recorrer, quando se trata de conservar por longo tempo as carnes, os pescados, etc. além de ser custosa, altera as substancias, que se sujeitão a ella, torna-as desagradaveis ao paladar de muitos, e produz nos que se alimentão dellas, por largo tempo, huma multidão de doenças de difficil cura, e funestos effeitos. Sabe-se igualmente haver muitas substancias, que tal operação não admittem. Ha muito pois que se buscão meios de conservar por muito tempo frescas as substancias corruptiveis; e acabão de annunciarse, por vias differentes, uteis resultados (\*) sobre a materia, assim em Inglaterra, como em Hespanha, e França.

Constou-nos em Agosto do anno passado, que Mr. Appert, em França, inventára hum Processo para conservar por muito tempo frescas quaesquer substancias animaes, e vegetaes: que sua Obra foi examinada, e suas experiencias repetidas, e confirmadas por competentes Pessoas, Individuos e Tribunaes: que o Governo deo a Mr. Appert 12:000 Francos (1:920:000 rs.) em sinal de reconhecimento por huma Descoberta, que (diz o Ministro do Interior) póde ser da maior utilidade, nas viagens do mar, nos Hospitaes, e relativamente á economia domestica. Pelo Processo de Mr. Appert, o homem do mar póde, no meio do Oceano, ter á mão soccorros, e objectos mesmo de luxo; que até agora só em terra, e nem ahí ás vezes se encontravão; comer, debaixo do Equador, coisas preparadas em Lisboa, ou em Londres, por mão de sua Mulher; reanimar o Marinheiro cansado com restaurantes apropriados; e offerecer-lhe em todo o momento de sua molestia o leite, o creme, o soro, o cozimento de plantas, os succos anti-scorbuticos, preparados muitos mezes antes em hum laboratorio. A Sociedade destinada a animar as Ar-

(\*) Os Redactores do J. de C. promettem fallar, depois de experiencias proprias, sobre este objecto de tanto interesse, e tão extenso.

tes, e Manufacturas, julgando “ servir á humanidade, publicando com elogios, que ella merece, huma Descoberta tão geralmente util „ a Descoberta se publicou por ordem do Ministro do Interior, em hum volume em oitavo, com o titulo de = *l' Art de conserver pendant plusieurs années toutes les substances animales, et vegetales.* = Arte de conservar por muitos annos todas as substancias animaes, e vegetaes.

O Processo de Mr. Appert he, e não póde ser mais, simples. Mettem-se as substancias, que se pertendem conservar frescas, em garrafas, em frascos, ou mesmo em barris; tapão-se hermeticamente, ou de maneira que o ar os não possa penetrar. Estes vasos, assim fechados, fazem-se ferver em banho-maria, isto he, mergulhados em outros vasos d'agoa, que se faz ferver.

He isto só o meio de conservar annos frescas, como se metterão nos vasos, as substancias de sua natureza fermentesciveis.

Vedando-se inteiramente a communicação do ar externo com o interior dos vasos, “ as substancias ainda tinham por seu contacto com o ar (alojado em seus intersticios) “ diz Mr. Gay-Lussac, „ huma disposição á putrefacção, ou á fermentação, mas expondo-as á temperatura da agoa fervente, em vasos bem tapados, o oxigenio sobe a huma nova combinação, que não he já propria a excitar a fermentação, fazendo-se concreto pelo calor, como succede á Albumina „ seja esta ou outra a explicação, o facto he verdadeiro.

Cinco mezes depois que se nos annunciou, e por via d'Inglaterra, a publicação da Obra de Mr. Appert, por fins do anno de 1811 “ obteve-se em Inglaterra hum Privilegio ao metodo de preservar por muito tempo de corrupção alimentos frescos, vegetaes, e animaes. Inclue-se a materia, que quer preservar-se, em frascos, ou outros vasos de vidro, barro, ou folha, cujas bocas se tapem completamente com cortiça, metal, couro, etc., a vedar toda a communicação do ar externo. Os vasos cheios, e assim tapados, envolvem-se em palha, ou panos, e mettem-se em huma panella, ou caldeira d'agoa fria, que se aquece gradualmente até ferver, e a fervura se continúa por certo tempo. As substancias vegetaes hão-de metter-se nos vasos cruas, e as animaes sejão ou não meio cozidas. „

Bem se vê, que o metodo Inglez, a quem o Privilegio se concedeo, he o inventado, e muito antes já publicado, e ensinado por Mr. Appert; e este por isso premiado.

Antes que em Inglaterra se concedesse o Privilegio dito, e ainda antes de se nos annunciar a Obra de Mr. Appert; em Hespanha o Doutor D. José de Flores, Medico da Camara de S. M. C., Proto-Medico do Reino de Guatemala, apresentou no Conselho de Regencia huma Memoria, com o Titulo = Experi-

mentos sobre a conservação das carnes = S. A. inteirado pelos Ensaio feitos, de sua Ordem, pelos Professores D. Higinio Antonio Llorente, D. João Manoel d' Arejula, e D. Rafael Cosia, dos bons effeitos, e vantagens deste novo metodo, mandou que se dessem ao Autor os agradecimentos pelo seu descobrimento; e effectivamente se lhe deu em 14 de Julho do anno passado, 1811. Depois do que o mesmo Autor publicou sua Memoria.

“ O Doutor Flores teve a lembrança de se servir da agoa-ardente, como se praticava ha já muito tempo para conservar varios objectos de sciencias naturaes; e as repetidas experiencias lhe ensinarão por fim, que huma agoa-ardente só de 2 gr. do Pézalicor de Beaumé era capaz de produzir o effeito, que se desejava. O metodo de o praticar he o seguinte; mette-se a carne, ou peixe, cortado em pedaços, em pipas, ou vasilhas, e deita-se a quantidade de agoa-ardente precisa, para que os pedaços fiquem inteiramente submergidos; neste estado se tapão, e assim se conservão todo o tempo, que se quer, sem que o seu gosto, ou propriedades se alterem quasi nada. Se fosse muita a quantidade das carnes, ou pescados, que se quizesse conservar, e se quizesse evitar o custo da agoa-ardente, bastaria tellos 6 ou 8 dias nella, e depois deixallos enxugar ao ar livre, com o que já se conservão perfeitamente; pois com estarem simplesmente de molho em agoa commum, ou coia a ebulição adquirem a sua primeira flexibilidade. Este metodo tem sobre a salga as vantagens de custar muito menos do que ella; de não alterar quasi cousa alguma o gosto das carnes, e pescados; e de não produzir máos effeitos; porque a parte do alcohol, que podem tomar de huma agoa-ardente tão fraca, deve desaparecer nos primeiros instantes da cocção. „

**N**A Santa Casa da Misericordia de Lisboa, se continúa a vacinar nos dias Quartas, e Sabbados, da huma hora para as duas.

José da Silva Pinheiro vende, na sua Botica ao Arco grande do Marquez de Pombal Num. 120, Algalias elasticas, fabricadas pelo habil Portuguez Luiz Mendes Gonzaga. Os nossos Medicos conhecem bem a importancia deste objecto; porque sendo estes Instrumentos desgraçadamente indispensaveis em certos casos de Medicina operatoria, tem muitas vezes acontecido haver delles falta, por senão manufacturarem até agora entre nós.

*Estado do Hospital Real de S. José de Lisboa no segundo semestre de 1811.*

Doentes.

Somma dos que existião no primeiro dia do semestre, e entrão em todo elle - - - - -	6:495
Sahirão curados - - - 4:752 } - - - - -	5:919
Morrêrão - - - - - 1:167 }	
Ficão existindo para o primeiro dia do primeiro semestre de 1812 - - - - -	576

Morreo pouco mais da quinta parte.

Dinheiro.

Somma de todos os Artigos de Receita. - Rs. -	57:710:546
- - - - - Despeza - - -	44:917:853

Saldo do dinheiro, que fica existindo em Cofre - 12:792:693

Os Jornaes da Russia citão dois exemplos de huma longevidade extraordinaria:

Morreo agora em Shawl hum Judeo, e em Kamenieu-Podolsk hum Armenio, cada hum de 127 annos de idade.

*Scafouse, 6 de Fevereiro de 1812.* — Marianna Ficher de 24 annos de idade, tratada pelo Dr. Heini no Hospital de Friburg, lançou desde o mez de Janeiro até Dezembro do anno passado, huma rãa, tres pequenos caranguejos, cincoenta e duas sanguisugas. O proprio Dr. Heini he quem refere este acontecimento, que attribue ás aguas de hum pantano, de que esta Menina se saciou muitas vezes em Agosto de 1810.

*Observação, e Reflexões sobre huma especie particular de gangrena, por José Maria Soares, Medico, e Jacinto José Vieira, Primeiro Cirurgião, ambos do Hospital Militar do Beato Antonio, em Lisboa.*

Hum Soldado de 20 annos, robusto, foi admittido no dito Hospital para a enfermaria de J. M. Soares no mez de Maio

de 1809 ; e sendo examinado , e perguntado , não accusou mais do que os symptomas de hum ligeiro catarro , dando unicamente por causa o levantar-se da cama descalço , e ter assim andado sobre o chão humido , e frio. Applicou-se hum cozimento peitoral quente , o que junto ao agasalho da cama mitigou a tosse , e desvaneceu o catarro em poucos dias. Immediatamente depois queixou-se o doente de hum grande dor nos dedos do pé direito , e allegava este motivo para se não levantar da cama. Examinado o pé , encontrarão-se os dedos roxos , o seu volume , o do pé e perna , natural , nenhuma sensibilidade nos dedos , e a do pé nada apresentava extraordinario , quando se lhe tocava , ou carregava. Indagado novamente o doente , não se descobrio causa alguma mais do que a já referida.

Não havendo por tanto sinais externos de inflamação tónica , nem mesmo apparecendo por então mudança no pulso , que se conservava natural , era comtudo manifesta a gangrena nos dedos ; por cujo motivo se applicarão panos embebidos em hum infusão aromatica , com agoa-ardente ; e para uso interno foi prescrito hum cozimento quinado. Progressivamente foi lavrando a gangrena , e em poucos dias comprehendia metade do pé , augmentando tambem a dor em proporção. Neste estado foi o doente entregue ao immediato cuidado do Primeiro Cirurgião , J. J. Vieira , o qual observando a marcha da molestia , e a grande dor de que era acompanhada , não duvidou de que tinha a tratar a gangrena , de que falla Pott no segundo Volume de suas Obras Cirurgicas. A insufficiencia , que este grande Prático julga ter a quina só por si nestes casos , e as vantagens , e preferencia , que elle attribue ao uso hum pouco mais largo do opio , induzio o nosso Cirurgião a pôr em prática este metodo ; porém os continuos progressos da gangrena , e o desvelo de quem a tratava , fizeram variar os remedios , que sempre forão tónicos , e diffusivos , e dentre estes principalmente canfora , e opio , tanto para interno , como externo. Tinha passado mais de hum mez , a gangrena chegava já á côxa , o pulso era frequente , e pequeno , o appetite tinha diminuido consideravelmente , havia diarrhea , e o doente estava cada vez mais abatido , a pezar dos remedios ditos , e dos bons caldos , e vinho do Porto , que com toda a recommendação , e vigilancia se lhe fizeram administrar.

Parou finalmente a gangrena , o que se conheceo pela linha de demarcação , que era visivel no terço superior da côxa , pouco mais ou menos. Convocados então todos os Facultativos do Hospital , concordarão em ser indispensavel a amputação da côxa , como unico meio de salvar a vida do enfermo , que da sua parte tambem instava bastante pela operação. Operou o sobredito Cirurgião. Cortadas então as partes molles duas polegadas acima da linha de demarcação , e serrado depois o osso , encontrarão-se os

musculos com boa côr, excepto o musculo costureiro, o qual estava denegrado, e mesmo se dilacerava: a arteria crural não apparecia: affrouxado o torniquete, sahio sangue unicamente de dous ramos da crural profunda, os quaes forão laqueados: introduzido o dedo pelo lugar, onde passa a crural superficial, não se sentia pulsação; e esperando algum tempo com o torniquete todo frouxo, e mesmo dando-se huma porção de vinho ao doente, não appareceo sangue.

Aproximárão-se então as partes, applicárão-se os appositos, e o enfermo foi conduzido á cama, ficando de vigia hum Cirurgião Ajudante, para occorrer a alguma hemorrhagia, que sobreviesse. O doente continuou com o uso dos tonicos, e não appareceo hemorrhagia. No quinto dia da operação tirárão-se os appositos, e o côto mostrava huma bella apparencia; porém a diarrhea continuava a pezar de todas as diligencias, e o doente morreu no undecimo dia depois da operação.

Examinado, e dissecado o côto observou-se que a gangrena tinha parado no musculo costureiro, em hum ponto mais acima da linha de demarcação externa, e que a arteria crural no ponto correspondente á terminação da gangrena, tinha huma pequena adherencia nas suas paredes internas, formando hum fundo de sacco. De resto nada mais appareceo memoravel.

O facto, que acabamos de referir, excita com toda a razão a curiosidade, e interesse de descobrir a sua causa, e a mais razoavel explicação do seu desenvolvimento, e progressos. Hum Professor, que por fortuna chegasse a conhecer cabal e perfeitamente estes pontos, poderia com mais acerto procurar os meios de curar huma tal molestia, que pelo testemunho de Pott, e Callisen tem sido quasi sempre mortal, e que affectando a certos respeitos homogeneidade com as demais gangrenas, diversifica a outros, e mais que tudo resiste aos remedios proprios daquellas, formando assim huma especie muito distincta. Apontão aquelles Práticos (que mais particularmente descrevem esta gangrena, chamando-lhe o segundo = Necrose senil =) a velhice, e os excessos em comidas, bebidas, e actos libidinosos, como as principaes causas remotas, e a falta de poder nervoso ou de vitalidade, como causa proxima; mas nem aquellas são as unicas, pois não se davão neste Soldado, o qual, ainda que arbitrariamente quizessemos suppôr libidinoso em demasia, não apresentava na constituição os estragos, que este excesso costuma produzir, além de se mostrar sempre regular nas comidas e bebidas em todo o tempo da sua estada no Hospital; nem tão pouco julgamos, que entre aquellas causas remotas, e a dita causa proxima, deixará de haver alguma circumstancia, que com mais utilidade para a prática deva ser notada, e a que devão ser dirigidos os meios

curativos. ¿Será esta circumstancia a ossificação da arteria? O exame do cadaver não excluiu esta causa; e a natureza, e desenvolvimento dos symptomas, parece não poder explicar-se por ossificação da arteria. ¿Perdêrão a vitalidade as extremidades nervosas, como mais distantes do centro nervoso, e este estado propagando-se de ramos a tronco, levou a morte successivamente a todas as partes a que elles pertencião? Este facto dá-se; mas entre as causas mais remotas e esta impotencia nervosa, se em alguns casos nada medea, como acontece nas gangrenas sêccas pelos excessivos frios do Norte; em outros, como no doente, de que particularmente tratamos, parece interpôr-se outra circumstancia, de que nasce a dôr, a adherencia das parades arteriaes, o caminho, que internamente seguia a gangrena, e finalmente a inutilidade dos remedios tonicos, e diffusivos, em huma palavra dos incitantes de nervos.

A' vista pois dos inconvenientes, que encontramos nas explicações referidas, julgamos admissivel a seguinte opinião sobre a causa da gangrena, que temos descrito.

Consiste sempre a gangrena na extincção da vitalidade, ou morte da parte gangrenada. A este estado chega-se por diversos meios; e hum dos bem frequentes he a inflammação, que no mesmo ponto precede a gangrena. Quando porém hum órgão interessa essencialmente a vida de outros, a incapacidade daquelle para as suas funcções causará a morte destes: applicando a proposição, quando a inflammação das tunicas de huma arteria collar suas paredes internas, e fizer suspender nesse ponto a circulação, todos os órgãos, que o resto da arteria vivificava, gangrenão sem que tenham passado pelo mais ligeiro grão de inflammação; antes pelo contrario desde o primeiro instante, em que começam a sofrer, tudo nelles he astenia. No caso, de que primeiro fallamos; ha ao principio inflammação, e depois gangrena; porque sendo molestias de natureza opposta, não podem co-existir no mesmo ponto; neste ultimo caso existem simultaneamente as duas molestias, porém em diversas partes; a inflammação nas tunicas da arteria, e a gangrena nos musculos, cellular, etc. O tratamento naquelle caso he opposto nos dous estados; neste he sempre o mesmo, porque curada a inflammação da arteria tudo o mais cede consecutivamente, e a gangrena pára. Eis-aqui por tanto huma especie pouco vulgar de gangrena nascida de inflammação, e que he bem diversa das frequentes gangrenas produzidas por aquella causa: pouco vulgar, porque assim o attestão os Práticos; e diversa, porque o seu desenvolvimento, e indicações curativas são bem diversas: a causa proxima porém he sempre a mesma em ambas.

Está neste ultimo caso a gangrena do nosso doente. O caminho, que ella seguia na direcção do tracto da arteria, sendo as

partes mais proximas desta, como o musculo costureiro, as que primeiro gangrenavão, e depois as mais distantes, como os musculos externos, e pelle, mostra que da arteria se originava o mal. A adherencia das paredes da arteria, formando o fundo de sacco, causava a interrupção da circulação. A dôr vehementissima e interna, que atormentava o doente, era symptoma da inflammação da arteria, donde nascia, como he frequente no systema membranoso, a adherencia da tunica interna. Qual fosse a causa remota daquella inflammação, não podemos decidir; talvez seja do numero daquellas, que nos são occultas, ou que escapão muitas vezes á indagação do Medico, e ao conhecimento do doente. Seria a humidade fria a que se expôz o Soldado? Não o affirmamos; nem de ordinario he indispensavel saber a causa remota, quando por outros meios conhecemos o estado pathologico, que ella produzio nesta, ou naquella parte do corpo.

Julgamos por tanto que a inflammação da arteria crural, começando nos ramos distribuidos nos dedos do pé, propagando-se successivamente pelo tronco, e causando ao mesmo tempo a adherencia da tunica interna, occasionou a gangrena de todas as partes, onde se espalhavão as ramificações nascidas nos pontos adherentes.

Esta opinião só nos occorreo pelo que encontrámos depois da operação, e mais ainda quando observámos o cadaver: por isso as nossas indicações, e indicados forão antecedentemente conforme a prática ordinaria nas gangrenas, tendo apenas em vista a recommendação, que Pott faz do opio para esta especie. Agora porém supponhõs com bastante probabilidade, que o tratamento debilitante em maior ou menor extensão, conforme o temperamento do doente, e o grão da molestia, será o indicado. Já Pott na Obra citada, e Callisen no seu Systema de Cirurgia §. 589, apoiados na experiencia, propõem para externo os fomentos oleosos, e demulcentes, o que estava bem fóra do nosso modo de pensar, em quanto não concluimos, como agora, a existencia de huma inflammação limitada unicamente á arteria, nem mesmo aquelles Práticos dão a entender semelhante idéa.

Recommendão os ditos Professores o largo uso do opio, como remedio o mais proveitoso nesta especie de gangrena; e affirmão que repetidas vezes tem sido bem succedido este metodo.

Nós, segundo o nosso actual modo de pensar, julgamos tambem que o opio será muito conveniente; porém sem addicção de outros diffusivos, e tendo precedido a sangria, se as forças geraes do doente a permittirem. O opio deve ser dado para debilitar indirectamente: desse modo diminuirá a disposição das arterias a inflammarse, e a dôr tornar-se-ha supportavel. A presenca da inflammação não contraindica o opio; porque esta he limitada a hum pequeno ponto da arteria, e o abatimento do restan-

te systema arterial, e de todo o nervoso, he capaz; ou de compensar o damno feito pelo opio á porção inflammada, ou pelo menos de inhabilitar o resto da arteria para successivamente passar á inflammção.

Basta de filosofar. As observções clinicas mostrarão a verdade; e por ellas sómente esperamos para confirmar, ou rejeitar a nossa opinião.

*Observações sobre a natureza, e causa de certos accidentes, que algumas vezes occorrem nas Batalhas, e que ordinariamente se imputão ao vento da bala. Por Mr. Daniel Ellis.*

#### EXTRACTO.

##### Factos.

Na ultima Batalha nas West-Indias, em Abril de 1782, passou huma bala perto do estomago de hum Tenente do *Royal Oak*, e sem lhe tocar, elle cahio immediatamente morto. — A hum Marinheiro succedeo o mesmo na mesma Batalha. — Hum homem ficou sem sentimento, nem movimento por algum tempo e hum grande e livido tumor, se formou sobre seu ventre, só porque perto d'elle, mas sem lhe tocar, passou huma bala. Este homem restabeleceo-se. — O Doutor Blane tratou de hum homem no Hospital de Barbadas, a quem huma bala d' Artilheria levou, sem a mais leve ferida na pelle, os botões das pantalonas. Sua região púbica esteve livida, e inchada por algum tempo. Elle soffreo dores exquisitas d' estranguria, que parecião proceder de paralytia da bexiga da ouriça, porque não urinou sem algalia perto de tres mezes: depois deste tempo restabeleceo-se. — Ao Hon. Capitão Fitzroy, agora Lord Southampton, huma bala d' Artilheria levou as dragonas, em Charlestown; em consequencia do que o hombro, e partes adjacentes se affectarão por algum tempo. — Semelhante phenomeno ao do Capitão Fitzroy succedeo em huma das ultimas Acções a hum Official de Marinha. — Em nenhum dos casos referidos, a cabeça foi essencialmente affectada; nem o he tão facilmente como o estomago por causas desta natureza. Nunca se soube de morte em consequencia de *vento da bala* sobre a cabeça: apenas o Coronel Markham na Batalha de Granada ficou tão estrugido por huma bala, que lhe passou junto ás fontes da cabeça, que ficou sem sentidos por algum tempo; mas em poucas horas se restabeleceo inteiramente.

Os mesmos ossos padecerão por occasiões, e causas seme-

lhantes. — Hum Official cahio por terra, em huma Acção, sem causa obvia: examinando-se, achou-se que o femur estava reduzido a pó, e o membro por isso duas polegadas mais curto. Não houve dor, os tegumentos não estavam, nem levemente, danificados. — Em outro, duas das falsas costellas foram fracturadas, e deslocadas com affecção de pelle, mas pouca, ainda que os vestidos se rasgáram no lugar correspondente. Este homem morreu.

No bloquêo do Castello de Pontefract, no anno de 1645, pelo Exercito do Parlamento, em quanto Sir Thomas Fairfax e o Coronel Forbes estavam ambos em pé, e conversando, huma bala d' Artilheria do Castello passou entre elles, e o vento, que fez, os lançou ambos por terra. O Coronel Forbes perdeu hum olho por esta occasião; porém Sir Thomas não recebeu dano consideravel. (\*)

Na Batalha de Rohilcund, no anno de 1774, huma bala d' Artilheria passou entre as coxas do Official, que commandava a Artilheria, que apparecêrão logo, por esse motivo, negras, mas sem a mais leve ferida na pelle. — Hum semelhante caso teve lugar, no anno de 1781, na retirada do Exercito de Ghauts. — Estes dous Officiaes vivem ainda hoje na Inglaterra; e occupão altos Postos no Exercito. — No Cêrco de Bassain, perto de Bombay, no anno de 1780, huma bala fez saltar o turbante a huma Sentinella, postada na trincheira: a Sentinella, para o apañhar, saltou abaixo: hum Cirurgião, que succedeo achar-se alli, examinou-o, e achou, que a cabeça não tinha sido, nem levemente, tocada pela bala: pelo estado porém do pulso o Cirurgião julgou necessario mandar o Soldado para o Hospital: e ainda que externamente nada apparecesse, o Soldado morreu em menos de quarenta e oito horas. — O Official, que communicou estes factos, e que estava na trincheira a este tempo, recorda-se ter ouvido, que o Cirurgião Boyd examinou a cabeça do defunto, e lhe achou extravasacão de sangue. — Hum Official (residente hoje nas Montanhas da Escocia), no Cêrco de Bergen-Op-Zoom, no acto de soccórer hum Soldado, que tinha cahido, perdeu de repente a vista d' hum olho, e gradualmente a do outro, por occasião de passar-lhe, mas sem o tocar, huma bala por diante, e mui perto da cara. — Hum Official, no Cêrco de Seringapatão, estando em pé na trincheira diante desta Praça, cahio por lhe ter passado huma bala junto a huma das coxas, que, sem outra lesão externa, se lhe fez perfeitamente negra. — No mesmo Cêrco, pelo mesmo motivo, mas em outra occasião, outro Official do mesmo Batalhão cahio por terra, e sem outra le-

(\*) Horgrove's History of Knaresborough, pag. 185. 5th. ed.

são sensível se lhe denegrio a face. — O Capitão M. da Infantaria de Bengala, servindo no Exercito com Lord Lake nas West-Índias perdeu, sem alguma outra lesão sensível, a vista d'ambos os olhos, pela passagem de huma bala d'Artilheria por diante, e perto da sua cara. — O Coronel M. da Artilheria de Bengala, no Cérco de Seringapatão, examinando, em pé, em huma das baterias, por hum Telescopio, as obras do Inimigo, em distancia de 400 a 500 varas, foi lançado em terra por huma bala d'Artilheria, que passando por diante, e perto do peito, sem o tocar, lhe quebrou o braço, que pegava no Telescopio. O braço se amputou acima do cotovelo, e na operação nada houve digno de notar-se. O Coronel morreo dentro em poucos dias, não pelas lesões do braço, como se julgou "*mas pelo vento da bala*", que, na opinião do Cirúrgião, actuou sobre o peito, fazendo-o perfeitamente negro, mas sem a mais leve solução nos tegumentos. Todos estes casos foram mui discutidos entre os Medicos do Exercito da Índia; e assentou-se geralmente, que foram produzidos pelo *vento da bala*.

Os animaes affectão-se, como os homens, por accidentes desta natureza. — Huma vacca na Hollanda, morreo em huma das Acções por lhe passar huma bala perto do espinhaço. (\*)

#### Conjecturas.

Tem-se altamente debatido a maneira, porque aquelles effectos se produzem. Querem alguns, que elles se devão á compressão e tremor do ar, em consequencia de sua resistencia ao movimento da bala.

O Dr. Blane reflectindo que a mera proximidade da bala, na sua passagem, não he motivo sufficiente para a fractura dos ossos, que alguma vez succedeo, e não succederia sem alguma sorte de contacto; e instruido de que o movimento das balas he, á excepção de poucos casos, rotatorio; persuadiu-se, que este movimento coincide em algum dos pontos da mesma bala com a sua direcção, e que ella levando diante de si o que directamente encontra, todos os outros pontos em rotação podem passar rodando sobre os corpos lateraes, e contundillos (\*\*) sómente.

Ellis vê difficuldade, e impossibilidade mesmo em conceber, como a bala, tocando ella mesma, ainda que em movimento rotatorio, alguma parte do corpo, nem os tegumentos fira; e assim mesmo tire a vista, paralyse a bexiga da ourina, quebre os ossos, arranque a vida, etc. Ellis persuade-se, que não he ao

(\*) Obs. on the Diseases of Seamen. p. 575. 3 ed.

(\*\*) Diseases of Seamen, Loc. cit.

contacto, mas á proximidade da bala, que devem attribuir-se os violentos efeitos acima descritos. Taes efeitos parecem-lhe mui differentes dos produzidos por operações dos agentes mechanicos ordinarios; e parecem-lhe, em todas as suas circumstancias, mui semelhantes aos efeitos, que em muitos casos succedem á acção da electricidade atmosferica.

Em auxilio daquelle conjectura Ellis recorda-se, que certo homem foi atacado de falta de vista, e de sentimento de repleção e incommodo no estomago, immediatamente que soffreo a acção d'hum raio; sua vista diminuiu gradualmente; e posto que nenhuma alteração se notava em seu pulso, ou pelle, elle continuou a péorar, e morreo dentro em cinco dias. Todas as visceras, excepto o estomago, encontrarão-se na disseccão sãs: aquelle órgão porém pareceo em estado de mortificação. Este estado foi, sem dúvida, occasionado pelo raio; entre tanto que os tegumentos do corpo nenhum sinal apresentavão de ter passado (\*) a materia electrica. A perda de sentimento e movimento, e a formação de nódoas lividas, que se tem imputado ao vento da bala, são tambem consequencias ordinarias da operação do raio. Em hum caso fatal, recordado nas Transacções Filosoficas, a materia electrica entrou no corpo por baixo do ouvido esquerdo, e sahio pelas costas, que fez "negras como tinta d'escrever." (\*\*) Em outro caso pareceo suspender-se a sensibilidade, e a circulação, em consequencia de hum raio, que deixou em huma das coxas huma nódoa negra, que desapareceo em poucos dias, restituindo-se tambem a sensibilidade (§) — Outro caso: hum homem foi morto de raio, e seu corpo fez-se todo negro, seus vestidos rasgãõ-se, porém ferida nenhuma.

Os dous factos acima referidos; botões arrancados das pantalonas do Marinheiro, e dragonas do hombro do Official, sem immediato contacto da bala; não são certamente efeitos mechanicos: elles parecem huma operação d'electricidade, ou de outra materia subtil, dotada de propriedades analogas ás da electricidade. Na atmosfera ha electricidade, e ha outras materias mui subteis; será possivel que electricidade, ou alguma outra materia subtil atmosferica, se acumule, ou desenvolva pelo movimento da bala em huma quantidade capaz de produzir os extraordinarios efeitos, que se attribuem ao vento da bala?

Que pela atmosfera ha bastante materia electrica, he huma verdade, e he tambem verdade, mui ordinario, e frequente, que ella se accumula a ponto de produzir violentissimos efeitos; mas não poderá razoavelmente sustentar-se, que huma bala corren-

(\*) Simon's Merd. Facts. vol. VIII.

(\*\*) Phil. Trans. An. 1772. pag. 135.

(§) Ib. 1773. pag. 234.

do por huma tão pequena quantidade d'ar, qual o que se vai deslocando na sua passagem, accumulará, ou desenvolverá electricidade em quantidade sufficiente a produzir por fricção, ou outros meios, e por si só, os accidentes imputados ao vento da bala.

Muitos factos mostram, que outra materia subtil, dotada de propriedades electricas póde, por acção Chimica, desenvolver-se do ar. Os Chimicos tem extensamente provado que todos os fluidos permanentemente elasticos devem sua fórma gazosa á presença do calorico em estado latente, e que, quando a elasticidade de hum gaz se diminue, ou extingue, seu calorico latente sóbe a hum estado de liberdade maior, ou menor. O gaz oxigenio da nossa atmosfera contém huma grande quantidade deste calorico latente, e quando em combustão, ou outras operações Chímicas este gaz perde sua elasticidade, seu calorico se desenvolve, e se apresenta em estado sensivel.

Póde fazer-se, que esta materia subtil, ou calorifica, que o gaz oxigenio he assim capaz de produzir, apresente as propriedades do fluido eléctrico; o Dr. Wollaston achou, que este gaz contribuia á producção da electricidade, entrando em combinação com a amalgama, que servia a esfregar a máquina electrica, e que, quando a máquina estava perfeitamente isolada, nenhuma electricidade se desenvolvia, se o gaz oxigenio se subtrahia, ou se se empregava hum amalgamo incapaz d'oxidação (\*): — factos, que parecem provar claramente, que o ar contém em estado latente materia electrica, ou outra semelhante; e que esta fica em estado sensivel, quando, como naquelles exemplos, o mesmo ar entra em combinações Chímicas.

Mais: huma materia subtil, semelhante em suas propriedades ao flúido eléctrico, desenvolve-se do ar, quando sua elasticidade (*rarefação*) se diminue por meios mecanicos. Pela simples condensação ordinaria do ar, Mr. Dalton achou que o calorico se desenvolvia a ponto d'elevantar muitos grãos a temperatura (\*\*) e na maior e mais rápida condensação do ar na espingarda, até ás vezes apparece lavareda, como Mr. Fletcher observou (‡); Mr. Molle (†) observou, que as substancias combustiveis s'inflammavão facilmente em huma seringa, condensando-se á força nella o ar (||); e nas experiencias de Mr. Biot, os gazes oxigenio, e hydrogenio, misturados na proporção propria a formar agóa, produzião, por sua rápida condensação, huma materia subtil sufficiente a inflammallos, da mesma maneira, e com os mesmos

(\*) Phil. Trans. 1801. pag. 433.

(\*\*) Manchester Memories, vol. V.

(§) Nicholson's Journal vol. X. pag. 280.

(†) Philosophical Magazine XIV. pag. 263.

(||) Hauy's traité de Physis. T. II. pag. 253.

fenomenos, que a materia electrica. Sem defender pois a absoluta identidade do calorico, e fluido electrico, estes factos provão que existe nos corpos gazosos huma materia subtil, que apresenta os fenomenos, e possui as distinctas propriedades do fluido electrico; e que tal materia póde desenvolver-se, diminuindo a elasticidade do ar, ou isto se faça por meios Chemicos, ou mecanicos. He pois provavel que huma bala no seu ligeirissimo movimento pelo ar actúe sobre elle de tal maneira, que desenvolva, e accumule quantidade desta materia subtil?

Pelos Filozofos, que tem particularmente dirigido sua attenção ao movimento de projecteis, estamos informados (he Ellis a fallar) que os fluidos elasticos, como o da atmosfera, não encham com muita prontidão o espaço deixado pelo corpo em movimento; e estamos ao mesmo tempo informados que as camadas desse fluido elastico, que successivamente se vão achando diante do corpo em movimento, se condensão, e tanto mais, quanto maior he sua velocidade. Pelas experiencias do Dr. Hutton vé-se que huma bala d'Artilheria de duas polegadas pouco mais ou menos em diametro, movendo-se com a velocidade de 1:000 pés por segundo, encontra huma resistencia no ar igual a 350 onças, entretanto que a resistencia opposta á mesma bala, quando se move com velocidade dupla, he igual a 1:369 onças; ainda mais do quadruplo (\*). Por este augmento de resistencia, e consequente condensação do ar, seu colorico latente de necessidade se desenvolverá; e como esta materia subtil se tem mostrado, em tantas de suas propriedades, semelhante ao fluido electrico, ella póde, como este, suppôr-se accumulada na bala, e nella conduzida até que, ou a velocidade da bala se diminua tanto, que permita sua gradual diffusão, ou até que, semelhante ao fluido electrico, saia de repente na passagem da bala por alguma substancia conductora menos carregada. Neste ultimo caso ella póde, na razão de sua intensidade, e excesso de quantidade, produzir os accidentes já referidos. Por tanto, os effeitos, ordinariamente imputados ao *vento da bala*, podem considerar-se como verdadeiramente electricos, e como realmente produzidos pela *acção da materia subtil* desenvolvida pela *condensação do ar* durante o movimento rápido do projectil. Eu acrescentarei (continúa Ellis), que aquelles, que tem presenciado os effeitos da materia calorifica, desenvolvida pela condensação de poucas polegadas cubicas de ar em huma seringa ordinaria, facilmente conceberão, qual será o effeito d'huma bala de 24, de cujo grande circulo a secção he, com pouca differença, de 25 polegadas quadradas; e que em consequencia no espaço de 300 varas, ponto

---

(\*) Hutton's Phil. Dict. Vol. 11. pag. 365.

em branco, deve em hum segundo de tempo actuar sobre, e deslocar, 156 pés cubicos de ar.

Porém esta accumulção de materia subtil, que se tem assim supposto acompanhar o rápido movimento da bala, póde na conformidade dos principios expostos occorrer no primeiro período de sua carreira sómente; porque a bala não só actúa sobre maior quantidade de ar em menos tempo, mas este ar, pela sua maior resistencia então, soffre também maior condensação. A mui pequenas distancias também póde ser que debaixo mesmo de tão grande velocidade *inicial* da bala não haja accumulção consideravel de materia subtil; porque a bala não terá atravessado espaço sufficiente a habilitar o ar a produzilla: entretanto que em grandes distancias, como a velocidade declina, a resistencia diminue, e o ar não se condensará então em hum grão sufficiente para apresentar sua materia calorifica latente.

He também possível que em huma atmosfera mui humida não haja grande accumulção; porque a propriedade conductora do ar póde igualar então quasi, ou inteiramente, a acção condensadora, e accumuladora da bala: entretanto que em huma atmosfera muito secca he em menor quantidade a materia subtil, que sahe da bala; e maior em consequencia a que fica nella. Estas considerações explicarão talvez o facto da maior frequencia de taes accidentes nas Indias Orientaes, e Occidentaes, que na Europa.

Ultimamente podemos acrescentar que a maior parte dos accidentes imputados ao *vento da bala* occorrem em acções maritimas, ou em círcos; circumstancias, em que as partes contedentes se achão mui frequentemente dentro de ponto em branco, e a bala dirige-se por huma linha, com pouca differença, horisontal: porém em batalhas de terra, pela maior distancia em que se usa ordinariamente d' artilheria, e pela consequente elavação dada á peça, a bala desvia-se da linha horisontal, e não se dirige verdadeiramente a seu objecto, senão quando sua velocidade se tem diminuído tanto, que a inhabilita de produzir sobre o ar aquelles effeitos, que seguem seu movimento, quando elle he mais rápido.

Eu (Ellis) continuarei observando que a opinião, que eu me tenho aventurado a publicar a respeito da natureza electrica dos effeitos, algumas vezes produzidos pelo rápido movimento da bala, podem sem difficuldade sujeitar-se á experiencia de Pessoas instruidas, e engenhosas; principalmente das empregadas no Departamento da Artilheria, aonde haverá frequentes occasiões, apropriados meios de execução, e as necessarias precauções, para a confirmar, ou contestar.

Edimburgo 20 de Novembro de 1811.

Farther Inquiries into the Changes induced on Atmospheric Air, by the Germination of Seeds, the Vegetation of Plants, and the Respiration of Animals. By Daniel Ellis 8vo. pp. 375.

*Continuação das indagações sobre as mudanças feitas no ar atmosferico pela germinação das sementes, vegetação de plantas, e respiração de animaes. Por Daniel Ellis.*

Ha já annos que Ellis publicou a primeira parte destas Observações. São tão connexos os objectos tratados nestas duas Publicações, que d'huma vez se póde dar noticia da doutrina de ambas.

Aqui se vê o que sempre se vio, que encadeando-se, como tão firmemente se encadêo, immediatamente, ou por interpostos, todos os conhecimentos humanos, quando se profunda hum dos seus ramos, profundão-se mais ou menos, e tocão-se muitos outros lateraes e connexos. Ha muito que Ellis contempla gazes em geral, e o ar atmosferico em particular; e faz applicação da sua doutrina á respiração dos animaes, á germinação, e á vegetação das plantas; á relação, por este lado, entre os Reinos Animal e Vegetal, ao rápido movimento das balas, etc. Por occasião destas doutrinas, e como mui connexo com ellas, Ellis explica a seu modo a causa das cores das folhas e flores das plantas; a intervenção, e a influencia, que ahi ha da luz; e considera, á occasião, a luz em si, e em relação com metaes, e seus oxidos. Por esta occasião trata do Prisma, que serve a separar huns dos outros os raios de luz de differente còr (se os ha); faz sensível a semelhança de effeitos, que o Prisma tem com a Pilha Galvanica; trata desta, e dos effeitos da electricidade sobre as plantas, etc., etc.

*Extracto, e reflexões.*

O ar atmosferico ordinario compõe-se essencialmente de tres differentes gazes em combinação, mas em quantidade mui differente; a saber: o, o 1 de gaz acido carbonico; o 27 de gaz oxigenio, e o, 72 de gaz azote, pouco mais ou menos.

O ar atmosferico serve, já se sabe, á respiração. Dentro do bofe, seja qual for precisamente o lugar e o modo, actúo-se reciprocamente o ar inspirado, e principios do corpo: deste encontro os resultados, que ficão no corpo, são hum campo fertilissimo de questões filosoficas interminaveis talvez: os resultados porém, que se expirão, tem-se sujeitado a exames; e sabe-se com

toda a evidencia, que o gaz azote sahe na mesma quantidade, em que entra; o gaz acido carbonico em muito maior; e o gaz oxigenio em muito menor. O animal recebeo pois da atmosfera por via da inspiração gaz oxigenio, deo-lhe gaz acido carbonico; e gaz azote não deo, nem recebeo.

A combustão produz hum effeito semelhante a respeito do gaz oxigenio; este, resultado da perfeita combinação do oxigenio e colorico, decompõem-se; o oxigenio larga o colorico (que fica por isso em liberdade, e se apresenta com todos os attributos, que o distinguem), e combina-se com o corpo combustivel.

Os animaes pois por via da respiração, e os corpos combustiveis por via da combustão, roubão á atmosfera grande parte de gaz oxigenio; de quem, por este lado, unicamente depende a vida dos animaes, e a combustão.

Relativamente ao homem, e aos animaes de constituição semelhante, e talvez a todo o ente vivo, o gaz oxigenio he hum grande estimulante; o gaz acido carbonico, em liberdade, deleterio, hum veneno; e o gaz azote he indifferente, parece servir de vehiculo aos outros dous gazes.

As experiencias feitas hoje por tantos Fisiologistas, e Praticos, sobre o effeito daquelles gazes no corpo do homem, tem subministrado grandes conselhos praticos. Em tísicas, ou disposições para ellas, que consistão em hum estado inflammatorio dos pulmões, o que he talvez mais frequente do que geralmente se pensa, já senão aconselha ar quanto mais puro (se he que merece o nome de mais puro o que tem maior quantidade de gaz oxigenio). Ar do campo assim agrava a molestia, bem como a agrava a quina, e todos os estimulantes. Os conhecimentos modernos sobre a materia em questão tem feito applicar topicamente ao bofe os gazes, e os vapores, que as molestias exigem. A Máquina inventada por Mugde (\*), e tão aperfeiçoada em Lisboa, he hum appropriadissimo meio de levar topica, e mui utilmente ao bofe toda a qualidade de remedios.

Tornando mais particularmente ao nosso objecto, se o ar atmosferico, que geralmente mais convém, he aquelle, em que os tres gazes, que essencialmente o compõem, são, gaz acido carbonico 0, 01; gaz oxigenio 0, 27; e gaz azote 0, 72; se he fóra de dúvida que a respiração de tantos animaes, e a combustão de tantas materias, e mil outras operações da natureza, consomem tanto gaz oxigenio, e algumas fornecem tambem tanto gaz acido carbonico; he evidente que a quantidade de gaz oxigenio ha de diminuir gradualmente, e o gaz acido carbonico au-

---

(\*) Vende-se na Fabrica de Marcenaria de José Aniceto Raposo, ao Bairro Alto, defronte do Chafariz do Loreto Num. 8.

gmentar na atmosfera; e esta se teria já agora tornado incapaz de servir á respiração, e á combustão, se por huma parte não houvessem na natureza alguns meios, que dessem á atmosfera o oxigenio, que por tantos outros meios se lhe tira; e tirassem por outra parte o gaz acido carbonico, que a expiração dos animaes, e tantas outras causas constantemente para ali derramão.

Foi doutrina corrente que as plantas tinhão, mediante a vegetação, o poder de purificar o ar, que a respiração dos animaes, e a combustão dos corpos tinhão feito impuro. Era corrente, e geralmente aceito nos circulos scientificos, que se a respiração animal, e a combustão diminuião, como realmente diminuem, na atmosfera a quantidade de oxigenio, e augmentavão, como de facto augmentão, a quantidade de gaz acido carbonico, as operações dos vegetaes davão por indispensavel e propria necessidade resultados inversos; tiravão da atmosfera gaz acido carbonico, e derramavão nella o gaz oxigenio. Achando-se a este respeito em contraposição, e servindo-se por isso mutuamente, os dous Reinos Animal, e Vegetal.

Aquella doutrina deve-se a Priestley. Elle a fundou em algumas das suas experiencias; outros repetirão estas, e seguirão aquelle. Priestley e outros experimentarão que, mettendo-se debaixo de mangas de vidro, cujo ar interno era absolutamente incommunicavel com o ar externo, mettendo-se, digo, em humas animaes sómente de respiração necessaria; e em outras animaes, e alguma planta; estes continuavão a viver com toda a commodidade; quando os primeiros, sem a companhia de vegetaes, morrião dando evidentes sinaes de falta de ar em termos, e de consequentes incommodos de respiração.

Não são concludentes da mesma sorte todas as experiencias de Priestley mesmo; e oppõem-se a algumas directamente os resultados das experiencias de Woodhouse, Scheele, Senebier, Sausurre, Ingenhouz, e numero dellas magnificamente feitas e arranjadas por Ellis. Por todos estes, e suas repetidas experiencias consta unicamente que, quando hum animal ou planta vive no ar atmosferico, o oxigenio deste ar desaparece, e apparece em seu lugar gaz acido carbonico; que qualquer planta em huma atmosfera sem oxigenio, nem donde elle lhe venha, morre, e sécca. Eis-aqui, a respeito de consumir gaz oxigenio, não só a não se opporem, mas a conspirarem, respiração, combustão, e a vida dos vegetaes; devendo-se principalmente a Ellis hum tão grande, e tão pesado vulto deste objecto, que mereceo, e attrahio a attenção dos Fisiologistas Botanicos.

Convem-se geralmente hoje que as plantas, e assim mesmo animaes, e combustão, não podem existir sem oxigenio; que o oxigenio da atmosfera, não renovada, de qualquer planta he substituido pelo gaz acido carbonico: até aqui são factos. — ; Qual

he o campo, e a maneira, em que aquella metamorfose se faz? No principio da experiencia havia muito oxigenio na atmosfera ambiente da planta; depois achou-se, não oxigenio, mas, em seu lugar, gaz acido carbonico, que he o mesmo gaz oxigenio em combinação com o carbonio. ¿Da parte da planta não houve senão excreção de carbonio, que derramado no ambiente, e encontrando o gaz oxigenio, se combinou com elle, a formar o gaz acido carbonico; não entrando assim cousa alguma na planta, e sahindo della o carbonio, mas elle sómente? Por outra. ¿O gaz oxigenio, ou o oxigenio sómente, entrou na planta, encontrou lá o carbonio, combinou-se com elle, formou gaz acido carbonico, ou o acido carbonico sómente; de que, já pronto, a mesma planta fez excreção? Nenhuma destas duas conjecturas he absurda, nem mesmo inverosimil. A opinião d'Ellis he que a organização da semente, ou da planta, não tem nada com a combinação dos principios do gaz acido carbonico; que da semente, ou da planta sahe o carbonio, o qual, dando-se o caso de encontrar o gaz oxigenio na atmosfera ambiente, se abraça e combina com elle. Para a preparação do carbonio serve a organização da semente, ou planta, que o lança pronto na atmosfera, com a combinação porém não tem a planta cousa nenhuma. Nos conhecimentos, que ora se possuem sobre o objecto, parece que Ellis tomou o peor partido. ¿Que necessidade tem então a planta do oxigenio? Não ha razão para suppôr que a excreção seja facil na atmosfera do oxigenio, e impossivel em outra qualquer. Parece mais plausivel que o oxigenio elle mesmo, ou em fôrma de gaz, ou diluido em algum liquido appropriado, ou fosse como fosse, entrava na planta, estimulava lá, ou em fim servia a fins, que nós ignoramos, combinava-se depois com o carbonio, com quem dentro da constituição mesmo s' encontrava, e fazia-se então a excreção em gaz acido carbonico perfeito. Retocaremos ainda esta questão.

Como he que as experiencias de Priestley tiverão alguma vez resultados differentes, e repugnantes entre si, e relativamente ás experiencias d'outros? He notavel a differença das experiencias, em que ha, ou não ha, a circumstancia de estar a planta exposta aos raios directos do Sol. Se a experiencia se faz na planta ás escuras, ou á sombra, consome-se o oxigenio, forma-se o gaz acido carbonico; e se a atmosfera se não renova, morre a planta. Se a planta porém está directamente exposta aos raios do Sol, o oxigenio, he verdade que, dentro ou fóra da planta se converte, em combinação com os competentes principios, em gaz acido carbonico; mas da acção reciproca de raios de Sol, gaz acido carbonico, planta, e oxigenio, resulta a decomposição deste gaz acido; e fica o oxigenio em circumstancias de prestar, e prestando nova e effectivamente, seus officios á planta. Nem a planta sem raios

do Sol directos, nem raios do Sol directos sem planta, nem mesmo o concurso destas duas circumstancias, sem a presença d'algum gaz oxigenio em liberdade, são capazes de decompôr o gaz acido carbonico; he indispensavel o concurso de todas aquellas quatro substancias. Priestley não tinha bem individuado todas aquellas circumstancias; Ellis, e outros sim.

Fica pois visto que as doutrinas de Priestley e Ellis não estão na opposição, em que seus enunciados as apresentam. Dr. Priestley dizia bem, quando dizia, que as plantas tinham poder de purificar o ar atmosferico, a respeito de gaz acido carbonico. Devemos a Ellis, e outros, a individuação das precisas circumstancias, debaixo de que se executa tal processo de purificação.

Sendo certo, como he, que as plantas com o auxilio dos raios directos do Sol decompõem o gaz acido carbonico, indifferentemente aquelle, para cuja formação ellas concorrerão, ou o que adveio, he de experimentar ainda, se ha relações exclusivas entre a planta e a quantidade de gaz acido carbonico. Nós já sabemos que a planta ao Sol decompõem o gaz acido carbonico; resta vér, se a planta pôde viver em atmosfera de gaz acido carbonico só; e o que lhe succede, quando este he pouco ou muito mais, que o ordinario da atmosfera ordinaria.

Nós dissemos que o gaz acido carbonico, como principio essencial d'hum a boa atmosfera, era na quantidade pouco mais ou menos de 0, 0 1; e essa mesma pequena quantidade em combinação com os outros dous principios essenciaes, e talvez com algum, ou alguns dos immensos, que accidentalmente se encontram sobre diferentes pontos da terra, dependentes de circumstancias dos mesmos pontos. Se a quantidade de gaz acido carbonico sóbe, mas pouco além de 0, 0 1, a vegetação faz-se melhor; mas, se sóbe muito, a planta padece, e morre mesmo.

Pelas experiencias de Saussure, Dr. Priestley, Dr. Percival, e pelas do mesmo Ellis, quando o gaz acido carbonico era a duodecima parte do ambiente da planta ao Sol, ella prosperava mais, que em hum ar atmosferico puro: quando era a oitava parte, a planta vegetava, como na atmosfera pura: quando a quarta parte, a planta morria em dez dias, etc. A' sombra porém a vida da planta não consentia no seu ambiente consideravel augmento de gaz acido carbonico; as plantas morrerão em seis dias, quando o gaz fazia a quarta parte da atmosfera: e quando fazia a duodecima parte, a vegetação era fraca, e o augmento pouco.

He escusado dizer que não podia ser constante o resultado de experiencias estabelecidas bem identicamente, mas sobre plantas, não digo já, de diferente classe, ordem, genero, ou especie, porém mesmo sobre individuos diferentes da mesma especie, e ainda sobre diferentes systemas do mesmo individuo; e ainda sobre diferentes pontos do mesmo systema do mesmo in-

dividuo. Cada hum dos entes vivos, cada huma das partes de cada hum dos entes vivos, tem sua sensibilidade, seu modo de vida particular: hão de ser portanto particulares, e exclusivas muitas das circumstancias de cada hum delles. Ha no individuo circumstancias differentes das circumstancias, que caracterisão a especie; o mesmo nesta, a respeito do genero; o mesmo do genero para a ordem; desta para a classe; desta para o Reino; deste para a Classe em geral viva; desta para toda a Matéria: sentindo-se a força destas verdades tanto mais, quanto mais se cultivão, e adiantão as Sciencias Filosoficas. Sobre o nosso objecto, e sobre todos, devem multiplicar-se muito as experiencias; e tirar dellas resultados geraes, que em tempo nenhum devemos reputar infirmados por experiencias, ou por observações, particulares. Contra as experiencias de resultados identicos, instituidas por Saussure, Dr. Priestley, Dr. Percival, e Ellis, ha huma experiencia de Davy. Aquelles experimentarão, e ensinarão que, nem mesmo aos raios do Sol, a planta vegetava em pura atmosfera de gaz acido carbonico, e chegava ainda a morrer em poucos dias, quando o gaz acido carbonico era hum quarto da atmosfera ambiente. Mr. Davy encheo hum vaso com quatorze polegadas cubicas de gaz acido carbonico, e collocou nelle, e aos raios do Sol, huma pequena planta: no fim de seis dias notou que a planta se achava em perfeita saude; que o ar do vaso tinha diminuido hum pouco de espessura; e que nelle se achava algum gaz oxigenio. Esta experiencia da Davy acha-se d'encontro com doutrinas estabelecidas em tantas, tão respeitaveis, e unanimes experiencias: a saber: Vegetal não pôde viver em pura atmosfera de gaz acido carbonico. Gaz acido carbonico, nem mesmo ao Sol, pôde decompor-se pelo Vegetal, menos que não haja presente algum gaz oxigenio.

Respeitamos a Chimica, como huma porta, por onde a Fisiologia dos dous Reinos da Natureza pôde receber o maior, e o mais sólido augmento: grandes homens trabalham o objecto; grandes cousas nos tem já transmittido; e sobre ellas se tem já estabelecido systemas: achamos porém, geralmente fallando, que a Chimica, assim animal, como vegetal, não está por ora tão bem desenvolvida, nem tão firme, que sobre ella se possam estabelecer systemas filosoficos, e menos ainda clinicos.

(Continuar-se-ha.)

Observations on the present state of the Portuguese Army. By Andrew Halliday, M. D. London, 1811. Price 15 s.

*Observações sobre o estado actual do Exercito Portuguez. Por André Halliday, Dr. em Medicina. Londres 1811.*

Temos á vista esta Obra, e tambem a sua analyse escrita em Reino estranho em dous Jornaes differentes. Hum, pertencente ao mez d'Outubro, comprehende-a em 6 paginas; não duvida da exactidão das observações, e factos, que Halliday refere sobre o Commissariado, e a Repartição dos Hospitaes do Exercito Portuguez; deixa aos Medicos Portuguezes o defender-se da proposição d' Halliday = em Portugal os Medicos parecem em prática de sua profissão estar hum seculo atrazados do resto da Europa. = O outro Jornal, Investigador Portuguez em Inglaterra, no Numero pertencente ao mez de Dezembro, comprehende-a em 50 paginas; das quaes só ao Departamento Medico-Militar pertencem 42, e as 8 restantes abrangem tudo o mais.

A Obra, que temos á vista, foi escrita, e composta nos poucos momentos, que os doentes, e feridos deixavão a seu Autor; foi escrita como no Campo da Batalha (pag. 8): foi impressa em huma mui curta licença, que elle obteve; e com tanta precipitação, que muitas folhas elle as revio de volta já para Portugal. Semelhantes circumstancias não podião deixar de dar de si muita imperfeição á presente Obra; e seria talvez por isso, que Halliday acha (pag. 143) necessario publicalla segunda vez.

O nome d' Halliday nunca se ouviu entre os Literatos. Medicos Portuguezes, só os da Figueira, e Abrantes (não sei se algum mais) tiverão com Halliday relações, que por caridade, que elle todavia não merece, devem occultar-se. A Obra d' Halliday não seria conhecida em Portugal senão na capa, e só das pessoas, que por civilidade lha acceitassem, se o Investigador Portuguez lhe não desse hum vulto tão grande; senão repetisse suas opiniões; se se não encarregasse de as refutar tão fundamental e extensamente, etc. Se na Obra de Halliday ha verdadeiros insultos a Portuguezes, o Investigador he o culpado na sua leitura, na sua publicação em Portugal, e talvez na Inglaterra.

O Investigador Portuguez em Dezembro analysa, e censura Halliday extensamente, mais no que diz respeito ao Departamento Medico-Militar. Sua censura muitas vezes he justa, muitas vezes porém ella he áspera demasiadamente, e injusta contra Portugal, e contra alguns Portuguezes; mais áspera, mais injusta ás vezes, que o mesmo Halliday. O Investigador pede informações

a Classes inteiras, e a Individuos Portuguezes sobre objectos da Obra d' Halliday, de que o mesmo Investigador não tem cabal conhecimento. Antes pois que Halliday reimprima, e o Investigador *recritique*, faremos algumas reflexões.

Faltou a Halliday o tempo, crêmos nós, para se informar das cousas Portuguezas mais triviaes, de factos, que ninguem ignora. Diz Halliday, que foi em 1802 a nossa ultima Campanha com Hespanha; e ella foi em 1801; a Paz de Badajoz assignou-se, acho que, em 6 de Julho daquelle anno. — Chama D. Affonso ao Duque Marechal General naquella Campanha, era o Senhor Dom João Carlos de Bragança, Duque de Lafões, e não ha Almanak que o não diga; não ha Soldado, não ha Portuguez, que o não saiba. — Julga o Conselho de Guerra composto de Officiaes Generaes com hum ou dous Desembargadores; entretanto que em Conselho de Guerra não entrão Desembargadores. Talvez que Halliday quizesse dizer Conselho de Justiça; e então só havia a emendar, que os Desembargadores são agora quatro, algumas vezes tem sido cinco; menos, que nós sabamos, nunca: o mesmo Almanak o mostra. Persuade-se que Conde Lippe foi desterrado de Portugal, entretanto que S. A. sahio deste Reino em tão boa amizade, que em suas retiradas hia de caminho visitando Regimentos, e Praças, voltou de seus Estados aqui, fez o Campo d' Intrucção nos Olhos d' Agua, e voltaria mais vezes, se tão cedo não morresse; sendo tão constante a boa amizade, que aquelle Homem Grande nos conservou sempre, que em seus Estados, diz-se, até celebrava o Anniversario Natalicio do Senhor Rei Dom José, mesmo de uniforme Portuguez, e salvando das janellas de seu Palacio com Peças d' Artilheria de construcção, e mimo Portuguezes (\*).

O Fysico Mór (diz Halliday) retirou-se vencendo o seu ordenado por inteiro, e ficou outro fazendo suas vezes, mas em tempo de Guerra sómente. Não he assim: João Manoel Nunes do Valle he o Fysico Mór para fazer de tal em tempo de Guerra sómente: he este o Fysico Mór, que devidamente se transportou para o Rio de Janeiro, deixando em Portugal hum Delegado.

Poucos são os Portuguezes, que interrogados por Halliday o não informassem destes, e outros muitos factos, de que com tantos erros este Autor faz menção em sua Obra. Halliday merece todavia alguma desculpa: estava havia mui pouco tempo em Portugal, quando escreveu; esse pouco empregou-o no tratamento dos doentes e feridos; escreveu nesses poucos momentos, que

(\*) O Senhor Rei D. José, brindou Conde Lippe com seis Pecinhas d' Artilheria de ouro, com os competentes reparos de preciosa madeira, devida e ricamente chapoadas. Ouvi, que as Peças forão acompanhadas de Diamantes a figurar de balas.

subtrahia a suas importantes occupações ; compôz a sua Obra no Campo da Batalha. Se Halliday pois não teve tempo para perguntar a qualquer, simples Soldado que fosse, o Nome do Senhor Marechal General Junto á Pessoa, o Nome de hum Tio da Nossa Soberana, e a advinhar o tratou por D. Affonso, etc. ¿ Como havia de examinar, e afundo, o estabelecimento, e o serviço assim actuaes, como preteritos, de cada hum dos Departamentos do Governo? Como havia de estudar, a ponto de poder sentenciar sobre a materia, a Religião, e os costumes dos Portuguezes?

Consultando imparcialmente a Obra d' Halliday, não nos parece odioso para os Portuguezes em geral o espirito, com que ella se escreveo. He verdade que nesta Obra ha passagens severissimas contra os Portuguezes, ha porém outras mui lisongeiras. O A. não teve tempo para analysar, comparar, e tirar hum resultado ; apresenta destacadamente quanto ouviu, e talvez alguma cousa, que lêsse ; e apparecem então incoherencias formidaveis, e sem conto.

Seria mui extenso e superfluo copiar aqui todas as passagens d' Halliday bem a favor dos Portuguezes ; vão sempre algumas :

“ Na vida privada (de Clinica por casas particulares) encontram-se alguns homens instruidos, que possuem conhecimentos da sua Profissão, e fazem honra a seu Paiz. ”

“ Portugal distingue-se na Historia antiga por suas Conquistas ; e he celebre por seus Exercitos. ”

“ Lippe elevou em pouco tempo os Portuguezes a hum mui respeitavel estado de disciplina, e organização. ”

“ Em Portugal pôde levantar-se, e disciplinar-se hum Exercito, que, com pequeno soccorro estranho, pôde defender o Reino d' invasor estrangeiro. ”

“ Lord Wellington convenceo-se mui facilmente da possibilidade d'organisar hum Exercito Portuguez ; e da grande importancia de hum tal Exercito nas Campanhas Peninsulares. ”

“ Marechal Beresford organisou o actual bem disciplinado, e altamente distincto Exercito de Portugal. ”

“ Em oito mezes deo o Marechal Beresford ao Exercito Portuguez a perfeição, que elle desenvolveo já no Bussaco. ”

“ Consideradas as actuaes relações de Portugal com Inglaterra, todo o Inglez se interessa no esforço actual dos Portuguezes, este Povo Valente e Leal, pela conservação do que lhes he mais caro. ”

“ O Regulamento feito pelo Conde Lippe, posto que defeituoso para as circumstancias de hoje, era mui proprio para a época, em que se fez. ”

“ Muitos annos antes da Invasão Franceza se escreverão bons

Regulamentos, não só para a divisão do Exercito, mas a respeito de uniformes, etc.,

“As Leis Civis de Portugal são realmente boas.,,”

“As Ordenanças fazem tal resistencia aos Francezes em todo o Reino, que o General du Fois, para levar Despachos do Exercito a seu Governo, levou até o interior da Hespanha huma guarda de 2000 homens.,,”

“Nestas diferentes escaramuças (na retirada do Exercito Francez de Santarem para Hespanha) as Tropas Portuguezas houbéram com as Inglezas; e nesta marcha supportarão, sobre toda a crença, a fome e a fadiga.,,”

“Nenhumas Tropas se comportarão com maior heroismo, do que as Portuguezas se comportarão, nos dous ataques de Badajoz.,,”

Halliday descreve por maneira mui lisongeira, e vantajosa, cada hum dos Regimentos de Linha, assim d' Infanteria, como de Cavalleria, e Artilheria.

Halliday descreve separadamente a Força regular, ou Tropa de Linha, e o Exercito irregular, ou Milicias e Ordenanças. — Todo o Portuguez, em circumstancias de pegar em armas, he Soldado, ou de Linha, ou de Milicias, ou de Ordenanças. Halliday elogia, e louva muito todas estas tres Classes.

Poderá alguém persuadir-se, que o elogio feito por Halliday ao Corpo, e Córpos Portuguezes, recahe pela maior parte nos Officiaes Inglezes, que os commandão; mas os nomes dos Tenentes Coroneis Jorge de Avilez, e de Rego, Commandantes do 1.º, e 4.º Batalhões de Caçadores Portuguezes, e de muitos outros Officiaes, encontrão-se no meio d' estrondosas façanhas.

“O Tenente Doutel (diz Halliday) mui distincto Official, commandando hum Esquadrão de Cavalleria, hia á frente da força, que retomou Coimbra em 7 d' Outubro.,,”

“Certo Portuguez vivia pela maior parte em huma cova nas montanhas das margens do Zezere, em quanto o Exercito Francez se demorou em Santarem, e visinhanças: dali sahia, e penetrava pelo acampamento do mesmo Exercito Francez em Thomar; matou para cima de 30 homens por suas proprias mãos; tomou huns cincoenta Cavallos, e Machos, etc.,,”

Se, em ultima analyse, he sempre a Inglezes, que devem referir-se os grandes Serviços dos Portuguezes na presente Luta, porque he Inglez o General, que organisou, disciplinou, e commanda o Exercito Portuguez; não ha homem no Mundo, que nisso não convenha.

A Obra, que temos á vista, compõem-se de 8 Capítulos. —

No 1.º (6 paginas) ha observações preliminares. — 2.º (40 pag.) Historia do Exercito. — 3.º (8 p.) Historia do Exercito irregular Milicias, e Ordenanças. — 4.º (4. p.) Recrutamento — 5.º (10 p.) Artigos de Guerra, e castigos militares. — 6.º (6 p.) Tribunaes Militares. — 7.º (20 p.) Repartições Civis do Exercito. — 8.º (48 p.) Esboço das Campanhas de Portugal em 1810, e 1811. O exame, e comparação destes oito Capitulos provão bem, que Halliday pouco se alargou de seus doentes, e feridos. Os Capitulos de mais idéas são o 2.º, e 8.º As materias menos bem desenvolvidas são os Departamentos Civis do Exercito; e destes o menos bem desenvolvido ainda he o Departamento Medico-Militar.

(Continuar-se-ha.)

*Extracto dos mais notaveis acontecimentos Politicos, e Militares, que se publicão nos Periodicos de Portugal no presente mez de Janeiro.*

## A M E R I C A.

### ESTADOS-UNIDOS.

**T**EM sido quatro os motivos das ultimas differenças entre a Grã-Bretanha, e os Estados-Unidos da America. 1.º O inesperado, e incompetente ataque feito á Fragata Chesapeake pelo Commandante das forças navaes de S. M. B. na Costa d'America. 2.º O encontro entre a Fragata Presidente ás ordens do Comodoro Rodgers, e a Chalupa de guerra Litle-Belt de S. M. B. 3.º A questão, se os Decretos de Berlim, e Milão estavão, ou não de facto annullados. 4.º A occupação das Floridas pelas Tropas dos Estados-Unidos.

Felizmente as mutuas offensas d'ambas as Potencias estavão a ponto de serem satisfeitas por meio de reciprocas indemnisações, e amigaveis ajustes.

O Governo Britanico offerceco a restituição dos homens, que á força forão tirados da Fragata Chesapeake, e huma justa somma de diaheiro para os que padecêrão no ataque da Fragata, e para as familias dos Marinheiros mortos; além da pronta desapprovação de S. M. B., logo que soube o acto não autorisado do Official Commandante Britanico, que por este motivo foi chamado de hum tão importante commando. Requereco huma satisfação do Governo Americano, a respeito do 2.º ponto. Não

tem concordado sobre o 3.º Estranhou a não provocada aggressão do Governo Americano, occupandô militarmente as Floridas; e como Alliado da Hespanha protestou contra tão injusto procedimento.

O Governo Americano aceitou a satisfação relativa ao 1.º ponto. Nomeou huma Junta de Indagação sobre o 2.º, cujo resultado fez presente ao Governo Britânico, declarando que não se tinham dado ordens algumas da natureza hostil ao Commandante Rodgers. A respeito do 4.º ponto queixa-se de muitas offensas feitas pelos Hespanhoes: allega o direito a esta Provincia por ajustes anteriores, nunca verificados pela Hespanha; e como ultima razão a decadencia do Governo Hespanhol nesta Provincia, d'onde resulta o quererem os habitantes por meio de huma insurreição tomar o Paiz para si mesmos, o que sendo consentido pelos Estados-Unidos, seria o mesmo que ceder o justo direito, que tem á posse da Provincia: e mostrando finalmente que a actual occupação das Floridas defende os seus direitos, segura a paz á Nação, e attende á honra da mesma Hespanha; promete entrar em negociações amigaveis com o Governo Hespanhol, logo que seja estavel.

Nos dias 13, 14, e 15 de Novembro houve em Savannah huma séria contenda, entre as Tripulações de dois Corsarios Francezes e os Marinheiros Americanos. Tocou-se a rebate, e houve mortos, e feridos de parte a parte. Os dois Corsarios, que erão a *Franchise*, e a *Vengeance*, forão queimados, e as Tripulações ficarão prisioneiras, debaixo da protecção da Bandeira Americana.

Por officio do Governador Harrison ao Secretario de Guerra, datado ao pé da Cidade do Profeta em 18 de Novembro, consta que tinha rompido a guerra entre os Estados-Unidos, e os Indios. Aquelle Governador tinha alcançado huma completa victoria, affugentando os Indios, e causando-lhes a perda de 179 homens mortos ou feridos, ficando prisioneiro e ferido o seu Chefe.

#### Mexico.

Pelas noticias deste Reino, em data de 27 de Julho sabemos que desgraçadamente continuava a insurreição de varios Povos da Serrania de Mexitlan, e que tinha havido alguns encontros entre as Tropas d'El-Rei e os rebeldes; porém estes tinham sido dispersados quasi sem se atreverem a fazer resistencia, a pezar de algumas vezes se apresentarem com forças não pequenas, como aconteceu a 19 de Julho em Buena-Vista, onde o corpo inimigo chegava a 600 homens, inclusos mais de 300 de Cavalleria, e tres pedreiros.

Paraguay. Rio de Janeiro, 1811. Quando as noticias de Buenos-Ayres, e Monte-Video nos assegurão, que a 28 de Setembro estava levantado o bloquêo de Buenos-Ayres, e continuavão as negociações entre o Vice-Rei Elio, e a Junta de Buenos-Ayres.

## B R A Z I L.

### Rio de Janeiro.

Por Alvará do 1.º de Março de 1811 foi o Príncipe Regente N. S. Servido crear huma Junta da Fazenda dos Arsenaes, Fabricas, e Fundições da Capitania do Rio de Janeiro.

Por Alvará de 20 de Junho do dito anno, Determinou S. A. R. que todos os Navios que forem de Portos Estrangeiros, e de rem entrada nos de Portugal, e Estados do Brazil, devem, para serem admittidas a despacho as Mercadorias de sua carga, levar Livro della, ou do Portaló, Passaporte do Governo, Facturas das Manufacturas, onde se fabricarão as Mercadorias, Despachos das Alfandegas dos Portos, de que sahirão, e Certidões dos Officiaes della, legalisadas pelos Consules Portuguezes, ou pelos que os substituirem; começando esta Providencia a praticar-se nove mezes depois da data deste Alvará.

Outro Alvará de 6 de Julho do dito anno, declarou que os Atanados devem pagar de contribuição para despezas da Real Junta do Commercio, o mesmó, que pagão os Couros em cabello, ou sem elle, seccos, ou salgados.

Por Alvará de 13 de Julho do dito anno, declarou S. A. R. o § 2.º do Alvará de 28 de Abril de 1809, a favor da isenção dos Direitos de entrada nos Portos do Brazil, e Domínios Ultramarinos, das Mercadorias de Manufatura Portugueza.

## E U R O P A.

### R U S S I A.

CONSTA por diversas cartas do Norte, e mesmo da Russia, que depois de huma completa victoria alcançada pelos Russos sobre os Turcos, houvera hum Armistício entre os dous Exercitos, ao qual se seguiu abrirem-se em Giurgewo negociações para paz.

sendo Plenipotenciarios Russos Mr. d'Italinsky, e o General Sobnigoff, e Turcos Hamed Effendi, e Ordu-Kadrissy. As cartas de Stockolmo quasi affirmavão que os preliminares da Paz já tinham sido publicados a 4 de Dezembro em S. Petersburgo. — Falla-se em marchas de Tropas Russas para Riga; e de Tropas Francezas para a Polonia, e que ambas estas Potencias fazem grandes recrutamentos.

## SUECIA.

Consta que Bernadotte mandára recrutar hum Exercito de 80,000 homens, que devião estar prontos para entrar em campanha na Primavera seguinte. Deo as ordens necessarias para o estabelecimento de Armazens, e Hospitaes: os viveres devem ser comprados nos Portos da Russia, e Pomzrania Sueca. — Igualmente declarou em huma Proclamação Official, que considerando ser a força naval da Grã-Bretanha, só por si, superior á que a Suecia, Dinamarca, e França póde apresentar no Baltico, era evidente, que os Corsarios Dinamarquezes, e Francezes vinhão só a servir de prejudicar o Commercio da Suecia, como por muitas queixas dos Suecos lhe constava. Prohibio por consequencia que nos Portos da Suecia se armassem Corsarios; e para proteger o Commercio Sueco, pôz em diferentes paragens Divisões de Lanchas Canhoneiras, que não tem contemplado muito os Corsarios Francezes, e Dinamarquezes. — Confiscou, e vendeo varios Navios Prussianos, e Dinamarquezes, por lhe não serem desembarcados os Suecos, que estavam na Prussia, e Dinamarca.

## HOLLANDA.

### Decretos Imperiaes.

Hum dos Decretos expedidos no Palacio de Amsterdam, manda conservar a Guarda Nacional Hollandeza no mesmo pé, em que actualmente está, até á sua organização definitiva. No 1.º de Janeiro de 1812 estabelecer-se-ha hum Guardas para o serviço de Amsterdam, e a Guarda de noite será supprimida. A Guarda Nacional não será chamada para fazer o serviço, senão no caso de insufficiencia da Guarda paga. Esta ultima será composta de dous Batalhões, e hum Esquadrão. Cada Batalhão constará de quatro companhias, e cada companhia de 140 homens.

Outro Decreto determina que a Côte Imperial da Haya nomêe hum de seus Membros para pronunciar, e decidir n' hum Tribunal Especial, segundo as Leis Hollandezas, e salva a Appellação para o Conselho de Estado, sobre todas as prezas feitas na Hollanda pelas forças de mar, e terra; e pelos officiaes das Al-

fandegas, e sobre as presas feitas pelos Corsarios, ou outros Navios armados.

Outro estabelece o XIII. Tribunal encarregado da conservação das Florestas para os novos Departamentos.

Outro ordena que a Commissão do grande Livro Nacional da divida pública em Hollanda, liquide as pensões, que estão concedidas ás pessoas d'antes empregadas na administração das finanças.

Outro finalmente ordena que a Cidade da Haya seja elevada á ordem das boas Cidades, cujo Maires tem o direito de assistir á Coroação.

## I N G L A T E R R A.

Londres.

No dia 16 de Dezembro publicou-se a noticia da Conquista da Batavia. As seguintes Partes Officiaes contém o mais importante desta Acção.

“*Secretaria do Almirantado, 16 de Dezembro.*”

Mylord: Tenho a honra de participar a V. E. que o Capitão Stopford, do Navio de S. M. Otter, chegou a esta Secretaria hoje pela manhã cedo com Officios do Contra-Almirante, o Hon. Robert Stopford, dirigidos a Mr. Croker, e datados da Bahía de Batavia a 28 de Agosto passado, communicando a satisfatoria noticia da Conquista da Cidade de Batavia, e da maior parte das forças Europeas do inimigo na Ilha de Java, pelas forças de Mar, e Terra de S. M. debaixo do commando do Contra-Almirante Stopford, e do Tenente General Sir S. Auchmuthy.

As Tropas desembarcárão a 4 de Agosto; Batavia se entregou á discricao a 8; e a 26 as obras entrincheiradas, e mui fortificadas do inimigo, em Cornelis, fôrão forçadas pelas tropas de S. M., e a maior parte das suas forças mortas, ou prisioneiras.

Os Soldados de Marinha, e Marinheiros da Esquadra desembarcárão para cooperar com o Exercito, o que fizerão com grande valor, e vantagem do serviço; e tenho a felicidade de accrescentar que com a perda comparativamente pequena de 15 homens mortos, 6 Officiaes, e 49 entre Soldados, e Marinheiros feridos.

Tenho a honra de ser, Mylord.

De V. E. muito obediente, e humilde Servidor.

Ao muito Hon. Lord Mayor. Yorke.,

Weltevreede, 31 de Agosto de 1811.

Mylord. Tenho a honra, etc.

Desembarcámos a 4 do corrente, a 12 milhas de Batavia, de que tomámos posse a 8 sem opposição. A 10, as tropas tiveram hum combate vivo em Weltevreede com a flôr do Exercito do General Jansens, que terminou em arrojallo para a sua forte posição de Cornelis. A 26 assaltámos as obras de Cornelis, que forão tomadas, e todo o Exercito, montando acima de 1000 homens de tropas disciplinadas, ficárão ou mortas, prisioneiras, ou dispersas, á excepção de hum pequeno Destacamento de cavallaria, que escapou com o General Jansens. Matámos perto de 2000, aprisionámos 3 Generaes, e 500 homens, e estamos actualmente Senhores de toda a parte Occidental de Cheribon.

Tenho, etc. S. Auchmuty, Ten. General.,  
Conde de Liverpool, etc. etc.

No dia 23 de Dezembro, o Marquez de Wellesley communicou a todos os Ministros das Potencias Amigas, que S. A. R. julgára conveniente pôr em stricto bloquêo a entrada do Rio Guadalquivir, para que ali não entrem navios com viveres, munições, ou qualquer genero, de que estas se possuão fabricar.

No dia 7 de Janeiro abriu-se o Parlamento. Os principaes objectos da falla dos Lords Commissarios a ambas as Camaras são: elogios ás diversas acções dos Exercitos Britanicos, e Alliados na Peninsula; as Conquistas da Batavia, Eorbon, e Mauricias; e a firme resolução do Principe Regente, em continuar os mais effectivos soccorros para sustentar a guerra na Peninsula.

## H E S P A N H A.

### Catalunha.

Por carta do Coronel Green ao Conde de Liverpool, escrita em Vich a 11 de Novembro de 1811, sabemos o feliz exito da expedição do Barão de Eroles, o qual á testa de huma pequena columna entrou no Languedoc, dispersou a força inimiga, que chegava a 1:500 homens, e depois de ter recebido sem maior resistencia acima de 1000 cruzados de contribuição em dinheiro, e diversos generos, voltou á Hespanha, e postou-se em Gariiga com o intento de atacar hum comboi, que sahio de Gerona para Barcelona; porém o projecto não se verificou, por ter recuado o comboi. — A Fortaleza das Medas tem concorrido bastante para interceptar os combois, que costeão para Barcelona, por cuja ra-

zão os Francezes intentão a conquista, ou destruição deste Forte; porém as suas bombas tem sido infructíferas.

Consta que o Exercito de Catalunha tem augmentado consideravelmente. O General Lacy, em data de 6 de Dezembro, participou d' Officio, que tendo o seu Quartel General nas alturas de Garriga, fôra atacado a 5 por 4000 infantas, 400 cavallos, e alguma artilheria, que pertendião passar a Vich; porém forão completamente rechaçados, e com bastante perda perseguidos até Granollers. — Em Officio de 14, datado do seu Quartel General de Vich, communicou circunstanciadamente os combates sustentados contra 1400 infantas, 700 cavallos, e 8 peças nos pontos de S. Celoni, e outros; o inimigo sabia de Gerona affectando proteger hum comboi; porém o seu principal objecto era reconhecer as forças de Lacy, o que lhe custou huma perda consideravel.

Além disto constava em Cadiz que huma Divisão Hespanhola de 4000 homens entrára em Reus, d'onde os inimigos fugirão com perda, a pézar de saberem a proximidade da Divisão.

O General Lacy marchava ultimamente para Aragão, para, junto com varias Partidas, operar na retaguarda do Exercito de Suchet.

#### *Reino de Valencia.*

Não tendo occorrido cousa alguma notavel no Reino de Aragão, passemos a Valencia, onde encontraremos o campo das principaes operações offensivas, a que os Francezes nestes ultimos tempos se tem proposto na Peninsula. Suchet depois da tomada de Tarragona ajuntou quantas forças pôde de Catalunha, e Aragão, e em Setembro entrou por tres pontos no Reino de Valencia. Não sendo o 2.º Exercito sufficiente para embaraçar o Corpo de Suchet, reunio-se-lhe parte do 3.º e 4.º, chamada Corpo Expedicionario, as quaes forças todas passarão a ser commandadas pelo Capitão General D. Joaquim Blake. Suchet avançou pelo Reino de Valencia, pôz cerco, e bateo o Castello de Sagunto, que protege a Capital. A defenza deste Castello faz muita honra ao seu Governador, e Guarnição. O General Blake destacou para a retaguarda do inimigo as Divisões do Empecinado, e Durão, que de accordo com a de Mina interceptavão communições, e combois, e atacando as pequenas Guarnições deixadas em Aragão fazião huma opportuna diversão a Suchet: apresentou batalha a este General, para deste modo soccorrer o Castello, que estava em aperto; mas foi obrigado a retirar-se sobre a Capital. O Castello portanto capitulou a 26 de Outubro, e julgando-se por falsos rumores que a Cidade de Valencia, perdendo este antemural, em poucos dias estaria em poder de Suchet, a experiencia mostrou que a perda do Exercito Francez, ainda que

vencedor, precisava de dous mezes para ser resarcida com as tropas da Mancha, e Guadalaxara, as quaes commandadas por D' Armagnac marcharão em seu auxilio; e que a derrota do Exercito Hespanhol não fôra tão consideravel, que não podesse ser immediatamente remediada com as diligencias, e disposições do seu Chefe, conseguindo este que o inimigo não aproveitasse o momento da victoria, e o entusiasmo da sua tropa, para proseguir a conquista. Com effeito a 26 de Dezembro pôde Suchet atacar, e pela superioridade de numero forçou a esquerda da linha em frente de Valencia: a Divisão do General Mahy, que defendia a esquerda, depois de huma valerosa resistencia retirou-se, e veio a reunir-se em Alcira: o resto do Exercito recolheu-se á Cidade com o General em Chefe. Ficou desde então interceptada a comunicação com Valencia.

#### Andaluzia.

As operações, que o inimigo fez sobre Valencia, e as seguintes sobre S. Roque, e Tarifa, que talvez fossem huma diversão a favor das primeiras, chamarão para estes pontos a maior parte das forças Francezas do Sul, e Este de Hespanha. He por isso, que a Mancha, Murcia, e Granada não nos apresentarão noticias memoraveis, á excepção das que dizem respeito aos artigos de Valencia, e Andaluzia.

Neste Reino entre os acontecimentos militares, de que tivemos noticia no presente mez, merecem particular attenção os movimentos feitos pelo inimigo contra o General Ballesteros, e a Praça de Tarifa. Este General tendo apenas acabado de frustrar os designios do General Godinot, que com o suicidio deo huma decesiva prova do quanto fôra sensivel, e estranhada a sua derrota, Ballesteros no mez de Dezembro continúa a fazer conhecer ao inimigo o valor, e soffrimento da sua tropa, sendo novamente atacada por maiores forças, commandadas pelo General Laval.

Para melhor conhecimento da expedição de Laval daremos o seguinte extracto do Officio do General Ballesteros ao Chefe do Estado Maior General, em data de 14 de Dezembro. Participa Ballesteros que o inimigo, com decedida intenção de o destruir, pôz em movimento as forças de Laval, que estavam em Granada, as de Barrois, que occupavão Villamartin, e Bornos, e parte das do sitio de Cadiz, as quaes todas formando 12 a 1400 homens, commandados por Laval, entrarão no Campo de Gibraltar por duas direcções. Ballesteros postou-se em S. Roque, e no dia 27, vendo que a cavallaria inimiga ameaçava a sua retaguarda, retirou-se para Gibraltar, deixando na Serra huma vanguarda de tres Batalhões, e que depois foi reforçada com 600 Serranos. A 28

fez Ballesteros hum reconhecimento, no qual houve hum choque, que os Destacamentos Hespanhoes sustentáão, quanto foi preciso. Na manhã de 12 retirou-se o inimigo de S. Roque, dos Barrios, e Algeciras, por falta de viveres, e seguro de que a constancia e soffrimento dos Hespanhoes tornavão infructuosa a sua demora. Ballesteros depois tornou para S. Roque, d'onde escreve. — Os Corpos deixados na Serra para incommodar, e interceptar combois ao inimigo, cumprirão as ordens, que lhes forão intimadas.

Se hum dos fins do ataque contra o General Ballesteros era o proteger a Divisão Franceza, que investio Tarifa, bem mal logrado foi este intento; por quanto as Partes Officiaes do General Coppons nos certificão a grande perda soffrida por aquella Divisão, não só em diversas posições visinhas da Praça em consequencia de sortidas de Destacamentos Hespanhoes, e Britanicos, feitas nos dias 20, 21, e 22 de Dezembro, e commandadas pelo Coronel Skerret, e pelo Capitão Ween, mas tambem no assalto dado no dia 2 de Janeiro, o que tudo lhe custou mais de 2500 homens. Os inimigos vendo arruinadas, e desfeitas suas baterias, e perdido o assalto, levantáão o sitio no dia 5, e deixáão toda a artilheria, e immensos effectos no poder dos Alliados, que marchando em seu alcance lhes picáão a retaguarda.

Soffreo Tarifa 17 dias de cerco, e 7 de brecha practicavel, tendo muralhas pela maior parte d'huma vara de grossura, artilheria inferior á do inimigo, e huma guarnição de 2300 homens disponiveis. O General Laval commandava immediatamente o cerco á testa de 5000 homens, e era protegido por outrós Corpos, sendo hum do General Victor, Commandante em Chefe, e formando todos huma força de 10000 homens, com sufficiente artilheria.

#### Cadiz.

Chegou a Cadiz no dia 2 de Janeiro a Fragata Sciencia, com quatro milhões, vindos de Calhão de Lima. Este Vice-Reinado ficava em perfeita tranquillidade, e já ali tinha chegado o Navio de guerra Inglez, Estandarte, que deve voltar com cabedaes para o Governo Hespanhol.

*Ilha de Leão, 4 de Janeiro.* A Academia Militar do 4.º Exercito celebrou Exames públicos no dia 23 do passado, aos quaes assistirão o Ministro da Guerra, o Primeiro Secretario d'Estado, o General em Chefe, e muitos Generaes, e Officiaes Nacionaes, e Alliados. Os Alumnos, que se examináão em diversas materias, fórmão o numero de 10061. Desta Academia tem sahido mais de 100 Alumnos, examinados, e aprovados para diversos Corpos do Exercito.

A Junta Provincial de Cadiz propôz hum Plano para pagar as

despesas das Autoridades Civis, Exercito, e Marinha desta Corte, e Ilha de Leão. O Plano foi adoptado pelo Governo Hespanhol, e mandado pelo Ministro Inglez para ser approvedo pelo Governo Britanico, visto que essencialmente depende de hum empréstimo de quatro milhões de cruzados, sobre crédito, que este Governo dará ao Hespanhol.

#### *Estremadura.*

Ao mesmo tempo que o Marechal Soult se empenhava pela tomada de Tarifa, a cujo fim tinha para ahí destacado todas as forças disponiveis, o Tenente General Hill reuniu as suas tropas em Albuquerque, e marchou rapidamente sobre Merida, onde chegou no dia 30 do passado. O General Dumbrowski escapou de ser surpreendido, por aviso de huma patrulha, pertencente a hum Destacamento, que estava em La Nava; e retirou-se de noite, abandonando em Merida hum deposito de pão, e 16400 arrateis de trigo. No dia 1.º de Janeiro o General Hill avançou sobre Almendralejo para atacar Druet, porém este General retirou-se deixando hum depósito de 45000 arrateis de trigo, e alguma cevada, e foi perseguido na retirada por hum Destacamento, composto de dois Esquadrões do Regimento de Hussares Britanicos N.º 2, e hum do N.º 10 Portuguez, que derrotarão no dia 3 hum Corpo de cavalleria inimiga em Fuente del Maestro, e aprisionarão-lhe 2 Officiaes, e 30 Soldados. O General Hill sabendo que Druet se havia retirado sobre Llerena, voltou para Portalegre, tendo conseguido deste modo fazer huma diversão a favor de Ballesteros, e Valencia, e cortar mais as communicações a Badajoz, (cujá guarnição por ordem do seu Governador Filippou ficou desde o dia 3 a meia ração); depois continuou a observar o Exercito de Marmont, quando este General marchava em soccorro de Ciudad-Rodrigo.

#### *Reino de Leão.*

Depois da acção de 28 de Novembro passado, na qual o Marechal de Campo D. Carlos d' Hespanha, junto com o Coronel D. Julião Sanches, atacou, e perseguiu tres Batalhões inimigos, destacados da Linha de Tormes, para se introduzirem na Serra de Franca, e exigirem contribuições, acção que custou aos inimigos 1000 cruzados, e 180 homens, incluzos 5 Officiaes gravemente feridos, nada occorreo memoravel nesta parte da Hespanha até ao dia 8 do corrente, em que começou o ataque, e simultaneamente a conquista de Ciudad-Rodrigo. A importancia d' este ponto, o bem projectado plano de ataque, e a rapidez da sua execução vê-se pelos paragrafos, que transcrevemos dos Officios

do Excellentissimo Marechal General, Conde do Vimieiro, ao Excellentissimo D. Miguel Pereira Forjaz.

*Parafgrafos do Officio de 9 de Janeiro.*

“Segundo a intenção que ultimamente manifestei a V. E. que tinha, investi hontem Ciudad-Rodrigo. Depois que o inimigo se apoderou desta Praça tem construído algumas obras de campanha com paliçadas na altura de S. Francisco, tendo fortificado tres Conventos, cuja defesa estava ligada com as obras daquella altura, e com as antigas linhas com que os arrabaldes erão circumdados, o que tornou mais difficil a aproximação áquella Praça, e por consequinte se fez preciso obter a posse das obras da dita altura, antes que podessemos fazer progresso algum no ataque. Nesta conformidade o Major General Crawford ordenou que hum Destacamento da Divisão ligeira, debaixo do commando do Tenente Coronel Cockburn do Regimento 52 atacasse á viva força aquellas obras, pouco depois do principio da noite. Este ataque foi mui habilmente conduzido pelo referido Tenente Coronel, e tomadas por assalto estas fortificações; ficarão em nosso poder prisioneiros 2 Capitães, e 47 Soldados, e 3 peças d’artilheria, sendo o resto da Guarnição passado á espada.”

“Não posso sufficientemente applaudir a conducta do Tenente Coronel Cockburn, e do Destacamento do seu commando; e sou mui feliz em poder expressar que a nossa perda nesta empresa não foi grande; tivemos 6 homens mortos, o Capitão Mayne do Regimento 52, os Tenentes Hanesly do Regimento 95, e Woodgate do Regimento 52, e 14 Soldados feridos.”

“O successo desta operação nos habilitou immediatamente a abrir a trincheira na distancia de 300 toesas da Praça, e a pesar de que o inimigo ainda retém a posse dos Conventos fortificados, as obras tomadas se convertêrão em huma parte da nossa primeira parallela, com as quaes temos formado boa communicação.”

“Tenho arranjado a nossa presente operação de tal maneira que espero que as tropas não soffrão pela inclemencia da Estação.”

*Do Officio de 15 dito.*

“Depois que dirigi a V. E. o meu anterior officio em data de 9 do corrente, temos continuado com as operações do assedio contra Ciudad-Rodrigo: na tarde de hontem rompemos o fogo de 22 peças de Artilheria, collocadas na 1.<sup>a</sup> parallela em 3 baterias, e á noite começámos hum aproche, e nos estabelecemos na 2.<sup>a</sup> parallela na distancia de 65 toesas da Praça.”

“Esta medida havia sido facilitada pelo Tenente General Graham haver sorprendido na noite de 13 hum Destacamento inimigo, que occupava o Convento de Santa Cruz, junto ao corpo da Praça: com esta operação ficou protegida e segura a direita dos nossos aproches. O Major General Honorable C. Colville, que commandava a 4.<sup>a</sup> Divisão, na ausencia do Honorable Tenente General Colle, igualmente atacou hontem á noite o posto, que o inimigo mantinha no Convento de S. Francisco, e obteve posse delle, assim como dos outros pontos fortificados nos arrabaldes da Praça, e nos quaes se postarão as nossas tropas. A nossa esquerda ficou igualmente protegida, e segura com esta operação, tomando-se duas peças de artilheria no Convento de S. Francisco.”

“Fazem-se em Salamanca preparativos até certa extensão para o movimento de tropas nesta direcção, e tenho communicções, que me noticião que neste dia se reunirão ali.”

“Temos tido até aqui excellente tempo, e as tropas tem soffrido mui pouco por lhe terem estado expostas.”

*Extracto do Officio de 21.*

Por este Officio participa S. E. que desde 15 até 19 continuárão as obras para completar a segunda parallela, tendo-se construído huma bateria de 7 peças em termos de romper o fogo no dia 18 do corrente.

As baterias da primeira parallela continuavão ao mesmo tempo o fogo, conseguindo abrir bréchas nas muralhas, que se consideravão praticaveis, abrindo outra brécha, a que tinha rompido o fogo no dia 18, mais á esquerda na frente do arrabalde de S. Francisco: em consequencia do que se determinou S. E. a dar o assalto.

Fez-se com effeito o ataque na tarde de 19 em 5 differentes Columnas. As duas Columnas da direita forão destinadas a proteger a marcha do Major General Mackinnon, cuja Brigada formava a terceira Columna, e se dirigio á brécha feita na muralha de Falsabrage: todas as 3 Columnas erão commandadas pelo Tenente General Picton.

A quarta Columna ás Ordens do Major General Crawford, atacou pela esquerda em frente do arrabalde de S. Francisco, cobrindo ao mesmo tempo a esquerda do ataque, que fazia a terceira Divisão.

A quinta columna, composta da Brigada Portugueza N.<sup>o</sup> 1, e 16, commandada pelo General Pack, fez hum ataque falso sobre a frente do Sul da Praça, o qual o dito General converteo em verdadeiro, fazendo a sua guarda avançada muitos prisioneiros.

Em meços de meia hora, depois de começada a acção, se

acharão as nossas tropas senhores das muralhas, tal foi a combinação das diversas operações: e tendo formado na Plata-fórma huns corpos contíguos aos outros, os inimigos se renderão, havendo experimentado grande perda durante o conflicto.

O Major General Mackinnon, depois de haver montado valorosamente a brécha, foi victima da expulsão de hum deposito de polvora, que lhe ficava proximo.

O Major General Crawford foi ferido gravemente, no acto de conduzir a sua Divisão ligeira ao assalto.

O Major General Vandeleur tambem foi gravemente ferido.

S. E. louva em geral a boa conducta, valôr, soffrimento, e perseverança nos grandes trabalhos, de todos os Generaes, Officiaes, e tropas, que tiverão parte na acção.

O Marechal de Campo D. Carlos d' Hespanha, e D. Julião Sanches, observarão os movimentos dos inimigos sobre os Torres, durante as operações.

*Perda do Exercito Alliado desde 9. até 19 de Janeiro.*

Mortos = 1 Gen. 6 Cap. 2 Ten. 12 Sarg. 165 Cabos ou Sold. — Feridos = 3 do Est. Maior, 1 Ten. Coronel, 3 Maj. 21 Cap. 37 Ten. 1 Alf. 5 Port-Band. 732 Cab. ou Sold. — Extraviados = 7 Soldados. — Total da perda = 11034.

*Perda dos Francezes no mesmo tempo.*

Prisioneiros = Officiaes 81, Soldados 1:677. — Total = 1758. Não nos consta o numero dos mortos, que deve ter sido consideravel.

*Munições de guerra achadas na Praça.*

Peças montadas 109. Ditas desmontadas 44. Balas de diferentes calibres, bombas, e granadas 79:064. Cartuxos d' Espingarda 600:000. Carretas de reserva 107. Espingardas com baionetas 8:365. Metralha de varios calibres 20:194. Barris de polvora 5:100. Pederneiras 361:760. Grande quantidade de materias para carretas de artilheria, e 58 peças de bater.

He notavel, que se abrisse trincheira a 9, que se começasse a bater a 14, e fosse tomada de assalto a 19 aquella mesma Praça, que sendo menos forte foi investida por Massena, o qual lhe abriu trincheira a 15 de Junho de 1810, começou a batella a 24, e tomou-a sem assalto a 10 de Julho. Assim Lord Wellington empregou sómente 5, e Massena 16 dias de fogo.

Pelo Officio do Excellentissimo Marechal General, datado de

Gallegos em 21 do corrente, vemos que o Marechal Marmont sabendo a 13 em Yalhadolid as operações contra Ciudad-Rodrigo, marchou para Salamanca; e mandou reunir o seu Exército na margem do Tormes, e reforçallo com a Divisão de Bonnet, que deixou as Asturias, e com a Thiebault, pertencente ao Exército de Dorsenne, além da commandada por Souham, que sempre tem estado entre os rios Tormes, e Douro.

#### Galliza.

O General Abbadia tornou a tomar o commando do Exército da Galliza a 14 de Dezembro; cessando portanto o commando interino do Marquez de Portago.

A 13 de Janeiro constava na Corunha, que o Governo Britanico tinha autorizado aos seus Agentes n'aquella Cidade, para pagarem a titulo de addição ao que o Governo Hespanhol concede a todos os Soldados, que se separarem das bandeiras do inimigo, as gratificações seguintes.

A cada Soldado de cavalleria, que se passe, trazendo consigo hum cavallo de bom serviço, e o entregue a qualquer dos Exercitos Hespanhoes, Partidas Patriotas, regulares, ou independentes, apresentando hum recibo de entrega do Official Commandante, 80\$ rs. (\*) por hum vez. A cada Sargento 32\$ rs. A cada Cabo ou Soldado 16\$ rs. Além destas gratificações, cada Soldado, que entrar depois no Serviço Britanico, receberá outra de 29\$600 rs. Sempre haverá Navios prontos para conduzir á Inglaterra os que pertenderem entrar no Serviço Britanico. — Publicou-se outro artigo analogo em Gibraltar.

Com o 6.º Exército, ou de Galliza, não tem havido encontros de consideração, a não serem pequenos combates com Partidas da vanguarda.

#### Asturias, Biscaia, e Navarra.

Contão-se 12 os principaes Corpos volantes destas Provincias, cujas forças em totalidade passão de 23:600 infantes, e 4:370 cavallos, formando todos o 7.º Exército, debaixo das ordens do General Mendizabal.

Entre estes Corpos se conta o do Brigadeiro Polier, que tem resistido, e por diversos movimentos desviado, repetidos choques em Cabinhana, Lores, Torrelavega, Santander, Ponte de S. Mi-

(\*) O Diario Lisbonense N.º 33 no art. Tuy 12 de Janeiro diz que são 40\$ rs., e annuncia todas as mais gratificações por metade, do que o Tel. N.º 6 transcreve do Diario da Corunha.

guel, Aguillar de Campos, Saldanha, Villa-fuerte, Cervera, e outros.

Pelo seu Officio de 23 do passado, datado de Infesto (nas Asturias), e dirigido ao General Mendizabal, temos a noticia de outro ataque no dia 22 dito. Neste encontro, depois de alguma resistencia das Tropas Hespanholas, postadas na Ponte de Cobaya, tiveram estas de ceder ao peso da cavalleria inimiga, que passou a Ponte: porém dando então ordem o Brigadeiro para huma acção geral, a pezar do fogo da artilheria dos inimigos, perdêrão estes o campo, e repassarão a Ponte, retirando-se precipitadamente.

Occupá hum interessante lugar na Historia da Peninsula a Campanha de Espoz e Mina durante o verão passado. Este Chefe á testa da Divisão de Navarra perseguido de todas as partes por corpos inimigos, que irritados pela perda do importante combó, e muitos prisioneiros retomados por Mina a 25 de Maio, intentavão completamente destruir a dita Divisão, illudé em toda a parte por meio de rápidas evoluções a cruel perseguição, que por espaço de quatro mezes lhe fizeram Reille, Caffarelli, Panatier, e outros. — Estes acontecimentos nos constão pelos Officios do mesmo Mina ao General Mendizabal, dos quaes damos o seguinte extracto:

Participa Mina que o Commandante Gorriz com o 3.º e 4.º Batalhões, depois da inutil resistencia da guarnição de Irun, se apoderára dos armazéns, que havia na Venda Nova, onde achou algodão, jalappa, e toucinho, lançando fogo ao que não podia transportar-se: que estes Batalhões se virão immediatamente carregados por 28 inimigos com duas peças, e no dia seguinte na estrada de Irun para Santisteban por 4900, inclusos 400 cavallos, commandados por Caffarelli, e Gaudin. Os Batalhões porém derrotarão os primeiros, e para escapar aos segundos tomárão diversas direcções, e por passagens montuosas, perseguidos de perto, chegarão a salvo a Anhorbe, donde a 10 de Junho data a participação de Gorriz. — No dia 13 de Junho vio-se Mina rodeado por 68 infantes, e 600 cavallos em corpos separados, e commandados por Caffarelli, Reille, e Brun, os quaes tomando todos os passos pertendião encerrallo nas planicies da ribeira, onde a superioridade da cavalleria inimiga punha os Patriotas no maior risco: e no dia 14 os Generaes Reille, Caffarelli, e Clopiski com 88 homens de todas as armas procurárão estreitar, e cercallo nas montanhas, onde a aspereza do lugar, e falta de subsistencias tornavão inevitavel a sua ruina. Porém Mina prevendo a reunião dos inimigos, e procurando por meio de marchas, e contramarchas rápidas, e em segredo, bater separadamente as suas columnas, no primeiro caso cahio de repente sobre Reille, que foi perseguido até Taffalla, perdeo 500 hómens entre mortos, e fe-

ridos, e salvou o resto por ser auxiliado por Caffarelli, que ameaçou a retaguarda de Mina: e no segundo caso tendo illudido os outros dous Generaes tompeo, e destruido junto de Aoiz a columna de Caffarelli, que não pôde ser auxiliado por aquelles. — Desde 20 de Junho até 12 de Julho foi constantemente perseguido Mina por huma força de 12 mil homens de todas as armas. Adoptou então o plano de dividir os Batalhões em columnas moveis com direcções contrarias, porém contínuas, guardando segredo nas marchas, e extendendo a força para obrigar o inimigo a huma extensão de linha, que não podia cobrir, ou a que reunido não tivesse objecto de consideração sobre que carregar. Deste modo salvou toda a sua Divisão, que depois se reuniu em Estella tendo o inimigo desistido do seu empenho. — Na noute de 13 para 19 o General Pamanier com 3 mil infantés, e 100 cavallos procurou a Divisão de Mina junta á cavalleria de Longa, que estavam em Santa Cruz de Campezu; porém aquelle General vendo-se quasi envolvido pela disposição, que Mina ordenou á sua tropa, intentou retirar-se pelas montanhas. Quando fazia este movimento encontrou já na sua frente o 2.º, e 4.º Batalhões, e achando-se entre dous fogos, depois de renhido combate, abriu caminho á bayoneta, e retirou-se para Estella, sendo perseguido, e tendo perdido mais de 800 entre mortos, e feridos. Em Estella fez apromptar 500 bagagens para conduzir os feridos, com os quaes passou depois a Pamplona.

Ignoramos a continuação desta Campanha no resto do mez de Julho, em Agosto, e Setembro. A Gazeta de Lisboa Num. 4 promette continuar. O movimento geral de todas as forças Francezas do Norte da Hespanha para reforçar o Exército de Marmont, destinado a soccorrer Ciudad-Rodrigo no mez de Setembro fez então cessar o projecto de perseguir Mina.

Nos principios de Outubro sabendo Mina, que as forças Francezas marchavão sobre Valencia, e que as Divisões Empecinada, e Soriana na direita do Ebro fazião huma diversão a Suchet, determinou-se voluntariamente a proteger aquellas Divisões apresentando-se na esquerda do mesmo rio. Marchou por tanto de Seguenta para Saldava (em Aragão) e no dia 11 de madrugada continuou para Egea de los Caballeros a fim de surprender a guarnição, que no dia 12 pôde escapar-se, perdendo na retirada 30 mortos, e 20 prisioneiros.

No dia 15 marchou para Luna, e de noute para Ayerbe, cuja guarnição encerrada em hum Convento foi cercada; e hum angulo do Convento voou por effeito de huma mina. A este tempo vinhão de Saragoça 1:100 infantés, e 40 cavallos para soccorro dos cercados. Retirou-se Mina para huma altura immediata á estrada: a 17 os inimigos o atacarão valerosamente, porém forão rechaçados a fogo, e bayoneta com perda de 19 mortos, e 49 feridos

prisioneiros. Reunidos os inimigos entráram em Ayerbe, donde partirão para Huesca reforçados com 20 cavallos, e providos de munições. Nesta marcha forão successivamente perseguidos os inimigos. Estes por tres vezes formáram o quadrado defendendo-se com valor, e sangue frio, porém a coragem das tropas de Mina, e a Columna de Eruchaga ameaçando continuamente a sua esquerda, os obrigavão a retirar-se, mas sempre em ordem. Formáram finalmente os Francezes 4.<sup>o</sup> quadrado. A este tempo achava-se Eruchaga já na retaguarda. No mesmo instante atacou toda a infantaria á bayoneta, e a cavalleria começou a degollar. Pareceu impossivel aos Francezes que 700 infantes, e 160 cavallos, (que tanto era a força de Mina) podessem desfazer, matar, e aprisionar hum numero superior de tropas formadas em quadrado: duvidáram: porém a espantosa degollação os obrigou a entregar-se. A sua cavalleria, depois de se render, ferio aleivosamente alguns Hespanhoes, e fugio: porém sendo perseguida pereceo toda á excepção de 5; dos quaes inda forão alcançados 2 ás postas de Huesca. Tal foi a sorte de 1:100 infantes, e 60 cavallos, dos quaes ficarão prisioneiros, o Commandante, 170 Officiaes, 640 Sargentos, Cabos, e Soldados, 3 salváram-se, e o resto moireo. Os Hespanhoes perderão 6 mortos, e 34 feridos.

Depois da acção do dia 17 descansou Mina alguns dias em Seguenta preparando-se para conduzir os prisioneiros. Devia penetrar de Seguenta até o porto de Motrico (na Biscaia) caminhando de E. a N. em huma linha obliqua de 40 legoas, ameaçado em circulo por columnas inimigas, que tinham tido tempo para combinar entre si as suas operações. Effectivamente partio no dia 27 de Outubro. Os Generaes Bertholet, e Abbé á testa de 4:500 homens inclusos 500 cavallos, além d'outros corpos, perseguirão Mina, e o atacáram em diversas posições: porém este regulando, e protegendo sempre a marcha dos prisioneiros, ora separando-os do resto da sua Divisão, ora marchando reunido, repellio os ataques, frustrou todas as diligencias; e finalmente fez conduzir os prisioneiros ao porto de Motrico, onde forão entregues aos Inglezes, no dia 3 de Novembro, pelo Commandante Gorriz. Este Commandante obrigou a render a guarnição de Motrico, a qual foi igualmente embarcada nos vasos Inglezes. No dia 4 contramarchou o inimigo desenganado do seu fim; e depois de perseguir Mina até Aranache, retirou-se na manhã de 6 para Estella.

#### *Castellas.*

Estas duas Provincias situadas no meio da Hespanha, e protegidas em roda pelos diversos corpos Francezes, não tem ultimamente apresentado factos memoraveis, á excepção de correrias de algumas Guerrilhas.

## P O R T U G A L.

Felizmente não nos consta que o inimigo atacasse em todo este mez mais povoações de Portugal, do que as Villas de Serpa, e Moura, onde entrou a 30, e 31 passado, e donde sahio a 3 do corrente para Villa Verde de Ficalho. O seu objecto foi buscar gados.

## L I S B O A.

*Resumo das operações militares na Peninsula.*

Durante o tempo a que se referem as noticias dos Periodicos de Portugal deste mez, o principal objecto dos Francezes na Peninsula foi a conquista de Valencia: o Exercito de Suchet foi o incumbido desta empreza. Soult mandou atacar Ballesteros, e investir Tarifa, talvez mais por fazer huma diversão a favor de Suchet. Marmont, e Dorsenne marcharão hum pouco para o centro da Hespanha a fim de occupar, e segurar os póstos desamparados pelas Tropas enviadas a reforçar Suchet. Estes movimentos deixarão hum pouco mais livres a Estremadura, Leão, Biscaia, Navarra, Catalunha, e Aragão, nas quaes Provincias ficarão quasi unicamente as guarnições. Em consequencia desta situação dos corpos Francezes, o 2.<sup>o</sup> com parte do 3.<sup>o</sup>, e 4.<sup>o</sup> Exercitos Hespanhoes commandados por Blake, a pezar de cederem em dous combates, sustentão a Cidade de Valencia. Ballesteros, e Coppons rebatem com grande perda os ataques do inimigo. O General Hill corre a Estremadura, affugenta algumas columnas, e toma muitos viveres. Ciudad-Rodrigo he tomada de assalto. Os corpos volantes fazem repetidas correrias nas Asturias, Biscaia, Navarra, e principalmente em Aragão, nas quaes os inimigos, quando não são inteiramente derrotados, desistem dos seus projectos, e retirão-se sempre com perda. O 1.<sup>o</sup> Exercito (de Catalunha) augmenta, organisa-se, adquire vantagens no Campo, e já póde destacar forças para soccorrer Valencia. Portugal, e Galliza livres de inimigos cuidão constantemente no melhoramento dos seus Exercitos, para entrar em novas campanhas.

*Extracto das Portarias, Avisos, e Editaes mais interessantes, e publicados em Lisboa no presente mez.*

O Intendente Geral da Policia interino, para ter exacto conhecimento da entrada, demora, e occupações dos Estrangeiros,

principalmente Hespanhoes, que com justa razão tem sido acolhidos neste Reino, e para evitar o dólo de alguns, que se hajão de introduzir a fim de passarem noticias ao inimigo; além de tornar a lembrar as providencias do Regulamento de 6 Março de 1810, determina o seguinte no seu Edital de 14 do corrente:

1.<sup>o</sup> Todos os Hespanhoes residentes em Lisboa, á excepção dos mencionados no Art. I. Tit. III. do dito Regulamento, devem comparecer na Intendencia da Policia dentro de 15 dias para se legitimarem, e receberem o bilhete necessario para a continuação da sua residencia. — 2.<sup>o</sup> Os que chegarem de novo tem sómente 3 dias para o mesmo fim. — 3.<sup>o</sup> Todos os Proprietários de casas, que receberem, ou tenham recebido Hespanhoes a titulo de aluguer, hospedagem, ou alojamento, apresentarão no termo de tres dias huma relação com os nomes, occupações, ou noticias, que delles tiverem. — 4.<sup>o</sup> Todas estas disposições comprehendem os naturaes de Galliza. — A' transgressão destes artigos são impostas as competentes penas.

Pela Portaria de 8 de Janeiro de 1812, S. A. R. Determina que para Capitães dos Regimentos Milicianos se proponhão daqui em diante com preferencia as pessoas, que mais representarem por nobreza, abonação, e comportantamento, não estando empregadas em Tropa de Linha, Occupações Civis, ou Politicas, e tendo idade, e disposição para aquelle Serviço, a que deverão prestar-se, logo que forem avisados para Regimentos dos districtos dos seus bens, ainda que ali não residão, debaixo da pena de pagarem o Quinto dos rendimentos dos bens da Coroa, e Ordens, e a Decima das outras propriedades, tudo applicado á Caixa Militar dos Corpos a que pertencerem; além das mais Contribuições Ordinarias, e Extraordinarias do Subsidio Militar.

Pela Portaria de 14 de Janeiro, mandou S. A. R. que as Camaras de Leiria, Castello-Branco, Santarem, Alemquer, Alcobaca, Torres-Novas, Ourem, Thomar, e Torres-Vedras, recebessem do Commissario Geral do Exercito porções designadas de favas para immediatamente fazerem semear nos seus districtos.

A Portaria de 25 dito; attendendo á falta de sementes, que experimentão as Terras invadidas no anno passado, manda que nas Villas de Alemquer, Santarem, e no Celleiro da Cardiga se formem tres Depositos de trigos, e cevadas da terra, os quaes serão confiados aos respectivos Administradores dos tabacos, sendo o grão remettido de Lisboa por Francisco Xavier de Montes. — Terão estes Depositos a natureza dos Montes Pios de Evora, Miranda, etc. — Os Corregedores de Alemquer, e Santarem, e o Juiz de Fóra da Golegã convocando hum Ecclesiastico de probi-

dade, e intelligencia, e dous Lavradores escolhidos, juntamente com os Administradores do tabaco formarão as Juutas respectivas aos tres Depositos, e nas suas Sessões farão a melhor distribuição das sementes. — Todos os Lavradores serão obrigados na proxima colheita a satisfazer o emprestimo, dando de mais tres alqueires por moio á beneficio da conservação do estabelecimento; cuja satisfação em caso de má colheita será prorogada para o outro anno, excepto os tres alqueires do premio. — Determinão-se as providencias necessarias para estes actos serem executados com toda a legalidade, e publicidade. — Dos tres alqueires de premio dous são para os Encarregados do Deposito, e hum para augmento, e conservação do Celleiro. — Os ditos Encarregados conservarão alguns trigos tremezes, tendo em vista as inundações do Têjo. — Determinão-se as quantidades de sementes, que os Corregedores de Leiria, Thomar, Riba-Têjo, Torres-Vedras, e Castello-Branco podem mandar pedir aos sobreditos Depositos, estabelecendo nas suas Comarcas o mesmo regulamento prescrito para os tres Depositos. — Para S. A. R. poder igualmente providenciar a sementeira dos milhios, devem os Corregedores das referidas Comarcas dar conta das sementes, que lhes são pèrcisas.

*Relação dos generos, que entrárão no Têjo, desde 29 de Dezembro até 31 de Janeiro de 1812.*

Trigo 8:400 fangas, 4:831 barrís, 3:294 saccos, e 636 toneladas. Cevada 1:186 ditas, 450 moios, 1:013 saccos, e 669 barrís. Milho 3:003 moios. Avéa 1:179 barrís. Farinha 59:959 barricas. Farinha de guerra 900 saccas. Biscoito 450 barrís, e 100 saccas. Batatas 34 toneladas. Carne salgada 324 barrís. Arenques 324 ditos. Manteiga 15:561 ditos. Arroz 5:990 saccas, e 1:731 barricas. Bacalhão 6:500 quintaes. Assucar 800 caixas. Feijão 318 barricas, e 303 saccos. Queijo 280 cabazes. Vinho 533 pipas. Vinagre 75 ditas. Agoa-ardente 1:225 ditas. Azeite 336 ditas, e 450 odres. Dito de peixe 200 pipas. Chá 1:049 caixas. Canella 30 ditas. Pimenta 378 ditas, e 474 fardos. Cravo fino 240 paneiros. Dito de Cayenna 100 barrís. Cacáo 1:100 saccas. Anil 30 barricas. Sumagre 150 saccos. Sebo 90 marquetas. Papel 66 balas. Ferro 4:342 barras. Carvão de pedra 622 toneladas. Linho 100 ditas, e 350 fardos. Algodão 1:000 saccas. Caffé 1:580 ditas, e 30 paneiros. Gomma 135 barrís, e 120 paneiros. Couros 11:800. Vaquetas 1:000. Aduellas 3:000. Cerveja 300 barricas. Garrafas 4:152 duzias. Atanados 400. Solas de vaquetas 6:000.

Além disto entrárão oito Navios com fazendas Inglezas.

Lisboa 28 de Janeiro de 1812.

## PREÇOS DO TERREIRO.

Trigo da terra . . . . .	1200
Bretanha Branca . . . . .	1100
Bordeo . . . . .	1000 até 1100
Grego . . . . .	800
Torradinha . . . . .	900
Senteio . . . . .	800
Milho da terra . . . . .	1100
Milho d' America . . . . .	660
Cevada da terra . . . . .	760
Aveia . . . . .	480
Farinha de trigo por barrica . . . . .	12000
Dita por alqueire . . . . .	14400
Dita de milho por barrica . . . . .	1130
Dita de milho por barrica . . . . .	8040

Segundo a Estiva de 10 Janeiro de 1811, o pão de arratel deve vender-se por 68 reis; e o azeite a 545 reis por canada. Nas fabricas e Praças porém acha-se o pão de arratel a 55 reis.

## CAMBIOS DE LISBOA.

Londres . . . . .	70
Madrid, Cadiz . . . . .	2700
Lionne, Veneza, Paris . . . . .	
Desconto do Papel-Moeda . . . . .	25½ por cento.

## S E G U R O S .

Bahia, Rio, Pernambuco . . . . .	5 por cento.
Londres . . . . .	6 dito.
Sicilia . . . . .	10 dito.
Malta . . . . .	10 dito.

## PREÇOS DE ALGUNS GENEROS DA PRAÇA.

## Advertencia.

A letra *A* significa abundancia; *E* empatado; *S* sem preço fixo; *P* procurado.

Cacão do Maranhão . . . . .	2100 até 2200	reis por arroba.
Gomina do Brazil . . . . .	2200	dito. <i>S.</i>
Caffé do Rio . . . . .	3600	4000 dito.

Dito do Pará . . . . .	3200	dito.
Dito da Bahia, ou Santos . . . . .	3000	3100 dito.
Assucar da Bahia, branco . . . . .	2150	2250 dito.
Dito mascavado . . . . .	1650	1700 dito.
Dito de Pernambuco, branco . . . . .	2200	2250 dito.
Dito mascavado . . . . .	1750	1850 dito.
Dito do Rio, branco . . . . .	2000	2100 dito.
Dito mascavado . . . . .	1400	1500 dito.
Tabaco em rôlos . . . . .	1600	1800 dito. <b>E.</b>
Salsaparrilha . . . . .	7000	7600 dito.
Tapioca . . . . .	2000	2200 dito.
Lãs d'Elvas, e Olivença . . . . .	20000	24000 dito.
Cravo do Maranhão . . . . .	400	420 dito. por arratel.
Gomma elastica . . . . .	210	220 dito.
Canella da China . . . . .		600 dito.
Pimenta de Goa . . . . .	200	210 dito.
Dita de Malabar . . . . .		240 dito.
Algodão de Pernambuco . . . . .	235	240 dito. <b>E.</b>
Dito do Maranhão . . . . .	195	200 dito.
Dito da Bahia . . . . .	205	210 dito.
Dito do Pará . . . . .	160	165 dito.
Anil do Brazil . . . . .	750	900 dito.
Couros secco de Buenos-Aires de 30 a 32 arrateis . . . . .	80	85 dito.
Ditos do Rio de 24 a 30 . . . . .	75	80 dito.
Ditos da Bahia de 24 a 28 . . . . .	75	80 dito.
Atanados do Maranhão . . . . .	155	160 dito.
Ditos de Lisboa . . . . .	21000	2300
Arroz do Brazil . . . . .	7600	7800 por quintal.
Vinho velho Malvasia da Madeira . . . . .	10000	por almude de 20 garrafas.
Dito secco . . . . .	8800	dito.
Dito de Setubal moscatel . . . . .	10000	dito.
Dito de Carcavellos . . . . .	6000	dito.
Dito branco de Lisboa . . . . .		4800 dito.
Dito do Porto . . . . .		6400 dito.
Melaço do Brazil . . . . .	2600	2800 dito.
Agoa-ardente do Brazil 1. <sup>a</sup> , e 2. <sup>a</sup> qualidade . . . . .	130000	140000 por pipa.
Dita das Ilhas . . . . .	130000	135000 dito.
Óleo de Copaiba . . . . .	28000	por barril de 4 almudes.
Sal de Lisboa . . . . .	4600	4800 por moio.
Dito de Setubal . . . . .		2250 dito.
Canhamo de Riga . . . . .	22000	por 5 arrobas.
Linho dito . . . . .	28000	30000 por dito.

Ferro de Suecia sortido . . . . .	6000	.	6200	por quintal.
Aço dito em selhas . . . . .	10000	.	10200	dito.
Dito de Trieste sortido . . . . .	13500	.	14500	dito.
Chumbo em barras, d' Inglaterra . . . . .		.	8500	dito.
Dito d' Hespanha . . . . .		.	6400	dito.
Páo Amarello . . . . .		.		
Dito de Pernambuco . . . . .		.		
Páo Campache . . . . .	4800	.	5000	dito.

## PREÇOS DO HAVER O PEZO.

Manteiga . . . . .	200	.	220	.	240	.	260	por arratel.
Arroz . . . . .		.		.	60	.	65	por dito.
Azeite . . . . .		.		.	5800	.	6800	por almude.
Bacalháo . . . . .	1650	.	1700	.		.	1750	por arroba.

---

 POST-SCRIPTUM.
 

---

**E**NTREGUE já na Imprensa o presente Numero, recebemos os Numeros 7, e 8 do Investigador Portuguez em Inglaterra. No Num. 7 ha = Observações e Maneiras de pôr em prática a Disciplina Militar para maior segurança de Portugal = que Conde Lippe dirigio, e entregou a Marquez de Pombal em vespervas (segundo das mesmas se collige) da sua jornada para a Alemanha. Esta Peça, que provavelmente será de muita instrucção, interesse, e applicação para as circumstancias do tempo, em que se fez (para hoje não), mostra evidentemente a harmonia, a boa intelligencia, e amizade, em que Conde Lippe sahia de Portugal, com Marquez de Pombal; e em consequencia nas boas graças do Senhor Rei D. José.

No Num. 8 vem tres cartas do mesmo Conde ao mesmo Marquez; a 1.<sup>a</sup> em resposta á outra, datada de Buckeburg a 20 de Abril de 1776; a 2.<sup>a</sup> datada a 25 de Maio seguinte; a 3.<sup>a</sup> datada a 30 de Dezembro do mesmo anno. Todos estes raros e preciosos Documentos provão evidentemente, contra Halliday, que o Conde Lippe não foi desterrado de Portugal; ao contrario, sahio deste Reino nas boas graças do Soberano, e consequentemente em muita amizade e harmonia com o Marquez de Pombal: verdade, que nós concorremos a provar (pag. 34 deste Num.) Não ha senão motivos para nos persuadirmos, que Portugal não dec nunca o mais leve motivo de descontentamento a S. A. o Marechal General, Conde Lippe.

A gloria da nossa Nação he, aos nossos olhos, hum objecto do maior vulto, do ultimo interesse: contra elle, só com dôr, e a maior violencia, referiremos alguma vez algum factó; com a maior avidéz porém apanharemos factos, e raciocinaremos, a justificar, e a apologiar Portuguezes em particular, e muito mais a Nação em geral, quando a huns, ou outra se fizerem injustiças.

O Investigador Portuguez, refuta completamente Halliday, quando diz que o Conde Lippe fôra desterrado de Portugal: mas refuta-se victoriosamente a si mesmo tambem, quando diz, e repete: "*Que todo o Portuguez será obrigado a confessar com pena, que o Marquez de Pombal, livre do cuidado, que lhe deo a guerra de 1762, e não sendo verdadeiramente affeiçãoado ao Mi-*

*litar.... descuidou-se tanto do Exercito, que tinha creado, que no anno de 1777, quando sahio do Ministerio, se achavão quasi todos os Corpos sem Officiaes.,*

Póde, he verdade, dizer-se com o Investigador, que Marquez de Pombal creou, ou ao menos attendeo muito ao Exercito em muita paz, muito antes da guerra de 62, ou de receio della. Nós não sabemos se Marquez de Pombal era, ou não intimamente affeioado ao Militar; aquelle factio porém depõe affirmativamente.

São tambem factos, que acabada a guerra de 62, o Exercito se organisou á vontade do Conde Lippe; fez-se hum campo de Instrucção; o Marquez de Pombal requereo ao Conde Lippe *as Observações referidas*, (que sem isso não lhas apresentaria) em que tanto se apologia, tanta cousa se recommenda a Marquez de Pombal. Nada disto teria lugar, se Conde Lippe visse, que, acabada a guerra, Marquez de Pombal não attendia ao Exercito. Logo "*Marquez de Pombal, livre do cuidado, que lhe deo a guerra de 1762*", não "*se descuidou do Exercito*", em quanto Conde Lippe esteve em Portugal. Vejamos depois.

A primeira carta de Conde Lippe a Marquez de Pombal, escrita de Alemanha, referida no Investigador N.º 8, he em resposta a huma do Marquez de Pombal, em que este Ministro o informava de estar este Reino ameaçado de guerra. Se Marquez de Pombal pois se livrou do cuidado da guerra de 1762, no tempo do seu Ministerio, elle teve outros cuidados de guerra, como nesta carta se mostra: não se havia descuidar do Exercito; e se se tivesse descuidado, com que pejo, e com que repugancia elle não consultaria Conde Lippe! Por todos estes Documentos não ha huma só palavra, que recenda a descuido do Marquez, ou a resentimento do Conde. A ultima carta, das referidas no Investigador, de Conde Lippe a Marquez de Pombal foi escrita n' Alemanha, no penultimo dia do anno de 1776; e vê-se que em resposta a outra, em que Marquez de Pombal lhe recommendava, que propozesse hum Chefe para o commando do Exercito, no caso, em que a saude de S. A. lhe não permittisse vir a Portugal; ¿Será mui temeraria a consequencia, que o Exercito, e tudo, que dizia respeito á defensa de Portugal, se achava, no fim do anno de 1776, confôrme o estabelecimento, e idéas do Conde Lippe? As ultimas linhas desta carta no Investigador declarão finalmente, que as cousas Militares se achavão, no fim do anno de 1776, como Conde Lippe as tinha estabelecido. S. A. por occasião de fallar em General, seu successor, para o commando do Exercito de Portugal diz "*... Prevenido com outras idéas, resultarião de tudo isto incertezas, e innovações, que, não podendo ajustar-se com o que está já estabelecido, produzirão inconvenientes, e perigos.*"

¿Seria o descuido do Marquez de Pombal desde o fim do anno de 1776 por diante? Nem por descuido, nem de proposito podia ser, que estando o Militar em 30 de Dezembro de 1776, no pé, em que Conde Lippe o estabeleceo, se achassem "quasi todos os Corpos sem Officiaes,, quando Marquez de Pombal sahio do Ministerio. Marquez de Pombal sahio do Ministerio em Fevereiro de 1777, época, em que elle talvez não tivesse ainda bem recebido a Carta do Conde Lippe, escrita em Buckeburg, em 30 de Dezembro antecedente.

Pelos proprios Documentos do Investigador, deve este consolar-se da pena, que lhe fazia o descuido do Marquez de Pombal a respeito do Exercito.

Este retalho da Historia he ainda do nosso tempo. Ha ainda no Exercito Portuguez Officiaes, que fizeram com o Conde Lippe a guerra de 1762; e tem successivamente servido até hoje. Por differentes, mas unanimes vias, se sabe, que os Corpos do Exercito tinham, geralmente fallando, todos os Officiaes do seu estabelecimento no anno de 1777, quando Marquez de Pombal sahio do Ministerio.

Repetindo: não sabemos se Marquez de Pombal era, ou não affeiçãoado ao Militar; mas sabemos, que no seu Ministerio, e muito antes da guerra de 62, se fez no Exercito Portuguez a maior Promoção, que nelle se tem visto: que houve a muito bem dirigida guerra de 62: que depois da Campanha se regulou o Exercito: que o Conde Lippe aqui, na jornada para seus Estados, e de lá, tratou sempre das cousas Militares de Portugal, e a instancias do Marquez de Pombal, o qual teve, em differentes occasiões, receio de nova guerra: que em 1777, á sahida do Marquez do Ministerio, todos os Póstos Militares estavam providos, etc., e finalmente que o Investigador fez, sobre o nosso objecto, grande injustiça a Portugal, e ao Ministerio do Marquez de Pombal.

---

#### *Noticias politicas, e militares.*

As negociações entre o Vice-Rei Elio e a Junta de Buenos-Ayres terminárão a 20 de Outubro por hum Tratado de pacificação.

Bernadotte a 7 de Janeiro tinha tornado a entregar o Governo da Suecia ao Rei, o Duque de Sundermania.

Descobrio-se na Sicilia huma conspiração contra as Tropas Inglezas: tem sido castigados ja alguns complices. — O Rei a 16 de Janeiro entregou os Poderes Regios ao Principe Hereditario, para governar durante a molestia de seu Pai.

Toda a Ilha de Java está no poder dos Inglezes por ter capitulado o General Francez Jansen a 17 de Setembro.

Valencia capitulou a 9 de Janeiro, ficando prisioneiros Blake, e outros Generaes.

O cêrco de Badajoz começou a 15 de Março: a 25 foi tomado por assalto o forte da Picurina: a 28 já huma das baterias batia em brécha: pela meia noute de 6 para 7 de Abril foi a Praça tomada de assalto.

---

Toda a ilha de Java está no poder dos Ingleses por ser a  
 principal e Central. Entretanto, Java não é de Java.  
 A Valência capitão e o de Jendro, ficando prisioneiros. Li-  
 bra de outros capitães. O de Jendro e o de Jendro.  
 O de Jendro de Jendro com o de Jendro e o de Jendro.  
 tudo por meio o de Jendro e o de Jendro.  
 data em Jendro e o de Jendro de Jendro e o de Jendro.  
 ca tomada de Jendro.

[Faint, mostly illegible text in the middle section of the page, possibly bleed-through from the reverse side.]

[Faint, mostly illegible text at the bottom of the page, possibly bleed-through from the reverse side.]

20

# JORNAL DE COIMBRA.

---

FEVEREIRO 1812.

---

Num. II.

---

---

*Sequitur probabilia . . . . et refellere sine pertinacia, et refelli sine iracundia, parati sumus.*

CICERO.

---

*Lista dos Livros, que sobre Medicina, Cirurgia, e Farmácia se publicarão na Grã-Bretanha, no penultimo trimestre do anno passado, 1811.*

Quincy's Lexicon Medicum. A New Medical Dictionary; containing an Explanation of the Terms used in Anatomy, Physiology, Practice of Physic, Materia Medica, Chemistry, Pharmacy, Surgery, Midwifery, and the various Branches of Natural Philosophy connected with Medicine, selected, arranged, and compiled from the best Authors. By Robert Hooper, 8vo. 18s.

Lexicon Medicum de Quincy. *Novo Diccionario Medico. Exposição dos termos usados em Anatomia, Fisiologia, Prática de Medicina, Materia Medica, Chimica, Farmácia, Cirurgia, Arte Obstetricia, e outros Ramos da Filosofia natural connexos com Medicina.* Preço (\*) 3:240 rs.

---

(\*) Veja-se a nota do nosso Num. 1.<sup>o</sup> sobre o modo, porque estes preços se calculão, e mais despesas, que neste artigo se fazem.

The London Dispensatory: containing, 1<sup>st</sup>. The Elements of Pharmacy. 2 dly. The Botanical Description, Natural History, Chemical Analysis, and Medical Properties of the Substances of the Materia Medica. 3dly. The Pharmaceutical Preparations and Compositions of the Pharmacopœias of the London, Edinburgh, and Dublin Colleges of Physicians; the whole forming a practical Synopsis of Materia Medica, Pharmacy, and Therapeutics; illustrated with many useful Tables, and Copper-plates of the Pharmaceutical Apparatus. By anthony Todd Thomson, 8vo. 16s.

*Dispensatorio de Londres: contem: 1.º os Elementos de Farmácia: 2.º a Descrição Botânica, Historia Natural, Analise Chimica, e Propriedades medicinaes das substancias da Materia Medica: 3.º as Preparações Farmaceuticas, e composições das Farmacopœas dos Collegios de Medicos de Londres, Edimburg, e Dublin: tudo fôrma huma Synopsis Prática de Materia Medica, Farmácia, e Therapeutica: com Taboas e Estampas. 1:920 rs.*

Practical Remarks on Insanity; to which is added a Commentary on the Dissection of the Brains of Maniacs; with some Account of Diseases incident to the Insane. By Bryan Crowther, 8vo. 5s.

*Observações práticas sobre a Insania, com addicção de hum Commentario sobre a dissecção dos Cerebros dos Maniacos, e Noticia das molestias dependentes da Insania. 900 rs.*

Popular Directions for the Treatment of the Diseases of Women and Children. By John Burns, 8vo. 9s.

*Direcções, acomodadas á capacidade do Povo, para o tratamento das molestias de Mulheres, e Crianças. 900 rs.*

A Treatise on the Gout; containing the Opinions of the most celebrated Ancient and Modern Physicians on that Disease; and Observations on the Eau Medicinale. By John Ring, 8vo. 6s.

*Tratado sobre a Gota. Opiniões sobre esta molestia dos Medicos mais celebres, assim antigos como modernos. Observações sobre a Agua Medicinal. 1:080 rs.*

An Essay on the Uterine Hæmorrhage which precedes the Delivery of the full grown Fœtus; illustrated with Cases. By Edward Rigby. The Fifth Edition. 8vo. 7s.

*Ensaio sobre a Hemorrhagia uterina, que precede ao parto de tempo: com casos. 5.ª Edição. 1:260 rs.*

A Collection of Treatises on the Effects of Sol-Lunar Influence in Fevers, with an improved Method of curing them. By Francis Balfour. Second Edition. 8vo. 10s. 6d.

*Collecção de Tratados sobre os effeitos da influencia Sol-Lunar nas febres, com o seu melhor método curativo. 2.ª Edição. 1:890 rs.*

Pharmacopœia Chirurgica; or, a Manual of Chirurgical Pharmacy; comprising all the valuable Formulæ of the New London

Pharmacopœia, and of the several Pharmacopœias appertaining to this Branch of Science, with Notes and Observations, as well on the Method of compounding, as likewise on the Properties and Use of each. Second Edition, with Alterations and additions. By J. Wilson, 12mo. 6s.

*Farmacopêa Cirurgica, ou Manual de Farmácia Cirurgica. Comprehende todas as fórmulas importantes da nova Farmacopêa de Londres, e de varias Farmacopêas pertencentes a este Ramo de Sciencia; tem notas, e observações tanto sobre o método de as compôr, como sobre as propriedades, e uso de cada huma. 2.<sup>a</sup> Edição com alterações, e addições. 1:080 rs.*

A Serious Address to the Public on the Practice of Vaccination, in which the late Failure of that Operation in the Family of Earl Grosvenor is particularly adverted to. Sold for the Benefit of the Portuguese Sufferers. 8vo. 1s.

*Falla importante ao Público sobre a prática da Vaccina; na qual se attende particularmente a ter esta operação falhado na Familia do Conde Grosvenor. 180 rs.*

Elements of Chemistry. By John Webster. 8vo. 7s.

*Elementos de Chimica. 1:260 rs.*

Cheselden's Plates of the Human Bones, correctly reduced from the original Copy, accompanied with Explanations. 12mo. 3s. 6d.

*Estampas dos ossos humanos, de Cheselden, acompanhadas de explicações. 630 rs.*

Hortus Cantabrigensis; or, a Catalogue of Plants indigenous and exotic. By James Donn, Curator. Sixth Edition. 12mo. 8s.

*Hortus Cantabrigensis, ou Catalogo de Plantas indigenas, e exoticas. 6.<sup>a</sup> Edição. 1:440 rs.*

Communications relative to the Datura Stramonium, or Thorn Apple, as a Relief or Cure of Asthma. Addressed to the Editor of the Monthly Magazine. Many of them never before published, with a coloured engraving of the Plant. 8vo. 3s. 6d.

*Comunicações relativas á Datura Stramonium, como remedio na cura da Asma. 630 rs.*

A Syllabus of a Course of Lectures on the Institutes and Practice of Medicine. By Joseph Adams. 8vo. 2s. 6d.

*Syllabus de hum curso de Leituras sobre as instituições, e prática de Medicina. 450 rs.*

An Account of the Ravages committed in Ceylon by the Small Pox, previous to the Introduction of Vaccination, with a Statement of the Circumstances attending the Introduction, Progress and Success of Vaccine Inoculation in that Island. By Dr. Thomas Christie. 8vo. 3s.

*Relação dos estragos feitos pelas Bexigas em Ceilão antes da introdução da Vaccina, etc. 540 rs.*

Rules for the Management and Medical Treatment of Negro slaves in the Sugar Colonies. By a Professional Planter, Second Edition. 8vo. 8s.

*Regras para a direcção, e tratamento medico de Negros, etc.* 1:440 rs.

Essays on the Changes of the Human Body, at the different Ages, the Diseases to which it is predisposed in each Period of Life, and the Physiological Principles of its Longevity; the whole illustrated by many Analogies in Plants and Animals. By Thomas Jameson, 8vo. 9s.

*Ensaio sobre as mudanças do Corpo Humano nas differentes idades; sobre as molestias para que elle está predisposto em cada hum dos periodos de sua vida; e sobre os principios Fisiologicos de sua longevidade: tudo illustrado por muitas analogias em plantas, e animaes.* 1:620 rs.

An Experimental Examination of the last Edition of the Pharmacopœia Londinensis, with Remarks on Dr. Powell's Traslations and Annotations. By Richard Phillips. 8vo. 5s. 6d.

*Exame Experimental da ultima Edição da Farmacopéa Londinense; com reflexões, e notas sobre a traducção, etc.* 790 rs.

A Letter, respectfully addressed to the Commissioners for Transports, Sick and Wounded Soldiers, &c. on the Subject of the Operation for Popliteal Aneurism; illustrated by Cases and the Description of a new Instrument. 8vo. 1s. 6d.

*Carta sobre a operação do Aneurisma da arteria poplitêa, com casos, e descripção de hum instrumento novo.* 270 rs.

Observations on Mineralogical Systems. By Richard Chevenix. Traslated from the French by a Member of the Geological Society; to which are added Remarks by Mr. Chevenix on the Reply to Mr. Ditabuisson to the above Observations. 8vo. 5s.

*Observações sobre Systemas Mineralogicos: traduzidas do Francez, etc.* 900 rs.

*Publicações Portuguezas no presente mez de Fevereiro.*

**E**NSAIO sobre a Critica de Alexandre Pope, traduzido em Portuguez pelo Conde de Aguiar.— Não temos visto huma traducção mais fiel, nem mais exacta; a Critica de Pope, que he semelhante á Poetica de Horacio, e de Boileau, e do mesmo grão de merecimento, he mui difficil de se traduzir exactamente. As Obras didacticas, posto que escritas em verso, são talvez melhor

trasladadas em prosa, como vemos no presente exemplo, em que se acha na pureza do idioma Portuguez toda a força, e elegancia do Poeta Inglez. ,,

“Roteiro e Mappa da Viagem da Cidade de S. Luiz do Maranhão até á Corté do Rio de Janeiro. E outro Roteiro da Viagem do Pará pelo Rio Tocantins até Porto Real em Goyazes. — Nós contemplámos com muito prazer a primeira viagem, e o mappa, que a acompanha. Ella começa pela navegação do Rio Itapicuru até Aldéas Altas, hoje Villa de Caxias; e a pesar de 2, ou 3 cachoeiras, que o Rio tem, he todo navegavel mesmo no sitio dellas, por canaes lateraes. Daqui se póde tomar para o Arraial do Principe Regente por agoã, ou por terra. Este Arraial he mui modernó; tem 215 almas, e hum presidio de 60 Soldados. Por este estabelecimento se adiantarão e sustentarão muitas fazendas, quasi arruinadas, e desertas pelas incursões do Gentio, muito abundante nestas visinhanças. ,,

“O Coronel Berford continuando sua viagem, partio do Arraial do Principe Regente, por terra, para o Rio Tocantins; atravessou differentes fazendas por espaço de 127 legoas até chegar á do Mirador, ultima da Capitania do Maranhão, sita na margem do Rio Manoel Alves Grande; que dahi a doze legoas desemboca no Tocantins. ,,

“O Roteiro das distancias he o seguinte: de Maranhão á Kelru, 20 legoas; de Kelru a Caxias, ou Aldéas Altas 30, sempre pelo bello Rio Itapicuru; de Caxias á povoação nascente do Arraial 37; daqui ao Julgado dos Pastos Bons, povoação antiga, mas pouco adiantada, 20; deste Julgado ao Mirador 107; somma 234 legoas, que he a extensão da Capitania do Maranhão tomada desde a Capital, no comprimento de todo o Sertão, até ao Rio Tocantins. ,,

“Chega-se a este grande Rio; elle corre ao longo do Occidente da Capitania do Maranhão, e caminha para o Norte, onde córta a do Pará, e vai metter-se junto a esta Capital no Amazonas: e da banda do Sul vem da Capitania de Goyazes: de maneira que he o grande meio de communicação e commercio entre todas tres. ,,

“Partindo do Mirador o Coronel Berford atravessou por terra, ao longo do Tocantins, em quanto as suas cargas hião em hum canoa por este Rio, hum deserto de 88 legoas até chegar á fazenda do Alferes Severino, que pertence ao Julgado de Porto Real de Goyazes, o primeiro desta Capitania da banda do Norte, e onde vem descarregar as canoas, que fazem a viagem do Pará pelo dito Tocantins. De Porto Real seguio a estrada regular, atravessando as Capitancias de Goyazes, Minas Geraes, e Rio; tendo andado desde a Capital do Maranhão até á fazenda do Mirador 234.

legoas; daqui até á primeira fazenda de Goyazes hum deserto de 88; e dali até ao Rio de Janeiro 357. „

Vai a publicar-se a Flora do Rio de Janeiro, Obra posthumã de Fr. José Marianno da Conceição Velloso, Botanico pensionado por S. A. R. o Principe Regente N. S. Será de 11 Volumes *in fol.* nella se acharão analisadas anais de 30 plantas, e classificadas segundo o systema de Linneo.

Em Outubro do anno passado achava-se já no Prêlo, e proximo a publicar-se, por Ordem de S. A. R. o Principe Regente N. S. = *Método novo de curar segura e prontamente o Antraç ou Carbunculo, e a Pustula maligna.* = Obra de Luiz de Santa Anna Gomes, primeiro Cirurgião do Hospital da Real Casa da Misericordia daquella Corte.

## JORNAL S.

Na Loja do Livreiro Francisco Xaxier de Carvalho aos Martires N.º 41 continuão a fazer-se as Assignaturas; do Jornal intitulado *L' Ambigu* por 24\$ rs. na fórma, cada anno; e metade por seis mezes; e do *Investigador Portuguez em Inglaterra* por 10\$40 rs. metal por anno, e metade por seis mezes. Por via do Correio podem fazer-se as Assignaturas, e receber-se os Jornaes.

Leipsick, 16 de Fevereiro de 1812. — As Sciencias naturaes tem-se cultivado, ha tempos, em Alemanha, com hum zelo infinito. O numero dos Jornaes, e Obras Periodicas, destinadas exclusivamente a estas Sciencias, he mui consideravel. Só em Berlim apparecem tres; *Repertorio de Novidades nas Sciencias Naturaes*, por Mr. Floerke; o *Magasin* publicado pela Sociedade dos Amigos das Sciencias Naturaes; e o *Boletim das Sciencias Naturaes* por Mr. Hermstaedt. O *Jornal Scientifico*, e os *Annaes* de Mr. Gilbert, actualmente Professor em Leipsick, sustentão sua reputação. O novo *Jornal de Chinica*, e de *Fisica*, publicado pelo Professor Schweiger he citado com elogio; assim como o *Jornal das Descobertas*, de que Mr. Perthez, de Gôtha, he o Editor. Mr. Ockem, Professor em Jena, deo hum novo Systema da Filosofia da Natureza. Mr. Spix, de Munich, tem-se distinguido por hum historia, e hum critica de todos os systemas de Zoologia, desde Aristoteles até nossos dias. O Professor Illiger deo hum excellente *Prodromus systematis mammalium*. Obras de Mr. Blumenbach de Goettinga sobre algumas partes da Historia Natural: de Mr.

Nitrelis sobre as Aves: de Mr. Oppel sobre os Reptis, etc., são mui procuradas. A *Revisio Saxifragarum* de Mr. o Conde de Sternberg, he huma Obra preciosissima. Mr. Sprengel continúa a sua *Flora Halleensis*. O mesmo Naturalista publicou hum Tratado sobre a natureza, e a construcção das Plantas: Mr. Langedorff, que fez huma viagem á roda do Mundo, *Icones filicum*, e M. de Biberstein huma *Flora Taurico-Caucasica*. M. Steffens he o Autor de hum novo Tratado d' *Oristognosia*. O celebre M. Werner publicou seus Opusculos Mineralogicos: M. Nussli huma Introducção Mineralogica.

Correspondencia dedicada á propagação da Geografia, e da Astronomia = he o titulo de hum Jornal Alemão, de que foi, em outro tempo, Director Mr. de Zach; e que se continúa desde o anno passado 1811 por M. de Lindenau, Director do Observatorio de Seeberg, perto de Gothha, e de Mr. Hennike.

Publicão-se desde 1811 em Weimar, debaixo da direcção de M. Bertuch, e hum Caderno por mez, as Ephemerides Geograficas.

---

#### NECROLOGIA.

**M**R. Clement, antigo Professor no Collegio de Dijon, e que foi mui bem conhecido no Seculo XVIII, por sátiras e críticas, que o fizeram nomear o *Inclemente*, morreo a 14 de Fevereiro deste anno, octogenario.

M. Zalkind Hourwitz, Israelita sábio, morreo agora de 70 annos, tendo estudado sem interrupção, desde a sua mocidade. Existem delle muitas Obras; que provão sua erudição a saber: a *Origem das Linguas*, a *Poligraphia*, a *Locographia*, etc.

Fr. José Marianno da Conceição Velloso, Ex-Provincial dos Religiosos Franciscanos Reformados da Provincia da Conceição do Rio de Janeiro, e Botanico pensionado por S. A. R. o Principe Regente N. S., mui conhecido entre os Sábios, e citado, como se vê do Compendio de Wildencw, célebre Botanico Alemão, faleceo no seu Convento do Rio de Janeiro, em 69 annos de idade.

---

#### ARTES.

**O** Imperador d'Austria concedeo huma gratificação de 500 Florins ao Dr. Heinrich, na Bohemia, por sua invenção de tirar

do Pastel, planta, huma côr tão bella, como a do Anil das Indias; sempre occupado em aperfeiçoar seu processo, M. Heinrich achou, que a fermentação he nociva á preparação desta côr; e que huma simples infusão por oito a dez horas dá melhores resultados. A agoa não deve ter senão dez, ou doze grãos de calôr do Thermometro de Reaumur. 60 a 70 arrateis de folhas de Pastel dão hum arratel d'excelente Anil: de sorte que huma extensão de terra de 4:160 pés quadrados, que em regra produz 20 quintaes de folhas de Pastel, dá 20 a 25 arrateis d'Anil.

O Imperador deseja, que M. Heinrich compre, o mais cedo possível, huma Fazenda nos seus Estados Hereditarios Alemães, para praticar ali em grande este novo Ramo d'Industria Nacional; e que suas Descobertas se fação públicas, assim por impressão, como por instrução particular.

No anno 7, o Instituto de França decretou hum Premio á grande Escada, inventada por Mr. Regnier, Conservador do Museo d'Artilheria. Por esta Escada se pôde levar mui facilmente, a qualquer altura, toda a qualidade de soccorros nos Incendios. Muitos Soberanos tem pedido modelos daquella Escada.

A Sociedade Teyleriana de Harlem propõe huma Medalha de ouro, do valôr metálico de 400 Flor. d'Hollanda, ao A. da melhor Memoria, que se lhe enviar, antes do primeiro d'Abril de 1813; sobre os progressos, ou a decadencia da pintura, nas sete Provincias unidas.

## COMMERCIO.

### *Decreto passado no Rio de Janeiro.*

“**H**AVENDO Eu Determinado pelo Parágrafo 28 do Alvará com força de Lei de 4 de Fevereiro do presente anno, que nenhum Navio, nem Embarcação, não sendo Portugueza, pertencente a Vassallos Portuguezes, estabelecidos nos Meus Estados, construída nos Portos, e Estaleiros dos Meus Dominios, e navegada por Mestre, e tres quartas partes de Vassallos Meus, e devidamente munidos de seus competentes Passaportes, serão admittidos a importar nos Portos de Portugal, Brazil, Ilhas dos Açores, Madeira, Cabo Verde, Portos da Costa de Africa Occidental, e Ilhas adjacentes, sujeitas á Minha Real Corôa, Produções, ou Manufacturas da Asia, e China, ou de qualquer Porto, ou Ilhas Nacionaes, ou Estrangeiras, além do Cabo da Boa Esperança, e Mares do Sul: e tendo-Me sido presente haver entrado em dúvida, se a clausula expressa na citada Disposição de que os Navios em-

pregados na Navegação mencionada no já referido Paragrafo 28, houvessem de ser construidos nos Portos, e Estaleiros dos Meus Dominios, se devia, ou não entender a respeito daquelles Navios de construcção Estrangeira, comprados por Vassallos Meus, antes da publicação do Alvará de 4 de Fevereiro do corrente anno, Sou Servido Declarar, posto que tal Declaração não fosse essencialmente necessaria, sendo assás clara e definida a Disposição do citado Paragrafo 28 daquelle Alvará, que a Minha Real Resolução, relativamente á clausula de que se trata no mesmo Paragrafo, de que os Navios hajão de ser construidos nos Portos, e Estaleiros dos Meus Dominios, ainda que dirigida a favorecer a construcção Nacional, se não deve entender a respeito das Embarcações Estrangeiras, que se achavão já compradas, na fórma das Minhas Leis, pelos Meus Fieis Vassallos, quando Mandeí publicar o mencionado Alvará de 4 de Fevereiro; devendo permanecer a prohibição sómente a respeito daquelles Navios Estrangeiros, que forem comprados depois da publicação do citado Alvará, os quaes ficarão sujeitos irremissivelmente ás penas, que lhes são impostas. A Real Junta do Commercio o tenha assim entendido, e o faça publicar, para que chegue á noticia de todos. Palacio do Rio de Janeiro em 19 de Novembro de 1811.

*Com a Rubrica do Principe Regente Nosso Senhor.*

Em consequencia da Real Resolução de 27 de Setembro do anno passado, em Consulta, de 31 de Agosto antecedente, do Senado da Camara de Lisboa, ordena este Tribunal no primeiro de Fevereiro do anno corrente: Primeiro: Que sempre que entrem no Porto desta Cidade quaesquer Embarcações com Azeite, depois de darem entrada nas Alfandegas, a dêem no Ver o Peso por hum termo assignado pelos Commissarios, ou Sobre-Cargas. Segundo: Que depois os Compradores de fóra daquella Casa venhão igualmente fazer termo de manifesto, a fim de que o seu Juiz tirelles o Azeite necessario para o consummo da Casa do Ver o Peso, quando disso haja precisão. Terceiro: Que de nenhum modo se fação Embarques de Azeite fóra do Ver o Peso sem expressa licença do Senado, ou do Dezembargador Vereador Inspector da dita Casa, dirigida ao Juiz della. Sendo então reputados estes Embarques como os que sahem daquella Casa, não se podendo estes effectuar senão pelas Companhias dos Medidores, e das Quartas, a fim de que o Juiz esteja ao facto do Azeite, que existe, e que se exporta. Quarto: Que toda a pessoa, que transgredir estas Determinações em parte, ou em todo, incorra na pena do perdimento do Azeite apprehendido, ou desencaminhado, e em 200

rs. de condenação, metade para a Fazenda da Cidade, e outra metade para os Officiaes da apreensão, ou repartidamente pelo Denunciante, havendo-o. Quinto, e finalmente: Que S. A. R. Manda admittir perante o Juiz da Casa do Ver o Peso, denúncias destas transgressões, para por ellas se proceder no Juizo da Almotaxaria, onde serão remettidas legalmente.

Prohibirão-se “as entradas de todo o Vinho, ainda que seja de producção deste Reino, huma vez que vier de Portos Estrangeiros,” Por Aviso expedido pela Secretaria d’Estado dos Negocios do Reino, em data de 8 de Fevereiro de 1812.

*Relação dos generos, que entrárão no Téjo, desde 1 até 27 de Fevereiro exclusivamente.*

Trigo 160 toneladas, 5:600 fangas, 388 saccos, 11:247 barrís, e 1:700 ditos de trigo, cevada, e avéa. Farinha 38:273 barricas; e mais 4:800 ditas, que vão para Cadiz. Cevada 3:300 barrís, 465 toneladas, e 13 moios. Milho 2:920 moios, 10 saccos, e 175 moios, que vão para o Porto. Avéa 3 toneladas, e 1:800 barrís. Centeio 2:500 alqueires. Arroz 1:456 barricas, 10:263 saccas. Bacalháo 10:530 quintaes. Mantéiga 8:820 barrís. Queijos 250 cabazes. Batatas 26 toneladas. Vinho 412 pipas. Agoa-ardente 515 pipas, e 129 barrís. Dita do Brazil 30 cascós, 556 pipas, e 82 barrís. Algodão 1:254 saccas. Assucár 279 caixas, e 70 saccas. Café 1:640 ditas, e 40 paneiros. Chá 470 caixas. Cacáo 1:968 saccas. Farinha de guerra 800 paneiros, e 50 saccas. Feijão 50 barricas, 50 barrís, 422 saccos, e 250 alqueires. Toucinho 50 pácas. Couros 11:200. Atanados 2:000. Vaquetas 13:374. Meios de sóla, e vaquetas 5:000. Carnes 259 barrís, e 24 barricas. Grãos 480 fangas. Azeite 273 pipas. Biscoito 85 barricas, 118 saccos, e 71 barrís. Mel 50 ditos. Cravo 300 pacótes, e 110 paneiros. Alcatrão 70 barrís. Resina 146 ditos. Linho 260 fardos. Enxarcia 20 toneladas. Aduellas 3:505. Carvão de pedra 200 toneladas. Ferro 80 ditas. Sebo 200 pácas. Sabão 60 caixas. Garrafas 230 cabazes. Papel 56 balas. Mais 48 pipas de vinho, 30 ditas d’azeite, e 22 de agoa-ardente de Cadiz, e vão para Carril. — Vierão cinco Navios com fazendas Inglezas.

Lisboa 25 de Fevereiro de 1812.

## PREÇOS DO TERREIRO.

Trigo da terra . . . . .	1000 até 1260
Bretanha Branca . . . . .	1100
Grego . . . . .	1000
Torradinha . . . . .	960
Centeio . . . . .	800
Milho da terra . . . . .	1100
Milho da terra, e America . . . . .	600 até 1100
Avéa . . . . .	400
Farinha de trigo por barrica . . . . .	13200 até 14400
Dita por alqueire . . . . .	1130
Dita de milho por barrica . . . . .	8040

Segundo a Estiva de 22 de Fevereiro de 1812, o pão de arratel deve vender-se por 75 reis; e o azeite a 525 reis por canada. Nas fabricas e Praças porém acha-se o pão de arratel a 55 reis.

## CAMBIOS DE LISBOA.

Londres . . . . .	70
Madrid, Cadiz . . . . .	2700
Lionne, Veneza, Paris . . . . .	
Desconto do Papel-Moeda . . . . .	24 por cento.

## S E G U R O S .

Bahia, Rio, Pernambuco . . . . .	5 por cento.
Londres . . . . .	6 dito.
Sicilia . . . . .	10 dito.
Malta . . . . .	10 dito.

## PREÇOS DE ALGUNS GENEROS DA PRAÇA.

## Advertencia.

A letra *A* significa abundancia; *E* empatado; *S* sem preço fixo; *P* procurado.

Cacão do Maranhão . . . . .	2100 até 2200	reis por arroba.
Gomma do Brazil . . . . .	2200	dito. S.
Café do Rio . . . . .	3600	4000 dito.
Dito do Pará . . . . .		3200 dito.
Assucar branco do Brazil . . . . .	2100	2350 dito.

Dito mascavado	1550	1800	dito.
Tabaco em rolos	1600	1800	dito. E.
Salsaparrilha	7000	7600	dito.
Tapioca	2000	2200	dito.
Lãs d'Elvas lavadas			
Ditas de Campo Maior			
Cravo do Maranhão	400	420	dito. por arratel.
Gomma elastica	210	220	dito.
Canella de Goa		600	dito.
Pimenta de Goa	200	210	dito.
Dita de Malabar		240	dito.
Algodão de Pernambuco		240	dito. E.
Dito do Maranhão		200	dito.
Dito da Bahia		210	dito.
Dito do Pará		165	dito.
Anil do Brazil	750	900	dito.
Couros seccos de Buenos-Aires de			
30 a 32 arrateis	80	85	dito.
Ditos do Rio de 24 a 30	75	80	dito.
Ditos da Bahia de 24 a 28	75	80	dito.
Atanados do Maranhão	155	160	dito.
Ditos de Lisboa	230	240	dito.
Arroz do Brazil	7800	8000	por quintal.
Vinho velho Malvasia da Madeira		10000	por almude de
			20 garrafas.
Dito secco		8800	dito.
Dito de Setubal moscatel		10000	dito.
Dito de Carcavellos		6000	dito.
Dito branco de Lisboa		4800	dito.
Dito do Porto		6000	dito.
Melaço do Brazil	2600	2800	dito.
Agoa-ardente do Brazil 1. <sup>a</sup>	140000	150000	
2. <sup>a</sup> qualidade	130000	135000	por pipa.
Dita das Ilhas	150000	155000	dito.
Oleo de Copaiba		28000	por barril de
			4 almudes.
Sal de Lisboa	4400	4600	por moio.
Dito de Setubal		2250	dito.
Canhamo de Riga	20000	22000	por 5 arrobas.
Linho dito	27000	28000	por dito.
Ferro de Suecia sortido	6600	7000	por quintal.
Aço dito em selhas	10500	11000	dito.
Dito de Trieste sortido	14000	15000	dito.
Chumbo em barras, d' Inglaterra		8500	dito.
Dito d' Hespanha	6000	6400	dito.
Páo Amarello			

Dito de Pernambuco . . . . .	14400	dito.
Pão Campache . . . . .	4800	5000 dito.

## PREÇOS DO HAVER O PESO.

Manteiga . . . . .	200	220	240	260	por arratel.
Arroz . . . . .			60		70 por dito.
Azeite . . . . .			6200		6400 por almude.
Bacalhão . . . . .			1900		2000 por arroba.

“O Governo d’Hespanha prorogou por seis mezes a permissão para extrahir generos de Algodão de Cadiz para transportar á America. Cadiz 23 de Janeiro de 1812.,,

“O Governo d’Hespanha decretou em 18 de Dezembro passado 1.<sup>o</sup>, que se permitta a extracção do ouro, e da prata á Provincia de Santa Martha, e mais paizes do Ultramar, que desfrutão a graça de commerciar com as Colonias amigas, nos termos seguintes: a do ouro amoedado, com tres por cento de direito de exportação; a do ouro em barra quintado com o de cinco por cento; e a prata amoedada com o de dez por cento: 2.<sup>o</sup> Não se permite a extracção da prata em barra: 3.<sup>o</sup> O ouro, e a prata, que na sahida daquelles paizes pagar os direitos de exportação, não pagarão outro algum pela sua introdução na Peninsula: 4.<sup>o</sup> A Resolução comprehendida nos precedentes artigos se entenderá ser temporaria, em quanto se não regula o Commercio em Geral. ,,

Fundeirão em Cadiz em 23 de Janeiro o Bergantim S. João vindo de Vera-Cruz, com frutos, e 148<sup>o</sup> cruzados: e o Bergantim Eolo, da mesma Cidade, com frutos, e 584<sup>o</sup> cruzados. — Nos dias 24, 26, 30 a Galera Nueva Amable Maria, de Havana, com tabaco, e 92<sup>o</sup> cruzados: a Galera Andaluzia, de Vera-Cruz, com frutos, cobre, e 300<sup>o</sup> cruzados; e o Bergantim Quimet, de Campeche, com frutos, pão, couros, e 90<sup>o</sup> cruzados. — No dia 15 de Fevereiro o Navio S. Fernando, de Vera-Cruz, com generos, e 366<sup>o</sup> cruzados. Todos são Navios Hespahoes.

Em todo o anno de 1811 entrãõ em Cadiz 3:48; Navios de todos os Lotes, e Nações: sabirãõ 3:298. Além disto entrãõ 7 Corsarios Francezes apresados.

*Relação dos generos, e prata cunhada, que entrou em Cadiz, vindos dos diversos portos de ambas as Americas no anno de 1811.*

Estanho 21:312 arrobas. Cobre 21:364 ditas. Sebo 9:200 ditas. Pão do Brazil 219 ditas. Algodão 9:497 ditas. Jalappa 1:398 ditas. Pão Campeche 30:115 ditas. Quina 563:700 ditas. Pimenta 65:800 ditas. Cacão de Caracas 15:847 fagas. Dito de Guayaquil 15:187 ditas. Assucar 198:400 ditas. Anil 658:420 arrateis. Café 1:416:610. Couros 33:586. Vaquetas 17:695. Pesos duros 5:924:944, ou 11 milhões, e 859:888 cruzados.

### N A V E G A Ç Ã O.

O Governador de Mato Grosso tem tido a felicidade de vêr não só avivada a Navegação, que de Villa Cuyabá vai ao Rio Madeira, e d'ali pelo Amazonas ao Pará; mas que a Navegação de Arinos e Topajos, que do Cuyabá vai para o Amazonas e Pará, se acha demonstrada possível, posto que por ora as muitas Cachoeiras do Arinos, e a grande quantidade de Indio bravo, que habita as suas margens, não animem a estabelecer-se esta Navegação, tanto mais que a Navegação do Cuyabá para S. Paulo por varios rios terminando no Paraná e Ti-été offerece taes vantagens, que os Navegantes do Cuyabá preferem em geral a communicação com S. Paulo á que poderião ter com o Pará. Para o fim de evitar nesta Navegação os Rios Pardo e Cochim, que são muito trabalhosos e perigosos, acaba este Governador de ordenar humã expedição, que descendo o Rio Cuyabá deve entrar pelo Rio São Lourenço, e subindo por este deve entrar na sua margem esquerda no Rio Pésqueira, subir até ás suas cabeceiras, a procurar o melhor varador, e mais curta passagem deste Rio para o Tucariu, e descendo esta entrar no Paraná, e d'ahi a foz do Ti-été, e segundo todas as informações, que procurou e obteve, espera que vencerá todas as difficuldades, e que deste Plano resultarão vantagens, que ás pagarão com usura pelos grandes interesses, que não de resultar para o Commercio, e felicidade dos Póvos daquella Capitania.

### E C O N O M I A.

Na Sessão da Sociedade de Agricultura de Versailles, de 6 de Dezembro de 1811, MM. Robert, Leroux, e Fremes, relatarão

ensaios, muitas vezes repetidos, a fim de verificar se a semente do Lirio (*Iris Pseud-Acorus*) pôde substituir o Café, como se tem pretendido. O resultado destes ensaios he que este grão nem ao Café de mais baixa qualidade se assemelha. Os Relatores pensão, com Mr. Euillon Lagrange, que esta differença proviesse de que o *Iris* não contém aquelle óleo volátil, cujo aroma no Café tão agradavelmente lisongea o paladar dos amadores desta bebida.

“*Torres Novas 20 de Novembro de 1811.* — Já em outro tempo communico ao Governo hum methodo para economisar o trigo: consiste em fazer entrar em 18 moios de pão 12 de batatas; só estas pôdem dar hum pronto fornecimento ao Reino; mas he preciso saber-se ligar huma parte de trigo com duas de batatas, para não haver desperdicio na massa. Este negocio he da maior importancia, e creio que se pôde descobrir hum pão para a tropa, capaz de durar hum mez sem corrupção.

## AGRICULTURA.

“*Rio de Janeiro.*”

**P**UBLICOU-SE hum Alvará em data de 18 de Setembro de 1811, junto com a Carta Régia de 20 de Julho de 1810 ao Governador, e Capitão General da Ilha da Madeira; Permittindo (naquelle) o emprazamento dos baldios, ou pertencentes á Corôa, ou a Morgados, e Capellas, em beneficio dos Habitantes das Ilhas da Madeira, e Porto Santo, Açores, Cabo Verde, S. Thomé, e Príncipe; e dispensando (nesta) a beneficio dos Habitantes da Ilha do Porto Santo no Alvará de 3 de Julho de 1766, e dando varias Providencias, tanto a favor da Cultura das Terras, e Praias; como das Pescarias.

“*Porto 24 de Novembro de 1811.* — Na distancia de nove léguas desta Cidade fica a grande gandra d’Albergaria, que toda ella he capaz de dar, em lugar de pão, açafraão; e he além disso facil a sua cultura, por não ter pedras; bastava metter-lhe a charrua, ou o arado, e daria tudo o que lhe semeassem; e attendendo á sua grandeza, a quantidade do pão, que se recolhesse, seria immensa. Em geral só a 3.<sup>a</sup> parte de Portugal está cultivada; não fallando nos desfiladciros, penhascos, nos terrenos necessarios para matos, e pastos de gados. A principal causa da falta de cultura de tantos terrenos he a pobreza, que ha nas Aldeas, e em muitas Villas; a maior parte de seus habitantes tem

poucos ou nenhuns cabedae. E quando algum os tem seus, ou emprastados, e quer emprazar a S. A. R. por Provisão Régia qualquer baldio (para o que se offerece pouca gente por causa das muitas difficuldades), logo os donos das terras cultivadas, que ficam ao pé do dito Baldio, vão enredar e embrulhar tudo com sofismas e falsidades perante a Camera, e o Corregedor, de maneira que mui frequentemente o emprazamento não tem lugar.

---

## MINERALOGIA.

A Classe das Sciencias Físicas e Mathematicas do Instituto de França nomeou para o lugar de Socio Estrangeiro, vago por morte de M. Pallas, o célebre Mineralogista M. Werner de Freyberg na Saxonia. Os Mineralogistas da Europa estão divididos em dous systemas de Mineralogia, dos quaes hum tem por Autor M. Haüy, e o outro a M. Werner.

---

## FISICA.

A 30 de Janeiro do anno corrente, ao nascer do Sol, notou-se do Observatorio de Vienna d'Austria huma cousa mui singular no Ceo. O horisonte estava claro, mas o Sol apresentava-se envolvido em huma ligeira nuvem. A direita, e á esquerda deste astro, a huma distancia pouco mais ou menos de 30 grãos, vião-se duas cintas mui luminosas, perpendiculares ao horisonte, e tão altas como o Sol. A medida que este se levantava, as cintas se prolongavão, e se dirigião para elle, como para se reunirem. Ellas finalmente se fizerão grandes Arcos, como o Iris, dos quaes a extremidade superior tocava o Sol: sua luz se desvanecceo pouco a pouco: ás nove horas tinhão desaparecido inteiramente os Arcos.

“Hum dos maiores Genios, que tiverão os Francezes no Seculo passado, porém que infelizmente nem sempre soube empregar os seus talentos e luzes a bem da humanidade, se explica da maneira seguinte a respeito dos seus compatriotas.

Vós tendes, (*falla dos Francezes*) inventado algumas modas, ainda que sigais escrupulosamente as Inglezas. Não foi porém hum Genovez, que descobrio a quarta parte do Mundo, onde vós possuís apenas duas ou tres pequenas Ilhas? (*Hoje nem hum palmo de terra.*) Não foi hum Portuguez que vos descobrio, e abriu o caminho das Indias Orientaes? Dizeis que sois o primei-

ro povo do Mundo para a invenção das Artes: comtudo não he a João Goya de Melphi que se deve a descoberta d'agulha de marear? Não foi o Alemão Schwartz, que deo o segredo de fazer a polvora? A imprensa, de que fazeis tanto uso, não he o fruto do trabalho engenhoso de outro Alemão? Se quando quereis ler as brochuras, que faz a vosso respeito certo povo sábio, vos servís de oculos, agradecei-o a Francisco Spina, sem o qual nunca teríeis podido ler os pequenos caracteres. Se tendes Telescopios para observar as montanhas da Lua, agradecei-o a Jaques Mitius Hollandez, e a Galileo o Florentino.

Se tendes barometros, e thermometros, a quem deveis esta obrigação? a Torielli, que inventou os primeiros, e a Drebellius, que inventou os segundos.

Os Logarithmos são devidos ao trabalho prodigioso de Milord Neper, e seus associados; e he a Guerik de Magdebourg, que deveis agradecer a máquina pneumática.

Foi o mesmo Galileo, que primeiro descobriu os Satélites de Jupiter, as manchas do Sol, e a sua rotação sobre o eixo. O Hollandez Huyghens vio o anel de Saturno; hum Italiano vio os seus Satélites, quando vós ainda estaveis inteiramente cegos.

Foi o grande Newton, que vos demonstrou o que era a luz, que vos descobriu a grande lei, que faz mover os astros, e que dirige os corpos pesados para o centro da terra.

Intitulais-vos o primeiro povo do Mundo! Porém se desejaís ornar vossos Gabinetes com bellas estampas, lembrai-vos que o Florentino Finiguerra he o Pai desta Arte, que eterniza o que o pincel não pôde conservar. Se tendes bons relógios he ao Hollandez Huyghens, que deveis esta, huma das mais bellas invenções, de que os homens se podem gloriar.

Vossos dedos andão cheios de brilhantes; menos luxo, e nem tanto orgulho; lembre-vos que foi em Veneza, que pela primeira vez se soubérão lapidar; como igualmente imitar as perolas.

Os Espelhos fazem as delicias do vosso amor proprio, e do vosso mais asiatico luxo; porém não foi em Paris que pela primeira vez se fizerão, mas sim em Veneza.

Assim fallava dos seus Nacionaes hum homem, que nada tinha a queixar-se delles. „

---

## M E D I C I N A.

**E**M Copenhague não houve hum só caso de bexigas ordinarias em todo o anno de 1811, em consequencia dos rápidos progressos, que pelos cuidados do Governo a Vaccina ahi tem feito.

Deo-se em nome do Governo Francez huma Medalha ao Dr. Reumont, que estudou a vaccinação com Jenner mesmo, e foi o primeiro, que a praticou em seu Paiz natal. Outra ao Dr. Bardenhener, que vaccinou o maior numero de pessoas. Outra ao Parocho Delterem, que vaccinou elle mesmo muitos individuos.

Por Decreto do Principe Regente N. S. de 2 d' Outubro de 1811, permittindo-se a invenção, e manipulação de quaesquer agoas febrifugas; *agoa d' Inglaterra* só se póde denominar a que se manipula na *Real Fábrica d' agoa d' Inglaterra*, (nome, que só esta Fábrica póde ter) de José Joaquim de Castro.

*Balanço da Hospital Real de S. José de Lisboa do mez de Janeiro de 1812.*

Doentes.	
Ficarão do ultimo de Dezembro de 1801 . . . . .	576
Entrarão em todo o mez de Janeiro . . . . .	593
	Somma — 1169
Sahirão curados . . . . .	428
Falecerão . . . . .	164
	Somma — 592
Ficarão no Hospital, no ultimo de Janeiro . . . . .	577
Morreo pouco mais da septima parte.	

Dinheiro.

Saldo do ultimo de Dezembro . . . . .	Rs. 12:792:693
Receita em todo o mez de Janeiro . . . . .	1:701:091
	Somma — 14:493:784
Despeza em todo o mez de Janeiro . . . . .	6:507:141
Saldo para Fevereiro . . . . .	7:986:643

*Se soubessemos o número das existencias diarias, diriamos quanto em totalidade cada hum dos doentes importou diariamente á Fazenda do Hospital; mas não sabemos.*

ad “Rio de Janeiro 6 de Novembro de 1811. — Para convencer o genero humano da utilidade da Vaccina, será a proposito mostrar aõ nossos Leitores, que alguns Póvos grosseiros e incultos a conhecem, e apreciação; sem que para isso tenham sido ensinados por pessoas de profissão. Isto, que parece hum paradoxo, achase provado por factos em a célebre obra de Mr. Humboldt, intitulada: Ensaio Politico sobre o Reino da nova Hespanha. Eis-aqui como o Autor se explica.,”

“Descobrio-se accidentalmente no decurso da mesma epidemia (as bexigas) que o benefico effeito da Vaccina era conhecido, ha muito, pelos Camponezes das Andas do Perú. Hum escravo negro tinha sido inoculado para bexigas na casa do Marquez de Valleumbroso, e não mostrou symptomas da molestia, hia-se-lhe a repetir a inoculação, quando o rapaz disse: que estava certo de nunca ter bexigas, porque ordenhando as vaccas nas cordilheiras das Andas, elle tinha tido huma especie de erupções cutaneas, causadas, como dizião os vaqueiros Indios, pelo contacto de certos tuberculos, que algumas vezes se achão nas tétas das vaccas. Aos que tem tido erupção, disse o negro, nunca se lhes apegão as bexigas. Os Africanos, e especialmente os Indios, desenvolvem grande sagacidade em observar o caracter, habitos, e molestias dos animaes com quem vivem. Por tanto, não nos devemos admirar, que introduzindo-se na America o gado vaccum, a gente do vulgo, observasse, que as pustulas nas tétas das vaccas communicavão aos vaqueiros huma especie de bexigas benignas, e que os que huma vez tinham sido infectados por ellas, estão livres do contagio geral no tempo, em que a molestia he epidemica.,”

---

*Caso dos bons effeitos da Datura Stramonium na Asthma, communicado por Mr. J. Downing, Cirurgião Inglez.*

Mr. J. C., Medico, 42 annos de idade, estatura mediana, gordo, padece, ha muitos annos, tósse, e difficuldade de respirar. Começou, ha quatro annos, a ser atacado de distinctos paroxismo d'Asthma, que progressivamente tanto se augmentarão, que elle justamente tinha o maior receio de suffocar-se, quando se deitava. Nestes ultimos tres annos tem sofrido regularmente paroxismos de tres, e quatro semanas, com poucos mezes d'intervallo; padecendo nos mesmos intervallos grande difficuldade de respiração. Em todo este tempo de molestia tem tomado varios remedios applicados já por elle mesmo, já por outros nuitos, e muito bons Medicos, e em tres annos experimentou, sem o mais

leve beneficio, todos os artigos da Materia Medica recommendados para tal molestia. Ha hum anno, em hum violento paroxismo, elle começou a cachimbar o *Stramonio*; os symptomas começaram immediatamente a diminuir; e repetindo este remedio huma ou duas vezes por dia, acabou o paroxismo inteiramente. Algumas vezes elle he agora atacado de noute; levanta-se; cachimba o *Stramonio*; e a difficuldade de respirar ou acaba de todo, ou diminue de maneira, que elle se pôde deitar e dormir. Desde que Mr. J. C. faz uso deste remedio não teve mais ataque regular d'Asthma; e sua respiração habitual está tanto melhor, que elle espera restabelecer-se inteiramente pela continuação deste remedio. O *Stramonio* não affecta nem o estomago, nem a cabeça deste doente; parece obrar exclusivamente sobre os órgãos da respiração (\*).

*Relação dos symptomas, e bem succedido tratamento de huma Rapariga, que tomou grande quantidade de Laudano: communicada por Mr. J. H. Murley, Cirurgião Inglez.*

Huma Rapariga, 20 annos de idade, em 15 de Julho de 1811, tomou 10 oitavas de Laudano perto das onze horas da manhã, desgraça, de que não houve noticia senão pelas duas horas da tarde. Todo o Laudano se tinha conservado no estomago, a pesar de ter a Rapariga tomado não pequena quantidade de sulfato de zinco. Quando eu a vi pela primeira vez, tres horas da tarde, pouco mais ou menos, estava ella inteiramente insensivel, e mui convulsa: suas mãos, e queixos estavam firmemente apertados: seu rosto de huma palidez medonha. Como o sulfato de zinco não tinha produzido effeito, deo-se-lhe huma dissolução de sulfato de côbre com alguma ipecacuanha de dez em dez minutos até que vomitou. Irritárão-se-lhe constantemente fontes da cabeça e ventas com ammoniaco, e depois de ter tomado tres doses da dissolução chegou a vomitar: isto despertou-a hum pouco. Encostada a duas pessoas, ou antes arrastada por ellas, pôz-se a passear pelo Quarto sem descansar, e promoveo-se o vomito com bebidas d'agoa quente. No flúido, que vomitava, não havia o mais

(\*) Não he unica esta observação da utilidade da applicação tópica, por via de vapores, do *Stramonio* ao hófe dos asthmaticos: ha já muitas, de que nós iremos dando conta.

O Respirador de Mugde, de que já fizemos menção no nosso primeiro Num. pag. 28 parece-nos melhor meio para esta qualidade de applicações, do que o cachimbo.

leve cheiro ou semelhança de Laudano. Ella queixava-se de hum sonolencia invencivel, e de fraqueza de joelhos; pedia que lhe permitissem deitar-se, porque lhe era impossivel passear. Repetio-se o emetico, Laudano porém não appareceo. Concluida a accção do emetico, fiz-lhe beber hum consideravel quantidade de vinagre e agoa, conservando-a sempre a passear, ou ao menos em alguma agitação. Finalmente a sonolencia foi diminuindo, e á boca da noute, pouco era já necessario que a ajudassem a passear; mostrava-se porém multissimo exaurida de forças. Deo-se-lhe então hum mistura com ammoniaco, e permittio-se-lhe o metter-se na cama; mas em toda a noute a despertavão, e muito a miudo. Na manhã seguinte ella se queixava de muita dôr e confusão de cabeça, com adormecimento das extremidades, e mui teimosa constipação de ventre. Applicou-se-lhe então hum grande caustico sobre as espadoas, e derão-se-lhe largas dôses de purgantes, mas sem o effeito, que se desejava. No fim da tarde ordenei que se lhe fizesse hum fricção ao ventre com sal, e se fomentasse; isto produziu hum copiosa descarga. O adormecimento das extremidades inferiores continuava, e tambem o effeito involuntario da diurese; applicarão-se-lhe sinapismos aos pés, que lhe fizerão algum bem. A doente conservou-se alguns dias em hum estado mui lethargico, com dôr de cabeça, falta de vista, e constipação de ventre. Todos estes incommodos forão diminuindo com o uso de purgantes, e a Rapariga acha-se hoje perfeitamente bem (\*).

(\*) Pela presente observação, e pela de muitos outros, e mui respeitaveis Práticos, quando o opio, ou por quantidade, ou por outras circumstancias obra como veneno, deve-se:

1.<sup>o</sup> Vomitar: com esta operação sahirá do estomago o opio, que ainda estiver em estado de sahir; e irritar-se-hão o estomago, e todos os systemas abatidos pelo opio.

2.<sup>o</sup> Tomar-se-hão, na maior quantidade, que as circumstancias permittão, o vinagre, e todos os ácidos diluidos, já se sabe, em agoa. Tendo a observação e a experiencia mostrado, que os ácidos são poderosos correctivos dos effeitos do opio.

3.<sup>o</sup> Sobrevindo grande abatimento, os estimulantes externos tem lugar, em quanto internamente se applicão os ácidos: e tem lugar assim externa, como internamente, quando os ácidos nada poderão já corrigir, ou restou ainda algum abatimento.

Farther Inquiries into the changes indoced on atmospheric Air, by the germination of seeds, the vegetation, of plants, and Respiration of animals. By Daniel Ellis 8vo. 1811. pp. 375.

*Continuação das Indagações sobre as mudanças feitas no Ar atmosférico pela germinação de sementes, vegetação de plantas, e respiração de animaes. Por Daniel Ellis.*

(Continuado da pagina 32)

Ellis, nesta segunda parte de sua publicação, faz algumas addições aos differentes capitulos, de que a primeira parte se compõe.

A respeito do 1.º capitulo informa, por autoridade de Woodhouse, Senebier, e Scheele, que as sementes durante a germinação absorvem agoa, e expandem-a com huma força capaz de vencer huma mui grande resistencia mecanica: que o ar, em que as sementes germinão, não muda em quantidade; porém que o seu oxigenio se converte em gaz acido carbonico: continúa a pensar, que as sementes em germinação, produzem carbonio, que se combina com o oxigenio do ar externo ás sementes, a formar aquelle gaz.

Retoca o 2.º capitulo da primeira Publicação, accrescenta cousas relativas á mudança, que a vegetação das plantas executa sobre o ar; e com este retoque e addições faz a maior parte desta segunda Publicação.

He hoje certo, que todos os individuos (sem excepção de hum só) assim em vida, como depois de mortos, com tanto que não esteja ainda inteiramente desfeita a sua organização, absorvem oxigenio, e produzem gaz acido carbonico; ¿Que caminho levou o gaz oxigenio, que desapareceo da atmosfera da planta? ¿Aonde se fez o encontro, e a combinação do gaz oxigenio com o carbonio a produzir o gaz acido carbonico?

O gaz oxigenio, que desapareceo da atmosfera da planta, ou, sem entrar na planta, se combinou com o carbonio, que a planta tinha de si emittido, e formou assim o gaz acido carbonico; ou entrou na planta. Não se vêem mais caminhos, que tal gaz oxigenio podesse tomar.

Não he a razão, he a natureza, que deve consultar-se, por bem feitas experiencias, sobre taes questões; a razão sirva sómente para suspeitar, perguntar, e entender as respostas.

De huma unica experiencia se tirão ás vezes muitas, differentes, e importantes verdades: he necessario não perder nada, do que a experiencia mostra, seja no que precisamente se busca;

como em tudo o mais. Verdades encontradas ao acaso, e mui insperadamente, tem servido muitas vezes de bons fundamentos a bons systemas naturaes.

Parece a Ellis que o oxigenio não entra na planta, mas que na sua atmosfera se encontra com o carbonio, que da planta se emite, e ali se fórma o gaz acido carbonico. Ellis não tem desculpa nesta sua conjectura: as suas experiencias dão lugar a huma differente, e mesmo opposta; mas esta mesma devia confirmar-se pela experiencia, aliás-bem facil, sobre esta materia.

Ellis experimenta, que as plantas não vivem em atmosfera de gaz acido carbonico puro; e porque morre a planta? e porque tem na sua atmosfera maior quantidade de gaz acido carbonico do que lhe convém, ou porque lhe falta o gaz oxigenio, de que precisa? No primeiro caso pôde conceber-se que o gaz acido carbonico ou embaraça a excreção de mais acido carbonico, de que a planta, para viver, deve descarregar-se: ou toca de huma maneira fatal a superficie da planta. No segundo caso falta ao interior da planta hum principio tão geral, e tão estimulante, para o Reino vivo. Esta segunda conjectura he, no nosso modo de pensar, muito mais plausivel.

Ellis experimenta ainda mais que em todos os casos a planta morre, se se mette em huma atmosfera de puro gaz nitrogenio (\*) com huma pequena quantidade de gaz acido carbonico. Esta experiencia he mui pouco demonstrativa a respeito do gaz acido carbonico; sendo já de eterna verdade, que a planta morre em lhe faltando o gaz oxigenio; e elle falta absolutamente nesta experiencia. Ellis não attende senão ao objecto da sua experiencia; ommitte todas as outras considerações. Nesta não havia gaz oxigenio; havia muito pouco de gaz acido carbonico: nós achamos

---

(\*) Não acho recebido entre os Chimicos o termo *gaz nitrogenio*. No estabelecimento da nova nomenclatura chimica procurou-se por muito tempo o melhor nome para a substancia conhecida hoje pelo nome de *gaz azote*. Sabendo-se que tal substancia entrava na formação do alkali volatil, ou ammoniaco, lembrava chamar-se-lhe *alkaligenio*. Vendo-se que entrava na composição, e era o radical do acido nitrico, lembrou chama-la *nitrigenio*: conveio-se finalmente em que não havendo mais razão para excluir huma, que outra circumstancia, e para evitar todo o erro, de que havia risco, dando-se-lhe nome com idéa systematica, deo-se-lhe o de *azote* (d' a privativo dos Gregos, e *ζωή* vida), que não exprime senão hum factó, ou antes huma propriedade, a incapacidade de manter a vida dos animaes, que o respirão.

Qual será pois a razão, porque Ellis rejeitou o nome de *gaz azote*, e usou do de *gaz nitrogenio*? Porque seria trocar mesmo o *nitrigenio*, de que Lavoisier se lembrou, por *nitrogenio*?

que a planta não morreria no mesmo momento, em que a mettessem em tal atmosfera: examinando-se depois os contentos da mesma atmosfera, se se achasse maior quantidade de gaz acido carbonico, do que lá se introduzio, tinha-o a planta emittido certamente.

Se Ellis quizesse inteiramente desenganar-se se o gaz acido carbonico da atmosfera da planta era emittido por ella, ou formado da combinação do carbonio, que ella emittisse, com o gaz oxigenio, que preexistisse na atmosfera da planta, não tinha mais, que fazer á planta huma atmosfera de puro gaz azote, ou de puro gaz hydrogenio: he provavel que a planta não morresse no mesmo momento. Se naquella atmosfera apparecesse depois gaz acido carbonico, ficava fóra de dúvida que a planta o tinha emittido; se não apparecesse, mais provavel ficava a sua conjectura.

Lavoisier ensinou já que o gaz acido carbonico, que se manifesta na respiração, parece mais hum producto do acido carbonico preexistente na massa dos humores animaes, que formado fóra.

Spallanzani (\*) tratando ha muitos annos do mesmo, de

(\*) He huma pena que pela prematura morte de Spallanzani ficassem privados da obra, que elle mesmo nos promettia sobre respiração: he provavel que vissemos nella a corrida toda a escala do mundo vivo; e estabelecido por experiencias tudo, o que Ellis se propõe.

Ellis promete indagar nesta obra as mudanças, que o ar sofre da parte, não só dos vegetaes, mas dos animaes; a respeito destes porém he muito escaço; resolvemos por isso dar desligadamente os resultados, que mais importão á materia em questão, das experiencias de Spallanzani; elles encherão grandes lacunas na obra, que estamos extractando, e sobre que reflectimos; e servir-nos-hão de grandes argumentos, posto que d' analogia, sobre o lugar da formação do acido carbonico pela vegetação.

Todos os vermes, tivessem, ou não, órgãos para a respiração, absorvião todo o oxigenio da atmosfera, ao menos como o Phosphoro de Kunkel o absorve. — A pelle substituiu os pulmões, aonde os não havia. — Depois de mortos absorvião o oxigenio, como em vida. — Mesmo durante a putrefação, e até que se reduzissem a huma decomposição quasi completa, o oxigenio se absorvia. — Reduzião-se por ebullição os vermes a hum estado, em que suas partes ficavão juntas; a absorção do oxigenio fazia-se. —

Na atmosfera de gaz oxigenio puro formava-se gaz acido carbonico, absorvia-se gaz oxigenio, mas sem razão certa. — Algumas vezes consumio-se  $\frac{1}{4}$  de gaz oxigenio; e formárão-se 5 ou 6

que Ellis agora trata, depois de estabelecer por innumeraveis experiencias, obra da sua mão, que na extensa cadeia dos animaes

centessimas de gaz acido carbonico: sendo a atmosfera só de gaz oxigenio. — Na experiencia com o ar commum, era ordinario apparecerem 2 ou 3 centessimas de gaz acido carbonico, em lugar de 27 de gaz oxigenio, que todas se consumião.

Sendo varias as especies de vermes mortos de pouco, e introduzidos, huns em huma atmosfera pura de gaz azote, outros de gaz hydrogenio, sempre appareceo gaz acido carbonico; e algumas vezes em quantidade muito maior, do que quando se introduzião em ar commum. — He pois mais que certo que o gaz acido carbonico formado nestas experiencias, não se deve ao gaz oxigenio da atmosfera, porque lá o não havia: deve-se ao oxigenio existente no animal.

Alguns vermes podem viver horas em gaz azote, e hydrogenio. Mettidos alguns delles, providos de órgãos proprios para a respiração, em atmosfera de gaz azote, outros na de gaz hydrogenio, outros na ordinaria, em todos os casos appareceo, com pouca differença, a mesma quantidade de gaz acido carbonico.

Passando, e subindo de vermes para insectos, todos elles, tanto vivos, como depois de mortos, e em quanto se corrompião mesmo, absorvião o oxigenio, em vida porém esta absorção fazia-se com huma singular rapidez, e muito maior que nos mortos. — Huma larva do peso de alguns grãos se apropriava tanto oxigenio, como hum amphibio mil vezes mais volumoso; pelo prodigioso numero de vias aereas disseminadas por toda ella.

Peixes. Mettidos em pequena porção d'agoa, que se não renove, em pouco tempo vem respirar á superficie d'agoa, e morrem nesta agoa ás vezes mais depressa, que em secco no ar livre.

Com os amphibios succedia o mesmo, que com os peixes, insectos, e vermes. — Amphibios podem viver dias sem pulmões, boa circumstancia para estas experiencias. — O oxigenio, que os amphibios absorvião pelos pulmões, era em muito menor quantidade que o absorvido no mesmo tempo pela pelle. — Algumas especies de amphibios vivêrão mais no ar livre sem pulmões do que em gazes mephiticos com pulmões: e mais depressa ainda morrião se se lhe envernizasse a pelle: porque nem o gaz oxigenio podia entrar, nem exhalar-se o acido carbonico; e ambas as circumstancias são necessarias... — Mettido o corpo dos amphibios em diferentes atmosferas, ficando-lhes a cabeça de fóra, e a respirarem ar livre, estabeleceo-se assim a proporção entre o oxigenio inspirado pelos pulmões, e pela pelle. — Fez-se o mesmo a algumas aves; e promettia Spallanzani dar conta de tudo em huma obra; promessa, que não cumprio, porque as sciencias da natureza sofrêrão por esse tempo o terrivel golpe da sua morte.

desde os degnimenos animalidade, até aos mames, nem hum individuo haviã fosse de respiração necessaria, arbitraria, ou não

Aves absorverão oxigenio por todas, e cada huma das suas partes, pelle, musculos, cerebro, e todas as visceras. —

Sp. manteve em casa muitos annos as 3 especies de animaes, que ha na Italia, dos que o frio faz lethargicos, ou que, como se diz, dormem d'inverno; estudou seus habitos, e tudo quanto pôde interessar sua historia; vivendo com elles pelas diversas estações do anno, tendo presenciado todos os seus estados naturaes, etc. —

Sujeitos á experiencia animaes, hiberando de maneira que a respiração estava inteiramente interrompida e suspensa, em gaz azote (visto que este nem sabe, nem entra); se a temperatura era muito baixa, não se formava gaz acido carbonico; mas em temperatura mais elevada 12½ gr., appareceo algum gaz acido carbonico; logo pela pelle sahio este gaz. — Mettidos, no mesmo estado lethargico, em atmosfera ordinaria, consumio-se gaz oxigenio, e formou-se gaz acido carbonico: não havendo respiração, tudo se fez pela pelle. — Persuade-se Sp., e por motivos fortes, que o oxigenio he absorvido pela casca do ovo, e d'ahi passa ao seu interior a fim de o vivificar. — Está demonstrado que os animaes em vida consomem continuamente o gaz oxigenio de huma maneira independente do pulmão; e assim mesmo depois da morte...

Nem todas as partes do animal absorvem oxigenio na mesma proporção.

A bile he a que menos o absorve; depois o sangue; e o que he bem contra o que se tem dito.

Entre os caracoes quaes absorvem mais oxigenio, os vivos, ou os mortos? Os vivos consumião 0, 20, em quanto os mortos consumião 0, 4, e quando muito 0, 6.

Hérissant sustentou que as conchas dos caracões são de duas substancias; a de fóra terrea, e a de dentro organica, que se comunica com o molle do caracol por ligamentos. As conchas absorverão tambem gaz oxigenio, produzirão gaz acido carbonico, de azote nada.

As conchas dos caracões depois d'annos absorvião o oxigenio; com tanto que não tivessem ainda perdido toda a fórmula organica; porque então não.

A absorção do gaz oxigenio era nas conchas na razão inversa do grão da sua desorganisação.

Humboldt demonstrou que a combinação íntima do oxigenio com as fibras dos órgãos animaes he a causa da irritabilidade.

O calor da Primavera anima os caracões: o augmento de movimento em seus flúidos circulantes favorece a exhalação do hydrogenio, e do acido carbonico, e renova a força chimica attraente do oxigenio.

tivesse pulmões, vivesse elle no ar, sobre a terra, debaixo della, cu das agoas, tendo Spallanzani estabelecido, digo, que ne-

Certos vermes e suas conchas absorvem gaz oxigenio, e gaz azote, menos quantidade do segundo, que do primeiro, e produzem acido carbonico.

Lavoisier notou em algumas experiencias, que começou sobre a digestão, que o gaz acido carbonico se desenvolvia da massa alimentar até o momento da formação do chilo; Que prestimo teria este acido senão passar ao sangue? Será esse o que depois sahe pela pelle, e respiração.

Spallanzani foi da mesma opinião depois de experiencias suas; da materia alimentar desenvolve-se grande quantidade de acido carbonico, durante a digestão, que provavelmente passará para o sangue, sahirá do corpo pela respiração e pelle.

Os caracoes dão mais acido carbonico, tendo comido, do que em jejum.

Alguas experiencias, mas poucas, nos caracoes derão a Spallanzani em certas circumstancias consideravel quantidade de gaz azote.

Sahe mais azote tendo-se comido bem, ou estando para morrer; no primeiro caso porque entrou mais; no segundo porque a machina se vai dispondo para a sua decomposição.

A análise chimica mostrou a Spallanzani que o ovo tinha, além das membranas externa e interna, ambas vasculares, mais três membranas; huma por de trás da interna, outra, que acompanha a externa vascular, e a terceira meio occulta debaixo da parte calcaria da casca.

As experiencias sobre os ovos fizeram patente que elles absorvem o oxigenio, produzem gaz acido carbonico, e que o gaz azote lhe he indifferente. — As experiencias sobre a casca sómente dão resultados semelhantes, o que confirma, que a casca do ovo he organizada.

Ha muitos animaes, que morrem debaixo d'agoa, não obstante não terem naturalmente cavidade destinada á entrada do ar.

A respeito de absorver oxigenio parecem-se os animaes de sangue quente e frio; a differença he só na rapidez: mas em recompensa hum quadrupede, ou ave morre deixando ainda algum gaz oxigenio; e hum caracol só morre, quando tem inteiramente consumido o oxigenio.

Os quadrupedes, e as aves não consomem mais que até o, 19 das o, 27 do gaz oxigenio da atmosfera; d'ahi para baixo morrem; a razão he a grande quantidade de gaz acido carbonico, que se fórma, e os mata. Se o acido carbonico logo que se fórma, se vai absorvendo por algum alkali caustico, assim mesmo sobre-existem á morte algumas centissimas de gaz oxigenio.

nhum individuo vivo, ou ainda depois de morto, depois de começar a corromper-se, ou chegar mesmo a alto ponto de corru-

He evidente a connexão do gaz oxigenio com a vida. A vida depende principalmente do movimento do coração, e este movimento da acção immediata do gaz oxigenio.

Spallanzani segue que a irritabilidade do coração depende essencialmente da combinação do oxigenio com sua fibra muscular; aonde he levado no homem pelo sangue.

Por Humboldt o acido muriatico oxigenado he hum poderoso estimulante da irritabilidade animal. O coração de huma rãa, insensivel a todo o estimulo, pôz-se em contracções á applicação do acido muriatico oxigenado.

Os animaes a hibernar, e no seu profundo lethargo, não gastão oxigenio, nem morrem no gaz acido carbonico; neste caso ha huma perfeita suspensão de vida, mas de morte não ha nada.

O mecanismo da respiração não pôde generalisar-se na totalidade dos animaes: he necessario estudar separadamente cada huma das especies.

Jurine de Genebra provou por experiencias, que o ar expirado pelos homens augmentava a quantidade de gaz azote. — *Não vem confirmadas estas experiencias.*

A fibra de todo o animal, Insectos, Peixes, Quadrupedes oviparos, Serpentes, Aves, Quadrupedes viviparos, Homens mesmo tem força absorvente de oxigenio: os pulmões não consomem senão huma parte do oxigenio da atmosfera; o resto he consumido pela superficie externa de cada animal.

Assim como todos os animaes, e todas as partes de animaes sujeitos ás experiencias de Spallanzani, (menos os profundamente lethargicos pelo frio) absorvem oxigenio, e produzem gaz acido carbonico, he de conjecturar que a todos os individuos do Reino animal succeda o mesmo. Em Fisica porém, e em Chimica, nunca he permitido suppôr o que se pôde determinar por experiencias directas.

Em regra geral, a absorção do oxigenio está na razão directa do grão de calor do ar, em que os animaes vivem.

O gaz oxigenio, que fórma a parte a mais preciosa do ar, deveria diminuir, e produzir a morte do Reino organizado: mas as observações eudiometricas ensinão que a massa do gaz oxigenio atmosferico se conserva inalteravelmente a mesma. He necessario que a Natureza tenha meios para compensar exactamente esta destruição infinita do gaz oxigenio; a conservar huma balança exacta entre a morte dos vegetaes, e dos animaes, e as suas reproduções.

Senebier e Ingenhouz mostrão que os vegetaes, expostos á luz solar, derramão na atmosfera huma prodigiosa abundancia de

ção, com tanto, que ainda conservasse alguns restos de organização: tendo Spallanzani, digo finalmente, demonstrado por ex-

gaz oxigenio. Mas contemplando que os animaes consomem gaz oxigenio pelo bofe, e por toda a pelle, na vida, e na morte, e mesmo até apodrecerem completamente, não só quando inteiros, mas ainda quando feitos em pedaços; sendo o Reino animal muito mais extenso que o vegetal, não derramando os vegetaes suas bemfazejas influencias na atmosfera senão em certas estações, e quando estão verdes; custa a conceber, que tantas perdas possam ser compensadas pelas plantas: parece necessario reccorrer a alguma outra fonte constante deste gaz vital. Tenho-me lembrado pois (diz Spallanzani) que, como nada se perde na Natureza, os animaes possuirão talvez este meio de restituir á atmosfera o gaz oxigenio, que lhe tinhão roubado.

Ao mesmo tempo Dumas em França, e Beddoes na Inglaterra estabelecêrão, e multiplicárão muito suas experiencias, sobre o nosso objecto, em cães, animaes de constituição mais semelhante á nossa, que os animaes de Spallanzani. Inspirado o gaz oxigenio puro algumas horas por dia, augmentava-se primeiramente a acção do coração, e das arterias, davão-se a todos os órgãos mais força, e agilidade, aos musculos huma força maior para contrahir-se, e a tudo huma sensibilidade mais exquisita. Se erão muitos os dias, porque a experiencia se continuava, era sensível seu estímulo sobre os pulmões; inflammavão-se, ulceravão-se, e produzia-se a tísica. Respirando-se gaz acido carbonico, o que precisava dexteridade a fim de que o cão não morresse na experiencia, e logo, os effeitos erão de abatimento a todos os respeitos, não só nos pulmões, mas em toda a constituição; todos os fenómenos erão consequentes, e a morte infallivel. Na respiração de gaz hydrogenio, ou de gaz azote puros, o animal tambem morria; mas parecia que só por falta de oxigenio: a estes gazes não se podia imputar virtude deleteria. O gaz hydrogenio carbonisado porém era, e muito, venenoso para o bofe.

Os resultados pois destas experiencias podem servir d'addição á Obra d'Ellis. Póde avançar-se com quasi certeza que não ha vida sem absorção d'oxigenio, e producção de gaz acido carbonico: póde aventurar-se, sem temeridade, que o acido carbonico se fórma na constituição, ou no interior do ente vivo, e se reduz a gaz pela sua perfeita saturação de calorico, em qualquer parte, aonde o encontre.

He notavel que o animal, como se diz, hibernando perfeitamente, nem absorva oxigenio, nem produza gaz acido carbonico: segundo as actuaes doutrinas, taes animaes, em taes circumstancias, não só não tem a vida animal, mas nem ainda a vida organica; nem tambem póde reputar-se simples-materia a materia,

perencias, que he como se demonstrão as cousas da natureza, que todo o individuo organizado consome essencialmente oxigenio, e produz gaz acido carbonico: Spallanzani, como Ellis, pergunta: *Est-elle (consonnation du gaz oxigene) produite par l'absorption de sa base; ou plutot par sa combinaison avec le carbone, qui s'exhale de ces animaux.* „ Como he que desaparece o gaz oxigenio? Absorve o animal a sua base (oxigenio); ou combina-se elle com o carbonio, que se exhala do animal?

O mesmo Spallanzani se responde “*Je me trouve autorisé à assurer aussi par le fait dans d'experience du gaz oxigene, que ce gaz abandonne aussi sa base à l'organe cutané des animaux, qui l'absorbe.* „ Experiencias me autorisão a certificar que o orgão cutaneo dos animaes recebe a base do gaz oxigenio. — *J'ai prouvé (o mesmo Spallanzani) que l'acide carbonique n'est pas le resultat de la combinaison de l'oxigene d'air avec le carbone des animaux... Sort tout formé hors de ces vers.* „ Tenho provado que o acido carbonico não he o resultado da combinação do oxigenio do ar com o carbonio dos animaes... Elle sahe destes vermes inteiramente formado.

As experiencias e autoridade de Spallanzani deixão em toda a evidencia, que toda a parte de animal organizada, seja viva seja morta, e em alto ponto de corrupção, seja o animal inteiro, ou feito em pedaços, absorve o oxigenio; que o gaz acido carbonico, producto da organização animal he formado no interior da parte organizada, e della exhalado com tanta constancia como o oxigenio se absorve; e que alguns animaes absorvem tambem gaz azote.

(Continuar-se-ha.)

que compõe seus corpos. O ultimo, e mais imperfeito individuo na escala dos vegetaes tem mais vida, do que hum animal daquelles em estado de profundo lethargo. A materia, que compõe hum tal corpo, nem he viva, nem morta (epitheto muito improprio) ? Pois que he? He huma *suspensão de vida*; he hum estado mui particular da materia. O corpo do animal em vida absorve oxigenio, morto tambem, em *suspensão de vida* não!

Os corpos dos animaes, ou inteiros, ou em pedaços, absorvem oxigenio, e absorvem-o, em quanto sua organização se não acha inteiramente estragada. As plantas succederá o mesmo?

Observations on the present state of the Portuguese Army. By Andrew Halliday, M. D. London, 1811. Price 15s.

Observações sobre o estado actual do Exercito Portuguez; por André Halliday, Dr. em Medicina. Londres, 1811.

(Continuado de pag. 37.)

Parece-nos demasiadamente grande o favor do Investigador a Halliday, quando deseja, que a sua Obra se traduza por algum Militar Portuguez instruido; a fim de que, “(com algumas correções) se faça hum Livro interessante para os nossos Guerreiros, e huma fonte d’instrucção para aquelles, que d’ora em diante forem incumbidos da Administração, e Commando do nosso Exercito.” — Tal vantagem senão pôde tirar do Livro, de que tratamos, nem, fallando a verdade, julgamos possível, que hum Medico Clinico, sem interrupção, diga cousas tão mestras na Arte Militar; bem como seria custoso persuadirmo-nos, que hum General constantemente applicado a estudos militares, escrevesse dignamente sobre objectos de Medicina: qualquer das duas profissões Medica, e Militar, he nimiamente extensa, e intensa: grande em ambas nenhum homem pôde ser; nem ainda perfeito em huma só. Por mais voltas, que se dêem ás presentes observações d’Halliday; nunca dellas se poderá fazer huma fonte d’Instrucção Militar.

A frase do titulo da Obra d’Halliday = For the first time = foi pela primeira vez, que o Exercito Portuguez se pôz em Campo contra o inimigo nas Campanhas de 1810, e 1811; não he de Halliday, como o Investigador cuida (pag. 191); estas palavras são de hum Officio de Lord Wellington, transcrito por Halliday pag. 103, entre grandes elogios á Tropa Portugueza, por occasião da acção do Bussaco.

“(Marquez de Pombal) descuidou-se tanto do Exercito, que tinha creado, que no anno de 1777, quando sahio do Ministerio se achavão quasi todos os Córpos sem Officiaes.” — Esta mesma passagem acha-se em dous Num. do Investigador Portuguez; na pag. 193 do Num. 6, e na 378 do Num. 7, mas todavia ella he hum erro historico. O Senhor Rei D. José fez no Ministerio do Marquez de Pombal huma mui grande Promoção Militar, muito antes de se sonhar a Guerra, que houve depois em 1762. Não achamos prestimo a liquidar o pé, em que o Exercito se achava antes daquella Promoção: sabemos porém, que desde essa época os póstos se provião logo que vagayão, e que em 1777 não havia

falta, ao menos sensível, de Officiaes. Esta verdade anda pela boca de todos os Officiaes, que já então estavam na vida militar.

Faz o Investigador muito bem (pag. 196) em lamentar com Halliday "a necessidade que ha de Recrutas forçadas;" mas nós cuidamos, que nem hum, nem outro se atreverá a remediar esta necessidade; o defeito não he de Portugal, he da natureza da cousa; ha-o consequentemente em todas as Nações.

Em todos os tempos se tem debatido a questão, se he melhor que as Munições de boca para o Exercito se arrematem a quem por menos as der, ou se administrem por conta da Fazenda Real. O Investigador (pag. 196) decide, que a arrematação he á primeira vista maior economia, mas que têm muitos inconvenientes, e todos prejudiciaes á saude da tropa. Na economia convimos, mas nos inconvenientes, e prejuizos da saude da tropa, de nenhum modo. Ha sempre nas arrematações a clausula de que os viveres sejam da melhor qualidade; os Commandantes dos Córpos tem obrigação de fazer examinar por seus Officiaes de saude a qualidade dos viveres, que se lhes querem dar, e conhecemos Coroneis, que tem regeitado pão do Assento, e até comprado bom ás Padeiras á custa do Assentista. Os Arrematantes tem obrigação de dar certa quantidade, e a melhor qualidade: nos Regimentos ha Officiaes de saude, e ha balanças.

A amplissima liberdade, e desembaraço, que hum Commandante tem para regeitar pão do Assentista, ou Arrematante, he menos alguma cousa, quando quem remette os viveres he hum Administrador da Fazenda Real.

Suppôr no caso d'Arrematação, que todos são de má consciencia, e não fazem a sua obrigação; suppôr, no caso d'Administração, que todos são de boa consciencia, e todos fazem a sua obrigação, não se pôde. Suppomos da mesma classe os homens para Administração, e para Arrematação. Se os Commandantes dos Córpos cumprirem com as suas obrigações, huns ou outros hão de servir bem; senão cumprem, alguma vez irão as cousas mal: ha porém mais inconvenientes para cumprirem no caso d'Administração, do que no de Arrematação.

He pois fóra de dúvida não só para nós, mas, acho que, para todos os que tem pensado sériamente sobre a materia, que Arrematação nenhum inconveniente tem relativamente á saude; nem em paz, nem em guerra. Em guerra porém tem outros inconvenientes grandes, e invenciveis mesmo: os movimentos ás vezes rapidos, e inesperados dos Exercitos levão-os a paragens, aonde a razão do Soldado custará hum tostão huma vez, meia moeda outra. ? Sobre que bases pois se ha de fazer o contracto? Não ha, não pôde fazer-se. De mais; o segredo, que he ás vezes indispensavel guardar sobre movimentos d'Exercito, he outro inconveniente para Arrematação.

Em tempo de paz sempre Arrematação: em tempo de guerra nunca.

Desagrada muito ao Investigador o castigo das pranchadas introduzidas pelo Conde Lippe, e as chebatadas arbitrarías: o Conde Lippe introduziu, he verdade, as pranchadas, mas antes delle havia — passar á vareta (\*), polé(†), golilha(§), tornilho(!!), pão e agua. — Castigos muito mais crueis, e perigosos, que o das pranchadas.

(\*) Postavão-se duas fileiras, cada huma de cincoenta Soldados, pouco mais ou menos, com pequeno intervallo, e em frente huma da outra, com varas na mão cada huma das filas. O delinquente, nú da cintura para cima, fazia-se passar o numero de vezes, que se tinha previamente determinado, por entre as duas fileiras, e cada fila descarregava sobre elle hum golpe com as suas varas.

(†) Fazia-se assentar o delinquente em cordas, que o ligavão e seguravão bem; levantava-se por huma roldana a certa altura, d'onde se deixava cahir livremente; a corda não chegava ao chão, a concussão era horrorosa; e repetia-se conforme o delicto.

(§) Dous madeiros ajustando-se exactamente por huma face, e tendo cada hum delles, e em correspondencia hum do outro, huma excrvação semicircular, faz-se hum círculo perfeito, aonde cabe o pescoço de hum homem. Ajustando-se ao semicirculo de hum dos madeiros o pescoço do delinquente, e o outro madeiro em correspondencia, e elevando-se tudo mais ou menos, mas nunca de maneira, que o Soldado fique perfeitamente pendurado; eis-aqui o castigo da golilha.

(!!) Huma espingarda em cruz sobre as espaldas do criminoso, e seus braços sobre ella; outra espingarda pela parte posterior das côxas: ligadas com violencia as duas espingardas pela parte anterior do Soldado, a quem se não consente sentar-se, ou deitar-se: eis-aqui o tornilho.

Muito apertada he, e he indispensavel que seja, a ordem militar! Seus castigos parecem, as mais das vezes, sem proporção com os crimes; mas, se nos recordamos, que do sono de huma Sentinella póde resultar a perda de hum Exercito, já nos não parecerá excessiva a pena de morte á Sentinella, que dormir.

A ordem militar deve fazer, e faz ordinariamente, as maiores desgraças no homem, que não cumpre suas obrigações: mas que fortunas não alcança mui ordinariamente hum Soldado a todos os respeitos benemerito. Olhemos para Lord Wellington, não nos demoremos em contemplar este titulo, o de Barão do Douro, Visconde de Talavera, Conde do Reino-Unido, Duque de Ciudad-Rodrigo, Conde do Vimeiro, Marechal General, etc. que suas virtudes militares tem grangeado a Sua Ex.<sup>a</sup> Lord Wel-

Nós conhecemos Commandantes de Córpos, que, para estabelecerem o numero das pranchadas, fazem primeiro examinar por seus Officiaes de saude com quantas o delinquento pôde, sem prejuizo da sua saude, diminuindo ainda no numero votado; crêmos, que todos os Commandantes procederão, porque achamos que devem, com a mesma circunspecção.

“¿Chebatadas arbitrarías?” Temos ouvido a Commandantes de Córpos mui humanos, e igualmente intelligentes até da natureza moral do homem, que, tirada a chebata da mão do Cabo de Esquadra, hum Regimento perde. Hum Coronel não pôde ser bom Coronel sem bons Capitães; hum Capitão sem bons Sargentos; hum Sargento sem bons Cabos, a quem os Soldados respeitem, e temão, e a chebata faz ao caso.

Nisto, assim como em tudo, deve respeitar-se o costume das Nações. Os Alemães erão em outro tempo (hoje não sei) mui liberaes com bengaladas; os Francezes com murros, e pontapés; entre nós ha as chebatadas. A cada huma destas Nações desagradamuito a prática de todas as outras. A nossa chebata he de Lei, mas he de Lei, que seja delgada, que vergue bem, e que com ella nunca se dê pela cara, etc. Com a chebata nunca se pôde fazer mal ao Soldado; e ha Soldado, que, só ao medo da chebata, aprende, e faz as cousas bem.

O Investigador chama bem escusada a nossa Campanha de 1801. — Halliday reprova, e o Investigador lastima-se em muitas partes, que Portugal em paz afrouxe tantas vezes relativamente a Exercitos.

Outro he, a ambos os respeitos o nosso modo de pensar. Que huma Nação ao mesmo tempo, que cuida com a energia necessaria em ter hum Exercito respeitavel em numero, disciplina, e exercitado, cuide, como taes objectos merecem, na Agricultura, no Commercio, e nas outras fontes da prosperidade nacional, senão he impossivel, pouco lhe falta. A posição topografica de Portugal confinante por terra com huma unica Nação, com Hespanha; cóstas do Atlantico no resto; nada têm a recear senão da Hespanha, e da Inglaterra; ou em si, ou na passagem, que consintão a outra Nação.

Os factos mostrão que a politica de Portugal tem em todos os tempos sido segurar a amizade, e harmonia com aquellas duas Nações: e no seguro de tal amizade, cuida-se devéras em obras de paz, commodas para esse tempo feliz, e que dão muitos, e

lugton, he por huma parte objecto de admiração, de respeito, de esperanza, e de amor para sua, e nossa Patria; e he por outra parte objecto de respeito, e de terror para todos os inimigos d'ambas as Nações. A vida militar vai ás maiores fortunas, e ás maiores desgraças.

mui variados recursos, se a paz se rompe. Se alguém quebra suas relações de amizade com nosco; nem huma só vez ainda tem deixado de rebentar nossa essencial, e nunca extincta energia militar: de hum instante para o outro passamos de hum estado de socego, de abundancia, de commodidades para hum estado verdadeiramente medonho a nossos inimigos, pelos grandes recursos nacionaes, e grande facilidade de auxilios de toda a natureza, que liberalissimamente franqueão as Nações, cujas boas graças nós sabemos penhorar, e prender por nosso justo comportamento.

A razão pois, e a experiencia mostrão, que em paz basta, he porém ao mesmo tempo indispensavel, que todos os differentes Departamentos, de que o Exercito se compõe (expliquemos assim) estejam perfeitamente regulados. Em tempo de paz ou guerra deve haver a mesma qualidade, mas differente quantidade de cousas. Na passagem de paz para guerra não haja mais que augmentar o numero em cada hum dos Departamentos, e dar o impulso necessario á máquina, de cujo movimento as Leis estejam com muito socego aprendidas theorica e praticamente. ¿ E he por ventura outra a prática de qualquer outra Nação do Mundo, mênos que por desventura sua não seja governada por algum maniaço Conquistador?

Não reputem pois Halliday, e o Investigador digna de critica; ou de lastima a alternativa, em que Portugal ordinariamente se acha, ou de muitissima, ou de pouca energia militar. Não reputem esta mingoa d'energia, quando succede, hum effeito de delexo criminoso: a razão aconselha-a; ella he a prática geral das Nações, e he ainda mais hum effeito de nossas felizes e particulares circumstancias topograficas, e moraes.

¿ Que queria Halliday, e mais o Investigador? Que Portugal se conservasse inalteravel e perpetuamente na energia militar, em que hoje se acha? Esta abençoada energia segura-nos o maior dos bens, a nossa independencia intacta a todos os respeitoes. A esta sagrada energia nunca faltarão os meios de conservar-se.

Portugal nadava na abundancia a todos os respeitoes: situados, como nós estamos na extremidade da Peninsula, o Exercito inimigo poderá alguma vez invadir alguma das nossas Províncias; todas porém, ou ainda muitas a hum tempo, não. A agricultura, e toda a especie de industria ha de continuar mais ou menos; nunca se exaurirá esta fonte de recursos para o Exercito. Já sabemos por experiencia, que se alguma parte (nunca pôde ser mui grande) se assóla, todas as outras tem com que se lhe acuda; e ha hum Governo, que se desvela constantemente em conhecer a fundo as faltas e a abundancia; e dá da mesma sorte as necessaryas providencias. Grande parte das Províncias da Estremadura, e Beira, foi assolada pelos fins de 1810, e principios de 1811; gados, grão, isenção de direitos, etc. tudo se liberalisou aos habitantes

daquellas Provincias. Imagine-se que a guerra continúa tanto, que o nosso Paiz não póde prestar ao Exercito e aos habitantes pacíficos os auxilios necessarios para sua subsistencia: como nunca podemos ser bloqueados; como teremos, em quanto existirmos, abertos nossos Pórtos a todos os nossos, e a nossos Amigos; e desembaraçadas nossas extensas costas maritimas; nada nos faltará; todo o Brazil, todos os nossos Dominios Ultramarinos, continuarão a soccorrer-nos, e falo-hão sempre em proporção das nossas percisões. Imagine-se ainda mais, hum impossivel, que se acabão todos os nossos recursos do Reino, e o de todos os nossos irmãos do Ultramar: como, repito, não estamos, nem podemos ser bloqueados, por nossos Pórtos entrará toda a Inglaterra; se de toda a Inglaterra nós percisarmos: para este illimitado auxilio não se carece nova ordem de cousas; basta, que continúe, como de certo ha de continuar, a prática actual. Não podemos com a despeza de todo o nosso Exercito? O Exercito nem por isso diminue; a Inglaterra apronta o que nos falta. Se não tivéssemos hum vintem para o Exercito, assim mesmo elle não diminuiria: Inglaterra providenciaria. Empobrece alguma de nossas Provincias, a beneficencia Ingleza faz logo, como nesta mesma hora está succedendo, chover sobre Portugal, dinheiro, vestido, bacalhão, arroz, e tudo, em huma palavra, de que precisamos. Esta beneficencia Ingleza não he agora a primeira vez, que se desenvolve; agora que nos vem livrar de hum inimigo, que o he, tambem seu: não tem sido em guerra sómente, que nós temos sido o seu objecto: na falta de tudo, que se seguiu ao fatal terremoto do primeiro de Novembro de 1755, a Inglaterra espontanea e liberalmente soccorreo Portugal com todos os generos da primeira necessidade. Portugal e Inglaterra são duas Nações amigas verdadeiramente, e em toda a extensão da palavra: seus nunca interrompidos sentimentos, e reciprocas relações crearão o mui antigo adagio = guerra com todo o Mundo, e paz com Inglaterra. =

A Portugal não he pois possivel que faltem os recursos para a guerra, por mais que ella se protraha ao meuos em quanto nossos Pórtos estiverem ás nossas ordens. He mui para sentir a desgraça de huma Provincia, de huma Povoação, de huma familia; ainda a de hum homem: o fito porém da presente luta he a independencia de Portugal; o inimigo poderá alguma vez assolar alguma parte de territorio Portuguez, mas elle não dará hum passo para a conquista desta Nação valente e fiel; em quanto não desfizer, ou expulsar os Exercitos, que a defendem; e em quanto não fechar elle mesmo todos os nossos Pórtos. Eis-aqui porque batalha geral só na certeza de vencer a devemos dar ou acceitar fóra das Linhas da Defeza, formidavelmente estabelecidas áquem e além do Têjo, perto de Lisboa. A força inimiga diminue tanto mais, quanto mais se aproxima deste ponto; porque se estende,

e as subsistencias diminuem. Nossa resistencia augmenta-se, porque nos concentramos; porque temos as formidaveis Linhas; porque toda a terra desde as Linhas até ás costas maritimas pôde reputar-se hum Forte continuado; porque todo o Exercito, perto dos grandes Armazens de Lisboa, com muita facilidade se aprovisiona; etc.

Voltemos agora o objecto do outro lado. Supponhamos, que o inimigo chega a dictar a Lei (Deos nos livre!) em todo o Portugal; eis em Portugal huma desgraça, que mal pôde conceber-se; e isto ainda que o Exercito inimigo se converta em hum Exercito de Anjos da Guarda. Dictando em Portugal a Lei hum inimigo da Inglaterra, Inglaterra bloqueará, fechará perfeitamente todos os nossos Pórtos. Para fazer-se hum ligeirissimo bosquejo das desgraças, consequencia mais que infallivel daquella circumstancia, lêamos as relações dos generos; de primeira necessidade mesmo, que todos os dias entrão em nossos Pórtos: ficaremos perfeitamente convencidos, que hum dos resultados daquelle Exercito de Anjos da Guarda na nossa terra, he o morrer de fome a maior parte dos Portuguezes. E se se reforção estas reflexões com a lembrança sobre a natureza de nossos inimigos, e sobre os males, que tão desapiedadamente elles tem já derramado sobre nós.... Não podemos com o que se nos representa. Tornemos para o nosso objecto em particular.

Imaginem, se podem, Halliday e o Investigador os incommodos, que estão padecendo as Provincias naquellas paragens mesmo, em que ainda senão vio Soldado nosso ou inimigo, e ficarão, se são nossos amigos, ansiosos, porque se acabe a necessidade da actual energia militar; e se em extremo nos desejão bem, veção se podem restituir, com seu Soberano, a Portugal esse estado de prosperidade, de satisfação, e de gozo, que, sem o apreciamos então, quanto deviamos, nós desfructavamos antes da invasão franceza.

Portugal tem tanto cuidado em não violar os direitos das outras Nações, como energia e valor para não consentir, que algum estranho viole seus proprios direitos. Tem constancia e virtude para escusar a guerra, que dignamente pôde escusar. Em 1801 não offendemos de certo a ninguem, e assim mesmo fomos atacados: ? Como se poderia pois escusar a Campanha da nossa parte?

No fim da pag. 197 diz o Investigador, que não tem os dados necessarios para asseverar ou negar, que sej o verdadeiras as dilapidações, monopolios, e violencias, que se attribuem á Junta das Munições de boca. Não pôde "porém dizer outro tanto de alguns de seus Agentes nas Provincias, que merecião bem ser mandados, pelo menos, viajar até Caconda., Muito nos desagrada o vago destas expressões! Muito mal entendida caridade nos parece occultar o nome de hum perverso, deixando por esse motivo suspeita toda a sua Classe!

Desagradar-nos-hão eternamente sentenças sem provas. A pag. 189 “ e temos igualmente razões para nos persuadirmos, que mesmo em tempos mais felizes ella (Junta de Munições de bóca) demorava os pagamentos aos pobres Lavradores doze, e mais mezes. „ ; Quaes são essas razões? Nós estimaremos muito que chegue á nossa mão algum documento, que nos convença do contrario. „ Heide chamar a hum homem ladrão sem dizer, porque lho chamo, e elle, se não quizer ficar com esse labéo, justifique-se: além disso, em boa lógica, quem nega não tem obrigação de provar.

“ Nós (Investigador pag. 198) preferimos em tudo, e em todas as repartições o governo de hum só, mas ligado de tal maneira, que tendo ampla liberdade para o bem, tenha mui pouca para o mal, e isto he mui possível, e até mesmo facil. „

Temos constantemente ouvido, e lido, que não ha nenhum governo no mundo absolutamente sem defeitos: por mais voltas, que se lhe dê, á perfeição nunca se chega; concluíamos nós d' aqui grandissima difficuldade na arte de governar. Esta conclusão, que nós tiravamos de factos, estava igualmente conforme com os nossos principios theoricos. Ha tanta differença na constituição moral do homem, como em suas caras: as Leis obrigão a todos, quaesquer que sejão suas circumstancias naturaes ou accidentaes: d'aquella differença de sentimentos, vem differença na intelligencia das Leis, e vem mesmo differença na sua execução; ella póde ser agradável para huns, indifferente para outros, difficullosa, e muito, para outros. As Leis respeitão o bem geral da Sociedade; se tiverem inconvenientes particulares, paciencia. Se estabelecer hum governo ou para hum Estado em geral, ou para huma Repartição em particular com ampla liberdade para o bem, e mui pouca para o mal he, não só possível, mas facil, o Investigador faria hum bem sem igual ao genero humano, se revelasse, a este respeito, suas idéas.

A pag. 200 do Investigador contém hum azedume hortoroso contra o Físico Mór do Exercito; desagrada-lhe em primeiro lugar que o Físico Mór sem trabalhar recebesse ordenado, e mesmo ajuda de custo, como se trabalhasse.

Esta Graça de S. A. R. ao Físico Mór, por huma parte, não foi obrepticia: o Físico Mór, e todas as suas circumstancias erão conhecidissimas de S. A. R.; por outra parte, o Físico Mór do Exercito: era creado de S. A. R., era Medico da sua Real Camara, sua Medicina era muitissimo da confiança do Soberano; S. A. R. queria aquelle Medico a seu lado não só as semanas ordinarias, mas mezes; elle teve a incomparavel honra de assistir noite e dia aos incommodos, que o mesmo Augusto Senhor alguma vez padeczo em sua saúde; todos sabem quão pequenos são os ordenados de Medicos da Camara. Se o Físico Mór pois carecia, como carecia,

para viver dos frutos de sua Profissão, se o Serviço do Soberano, por honra e fortuna d'aquelle Medico, lhe embebia todo o tempo, e póde alguém escandalizar-se, de que S. A. R. dêsse áquelle Medico, e que elle recebesse algum ordenado, de que vivesse, e algum outro titulo honorario? Deo-lhe o titulo de Físico Mór do Exercito com a condição de o exercitar em tempo de guerra, e deo-lhe todo o util de Físico Mór.

João Manoel Nunes do Valle servio de segundo Medico no Exercito Portuguez auxiliar á Hespanha; servio como primeiro Medico, e Inspector dos Hospitales Militares no acantonamento de 1797, que cousa mais a proposito do que dar-lhe o titulo de Físico Mór do Exercito? S. A. R. fazia d'aquelle Medico hum grande conceito: que cousa mais exemplar do que prontificar-se a ficar privado dos seus conselhos, a beneficio do Exercito, nos desastrosos tempos de guerra? Esta beneficencia he já costume nos nossos Reis; em 1762 o Senhor Rei D. José fez servir no Exercito os seus melhores Cirurgiões, etc. Desagrada-nos pois que ao Investigador desagrade ter-se dado a João Manoel Nunes do Valle o titulo, e o util de Físico Mór do Exercito.

“A honra, o devêr, e a gratidão exigião, que elle (Físico Mór) acompanhasse para o Brasil seu Augusto Amo, não o fez, muito de proposito.”

He muito folhear no coração do homem! Parece-nos muito saber os motivos, porque Físico Mór aqui ficou! Se estes motivos são contra *honra, devêr, e gratidão* do Físico Mór, seria justo que se referissem: não se referindo, ahí estamos outra vez a publicar sentenças, occultando os fundamentos! Fossem quaes fossem os motivos, porque Físico Mór não acompanhou o Principe Regente Nosso Senhor para o Brasil, parece-nos que elles não forão contra *honra, devêr, e gratidão* do Físico Mór; porque não ouve, que nós saibamos, hum só factó da parte de S. A. R., que mostrasse desaprovár qualquer ponto de seu comportamento; pelo contrario S. A. R. decidió a seu favor as contendas, que aqui se lhe suscitáráo, e mandou mui graciosamente, que elle se transportasse para a Côrte do Rio de Janeiro. He impossivel, que o Físico Mór fosse tractado com tantos, e tão distinctos favores aqui, na passagem de Portugal para o Rio de Janeiro, e até agora, se elle tivesse ficado em Portugal contra *honra, devêr, e gratidão* para com S. A. R.

“Principiou (Físico Mór) a servir em 1809, e em vez de ir visitar os Hospitales, vêr, se o serviço era exacto, e se o Regulamento se cumpria, não sahio de sua casa; encheo os Hospitales de gente incapaz a muitos respeito; e pelo seu deleixo, apathia natural, e ignorancia do serviço, perdeu a unica Repartição bem organizada, que havia em Portugal.”, pag. 200.

He, a todas as luzes, clara a utilidade da visita de quando

em quando do Chefe dos Hospitales aos Hospitales; mas tão necessaria, como á primeira vista parece, não he. A Repartição Medico-Militar pôde regular-se de maneira, que do fim do mundo se saiba a historia de cada hum dos doentes; o capitulo de suas molestias; as indicações, que se tirão para o seu tratamento; os medicamentos, com que se enchem; o modo de sua preparação, administração, etc. a differença, que em qualquer hora tiver lugar, assim nos symptomas e molestia, como nos medicamentos, etc. Do fim do mundo se podem ter iguaes informações á cerca do alimento dos doentes. O departamento em questão pôde finalmente regular-se de maneira, que em Lisboa se possa saber, com pleno conhecimento de causa, se os Soldados doentes são devidamente tractados, e a Real Fazenda respeitada, como deve ser, em qualquer dos Hospitales Portuguezes dentro e fóra do Reino.

He possível, que se abuse, contra a Fazenda Real, da parte assim dos Hospitales, como dos Regimentos, relativamente aos dias, em que os doentes entrão nos Hospitales, e sabem d'elles. O serviço pôde estabelecer-se de maneira, que ao General Commandante do Exercito, qualquer que seja o lugar, em que elle se ache, se apresentem meios de conhecer o mais insignificante abuso, se a tal respeito o houvesse.

Regulado, como pôde ser, o serviço dos Hospitales Militares, pôdem apresentar-se ao Commandante do Exercito meios de conhecer, se em cada hum dos Regimentos se cuida, como o objecto merece, na conservação da saude do Soldado, e se existem algumas causas geraes de insalubridade, que devão remover-se.

Hum Físico Mór do Exercito, ou outra qualquer Autoridade, seja individual, ou collectiva (porque a differença he de nome); qualquer Autoridade, digo, centro commum do Departamento Medico-Militar de todos os extensos Dominios da Corôa de Portugal, apresentaria debaixo de hum ponto de vista o serviço, assim em saude, como em fazenda, de todos os Hospitales Portuguezes; de Portugal, America, Africa, Azia, Ilhas, e Embarcações. Ninguem melhor, que tal Autoridade poderia conhecer o que he proprio ao individuo, á especie (assim em homens como em molestias), ao clima, á estação, ao modo de vida, etc. Ninguem melhor, que tal Autoridade, poderia formar systemas assim d'Hygiena, como de Therapeutica, colhendo, e analysando observações bem feitas, mas feitas debaixo de toda a differença de circumstancias, comparando-as, generalizando-as, etc.

Nós estamos hoje, mui fóra do serviço do Exercito; empregados em cousas, que absolutamente nos occupão. Talvez, e he mesmo provavel, que o Departamento Medico-Militar esteja muito melhor regulado, do que estaria sobre as bases da nossa lembrança. Vem todavia para o nosso caso as reflexões feitas, em quanto se mostra, que o Físico Mór pôde saber em sua casa co-

mô o serviço se faz no Beato Antonio, e em Góá; em quanto se colhe, que o serviço geral do Departamento leva ao Físico Mór todo o seu tempo, e ainda mais precisaria: e que no tempo, em que faz huma jornada de Lisboa a Bragança, e se demora com o Hospital de Bragança, dos outros pouco pôde cogitar. Parece-me pois que Físico Mór não commetteo grande, pequeno, nenhum crime, se não sahio de Lisboa.

Agrada-nos com effeito, que se fação visitas aos Hospitales, porque em fim nos Hospitales ha cousas, que só nelles se podem vér; são porém claros os inconvenientes de ser huma e a mesma, a Autoridade, Chefe do Departamento, e o que o inspeciona, ou fiscalisa.

*Encheo os Hospitales de gente incapaz?* Alguem o diria, e a alguém se diria; mas como se prova? Nós ouviamos, que elle não tinha no serviço da sua Repartição senão a gente necessaria, e essa mui escolhida. “Pelo seu deleixo, apathia natural, e ignorancia do serviço perdeu a unica Repartição bem ordenada, que havia em Portugal,,! Que ataque tão pessoal a Físico Mór, a todas as outras Repartições, de que a Monarquia Portugueza se compõe, e ás promessas tão bem feitas por elle mesmo Investigador Portuguez!

Quem souber das vociferações do Investigador contra o Físico Mór do Exercito; quem ouvir o mal, que aquelle diz deste, sem individuar hum só facto, sem dar huma unica razão plausivel, que o crimine, persuade-se, sem remedio, que he muita a má vontade, qualquer que seja o motivo, que o Investigador tem ao Físico Mór; os Leitores e ouvintes ficão prevenidos para não acreditarem, sem mui maduro exame de provas, proposições feitas por aquelle contra este. Hum homem, que falla d’outro tão descomedidamente, tão sem provas, e em hum Jornal, em regra geral não se poupa a meio algum de fazer-lhe mal: He por tanto necessario, que Leitores e ouvintes estejam mui álerça sobre o que a tal respeito lerem, ou ouvirem. Ainda mais, aquelle contra quem se vocifera deve postar-se quanto mais a cuberto dos ataques, que abertamente, ou á falsa fé, ou se lhe fizerão, ou se lhe estão fazendo, ou se lhe hão-de fazer, apresentando-se occasião. Ainda mais, quem vocifera por semelhante maneira dá de si huma idéa mui desvantajosa; e querendo fazer mal a seu inimigo, he a si que primeiro, ou antes unicamente, o faz. Ainda mais, ouvindo-se dizer mal tanto (como se diz) sem tom nem som, os ouvintes transportão-se curiosa e ordinariamente ao exame das relações passadas entre o Autor e o Réo, e o resultado deste exame nem sempre he favoravel ao primeiro. Quem pois diz mal de outrem, mostrando-lhe ao mesmo tempo má vontade, ou faz mal a si, e ao seu adversario, ou o não faz a este, ou lho faz muito menor do que podia.

Agrada, e justamente agrada ao Investigador, que o Conta-

dor não servindo por idade, e molestias, goze do seu ordenado: não desagrade ao Investigador, que Cirurgião Mór residente no Rio de Janeiro cobre o seu ordenado; e reprova ao infinito que ao Físico Mór nas circumstancias do Cirurgião Mór, pouco mais ou menos, succeda o mesmo! que desigualdade!

Pap. 200. "*Quanto aos Medicos de Brigada, se existem, elles forão creação, julgamos nós, do Excellentissimo Marechal Beresford, e podemos assegurar ao A., e áquelle digno, e bravo Commandante do Exército Portuguez, que elles são absolutamente inúteis; e por isso escusados, bem como o são os Cirurgiões de Brigadas: taes empregos servem de peso ao Erario, e de torpeço no Exército.*"

Nós estamos hoje, repetimos, mui fóra do Serviço Medico-Militar; apenas temos ouvido que ha no Exército Portuguez huís Medicos, chamados de Brigada, porém, pedantismo e charlataneria fóra; nós não temos idéa alguma de facto do estabelecimento de taes lugares, e do serviço de taes homens. Com pleno conhecimento de causa não podemos soltar huma unica palavra sobre semelhante materia.

Fosse o Excellentissimo Marechal, Conde de Trancoso, ou alguma outra legitima e competente Autoridade, que creou, e provêo aquelles postos; estamos intimamente persuadidos, que taes postos se não crearião, não havendo serviço, que essencialmente os exigisse; e que os Individuos empregados não se conservarião, senão cumprissem com suas obrigações.

Recordamo-nos de ouvir, que taes Medicos de Brigadas se crearião com as disposições d' entrar o nosso Exército em Hespanha. Não tendo nós ali Hospitales, nem Officiaes de saude, era indispensavel, que os levassemos; e que menos podia ser que hum Medico para cada dois Regimentos? Parece-nos ter tambem ouvido, que logo que o nosso Exército tomou posições a alcance d' Hospitales fixos, fossem permanentes ou temporarios, os Medicos de Brigada forão-se convertendo em Medicos d' Hospitales; o que tambem lhe havia, pela maior parte, succeder, se se demorassem por Hespanha. Bem creados Medicos de Brigada!

No conhecimento pouco exacto, em que nós estamos á cerca das obrigações de Medicos de Brigadas, esperámos achar tudo extensa e miudamente expendido no Investigador, quando vimos a franqueza, com que se assegura "*áquelle digno e bravo Commandante do Exército Portuguez, que elles são absolutamente inúteis; e por isso escusados: taes empregados sómente servem de peso ao Erario, e de torpeço no Exército.*" Repatámos então, que o Investigador julga, mas não sabe de certo, que taes Medicos de Brigada forão da creação do Excellentissimo Marechal Conde de Trancoso, e ainda mais, nem certeza tem de existirem; porque diz "*se existem*" taes Medicos de Brigada. Não saber nada, abso-

lutamente nada, de taes Medicos e Cirurgiões de Brigada, e chegar-se a assegurar a hum homem, tal como aquelle, que os estabeleceo, (suppunha-se o Excellentissimo Marechal) que são não sómente escusados, mas nocivos!!!; Não sabemos conciliar.

Na ultima liuha da pagina 200 começa huma doutrina notavel “De resto, pouco importa, que aquelles Medicos tivessem ou não visto a tropa, a que pertencião; porque para os curar, quando fossem d’isso encarregados, bastava, que conhecessem as suas molestias, e applicar-lhes remedios apropriados.”

Esta doutrina podia simplificar-se ainda mais, dizendo-se, que, para se tratar huma molestia, bastava applicar-lhe remedios apropriados. — Mas os remedios não se podem apropriar sem a molestia se conhecer. — He huma verdade, mas verdade, que não infirma a proposição. — E se desta verdade se deve fazer caso aqui, ha antes della outras, que tambem merecem attenção. Para se conhecer a molestia, he de muito interesse, que se saiba a vida progressa do doente; admiramos muito, que o Investigador nada respeite esta circumstancia: eis-aqui hum dos motivos talvez, porque o Investigador desaprova tanto o estabelecimento de Medicos de Brigada.

He cousa da ultima importancia a Hygiene em geral, e mais ainda a Militar. De grande utilidade nos parece, que nas Brigadas haja hum Medico, que regule os ranchos dos Soldados, e lhes assista; que seja ouvido sobre seus exercicios, e os presencêe; que experimente, como elles, o frio, o calôr, a chuva, o vento, a fome, a sede, o máo alimento, etc.: que seja, em huma palavra, responsavel devidamente pela conservação da saude da Brigada. Ninguem poderá conhecer melhor, do que este Medico, a molestia do Soldado, quando aconteça; e então ou a trata, ou na baixa, com que o doente vai para algum Hospital geral, aquelle Medico faz a historia, e o juizo da molestia, que muito illustrarão o Medico, que nesse Hospital geral fôr seu assistente; o qual deveria, á morte, ou á alta do Soldado, informar o Medico de Brigada de tudo, o que a seu respeito se passasse no Hospital; e que podesse servir ou áquelle Soldado em particular, ou á Brigada em geral. Eis-nos-aqui *ex diametro*: oppostos ao Investigador; elle reputa não só superfluos, mas nocivos os Medicos de Brigada; nós os julgamos de muitissima importancia; nossas idéas são neste ponto mui antigas, e forão já mesmo expostas por ordem, e officialmente: então havia aqui huma paz profunda; Portugal era então o Paraizo da terra; o Exercito não estava dividido por Brigadas, cada Regimento tinha seu quartel, e não tinha relações com outro Regimento. Então não era para cada dous Regimentos, isto he, para cada Brigada, era para cada hum dos Regimentos, que nos agradava hum Medico.

Com este estabelecimento de Medicos (alterando-se o nume-

ro dos Cirurgiões) regimentaes, regular-se-hia o Departamento Medico-Militar de hum modo mui util á saúde, mui corrente na passagem de paz para guerra, e nestá sem nenhum prejuizo da Fazenda Real. Hum Medico em cada hum dos Regimentos, ou, ao menos, em cada huma das Brigadas he homem, de que muito partido se póde tirar!

“Se o A. (Halliday) gosta de tal gente (perfeito charlatão, perfeito impostor, perfeito curandeiro) lá tem hum em Lisboa, empreguo.„ (Pag. 202) Repito, se o Investigador quer ter caridade com o impostor, charlatão, e curandeiro, que conhece em Lisboa, não falle nelle, porque em quanto se não conhece o merecimento individual de cada hum dos Medicos estabelecidos em Lisboa, ficão todos suspeitos d'aquelles defeitos. O Investigador, para poupar hum Ente tão despresivel, faz hum mal a huma classe inteira tão respeitavel.

Na pag. 202, e 203, e em outras muitas partes trata o Investigador de justificar-se; confessa, que o serviço era em muitos pontos máo, mostra porém, que a culpa não era sua. A analyse da obra d' Halliday, a defesa, e a apologia da Nação converte-a Investigador em sua propria defesa, e apologia.

“... Bastava fazer cumprir as Leis, e Providencias, que estavam dadas. Mas he huma desgraça, he huma vergonha, que para se cumprirem as excellentes Leis, que temos, sejam precisos Estrangeiros.„ (Pag. 203. Ora eis-aqui hum ataque directo á Nação, ou a quem a governa. Se o Soberano, depois de dar boas Leis, trabalha, quanto deve, pela sua execução, e não póde conseguilla dos seus Vassallos, que horrorosos, que medonhos Vassallos! Se, d' outro modo, os Vassallos são obedientes, e dóceis, mas o Governo não se embarça com dirigir esta obediencia e docilidade para o cumprimento das Leis, tambem o Governo não he d'envejar. Qualquer dos dous casos não póde deixar de dar de si hum perfeito cahos. Nada; não: que em Portugal tem havido Soberanos magnificentissimos Legisladores, não ha nada mais facil de provar; que os Senhores Reis de Portugal tem sido, em regra geral, vigilantes em fazer executar as Leis, he de facil demonstração. Docilidade, e obediencia a seus Reis he timbre, que em todas as idades distinguio os Portuguezes. Para o nosso modo de vida ordinario não temos, nem nunca tivemos precisão d'Estrangeiros. São extraordinarias as nossas circumstancias actuaes, e algumas vezes nos temos achado em outras que taes. O auxilio da Inglaterra, grande em tudo, he quem nos está valendo, e he quem nos tem por mais vezes valido: ella he, em occasiões destas, absolutamente indispensavel; he com ella, que nos temos achado em occasiões d' aperto. Nossa constante e inalteravel gratidão será, acabada a borrasca, huma dívida sagrada, e hum modo de forçar aquella generosa Nação a valér-nos todas, quantas vezes se

ameaçar a nossa existencia. Para prova de que no nosso modo ordinario de viver as Leis se executão sem intervenção Estrangeira, he a confissão já feita pelo Investigador, que a Repartição dos Hospitales estava bem arranjada em Portugal; o que não poderia de certo ser, se as Leis se não executassem; entretanto que na Repartição dos Hospitales não havia Estrangeiros. Intelligencia e zelo em seu Chefe, obediencia fiel nos seus subalternos, e sem nada d' Estrangeiros, tudo se fazia bem. E diga o que dizer o Investigador, a Repartição dos Hospitales não era a unica bem arranjada em Portugal, muitas outras o erão igualmente.

“Na pag. 89 elogia o A. Mr. Ferguson por fazer com que se estabelecesse huma Junta composta de Físico Mór do Exercito (que pouco ou nada sabe de Cirurgia) etc.”

Não se entende pela Leitura deste § se o insulto, que faz o Parenthesis, he d' Halliday, ou propriamente do Investigador: a tal pag. 89 d' Halliday, a que o Investigador se refere contém muitos insultos, mas aquelle não; elle he do Investigador. Não sabemos bem se o Físico Mór, de quem aqui se falla, he João Manoel Nunes do Valle, do Rio de Janeiro, ou o Dr. José Carlos Barreto, seu Delegado em Lisboa, mas de hum e outro sabe-se serem filhos da Universidade de Coimbra, aonde se estudão igualmente Medicina e Cirurgia, assim Theoricas como Práticas; todos os Grãos, que all se recebem, são igualmente em Cirurgia que em Medicina. Os Medicos Portuguezes são tão Cirurgiões, como Medicos. O Medico Portuguez, que *pouco ou nada sabe de Cirurgia*, pouco ou nada sabe de Medicina. Tão ligadas e dependentes são huma da outra, Cirurgia e Medicina, que hoje chama-se geralmente Medico a todo o homem, que tem dado provas de conhecimentos, e possue hum titulo legal, qualquer que seja o ramo da arte de curar, que elle exercite. A Medicina chama-se hoje, entre a maior parte dos Professores, Medicina interna, a Cirurgia chama-se Medicina externa; a Medicina externa divide-se em Therapeutica, e Operatoria.

Como por huma parte a Medicina interna, e a Medicina externa therapeutica coincidem; e por outra parte a Medicina operatoria tem conhecimentos mui destacados d'aquellas duas; e porque finalmente hum homem não chega para tudo: os Medicos, ao mesmo tempo *Internos e Externos* da Universidade de Coimbra estão no habito de profundarem, e praticarem mais a Medicina assim interna, como externa, do que a Medicina operatoria. Todo o bom Medico Portuguez não cede ao melhor dos Cirurgiões sobre o tratamento de huma ferida, de huma chaga, de hum tumor, etc. Todas as molestias Cirurgicas, especialmente as comprehendidas na Medicina externa therapeutica são tanto do districto do Medico Portuguez, como he a febre. E com effeito porque ha-de hum Medico ser capaz de tratar huma tísica, cuja causa

seja huma chaga no bófe, e se ha de reputar inhabil para tratar de huma chaga em qualquer parte externa do corpo? Hum fleumão em hum braço he hum fleumão simplesmente, molestia, pela maior parte, sem consequencia; hum fleumão na pleura faz hum pleuriz. Porque ha-de o Medico ser capaz de tratar deste, e não daquelle?

Conheço, que cada hum dos systemas, de que o corpo humano se compõe (e talvez cada huma das diferentes partes do mesmo systema) tem circumstancias, que lhe são exclusivas, tem hum modo de vida particular; e que em consequencia cada hum dos systemas, e talvez cada huma das provincias (chamemos-lhe assim) do mesmo systema, he possível, e he de facto, que se affectem muitas vezes de hum modo, que lhe seja exclusivo. Ha molestias, que indifferentemente affectão qualquer dos systemas; mas ha outras, que não affectão primitivamente senão certo systema. Já se vê, que os tegumentos communs do corpo, ou o systema dermoide tem molestias, que lhe são privativas; mas o Medico filho da Universidade de Coimbra, não conhece melhor a Fisiologia, e Pathalogia do cerebro, do coração, dos pulmões, do estomago, do figado, etc. do que a da pelle. Separar, em huma palavra, Medicina externa (Cirurgia) de Medicina interna (vulgarmente Medicina) só por abstracção pôde fazer-se. He pois hum insulto a João Manoel Nunes do Valle, e ao Dr. José Carlos Barreto dizer-se: que elles pouco, ou nada sabem de Cirurgia; está demonstrado, que devem saber, venhão agora factos, com que se prove, que elles effectivamente a não sabem.

O Físico Mór, de quem se falla nesta parte do Investigador, não he o verdadeiro, e Proprietario Físico Mór, não he João Manoel Nunes do Valle; he o seu Delegado em Portugal o Dr. José Carlos Barreto, como he bem claro na pag. 200. *(o Físico Mór) obteve retirar-se para o Rio de Janeiro, deixando em seu lugar quem, pelas informações, que temos, ou não pôde, ou não quiz, remediar os males, que o seu committente lhe fez.* O Dr. José Carlos he hoje Lente da Faculdade de Medicina de Coimbra; em se desligando do Exercito, ha de ir lá ensinar Medicina, ou Cirurgia; e esta ou Therapeutica, ou Operatoria, como se lhe distribuir; antes de frequentar a Faculdade de Medicina, era já Cirurgião de profissão; praticou sempre, e com créditos, a Cirurgia mesmo operatoria; podem dar-se, destas verdades, immensas testemunhas, e contar-se immensos factos. Veção com que razão se diz, que o Dr. José Carlos Barreto pouco ou nada sabe de Cirurgia?

Desagradação muito ao Investigador (pag. 214) Patentes em não combates. São bem liberaes, são grandes, são justas as idéas do Investigador aqui expendidas. As Patentes Militares porém tem

hum de dous fins, ou honrar o Individo, ou facilitar o Serviço. A experiencia mostra a difficuldade, com que hum Militar obedece a quem o não he; e nos Hospitaes he indispensavel; que o Soldado obedeça ao Medico, e ao Cirurgião; não nos parece por isso mal que Medicos, e Cirurgiões Militares tenham Patentes Militares; taes Gradações são, depois da Portaria de 4 de Setembro de 1811, meramente honorarias, e annexas ao Emprego; a que se destinão; tanto assim, que succedendo ser demittido hum Individo do Emprego, a que estiver annexa a Gradação Militar, se reputará desde logo privado da honra; que pela dita Gradação lhe pertencia. Hum Homem Medico-Militar não se honra com huma Patente assim em quanto Homem, ou em quanto Medico, mas somente pelo sobre-nome de Militar; perdendo este sobre-nome, e reduzindo-se a Homem Medico somente, perdeo *ipso facto* a Gradação Militar.

Premiar Serviços Civis, sejam ou não do Exercito, com Honras Civis he mui ordinario. Premiar Serviços Militares com Honras Militares, tambem. Premiar Serviços Militares com Honras Civis, vé-se tambem muito; porém premiar Serviços Civis com Honras, e Gradações Militares, he raro em Portugal. Esta he a creação, em que os Portuguezes se achão; contra ella não he, que os Empregados em Repartições Civis do Exercito gozem Gradações Militares, huma vez que estão Gradações sejam, como são, não do Individo, mas do emprego. Taes Gradações convém ao Serviço; facilitão-o.

He de certo, e somente, com aquellas vistas que os Medicos e Cirurgiões Portuguezes anhelão Patentes Militares. Para honrar a Profissão, e o Individo, ha as Ordens Militares, ha as Comendas, ha os Filhamentos, ha as Cartas de Conselho, etc. com todas estas distincções o Soberano tem sido liberal a respeito da interessante Classe de Homens, que professa a Arte de Curar; que tem sido muito bem caminho não só para riquezas, mas para Altas Qualidades.

“*Determina a Lei, que taes Representações (do Official Militar de Visita dos Hospitaes) sejam por escrito, e não verbalmente, como se fazia antes de 1805,*” pag. 218. Desde o Regulamento de 1797 os Officiaes Militares de Guarda, ou Visita aos Hospitaes não lhes davão ordens: quando senão conformavão com os Empregados, representavão ao General, Governador, etc., e por escrito. O Senhor Marechal General Duque de Lafões recommendava já então, e todos os dias, que sobre Hospitaes ninguem lhe fizesse Representações Verbaes, mas só por escrito. O Investigador defende á ponta da espada o bom Serviço do Departamento Medico-Militar, mas só em certa época; desagrada-lhe tudo, o que houve antes, e depois. Recorde-se o Investigador, que entregando-se a qualquer homem o governo de qualquer Reparti-

ção, acode ordinariamente huma caterva de disonheiros a pintar-lhe defeitos em tudo, quanto antes se fazia; melhoramentos, perfeições só debaixo desse novo Chefe; larga este homem o governo, muito mais se o larga por força, quanto d'ahi em diante se lhe diz, the contra a Repartição, de que elle sahio. Desprezar e calcar disonheiros he mais raro, do que desprezar o grandissimo perigo de morrer, quando se monta em primeiro lugar huma brécha. Nós crêmos, que o governo do Departamento Medico-Militar foi bom nessa época, de que o Investigador falla, ainda não vimos provado, que tivesse defeitos, nunca em tal se nos fallou; he nosso caso de fazer bom conceito dos homens, e dos Estabelecimentos Humanos. Mas estamos bem persuadidos, que tanto antes, como depois dessa época, o Serviço dos Hospitales não seria tão máo, como se tem pintado ao Investigador, que advoga a sua própria causa, e deixa correr á revelia a do Departamento, a do Exercito, e a da Nação.

(Continuar-se-ha.)

*Historia de huma ophthalmia epidemica observada a bordo de hum navio hospital, e communicada aos Redactores, por Bernardino Antonio Gomes, Ex-Medico d' Armada Real Portugueza.*

Em 1802 achava-se na Bahia de Gibraltar huma Esquadra nossa, em cujos navios reinava huma epidemia de typhos, a qual, tendo-se ateado a ponto de ter paralizado quasi inteiramente as operações da Esquadra, fez que o Governo mandasse daqui hum Medico para a Esquadra, onde não havia mais que Cirurgiões, a fim de sanear as tripulações dos navios e extinguir a epidemia.

Sendo eu incumbido desta commissão, e julgando necessario para sua execução que houvesse hum navio hospital, foi nomeada e preparada a fragata Theris para este fim. Cheguei nella a Gibraltar no principio de Junho, e nella recebi e tratei todos os doentes da Esquadra, os quaes, achando-se extincta a epidemia pelos fins de Agosto, erão nesta época mui poucos, e por isso tirárão-se da enfermaria e guardarão-se muitas das camas, que tinham servido aos enfermos.

Decorrerão assim Setembro e Outubro: em Novembro seguinte começou a apparecer huma ophthalmia, da qual no decurso deste mez adocêrão 28 pessoas.

A apparição frequente de novas ophthalmias atrahio-me a attenção, e não podia deixar de me fazer indagar a causa occasional dellas. Ponderar as circumstancias que havia na apparição desta enfermidade, era tomar o fio de Ariadne, que me podia guiar no laberinto de obscuridades, que envolvia o meu problema. Procedi por consequencia desta sorte:

Observando que os doentes desta ophthalmia não a trazião de fóra do navio, collegi que a causa existia a bordo d'elle.

Notando tambem que dos 28 doentes ophthalmicos 24 erão individuos residentes na enfermaria ou empregados no serviço della, e 4 meramente pertencião á tripolação e serviço nautico da fragata, collegi que a causa residia só ou principalmente na enfermaria.

A multiplicação successiva destas ophthalmias, e a particularidade de ser quasi privativamente nos doentes ou empregados no serviço da enfermaria fez-me lembrar de

contagiação ; observando porém que os novos ophthalmicos não eram ordinariamente , como aliás devião ser , os doentes da enfermaria que residião mais proximos aos que tinham a ophthalmia ; conclui , que esta não era contagiosa , mas sim epidemica ou proveniente de huma influencia morbifica do ar da enfermaria.

Nesta persuasão , insisti o mais que era possivel no uso dos meios , que na precedente epidemia de typhos tinha empregado ; e que tinha por mais efficazes para desinfecionar o ar , quero dizer : *asseio , ventilação , e perfumes d'acido nítrico*. Não pude todavia por estes meios acabar com a epidemia , donde conclui que havia algum manancial do miasma ophthalmico , que estava a abrigo da acção dos perfumes nítricos , e que por isso não cessava de infeccionar o ar da enfermaria.

Fazendo indagações pelo descobrir , disse-se-me que quando se abria o paiol da polvora , o qual estava na enfermaria , se sentia algum máo cheiro ; soube mais , que nelle estavam guardados os colchões de lã , que se tinham recolhido da enfermaria , e que tinham servido aos doentes . Suspeitando por estes indícios , que do paiol se exhalava o miasma ophthalmico , fiz com que elle se evacuasse , limpasse , e ventillasse.

Executou-se isto no dia 22 do mesmo mez . No dia seguinte apparecerão 4 novos doentes de ophthalmia , e estes atacados mais fortemente que os precedentes , dos quaes nunca tinha apparecido de huma vez hum tão grande numero ; notou-se na mesma occasião que a ophthalmia se agravou em dous dos antigos doentes . Observei então que alguns dos colchões , que se tirarão do paiol , tinham o pano sujo e podre ; mas não tinham cheiro senão o de mofo . Destes colchões , quando se tirarão do paiol , levantou-se hum pó copioso , que tapizou o sobrado e mezas , e chegou á Camera onde estava o Commandante da fragata , o qual no dia seguinte achava-se com a ophthalmia .

Desfizerão-se immediatamente os colchões , que tinham o pano podre , e lavou-se a lã . Nos dias 24 , e 25 não appareceu de novo doente algum de ophthalmia ; no dia 26 ainda houve hum ; cumpre porém notar a este respeito , que no dia 25 se assoalhárão outros colchões , que estavam guardados em hum camaroté da praça d'armas , no qual residião o 1.<sup>o</sup> e o 2.<sup>o</sup> Cirurgião , o Boticario , e o Sangrador ; os quaes todos tiveram a ophthalmia .

A lá, que se lavou, pôz-se a seccar na tolda; hindo porém o tempo chuvoso, ficou sempre e guardou-se mal enxuta em saccos, que se pozerão dentro de hum escaler, que estava nas antenas: allí aqueceo, e exhalava certo cheiro, o que fez com que a tornasse a assoalhar; desde esta época até 14 de Dezembro, apparecêrão 4 novos doentes de ophthalmia, com a differença que, sendo os que adoecêrão preceentemente quasi todos pertencentes á enfermaria onde estava o paiol que tinha a lá, pelo inverso tres destes 4 erão da tripolação da fragata, i. h. dos que persistião mais na tolda.

Reconhecida com a evidencia, que as circumstancias expostas davão, a origem da ophthalmia epidemica, como se não podesse acabar de seccar a lá por continuar o tempo chuvoso, mandou-se deitar ao mar a 14 de Dezembro, e assim se pôz termo á epidemia ophthalmica.

Ne ta singular epidemia os que adoecião, acordavão com a ophthalmia, tendo de vespera poucos ou nenhuns indicios della. Apparecião de manhã com as albugineas vermelhas, picadas, lagrimas, e mais ou menos intolerancia da luz. As dissoluções de acetito de chumbo, de sulfato de zinco, e outros collirios semelhantes, por brandos que fossem, erão em geral nocivos. A agoa morna era hum dos melhores collirios. Quando a inflammação era assás forte, evacuações de sangue locaes, e evacuações alvinas erão os recursos usuaes, e erão proveitosos. Se, apezar dos remedios mencionados, a ophthalmia se prolongava, então vesicatorios de trás das orelhas, brandos e reiterados purgantes, collirios de acetito de ammoniaco, ou de algum brando adstringente com laudano liquido de Sydenham, erão recursos salutaes.

Da historia desta curiosa epidemia collige-se que a exhalção da lá dos colchões, que tinham servido aos doentes, era a causa occasional da ophthalmia epidemica: 2.<sup>o</sup> que a lá immundã de camas de doentes guardada pôde adquirir huma qualidade nociva aos olhos: 3.<sup>o</sup> que o gaz acido nitrico, sendo alias mui poderoso para purificar o ar de hum aposento, não he sufficiente para tornar este sadio, havendo algum manancial de miasmas, que continue a infecionar aquelle ar: 4.<sup>o</sup> que a purificação de hum aposento para ser completa ha de executar-se não sómente desinfecionando-se o ar delle por meio dos gazes acidos, mas tambem extinguindo-se as substancias corripas, donde emanão effluvios nocivos: em fim que a emanação morbifica da lá dos colchões era hum

estimulo particular dos olhos, porque durante esta epidemia ophthalmica não apparecêrão tosses, esquinencias, ou outras affecções das membranas, que forrão as vias da respiração, e que, bem como as albugineas, erão tocadas pelo miasma ophthalmicô.

---

## HISTORIA.

*Extracto dos mais notaveis acontecimentos Politicos, e Militares, que forão publicados nos Periodicos de Portugal no presente mez de Fevereiro de 1812.*

## AMERICA.

### Mexico.

**P**ELAS Gazetas do Mexico até á data de 12 de Novembro consta que a insurreição tem ali diminuido muito: que os Insurgentes perseguidos por todos os lados só apparecem em pequenas Partidas: e que se tem aberto diversas subscrições para soccorro das Divisões da Peninsula, que mais se tem distinguido.

### Paraguay.

Concluiu-se a 20 de Outubro em Montevideo hum Tratado de pacificação das Provincias do Rio da Prata, entre o Vice-Rei D. Francisco Xavier Elio, e a Junta Executiva de Buenos-Ayres. Este Tratado consta de 24 artigos; e o seu conteúdo em summa he o seguinte: — Protestão ambos os Governos não reconhecer outro Soberano senão Fernando VII. e os seus legitimos Successores. — Sobre o assumpto das Cortes Geraes, e Extraordinarias, espera a Junta tratar depois de se fazer o Congresso Geral das Provincias: no entanto reconhece a unidade indivisivel da Nação Hespanhola, composta de todas as Provincias Peninsulares, e Americanas, convém em remetter para a Hespanha todos os socorros pecuniarios possiveis: e promete enviar ás Cortes hum Manifesto com as razões, porque lhes não manda Deputados antes da deliberação do dito Congresso Geral; e nomear huma ou mais pes-

soas de sua confiança, que manifestem ás Cortes as suas intenções e desejos. — Marcão-se os districtos, onde devem continuar a governar as duas Autoridades, Vice-Rei, e a Junta; e sem anterior consentimento não poderão as tropas de huma entrar no districto da outra. Não será perseguida pessoa alguma pelas suas antecedentes opiniões, ou comportamento politico. — Toda a Artilheria do lado Oriental do Rio da Prata ficará, onde estava; e a dos Navios de Buenos-Ayres apprehendidos será restituída quanto antes, assim como o serão todos os prisioneiros de ambas as partes. As tropas Portuguezas retirar-se-hão para as suas fronteiras: toda a hostilidade, e bloqueio cessará: e o Vice-Rei participará ao do Perú, o General Goyanache, a presente composição. — Todo o habitante poderá restituir-se aos seus lares, entrando na posse dos seus bens; passar de huma para outra parte; corresponder-se; e commerciar por mar e terra, como antes se praticava: em consequencia franquea-se entrada a todo o navio nacional ou estrangeiro, pagando direitos Reaes, segundo hum regulamento convencionado entre os dous Governos. — Estes mutuamente se auxiliarão contra invasão estrangeira, que acaso aconteça. — Ambos protestão a religiosa observancia do estipulado até que se declare a vontade das Cortes, que em todo o caso se manifestará opportunamente á Junta. — Nomear-se-hão por ambas as partes Officiaes para dar cumprimento ao artigo sobre a evacuação de tropas. — Qualquer dúvida, que occorra, resolver-se-ha amigavelmente.

No mesmo dia 20 proclamou o Vice-Rei annunciando aos Póvos a conclusão do Tratado, e os artigos, que lhes são respectivos.

As tropas Portuguezas, de que falla o Tratado, erão 88 homens commandados pelo General Portuguez D. Diogo de Souza, as quaes a 12 de Setembro estavam sobre Montevideo para obrar de acôrdo com as dos Generaes Elio, e Goyanache.

#### B R A Z I L.

Já referimos no Artigo Commercio as novas communicações entre as diversas Provincias do Erazil por meio dos Rios, verificadas pelo Governador de Mato Grosso: e no Artigo Agricultura o Alvará de 18 de Setembro passado. Além deste publicarão-se mais os seguintes:

Alvará de 27 de Julho: da creação das Villas do Cabo de S. Agostinho, de S. Antão, do Pão de Alho, e do Limoeiro, da Comarca de Pernambuco; com os Officios respectivos, Termos, Rendimentos, etc.

Alvará de 10 de Setembro passado; estabelecendo nas Capitães dos Governos, e Capitanias dos Dominios Ultramarinos, Juntas para resolver aquelles negocios, que antes se expedião pelo recurso á Meza do Desembargo do Paço

Dito de 2 de Outubro dito; ordenando que o pagamento da Sisa das compras e arrematações dos Bens de Raiz, se faça da quantia, que se der á vista, e se continue a fazer das quantias, que se forem dando em pagamento.

Dito da mesma data; Determinando que os Testamenteiros não possam fazer pagamentos aos Herdeiros, e Legatarios, sem que primeiramente tenha sido paga a taxa ordenada no Alvará de 17 de Junho de 1809, etc.

Decreto de 12 do dito; mandando processar no Real Erário do Brazil annualmente huma Folha das quantias legitimadas, pertencentes á divida antiga, para se satisfazer aos Proprietarios no fim de cada anno a importancia de seis por cento.

Por Aviso ao Intendente Geral da Policia do Brazil em data de 28 de Setembro, determinou S. A. R. que fossem soltos João Pereira de Souza Caldas, Domingos Borges de Barros, Sebastião, e Vicente Navarro de Andrade, e D. Pio Herreche, que tinhão sido denunciados, como suspeitos vindos de França pelos Estados-Unidos: Havendo o mesmo Senhor ficado persuadido da sua innocencia e fidelidade; e propondo-se aproveitar as luzes de alguns dos mesmos a beneficio do seu Real Serviço.

## A F R I C A .

### Tunes.

A Soldadesca Turca, em Tunes, desgostosa de que o Governo estivesse occupado por huma Familia Moura, sublevoou-se no dia 30 de Agosto passado, apossou-se da Fortaleza Gnadpara, e nomeou hum Bei Turco. O Bei legitimo armou os Arabes, e Sobeos, isto he, as tropas nacionaes, retomou a Fortaleza, e aprisionou 300 Turcos; fugirão-lhe 1700, que depois forão apanhados no Monte Gabel Mousarim, e quasi todos morrerão, ou no campo, ou no patibulo, repartindo se os despojos entre os Arabes.

## EUROPA.

## RUSSIA.

A Gazeta da Córte da Russia publicou as particularidades da acção do dia 26 de Novembro passado, na qual o Exercito Turco, commandado pelo Baxá de tres Caudas, Cheban Oglou, foi cercado, e obrigado a depôr as armas, pelo Exercito Russo, ás ordens do Conde G. Kutusow. O Exercito Turco, quando passou o Danubio, constava de 35 mil homens escolhidos, perdeu em diversos combates 10 mil mortos, e feridos, e o resto com o seu Chefe, e 56 canhões cahirão no poder dos Russos. — Diz-se que esta acção apressará negociações para paz.

## SUECIA.

Bernadotte tornou a depositar os poderes régios nas mãos do Duque de Sundermania. A 7 de Janeiro dirigio-lhe Bernadotte huma larga e comprida falla, em que participa a S. M. quanto fez exterior, e interiormente no Reino, a favor da sua prosperidade. Nota-se que não diga nem huma só palavra contra a Inglaterra; e fallando da Hespanha, e Portugal, acrescenta: = Se estas duas Nações tomassem huma tranquilla consistencia, ellas offererão ao Commercio Sueco vantagens, que affiançarão o aperfeiçoamento dos planos, que a Suecia tem principiado para as suas minas de ferro. =

Esta falla de Bernadotte ao Monarca Sueco, na occasião de S. M. tornar a tomar as rédeas do Governo, he hum documento de importancia; confessa que adoptando o systema continental, e declarando a guerra á Gran-Bretanha, as rendas das Alfandegas se tinham inteiramente extinguido; que os Corsarios com bandeira franceza tinham commettido numerosas piratarias; e fallando das relações estrangeiras com as mais Nações, omittindo a França, observa, que a Suecia estava em boa harmonia com as Córtes de Berlim, Petersburgo, Vienna, e Constantinopla.

## A U S T R I A .

S. A. I. o Príncipe Hereditario d' Austria começou o estudo da Jurisprudencia: seu Mestre he o Dr. Sendich.

O Archiduque Francisco, que se retirou de Vienna, casa com a filha mais velha d' ElRei de Sardenha, sua Sobrinha; e já partio para Sardenha com este objecto.

Desde que se publicou o novo Codigo Civil Austriaco (compilado pelo Conselheiro de Zeiller) tem apparecido muitas obras importantes sobre esta materia. O mesmô M. de Zeiller publicou hum excellente Commentario desta bella obra, e hum resumo historico da legislação Austriaca.

## S I C I L I A .

Sabe-se officialmente que hum Destacamento Inglez de 250 homens do Regimento 62, e 50 Soldados de Marinha, debaixo das ordens do Major Darley sahirão de Melazzo nos fins d' Outubro, embarcados em duas Fragatas, e forão desembarcar em Palinuro, na Costa de Napoles. Este Destacamento carregou á bajoneta, e pôz em fuga hum corpo de 900 homens commandados pelo General Pignatelli: destruiu tres lanchas artilheiras inimigas, e duas baterias, cujas peças forão lançadas ao mar: tomou 6 lanchas, e 20 navios mercantes: e passados dous dias voltou a Melazzo com as prezas.

Na Sicilia descobrio-se huma conspiração contra as tropas Inglezas n' aquelle Reino: os conspirados correspondião-se com o actual Governo de Napoles: tem sido justicados alguns complices: e o General Inglez Lord Bentinck depois da sua volta de Inglaterra fez huma Proclamação, em que perdoa a todos os associados, que em tres dias se denunciarem. — O Rei estabeleceo hum Tribunal Militar para processar todos os presos accusados de traição.

## G R Ã - B R E T A N H A .

Por officios de Sir Samuel Auchmuty em data de 21 de Setembro consta que toda a Ilha de Java ficava em poder das tropas Britanicas, tendo a 17 dito capitulado, e ficado prisioneiro o General Francez Jansen, e o resto das suas tropas. Tomarão-se 50 peças de artilheria, muito dinheiro, e especiarias.

Passa por certo ter havido huma acção no Adriatico entre a Fragata Inglesa, Activa, e a Franceza Pomona: que esta fôra tomada por aquella, cujo Cap. Gordon perdeu huma perna.

O General Francez, Simon, quebrou a sua palavra de honra, e fugio de Odiham: offereceo-se huma recompensa de 3600 rs. a quem o prendesse: com effeito foi preso no dia 16 de Janeiro em casa de huma Franceza.

Descobrio-se no fim de Dezembro huma conspiração na Irlanda. O Mestre-Escola da Capella Catholica na Church-Street, por occasião de embriaguez, foi quem a declarou, e disse que os objectos dos conspiradores erão separar a Irlanda da Inglaterra por força d'armas; e extirpar a heresia. — Que o conspirador mais activo era Mr. Fisher, Protestante. — Que lhe tinham dado hum bacamarte, e que muitos outros estavam armados. — Que se esperava fazer brevemente hum ataque em Dublin, cuja Guarnição era pequena. Fizerão-se presentes ao Governo estas informações, á vista das quaes deve tomar as suas medidas.

*Lista do armamento sahido da Inglaterra para Hespanha e Portugal até 31 de Dezembro de 1811.*

*Hespanha.*

Espingardas . . . . .	337:000
Caravinas . . . . .	4:600
Pistolas . . . . .	8:600
Fardamento completo para Infantes . . . . .	101:000
Cartuxame . . . . .	50000:000
Balas de chumbo . . . . .	8500:000
Barris de polvora . . . . .	35:900

*Portugal.*

Espingardas . . . . .	434:000
Caravinas . . . . .	600
Espingardas para tropa ligeira . . . . .	21:200
Pistolas . . . . .	6:900
Fardamentos completos . . . . .	50:000
Cartuxame . . . . .	18607:000
Balas de chumbo . . . . .	60:000
Barris de polvora . . . . .	3:000

*Mapa comparativo da População da Grã-Bretanha nos annos de 1801, e 1811, mandado imprimir pela Camera dos Communs, a 17 de Janeiro de 1812.*

População em 1801.

	Sexo Masc.	Sexo Femin.	Total.
Inglaterra	3:987:935	4:343:499	8:331:434
Galles	257:278	284:368	541:546
Escocia	734:581	864:487	1:599:088
Exercito, Marinha, etc.	470:598		470:598
<b>Totaes</b>	<b>5:450:292</b>	<b>5:492:354</b>	<b>10:942:666</b>

População em 1811.

	Sexo Masc.	Sexo Femin.	Total.
Inglaterra	4:555:257	4:944:143	9:499:400
Galles	289:414	317:966	607:380
Escocia	825:377	979:487	1:804:864
Exercito, Marinha, etc.	640:500		640:500
<b>Totaes</b>	<b>6:310:548</b>	<b>6:241:596</b>	<b>12:552:144</b>

Augmento nos 10 annos.

Inglaterra	1:167:966
Galles	65:834
Escocia	208:180
Exercito, Marinha, etc.	189:902
<b>Totaes</b>	<b>1:631:882</b>

*Este mappa não comprehende a população da Irlanda.*

## H E S P A N H A.

### Catalunha.

Não tivemos neste mez noticias do que fizerão alguns Corpos Hespanhoes da Catalunha depois das acções de Lacy referidas no nosso N.º antecedente. Este Principado continuou a estar alliviado de inimigos.

Consta que os Francezes a 13 de Novembro saquearão a Cidade de Mataró, e a 3 de Dezembro S. Celoni: porém fallando de acções militares temos a referir o seguinte.

O Coronel O-Ryan participa, de Reus, ao General Lacy que no dia 3 de Dezembro fizera hum ataque falso sobre Tarragona pela parte de terra, em quanto dirigia outra columna para o porto da mesma Praça com ordem de lançar fogo aos navios, e effeitos dos Francezes. Este movimento foi felizmente executado, ardendo varios navios, e principalmente dous Corsarios.

He de crêr que este facto, e alguns outros, que mais tarde poderão chegar ao nosso conhecimento, dêsem bastante cuidado aos inimigos, pois consta que tropas de Suchet marcharão ultimamente para este Principado.

#### *Reinos de Aragão, e Navarra.*

Já no nosso N.<sup>o</sup> antecedente annunciámos que as Divisões do Empecinado, Durão, e Mina estavam destinadas a incommodar a retaguarda do Exercito de Suchet. Estas duas Provincias, e parte da Castella Velha, onde o inimigo deixou apenas as mais necessarias guarnições, fôrão o campo, em que manobrarão principalmente aquellas Divisões. Já sabemos alguns dos seus combates: contaremos separadamente os que dizem respeito a cada hum d'estes Chefes, o que nos obrigará a passar successivamente de huma a outra Provincia em razão da grande mobilidade d'estes Corpos.

O Brigadeiro Durão tendo sabido em Calatayud (Aragão) que a columna da guarnição de Soria (Castella Velha) composta de 1<sup>o</sup> inf. e 70 caval. voltava para esta Cidade carregada de contribuições em dinheiro e grãos, marchou com segredo e rapidez a encontrar-se com os inimigos: o que verificado, travou-se o combate, o inimigo cedeo, e foi perseguido, tendo de perda 450 entre mortos, feridos, e prisioneiros, e deixando todo o dinheiro, grão, muitas armas, mochilas, e alguns cavallos, no poder dos Hespanhoes. Esta acção foi no fim de Novembro. — Parece que tem havido alguns outros choques com este Brigadeiro, porém não constão por ora nem lugares, nem datas, á excepção de hum, de que logo fallaremos.

O Brigadeiro Martin (Empecinado) participou officialmente que peleijára a 28 de Outubro perto de Daroca (Aragão): que o inimigo perdêra mais de 600 homens, sendo 200 mortos, e entre estes 2 Commandantes de Batalhão, e 12 Officiaes: e que os Hespanhoes tiverão 12 mortos, e 8 feridos.

O mesmo Brigadeiro estando em Calatayud foi atacado no dia 7 de Dezembro por huma Divisão de 2:700 inf. 300 caval. e

3 peças de artilheria. O Brigadeiro teve noticia da Divisão inimiga estando esta já a menos de huma legoa de distancia: apezar da sua tropa não estar municionada com mais de 16 a 18 cartuchos, sahio a combater: o inimigo atacou os 3 Batalhões Hespanhoes, que o esperááo firmes: o fogo foi vivissimo. Durantê a acção appareceu na esquerda a Divisão de Durão, contra a qual o inimigo destacou huma forte partida. Acabadas as munições a ambas as Divisões Hespanholas, retirárão-se estas sendo perseguidas frouxamente. O inimigo passou a Almunia, onde curou 200 feridos, e no dia seguinte a Saragoça. Os Hespanhoes tiverão muitos feridos e alguns mortos.

A 7 de Janeiro achavão-se em Soria os ditos Brigadeiros depois de se terem apoderado de muitos milhares de fangas de trigo, e d'outros effeitos: a guarnição Franceza d'aquella Cidade, e os seus partidistas, tinhão-se recolhido ao Castello, onde estão sitiados.

O Brigadeiro Espoz e Mina, voltando da Biscaia, recebeu huma parte do seu segundo, Cruchaga, o qual sabendo que os Francezes tinhão muitos viveres em Tafalla (Navarra) determinou-se a atacar a sua guarnição, logo que Reille passasse para Valencia. Sahio por tanto de Sanguenza a 2 de Dezembro; marchou rapidamente, e apresentou-se na madrugada de 4 a tiro de canhão de Tafalla, sem que o inimigo o tivesse apercebido. Rodeada a Cidade, rompeo-se o fogo; o inimigo surprehido encerrou-se em hum Convento; os Hespanhoes apoderárão-se de 30 fangas de trigo e cevada, que levárão; e sabendo que os Francezes tinhão consigo presas algumas pessoas parentes de Soldados Hespanhoes, atacárão o Convento, e salvárão os prisioneiros, soffrendo muito pequena perda.

No fim de Dezembro estava Mina com 3 Batalhões e hum Regimento de Cavalleria no alto Aragão para operar de acordo com os Brigadeiros Durão e Martin.

Temos noticias, ainda que não officiaes, de outros dous combates com a Divisão de Mina. No 1.º a 11 de Janeiro foi atacada em Sanguenza por 2 a 3000 Francezes vindos de Pamplona. No 2.º nos fins do dito mez assaltou e tomou a fortificação da ponte de Lodoso sobre o Ebro. Em ambos a Divisão de Mina ficou victoriosa, perdendo os inimigos no 1.º 800 mortos; e no 2.º 632 prisioneiros, 2 ou 3 canhões, e todos os petrechos de guerra da guarnição.

#### *Reinos de Valencia, e Murcia.*

He neste mez que nos constárão algumas particularidades da acção de 26 de Dezembro, e as suas consequencias. O General

Mahy, commandante do 3.º Exercito, que com as Divisões de Creagh, Villa-Campa, e Obispo, e a cavalleria de Carrera, estava na esquerda da linha diante da Capital, foi pertinazmente atacado por forças superiores. Os Generaes Creagh, e Carrera elogião o valôr, e arrojo das suas tropas, tendo lutado sempre em hum conflicto tão desigual: attestão o seu comportamento com o louvor dos Militares, e dos mesmos habitantes: assegurão ter frustrado a primeira parte do plano do inimigo, que era o postar-se entre a Praça e as tropas Hespanholas: sendo forçosa a retirada, elogião a cavalleria, que a protegeo retardando o inimigo, e pelejando com valôr, merecendo particularidade hum Soldado Hussar de Fernando VII, que matou, e tirou as insignias ao General da cavalleria inimiga: e finalmente citão as ordens, que receberão de Mahy, para os diversos movimentos durante a batalha, assim como para a reunião em Alcira. Estas circumstancias constão pelos officios de Creagh, e Carrera: os de Villa Campa, e Obispo não tem sido publicados até agora nos nossos Periodicos.

O General Blake em officio de 9 de Janeiro dá algumas idéas do seu plano de campanha: diz que da energia com que fosse defendida a posição de Quarte, e S. Onofre, dependia a segurança do Exercito, e a escolha ou de dar huma acção geral, ou de salvar o Exercito, deixando em Valencia huma pequena guarnição para capitular, conforme as circumstancias o permitissem. "A 26 de Dezembro, *continúa Blake*, os inimigos passarão o Turia entre Manises e Rivarroja, e ameaçarão cortar as tropas de Quarte, passando ao mesmo tempo por baixo de Quarte: porém este movimento lho frustrou constantemente a Divisão do General Zayas, postada em Mislata. Não posso assegurar, se por este receio, ou porque outra combinação, os entrincheiramentos de Quarte, e S. Onofre se evacuarão sem ser atacados; e os de Manises só sofrerão hum ligeiro fogo. A cavalleria teve de manobrar independentemente, e a artilheria ficou abandonada, não se retirando senão 5 peças, que forão trazidas para Valencia. Entretanto se mandarão de reforço a Quarte 2 Batalhões do Regimento de Voluntarios de Castella, que por estar já Quarte abandonado se postarão na visinhanca de Chirivella, e foi reforçada Mislata com algumas peças, e hum Patalhão da Divisão da vanguarda, ficando promptos outros dous para executar o mesmo; porém vendo que o Corpo de Quarte não só não occupava o seu posto, mas que desfiliava por Chiribella, parte desunido, e parte em dispersão, e que os inimigos o perseguirão, (*a esta perseguição, e aos obstaculos encontrados na retirada, rios a passar, etc. attribue Creagh a desunião de alguns Corpos*) não restou outra cousa, que fazer, á Divisão de Zayas, que já não tinha objecto de algum interesse em Mislata, senão retirar-se lentamente sobre Valencia, fazendo

se respeitar da infantaria e cavalleria inimiga, que tinha á sua frente. „

Parece não haver uniformidade de idéas nos officios d'estes Generaes. Mahy e os seus Subalternos pertendem justificar o seu comportamento, apontando estes as ordens, que tiverão d'aquelle, para os diversos movimentos, que executarão do melhor modo, que lhes foi possível: porém Blake, Commandante em Chefe, parece estar satisfeito unicamente da conducta da Divisão de Zayas, que á data deste officio o acompanhava na sorte de prisioneiro. Não sabemos por ora o que tem a dizer os Generaes Villa Campa, e Obispo. O certo he que nesta batalha a linha Hespanhola foi rôta, e as tropas recuarão separadas; as Divisões de Creagh, Villa Campa, Obispo, e a Cavalleria de Carrera para Alcira, e as de Zayas, e Lardizabal para dentro de Valencia.

Ficando portanto Blake, e estas ultimas Divisões incerradas em Valencia, tentarão por duas vezes sahír da Praga; porém este projecto foi embarçado na primeira vez por obstaculos, que offereceo o terreno, e na segunda por hum movimento inconsiderado do povo. O inimigo começou os seus trabalhos para atacar a Praça: no dia 4 de Janeiro estava a poucas toesas do fosso; e as tropas Hespanholas recolherão-se ao recinto: a 5 de tarde principiou o bombardiamento com dano consideravel de edificios, e habitantes: a 6 fez Suchet intimação, que foi rejeitada: continuou o bombardiamento; e as desgraças e afflicções do povo augmentavão tanto mais, quanto a Cidade não tem edificios de abobedas nem medianamente fortes. Nestas circumstancias Blake commovido da consternação da Cidade, não esperando socorros, privado de noticias exteriores, olhando á debil qualidade das obras da Praça, persuadido de que dentro de 48 horas estarião abertas as bréchas, tornando-se inutil profiar na defensão, propoz ao inimigo no dia 8 huma convenção para evacuar a Praga; o que não sendo admittido concluiu a seguinte Capitulação:

“*Capitulação concluida entre Sua Excellencia o Senhor Marechal do Imperio, Conde de Suchet, Commandante em Chefe do Exercito Imperial de Aragón, e Sua Excellencia o Senhor General em Chefe Blake, Commandante do 2.º e 3.º Exercito Hespanhol, para a occupação da Cidade de Valencia.*”

Art. I. A Cidade de Valencia será entregue ao Exercito Imperial; a Religião será respeitada; os habitantes, e suas propriedades protegidos.

II. Não se fará pesquisa alguma quanto ao passado contra aquelles, que tiverem tomado huma parte activa na guerra, ou na revolução. Conceder-se-ha o termo de 3 mezes a quem quizer sahír

da Cidade com a authorisação do Commandante Militar, para que possa transportar-se a qualquer outro destino com sua familia, e seus bens.

III. O Exercito sahirá com as honras da guerra pela portada de Serranos, e deporá as armas na parte opposta da ponte sobre a margem esquerda do Guadaliviar. Os Officiaes conservarão suas espadas, assim como seus cavallos e equipagens, e os Soldados suas mochilas.

IV. Tendo offerecido o Excellentissimo Senhor General em Chefe o Senhor Blake restituir os prisioneiros Francezes ou Allia-dos destes, que se acharem em Mallorca, Alicante, ou Carthage-na: igual numero de prisioneiros Hespanhoes ficará nas Praças occupadas pelos Francezes, até que se possa concluir a troca, homem por homem, e patente por patente. Esta disposição se extenderá aos Commissarios, e outros empregados militares, prisioneiros por ambas as partes. A troca se fará successivamente, e começará desde a chegada das primeiras columnas de prisioneiros Francezes, de que se dará parte por meio do Senhor General Blake.

V. Hoje 9 de Janeiro, logo que a Capitulação esteja assignada, algumas Companhias de Granadeiros do Exercito Imperial, commandadas por Coroneis, occuparão a porta do Mar, e a Ciudadella.

A manhã ás 8 da manhã sahirá a guarnição da Praça pela porta de Serranos, ao mesmo tempo que 200 homens entrarão pela de S. Vicente para se dirigirem a Alcira.

VI. Os Officiaes retirados, que actualmente se achão em Valencia, ficarão autorizados para permanecer na Cidade, se quizerem, e se tratará dos meios de segurar a sua subsistencia.

VII. Os Commandantes de Artilheria, e Engenheiros, e o Commissario Geral do Exercito entregarão aos Generaes e Commissarios Francezes, cada hum na parte que lhe toca, o inventario de tudo o que pertencer ao Serviço do seu ramo respectivo.

Valencia 9 de Janeiro de 1812. — Assignado: O General de Divisão, José de Zayas, Encarregado pelo Excellentissimo Senhor General Blake: o General, Chefe do Estado Maior do Exercito Imperial de Aragão, S.<sup>o</sup> Cyr Nugues, Encarregado por Mr. o Marechal Conde Suchet.

Convenho na Capitulação antecedente = Joaquim Blake.

Approvo a presente Capitulação. — O Marechal Conde do Imperio = Suchet.

He cópia. — Blake. //

O 4.<sup>o</sup> Artigo não foi verificado pelo Governo Hespanhol, que jurou não entrar em ajustes com o inimigo em quanto este estivesse na Hespanha.

Quando Blake no dia 29 de Dezembro pertendeo sahir de Valencia, e salvar o Exercito, o Brigadeiro Michilena, que estava na vanguarda, e mais adiantado por consequencia, á testa de 500 inf. e 50 caval., surpredeo os postos inimigos, e a 30. chegou a Alcira, tendo soffrido pequena perda. — Rendida Valencia, Suchet lhe pôz huma grande contribuição.

A 11 de Janeiro estavam reunidas em Alicante as tropas do 3.º Exercito, e as dos Generaes Villa Campa, e Obispo, achando-se nas vizinhanças a cavalleria de Freyre, e Carrera. A este movimento foi obrigado Mahy por saber que havião chegado a Albacete 88 homens commandados por Montbrun, destacado do Exercito de Marmont; e que mais 600 tihão passado á direita do Xucar, ameaçando-o deste modo pela frente, e flanco esquerdo, com forças superiores. O General Montbrun chegou a intimar Alicante a 12 dito, porém sendo infructifera a sua tentativa retirou-se; assim como fizeram os que se tinhão espalhado até Orihuela, e Murcia, depois de terem exigido as possíveis contribuições.

Villa Campa passou depois a Murcia, d'onde sahio a 25. A 26 chegou a esta Cidade hum Destacamento de 600 cavallos inimigos, commandados pelo General Sault, irmão do Marechal, e vindos de Granada; exigirão contribuições; e no mesmo dia fóraõ sorprendidos pelo General Carrera, que entrou na Cidade com hum pequeno Destacamento; porém sendo este inferior em numero ao do inimigo, e não acudindo o resto da cavalleria Hespanhola, que ficou fóra da Cidade, os Hespanhões retirárão-se, e Carrera vendo-se, perto de huma Praça da Cidade, cercado por 8 ou mais inimigos, longe de render-se, batendo-se só, depois de ter morto e ferido alguns d'elles, morreo heroicamente.

Consta que chegarão tropas Inglezas a Alicante; e a Carthagena. — O General D. Thomaz O-Donoju foi nomiado Commandante do 3.º Exercito.

Nos fins de Dezembro estava totalmente extincto o contagio nas Cidades de Murcia, e Carthagena.

---

#### Castellas.

Estes Reinos continuão a não apresentar acções militares de consideração, tendo os Exercitos Francezes manobrado, quasi exclusivamente, nas Provincias, que lhes ficão a E. e O.: apenas temos a notar que as tropas commandadas por Montbrun atravessárão a Castella Nova para apoiar o ataque de Valencia, como já

dicemos; e depois de tomada esta Cidade voltárão a postar-se na linha do Têjo nos contornos de Talavera de la Reyna, e Toledo, onde tambem chegarão outras Divisões de Marmont. Do resto do Exercito d'este General, e do de Dorsenne fallaremos no artigo de Leão.

Os Córpos soltos fizerão algumas incursões nas Castellãs. O Brigadeiro Morillo, que tinha marchado da Estremadura para a Mancha, occupava Ciudad-Real, que fôra evacuada pelo inimigo; e querendo a 16 de Janeiro atacar a guarnição de Almagro, soube que se aproximava huma forte columna inimiga com alguma artilheria, o que o obrigou a voltar para Ciudad-Real, sendo perseguido pelo inimigo, a quem não offereceo batalha por não arriscar a sua tropa, e não alterar as instrucções, e objectos de que fôra commissionedo. A 30 dito tinha chegado a Truxillo este Brigadeiro com a sua tropa, que nesta expedição á Mancha não teve perdas, antes augmentou consideravelmente.

A Partida do Medico a 31 de Outubro em Cadahalso, e depois junto a Madrid; hum Corpo do Coronel Martinez a 20 de Novembro em Infantes; o Commandante de Hussares francos D. Romão Garcia a 29 dito em Navalcarnero, e a 6 de Dezembro perto de Escalona; e recentemente Saornil em Medina del Campo; Cuesta perto do Tietar, tem-se batido com as guarnições, e pequenos corpos Francezes, cortado communicações, feito grandes prezas, e causado ao inimigo consideravel perda em mortos, e prisioneiros.

No dia 28 de Novembro amanhecêrão affixados em varios sitios de Madrid papeis impressos nos quatro idiomas Hespanhol, Francez, Alemão, e Italiano, offerecendo prémios aos Soldados, que abandonarem o serviço Francez. — No mez passado démos noticia de semelhantes gratificações offerecidas em nome do Governo Britanico. Consta já a sua publicação em diversas partes da Hespanha, e que por este motivo tem augmentado a deserção dos Exercitos Francezes.

---

#### Reinos de Leão, e Galliza.

Subemos no mez passado que Marmont reunia o seu Exercito reforçado com algumas Divisões pertencentes ao de Dorsenne, e com a de Bonnet. Esta reunião effectuou-se, quando Ciudad-Rodrigo estava já tomada. Marmont portanto não se deliberou a procurar o Exercito Alliado; antes pelo contrario algumas de suas tropas desfilarão para Talavera, e Toledo, para onde se dirigio igualmente Montbrun na sua volta de Allicante. O resto das tropas de Marmont, inclusas as Divisões de Bonnet, e Suham, ficár

no Reino de Leão, onde são necessarias para observar os movimentos do 6.º Exército.

Este Exército, ou de Galliza, começou a mover-se pouco mais ou menos a 20 de Janeiro. A 27 a 2.ª Divisão, e a 3.ª que era commandada pelo General Cabrera, e que estava em Puebla de Sanabria, tiveram ordem do General Abbadia para operarem sobre Astorga, e Bañeza. A 2.ª Divisão foi reconhecer Astorga; porém os inimigos não sahirão da Praça, e só fizeram algum fogo de espingarda, e canhão. A 3.ª avançou até Bañeza, e entre tanto hum Destacamento da Divisão Portuguesa do Conde de Amarante foi occupar Puebla. A columna volante do mesmo Exército apresentou-se nas visinhanças de Leão, e observou a estrada de Pajares, onde no dia 28 atacou, e bateo as avançadas do Coronel Gauthier. Todas estas tropas voltarão depois aos seus antigos postos, não só por terem conseguido o seu fim, (que, parece, foi impedir a reunião do inimigo para soccorrer Ciudad-Rodrigo, ou ao menos retardalla, ou distrahir-lhe forças já reunidas; o que se verificou já pelo encontro com a Divisão de Bonnet, já tendo Marmont de destacar tropas para Benavente) mas tambem por causa do péssimo tempo, e muita neve. O Quartel General Hespanhol ficava em Requejo. — O commando do 6.º Exército foi dado ao General Santocildes, por ter sido aceita a demissão pedida pelo General Abbadia.

Tomada Ciudad-Rodrigo tratou-se immediatamente de a reparar; e forão nomiados os Empregados Civis e Militares, e guarnição para aquella Praça. O Governador interino he o Eregadeiro D. Dionisio Vives. O Exército Alliado retirou-se depois para as fronteiras de Portugal.

Foi então que começaram a desfilar, como já dissemos, as Divisões inimigas reunidas por Marmont; e além das que descêrão para o Têjo, consta por noticias confidenciaes que tambem algumas retrocederão para Valladolid, d'onde no dia 30 de Janeiro sahio para Burgos a Divisão da Guarda Imperial, de 500 homens, e 12 canhões, commandada por Roguet; que no dia 31 entrarão em Valladolid 5 Generaes, 500 homens, e 8 canhões; no dia 1.º de Fevereiro 600 com 14 peças, muitos carros com doentes, 120 com bolacha e outros genetos tirados de Salamanca; e que todas estas tropas sahirão para Burgos, assim como as officinas, e Estado Maior do Exército do Norte, isto he, de Dorsenne, com 16 peças da Guarda Imperial. Consta que tambem de Madrid sahira para Burgos muita artilheria.

Na Corunha a 13 de Janeiro havia ordem para se receberem 200 fardamentos, 200 espingardas, hum milhão de cartuchos, 400 pares de pistolas, 400 sabres, e 300 capotes, remessa de Inglaterra, além de 500 fardamentos, que anteriormente se tinham recebido.

*Asturias, e Biscain.*

Depois dos diversos encontros dos Corpos volantes Hespanhoes com os Francezes das Asturias, como referimos no mez antecedente, e de alguns outros, em hum dos quaes, publicado neste mez, forão derrotados; Batalhões inimigos, que tinham sido destacados contra o Brigadeiro Polier, e que voltárão reduzidos a 3 companhias, e perseguidos por aquelle General até perto de Oviedo, Bonnet recebeu nesta Cidade, a 22 de Janeiro, ordem para evacuar as Asturias. No dia 24 de manhã estava Oviedo inteiramente evacuada. Neste mesmo dia entrou ali Polier, que recolheu 100 desertores e os Musicos de dous Regimentos Francezes; e destacou a sua cavalleria, e algumas companhias de Caçadores, para perseguirem o inimigo. O General Losada chegou a Oviedo no mesmo dia, e participou que tambem destacava os 50 cavallos da sua Divisão para o mesmo fim; que a 1.<sup>a</sup> Secção marchava pelas Pontes de Soto, fazendo os ultimos esforços por encontrar o inimigo; e que a 2.<sup>a</sup> estava a entrar em Oviedo. Bonnet, e todos os Francezes de Grado, Penhabaullan, etc. dirigirão-se para Leão pela estrada de Pajares; forão perseguidos em toda a sua marcha; na dita estrada chegarão a travar combate com a Columna volante destacada do 6.<sup>o</sup> Exercito, e com as tropas de Polier; e por fim chegarão a Leão bastante fatigados, sem artilheria, dispersos, e tendo deixado nas estradas muitos cadaveres, e despojos, que se cobrirão de neve. Além da perseguição pelos Hespanhoes, os máos caminhos, e o rigor da estação, forão causa da grande perda desta Divisão.

Peor foi a sorte dos doentes, partidistas, e alguns officiaes Francezes, que embarcados em todos os barcos, e lanchas Francezas das Asturias, e tendo sahido de Gijon para Santander, perecerão afogados, salvando-se apenas hum barco, que fundeou em S. Vicente de la Barquera, com pouca gente.

Bonnet teve depois ordem para marchar de Leão para Astorga: e foi então que a 2.<sup>a</sup> Divisão do 6.<sup>o</sup> Exercito fez o reconhecimento d'esta Praça, como fica dito. — O General Losada tinha ultimamente o seu Quartel General em Robla. Da Biscaina o Commandante Campillo participa o resultado de differentes choques, que sustentou nas visinhanças de Valmaseda, Bilbão, Gordojuela, etc. nas quaes o inimigo perdeu 200 homens, sendo grande parte Gensdarmes.

*Estremadura.*

Depois do passeio Militar, que o General Hill deo por esta

Provincia no principio de Janeiro, os inimigos tem o seu Quartel General em Zafra, occupando muitas terras até Atalaia e Valverde: porém não tem havido encontros — Badajoz tem sido fortificada: a sua guarnição he de 3:000 homens com 300 doentes: tem soffrido grande deserção: e o Governador parece não estar satisfeito com os Ajudantes, o que se collige de officios, que lhe fôrão interceptados. — Para esta Praça tem passado alguns combois de farinhas, e bacalhão, vindos de Huelva: hum d'elles foi tomado pelos Inglezes a 22 do passado em S. Martha. Estes combois tem vindo escoltados pelos Francezes do Condado de Niebla, que ficou só com huma pequena guarnição.

#### Andaluzia.

Consta officialmente que o General Ballesteros fôra atacado na noute de 1 para 2 do corrente pelos Generaes Courroux, e Musnier, os quaes ficárão destroçados. Esperão-se as particularidades desta acção.

#### Cadiz.

Por Decreto de 21 de Janeiro foi creado o Conselho d'Estado, composto de 20 Membros, dos quaes ao menos 6 serão naturaes do Ultramar; e entre todos haverá 2 Ecclesiasticos, hum Bispo, e outro constituido em Dignidade; 2 Grandes d' Hespanha; e os outros serão tirados dos Corpos, Diplomatico, Militar, Economico, e da Magistratura.

Por Decreto de 22 dito foi creada nova Regencia, composta de 3 pessoas; a saber: — O Duque do Infantado, Tenente General; D. Joaquim Mosquera e Figueiroa, do Conselho Supremo das Indias; D. João Maria Villaviciencio, Tenente General da Real Armada; D. Ignacio Rodrigues de Rivas, do Conselho de S. M.; e o Conde de Bisbal, Tenente General. A Presidencia mudará por turno cada seis mezes, segundo a ordem em que estão nomeados os Membros. O segundo presidirá em quanto não chega o Duque.

A nova Regencia tem dirigido Proclamações a todas as Prôvincias, e America, excitando a confiança no Governo, e o enthusiasmo na defesa da Patria.

O General Ballesteros foi nomeado Capitão General das Andaluzias, Commandante em Chefe do 4.º Exercito: o Conde de Fernan-Nuñez Embaixador para Londres, em lugar do Duque do Infantado; Lord Wellington Duque de Ciudad-Rodrigo, e Grande d' Hespanha de Primeira Classe; D. Pedro Cevallos, o Marquez de Piedra blanca, e D. Justo Maria Ibanavarro, Conselheiros de

Estado : D. José Maria de Leão e Pizarro Ministro d' Estado ;  
D. Antonio Ranz Romanillos Ministro da Fazenda : D. Ramon  
Maria Carvajal Ministro da Guerra : o Tenente General D. Cae-  
tano Valdez Commandante da Esquadra do Oceano, e Gover-  
nador de Cadiz : D. Julião Sanches Brigadeiro.

O General Inglez Doyle está incumbido da disciplina das re-  
crutas na Ilha de Leão. — Tem sabido tropas Inglezas e Hespa-  
nholas para reforçar Ballesteros.

Por Decreto de 24 dito foi abolida a pena de forca, ficando  
substituida pela de garrote.

O Governo d' Hespanha habilitou todos os Hespanhoes, que  
por qualquer linha tragão sua origem da Africa, para que, sendo  
dotados de prendas recommendaveis, possam ser admittidos, e  
graduados nas Universidades, ser Alumnos dos Seminarios, entrar  
em Religiões, e ser Ordenados, concorrendo n'elles as circumstan-  
cias estabelecidas nas Leis Eeclesiasticas, e do Reino.

## PORTUGAL.

Os movimentos do Exercito Anglo-Luso constão pelos arti-  
gos antecedentes. Só temos a accrescentar que das fronteiras da  
Beira tem descido algumas Divisões, e passado o Têjo.

## L I S B O A.

### *Resumo das operações militares na Península.*

As operações dos Exercitos na Península tiverão dous obje-  
ctos: — 1.º Conquista de Valencia : 2.º Conquista de Ciudad-  
Rodrigo. Suchet conseguiu o 1.º objecto, empregando as tropas  
disponiveis da Catalunha, Aragão, Navarra, Castellas, e chamando  
em seu auxilio algumas Divisões de Marmont, commandadas por  
Montbrun. Blake defendia aquella Capital com o 2.º, e parte do  
3.º, e 4.º Exercitos : forçada porém a sua linha na acção de 26  
de Dezembro, recolheu-se á Cidade, e capitulou a 9 de Janeiro.  
O resto da tropa Hespanhola passou para Alicante. — As guarni-  
ções das Provincias desamparadas por Suchet soffrêrão muitas per-  
das causadas por Lacy, Mina, Durão, Empecinado, Saornil, Mo-  
rillo, etc. Para evitar maiores danos mandou Suchet tropas para  
Catalunha depois da Capitulação de Valencia, deixando a Divisão  
de D' Harispe para guarnecer este Reino.

O 2.º objecto comprehendido, e conseguido pelo Exercito de  
Lord Wellington obrigou Marmont a reunir no Reino de Leão  
as Divisões, que pôde, do seu Exercito, e do de Dorsenne, e a

de Bonnet, que deixou as Asturias inteiramente livres, e soffreu grande perda na sua marcha. Estas tropas reunirão-se, quando a Praça estava já tomada. O 6.<sup>o</sup> Exercito avançou até Astorga, Bafieza, e estrada de Pajares. Marmont nestas circumstancias não procurou o Exercito Alliado. Este retrocedeo para as fronteiras de Portugal. As Divisões Francezas desfilarão humas para o Têjo, outras para Burgos, e outras ficarão no Reino de Leão. O 6.<sup>o</sup> Exercito voltou para Galliza. Ultimamente parte do Exercito de Lord Wellington passou o Têjo.

Os movimentos de Sout, e Ballesteros na Andaluzia, parece, tiverão por objecto de ambas as partes fazer huma diversão a favor das operações em Valencia. Actualmente depois desta tomada, talvez se emprendão novos planos, pois já consta que estes Generaes reúnem mais tropas.

---

Consta por Inglaterra em consequencia de Officios dos Commissarios Britanicos na Hespanha, que os Francezes, no mez de Outubro perdêrão perto de 50 hom. na Catalunha; 40 em Aragoão; 40 em Valencia; quasi 200 na Andaluzia; mais de 200 na Estremadura; o que tudo fórma o total de 1700 hom., além das perdas em marchas, Hospitales, e com Guerrilhas.

---

*Extracto de algumas Ordens do Dia do Excellentissimo Marechal, Conde de Trancoso.*

Na Ordem do Dia 22 de Janeiro, determina S. Ex.<sup>a</sup> que os Commandantes dos Côrpos obriguem os Officiaes, que não tiverem a collecção completa das ditas Ordens, a compralla, para o que S. Ex.<sup>a</sup> mandou imprimilla, e acha-se á venda na Rua Nova do Almada Num. 44.

Na de 24 dito determina S. Ex.<sup>a</sup> que sendo costumê não soltar os presos, a quem se deo a voz de S. Ex.<sup>a</sup>, sem ordem sua directa, o que causa ás vezes grandes delongas, ficão autorizados os Generaes e Officiaes Superiores, a quem pertencer, para mandar soltar os innocentes, e castigar segundo as Leis os culpados; dando-lhe com tudo parte.

Na de 23 de Fevereiro publicou-se huma grande Promoção. S. Ex.<sup>a</sup> mostra grande prazer em ter podido recommendar a S. A. R. os Officiaes contemplados, em razão dos seus Servicos, e merecimento: — elogia da parte do Governo do Reino o valor,

e bom comportamento das tropas Portuguezas, particularmente no assalto a Ciudad-Rodrigo; e no ataque dos 2 Esquadrões do Regimento de Cavalleria Num. 4, unidos a outros 2 de Hussares Brit. do Num. 2, contra o inimigo em Fuentes del Maestro.

Os Officiaes promovidos são:

*A Tenentes Generaes.*

Os Exm.<sup>mos</sup> D. Miguel Pereira Forjaz.

Conde de Amarante.

João Hamilton.

*A Marechacs de Campo.*

Os Brigad. D. Rodrigo de Lencastre.

Visconde d' Asseca.

Blunt.

*A Brigadeiros.*

O Coronel do Real Corpo d'Engenheiros, Ricardo Luiz Antonio Raposo.

De Inf. Num. 7, José Cardoso de Menezes Souto-Maior.

De Inf. Num. 10, Conde de Rezende.

De Caval. Num. 5, Gaspar Teixeira de Magalhães e Lacerda.

*Ficando dispensados do commando dos seus Regimentos.*

*A Coroneis.*

Do Real Corpo d'Engenheiros, Carlos Frederico Bernardo de Caulla.

De Cav. Num. 7, Alvaro Xavier da Fonseca Coutinho e Povoas  
Num. 4, Jorge Campbell.

do Exercito, João Browne.

De Inf. Num. 13, Maximiliano de Brito Mozinho.

Num. 15, Luiz do Rego Barreto.

Num. 2, Jorge de Avellez Zuzarte.

Num. 12, Antonio de Lacerda Pinto da Silveira.

Num. 24, Guilherme M.<sup>o</sup> Bean.

Num. 19, João Doyle.

Num. 1, Thomaz Noel Hill.

Num. 8, João Douglas.

*Coroneis, para ficarem no mesmo exercicio, que tinham:*

Os Ten. Cor. Marquez de Tancos.

Manoel da Silveira Pinto da Fonseca.

Bernardo da Silveira Pinto.  
 Roberto Arbuthnot.  
 Com o exercicio de Commandante da Praça de Campo-Maior,  
 Francisco Xavier da Silva Pereira,  
 Graduado em Coronel, continuando no mesmo Exercicio, João  
 Antonio Bilstein.

*A Tenentes Coronéis.*

De Inf. Num. 12, Francisco Homem de Magalhães Pissarro.  
 Num. 5, Frederico Muller.  
 Num. 1, João Carlos de Saldanha de Oliveira e Daun.

Por outras Ordens do Dia transcritas nos Periodicos deste  
 mez consta igualmente que forão promovidos:

*A Marechal de Campo.*

O Brigadeiro, Secretario Militar, Antonio de Lemos Pereira de  
 Lacerda.

*A Brigadeiros.*

De Cavalleria, Filippe de Souza Canavarro, continuando a com-  
 mandar a Guarda Real da Policia.  
 De Infanteria, José Joaquim Champalimaud, ficando dispensado  
 do Commando do Regimento Num. 21.

---

O Governo do Reino dirigio aos Portuguezes huma Procla-  
 mação em data de 13 do corrente; na qual depois de mostrar as  
 bem fundadas esperanças do feliz exito da nossa causa; lembran-  
 do porém a possibilidade de ser invadida alguma parte da extensa  
 fronteira de Portugal; e fazendo recordar as providencias dadas  
 pelo Excellentissimo Marechal General, Conde do Vimeiro, na  
 sua Proclamação de 10 de Abril passado; para evitar sacrificios  
 dos Póvos, e as incursões e pilhagens do inimigo, e finalmente  
 para bem Commum, e Particular; Determinou: — 1.º que as pes-  
 soas capazes de tomar armas se exercitassem no seu manejo, e  
 que as de mais se disponhão com antecipação para se retirarem a  
 lugares seguros: 2.º que convem retirar, ou esconder o dinheiro  
 e alliaias: 3.º que sejam privados os inimigos de subsistencias e  
 commodidades, removendo viveres, gados, carros, etc. e inuti-  
 lisando o que se não poder transportar.

---

Apêzar das circumstancias em que se acha Portugal, livre de inimigos, he possível, sem risco para a causa geral, que estes fação algumas correrias, como no fim de Dezembro passado acon-teceo em Serpa e Moura. São estes males, que se pretendem acautelar com as providencias determinadas nesta Proclamação; providencias, que com energia tem procurado pôr em execução o Tenente Coronel Sebastião Martins Mestre, Commandante da defen-sa da esquerda do Guadiana, no seu Edital, e Proclamação, em data de 18 de Janeiro, em Serpa.

*Extracto de algumas Portarias, Avisos, e Editaes, publicados nos Periodicos do mez de Fevereiro.*

Pela Portaria de 27 de Novembro passado se crearáo interina-mente os lugares de Inspectores de Revista para cada huma das Thesourarias Geraes das Tropas, na conformidade das Instruc-ções, que acompañavão a mesma Portaria.

Pela Portaria de 7 de Dezembro se mandou observar interina-mente huma nova Regulação para os Transportes necessarios para o serviço dos Exercitos. — Este Regulamento consta de 11 Ar-tigos, nos quaes se decláráo as Autoridades encarregadas deste importante serviço, continuando a ser Inspector Geral dos Trans-portes de Mar e Terra o Intendente Geral da Policia, creandose 7 Inspectores de Provincias, e sendo seus subalternos os Jui-zes de Fóra, e Ordinarios, cada hum no seu districto: dão-se as providencias para o detalhe ser feito com a maior igualdade, e sem violencia, para o que os Inpectores de Provincia serão con-siderados como Procuradores do Povo: regulão-se os itinerarios de maneira que hum carro de bois não deve andar por dia mais de tres legoas até tres e meia, tendo hum de descanso em cada seis dias, e não estando fóra do seu districto mais de 20 a 30 dias; os outros Transportes poderão estar mais dias, e em cada hum caminhar 6 a 7 legoas: estabelecem-se penas aos donos ou conductores, que commetterem faltas: determina-se quem póde réquerer Transportes, e as formalidades, como: os Inspectores de Provincias remetterão todos os tres mezes ao Inspector Geral hum mappa geral dos seus Transportes, e as queixas á cerca dos Ministros territoriaes; á Secretaria d'Estado as reclamações sobre falta de pagamentos; e aos Commandantes em Chefe dos Exer-citos huma relação das requisições, e as queixas contra os Milita-res, etc.

A Portaria de 28 de Dezembro faz algumas declarações a res-

peito dos Art. V. e VI. do Cap. III. das Instrucções relativas ás Thesourarias Geraes das Tropas.

Tendo sido, por ordens anteriores, encarregado ao Desembargador José Antonio de Sá o Alistamento Geral do Reino por Famílias, e Corporações, com especificação de idades, disposição, Offícios, e Privilegios, segundo o Mappa Arithmetico-Politico do Reino, formalizado pelo mesmo Desembargador; Sua A. R. Determinou a 9 de Janeiro, as cautélas, meios, e providencias, para que o dito Alistamento seja feito com a maior exactidão possível.

Por Aviso de 13 de Fevereiro, S. A. R. determinou que no 1.º de Março se abra, e continue regularmente, e sem interrupção, o pagamento dos Juros do Papel-Moeda.

Pela Portaria da mesma data dão-se providencias para evitar e castigar a deserção dos Bagageiros, e mais Individuos empregados no Serviço dos Exercitos Alliados. — Consta de 9 Artigos; 1.º Todos os Bagageiros, e quaesquer serventes serão matriculados nas suas respectivas Repartições. — 2.º As declarações das matriculas serão verificadas pelos Chefes das Repartições. — 3.º O Bagageiro, ou Servente, que abandonar o serviço será punido como desertor. — 4.º Os Chefes das Repartições participarão aos Generaes das Provincias os assentos, e signaes do desertor, para estes passarem ordens aos Magistrados, e Capitães-Mores a fim de que seja preso. — 5.º Verificada a prisão, o réo será julgado perante hum Conselho de Guerra, que será composto de hum Presidente, Capitão, e 4 Vogaes, entrando o Auditor; impondose-lhe a pena de dous annos de trabalho, com grilheta, nas Fortificações. — 6.º Determinão-se castigos aos Magistrados, e Officiaes de Ordenanças, negligentes nas prisões dos Bagageiros desertores. — 7.º As pessoas, que derem asilo, ou empregarem no seu serviço estes desertores pagarão pela primeira vez 20000 reis, pela segunda 40000 reis, pela terceira perderão os Bens da Coroa e Ordens, ficando inhabilitados para emprego algum do Real Serviço. — 8.º Sendo Ecclesiasticos, serão exterminados pela primeira vez para 40 legoas do lugar, que servia d' asilo; pela segunda do legoas, e pela terceira desnaturalizados deste Reino, e seus Dominios. — 9.º Quem prender alguin destes desertores terá de premio 40000 reis, pagos por quem lhe dava asilo.

Por Sentença dada a 30 de Dezembro passado forão justificados os Marquezes de Valença, e Ponte de Lima, e o Coronel

José de Vasconcellos e Sá, os quaes tendo ido para França por ordem do General Junot, poderão em Novembro passado, escapar-se do Exército de Marmont, e apresentar-se no Quartel General de Lord Wellington, donde vierão para Lisboa.

— 1811 —

A Academia Real das Sciencias de Lisboa nomeou para seu Socio o Excellentissimo Visconde da Lapa, em Sessão de 25 de Janeiro do anno corrente.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
31	32	33	34	35	36	37	38	39	40
41	42	43	44	45	46	47	48	49	50
51	52	53	54	55	56	57	58	59	60
61	62	63	64	65	66	67	68	69	70
71	72	73	74	75	76	77	78	79	80
81	82	83	84	85	86	87	88	89	90
91	92	93	94	95	96	97	98	99	100

JANEIRO DE 1812.  
 MAPPA DE OBSERVAÇÕES METEOROLÓGICAS feitas no Gabinete de  
 Physica Experimental da Universidade de Coimbra desde 11 até  
 31 do mez. — N. B. pag. 144.

M A N H Á.

Dias do mez.	Hor.	Min.	Barometro.		Thermo- metro.	Hygro- metro.	Estado do Cco.
			Pol.	linh.			
11	8	45	27	10	5 m.	86	s. n.
	9	45	—	10 m.	—	—	s. n.
	10	30	—	—	5	84	s. n.
	12	—	—	10	5 m.	83 m.	s. n.
12	10	—	27	10	6	85 m.	s. n.
	12	—	—	9 m.	6	86	s. n.
13	8	—	27	10	5	87	s. n.
	10	—	—	9 m.	5 m.	87 m.	s. n.
	12	—	—	10	6	87	s. n.
14	7	30	27	11	5	88	a. n.
	9	45	—	11 m.	5 m.	—	s. n.
	12	—	—	11	6	87	s. n.
15	9	—	27	11	6 m.	87	s. n.
	10	—	—	—	5 m.	84	s. n.
	11	30	—	10 m.	6 m.	83 m.	s. n.
16	10	—	27	10	6 m.	85	s. n.
	12	—	—	10 m.	6	85 m.	s. n.
17	8	—	27	9	5	87 m.	s. n.
	10	—	—	—	6	86	s. n.
	12	—	—	9 m.	6 m.	86 m.	s. n.
18	8	30	28	—	6 m.	89	c. de n.
	10	—	—	—	7 m.	88	p. S.
	11	45	—	—	8 m.	87 m.	c. de n.
19	8	—	28	9 m.	8 m.	86 m.	s. n.
	11	—	—	—	—	85 m.	s. n.
	12	—	—	—	—	85	s. n.

## JANEIRO DE 1812.

## TABELA D'E.

Dia do mez	Hor.	Min.	Barometro.		Thermo-	Hygro-	Estado do Céo.			
			Pol.	linh.	metro.	metro.	nuv.	sol.	br.	luz.
11	2		27	10	5	84		s. n.	8	01
	3		—	—	6 m.	84		s. n.	9	01
	4		—	—	—	83		s. n.	11	01
	5	30	—	—	6	84		s. n.	11	01
12	1	—	27	9	5 m.	86		s. n.	8	01
	5		—	—	6	85		s. n.	9	01
13	2		27	9 m.	6	87 m.		s. n.	11	01
	4		—	—	—	87		s. n.	11	01
14	3		27	10 m.	6 m.	88		s. n.	8	01
	5		—	—	6	87 m.		s. n.	11	01
	5	—	—	11	6 m.	87		s. n.	11	01
15	1	45	27	10	6	85		s. n.	11	01
	3		—	—	—	84		s. n.	11	01
	4	45	—	—	7	83 m.		s. n.	11	01
16	1		27	11	6	86		s. n.	11	01
	4		—	—	—	87		s. n.	11	01
17	3	30	27	9 m.	—	89		a. n.	9	01
	4		—	—	7	88		a. n.	11	01
18	3		28		8	87		c. de n.	8	01
	5		—	—	8 m.	87 m.		a. n.	11	01
									11	01
19	2	30	28		8 m.	85		a. n.	8	01
	4		—	—	7 m.	84 m.		a. n.	9	01

## Continuação do Mappa de Janeiro.

## M A N HÃ.

Dias do mez.	Hor.	Min.	Barometro.		Thermo- metro.	Hygro- metro.	Estado do Ceo.				
			Pol.	linh.	gr.	gr.					
20	8		28	m.	6	83 m.			s. n.		
	9	45	—	—	—	85			s. n.		
	11		—	—	6 m.	84			s. n.		
	12		—	—	7	—			s. n.		
21	8	30	27	8	6 m.	85			s. n.		
	9		—	8 m.	—	—			s. n.		
	10		—	9	7	85 m.			s. n.		
	12		—	11	7 m.	84			s. n.		
22	6	30	27	9 m.	5	84			nv.		
	7		—	—	7	85 m.			a. S.		
	8		—	—	6	87			a. S.		
	11		—	10	7 m.	86			a. n.		
23	10		27	8	7	85 m.			ch.		
	12		—	—	7 m.	86			ch.		
24	8		27	8	7	88			a. n.		
	9	45	—	8 m.	6	86 m.			a. n.		
	12		—	—	6 m.	—			a. n.		
25	8		27	11	7	85			a. n.		
	9	45	28	—	6	83			a. n.		
	11	30	—	—	6 m.	83 m.			a. n.		
	12		27	11 m.	—	80			a. n.		
26	8	30	28		6	84			a. n.		
	10		—	—	6 m.	84 m.			a. n.		
	11		—	m.	7	85			a. n.		
27	8		28	m.	5 m.	86			a. n.		
	9	30	—	1	6	85			a. n.		
	12		—	m.	6 m.	84			a. n.		

## Continuação da Mappa de Janeiro.

## TARDE.

Dia do mez.	Hor.	Nin.	Barometro.		Thermo-	Hygro-	Estado do Ceo.
			Pol.	linh.	metro.	metro.	
					gr.	gr.	
20	1	30	27	9	7 m.	81	a. n.
	3	—	—	—	9	80	a. n.
	3	45	—	8 m.	9 m.	—	a. n.
	5	—	—	—	—	81	a. n.
21	1	—	27	10	8	83	s. n.
	4	—	—	9 m.	7 m.	86	s. n.
	5	30	—	—	8 m.	85	s. n.
22	2	—	27	10	7 m.	—	a. n.
	5	—	—	10 m.	8	84	a. n.
23	3	30	27	7	7	88	a. n.
	5	—	—	—	8	89	a. n.
24	2	45	27	9	7	86 m.	s. n.
	3	—	—	9 m.	7 m.	86	s. n.
	4	45	—	—	7	—	s. n.
25	2	—	27	11 m.	6 m.	82 m.	s. n.
	4	—	—	—	7	77 m.	s. n.
	5	28	—	—	7	77	s. n.
26	4	—	28	m.	7 m.	86	s. n.
	5	—	—	—	—	86 m.	s. n.
27	2	—	28	—	7	84 m.	s. n.
	3	30	—	—	7 m.	85	s. n.
	4	45	—	—	7	—	s. n.

## Continuação do Mappa de Janeiro.

MANHÃ.

Dias do mcz.	Hor.	Min.	Barometro.		Thermo-	Hygro-	Estado do Ceo.
			Pol.	linh.	metro.	metro.	
					gr.	gr.	
28	8		28		6	34	
	9		27	11	6 m.	85	a. n.
	10		—	10 m.	5 m.	—	a. n.
	12		—	10	6	84 m.	
29	8		27	7	7	89 m.	c. m. v. ch.
	10		—	—	—	90	c. m. v. ch.
	12		—	—	—	91 m.	c. m. v. ch.
30	10		27	7	8	95 m.	c. m. v. ch.
	12		—	8	9	98	c. m. v. ch.
31	8		27	8 m.	9	100	c. m. v. ch.
	10		—	—	—	99 m.	c. m. v. ch.
	11		—	—	10	99	c. a. ch.

N. B. Explicação do Mappa. — O Thermometro he o de Reaumur.

m. (adiante dos algarismos) =  $\frac{1}{2}$

m. (no Estado do Ceo) = muita

n. = nuvens. — nv. = nevoa

c. = cuberto. — s. = sem.

a. = algumas. — v. = vento.

ch. = chuva. — p. = pouca.

S. = Sol.

As pequenas linhas transversaes equivalem ao numero superior mais proximo.

FEVREIRO DE 1812.  
 Continuação da Mappa de Janeiro.

## TARDE.

Dias do mez.	Hor.	Min.	Barometro.		Thermo-	Hygro-	Estado do Ceo.
			Pol.	linh.	metro.	metro.	
					gr.	gr.	
28	2		27	9 m.	6 m.	84	a. n.
	4		—	—	—	83	a. n.
	6		—	—	—	84	a. n.
29	2		27	7	7	92	c. m. v. ch.
	4		—	6 m.	7 m.	93	c. m. v. ch.
	5		—	—	—	94	c. m. v. ch.
30	2		27	8	9	99	c. m. v. ch.
	5		—	—	—	100	c. m. v. ch.
31	2		27	8	10	100	c. a. ch.
	4		—	—	—	—	c. a. ch.
	5		—	—	—	—	c. a. ch.

## FEVEREIRO DE 1812.

MAPPA DE OBSERVAÇÕES METEOROLÓGICAS feitas no Gabinete de  
Physica Experimental da Universidade de Coimbra desde 1 até  
29 do mez.

MANHÃ.

Dia do mez.	Hor.	Mm.	Barometro.		Termo- metro.	Hygro- metro.	Estado do Cco.						
			Pol.	linh.			gr.	gr.	diril	lat	...	...	
1	8		27	7 m.	9	96			c.				
	10	30	—	8	9 m.	90 m.			c.				
	11		—	—	9	92			c.				
2	10		27	7 m.	9	95			c.				
	12		—	7	8 m.	96			c.				
3	8		27	5 m.	9	95			ch.				
	10		—	—	—	—			s. ch.				
	12		—	6	—	—			ch.				
4	8		27	7	9 m.	96			s. ch.				
	11		—	7 m.	—	97			s. ch.				
	12		—	8	10	98			s. ch.				
5	8		27	8	10	96			m. ch.				
	11		—	7	—	—			m. ch.				
	12		—	—	—	96 m.			m. ch.				
6	8		27	8 m.	9 m.	95			s. n.				
	10		—	—	10	94 m.			s. n.				
	12		—	—	—	94			a. n.				
7	8		28	—	9 m.	94			s. n.				
	9		—	—	—	93			a. n.				
	10	30	—	m.	10	92			a. n.				
	12		—	—	—	—			a. n.				
8	8		27	11	9 m.	93			s. n.				
	10	30	—	—	10	91 m.			s. n.				
	11		—	—	—	91			s. n.				
9	10		27	11 m.	9 m.	92			s. n.				
	12		—	—	10	91			s. n.				

FEVEREIRO DE 1812.

MAPA DE OBSERVAÇÕES METEOROLÓGICAS FEITAS NO Gabinete de  
Phisica Experimental da Universidade de Coimbra desde 1 até

## T A R D E.

Dias do mez.	Hor.	Min.	Barometro.		Thermo- metro.		Hygro- metro.		Estado do Coo.	
			Pol.	linh.	gr.	gr.				
1	2		27	8	9	93			c.	
	4		—	—	—	93 m.			c.	
	5		—	7 m.	—	94			ch.	
2	2		27	6	9	94			n.	
	5		—	—	—	93			n.	
3	3		27	6 m.	9 m.	96			n.	
	4		—	—	—	—			n.	
	5		—	—	—	—			n.	
4	2		27	8	10	98			n.	
	4		—	—	—	97			n.	
5	2		27	8 m.	10	96			m. ch.	
	4		—	—	—	—			m. ch.	
6	2		27	9 m.	10 m.	92			a. n.	
	3	30	—	—	—	91			a. n.	
	4		—	10 m.	—	—			a. n.	
7	2		27	11 m.	10 m.	90 m.			a. n.	
	4		—	—	10	92			a. n.	
8	4		28	11	10	92			s. n.	
	5		—	—	9 m.	—			s. n.	
9	2		27	11 m.	10	90			s. n.	
	4		—	—	—	91			s. n.	

## Continuação do Mappa de Fevereiro.

## MANHÃ.

Dias do mez.	Hor.	Min	Barometro.		Thermo- metro.		Hygro- metro.		Estado do Ceu.		
			Po.	linh.	gr.	gr.	gr.	gr.	gr.	gr.	
10	8		27	10	9	93			a. ch.		
	10		—	—	—	93 m.			a. ch.		
11	8		27	10 m.	9 m.	93			c.		
	10		—	—	—	92 m.			c.		
12	8		27	11 m.	9	92			a. n.		
	12		—	—	10	92 m.			a. n.		
13	8	30	27	10	10	91			m. n.		
	11		—	11	—	87			m. n.		
14	8		28		9 m.	85			a. n.		
	10		—	3	—	—			a. n.		
	12		—	4	—	83 m.			a. n.		
15	8		28	4 m.	9 m.	85 m.			a. n.		
	10		—	—	—	87			m. n.		
	11		—	—	—	87 m.			m. n.		
16	10		28	3 m.	10	87			s. n.		
	12		—	3	—	—			s. n.		
17	7	45	28	1	9	91			c.		
	10	30	—	m.	9 m.	90			a. n.		
	12		—	1	10	—			s. n.		
18	8		28	1	9	90			a. n.		
	10	30	—	—	9 m.	89			s. n.		
	12		—	m.	10	88 m.			s. n.		
19	8		27	11	9 m.	91			a. n.		
	10		—	—	10	90			a. n.		
	12		—	—	10 m.	89			a. n.		

## Continuação do Mappa de Fevereiro.

## TARDE.

Dias do mez.	Hor.	Min.	Barometro.		Thermometro.	Hygrometro.	Estado do Céo.				
			Pol.	linh.			gr.	gr.			
10	2	15	27	10	9 m.	94	a. ch.				
	5	15	—	—	—	94 m.	a. ch.				
11	2	15	27	11	9 m.	92 m.	a. n.				
	3	15	—	—	—	—	a. n.				
12	4	15	27	11 m.	10	91	a. n.				
	5	15	—	—	—	—	a. n.				
13	2	15	27	11	10	84	m. n.	m. n.	m. v.		
	5	15	—	11 m.	—	85	m. n.	m. v.			
14	2	15	28	4	9 m.	82 m.	a. n.				
	4	15	—	—	—	—	a. n.				
	5	15	—	—	9	82	a. n.				
15	2	15	28	4	10	87	m. n.				
	4	15	—	—	—	—	m. n.				
	5	15	—	—	—	87 m.	m. n.				
16	1	15	28	2	10	87 m.	s. n.				
	4	15	—	1 m.	—	88	s. n.				
17	4	15	28	m.	10	89 m.	c.				
	4	45	—	—	9 m.	89	c.				
	5	30	—	—	—	90	c.				
18	2	15	28		10	87 m.	s. n.				
	3	45	—		—	87	s. n.				
	5	15	27	11 m.	—	89 m.	s. n.				
19	3	15	27	11	10	89	c.				
	4	15	—	10 m.	—	—	c.				
	5	15	—	—	—	88 m.	c.				

## Continuação do Mappa de Fevereiro.

M A N H A.

Dias do mez.	Hor.	Min	Barometro.		Thermo- metro.	Hygro- metro.	Estado do Ceo.		Vento	Temperatura
			Pol.	linh.			gr.	gr.		
20	8		27	9 m.	9 m.	90		c. v.	1	28
	9		—	—	10	—		c.	2	28
	10		—	—	—	89		c.	3	28
21	8		27	11 m.	10 m.	88		a. n.	1	28
	11		28	—	—	—		n.	2	28
	12		—	—	—	89 m.		n.	3	28
22	10		28	2	10 m.	89 m.		a. n.	1	28
	12		—	2 m.	11	89		c.	2	28
23	10		28	3	11	89		s. n.	1	28
	12		—	—	11 m.	88 m.		s. n.	2	28
24	8	30	28	2	10 m.	91		c. de nv.	1	28
	11	45	—	—	11	90		c. a. ch.	2	28
25	8		28	1 m.	10	92		nv.	1	28
	11	30	—	1	11	91		nv.	2	28
26	8		28	m.	10	92 m.		m. n.	1	28
	10	30	—	1	10 m.	90		m. n.	2	28
	12		—	—	11	89		a. n.	3	28
27	8		28	2	10	91		m. n.	1	28
	9	30	—	—	10 m.	91 m.		c.	2	28
	12		—	1 m.	—	91		c.	3	28
28	8		28	m.	10 m.	92		c.	1	28
	10	30	—	—	11	91		a. n.	2	28
	12		—	—	—	90		a. n.	3	28
29	10		27	10 m.	11	92		m. n.	1	28
	12		—	10	11 m.	93		m. n.	2	28

## Continuação do Mappa de Foz de Iguaçu.

Foz de Iguaçu, 1812.

## TARDE.

Dias do mcz.	Hor.	Min.	Barometro.		Thermo metro.	Hygro metro.	Estado do Coo.
			Poi.	linh.			
20	1		27	9 m.	10 m.	87 m.	m. n.
	3		—	—	—	87	m. n.
	5		—	—	—	88 m.	c. a. ch.
21	3		28	m.	11	87	p. n.
	5		—	—	—	86 m.	n.
22	3		28	2 m.	11	88 m.	a. n.
	5		—	—	—	89	a. n.
23	4		28	3	11 m.	88 m.	s. n.
	5		—	—	—	—	s. n.
24	3		28	2	11 m.	89	p. n.
	4	30	—	—	—	88 m.	p. n.
25	1	30	28	1	11	90 m.	nv.
	4		—	m.	10 m.	—	nv.
26	2		28	1	11	88 m.	a. n.
	4		—	—	—	88	a. n.
27	2	30	28	1	11	91	m. n.
	5		—	—	10 m.	91 m.	m. n.
28	2		28		11	90	c.
	4		—	—	—	—	c.
	5		—	—	10 m.	—	c.
29	2		27	10 m.	11 m.	93	m. n.
	3	45	—	10	11	92	m. n.

*Corollarios das Observações Meteorologicas dos mezes de Janeiro, e Fevereiro de 1812.*

I.  
Em todos os dias de Janeiro, e Fevereiro se observa variação no Thermómetro, e Hygrometro: e no Barometro sómente foi constante a sua marcha nos dias 17, e 18 do primeiro mez, e nos dias 23, e 24 do segundo.

II.  
A variação do Hygrometro he maior do que a dos outros Instrumentos.

III.  
Não ha hum só dia, em que se observe constante a marcha do Hygrometro; ella he diversa nas differentes horas.

IV.  
A marcha do Barometro he ordinariamente inversa da do Hygrometro; descê o Mercurio naquelle, quando este marcha para a humidade.

V.  
Quando o Hygrometro marcha para a humidade, o Thermometro mostra que he maior o calorico sensivel da atmosphaera.

VI.  
As observações do Barometro, Thermometro, e Hygrometro dão tambem huma prova evidente de que o calorico da atmosphaera ora passa de latente para sensivel, ora este se torna outra vez latente.

VII.  
Nos dias chuvosos he maior a descida do Mercurio no Barometro, e a marcha do Hygrometro tem chegado muitas vezes ao ultimo gráo d' humidade.

N. B. *Haverá em cada hum dos Numeros seguintes d' este Periodico Mappas semelhantes; e serão completos.*

# JORNAL DE COIMBRA.

MARÇO 1812.

Num. III.

*Sequimur probabilia . . . . et refellere sine pertinacia, et refelli sine iracundia, parati sumus.*

CICERO.

## BIBLIOGRAPHIA.

*Lista dos Livros, que sobre Medicina, Cirurgia, e Pharmácia se publicarão na Grã-Bretanha, no segundo trimestre do anno passado, 1811.*

**T**he new London Practice of Physic; pointing out the Characters, Causes, and Symptoms of the various Diseases to which the Human Body is liable, and the most approved Method of Treatment, with Prescriptions according to the Nomenclature of the New Pharmacopœia. Seventh Edition, enlarged and carefully revised, by E. G. Clarke, M. D. 8vo. 12s.

*Nova Medicina Prática de Londres. Declára os caracteres, causas, e symptomas das differentes molestias, a que está sujeito o corpo do homem; o methodo mais approvedo do seu tratamento; com prescripções conformes á nomenclatura da nova Pharmacopœia; septima edição, correcta, e augmentada. Preço, 2:260 rs. (\*)*

(\*) Sobre a redução da Moeda, e mais despesas dos Livros, veja-se a nota do nosso Num. 1.º pag. 1.ª

**Surgical Observations on Tumours and on Lumbar Abscesses.**  
By John Abernethy, F. R. S. &c. 8vo. 6s.

*Observações Cirurgicas sobre tumores, e sobre o abscesso lombar.* 1:080 rs.

**A Treatise on Surgical Anatomy. Part the First.** By Abraham Colles, one of the Professors of Anatomy and Surgery in the Royal College of Surgeons in Ireland, &c. &c. 8vo. 7s.

*Tratado sobre Anatomia Cirurgica.* 1:260 rs.

**Farther Inquiries into the Changes induced on Atmospheric Air, by the Germination of Seeds, the Vegetation of Plants, and the Respiration of Animals.** By Daniel Ellis. 8vo. 9s.

*Continuação das indagações sobre as mudanças feitas no ar atmosphérico pela germinação das sementes, vegetação das plantas, e respiração dos animaes.* 1:020 rs.

**Memoirs of the Wernerian Natural History Society. Vol. I.** for the Years 1808-9-10, with fifteen Engravings. 8vo. 1l. 1s.

*Memorias da Sociedade da Historia Natural Werneriana.* 3:760 rs.

**The Edinburgh New Dispensatory: containing, 1. The Elements of Pharmaceutical Chemistry:— 2. The Materia Medica; or the Natural Pharmaceutical and Medical History of the Substances employed in Medicine:— 3. The Pharmaceutical Preparations and Compositions, including Translations of the London Pharmacopœia published in 1809, of the Edinburgh Pharmacopœia in 1805, and of the Dublin Pharmacopœia in 1807; illustrated and explained in the Language and according to the Principles of Modern Chemistry, with many new and useful Tables, and several Copper-plates of Chemical Characters and Pharmaceutical Apparatus.** By Andrew Duncan, jun. M. D. Sixth Edition, corrected and enlarged. 8vo. 14s.

*Novo Dispensatorio d' Edimburgo, contem: 1.º os Elementos de Chimica Pharmaceutica: 2.º a Materia Medica, ou a Historia Natural Pharmaceutica, e Medica das substancias empregadas em Medicina: 3.º as preparações, e composições Pharmaceuticas; tradução da Pharmacopéa de Londres publicada em 1809; da de Edimburgo em 1805; e da de Dublin em 1807, etc.* 6.ª Edição. 2:130 rs.

**Disquisitions in the History of Medicine. Part First.** Exhibiting a View of Physic, as observed to flourish, during remote Periods, in Europe and the East. By Richard Millar, M. D. &c. 8vo. 8s.

*Indagações sobre a Historia da Medicina.* 1:440 rs.

**Essay on some of the Stages of the Operation of Cutting for the Stone.** Illustrated with an Engraving. By Charles Brandon Trye, F. R. S. 8vo. 2s.

*Ensaio sobre alguns passos da operação da talha.* 360 rs.

**A Letter to Dr. Jones, on the Composition of the Eau Medi-**

cinale d' Husson. By James Moore, Member of the Royal College of Surgeons, &c. 8vo. 2s.

*Carta ao Dr. Jones sobre a composição da Agua Medicinal d' Husson.*

**Publicações Portuguezas.**

Acha-se concluido o Retrato do Excellentissimo Marechal Conde de Francoso; a Gravura he de Bartolozzi. Está adornado com humã Vinheta, que representa a Victoria de Albuera; e faz o objecto principal o bem conhecido facto do ousado Lauceiro.

Publicou-se o IV. Vol. do Motim Literario. Em brochura 400 rs.

Novo Ensaio sobre a Arte de formular, traduzido do Francez por Joaquim da Rocha Mazarem, Cirurgião da Armada Real, e Lente de Medicina Operatoria no Hospital Real do Rio de Janeiro. Vende-se na Loja da Gazeta, e na Botica de Lourenço José Peres, no Largo de S. Roque. Seu preço 1:200 rs.

Historia Secreta do Gabinete de Napoleão Bonaparte, 3.<sup>a</sup>, e 4.<sup>a</sup> parte: preço 1:200 rs. Esta Obra imprimio-se seis vezes em Londres em menos de dous annos. Esta traducção he augmentada com muitos artigos importantes.

**Academia Real da Marinha do Porto.**

Recebêrão-se na Secretaria d' Estado dos Negocios do Reino em 20 de Fevereiro de 1812 os seguintes despachos da Corte do Rio de Janeiro para aquella Academia:

Professor da Aula de Desenho, Raimundo José da Costa;

Substituto na mesma Aula, João Baptista Ribeiro.

Professor da Lingoa Franceza, Hugo Lacroix.

**CHRONICA DO REINO DE PORTUGAL.**

— **A R T E S.**

Londres 10 de Fevereiro. — A Fragata Topazio chegada ultimamente a Inglaterra conduzio 20 excellentes Estatuas achadas nas visinhanças d' Athenas.

## L I T E R A T U R A .

“Milão 8 de Janeiro de 1812. — Entre as Obras, que acabão de publicar-se em Italia, o Público tem distinguido mui particularmente o *Ensaio sobre os Scaldos, e as antigas Poesias dos Scandinavos*, por Mr. Graber, Vice-Consul de Suecia, que reside ha muito tempo em Genova, onde publicou os Annaes de Estadistica. A Obra sobre as antigas Poesias Scandinavas he hum phenomeno novo na nossa literatura, e está cheia de investigações curiosas, e de varias traducções em versos Italianos das peças mais notaveis attribuidas aos Scaldos. „

## N A V E G A Ç Ã O .

“Copenhagüe 12 de Janeiro. — Inventou-se hum meio para salvar a tripulação de hum navio, que encalhar em alguma distancia da costã. Esta invenção se reduz a desparar para terra huma bomba cheia de chumbo atada a huma corda de comprimento proporcionado. A bomba descreve hum angulo de 45 grãos, e o peso faz que se enterre em muita profundidade: então se pucha pela corda da banda do navio, e com ella se fórma huma especie de ponte, pela qual podem chegar os naufragantes a terra. Tem-se feito já varias experiencias d'esta invenção, as quaes tem tido hum perfeito resultado. „

## G E O G R A P H I A , E Z O O L O G I A .

“Milão 8 de Janeiro de 1812. — Entre as Obras consagradas ás Sciencias Naturaes se distingue particularmente a *Introduccion á la Geografia* por Mr. Scipion-Breislak, Inspector dos Salitres, e Polvora do Reino. Esta introducção he hum resumo succinto e interessante dos principaes factos relativos á formação do Globo, e ás revoluções, que tem padecido. A obra principia por huma descripção das alturas de todas as montanhas, que se tem medido até agora. „

Tambem se publicou outra obra nova mui notavel com o titulo de *Illustratione Corsirese*, que he huma Memoria mui judiciosa sobre a historia de Corfu por Mr. Mustozidi, Historiographo das 7 Ilhas Jonicas.

Nos Diarios Alemães se tem publicado algumas noticias curiosas da viagem de Hesenstroem ao Norte da Siberia, o qual foi reconhecer duas Ilhas nas côstas do mar Glacial, chamadas hoje Ilhas Sanctas; onde encontrou ossos enormes de Elephantes, Rhinocerontes, e Balæas, o esqueleto, e garras de huma Ave tres vezes maior de que o Condor d' America, que tem 23 a 24 palmos de huma a outra ponta das azas, e que he reputada a maior Ave. Este Paiz se estende de 80 grãos para o Sul; he firme, e nelle se crião Ursos brancos, e de outras côres, e Raposas pretas.

Ao Norte d' America, no Governo de Jakutzk entre 73 e 74 grãos de Latitude, e 132 até 145 de Longitude de Greenwiell ha duas grandes Ilhas chamadas Lachow, nas quaes o Negociante Jakutzkien-Lachow em 1774 encontrou muito marfim de diversas côres, e tão bom como o da Africa, ossos d' Elephantes, de Rhinocerontes, e muitos cornos de Bufalos, o que tudo d'alí se transporta para Archangel.

Na distancia de 14 milhas da segunda, e mais septentrional d'estas Ilhas está hum territorio bastante dilatado, onde Cheinov, Russo, em 1775 achou varios pedaços de madeira lavrada, huma marmitta de cobre, e vestigio de homens; porém não encontrou hum só.

He notavel que n'estes Paizes tão distantes da Zona tórrida, existão ossos de animaes, que são proprios dos climas mais ardentés.

#### C O M M E R C I O.

*Londres 31 de Janeiro.* — A Junta do Commercio recomendou ao Governo, que fizesse público, que, do primeiro de Julho de 1812 por diante, não se permittiria entrar em qualquer Porto da Grã-Bretanha navio algum, como Portuguez, senão tendo sido construido nos Paizes pertencentes a S. A. R. o Principe Regente de Portugal, ou tendo sido aprezado por navios de guerra pertencentes ao Governo Portuguez, ou seus Vassallos; e cujo Mestre, e tres quartas partes dos Marinheiros, pelo menos, seião Vassallos de S. A. R. o Principe Regente de Portugal.

*Londres 4 de Março.* — O Governo resolveo-se a conceder licença para o Baltico debaixo de certas condições. Todo o Na-

vio, que tiver licença, deve em primeiro lugar sujeitar-se a exportar productos coloniaes, ou fazendas de manufactura Britânica; na razão de 180 reis por tonelada.

*Londres 10 de Março.* — As condições, com que o Governo Francez concede licenças para os Pórtos de Dunquerque, e Ostende, são as seguintes:

“Hum terço do valor da carga exportada deve consistir em sedas de França, e outros dous terços em panos de linho, louça de porcelana, sementes de Trevó, e de Luzerna.”

“Os artigos importados devem ser Assucar de caixa, Café, Anil, Algodão, Pimenta, Cacáo, Cochonilha, Chá, Couros secos, Pãos de tinturaria, ou Drogas Medicinaes: e estas importações não devem ser mais que iguaes em valor ás exportações da França.”

Concederão-se seis licenças Imperiaes a diversos Pórtos de França para a exportação de Vinhos:

“Por cada Tonelada de Vinho poderão ser importados ou 1:200 kilogramos de Assucar de caixa, ou 10 ditos de Café, ou 75 ditos de Anil, ou 1:400 Couros.”

A Hamburgo serão assignadas cinco Licenças nos termos seguintes:

“Hum terço do valor da carga exportada de França deve consistir em sedas Francezas, e os outros dous terços em panos de linho de Westphalia ou Osnabrock, sedas de porco, louça de porcelana, ou relosos.”

“Os artigos importados devem ser Assucar em caixa, Café, Algodão, Anil, Pimenta, Cacáo, Cochonilha, Chá, Couros, pãos de tinturaria, Drogas Medicinaes.”

“As importações não devem ser mais do que iguaes ás exportações: os navios devem proceder á sua primeira viagem dentro de dous mezes da data das licenças, com comminação de perderem as ditas licenças.”

“O Governo d’ Hespanha considerando que os Estanques menores de cordovões, pedra hume, chumbo, e estanho, na nova Hespanha, além de produzirem moi pouco para a Fazenda são gravosos á industria, e larra das minas dos habitantes, decretou que fossem abolidos; pois que o seu producto será mais que compensado pelos direitos, que resultarem do seu livre Commercio.”

Em data de 28 de Setembro se publicou no Rio de Janeiro hum Alvará derogando o de 6 de Dezembro de 1755, e todos

os mais relativos á prohibição, e restrição dds Commissarios volantes, e homens do mar; para que fique livre a todas as classes de pessoas, que não tiverem prohibição, o commerciar nos Generos, Fazendas, e Mercadorias, que não forem vedadas, ou de Estanque Real.

Pela Portaria do Governo do Reino de Portugal de 24 de Fevereiro de 1812; permittio-se a exportação de Arroz, e Bacalhão para as terras não occupadas pelo inimigo na Provincia da Estremadura Hespanhola; em attenção á grande escacez de viveres, que a guerra tom ali motivado.

*Relação dos Generos, que entrãõ no Rio de Lisboa desde 29 de Fevereiro até 28 de Março de 1812.*

Trigo 1:257 toneladas; 1:121 moios; 4:167 barris, e 15 alqueires. Cevada 1:310 toneladas; 1:211 moios; 5:533 barris, e 500 alqueires. Milho 4:920 moios. Avea 1:233 toneladas; 11:567 barris, 60 moios. Arroz 2:621 barricas, e 3:200 saccas. Biscouto 890 barricas, e 301 saccos. Farinha 45:968 barricas, e 308 saccas. Feijão 423 barricas 1:324 saccas; e 1:730 alqueires. Carnes 190 barricas, e 480 barris. Toucinho 800 mantas, e 787 pacas. Presuntos 80 barricas. Batatas 70 toneladas. Bacalhão 2:236 quintaes. Sardinhas 136 pipas. Manteiga 1:678 barris. Queijos 60 cabazes. Vinho 224 pipas. Agoardente 2:147 pipas. Cerveja 170 ditas, e 50 cabazes. Assucar 421 caixa. Melaço 120 barris. Algodão 980 saccas. Couros 8:053. Meios de sola 3:000. Resina 500 barris. Pimenta 550 saccos. Cravo 150 arrobas. Cacão 800 saccas. Cafè 566 ditas. Erva-dóce 100 saccos. Tabaco 1:796 rólos. Esparto 140 milheiros. Azeite 253 pipas. Dito de peixe 540 ditas. Oleo 300 ditas. Alcatrão 75 barris. Breu 575 ditos. Passas 500 ceiras. Ferro 30 toneladas, e 700 barras. Aço e ferro 30 toneladas, e 40 caixas. Carvão 184 toneladas. Cabos 70 peças. Pregos 84 canastras. Taboado 460 duzias. Tornos de pào (do Pará) 200. Papel 166 balas. Salitre 40 barris, e 200 saccos. Garrafas 8:800 duzias. Além disto entrou huma Polaca Ingleza do Mediterraneo com 7 fazendas; hum Bergantim com casca para huma Fábrica de sóla, e 10 embarcações com fazendas Inglezas; não fallando em artigos de pouca consideração.

Lisboa 31 de Março de 1812.

## PREÇOS DO TERREIRO.

Trigo da terra . . . . .	1240 até 1340
Bretanha Branca . . . . .	1100
Grego e Bretanha . . . . .	1000
Centeio . . . . .	800
Milho da America, e da Terra . . . . .	660 até 1100
Cevada da terra . . . . .	640 960
Avêa . . . . .	660
Farinha de trigo por barrica . . . . .	13200 até 15000
Dita por alqueire . . . . .	1130
Dita de milho por barrica (de má qualidade) . . . . .	7200

## CAMBIOS DE LISBOA.

Londres . . . . .	70
Madrid, Cadiz . . . . .	2700
Liorne, Veneza, Paris . . . . .	
Desconto do Papel-Moeda . . . . .	24 por cento.

## SEGUROS.

Bahia, Rio, Pernambuco . . . . .	5 por cento.
Londres . . . . .	6 dito.
Sicilia . . . . .	10 dito.
Malta . . . . .	10 dito.

## PREÇOS DE ALGUNS GENEROS DA PRAÇA.

Cacáo do Pará . . . . .	2150 até 2250	reis por arroba.
Café do Rio . . . . .	3700	4100 dito.
Dito do Pará . . . . .		3200 dito.
Assucar branco do Brazil . . . . .	2200	2400 dito.
Dito mascavado . . . . .	1450	1850 dito.
Tabaco em rôlos . . . . .	1550	1750 dito. E.
Salsaparrilha . . . . .	7000	7600 dito.
Lãs d'Elvas lavadas . . . . .		
Ditas de Campo Maior . . . . .		
Cravo do Maranhão . . . . .	360	400 dito. por arratel.
Canella de Goa . . . . .		600 dito.

Pimenta de Goa . . . . .	200	210	dito.
Dita do Malabar . . . . .	180	190	dito.
Algodão de Pernambuco . . . . .		240	dito.
Dito do Maranhão . . . . .		200	dito.
Dito da Bahia . . . . .		210	dito.
Dito do Pará . . . . .		165	dito.
Anil do Brazil . . . . .	750	900	dito.
Couros seccos de Buenos-Ayres de			
30 a 32 arrateis . . . . .		90	dito.
Ditos do Rio de 24 a 30 . . . . .	80	85	dito.
Ditos da Bahia de 24 a 28 . . . . .	75	80	dito.
Atanadós do Maranhão . . . . .	150	155	dito.
Ditos de Lisboa . . . . .	230	240	dito.
Vinho velho Malvasia da Madeira . . . . .		10000	por almude de
			20 garrafas.
Dito secco . . . . .		8800	dito.
Dito de Setubal moscatel . . . . .		10000	dito.
Dito de Carcavellos . . . . .		6000	dito.
Dito branco de Lisboa . . . . .		4800	dito.
Dito do Porto . . . . .		6000	dito.
Melaço do Brazil . . . . .	2600	2800	dito.
Agoardente do Brazil 1. <sup>a</sup> . . . . .	135000	145000	
2. <sup>a</sup> qualidade . . . . .	125000	130000	por pipa.
Dita das Ilhas . . . . .	150000	155000	dito.
Oleo de Copaiba . . . . .		28000	por barril de
			4 almudes.
Sal de Lisboa . . . . .		6000	por moio.
Dito de Setubal . . . . .		2250	dito.
Canhamo de Riga . . . . .	20000	22000	por 5 arrobas.
Linho dito . . . . .	27000	28000	por dito.
Ferro de Suecia sortido . . . . .	6000	6600	por quintal.
Aço dito em selhas . . . . .	10500	11000	dito.
Dito de Trieste sortido . . . . .	14000	15000	dito.
Chumbo em barras, d' Inglaterra . . . . .		8500	dito.
Dito d' Hespanha . . . . .	6000	6400	dito.
Pão Campeche . . . . .	4800	5000	dito.

## PREÇOS DO HAVER O PESO.

Manteiga . . . . .	200	220	250	por arratel.
Arroz . . . . .		70	75	por dito.
Azeite . . . . .	6000	6200	6600	por almude.
Bacalhão . . . . .		1900	2000	por arroba.

## AGRICULTURA.

*Extracto de huma Carta escripta em Ferreira d' Aves (Comarca de Vizeu) a 30 de Janeiro de 1811 por J. de S. de O, e S. C. ao Redactor da Gazeta de Lisboa.*

“A Sementeira do trigo mouro pôde trazer grandes vantagens á nossa Agricultura; e he agora chegado o tempo de fazerem os curiosos, e amantes do seu Paiz as suas experiencias com elle. He o genero frumentaceo de maior producção, que se conhece; e não admira que hum alqueire de sementeira produza 120, e mesmo 150. Elle dá-se no restolho do linho, da cevada, e até do mesmo centeio; e semeando-se logo no principio do verão, a mesma terra pôde dar duas novidades.

Eu tenho reservado huma porção d'este trigo para repartir pelos curiosos da boa Agricultura, só com o interesse de a fazer conhecida, onde o não he. Em Gradiz, e Sequeiros, terras visinhas á Senhora da Lapa de Longe, Comarca de Lamego, inda haverá alguma d'esta semente; pois no anno proximo passado já tiverão mais d'este trigo, do que do proprio centeio, o que lhe valeo muito em tão calamitoso anno: felicidade esta, que seus moradores devem ao disvello de hum seu Patricio o benemerito Fr. J. de S. R. de V.

*Extracto de huma Carta de J. J. da C. escripta em Faro no Algarve, e enserida na Gazeta de Agricultura, e Commercio de Portugal.*

“Aqui mesmo (Faro) tratando de Vinhas, e Figueiras, conheci por experiencia, que se n'este terreno (que he pela maior parte árido) se plantassem as vinhas com 8, ou 10 palmos d'intervallo de cêpa a cêpa, ellas produzirão mais 50 por 100, do que produzem, por serem postas, como são, de 5 palmos d'intervallo ao mais.

Conheci que as Figueiras se farão em 4 annos capazes de darem muito, e bom fructo, se os que as põem não quizerem fugir á pequena despeza de as mandar regar duas vezes, ou tres em o decurso do verão, no anno em que as põem, e seguinte; porém como se escusão a esta despeza (que he mui pequena) as Figueiras se fazem muito de vagar, e a maior parte não principião a dar fructo, senão passados 8, ou 10 annos, e em pequena quantidade. Eu que fiz esta experiencia vi, que logo no mesmo anno da postura, ellas chegarão á altura de mais de 8 palmos, e logo n'esse

mesmo anno principiãrão a dar fructo, sem nunca seccarem; e apenas as mandei regar duas vezes no verão, em que gastei em 74 Figueiras pouco mais de 1200 reis. Ocaso me fez conhecer que se o trigo fosse semeado aos golpes, como se semêa o milho, feijão, etc. a sua producção seria mais do que costuma ser 80, ou 100; he o caso: achei na Primavera entre a côve hum pé de trigo com 42 filhos todos bem creados; cuidei n'elle até sasornar, e depois debulhando-o produzio tres quartas de arratel de muito bom trigo; no seguinte anno, na mesma terra semeei esta semente aos golpes, e porque o tempo lhe não foi favoravel, apenas deo meio alqueire, o qual tornando-o a semear do mesmo modo no anno seguinte, deo 36 alqueires: tornei a semear na mesma terra com este methodo, que me levou hum alqueire e huma oitava (quando semeada a dita terra pelo modo ordinario, leva oito alqueires); este alqueire, e oitava deo 1 moio, e 19 alqueires, tendo tido contra si o não terem nascido muitos golpes, a destruição dos pardaes, que a pezar de 2 guardas comêrão muitas espigas, e outros descaminhos mais, que calculei em 11 alqueires para podermos dizer, que produzio moio e meio: foi semeado com saxo aos golpes, como fica dito, e depois de ter coussa de hum palmo fóra da terra, lhe mandei dar huma saxa, e quando estava mais crescido, outra, a fim tambem de se lhe tirar a herva, e por isto fui arguido de que fazia muita despeza; porém eu lhe fiz vér, que ainda lucrava em 7 alqueires e meio, que deixei de semear, e na producção da palha; pois cheguei a contar em hum pé 96 espigas. A pezar disto não achei sectarios, já pela pouca deliberação, e já por seguirem a olhos feixados o que unicamente lhes ensinãrão seus pais. Esta Cidade abunda em muitas Quintas de regadio, onde o maior objecto he a sementeira de milho, que proporcionalmente rende muito bem; mas que differença não faria o rendimento d'este grão, se se resolvessem de huma vez a desterrar o abuso em que estão, de semearem 4, e 6 grãos de milho em hum golpe, e deixa-los assim crescer juntos até ao ponto de deitarem a bandeira, para então cortarem junto á terra 2, ou 3 pés de milho, com o unico interesse de servir de sustento para os animaes, deixando então outros 2, ou 3 pés para emmassarocar, a tempo que o milho por ter sido creado ali junto, não tem tomado a substancia que tomaria, se logo de pequeno fosse creado á vontade, e sem que outro se nutrisse do mesmo pé; por consequencia a massaroca que cria he fraca, e com pouca substancia, e he por isso que não colhem 3, ou 4 vezes mais milho.

Conheci, e cada vez conheço melhor, que a semeteira da batata redonda n'este Paiz, seria huma cousa da maior consideração; só nos contornos d'esta Cidade, se podia colher batatas para abastecer o Reino, e isto em terras, onde nunca se tem semeado

trigo, nem para elle são boas; mas para a batata, creio que não podem ser melhores; algumas insignificantes porções, que já algumas pessoas semêão, produzem optimamente; porém não ha quem faça d'ellas huma lavra de consideração, ao passo que os habitantes vão tendo toda a disposição de usarem d'ella, como de pão, quando, ha poucos annos, pouca gente gostava de a comer, e só fazião todo o apreço da batata comprida, de que já aqui se colhem suas porções, e assás he muito bem creada.

*Extracto de huma Carta de hum Conservador, que foi por 6 annos, das Reaes Fábricas da Covilhã, e Superintendente Geral dos Lanificios nas tres Comarcas, Guarda, Castello Branco, e Trancoso, inscrita no Num. 10, e 1.ª da Gazeta d'Agricultura.*

He hum principio certo, que em todas as terras, aonde existem Fábricas, a Agricultura prospéra, augmenta a população, o cresce a riqueza nacional; sirva de exemplo, na Comarca da Guarda, a Covilhã; na de Trancoso, Alverca; e Alcains na do Castello Branco. — De todas as Fábricas as mais interessantes são as de Lanificios.,,

“Os (estrumes) de melhor qualidade são os de gado lanigero,, do qual “desgraçadamente observamos a decadencia nas tres Comarcas.,,

“Entre as Nações Europeas, a que mais progressos tem feito na Agricultura, he a Grã-Bretanha... Sociedades d'Agricultura, Escólas públicas, Privilegios, e Prémios, a quem mais se distingue, e inventa, he o que tem occasionado o seu augmento.,,

“Quando servia o lugar de Superintendente dos Lanificios, pertendi persuadir aos proprietarios, e criadores de gado, da minha Jurisdicção, que afinassem as lãs, por meio de melhores raças; insinuei-lhes a Merina, que pastava invernando nas fronteiras de Portugal; certifiquei-os de que seus interesses excederão o duplo dos que tiravão então, vendendo as lãs por grande preço aos fabricantes da Covilhã; que experimentassem, porque d'este meio se tinha servido a Grã-Bretanha, França, e quasi todas as Nações da Europa. — Intentei persuadir com a experiencia, fui eu mesmo á Hespanha no anno de 1808, comprei hum rebanho de raça merina, agreguei-lhe ovelhas de lã grosseira do Paiz, mandei-o pastar na Comarca de Castello Branco, no Termo da Villa de Sortelha, onde prosperou felizmente, ainda muito mais do que eu esperava. — Este exemplo, de que a lã não degenerava, de que as raças, encruzando-se, propagavão com fe-

luz successo, de que a venda da lã era por hum preço duplo, ainda atégora não produziu imitadores. — Os paños, que se fizeram com a lã tirada da raça merina encruzada... éráo da mais excellente qualidade. „

„Daubenton ensinou aos Francezes a afinar as lãs. Lasteyrie nos conta toda a historia da introducção do gado merino em diversos Paizes da Europa; e só o nosso, tão semelhante ao da Hespanha, que, ha menos de 30 annos, era o unico na Europa, que produzia as lãs superfinas, hade permanecer em inacção? „

„A criação dos gados, e cultura das lãs he huma das origens mais fecundas da prosperidade dos Imperios, e produz o mesmo effeito nas fábricas, que o dinheiro na guerra. „

„... Huma Sociedade d' Agricultura em cada Provincia, ou ao menos hum Director público, devião influir muito... em todos os ramos d' Agricultura. „

„A Batata, que sustenta a maior parte do povo na Irlanda, tem sido tratada entre nós como hum objecto accessorio, e de pouca consideração.

Entre as reflexões do Editor á cerca dos objectos d'aquella carta, ha sobre “a grandissima utilidade das fábricas nas Provincias para a população, e Agricultura, que além dos exemplos, que o Author aponta das tres Comarcas de Trancoso, Guarda, e Castello-Franco, nós podemos lembrar o adiantamento que teve Alcobaca com a sua Fábrica de tecidos, Thomar com a de fiações de algodão, e Figueiró dos Vinhos com a de ferro; huma pessoa instruida, e residente n'esta ultima Villa, nos certificou ha 6, ou 7 annos, que a cultura do vinho tinha crescido 100 almudes annualmente, desde que ali se estabeleceu a lavra actual do ferro, e he claro que este deve ser o constante effeito do cabedal augmentado. Mirabeau tinha dito no seu Tratado de População, que visto correrem incessantemente as riquezas das Provincias para a Capital, era necessario buscar meios para restabelecer o equilibrio, e a circulação; e o mais poderoso seria estabelecer as Fábricas, e diferentes Officinas nas Provincias. „

Pela Carta Régia de 26 de Julho de 1811 S. A. R. houve por bem consignar nas Alfandegas da Bahia, Pernambuco, e Maranhão, pelo espaço de 40 annos, a quantia annual de 120000 cruzados, para ser empregada na reedificação de casas, e no fornecimento de instrumentos de lavoura, sementes, e gados para as Provincias invadidas n'este Reino. O Governo portanto encarregou o Barão de Quintella de mandar receber das Thesourarias das ditas Alfandegas as quantias vencidas; que serão entregues a Francisco Xavier de Montes encarregado da compra das sementes; e ultie-

mamente designou a quantidade de milhos, que este deve mandar para a Provincia da Beira, e para os tres Depositos, de Santarém, Cardiga, e Alemquer.

### PHYSICA.

**J**A' vemos, que nos não enganámos na persuasão de que haverião muitos sábios zelosos da gloria litteraria, e de todo o bem do nosso Paiz, que concorressem com as suas úteis producções, e escriptos para o nosso Jornal; circumstancia, que, se se não verificasse, não era possivel que tocássemos o fim, a que nos dirigimos. He o nosso fim derramar luzes pela Nação, e mostrar ao Mundo, que não estamos hum seculo atrazados do resto da Europa.

Longe de nós a vã jactancia de que objecto de tanto momento, empreza de tanta consideração poderá ser jámais desempenhada por nossas pequenas e unicas forças. A causa he geral; todas as pennas Portuguezas devem tomar parte em huma defesa tão justa e louvavel, como honrosa e util ao Paiz. Com taes auxilios ser-nos-ha então facil revindicar a gloria da litteratura Portugueza, fazer o nosso Jornal interessante, e concorrer para a instrucção pública, reunindo em hum ponto os conhecimentos Portuguezes.

Por esta occasião, ampliando hum pouco as promessas do nosso Prospecto ( Num. 1.<sup>o</sup> pag. 1.<sup>a</sup> ), declaramos que achará lugar n'este Jornal toda a Produção Portugueza, qualquer que seja o seu objecto, mas sempre com as condições requeridas no mesmo Prospecto pag. 2.<sup>a</sup> no principio. Oxalá que nós cheguemos a encher o nosso Jornal de Producções Portuguezas!

Para o nosso 1.<sup>o</sup> Num. tivémos, e se lançou desde pag. 15 até pag. 20 huma = Observação e reflexões sobre huma especie particular de Gangrena = por José Maria Soares, e Jacinto José Vieira. Este habil Professor, hum dos pensionados pelo Estado para se instruir na Cirurgia em Inglaterra, que com tanta vantagem exerce o lugar de primeiro Cirurgião do Hospital Militar do Beato Antonio em Lisboa, e que ao infatigavel zelo e interesse pelos seus doentes reúne as mais claras idéas sobre a Profissão, e o maior desembaraço e felicidade em operar, dá constantemente irrefragaveis provas do seu talento e conhecimentos, da utilidade da sua viagem, e do bem merecido crédito e reputação, de que gosa no Público.

Para o 2.<sup>o</sup> Num. tivémos de Bernardino Antonio Gomes, e se lançou de pag. 113 até pag. 116 a = Historia de huma Ophthalmia, que observou a bordo da Fragata Thetis em Gibraltar.

Serão em todas as circumstancias preciosos os escriptos d'este Professor, que nos estudos Académicos adquirio, e gosou créditos de merecimento mui relevante, que foi constantemente premiado em todos os annos; que por muitas, mui differentes, e remotas partes, e hoje de assento em Lisboa, tem constantemente merecido e desfructado os mesmos créditos; e que he Author das seguintes excellentes Obras já impressas, e publicadas, e de muitas outras ainda em manuscripto.

Memoria sobre a Ipecacuanha Fusca do Brazil, ou Cipó vulgar, impressa por Ordem de S. A. R. o Principe Regente N. S. no anno 1801.

Observações Botânico-Medicas sobre algumas plantas utilissimas do Brazil, taes como a *Andaçu*, *Pipi*, *Guapebeira*, *Herva da Cobra*, *Batata de Purga do Rio de Janeiro*, *Barbatimão*, *Contraherva*, *Mangabeira*, *Tabebuia*, *Coqueiro de Gurini*, *Milho-mens*, *Jarrinha*, *Jaqueira*, *Craveiro da Terra*, e *Marirço*, publicadas pela Academia Real das Sciencias de Lisboa em 1803.

Método de curar o Typho, ou Febres Malignas contagiosas pela effusão d'agoa fria, impresso em 1806.

Ensaio sobre o Cinchonino, e sobre a sua influencia na virtude da quina, e de outras cascas, lida na Academia Real das Sciencias de Lisboa na Sessão de 7 d'Agosto de 1810.

Historia de huma Ophthalmia, que observou a bordo em Gibraltar, impressa no Num. 2.º do Jornal de Coimbra, e publicada em 1812.

N'este 3.º Num. publicamos a = Observação e reflexões sobre huma hydropesia enkistada; pelo Dr. Wenceslão Anselmo Soares. = O talento d'este Professor lhe fez merecer a Graça de S. A. R. o mandar viajar a França, e instruir-se ahi na importante Arte de curar, para com mais vantagem ser util ao seu Paiz. Tanto póde o interesse, que hum Principe Providente e Humano toma pelo bem dos seus Vassallos! Este Professor, tendo voltado para a sua Patria no anno de 1805, não tem até agora desmerecido o conceito, que deveo, e constantemente se empenha em cumprir o fim para que o Soberano o destinou.

As muitas Obras do Dr. Constantino Botelho de Lacerda Lobo, Lente de Physica experimental da Universidade de Coimbra, de cujo saber em cousas physicas, e de cuja probidade a todos os respeitos estão persuadidos os que o conhecem, ou d'elle tem noticia, são lidas com muito interesse, e curiosidade; a sua franqueza porém, e paciencia em communicar os seus conhecimentos, as suas idéas proprias, e os seus escriptos, que se exceda he impossivel, que se iguale he difficiloso. Immediatamente que lhe demos parte d'esta nossa empreza, franqueou-nos, com extraordinario alvoroço, todos os seus effectivos e importantes trabalhos no Gabinete de Physica experimental da Universidade; apresen-

tu-nos os seus muitos manuscritos; precioso thesouro, que ha-de enriquecer na parte physica, e em outros ramos, o nosso Jornal.

Obras já fóra da mão do Dr. Constantino Botello sabemos das seguintes :

*Impressas e publicadas.*

1.<sup>a</sup> Memoria sobre o modo de supprir a falta dos Estrumes: anno de 1788: 1.<sup>o</sup> Vol. das Memorias de Agricultura da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

2.<sup>a</sup> Sobre a Cultura das Vinhas: 1789: 2.<sup>o</sup> Vol. das Memorias Economicas da mesma Academia.

3.<sup>a</sup> Sobre a decadencia da Pescaria de Montegordo: 1791: 3.<sup>o</sup> Vol. das Memorias Economicas da mesma Academia.

4.<sup>a</sup> Sobre a Historia das Marinhas: 1793: 5.<sup>o</sup> Vol. das Memorias de Literatura da mesma Academia.

*Impressas, mas não publicadas ainda.*

5.<sup>a</sup> Sobre as Marinhas: 1794: 4.<sup>o</sup> Vol. das Memorias Economicas da mesma Academia.

6.<sup>a</sup> Sobre a analyse do sal commum: 1800: mesmo 4.<sup>o</sup> Vol. das Memorias Economicas.

*Remettidas por differentes vezes para a Academia Real das Sciencias de Lisboa, mas não impressas ainda.*

8.<sup>a</sup> Sobre os damnos, que acontecem no Commercio pelo uso, que se faz dos pesos de ferro: 1806.

9.<sup>a</sup> Sobre o estado das Pescarias da Provincia do Minho, lida na Sessão pública da mesma Academia do mez de Julho de 1806.

10.<sup>a</sup> Sobre os defeitos, que tem os nossos carros de conducção: 1806.

11.<sup>a</sup> Sobre a mudança da fórma das balanças do uso ordinario: 1806.

12.<sup>a</sup> Sobre a decadencia das Pescarias: 1803.

13.<sup>a</sup> Sobre os defeitos da preparação do nosso peixe secco, e salgado: 1800.

14.<sup>a</sup> Sobre huma Máquina rotatoria de vapor; lida na Sessão pública de Janeiro de 1803.

N. B. Esta Memoria he huma das que ornarão o nosso Jornal; n'ella achará o Público mais hu na prova do m:recimento do seu Author, e do grande partido, que a Agricultura, e as Artes podem tirar das Sciencias Physicas. He com bastante razão que no

ultimo paragrapho d'esta Memoria o Author se queixa de que a gloria do seu invento lhe fosse roubada por Mr. Verzy, o qual arrogando a si a descoberta, e propondo-a ao Ministro d'Estado do Interio na França, recebeu d'este os fundos percisos para fazer as experiencias em grande. O Author mostra que muitos mezes antes tinha lido a sua Memoria na Sessão pública d'Academia Real das Sciencias de Lisboa em 18 de Janeiro de 1805; prova o roubo, que se lhe fez; reclama; protesta conservar-se na posse da sua invenção; e nós temos summo prazer por nos acharmos em circumstancias de publicar esta verdade; concorrer para que se restitua ao Sabio, e á Nação Portugueza a gloria, que por tal invento lhes compete; lembrar ao Estado as grandes vantagens, que esta máquina offerece nas actuaes circumstancias, em que se faz tão perciso poupar os braços indispensaveis para a guerra; e finalmente mostrar d'esta maneira pública e convincentemente, que, se *Portugal está hum Seculo atrazado* nos conhecimentos scientificos, ha Estrangeiros, que só recuando todo esse Seculo, e usurpando hum invento Portuguez, poderão achar meios para conseguir a gloria de inventores, e offerecer á sua Patria interessantes resultados do progresso e adiantamento das Sciencias.

15.<sup>a</sup> Sobre huma balança de ensaio; lida na Sessão pública de Julho de 1805.

16.<sup>a</sup> Sobre outra balança, em que se mostrão as vantagens, que ella tem sobre as balanças ordinarias; lida em huma das Sessões particulares de 1805.

MEMORIA sobre a diversa densidade da agoa  
em differentes alturas.

Pelo Dr. Constantino Botelho de Lacerda Lobo.

Depois que appareceo a Memoria de Monges, que vem no Jornal de Physica do anno de 1778, Tom. IX. pag. 1, todos confessão que a agoa he hum fluido compressivel; mas que he pouco sensivel a sua compressibilidade, e densidade. Eu tenho achado o contrario em todas as minhas experiencias feitas desde o anno de 1801 até ao presente.

Quando explico aos meus Discipulos os principios da Hydrostática, para lhes mostrar que o sólido de hum péso especifico igual ao do fluido, em que se mergulha, fica sustentado dentro d'elle, tómo hum vaso, que apenas terá d'altura 12 polegadas, e n'elle faço a mistura d'agoa, e espirito de vinho, variando de maneira a densidade, que huma esphera ôca de latão desce n'este fluido até huma certa altura, aonde pára, e fica em quietação; o que mostra, que as camadas inferiores tem huma maior densidade, que as superiores; porque se fosse igual, continuaria a sua descida até ao fundo do vaso.

O mesmo phenomeno se observa em hum vaso d'agoa, que tem em dissolução huma certa quantidade de sal commum, com o qual faço tambem variar a densidade d'aquelle fluido. Todos os annos faço estas experiencias, e julgo que mostrão ser a compressibilidade, e densidade d'agoa mui sensivel, ainda em pequenas alturas.

Em maiores alturas he tambem mui consideravel a differença da densidade da agoa: como hum sólido mergulhado n'este fluido perde tanto, quanto pésa hum igual volume d'elle, se a sua

densidade he igual em qualquer altura, então tanto deve perder na de duas polegadas, como na de trinta : mas as experiencias mostram o contrario.

*Experiencias do anno de 1801.*

1.<sup>a</sup>

No dia 3 de Maio, sendo então a marcha do Barómetro de 27 polegadas 7 linhas, e a do Thermómetro de Fahrenheit de 65 gr., depois de mandar encher d'agoa hum vaso de lata, que tinha d'altura 34 polegadas, mergulhei n'aquelle fluido huma esphera de latão, que tinha de diametro duas polegadas, e pesava 12 onças; e tendo sido antes equilibrada no ar, observei que perdia tanto mais do seu péso, quanto maior era a altura da agoa, em que estava mettida.

2.<sup>a</sup>

Repetindo a experiencia no dia 6 de Maio (estava então o Barómetro em 27 polegadas 9 linhas, e o Thermómetro de Fahrenheit em 65 gr.) observei que a esphera perdia mais na altura de 30 polegadas, do que na de 8, e 4 : deveria accoatecer o contrario, se a agoa tivesse huma densidade uniforme.

3.<sup>a</sup>

Como esta esphera de latão era ôca, receei que n'ella entrasse alguma agoa pelo parafuso, que communicava com o gancho, que sustentava o fio; por isso, em lugar d'este sólido, tomei outro de huma fórma cubica, aonde se evitava este inconveniente; o qual, depois d'equilibrado no ar, foi mergulhado n'agoa nas alturas de 2, e 30 polegadas, e n'esta perdeu mais do que n'aquelle. Foi feita esta experiencia no dia 13 de Maio; sendo então a marcha do Barómetro de 27 polegadas 7 linhas, e a do Thermómetro de Fahrenheit de 68 gr.

Repetindo a experiencia no dia 27 de Maio, mergulhei o mesmo sólido primeiramente na altura de huma polegada, e depois na de 32, igualmente perdeu mais aqui, do que ali. Era então a marcha do Barómetro de 28 polegadas, e a do Thermómetro de Fahrenheit de 68 gr.

*Experiencias do anno de 1810.*

*Preparação.*

No dia 17 de Março, querendo fazer as experiencias com mais exactidão, e determinar o diverso peso de iguaes volumes d'agoa em diferentes alturas, tomei hum vaso de lata de huma fórma cylindrica, que tinha de altura 57 polegadas, e de diametro 5 pol. 9 linhas. O calórico thermométrico da atmosphaera era então de 60 gr., e o da agoa de 59 da escala de Fahrenheit; a marcha do Barómetro era tambem n'aquelle dia de 27 polegadas 5 linhas.

Mandei encher o vaso d'agoa, e depois fui mergulhando o sólido de latão de polegada e meia cúbica, em diferentes alturas: o fio, a que este se applicava estendido pelo peso de huma onça, foi equilibrado no ar, e depois de mergulhado juntamente com o gancho, com que se sustentava o sólido, que se pendurava em azelhas postas no fio em diversas distancias. Todo este aparelho, necessario para fazer as experiencias, se equilibrou no ar, e mergulhado n'agoa, para melhor avaliar o peso de iguaes volumes d'aquelle fluido.

Tendo sido equilibrado o sólido no ar, foi depois mergulhado n'agoa na altura de 10 polegadas, e perdeu do seu peso 342 quilates.

2.<sup>a</sup>

O mesmo sólido, na altura de 20 polegadas, perdeu 344 quilates.

3.<sup>a</sup>

O mesmo sólido, na altura de 30 polegadas, perdeu 346½ quilates.

4.<sup>a</sup>

O mesmo sólido, na altura de 40 polegadas, perdeu 351 quilates.

5.<sup>a</sup>

O mesmo sólido, na altura de 50 polegadas, perdeu 356½ quilates.

6.<sup>a</sup>

O mesmo sólido, na altura de 50 polegadas, perdeu 362 quilates.

*Experiencias do anno de 1812.*

No dia 11 de Março, tendo feito huma preparação igual á das experiencias antecedentes, mergulhei o cubo n' agua na altura de 10 polegadas; e perdeu do seu peso 343 quilates. Era então a marcha do Barómetro de 27 polegadas 10 linhas, e a do Thermómetro de Reaumur de 10 gr.

2.<sup>a</sup>

O mesmo sólido, na altura de 20 polegadas, perdeu 347½ quilates.

3.<sup>a</sup>

O mesmo sólido, na altura de 30 polegadas, perdeu 359½ quilates.

4.<sup>a</sup>

O mesmo sólido, na altura de 40 polegadas, perdeu 361½ quilates.

5.<sup>a</sup>

O mesmo sólido, na altura de 50 polegadas, perdeu 362 quilates.

Conservei o vaso com a mesma agoa até ao dia 13, para dar tempo que se precipitassem alguns corpusculos, que estivessem sustentados n'aquelle fluido. Estava então o Barómetro em 27 polegadas 11 linhas, e o Thermometro de Reaumur em 9½ gr.

#### Experiencias em sólidos comensuráveis

1.<sup>a</sup>

Depois de ter equilibrado no ar o sólido, que servio na série das precedentes experiencias, foi mergulhado n' agoa na altura de 10 polegadas, e perdeu do seu peso 344 quilates.

2.<sup>a</sup>

O mesmo sólido, na altura de 20 polegadas, perdeu 330 quilates.

3.<sup>a</sup>

O mesmo sólido, na altura de 30 polegadas, perdeu 360 quilates.

4.<sup>a</sup>

O mesmo sólido, na altura de 40 polegadas, perdeu 360 quilates.

5.<sup>a</sup>

O mesmo sólido, na altura de 50 polegadas, perdeu 360 $\frac{1}{2}$  quilates.

Estas ultimas experiencias forão feitas na presença dos meus Discipulos, que n'este anno me ouvirão.

*Corollarios.*1.<sup>o</sup>

A primeira série d'experiencias mostra que a agoa não tem huma densidade uniforme; porque, se assim fosse, tanto havia perder o sólido na altura de 2 polegadas como na de 30.

2.<sup>o</sup>

A 2.<sup>a</sup>, 3.<sup>a</sup>, e 4.<sup>a</sup> série d'experiencias mostram que iguaes volumes d'agoa, em diversas alturas, tem differentes pêsos: e como na mesma razão estão as densidades, por isso são tambem differentes as densidades.

## MARÇO DE 1812.

MAPPA DE OBSERVAÇÕES METEOROLÓGICAS feitas no Gabinete de Physica Experimental (as do Barómetro, Thermómetro, e Hygrómetro) e no Hospital (as do Anemómetro) da Universidade de Coimbra em todo o mez. — N. B. pag. 182 — 183.

M A N H Á.

Dias do mez.	Hor.	Min.	Barometro.		Thermo- metro.	Hygro- metro.	Anemómetro.	Estado do Céu.
			Pob.	linb.				
1	10		27	10 m.	11	92	O. N. O.	m. n.
	12		—	10	11 m.	93	O. N. O.	m. n.
2	18		27	10 m.	10	92	N. N. E.	m. n.
	10		18	—	—	90	N. N. E.	m. n.
	12		—	10	10 m.	89	N. N. E.	m. n.
3	8		28	1 m.	10	90	E.	c.
	10		—	1	10 m.	89	E.	c.
	12		—	—	—	—	E.	c.
4	8		28	1	10 m.	92		s. n.
	11		—	1 m.	11	90		s. n.
								s. n.
5	10		28	1 m.	11	91		s. n.
	11	30	—	—	12	—		s. n.
	12		—	—	—	90 m.		s. n.
6	8		28	1	11	93		s. n.
	10		—	—	11 m.	91 m.		s. n.
	11		—	—	12 m.	88 m.		s. n.
	12		—	—	13 m.	87		s. n.
7	8		28		11	93		s. n.
	10		—		12	92 m.		s. n.
	12		—	m.	12 m.	90		s. n.
8	7		28		11	92 m.		s. n.
	8		—		11 m.	92		s. n.
	12		—		12	89		s. n.

## MARÇO DE 1812.

## T A R D E.

Dia do mez.	Hor.	Min.	Barometro.		Thermo-	Hygró-	Anemómetro.	Estado do Ceo
			Pol.	linh.	metro.	metro		
					gr.	gr.		
1	2		27	10 m.	11 m.	93	N.	m. n.
	3	45	—	10	—	92	N.	m. n.
	5		—	—	11	—	N.	m. o.
2	1	30	28		11	87 m.	N. O.	a. n.
	3		—		—	86	N. O.	a. n.
	4	30	—		—	85 m.	N.	a. n.
3	1	30	28	1	10 m.	89 m.	N.	c.
	3	45	—	m.	—	—	N.	c.
	5		—	—	—	90 m.	N.	c.
4	3		28	1	11 m.	90		a. n.
	4	30	—	—	—	91		a. n.
	5	30	—	1 m.	11	92		a. n.
5	3		28	1	12	90 m.		s. n.
	4		—	1 m.	12 m.	92		s. n.
	5	30	—	—	12	93		s. n.
6	3		28	m.	13 m.	88 m.		s. n.
	4		—	—	—	90		s. n.
7	2		28		12 m.	91		s. n.
	4		27	11 m.	—	91 m.		s. n.
	5		27	—	—	92		s. n.
8	4		28		12	87		s. n.
	5	30	—		—	—		s. n.

## Continuação do Mappa de Março.

Dias do mez.	Hor.	Min.	Barômetro.		Thermo-	Hygro-	Anemômetro.	Estado do Cel.
			Pol.	m.	gr.	gr.		
9	7	30	26	m.	11	86 m.		s. n.
	9	—	—	—	11 m.	85		s. n.
	10	45	—	—	12	82		s. n.
	12	—	—	—	12 m.	78		s. n.
10	7	30	26		9	77 m.		s. n.
	8	45	—		—	77		s. n.
	10	—	—		10	75		s. n.
	12	—	—	$\frac{1}{4}$	10 m.	71 m.		s. n.
11	8	—	28	$\frac{1}{4}$	$10\frac{1}{2}$	78 m.		a. n.
	10	—	—		10	76		c.
	11	30	—		—	—		c.
	12	—	27	11 m.	10 m.	74		a. n.
12	10	—	28		9 m.	75	N. E.	s. n.
	11	30	—		$8\frac{1}{2}$	71	N. E.	v.
	12	—	—		9 m.	72	N. E.	v.
13	7	30	27	11 m.	9 m.	77	E. N. E.	c.
	10	—	—	—	$9\frac{1}{2}$	75	E. N. E.	c.
	11	15	—	11	—	—	E. N. E.	c.
	12	—	—	$10\frac{3}{4}$	—	74 m.	E. N. E.	c.
14	7	30	27	$9\frac{3}{4}$	$8\frac{1}{2}$	78 m.	N.	a. n.
	8	—	—	9 m.	8 m.	78	N.	m. n.
	11	15	—	9	9 m.	74	N.	m. n.
	12	—	—	—	$9\frac{1}{2}$	72 m.	N.	c.
15	10	—	27	8	8 m.	76	N.	a. n.
	12	—	—	8	9 m.	75	N.	a. n.
16	7	30	27	4	9	80	E.	m. n.
	9	—	—	—	—	—	E.	m. n.
	11	30	—	—	9 m.	—	E.	m. n.
	12	—	—	—	9	81	E.	m. n.

## Continuação do Mapa de Março.

## TARDE.

Dia do mez	Hor.	Min	Barômetro.		Thermômetro.	Hygrômetro.	Anemômetro.	Estado do Ceo
			Pol	linh.	gr.	gr.		
9	1		28	m.	13	72		s. n.
	4		—	—	—	80 m.		s. n.
	5		27	11 m.	12 m.	80 m.		a. n.
10	2		28	—	10 m.	73		s. n.
	4		27	—	11	75		s. n.
	6		—	—	10 m.	72		s. n.
11	2		27	10 $\frac{3}{4}$	10 m.	75		a. n.
	4		—	—	—	76		m. v.
	5		—	10	10	—		m. v.
12	3		27	11	10	74	N. N. E.	s. n.
	4	30	—	11 m.	—	71	N. N. E.	s. n.
	5	45	—	—	9 $\frac{3}{4}$	69 m.	N. N. E.	s. n.
13	3		27	10	10	75	N. O.	a. n.
	4		—	9 $\frac{3}{4}$	10 $\frac{1}{4}$	76	N. O.	s. n.
	5		—	—	10	79 m.	N. N. E.	s. n.
14	3		27	8 m.	9 $\frac{3}{4}$	71	N. N. E.	c. v.
	4		—	8	—	70	N. N. E.	c. v.
	5		—	—	—	—	N. N. E.	c. v.
15	3		27	6	9	79	N. O.	c. a. ch.
	5		—	5	9 m.	79 m.	N.	c. a. ch.
16	2		27	4	9	81	E.	a. n.
	4		—	4 $\frac{1}{2}$	9 m.	80	E.	a. n.
	6		—	4 m.	—	81 m.	S. O.	a. n.

## Continuação de Mappa de Março.

M A N H A.

Dias do mez.	Hor.	Min	Barómetro.		Thermó-	Hygró-	Anemómetro.	Estado do Ceo
			Pol.	linh.	metro. gr.	metro. gr.		
17	8		27	6 m.	8 m.	82	S.	a. n.
	8	30	—	—	8 $\frac{3}{4}$	81 m.	S.	a. n.
	10		—	6 $\frac{3}{4}$	9 $\frac{1}{2}$	81	S.	a. n.
	11	30	—	7	—	80	S.	a. n.
18	7	45	27	3 m.	9 m.	84	S. O.	m. ch.
	8		—	—	—	85	S. O.	m. ch.
	10		—	4	10	84	S. O.	m. n.
	12		—	—	10 $\frac{1}{2}$	86	S. O.	m. n.
19	10	m	27	2	9 m.	87	S.	m. ch. v.
	12	m	—	1	10	88	S.	m. ch. v.
			—	—	—	—	S.	
20	8		27	1 m.	9 m.	90	S. E.	m. n.
	9		—	1	10	89	S. E.	m. n.
	12		—	—	10 $\frac{1}{2}$	90	S. E.	m. n.
21	7	30	27	3 m.	9 m.	89	S.	m. n.
	10		—	4	10	88 m.	S.	c. a. ch.
	12		—	—	10 $\frac{1}{2}$	89	S.	m. n.
22	10		27	5	10	91	S. E.	m. n. a. ch.
	12		—	5 m.	—	91 m.	S. E.	m. n. a. ch.
23	10	m	27	5 m.	11	94	S.	m. ch. v.
	12		—	5 $\frac{1}{4}$	—	95	S.	m. ch. v.
24	10		27	6 m.	11 m.	94	S.	m. n.
	11		—	—	—	93 m.	S.	m. n.
	12		—	7	12	94	S.	m. n.
25	7	30	27	8 m.	11 m.	93	S. S. E.	m. n.
	8		—	9	—	92	S. S. E.	m. n.
	12		—	9 m.	12	—	S. S. E.	m. n.

## Continuação do Mappa de Março.

## T A B E L A.

Dias do mez.	Hor.	Min.	Barometro.		Thermo-	Hygro-	Anemometro.	Estado do Ceo
			Pol.	linh.	metro.	metro.		
17	12		27	6 m.	9	80	S.	e.
	14			6	—	—	S.	m. ch.
	5			$5\frac{3}{4}$	$9\frac{1}{4}$	80 m.	S.	m. ch.
	6			—	9	81 m.	S. E.	m. ch.
18	3		27	4	10	86	O. S. O.	c.
	5			3 m.	—	87	O. S. O.	c.
	6			$3\frac{3}{4}$	—	87 m.	S. S. O.	c.
19	2		27	—	$9\frac{3}{4}$	90	S. S. O.	m. ch. v.
	4		26	11	—	91	S. S. O.	m. ch. s. v.
	5			—	10	92 m.	S. S. O.	c. a. ch.
20	3		27	2	$10\frac{1}{4}$	89	S. N. O.	m. n.
	4	30		2 m.	—	88	O. N. O.	m. n.
	6			3	—	89	O.	m. n.
21	3		27	4	$10\frac{1}{4}$	89 m.	O. S. O.	m. n.
	5			4 m.	—	90	S. S. O.	m. n. a. ch.
22	2		27	5 m.	10	92	S.	m. n. ch.
	5			—	10 m.	93	S.	m. n.
23	1		27	$5\frac{1}{4}$	$11\frac{3}{4}$	97	S. S. E.	m. ch. v.
	4			5	11 m.	95 m.	S. S. E.	e.
	5	30		—	$11\frac{3}{4}$	96 m.	S. O.	m. n.
24	3	45	27	7	$12\frac{1}{4}$	93 m.	S. O.	m. n.
	5			—	—	94	S.	m. n.
25	1	30	27	9 m.	12 m.	$91\frac{3}{4}$	S.	m. n.
	5			—	—	91	S.	m. n.

## Continuação do Mappa de Março.

M A N H Ã.

Dia. o mez.	H. r.	Min	Barometro.		Thermô- metro.	Hygô- metro.	Anemometro.	Estado do Ceo.
			Pol.	linh.	gr.	gr.		
26	10		27	9 $\frac{3}{4}$	12 m.	90	S. S. E.	s. n.
	12		—	10	—	—	S. S. E.	s. n.
27	10		27	11	11	80	O. S. O.	c.
	12		—	—	—	81	O. S. O.	c.
28	10		27	11	11 $\frac{1}{4}$	81 m.	S. S. O.	ch.
	12		—	—	—	—	S. S. O.	ch.
29	11		27	11	10 m.	80	S. S. E.	p. n.
							S. S. E.	p. n.
30	10		27	10 m.	10	79	S. E.	p. n.
	11		—	—	—	79 m.	S. E.	p. n.
31	11		27	11 m.	11 $\frac{1}{4}$	83	S. O.	p. n.
	12		28	—	12	84	S. O.	p. n. ch.

N. B. Explicação do Mappa. — O Thermômetro he o de Reaumur. — As pequenas linhas transversaes equivalem ao numero superior mais proximo.

N. = Norte. — S. = Sul.

E. = Este. — O. = Oeste.

N. E. = Nordeste. — N. O. = Noroeste.

S. E. = Sueste. — S. O. = Sudoeste.

N. N. E. = Nor-nord-este. — N. N. O. = Nor-nor-oeste.

E. N. E. = Es-nord-este. — E. S. E. = Es-su-este.

Por hum incidente houve nas Observações Anemométricas a interrupção, que se observa no Mappa desde o dia 4 ate 11.

## Continuação do Mapa de Março.

T A R D E.

Dia	Horas	Barometro.		Thermometro	Hygrometro	Anemometro	Estado do Ceo
		Bar.	Lin.				
26	3	27	10	12	80	S.	s. n.
	5	—	1	—	—	E.	s. n.
27	2	2	11	11	81	O.	c.
	5	—	—	—	—	O. S. O.	c.
28	2	27	11	11 $\frac{1}{4}$	81 m.	N. O.	ch.
	5	—	10 m.	11	81	O. S. O.	ch.
29	2	27	11	10 m.	80	S. S. E.	p. n.
	5	—	—	—	—	O.	p. n.
30	4	27	10 m.	11 $\frac{1}{4}$	79 m.	S. S. O.	p. n.
	5	—	—	—	—	S.	p. n.
31	3	28	1	12 $\frac{1}{4}$	85	O.	p. n. ch.
	4	—	—	—	—	N. O.	p. n. ch.
	5	—	—	12	—	N. O.	p. n. ch.

N. B. O Estado do Ceo a respeito de quantidade de nuvens he considerado dos quatro modos seguintes: 1.<sup>o</sup> a. n. — quando por acaso apparece alguma nuvem. 2.<sup>o</sup> p. n. — quando menos da metade do Ceo tem nuvens. 3.<sup>o</sup> m. n. — quando mais da metade do Ceo tem nuvens. 4.<sup>o</sup> c. — quando o Ceo está inteiramente coberto de nuvens.

m. (adiante dos algarismos) =  $\frac{1}{2}$

m. (no Estado do Ceo) = muita.

n. = nuvens. — nev. = nevoa.

c. = cuberto. — s. = sem.

a. = algumas. — v. = vento.

p. = pouca. — g. = granizo.

ch. = chuva. — t. = trovoadas.

S. (no Estado do Ceo) = Sol.

m. a. p. = deve entender-se n'aquelle genero ou numero, em que estiver o substantivo seguinte.

*Corollarios das Observações Meteorológicas do mez de Março.*

## I.

Não ha hum só dia d'este mez, em que se observe constante a marcha do Barómetro, Thermómetro, e Hygrómetro.

## II.

A maior constancia, que se observou na marcha do Barómetro, foi sôniente no dia 2 desde as 10 horas da manhã até ás 4 da tarde.

## III.

A maxima subida do Mercurio no Barómetro foi no dia 3 ás 10 horas da manhã até á 1 da tarde; e a mesma em outros dias.

## IV.

A minima subida do Mercurio no Barómetro foi no dia 19 desde as 4 até ás 5 horas da tarde.

## V.

O maior calórico thermometrico da atmosphaera, n'este mez, foi no dia 6, depois das 11 horas até ás 4 da tarde.

## VI.

O minimo calórico thermometrico da atmosphaera foi no dia 14 ás 8 horas e 30 minutos da manhã; no dia 15 ás 10, e no dia 17 ás 8 horas.

## VII.

Tambem foi n'este mez a variação do Hygrometro maior do que a dos outros Instrumentos, mas nunca chegou ao ultimo gráo d'humidade.

## VIII.

Pela falta, que houve nas observações com o Anemometro, só podemos dizer que não se observou hum só dia, em que fosse constante a marcha d'este Instrumento.

## C H Y M I C A.

Farther Inquiries in to Changes induced on Atmospheric Air, by the Germination of Seeds, the Vegetation of Plants, and the Respiration of Animals. By Daniel Ellis. 8 vo. Edinburgh, Black Wood London, Murray. 1811. pp. 375.

*Continuação das indagações sobre as mudanças feitas no ar atmosphérico pela germinação das sementes, vegetação das plantas, e respiração dos animaes. Por Daniel Ellis.*

(Continuado da pagina 94.)

ELLIS julga provavel que as côres das folhas, e flôres dependem de seus elementos ácidos, e alkalinos; mas acha que a luz influe muito sobre o phenomeno, por hum jogo de affinidades entre ella, e os elementos da planta.

Para provar que a luz influe na vegetação por aquelle motivo, Ellis repete algumas reflexões, já feitas por outros; e estabelece experiencias de concluir que a luz he capaz de alterar a relação dos elementos dos corpos, e que effectivamente os altera.

Muitos oxydos metallicos (foi Scheele o primeiro que o observou) são de pressa restituídos á sua fôrma metálica pela acção da luz. O muriato de prata, exposto aos raios do Sol, começa a decorar no fim de poucos segundos; passado hum minuto, diz Mr. Sénébiér, a sua superficie he sensivelmente róxa, e em meia hora o róxo se muda em outra côr, que tira para amarello, e não ha outras mudanças. Estas mudanças são praticadas inteira e unicamente pela luz; pois quando o muriato se expõe ao calor, ao frio, em humidade, em ar secco, ou no vacuo, elle não sofre mudança alguma, se se exclue exactamente a luz. Se, por outra parte, a luz concentrada por huma lente se lança sobre o muriato, elle descôra em hum instante: se se cobre com huma folha de papel, não começa a decorar senão no fim de hum minuto; se com duas folhas, no fim de três minutos; se com tres folhas no fim de dez minutos: e quatro folhas embaração inteiramente a acção da luz. ,,

“N’este descórimento notou Scheele que a acção do raio rôxo era mais prompta, que a de qualquer outro; e Senebier, tendo lançado, luns depois dos outros, os raios prismáticos sobre pedaços de muriato de prata, observou que o raio rôxo actuava em 15 segundos; o côr de púrpura em 23 segundos, o azul em 29; o verde em 37; o amarello em 5½ minutos; o côr de laranja em 12 minutos; e o encarnado em 20: o effeito porém dos raios das tres ultimas qualidades nunca foi tão forte como das outras.”

“O muriato de prata, sobre o qual a luz actúa d’aquelle modo, compõe-se de 75 partes d’oxydo de prata, 18 d’acido muriatico, e 7 d’agoa. O seu descórimento attribuiu-se a huma redução parcial do oxydo; mas operando sobre o sal debaixo d’agoa, Scheele, e Berthollet acháráo que o acido muriatico se tinha pôsto em liberdade, e que a esta circumstancia unicamente parecia dever-se o descórimento. Conformemente a esta explicação, o Dr. Bancroft observa que se o sal se cobre d’acido muriatico em vez d’agoa, não se verifica mudança alguma, ainda que o sal se exponha, por muitos dias, aos raios directos do Sol. (\*)”

Mr. Senebier fez germinar, e vegetar alfices, ás escuras, em toda a luz, em agoa, em liquidos côrados, encarnados, rôxos, amarellos; e achou que a planta, que recebia a luz rôxa, tinha hum verde mais intenso, e a que recebia os raios amarellos, crescia mais rapidamente. Mr. Senebier fez tambem experiencias para determinar a quantidade de calórico contido nos differentes raios de luz, e achou que o raio rôxo, o qual dava aos vegetaes o verde mais escuro, era o que continha menos calórico. Como pois o raio rôxo illuminando menos que o branco, ou que a luz composta, e tendo menos calórico que qualquer dos outros raios, he quem dá ás folhas o verde mais carregado, e mais escuro, pareceo corrente a Senebier que a influencia da luz sobre as côres dos vegetaes dependia de mais alguma cousa, que d’aquelles dous principios.

Mr. Ellis refere as curiosas experiencias do Dr. Herschell, H. Englefiel, e Dr. Wolaston: ellas mostráo que o espectro prismático contem, externamente aos raios encarnados, raios invisiveis, que possuem a propriedade de aquecer; e externamente aos raios rôxos, raios invisiveis, que exercem acção chymica sobre os côrpos: em huma extremidade do espectro são os raios calorificos, que favorecem a combinação do oxygenio com os côrpos; e na outra extremidade são os raios chymicos, que favorecem a sua separação outra vez: o espectro prismático pôde, a este respeito, comparar-se com a pilha galvanica, com as suas extremidades po-

sitiva e negativa, que exercem huma influencia opposta, sobre constituições chymicas. Na verdade ha entre estes dous objectos muita semelhança; porque a extremidade positiva da pilha galvanica decompõe varias substancias, que se lhe apresentam, e torna a combinallas; porém a extremidade negativa possui unicamente o poder de decompôr; d'esta sorte os raios calorificos, que estão na extremidade encarnada do espectro, podem executar, assim a combinação, como a decomposição; porém os que se chamão raios chymicos, praticão unicamente o acto da decomposição. Tanto os raios do Sol, como o flúido electrico, quando se fazem actuar energicamente sobre corpos combustiveis, promovem a combinação d'elles com o oxygenio, ficando assim a luz, e o calorico em liberdade; nem tal acção tem lugar sem a presença do oxygenio. Calórico, e luz não se desembaraçam, nem põem em liberdade pelos corpos combustiveis, sem a presença do oxygenio; para desenvolver a electricidade succede o mesmo, no vacuo he nulla a acção da pilha galvanica: o calórico, e a luz, que acompanhão a combustão, procedem da combinação do oxygenio com o corpo combustivel; com flúido electrico he o mesmo, a pilha galvanica não actuará, nem mesmo na presença do oxygenio, se nós nos servirmos de metal inoxidavel, como a platina; e actuará com a maior energia, quando se empregar o metal, que tenha a maior affinidade com o oxygenio, tal qual he huma liga de estanho, e zinco. Appliquemos esta doutrina a explicar como a luz decompõe o acido carbonico, que se fôrma pela vegetação. A porção chymica dos raios do Sol semelhantemente á extremidade negativa da pilha galvanica, tem attracção para o carbonio do acido, e põe em liberdade o seu oxygenio; porém o acido carbonico decompõe-se muito mais facilmente, quando se acha em estado fixo, do que em estado gozoso; no qual estado os succos côrados, contidos nas cellulas da folha, o recebem, e combinão com seus alkalinos: eis-aqui pois o acido carbonico apresentado em hum estado fixo á acção dos raios do Sol, e nós, consequentemente a podermos explicar, como, nem a luz, nem a planta separadamente, mas ambas juntas, podem decompôr o acido carbonico; ficando livre o seu oxygenio.

A influencia da electricidade, sobre as côres vegetaes, parece-se muito com a dos raios do Sol. Se huma carta de jogar pintada com infusão de tornesol se expõe ao fio positivo de hum aparelho eléctrico, faz-se logo encarnada, e restitue-se á sua côr de purpura collocando-a em contacto com a extremidade negativa. “Dr. Priestley achou que as explosões eléctricas sobre huma folha verde, fazião-na amarella.” Em huma experiencia de Mr. Davy, em que huma planta (Hortelã) foi submettida á electrificação no aparelho voltaico, seus compostos salinos forão effectivamente decomposos; a materia colorante em verde, com a resina, al-

alkali, e cal, apparecerão no vaso negativo; e o ácido prussico no vaso positivo. Em outra experiencia, huma planta da mesma especie, sã, que sobreviveo á electricisação, produzio, em dez minutos, alkali, e cal ao negativo, e materia ácida ao positivo; factos, diz Mr. Davy, que mostrão que a acção eléctrica de decomposição actúa mesmo sobre a materia vegetal viva.

Resumindo as nossas conclusões a respeito da acção da luz em promover a *coloração* das plantas, podemos observar em primeiro lugar que pela acção chymica d'esta materia subtil os compostos salinos das plantas se decompõem, e a materia ácida, e alkalina, assim desenvolvida, se combina com os succos córados do vegetal. Em consequencia d'esta combinaç. o aquelles succos habitão-se para actuar differentemente sobre os raios luminosos. Quando o alkali predomina, os raios mais refrangiveis, como o rôxo, azul, e verde, reflectem-se, e os outros extinguem-se: quando o acido predomina, os menos refrangiveis, ou os raios encarnados, reflectem-se, e os outros desaparecem, e pelas misturas intermediarias apparecem ingredientes apparecem côres intermediarias tambem, assim simples, como compostas. As côres, que os succos apresentam á nossa vista, não são reflectidas pelas particulas córadas, mas sim pela materia opaca, sobre a qual assentão as particulas córadas; a materia córada transmite unicamente, mas não reflecte a luz; e esta luz, chegando aos olhos, produz huma impressão, que he seguida da sensação da côr individual.

Do que fica dito evidentemente se segue, que, excluida exactamente a luz, não tem lugar nos succos vegetaes as mudanças chymicas, que os habitão a praticar estas acções sobre os raios calorificos: consequentemente tanto a côr verde das folhas, que depende do predomínio da materia alkalina, como as côres encarnadas das folhas, e das flôres, que procedem de hum excesso de acido, não podem apparecer; sendo os succos, n'este estado, incapazes de decompôr os raios do Sol, remettem-nos quasi, ou inteiramente, sem alteração, para os olhos, aonde os objectos apparecem consequentemente brancos. As côres das plantas pois dependem primeiramente da acção chymica da luz; pois que esta muda a constituição dos succos da mesma planta; e estes succos, pela sua operação physica sobre os raios calorificos, habitão-se então a apresentar toda a sua infinita qualidade de côres. (\*),

São muitos, e mui importantes em Physica, e Chymica os objectos tratados, ou tocados nas duas publicações d'Ellis, de que temos feito menção, a saber: *Observações sobre a natureza, e causa de certos accidentes, que ordinariamente se imputão ao vento da bala*, lançada no nosso Num. 1.º pag. 20.

(\*) Pagina 216, 217.

e *Indagações sobre as mudanças feitas no ar atmosphérico pela germinação das sementes, vegetação das plantas, e respiração dos animaes*, de que se começa a dar conta no mesmo Num. 1.<sup>o</sup> pag. 27, e continúa no Num. 2.<sup>o</sup> pag. 86, e que vem finalmente desde pag. 185 do presente Num. até aqui.

Sobre factos d'esta natureza nem devem estabelecer-se, nem confirmar-se opiniões, ou systemas senão depois de muitos resultados, bem claros, e bem comparados, de experiencias devidamente instituidas. A marcha contraria a este *Evangelho* das Sciencias Physicas não faz mais que embulhallas, e emaranhar os curiosos da Natureza. Nós, com o indispensavel auxilio dos nossos Amigos, que felizmente aqui temos muito ao nosso alcance, e servindo-nos tambem do que sobre-existe á invasão Franceza nos Estabelecimentos das Sciencias Naturaes da Universidade de Coimbra, temos começado, e continuaremos as nossas experiencias sobre a quantidade do calórico, que a compressão do ar põe em liberdade; e a differente quantidade de calórico thermométrico em cada hum dos differentes raios de luz. — As relações dos vegetaes com os differentes gazes, etc. Nós daremos em algum dos Numeros seguintes d'este Periodico noticia d'estas uteis experiencias, e da comparação dos seus resultados entre si, e com as experiencias d'Ellis, ou referidas por Ellis: e daremos então o nosso juizo sobre as suas opiniões.

---

### M E D I C I N A.

*Balanço do Hospital Real de S. José de Lisboa do mez de Fevereiro de 1812.*

#### Doentes.

Entrádo do mez de Janeiro . . . . .	577
Entrádo em todo o mez de Fevereiro . . . . .	577

Somma — 1154

Sahirão curados . . . . .	422
Faleccrão . . . . .	107

Somma — 529

Ficção para Março . . . . . 625  
 Morreo pouco mais da decima parte.

## Dinheiro.

Saldo do ultimo de Janeiro . . . . . 7:986:643  
 Receita em todo o mez de Fevereiro . . . . . 4:379:287

Somma — 12:365:930

Despeza em todo o mez de Fevereiro . . . . . 6:222:516  
 Saldo para o mez de Março . . . . . 6:143:414

*Se soubessemos o numero das existencias diarias, diriamos quanto em totalidade importava diariamente a despeza de cada doente.*

### Breve noticia da Faculdade de Medicina e Cirurgia da Universidade de Coimbra.

Esta Faculdade consta de cinco annos, (\*) e seis Cadeiras. Primeiro anno. Estuda-se Anatomia theorica, e pratica, ou, procura-se o conhecimento assim theorico, como pratico de todas, e cada huma das partes sólidas, de que o corpo humano se compõe. 2.º Hum curso de ligaduras. 3.º Operações Cirurgicas, mostrando o uso dos instrumentos Cirurgicos, e o methodo de praticar com elles em todos os casos, desde a operação mais facil, até á mais difficultosa; sem ommittir a explicação de operação alguma. 4.º Arte Obstetricia, ou aquella parte de Cirurgia manual, que ensina todas as posições, e situações, em que póde achar-se o feto no tempo de nascer, e as differentes máquinhas, e instrumentos, que se tem inventado para ajudar, e facilitar o parto, em todos os casos, que podem occorrer.

(\*) A matricula do primeiro anno precede exame, e approvação, além dos estudos menores, dos tres primeiros annos das duas Faculdades de Mathematica, e Philosophia; das quaes daremos huma conta regular em outro Num.

He o Lente d'esta Cadeira quem deve fazer, e sempre tem feito, todas as operações grandes, de que no Hospital se carece, e em que tem havido a maior fortuna, como quasi sempre succede a quem sabe. Toda a Faculdade, Lentes, e Estudantes assistem.

D'Anatomia, e Operações de Cirurgia fazem-se dous Exames, hum theorico, e outro pratico.

Segundo anno. Estudão-se as Instituições Medico-Cirurgicas, ou theoria de toda a Medicina e Cirurgia, comprehendida 1.º na Physiologia; 2.º Pathologia; 3.º Semeiotica physiologica, e pathologica; 4.º Hygiene; 5.º Therapeutica, isto he, 1.º as Leis, que regulão na saude as funções de todas, e cada huma das partes de que o corpo humano se compõe. 2.º Os possiveis desvios, que as mesmas funções podem ter, do estado de saude. 3.º Os sinaes, que podem fazer conhecer a presença, ou ausencia d'aquelles desvios. 4.º Considerações sobre os meios de conservar a saude. 5.º Considerações sobre os meios de restituir o corpo do estado pathologico, ou de doença, ao estado physiologico, ou de saude. Em todo este curso das Instituições se comprehende tudo, o que pertence geralmente á theorica das doenças, tanto externas, como internas; unindo-se, a esse fim, as Instituições Medicas com as Cirurgicas; isto he, a Medicina com a Cirurgia.

Terceiro anno. Ensina-se Materia Medica, e Arte pharmaceutica; isto he, trata-se com particularidade d'aquelles productos dos tres reinos da natureza, que tem uso na Medicina, e do modo de preparar os mesmos productos para os fazer utilmente applicaveis no curativo das enfermidades, assim internas, como externas. — As lições tanto de Pharmacia, como de Materia Medica são theoricas e praticas; as d'esta na Aula, aonde são trazidos os productos, ou no Jardim Botânico; as d'aquella na Aula, e no Dispensatorio pharmaceutico da Universidade. — Os Estudantes do 3.º anno ouvem, em todo elle, as lições dos dous Lentes de Clinica Medica, e Cirurgica: elles fazem dous exames das materias d'este anno, hum de theorica em Materia Medica, e Pharmacia,

que o he tambem de prática na primeira ; o outro exame he só de prática, só em Pharmacia, e no mesmo Dispensatorio da Universidade.

Quarto anno. A Therapeutica em particular, ou o methodo de curar as differentes enfermidades do corpo humano ; exposto mais individual e circunstanciadamente do que se fez no 2.<sup>o</sup> anno : applicando a cada huma das mesmas enfermidades os aphorismos d' Hippocrates, que lhe dizem respeito. — Os Estudantes d' este anno continuão a frequencia das duas Aulas de Clinica de Medicina, e de Cirurgia. Fazem hum exame, e ficando approvados, recebem o grão de Bacharel, e podem tirar carta do mesmo.

Quinto anno. Prática de Medicina, e Cirurgia, isto he, a applicação de todos os principios ao tratamento dos doentes do Hospital, homens e mulheres, de Medicina, e de Cirurgia, de baixo da direcção de dous Lentes ; Aulas, que os Estudantes já frequentarão dous annos. No fim são submittidos a hum rigorosissimo exame, todo de prática, em que, por vinte dias, cada hum dos Estudantes deve escrever á cabeceira de doentes, que para esse fim se lhes apresentam, diarios completos, aonde se vejam as historias das molestias, os capitulos, as indicações, as receitas, o modo de administrar os remedios, e a dieta ; diarios, em huma palavra, que regulem em tudo o comportamento dos doentes ; nem mais, nem menos, como era bem que todos os Medicos fizessem nas casas particulares. Os Estudantes, tres dias que faltem a estes vinte d' exame, ainda que por gravissima causa, perdem o anno, e tem de frequentar de novo. Todos os Lentes da Faculdade são Juizes d' este exame, em que se não decide á pluralidade de votos : dous votos de reprovação reprovão, haja os que houver d' approvação : a Faculdade compõe-se hoje de dez Lentes ; se todos assistirem ao exame do 5.<sup>o</sup> anno, hum Estudante fica tão reprovado com dous RR., e oito AA., como com dez RR. — Este exame tem o nome de Formatura : ao Estudante approvado n'elle passa-se sua carta de Formatura de Medicina, e de Cirurgia ; e fica habilitado para praticar huma e outra.

Sexto anno, a que he obrigado só o que aspira ao Gráo de Licenciado; repete o Estudante a frequencia dos dous annos, segundo, e quarto; no fim defende com grande ostentação e apparato, Conclusões magnas (primeiro Acto Grande); decide-se pela Faculdade, e á pluralidade de votos, se o Estudante he, pelas seus costumes, digno de mais honras da Faculdade; e achando-se que sim, faz o segundo Acto Grande, e ultimo Academico, Exame privado, em que se decide, á pluralidade de votos, do merecimento Literario para as honras consecutivas, que são os Gráos de Licenciado, e de Doutor; ficando approvado, toma logo o Gráo de Licenciado, e toma, quando quer, o de Doutor; e querendo passar para a Classe d' Oppositor, isto he, d' Aspirante ao Magisterio, a Congregação da Faculdade examina de novo, e com a maior circunspecção possível, os conhecimentos literaries, e a moral do Candidato; corre-se escrutinio, e hum só voto, que haja contra a admissão do Doutor á ordem d' Oppositor, o exclue para sempre, do mesmo modo, que se todos os votos fossem contra. Se o Doutor fica Oppositor, tem obrigação d' apresentar todos os annos huma Dissertação sobre objecto da sua escolha, que, sendo approvada, sustenta o Oppositor na antiguidade, em que se acha, e ha de imprimir-se, juntamente com as censuras. Sendo porém reprovada faz perder ao Oppositor aquelle anno. Não se admitte a juizo mais de huma Dissertação em cada anno; e as antiguidades regulão-se pelo numero das Dissertações approvadas.

Na vacancia das Propriedades, Substituições, Demonstrações e Ajudancias das Cadeiras de Prática da Faculdade, vão sobindo os Lentes, e os Oppositores; mas sempre por Despacho immediato do Soberano. Os Lentes podem ser jubilados, podem ter, e tem todos os dias, outros Despachos. Tudo isto são incentivos, que os obrigão a trabalhar por não desmerecer, e mesmo por merecer mais as Graças do Soberano.

Nada se tem perdido de vista para promover o adiantamento dos Estudantes da Faculdade de Medicina, e Cirurgia da Univer-

sidade de Coimbra. Aos Estudantes de cada hum dos primeiros quatro annos podem dar-se seis premios de 500\$ reis cada hum, com hum mui honorifico Documento; e esta circumstancia vai mesmo ás suas Cartas. He todavia necessario que seja relevante a merecimento do Premiaado.

A Congregação pôde apresentar ao Soberano o merecimento mui relevante d'algum dos Estudantes apenas formado, a fim de que, em premio, se doutore gratuitamente.

Na Universidade tem havido sempre Jornaes Francezes, Italianos, e Alemães, Gazetas Estrangeiras, e continuão a haver Jornaes Inglezes, etc. tudo franco na sua magnifica Bibliotheca.

*Relação dos Lentes Cathedraes, Substitutos, e Oppositores da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra.*

*Cathedraes.*

- I. Vago.
- II. Dr. João de Campos Navarro. (2)
- III. — Joaquim Navarro de Andrade. (3)
- IV. — José Feliciano de Castilho. (4)
- V. — Francisco de Souza Loureiro. (5)
- VI. — Francisco Soares Franco. (6)

*Substitutos.*

- Dr. Pedro Joaquim da Costa Franco. (7)  
 — Jeronimo Joaquim de Figueiredo. (8)  
 — Angelô Ferreira Diniz. (9)

- 
- (2) Com exercicio na primeira Cadeira de Clinica.
  - (3) Com exercicio na Cadeira do quarto anno.
  - (4) Com exercicio na Cadeira do segundo anno.
  - (5) Com exercicio na Cadeira do terceiro anno.
  - (6) Com exercicio na Cadeira do primeiro anno. — Reside por ora em Lisboa.
  - (7) Nomeado para substituir o Lente do quarto anno.
  - (8) Nomeado para substituir o Lente do segundo anno.
  - (9) Nomeado para substituir a segunda Cadeira de Clinica, vaga por morte do Dr. João Joaquim Gramacho da Fonseca.

- Dr. Antonio de Almeida Caldas. (10)  
— José Carlos Barreto. (11)

*Oppositores.*

- Dr. Antonio da Cruz Guerreiro. (12)  
— Vicente Navarro de Andrade. (13)  
— Luiz Antonio da Silva Maldonado. (14)  
— Antonio Joaquim de Campos. (15)  
— Joaquim Xavier da Silva. (16)  
— João Alberto Pereira d' Azevedo. (17)

*Relação dos Estudantes Matriculados na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra no presente anno lectivo de 1811 para 1812.*

*Primeiro anno da Faculdade.*

- 1 João Bernardo de Souza, filho de Francisco de Sousa Soares, natural de Veiros, Comarca d' Aviz.
- 2 Luiz Pedro de Sande, filho de João Freire, natural de Penacova, Comarca de Tentugal.
- 3 Lourenço d' Assis Pereira da Cunha, natural de Coimbra.
- 4 Manoel Francisco de Medeiros, filho de José Francisco de Medeiros, natural da Villa da Horta, Comarca da Ilha do Fayal.
- 5 Mariano Simões, filho de Antonio Simões, natural Coimbra.
- 6 Antonio Joaquim Barjona, filho de Manoel José Barjona, natural de Coimbra.
- 7 Francisco de Abreu, filho de Bernardo José Antunes, natural de Pedronhe, Comarca de Vizeu.
- 8 Joaquim Elias de Souza Mello, filho de José Ignacio de Souza, natural da Ilha da Madeira.

- 
- (10) Nomeado para substituir a primeira Cadeira de Clinica.  
(11) Em Lisboa, e á testa do Departamento Medico-Militar.  
(12) Demonstrador de Anatomia. — Este anno em Lisboa.  
(13) Viajante. — Agora na Corte do Rio de Janeiro.  
(14) Demonstrador de Materia Medica.  
(15) Ajudante da primeira Cadeira de Clinica; serve tambem nos Lazaros, na ausencia de Joaquim Xavier da Silva.  
(16) Ajudante dos Lentes de Prática no Hospital dos Lazaros. Reside por ora em Lisboa.  
(17) Faz este anno as Leituras, e Demonstrações d'Anatomia, Operações de Cirurgia, e Partos.

*Segundo anno.*

- 1 Jacinto Luiz Amaral Frazão, filho de João Moniz Falcão, natural da Ilha de S. Miguel.
- 2 Antonio de Lima Ferreira, filho de Luiz Franco Ferreira, natural de Poyares, Comarca de Coimbra.
- 3 José Dias, filho de José Dias, natural de Villa nova de Monsarros, Comarca de Coimbra.
- 4 José Leandro da Fonseca Esguelha, filho de Filippe José da Fonseca Esguelha, natural de Villa Franca de Xira, Comarca de Riba-Têjo.
- 5 José Joaquim Alves, filho de Joaquim Alves, natural de Carril, Comarca de Thomar.
- 6 Antonio Lourenço Madeira, filho de Joaquim Romão Madeira, natural de Arronches, Comarca de Portalegre.
- 7 Aureliano Pereira Frazão d' Aguiar, filho de Antonio José Francisco d' Aguiar, natural de Coimbra.
- 8 Francisco Antonio Fino Leitão, filho de Lourenço Gonçalves, natural de Coimbra.
- 9 Francisco Antonio Manso, filho de Alexandre Manso Preto, natural de Coimbra.
- 10 João Alexandrino de Souza Queiroga, filho de José Joaquim Coelho, natural de Santarem.
- 11 João Baptista Rebello da Costa, filho de Antonio Alves Rebello, natural da Ponte da Barca, Comarca de Vianna.
- 12 Joaquim Pinto da Silva, filho de Manoel Pinto da Silva, natural do Perto.
- 13 José Joaquim Pereira Roza, filho de Antonio Pereira Roza, natural de Coimbra.
- 14 José Marques Rolim, natural de Coimbra.
- 15 Manoel José de Moura, filho de Antonio José Martins Alves, natural de Cerva, Comarca de Villa Real.
- 16 Antonio Pereira Braga, filho de Francisco Pereira Braga, natural de Coimbra.
- 17 Clemente José Dias, filho de José Dias, natural de Villa Franca de Xira, Comarca de Riba-Têjo.
- 18 Antonio José Lopes Pereira, filho de Antonio Lopes Lisboa, natural de Braga.

*Terceiro anno.*

- 1 Jeronimo d' Almeida Moraes e Souza, filho de Manoel de Souza, natural de Val d' Açores, Comarca de Vizeu.
- 2 Bento Rodrigues de Aquino, filho de Manoel Rodrigues, natural de Coimbra.
- 3 José Xavier dos Reis Picão, filho de Agostinho dos Reis Picão, natural de Cezimbra, Comarca de Setubal.

- 4 Carlos José Pinheiro, filho de Luiz Pinheiro Lobo, natural de Villa Rica, Comarca de Minas Geraes.
- 5 Gaspár Milton Santos, filho de Manoel Fernandes dos Santos, natural de Euarcos, Comarca de Coimbra.
- 6 Joaquim José Ferreira Sobral, filho de Miguel d'Almeida, natural de Coimbra.
- 7 Luiz Antonio Marques Prezado, filho de Pento Marques Prezado, natural de S. Martinho do Bispo, Comarca de Coimbra.
- 8 Joaquim Marques Rolim, natural de Coimbra.
- 9 José da Costa, filho de Antonio da Costa, natural de S. Martinho do Bispo, Comarca de Coimbra.
- 10 Agostinho José da Costa, filho de José da Costa, natural de Louriça, Comarca de Coimbra.
- 11 José Antonio Ernesto de Carcere, filho de Innocencio José Morgado, natural de Valverde, Comarca de Pinhel.

*Quarto anno.*

- 1 João Lopes de Moraes, filho de Antonio Lopes, natural de Mort-agoa, Comarca de Tentugal.
- 2 Felix Manoel de Mattos Pinto Teixeira, filho de Antonio José Pinto Mourão, natural de Villa flór, Comarca de Moncorvo.
- 3 João Baptista de Barros, filho de Pedro José de Barros, natural de Loulé, Comarca de Tavira.
- 4 Antonio José de Sá, filho de Vicente Pires da Cunha, natural de Evora.
- 5 Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, filho de Manoel Lourenço Martins da Fonseca, natural do Ervedal, Comarca da Guarda.
- 6 Manoel José Ribeiro, filho de Antonio José Ribeiro, natural de Coimbra.
- 7 José Ignacio Pereira Derramado, filho de João Pereira Serrano, natural de Portel, Comarca de Villa Viçosa.
- 8 Antonio José Lemos, filho de Antonio José Lemos, natural do Trucifal, Comarca de Torres Vedras.
- 9 Francisco Ignacio Pereira Rubião, filho de José Alves Teixeira d'Oliveira, natural de Villa Real.
- 10 Joaquim Franco da Silva, filho de José Franco, natural de Pero Negro, Comarca de Torres Vedras.
- 11 José de Moura Castanho, filho de Jeronimo José de Moura, natural de S. Miguel, Comarca de Thomar.
- 12 Caetano José da Costa, filho de Alexandre José da Costa, natural do Porto.
- 13 Antonio Elizeo Vitto de Macedo, filho de Antonio Elizeo Raimundo de Macedo, natural da Chamusca, Comarca de Alemquer.

- 14 José Francisco de Freitas, filho de Anacleto Francisco, natural de Monte-mór o velho, Comarca de Coimbra.
- 15 José Antonio Alves, filho de José Antonio Alves, natural de Lisboa.
- 16 José Lino dos Santos Coutinho, filho de José Lino dos Santos Coutinho, natural da Bahia.
- 17 Sebastião d'Almeida e Silva, filho de Francisco d'Almeida e Silva, natural de Coimbra.
- 18 Theodoro Joaquim da Maia, filho de João Francisco, natural de Casal Comba, Comarca de Coimbra.

*Quinto anno.*

- 1 Sebastião José de Carvalho, filho de Antonio José de Carvalho, natural de Louredo, Comarca de Coimbra.
- 2 Fr. Francisco de S. João de Deos Neves Fortuna, filho de Francisco Rodrigues Neves Fortuna, natural de Manteigas, Comarca da Guarda.
- 3 Lourenço Luiz de Souza e Silveira, filho de José Luiz de Souza, natural de Collares, Comarca de Torres Vedras.
- 4 Francisco Joaquim das Neves, filho de Francisco Cardoso da Cunha Neves, natural de Maceiradão, Comarca de Vizeu.
- 5 Miguel Rodrigues de Souza, filho de Manoel da Piedade, natural de Faro.
- 6 Antonio Pereira Xavier, filho de Antonio Pereira Serras, natural do Sardoal, Comarca de Thomar.
- 7 Gabriel Borges da Gama, filho de Roberto de Souza Xavier, natural de Coja, Comarca d'Arganil.
- 8 Joaquim Alves d'Araujo, filho de João Alves d'Araujo, natural de Villa Viçosa.
- 9 Joaquim Baptista de Siqueira, filho de João de Mattos de Siqueira, natural de Belver, Comarca do Crato.
- 10 Joaquim da Fonseca Cruz, filho de João da Fonseca Cruz, natural de S. Thiago de Bougado, Comarca do Porto.
- 11 José Antonio Morão, filho de José Antonio Morão, natural de Castello-Branco.
- 12 José Botelho de Vasconcellos, filho de Francisco José Botelho de Vasconcellos, natural de Villa Cova de Sub-Avó, Comarca de Arganil.

*Relação dos Estudantes Medicos premiados em Congregação da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra em 10 de Março de 1812. (\*)*

*Primeiro anno.*

Clemente José Dias.  
Francisco Antonio Fino Leitão.  
Manoel José de Moura.  
Aureliano Pereira Frazão.  
João Alexandrino de Souza Queiroga.  
Antonio José Lopes Pereira.

*Terceiro anno.*

Antonio José de Sá.  
Francisco Ignacio Pereira Rubião.  
João Lopes de Moraes.  
José Lino dos Santos Coutinho.  
Felix Manoel de Mattos Pinto Teixeira.  
José Ignacio Pereira Derramado.

*Quarto anno.*

Antonio Pereira Xavier.  
Joaquim Alves d'Araujo.  
José Antonio Mourão.  
Miguel Rodrigues de Souza.  
Lourenço Luiz de Souza e Silveira.  
Gabriel Borjes da Gama.

---

(\*) Veja-se sobre premios a pag. 194. — Ficção para distribuir-se ainda os premios do segundo anno.

OBSERVAÇÃO, e Reflexões sobre huma Hydropesia en-  
kistada, communicada pelo Dr. Wencesláo Ansel-  
mo Soares, empregado no Hospital da Marinha.

Observação.

J. F. Soldado do Batalhão de Caçadores Nacionaes de Lisboa Oriental, teve hum bubão na virilha direita, o qual terminou por suppuração deixando huma grande cicatriz: passado hum mez, começou a sentir alguma prisão, e certo incommodo na região inguinal direita, estendendo-se por todo o terço superior, e interno da côxa; ao que depois se seguiu hum tumor indolente, e hum pouco desigual.

A 3 de Janeiro de 1812 entrou este doente no Hospital da Marinha, com os symptomas seguintes: tumor circunscripto, que começava acima do anel inguinal, e terminava no terço superior, e interno da côxa, porém que estando deprimido na virilha affectava apparentemente dous tumores, hum correspondente ao ventre, e outro á côxa; indolente; sem mudança de côr na pelle; flexivel ao tacto; elevando-se em huma parte, quando se carregava em outra, o que tambem acontecia ao tumor superior a respeito do inferior, e *vice versa*; mas em caso algum se percebia undulação, como v. g. em huma ascite; alguma difficuldade nos movimentos da côxa, nada de febre, nada de incomodos, que inculcassem lesão de entranhas abdominaes, em huma palavra nada de symptomas geraes. Applicárão-se sobre o tumor compressas molhadas em banho amargo aromatico, e contidas por huma ligadura circular. Tres dias depois accrescentou-se o uso de foimentações espirituosas.

Este tratamento foi continuado até ao dia 30 de Janeiro: o doente então sentia apenas alguma facilidade mais nos movimentos, e a parte do tumor correspondente á côxa estava quasi de to-

do extincta; porém o tumor acima da verilha tinha augmentado muito, porque a compressão sobre a côxa fazia melhor effeito do que sobre o ventre, que não subministra apoio sufficiente.

No dia 31, vista a insufficiencia dos outros meios, assentou-se em fazer huma pequena incisão para dar sahida ao fluido. Ao fazer-se a incisão na parte inferior do tumor, (que, como se disse, estava então reduzido só á parte, que ficava acima do anel inguinal) cortados os tegumentos encontrou-se maior resistencia ao cortar o involucro immediato do tumor, vencida a qual começou a sahir agoa clara, sem cheiro, que formou a quantidade de libra e meia, cuja sahida se facilitava pelas compressões sobre a côxa, e vindo as ultimas porções acompanhadas de alguns grumos de sangue. Continuou-se o methodo de brandas compressões pelo modo já referido; e diminuiu-se a dieta. Nos dias seguintes continuou a sahir grande quantidade do mesmo liquido; porém ensanguentado: o doente achava-se já com grande desembaraço nos movimentos da côxa.

Dia 3 de Fevereiro, terceiro depois da operação: apparecêrão os seguintes symptomas: febre com accesso na tarde precedido de frios; lingua saburrosa; fastio grande; mais alguma sensibilidade no lugar do tumor, por cuja abertura sahia materia de suppuração, mas em pequena quantidade.

Dia 4: augmentarão estes symptomas: foi prescripto de manhã hum emetico, que produziu algumas evacuações; e de tarde hum cozimento chicoreaceo para começar a tomar-se no dia seguinte.

Dia 5: continuava a febre, pulso pequeno e frequente; abatimento de forças phisicas, e espirito; faeces hum pouco decompostas; suppuração mais abundante, e de máo character. O doente entrou no uso de infusão aquosa de quina tres onças todas as quatro horas; topicamente de cozimento de quina e losna com agoardente camphorada, para banho, e injeccões; dieta animante com vinho do Porto.

Dia 7: continuando os symptomas ditos, havia alguma tos-

se, e a materia da suppuração era mais tenue, e fétida. Prescreverão-se-lhe três onças de vinho quinado quatro vezes no dia com meia oitava de quina em pó em cada dóse.

Dia 11 : pequena remissão de febre ; mais algum appetite ; mais algum contentamento. Continuação dos mesmos remedios, e injeção de tinctura de quina com a camphora.

Dia 17 : melhor, e menos suppuração ; parece que as paredes internas do tumor se tem collado na parte correspondente á côxa.

Dia 20 : o mesmo ; porém maior sensibilidade no lugar do tumor. Suspendeo-se a injeção, e continuou-se o mais.

Dia 22 : pulso mais pequeno, e frequente ; vomitava algumas vezes a comida ; mais suppuração, e de peor cheiro.

Nos dias seguintes o abatimento foi cada vez a mais, e a suppuração fez-se mais tenue, fétida, e denegrada com todos os caracteres de ichor ; apparecerão alguns pontos arroxados pela compressão da cama. Continuou-se o mesmo tratamento geral, e o topico indicado em taes casos.

Dia 2 de Março : maior decomposição de faces, pulso intermittente, voz sumida, entre-cortada.

Dia 3 : morte.

#### *Abertura do Cadaveri.*

Dilatada, quanto foi preciso, a incisão, observou-se hum kisto, que começava duas polegadas acima do anel inguinal, e terminava em fundo de sacco no terço inferior, interno, e hum pouco anterior da côxa. A parte do tumor correspondente á côxa assentava sobre o musculo trifemuro-rotulano (*crural*), era coberta pela aponevrôse do ilio-aponevrotico da côxa (*facielata*), e em parte pelo musculo ilio-pretibial (*costureiro*), e pelo ilio-rotulano (*recto anterior*): a parte correspondente ao ventre assentava sobre os musculos do ventre, e era coberta pelos tegumentos. A depressão do tumor na verilha era causada pela maior condensa-

ção, que tem ali o tecido cellular, e pela passagem do musculo ilio-pretibial. A parede posterior, e crural do kisto estava em parte esphacelada, assim como o estava a parte correspondente do musculo trifemuro-rotulano: o mesmo se observava na parede anterior, e ventral em roda da incisão, e na porção do ilio-pretibial correspondente á verilha: o resto do sacco apresentava huma côr hum pouco denegrada, e huma textura fibrosa. O kisto não communicava com a cavidade do ventre, cujas entranhas não mostrarão lesão alguma.

#### Reflexões.

Os caracteres, que na vida, e depois da morte do doente apresentou este tumor e as partes componentes, mostrarão que era hum kisto. Todos os Práticos tem visto, e descripto kistos; porém não temos noticia de algum n' este lugar, e da grandeza d'este: em geral ou são mais pequenos, ou quando maiores, formão-se entre partes menos resistentes, isto he, nas grandes cavidades. He opinião geral dos Anatomicos, que os kistos se formão pela progressiva accumulção de hum liquido em huma cellula do tecido cellular, a qual distendida pelo mesmo liquido vai augmentando de volume, comprimindo, e extinguindo as cellulas visinhas, engrossando as suas paredes com as d'estas, e pela successiva aproximação, e condensação do tecido cellular dá lugar a formar-se huma membrana preter-natural, fibrosa, espessa, dentro da qual, como em sacco fechado, se conserva o liquido. O receptaculo não cresce, quando cessa a causa, que lhe subministra o liquido. Este em diversos casos tem diversa natureza. Na formação por tanto d'esta membrana preter-natural racioeinão os modernos, como Haller mesmo já pensava, fallando da primitiva organização das membranas naturaes.

O kisto, de que tratamos, julgamos nós, formou-se como os outros. Qual foi porém o liquido? D'onde veio? Porque causa? O doente teve hum bubão, que suppurou por muito tempo, e

deixou huma grande cicatriz. He bem de presumir, que por esta causa fosse destruida alguma, ou algumas glandulas conglobadas. Eis, n'este ponto, interrompido o circulo lymphatico: a lympha absorvida em toda a perna, e trazida até aos vasos mais grossos, que enlaçados formão as ditas glandulas, era d'estes entornada no tecido cellular: os capillares lymphaticos continuavão a acatretar para os seus troncos, quanto absorvião na perna, e a lympha extravasada augmentava por consequencia: esta lympha ensinuada pela cellular, e obedecendo á gravidade chegou até ao terço inferior da côxa; e achando ahi mais alguma resistencia, ou porque a membrana morbosa tivesse já mais espessura, ou por outra causa, abriu caminho, subio até acima da região inguinal, e fez o seu principal assento sobre os músculos do ventre, visto que as compressões feitas na côxa embaraçavão a sua accumulção n'esta parte.

Isto posto, já se vê, que este kisto he a que Callisen chama *Hygroma*, cujo liquido he seroso lymphatico. A espessura do sacco, e a sua situação profunda tornavão imperceptivel a undulação: por estar o sacco perfeitamente cheio de liquido, a depressão feita em qualquer ponto não se conservava, e o tumor recobrava a sua figura. Estas circumstancias fizerão por algum tempo duvidar, se era agoa, ou ar, que se incluía no tumor. Como porém as indicações curativas em ambos os casos serião as mesmas, não se duvidou sobre o tratamento. Tentou-se a absorpção; e para este fim a theoria, e prática de todos os Medicos recommendão os fomentos tonicos, e estimulantes, e graduadas compressões: porém os meios, pelos quaes a virtude d'estes remedios se transmite até ás extremidades dos vasos absorventes da superficie interna dos kistos, parecem estar bastantemente interrompidos, he natural, pela mesma espessura do kisto: eis a razão por que o methodo da absorpção ordinariamente não aproveita. Extrahir o liquido pela punção he o que se segue. Foi n'este ponto sómente, que se teve alguma contemplação com a duvida, que os caracteres do tumor apresentavão, a respeito da natureza do

fluido, que este continha: julgou-se mais prudente a incisão, que, no caso de ser ar, abriria mais algumas cellulas, e facilitaria a saída; e sendo agoa, não era absolutamente contra-indicada, e tem sido praticada por muitos. Para se estabelecer a cura radical era necessaria a inflammação, e suppuração do sacco, e aproximação das suas paredes, que por estes meios se devem collar. Por este methodo se faz ou natural, ou artificialmente, a cura radical do hydrocele, das fistulas, seios, e outras molestias semelhantes. O mesmo se adoptou para o nosso caso; porém nos primeiros dias não se usou de injeções, mas simplesmente de banhos, e branda aproximação de partes, esperando a marcha da natureza, que talvez por si mesma estabeleceria inflammação, e temendo, que esta se excitasse em gráo tão consideravel, em huma membrana morbosa de tecido espesso, que a sua terminação fosse, ou máo pus, ou gangrena. Com effeito ao terceiro dia apparecerão symptomas de inflammação, e esta foi logo seguida de máo pus, e acompanhada de symptomas geraes, que até então não havião.

Póde haver questão sobre as causas, e más consequencias d'esta inflammação. Extrahese huma e muitas vezes a agoa de huma ascite, de hum hydrocele, e de outras hydropesias, sem que resulte inflammação no sacco da agoa: excita-se, de proposito por injeções (o que se não fez n'este caso), a inflammação para a cura radical do hydrocele, molestia, que se dá entre partes, que parecem mais delicadas, e cujas affecções interessão mais immediatamente á vida geral: a pezar d'isso os doentes curão-se, e não correm perigo. Qual foi pois a causa d'esta inflammação? Suspeitamos que algum ar atmospherico penetrando pela incisão foi quem começou a excitalla. O ar he hum veneno para as chagas. Julgamos por tanto que huma febre essencial, desenvolvida accidentalmente depois da operação, produzida não symptomaticamente pela inflammação topica, cujos symptomas então erão ainda em mui pequeno gráo, mas sim por indisposições gastricas, concorrendo talvez o ar de hum Hospital, ou alguma outra causa, que muitas vezes ignoramos nas febres; que huma febre, quero dizer,

o excitamento maior do systema sauguineo na occasião dos accesos, augmentou a inflammacão já começada: esta em huma membrana preter-natural, espessa, onde os vasos, além de não terem, he provavel, a melhor distribuiçãõ, vivem no maior aperto, não pôde marchar com regularidade, como nas membranas mucosas, serosas, e nas de mais partes molles; antes pelo contrario está sujeita á rebeldia, gravidade, e perigo das inflammacões dos ligamentos, e tendões. Depois de huma tal inflammacão, e na presença de más suppurações, a febre devia tomar o character astenico, ainda que de origem o não tivesse. Eis-aqui molestia geral, e topica mutuamente concorrendo para o máo estado, e funestos symptomas, que progressivamente apparecêrão. Antes de passarmos adiante, tem aqui lugar o notar-se, que a pequena inflammacão excitada em hum hydrocele não augmenta tão facilmente, porquê de ordinario não se dá, como no nosso caso, a simultanea invasão de huma febre essencial; e não traz apòz si tão má suppuração, porque existe em membranas primitivamente naturaes. Devemos tambem notar, que a grandeza do kisto, e por isso a extensa superficie, que se veio a inflammar, junto ás causas já ditas, havia de tornar este de mais difficil cura, do que os kistos ordinarios.

Supposto, como dissemos, o estado das duas molestias, geral, e topica, seguimos o tratamento tonico estimulante: o máo character da suppuração exigia mesmo as injeccões, que chegarão a produzir algum beneficio, e que forão suspendidas, quando, sendo menos e melhor o pus, a membrana do kisto parecia estar hum pouco mais sensivel. A febre porém foi progredindo, os symptomas da gangrena apparecendo, e contra tão poderosos males forão inuteis diligencias, e remedios.

*Efeitos do Laudano (\*) tomado em grande quantidade:  
communicados pelo Dr. J. F. Davies de Bath.*

Caso 1.<sup>o</sup> — W. W., 70 annos d'idade tomou, por engano, duas colheres de chá de tinctura d'opio (150 gotas (\*\*)) em duas noutes successivas. A primeira dóse deo-lhe huma boa noute; mas no dia, que se lhe seguio, elle sentia a cabeça como se tivesse tomado Laudano; e tinha frequente desejo de ourinar, sem o poder effectuar. Elle padecia huma affecção espasmodica dos órgãos da respiração, para a qual se lhe tinhão aconselhado duas colheres de chá de tinctura de camphora composta, e só depois da segunda dóse se descobrio, que em lugar de tinctura de camphora, elle tinha tomado tinctura d'opio. Eu fui chamado ás 6 horas da manhã, depois da segunda dóse. O seu pulso estava mui frequente, a sede era consideravel, frequente a vontade d'ourinar. Recommendou-se-lhe que bebesse, quanto quizesse, de limonada, çumo de laranja, café, etc. e deo-se-lhe alguma magnesia, e rui-barbo, que em pouco tempo lhe soltou o ventre. A somnolencia não foi muita; elle restabeleceo-se, e a affecção espasmodica dos órgãos da respiração ficou complectamente curada.

Caso 2.<sup>o</sup> — J. B., 68 annos de idade, bebeo duas onças de vinho d'opio (\*\*\*) pouco mais ou menos, ás 4 horas da manhã; d'ahi a pouco pôz-se a fallar muito, e a cantar: depois, e ás 6 horas, cahio em somnolencia, e fez-se laboriosa a respiração. Descobrio-se ás 9 horas o que elle tinha feito: obrigou-se a levantar immediatamente, e a tomar dous esciopulos de vitriolo branco, e pouco depois seis grãos d'antimonio tartarisado. Seguirão-se nauzeas, e elle lançou mais d'hum quartilho de liquido ligeiramente tincto com Laudano. Administrou-se-lhe frequentemente vinagre, e café, e conservou-se a passear todo o dia. As 7 horas da tarde tinha o pulso mais forte, e cheio; tinha menos somnolencia que de dia; estava porém incommodado por irritação dos bronchios; o que se suppóz provir de ter-lhe cahido para a laringe alguma gota de vinagre, quando o violentavão a bebello. Expellia ás ve-

(\*) Sobre este objecto ha já huma observação, com seus corollarios práticos em Nota, no Num. II. pag. 84 do nosso jornal.

(\*\*) Contem 7½ grãos d'opio.

(\*\*\*) Contem 56 grãos d'opio pouco mais ou menos.

zes da trachea hum mucos escuro, que confirmava aquella suspei-  
ta. Pouco depois cahio em hum estado comatoso, do qual não  
houve forças, que o podessem levantar, nem tornou mais a en-  
gólir. A respiração era como a de hum apopletico: a transpiração  
consideravel. O pulso abáteo, e apresentava ás vezes irregularida-  
de, e intermittencias. Percebião-se-lhe perfeitos subsultos de ten-  
dões, porém não houverão convulções geraes. Conservou-se n'este  
estado até á tarde do terceiro dia, em que morreo. Desde que  
elle começou a não engolir, applicárão-se vesicatorios ao peito, e  
entre as espadoas, sinapismos aos pés, e vinho d' aloes em cly-  
steres. Depois de segundo clyster depóz huma vez do ventre, e  
ourinou hum pouco.

Na disseccção, dous dias depois da morte, nada appareceo,  
nem na cabeça, nem no estomago, que podesse attribuir-se ao  
Laudano. A bexiga estava cheia de urina.

Observations on the present state of the Portuguese Army.

By Andrew Halliday, M. D. London, 1811. Price 15s.

*Observações sobre o estado actual do Exercito Portuguez;*  
*por André Halliday, Dr. em Medicina. Londres, 1811.*

(Continuado de pag. 113.)

O Investigador descreve a Faculdade de Medicina da Univer-  
sidade de Coimbra, tanto em si, como em Preparatorios: om-  
mitte porém Ramos, e Annos inteiros. A sua pouca exactidão  
póde começar a conhecer-se pela comparação do que dissemos a  
pag. 190, com o que n'elle se lê de pag. 224 em diante, e pelo  
que diremos ainda, quando descrevermos as outras duas Faculda-  
des Naturaes, Mathematica, e Philosophia, que são nos seus tres  
primeiros Annos Preparatorios de Medicina.

Grande póde todavia ser o estabelecimento de estudos Me-  
dicos e Cirurgicos em Portugal; e por mil razões nullo o resultado  
Literario. Que este resultado porém he grandissimo sabemos-lo nós,  
e todos os que tem frequentado consideravel parte dos Medicos  
Portuguezes. He verdade que o merecimento Literario de qual-  
quer Nação só pela Imprensa se divulga devidamente pelas Na-  
ções Estrangeiras. Em Portugal são muitos os homens capazes de  
escrever: nós convidamos a todos (nossas forças são pequenas) a  
dar-nos meios de por em toda a Luz a gloria Literaria, de que a  
nossa Nação deve gozar no concurso das Nações verdadeiramente  
illuminadas.

“Os antigos Medicos (Inv. pag. 228 not.) com poucas excepções são incorrigíveis. Não nos parece bem que se trate com tão pouco respeito os antigos da nossa Classe. Todos devem advogar a causa dos antigos, que só por desgraça não seremos também, chamando antigos aos velhos. Em Portugal dá-se ordinariamente o nome de Medico Antigo aos formados antes da Reforma, mandada fazer na Universidade pelo Senhor Rei D. José no anno de 1772. Entre os Medicos antigos tem havido, e ha muitos muito bons, cujos nomes he desnecessario descrever, porque ninguem o negará. O mesmo Investigador lembra alguns, v. gr. Amado Lusitano, Curvo Semedo, Mirandela. Grande havia de ser o socego com que a Medicina se praticasse n'esses muitos centos de annos depois de Galeno; tendo elle perfeitamente supplantado todas as seitas então existentes; não havendo á cerca de Materia Medica, e Pharmacia, desde Galeno, ou da Era Christã 160 até 1:500 (quasi 1:400 annos) Author, em que se falle, senão Avicena na era de 900, e J. Méssué, N. Myrepsó, J. Damasceno, e Strabo Gallo em 1:100, e alguns, mas poucos, em Medicina Prática, Therapeutica, e Pathologia: huns, e outros porém abraçando, ou absolutamente, ou quasi, todo o systema e todas as doutrinas de Galeno, na supposição ridicula, de que este tinha levado todos os Ramos de Medicina á sua perfeição, e infallibilidade, a nada mais se permittião aspirar, que a entendello bem, e commentallo fielmente.

Desde o anno de 1:500 até agora tem-se succedido huns aos outros, e ás vezes a pequenos intervallos, hum turbilhão de systemas Medicos, aos quaes se tem subordinado a Clinica de Medicina, e Cirurgia. Inda bem que a Clinica, consequencia mesmo dos systemas, não tem soffrido a mesma variedade, as mesmas alterações, que esses systemas.

Paracelso o mais extravagante dos homens (Bacon chama-lhe monstro) Paracelso, cuja promptidão em abraçar opiniões se media pelo que ellas tinhão de absurdo, applicou devidamente remedios, que nós hoje temos pelos melhores, e mais heroicos em molestias mui graves.

Paracelso promettia a sua *quinta essencia*, hum remedio para todas as molestias, e a immortalidade ao homem. Assim como (dizia elle) os Ratos são gerados huns da podridão, outros d' outros Ratos, assim a Peste, o Pleuriz, a Febre, etc. procedem da corrupção de alguma cousa externa: a Hydropesia, a Gotta, a Ictericia, etc. vem de origens essenciaes ao mesmo homeni. — O homem (continúa) he hum mundo pequeno; entre mundo grande, e pequeno ha huma correspondencia de planetas; o coração corresponde ao Sol, o cerebro á Lua, o baço a Saturno, o pulmão a Mercurio, o figado a Jupiter, o fel a Marte, etc. — Dizia a virtude de qualquer substancia de cada hum dos tres Rei-

nos da Natureza sobre qualquer parte do corpo do homem dá semelhança da figura, da cor, e outras notas externas. A Eufrazia he hum bom remédio para os olhos; porque no meio da sua flôr ha hum pequena mancha negra, que se parece com a pupilla, ou menina do olho. Huma das espécies de Dentaria he hum grande remédio para as dôres de dentes, e para o escorbuto, porque a sua raiz parece huma enfiada de dentes. Pulmonaria he bom remédio para molestia de pulmões, por ser leve, e esponjosa como elles, e parecer-se-lhe na figura. Limões bom remédio para molestias do coração, porque se parecem com elle, etc.

Não obstante a extravagancia, futilidade, e ridicularia de semelhantes opiniões e lembranças, Paracelso applicava mercúrio, e opio na lepra, sarna, virus venereo, hydropesia, etc. e curava assim molestias, que seus contemporaneos reputavão incuráveis: molestias, que no tratamento de hoje requerem quasi sempre aquelles remédios. O nome, e curas maravilhosas de Paracelso se deframarão no principio do XVI. Seculo por muitos Paizes da Europa, por onde elle viajou.

Mais: augmento de densidade de liquidos, e impermeabilidade de nos vasos, eis-ahi a idéa de obstrucção; os remédios são os que adelgacem as moléculas, de que os liquidos se compõem, os incipientes, os astenuantes conseguem-o; os saes, os mercuriaes principalmente, são d'esta natureza.

Os sólidos frouxos não propellem devidamente os liquidos; estes retardão-se em seus movimentos; engrossão por isso, chegam a parar nos vasos delgados, aonde he menor a força da circulação; eis-ahi outra idéa de obstrucção: os remédios são os que estimulem os sólidos, porque elles baterão os liquidos, propellilos-hão, e a obstrucção se desvanecerá. Os saes, os mercuriaes principalmente, são estimulantes, e por tanto indicados na obstrucção.

Eis-aqui os mesmos remédios applicados utilmente a certa molestia por Medicos de differentes systemas: e Deos nos livre que assim não fosse. Theorica he em Medicina cousa mui boa; mui boa cousa porém he tambem a Prática: já se vê que esta, e ás vezes mesmo empirica, he quem estabelece ordinariamente, e ensina o tratamento das molestias. Mui respeitavel he em tudo a Prática! Mui respeitaveis são os *Antigos*, porque tem praticado mais!

Se Halliday solta crueis, e injustas proposições contra Portuguezes, ellas não são dictadas, de certo, pelo espirito público Inglez, a quem nem mesmo agradão: he pois huma grande injustiça, que, em despique, algum Portuguez solte por isso alguma palavra contra Inglezes em geral, ainda que verdades se dissessem, quanto mais não se dizendo. O Investigador irritou-se contra Halliday pelo mal que elle tratou os Portuguezes em algumas passa-

gens; os Portuguezes devem por isso obrigações ao Investigador; não se diminua estas obrigações á lembrança de que o Investigador, sempre desnecessaria, e muitas vezes injustamente, anda conforme com Halliday nos ataques, que este nos faz: e não se diminua ainda á lembrança de que o Investigador empregou mais paginas em defender, e apologiar o seu proprio serviço, do que os seus Concidadãos. O Investigador, repito, irritou-se contra Halliday, e em despique solta muitas proposições contra a Nação Inglesa em geral, (\*) e contra a Classe Medica (\*\*) em particu-

(\*) “O A. só acha bom o que he Inglez, e máo tudo que o não he: os Inglezes são mui atreitos a esta molestia, que não tem feito pequeno mal á Causa geral.”

“Os Francezes com a sua natural, e insupportavel ligeireza, e os Inglezes com o seu natural orgulho, chegão aos mesmos fins.”

(\*\*) “Elle (Halliday) só a (Lei) reprova, porque em Inglaterra hum Cirurgião, geralmente fallando, he Medico, he Boticario, he Chymico, etc. quer dizer: he hum perfeito charlatão, hum perfeito impostor, hum perfeito curandeiro.”

“Os Callissens, os Scarpas, os Malacarnes, os Desaults, os Chopards, os Camus, os Sabatiers, os Richerands, os Cuyiers, os Bichats, e muitos outros são infinitamente superiores aos seus Monros, aos seus Bells, aos seus Hunters, e alguns outros: pelo menos . . . . são infinitamente superiores á maior parte dos Cirurgiões Inglezes, que não passam de meros curandeiros, ao menos em Londres, onde se cortão pernas por molestias, que os mais ridiculos Cirurgiões em Portugal sabem curar. Todos aquelles Professores tem creado centos de Discipulos tanto, e mais habeis, que os mais habeis Cirurgiões Inglezes.”

“Males . . . . não vem da Religião, mas sim do abuso, que, desgraçadamente, d'ella se tem feito em todos os tempos, e em todos os Lugares, sem exceptuar a Inglaterra.” — “De resto, são homens, e os Ecclesiasticos na Grã-Bretanha não são privilegiados, nem isentos d'aquelles vícios. Ha vícios no Governo de Portugal, não o negamos, tambem d'elles não he isento o Governo d'Inglaterra.

He bem pouco digno d'imitação que aquelle a quem se imputa hum crime, ou nota hum defeito, denuncie outros do mesmo crime, ou do mesmo defeito. ¿Portugal justifica-se assim por ventura de seus máos Ecclesiasticos, de seus máos Medicos, dos defeitos em seu Governo, etc.? Com semelhante denúncia faz-se hum mal á Inglaterra sem proveito algum para Portugal. Se Inglaterra porém tivesse feito a primeira denúncia de Portugal, por hum desafogo, criminoso sempre, e sempre filho de hum espirito acanhado, mais ordinario era que se apontassem em Inglaterr-

lar. O elogio da Nação Inglesa, e de sua inimitável beneficencia para com nosco, está feito pela notoriedade de immensos, mui

ra os mesmos, ou outros defeitos. No presente caso porém he hum só Inglesz o que mette a penna na mão ao Investigador, e "he perciso não confundir (diz justamente o mesmo Investigador) Nação e Governo Britanico com individuos Ingleses.,"

"Quando os Francezes forão expulsos, podião remediar-se então muitos abusos, e fazer huma bella escolha de pessoas para o Governo, e se então se não fez, foi por culpa do Governo Britanico, e do General, que commandou, que por força quiz que se conservasse tudo o que havia de bom, e de máo.,"

O Investigador nos permittirá, que tiremos das suas expressões n'este lugar, huma das conclusões seguintes. 1.<sup>a</sup> O Investigador não dá valór algum á independencia nacional. 2.<sup>a</sup> O Investigador commandando a Fôrça Britanica, ou outra qualquer, que produzisse o mesmo effeito, lançaria mão da Soberania. As expressões profusamente espalhadas em todos os numeros d'aquelle Periodico nos convencem de que nenhuma d'estas conclusões fôra dictada pelo espirito do seu Author; mas taes expressões escapando incautamente á sua penna, occasionão huma das deducções ditas. *Remediar os abusos antes da escôlha de pessoas para o Governo*, he repugnante: fazer a escôlha, e depois remediar os abusos aquelle mesmo, que a fizera, era praticar o maior acto de Soberania, e tornar illusorio, e phantastico o Governo escolli-do. Qualquer que fosse o comportamento do General Britanico n'aquella época, elle não pôde ser culpado copulativamente com o seu Governo: aquelle não pôde obrar senão em consequencia das ordens d'este; em tal caso não pôde o General ser accusado com justiça: se o General obra sem as ordens do Governo, tira-se a mesma conclusão a favôr d'este. Obrásse porém no arranjo politico o General ou immediatamente por si, ou segundo as ordens do seu Governo, nós não vemos que elle fizesse cousa alguma por força: por força só effectuou (o que nada tem com o ulterior arranjo politico) a expulsão dos Francezes; estabelecendo assim a base da independencia nacional Portugueza.

Os Ingleses não vierão governar Portugal, vierão restituillo ao seu antigo estado. Immediatamente á expulsão dos Francezes Portugal foi posto no pé, em que o Soberano o tinha deixado. Chamárão para o Geverno os nomeados por S. A. R. o Principe Regente N. S.; e forão estes, ou foi o reorganizado Governo quem, conforme as ordens do Soberano, nomeou os que faltavão para o número, que o mesmo Senhor tinha estabelecido. A vontade, e as ordens do Soberano he por quem se tem esperado para as alterações, e modificações n'este ponto, chefe do serviço público. Não se pôde nem imaginar hum procedimento mais respei-

grandes, e mui repetidos factos, e assim mesmo por habeis, e eloquentes pennas. Medicos Práticos, e Theoricos, se ha muitos máos em Inglaterra, ha tambem muitos, cujas observações, cujas doutrinas estão instruindo o mundo medico. Em Inglaterra, assim como em Portugal, e em todas as Nações cultas ha muitos bons, e muitos máos em todas as Classes; em Portugal porém faz-se muito conceito da Medicina d' Inglaterra em 'geral; nenhum outro Paiz do Mundo se lhe conhece superior. Ninguem repute o Investigador Portuguez Representante dos Medicos Portuguezes, quando sentencêa, como o faz n'este lugar, os Medicos, e Cirurgiões Inglezes.

## ESTADO UNIDO

Passou-se hum dia para se recitarem os discursos. As duas partes em que este Paiz se repartiu com a Inglaterra e Hespanha, e o rompimento de alguns povos Indios (pag. 17 e 18) partes, tem os motivos d'esse novo rompimento; e mais como de outros; e as razões não são as mesmas; e como em o rompimento de 1787, e o rompimento de 1789.

Os Estados propriamente ditas para o rompimento de 1787, haes de parte d'elles, destinadas para a dependência do Governo; porém attendendo a que estranhamente se deoem para com as duas partes, e mais ainda se se accrescentar a Hespanha, julga-se que se milles não podem ser suficientes.

As noticias de 17 de Fevereiro não são as mesmas com a Gales. Destrução segundo o Tratado de 1763, que então não foi verificado.

Em Richmond, na Virginia, houve hum terrivel incendio, e hum grande progresso de fortificação; e hum grande progresso de fortificação; e hum grande progresso de fortificação.

tuoso, liberal, e desenteressado. As duas Nações Portugueza e Ingleza estiverão sempre, e estão agora em huma tal intelligencia e harmonia, que não he possivel interpretarem-se, como das Nações, os ditos dos particulares; porque se assim não fosse, nós aconselharíamos ao Investigador Portuguez, que (*dix ille mesmo*) "deve reflectir, que semelhante linguagem, quando parte de hum escriptor pertencente a huma Nação alliada, e auxiliadora, não faz mais do que excitar a desafeição entre ella, e a Nação auxiliada, e faz perder a mutua confiança, tão necessaria sempre, e muito principalmente na terrivel crise, a que está chegada huma e outra.," ¿Que quer dizer = terrivel crise, a que está chegada huma e outra = ?

*Extracto dos mais notaveis acontecimentos Politicos, e Militares, que se publicarão nos Periodicos de Portugal no presente mez de Março de 1812.*

## A M E R I C A.

### ESTADOS-UNIDOS.

**P**ASSOU-SE hum *bill* para se recrutarem 2500 homens. As questões em que este Paiz se acha envolvido com a Inglaterra e Hespanha, e o rompimento de alguns povos Indios (pag. 37 e 38) parece serem os motivos d'este novo armamento, assim como de outros, cuja proposta não foi ainda approvada, como era o recrutamento de 5000 Melicianos, e o augmento da Marinha.

Mr. Gallatin propôz hum plano para o emprestimo de 10 milhões de pesos duros, destinados para as despesas do Governo: porém attendendo ás que extraordinariamente se devem fazer com as ditas tropas, e mais ainda se se accrescentar a Marinha, julga-se que 10 milhões não podem ser sufficientes.

As noticias de 12 de Fevereiro fallão em ajustes com a Grã-Bretanha segundo o Tratado de 1806, que então não foi verificado.

Em Richmond, na Virginia, houve hum terrivel incendio, pelo qual perigirão, e forão maltratados muitos centenares de pessoas. — Em Natches houve hum grande terremoto, que causou a morte de perto de 400 pessoas.

### AMERICA HESPAÑHOLA.

*Lima 30 de Setembro.* — O General Goyeneche tem organizado, e posto em tranquillidade algumas Cidades, e Provincias. Os Insurgentes tem sido vivamente perseguidos. De Potosi tinha fugido Castelli levando hum milhão de pesos, porém julgava-se que não escaparia aos Potosinos, e Cavalleria de Goyeneche, que lhe ião tomando o passo.

Segundo as cartas de Havana de 15 de Janeiro, as expedições, que sahirão de Galliza e de Cadiz para a Nova Hespanha, reunirio-se n'aquella Ilha, e encorporadas a novas tropas partirão todas para os seus destinos.

## B R A Z I L.

*Rio de Janeiro.*

Publicarão-se os seguintes Alvarás:

Alvará de 2 de Outubro: Determinando que os Testamenteiros não possam fazer pagamentos aos Herdeiros, e Legatarios sem que tenham antes pago a taxa ordenada no Alvará de 17 de Junho de 1809.

Dito da mesma data: Ordenando que o pagamento da Siza das compras, e arrematações dos bens de raiz, se faça da quantia, que se der á vista, e se continue a fazer das que se forem dando em pagamento.

Dito de 9 de Dezembro: Determinando que se dê o Tratamento de Infante com todas as Honras, Preeminencias, e Precedencias ao Filho da Serenissima Senhora Princeza D. Maria The-reza, e do Senhor Infante D. Pedro Carlos.

## E U R O P A.

## P O T E N C I A S D O N O R T E.

**C**ONTINUAÇÃO a ser equivocadas as noticias do Norte, e só a Primavera poderá aclarar a politica da Russia, Suecia, Dinamarca, etc.

Na Russia continuavão os preparativos de guerra, e os movimentos de tropas: e de França para o Norte tinham marchado forças consideraveis.

Nada por ora de ratificação de paz entre a Russia e Turquia.

Hum corpo de 2000 homens, commandados pelo General Francez Friant, entrou na Pomerania Sueca, e na Ilha de Rugen, apossando-se do Paiz. O pretexto foi procurar generos Coloniaes: porém o grande numero de tropas Francezas para hum tal diligencia, e em hum Paiz reputado amigo; as ameaças feitas ao Governador Sueco, Piron, quando este pretendia embarçar que a dita Ilha fosse occupada pelos Francezes; as contribuições levantadas por estes; as requisições de viveres, que não foram pagos; e o arvorar-se bandeira Franceza: o que tudo consta pela parte dada por Piron ao seu Governo, fazem duvidar do pretexto tomado por Friant.

Publicou-se no Grão Ducado de Berg hum Decreto, em que Napoleão, para a exclusão de seu sobrinho, o Grão-Duque, toma

para si a Soberania, pois determina que elle se execute debaixo do seu proprio nome sómente e da sua unica authoridade. Pelo dito decreto se apossa de todo o tabaco manufacturado, e por manufacturar, que se achar em todo o territorio, com todas as máquinhas, instrumentos, etc. empregados n'esta manufactura, pelo que se promettem recompensas aos donos, ,,

---

### SICILIA.

Por Decreto de 16 de Janeiro, ElRei Fernando entregou o Governo ao Principe Hereditario das duas Sicilias; transferindo-lhe com o amplissimo titulo de *Alter Ego* o exercicio de todos os direitos, prerogativas, etc.

Os Príncipes desterrados voltarão á Capital. — Lord Bentinck commanda o Exercito com o titulo de Capitão General. — O Ministerio deve ser composto de Sicilianos, e não de Napolitanos.

---

### GRÃ-BRETANHA.

Londres.

No dia 18 de Fevereiro terminarão as restricções, que se tinham posto ao Principe Regente, no exercicio da Authoridade Real, que lhe fôra confiada. O primeiro acto de S. A. R. depois de cessarem as restricções foi conferir a Lord Wellington o Titulo de Conde do Reino Unido com huma pensão de 20 lib. esterl.

O Chanceller do Thesouro, Mr. Perceval, foi nomeado primeiro Ministro de S. A. R. — O Marquez de Wellesley resignou o seu lugar de primeiro Ministro d'Estado dos Negocios Estrangeiros: Lord Castlereagh entrou n'este lugar. — Forão condecorados com a Ordem do Banho os Tenentes Generaes Graham, Hill, e Auchmuty.

A força militar Britanica no principio do presente anno subia a 296,103 homens, dos quaes 143,068 estão no Reino, e 153,040 em serviço fóra.

A 27 de Novembro foi apresada a Fragata Franceza Corcyra pela Ingleza Aguia. — Verifica-se ter sido a 29 dito a tomada da Fragata Pomona, e d'outra embarcação menor, pela Activa, do que já fallámos no Num. antecedente (pag. 121.).

## H E S P A N H A.

*Catalunha.*

Depois do ataque feito por O-Ryan (pag. 123) sobre Tarragona no dia 3 de Dezembro, o inimigo pertenceo reforçar a Praça: porém o General Lacy, conforme participa em data de 19 de Janeiro, sahio de Reus, encontrou e bateo a Divisão inimiga, e além de muitos mortos fez perto de 800 prisioneiros, incluzos bastantes Officiaes, escapando o General inimigo com alguma cavalleria. O Barão d'Eroles entrou, e distinguio-se n'esta acção.

Parece que em consequencia d'estas vantagens Lacy pozera cerco a Tarragona: porém á chegada de huma Divisão inimiga vinda de Valencia, levantou-se o cerco. — A 24 de Janeiro Eroles combateo em Altafalla, e foi envolvido por 600 inimigos: porém abrio caminho á baioneta, e deixando alguns prisioneiros, salvou o resto da sua Divisão.

*Aragão, Navarra, e Biscaia.*

N'estas Provincias continuarão a manobrar os Corpos volantes.

Publicarão-se-nos, este mez, extractos de Officios dos Brigadeiros Durão, e Martin, em que se relatão acções, que em Novembro passado tiverão estes Brigadeiros em Aragón. Estas forão nas visinhanças de Molina, Duroca, e Almunia, e causarão ao inimigo muitos mortos, e feridos.

Publicarão-se, tambem este mez, os Officios de Mina relativos á continuacão da sua Campanha nos mezes de Julho, Agosto, e Setembro, de cuja falta fallámos (pag. 52.) A Divisão de Mina depois da acção de 18 de Julho com o General Panatier (pag. dita), sahindo de Viana (Navarra) bateo 600 inimigos vindos de Maestu, e obrigou-os a retirar para Victoria. — Houve outra acção estando Mina em Aguila, onde foi cercado por columnas inimigas, postadas em Arcos, Santa Cruz, e Legaria, e que chegavão ao total de 700 inf. e 600 caval., commandadas por Reille, Brun, e Panatier. Mina rompeo pela posição de Reille, porém, tendo as tropas errado o caminho de noute, e sofrido muito nas marchas por causa dos pantanos, veio a conseguir o seu fim á custa de 300 mortos ou prisioneiros. O inimigo teve tambem grande perda. — Houve alguns outros choques mais pequenos.

Em consequencia d'esta tão grande e teimosa perseguição, Mina, a 14 de Dezembro, publicou hum Decreto, que consta de 23 artigos, pelos quaes com o maior rigor pertende pôr termo á crueldade dos inimigos, e á perfidia dos máos Hespanhoes. Pelo primeiro Artigo declara guerra de morte, sem quartel, sem distincção de Soldados, ou Chefes. Pelos outros impõe pena de morte a todo o inimigo apanhado com armas na mão; a quem deixar escapar algum; e a quem murmurar d'estas disposições: declara-se Pamplona em estado de verdadeiro sitio, e prohibe-se-lhe toda a comunicação; mas protegem-se os Francezes, que se quizerem passar das suas bandeiras: etc.

A 31 de Dezembro estava Mina perto de Saragoça. — A 6 de Janeiro obrigou a capitular, e render-se prisioneira de guerra a guarnição de Huesca. — A 12 dito bateo em Valle de Rochefort perto de Sangueza o General Abbé, que foi obrigado a retirar-se, deixando no campo 600 homens. — A 5 de Fevereiro atacou huma columna inimiga, que estava então em Sangueza, causou-lhe a perda de 300 mortos, e 600 feridos, entre estes o General commandante, o Barão Soulier.

Alguns Chefes de Partidas tiverão encontros parciaes, que officialmente forão participados ao General Mendizabal, Commandante do 7.<sup>o</sup> Exercito, ao qual pertencem estes districtos. Ultimamente depois de tomadas Ciudad-Rodrigo, e Valencia, Dorsenne e Suchet destacarão forças para estas Provincias; e passa por certo que algumas tropas d'aquelle General passarão pela Biscaia para França.

#### Castellas.

Tem sido excessivas as contribuições postas pelo inimigo, principalmente na Castella-Nova, para sustentar as Divisões de Marmont acantonadas n'esta Provincia: chegarão a fazer-se visitas domiciliarias para ajuntar viveres. A Partida do Medico, a 29 de Janeiro, perto de Mora, atacou hum destacamento inimigo, e tomou 900 cruzados d'estas contribuições. — Passou das Andaluzias para Madrid hum comboi, que entre outros effeitos levava 20000 rações de biscouto: o Marechal Victor ia n'este comboi.

Da Castella-Velha consta que o inimigo tomava as mais rigorosas medidas para embaraçar a grande deserção da sua tropa. — Soria diz-se ter sido tomada pelo Brigadeiro Durán em 18 de Fevereiro.

#### Asturias, e Galliza.

Das Asturias consta que os Francezes evacuarão S. Vicente de la Barquera, dirigindo-se para Burgos. — O Commandante Campil-

lo alcançou vantagens sobre destacamentos inimigos, em dous encontros no mez de Fevereiro perto de Santander.

O Coronel Inglez Douglas n'estes ultimos cinco mezes tem distribuido pelo povo da Galliza 5000 espingardas; além do armamento, que pelo 6.<sup>o</sup> Exercito, e por diversos Corpos do 7.<sup>o</sup> tinha repartido já anteriormente.

O General Abbadia fez publicar na Galliza, a 10 de Janeiro, hum bando, pelo qual obriga os Soldados dispersos dos diversos Exercitos, e abrigados n'este Reino, a sentarem praça no 6.<sup>o</sup> Exercito até 20 de Fevereiro; impõe grandes penas aos que não comparecerem, e a todas as pessoas, que os occultarem; e da providencia para o exacto cumprimento d'esta ordem.

O 6.<sup>o</sup> Exercito não tem feito movimentos. Apenas o Comandante Miranda teve no dia 9 de Fevereiro hum pequeno encontro em S. Felix das Lavadeiras. — O General Castanhos foi commandar immediatamente este Exercito.

#### Leão.

O Exercito de Marmont tem occupado os mesmos pontos, que disseimos no nosso Num. antecedente (pag. 129.) O numero e respectivas posições das suas Divisões vê-se pela seguinte noticia.

“*Ciudad-Rodrigo 22 de Fevereiro.* — O Exercito de Marmont compõe-se de 8 Divisões de infantaria, e huma de cavalleria, distribuidas do modo seguinte: a 1.<sup>a</sup> Divisão, e 4.<sup>a</sup> com a cavalleria mais util, forão as que marcharão no mez de Dezembro a apoiar as operações de Suchet: a 2.<sup>a</sup> estava em Avila, estendendo-se por huma parte até o rio Tormes, e por outra até ás immediações do Adaja. A 3.<sup>a</sup> estava sobre o Douro, desde Valladolid a Toró; a 5.<sup>a</sup>, que he a de Mouton, guarnece Salamanca, e se estende pela direita de Tormes, e occupa tambem os povos de Babilá-Fuente, Penharanda, Cantalapedra, etc. A 6.<sup>a</sup> Divisão he a que esta em Talavera, e outros povos da direita do Têjo: a 7.<sup>a</sup> he a de Souham, que se estende desde Ledesma por Zamora, até Benavente; e a 8.<sup>a</sup> he a de Bonnet. A cavalleria que tem as divisões 2.<sup>a</sup>, 3.<sup>a</sup>, e 5.<sup>a</sup> he pouca, e a menos util de todos os Regimentos.”

— Algumas d'estas Divisões tem feito movimentos, mas de pouca importancia, como foi hum reconhecimento feito por Bonn et sobre Bomboy e Puebla de Sanabria no meado de Fevereiro; e outro por Foi sabindo das visinhanças de Talavera na direcção de Guadalupe atravez do Porto de S. Vicente. Nos dias 8 e 9 de Março a 6.<sup>a</sup> Divisão sahio de Talavera, atravessou Puerto del Pico; a 4.<sup>a</sup> partindo de Toledo moveo-se a travez de Guadarrama; e a 1.<sup>a</sup> ficou junto de Talavera. — O mesmo Marmont tem cor-

rido alguns pontos do Reino de Leão, e a 6 de Março estava em Salamanca.

No principio de Março hum destacamento de D. Julião Sanchez destroçou outro inimigo entre Salamanca e Albado. Tormes e neste encontro forão interceptadas ordens, que levava o Official Commandante inimigo, pelas quaes se vê a grande difficuldade que os Francezes tem para fazer as suas communicações, e as fortes escoltas e providencias, que Marmont estabelecêra para segurar a passagem dos correios, os quaes, segundo as ditas ordens, devem ser acompanhados por 250 homens de infantaria e cavalleria.

O Coronel Manso do Regimento de cavalleria de Cacadores de Castilla aprisionou entre Leão e Villamenhá 200 Dragões inimigos: e o Chefe Padilha, em outra acção, matou 110 ditos.

#### Estremadura.

Foi para esta Provincia que se dirigio o Exercito Anglo-Luso, quando desceio das fronteiras da Beira ( pag. 133 ). O seu objecto foi atacar Badajoz. Do numero de Francezes e suas posições na Estremadura, assim como da disposição e manobras das tropas aliadas para fazer o assedio d'aquella Praça, e da continuação d'este no presente mez, não podemos dar huma idéa mais clara, verídica, e succinta, do que transcrevendo os seguintes paragraphos dos Officios do Excellentissimo Marechal General, Conde do Vimieiro.

#### Paragrapho do Officio de 13 de Março.

“ Não existem em campo na Estremadura tropas algumas do inimigo, excepto aquella parte do 5.º Corpo, que não está de guarnição em Badajoz, e cujo Quartel General existe em Villa-Franca, e hum Destacamento, que consiste de perto de huma Divisão de baixo do commando do General Darricau, o qual tem o seu Quartel General em la Serena. Depois que dirigi a V.ª Ex.ª o meu anterior Despacho o inimigo não tem feito movimentos, e não tenho ouvido que tenha executado operação alguma de importância: segundo as ultimas participações o Marechal Soult, se achava nas linhas em frente de Cadiz. „

#### Ditos do Officio de 20 de Março.

“ Em conformidade do que annunciei a V. E. no meu Officio de 13 do corrente, fiz sahír o Exercito dos seus acantonamentos nos

dias 15 e 16 do presente; e n'este ultimo dia investi Badajoz pela esquerda do Rio Guadiana, com a 3.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup>, e Divisão Ligeira de infantaria, e com a Brigada da Divisão do General Hamilton, postada na direita do mesmo Rio: estas tropas se achão debaixo do commando do Marechal Conde de Trancoso, e do Tenente General Picton. Principiámos a abrir trincheira no seguinte dia, e estabelecemos huma parallela a distancia de 90 toezas da obra exterior da Praça, chamada Picurina, a qual abrange toda a parte do angulo do Sudoeste d'este Forte. Esta obra tem continuado desde então com a maior celeridade, a pezar do máo tempo, que temos experimentado desde o dia 17.

“O inimigo fez hontem huma sortida com 200 homens pela Porta da Trindade sobre a direita do nosso ataque; forão immediatamente rechaçados com perda consideravel, sem effectuarem objecto algum, pelo Major General Bowes, que commandava a guarda das nossas trincheiras. Perdemos n'esta occasião hum Official, que dava grandes esperanças, o Capitão Cuthbert A. D. C. do Tenente General Picton, o qual foi morto; e o Tenente Coronel Fletcher foi levemente ferido, mas espero que cedo estará apto para continuar no serviço. Não tenho ainda os mappas dos mortos e feridos, porém creio que a nossa perda, desde o principio das nossas operações até hoje, chega a 120 homens entre mortos e feridos.”

“No mesmo dia, em que Badajoz foi investido, o Tenente General Sir Thomaz Graham atravessou o Guadiana com a 1.<sup>a</sup>, 6.<sup>a</sup>, e 7.<sup>a</sup> Divisões de infantaria, e as Brigadas de cavalleria dos Generaes Slad, e de Marchant, e dirigio a sua marcha sobre Valverde, e Santa Martha, e d'estes Lugares sobre Lerena, no entanto que o Tenente General Sir Rowland Hill, com a 2.<sup>a</sup> Divisão, e a do Tenente General Hamilton, e cavalleria do Major General Long, marchou dos seus acantonamentos perto de Albuquerque sobre Merida, e d'esta Cidade sobre Almendralejo. Estes movimentos induzirão o General Drouet a retirar se sobre Hornaches, em ordem segundo penso, a pôr-se em communicação com a Divisão do General Darricau, que se achava perto de la Serena.”

Tenho recebido participações de Sir Thomaz Graham, e de Sir Rowland Hill até á data de 19 do corrente. O primeiro d'estes Generaes se achava em los Santos, e Zafra, tendo a Cavalleria do General Slade em Villa-Franca; o segundo estava em Almendralejo; este General fez prisioneiros em Merida tres Officiaes, e alguns Hussares inimigos.

Depois d'estes Officios constou pelas noticias d'Elvas que o Forte da Picurina fôra tomado de assalto a 25 do corrente, e que a Praça a 28 tinha brecha aberta.

“Durante o cerco os Gen. Conde de Penne, e Morillo, com 400 homens passarão por Campo-Maior para ir occupar o Condado de Niebla.

*Andaluzia, e Granada.*

O General Ballesteros, Commandante n'estes Reinos, teve huma acção a 16 de Fevereiro com 20 inf. e 400 caval. inimigos, commandados pelo Gen. Maraucin, Governador de Malaga. O encontro foi nas visinhanças de Cártama: houve hum vivo fogo: os Hespanhoes atacarão á baioneta, e os inimigos cedêrão e retirárão-se deixando no campo muitos mortos e prisioneiros, entre aquelles alguns Officiaes. Os inimigos não fóirão perseguidos até Malaga por apparecer outra columna commandada pelo Gen. Rey, cuja cavalleria tambem foi batida.

A 24 de Fevereiro o Gen. Ballesteros foi reforçado com tropas mandadas de Cadiz, as quaes apenas desembarcadas marcharão para los Batrios, onde a 25 avistárão 20 inimigos, que logo se retirárão.

O Ballesteros mandou passar pelas armas 12 juramentados: e tem recebido muitos desertores.

Em Sevilla tem entrado e sahido alguns Generaes e tropas, Victor foi hum d'elles e sahio para Madrid. — No dia 8 de Fevereiro a fabrica de polvora de S. João dos Theatinos voou por effeito de huma explosão.

O Marechal Sout, a 5 de Março, appareceu nas linhas defronte de Cadiz; fez intimação, e mandou lançar algumas bombas, porém estas não causárão damno algum.

*Cadiz.*

Decreto de 10 de Janeiro: Determinando primeiro que, attendendo á perfeita igualdade dos Póvos Hespanhoes do Ultramar, com os da Península, ficasse desde logo abolido o passeio do Estandarte Real, que costumava fazer-se annualmente nas Cidades da America, como hum testemunho de lealdade, e hum monumento da conquista d'aquelles Paizes: Segundo que não se abolisse a funcção de Igreja, que se fazia no mesmo dia que o passeio do Estandarte Real: Terceiro que a grande solemnidade do Estandarte Real nas Provincias de Ultramar se reservasse, como nas da Península, para aquelles dias, em que se proclama hum novo Monarca.

Outro de 21 dito: Determinando que não sejam servidos por substitutos os empregos, que devem ser desempenhados pelos proprietarios; exceptua dous casos, o de alguma commissão pública temporaria, e o de molestia.

Outro de 9 de Fevereiro: Concedendo á Cidade de Guayana, em prémio da sua lealdade, o poder adornar as suas armas com emblemas de guerra.

A 30 de Janeiro o Ministerio da Graça e Justiça dirigio aos Domínios d' America huma circular, em que convida as diversas Authoridades d'aquelles Reinos para fazerem subscripções a favor da manutenção dos Exercitos Peninsulares.

A 29 de Fevereiro a Regencia do Reino creou huma commissão Militar, que tem por objecto indicar e propôr quanto achar conveniente para melhor direcção, acerto, e exito das operações Militares. Os actuaes Membros são: Presidente o Ten. Gen. Duque del Parque; o Gen. Inglez Cooke; o Gen. D. Luiz Wimpffen; o Gen. D. João O-Donoju; e para Secretario hum Ajudante General nomeado pelo primeiro Chefe do Estado Maior General.

No dia 4 de Março fez a sua entrada pública com o competente acompanhamento o Embaixador de S. M. B. junto á Regencia de Hespanha, o Excellentissimo Henrique Wellesley.

O Governo Britanico concedeo o empréstimo de 400000 cruzados, sollicitado pela Junta Superior d'esta Cidade para manutenção das tropas e marinha d'esta Cidade, e Ilha, Hospitaes Militares, Fortificações, e outros objectos declarados no Plano (\*) approved por S. M.

A Regencia de Hespanha estabeleceo prémios a todos os que aprezassem embarcações inimigas na Bahia de Cadiz, sendo os prémios maiores á proporção da grandza das prèzas.

#### *Murcia, e Valencia.*

D'estes dous Reinos nada sabemos, que seja memoravel. As tropas, que fórmão o 3.º Exercito estão em Murcia; e as inimigas continuão a occupar Valencia. — Suchet foi nomeado Duque de Albufeira.

#### **P O R T U G A L.**

Os movimentos do Exercito Alliado constão pelos artigos referidos: só temos a acrescentar que as Divisões dos Generaes Prant, Wilson, e Lecor marcharão a cobrir as fronteiras da Beira, quando o Exercito de Lord Wellington passou ao Alentejo.

(\*) Veja-se o Num. 1.º do J. de C. pag. 45: porém a quantia que lá transcrevemos da Gazeta de Lisboa Num. 25 não coincide com esta extrahida da Gazeta Num. 66.

## L I S B O A .

*Resumo das operações militares na Península.*

O cerco e ataque, feitos pelo Exército Anglo-Luso á Praça de Badajoz, foi a mais importante operação offensiva, publicada n'este mez. — O 1.º 4.º e 7.º Exercitos Hespanhoes tiveram alguns combates parciaes, em que pela maior parte o inimigo cedeo. O 3.º 6.º e parte do 5.º conservarão as antigas posições. Humma columna do 5.º ás ordens do Gen. Conde de Peñne passou ao Condado de Niebla para observar por aquelle lado as tropas inimigas durante o cerco de Badajoz. — Os Exercitos Francezes não intentarão operação alguma em grande: a fóra pequenos ataques, sómente observarão os Exercitos Hespanhoes, e Alliado; e destacarão algumas forças para obstar aos progressos do 1.º e 7.º Exercitos, mostrando d'esta maneira ter adoptado, em geral, humma simples defensiva.

Pela Ordem do dia 16 de Março determinou o Excellentissimo Marechal Conde de Trancoso que os Officiaes conductores de doentes para os Hospitales serão responsaveis por todas as municações, com que os mesmos doentes sahirem dos seus Corpos; por cujo motivo deverão todos os dias passar revista, e verificar a existencia das ditas municações. Os transgressores pagarão o que faltar, além de passarem por hum Conselho de Guerra.

---

*Extracto de algumas Portarias publicadas nos Periodicos de Março de 1812.*

Pela Portaria de 13 de Fevereiro, Manda S. A. R. que os Mappas, Relações, Recibos, Vales, etc. todos os documentos, de que devem usar os differentes Corpos, e Repartições Militares, sejam impressos, e na Impressão Regia, onde cada humma das pessoas os deve comprar, e sem a qual circustancia não terão valor algum. Prohibe e estabelece penas a qualquer Impressor, que haja de imprimir ou vender os mencionados papeis. Para que não haja falta, e para maior commodidade dos Corpos, Ordena que por Commissão da Impressão Regia se ponhão á venda em Lisboa, Coimbra, Porto, Braga, Castello-Branco, Portalegre, Évora, Béja, Faro, Setubal, e Abrantes.



Esta Portaria foi publicada no dia 6 por Edital da Intendencia de Minas Gerais, e executada imediatamente, sendo os aprehendidos des-  
 tuidos, segundo as suas circumstancias, para o exercicio, Matinha, trabalhos de Arcebispo, Agriculturas, e os melhores recolhidos na  
 Casa da Intendencia de Minas Gerais.

Esta Portaria foi publicada no dia 6 por Edital da Intendencia de Minas Gerais, e executada imediatamente, sendo os aprehendidos des-  
 tuidos, segundo as suas circumstancias, para o exercicio, Matinha, trabalhos de Arcebispo, Agriculturas, e os melhores recolhidos na  
 Casa da Intendencia de Minas Gerais.

Esta Portaria foi publicada no dia 6 por Edital da Intendencia de Minas Gerais, e executada imediatamente, sendo os aprehendidos des-  
 tuidos, segundo as suas circumstancias, para o exercicio, Matinha, trabalhos de Arcebispo, Agriculturas, e os melhores recolhidos na  
 Casa da Intendencia de Minas Gerais.

RESOLUÇÃO

Esta Portaria foi publicada no dia 6 por Edital da Intendencia de Minas Gerais, e executada imediatamente, sendo os aprehendidos des-  
 tuidos, segundo as suas circumstancias, para o exercicio, Matinha, trabalhos de Arcebispo, Agriculturas, e os melhores recolhidos na  
 Casa da Intendencia de Minas Gerais.

Esta Portaria foi publicada no dia 6 por Edital da Intendencia de Minas Gerais, e executada imediatamente, sendo os aprehendidos des-  
 tuidos, segundo as suas circumstancias, para o exercicio, Matinha, trabalhos de Arcebispo, Agriculturas, e os melhores recolhidos na  
 Casa da Intendencia de Minas Gerais.

# JORNAL DE COIMBRA.

ABRIL 1812.

Num. IV.

*Sequimur probabilia . . . . et refellere sine pertinacia, et refelli  
sine iracundia, parati sumus.*

CICERO.

## BIBLIOGRAPHIA.

*Lista dos Livros, que, sobre Medicina, Cirurgia, e Pharmacia se  
publicarão na Grã-Bretanha, no primeiro trimestre do anno  
corrente de 1812.*

**C**ases of Apoplexy and Lethargy, with Observations upon the  
Comatose Diseases. By J. Cheyne, M. D. 8vo. 8s.

*Casos d' Apoplexia, e Lethargo, com observações sobre as  
molestias comatosas. Preço (\*) 1:080 rs.*

The Morbid Anatomy of some of the most important Parts  
of the Human Body. By Matthew Baillie, M. D. The Fourth Edi-  
tion, corrected. 8vo. 10s. 6d.

*Anatomia Pathologica de algumas das mais importantes par-  
tes do corpo humano. 4.<sup>a</sup> edição, correcta. 1890 rs.*

(\*) Veja-se a nota da pag. 1.<sup>a</sup> do nosso Num. 1.<sup>o</sup> sobre o  
modo, porque estes preços se calculão, e mais despesas, que  
sobre este artigo se fazem.

An Essay on Scrophula, in which an Account of the Effect of the Carbonas Ammoniacæ, as a Remedy in that Disease, is submitted to the Medical Profession. By Charles Armstrong, M. D. 8vo. 4s.

*Ensaio sobre as escrophulas. Do carbonato d'ammoniaco, como remedio n'esta molestia.* 720 rs.

Medical Admonitions to Families respecting the Preservation of Health and the Treatment of the Sick. Also a Table of Symptoms, serving to point out the degree of Danger, and to distinguish one Disease from another, with Observations on the improper indulgence of Children, &c. By James Parkinson, Hoxton. Fifth Edition. 8vo. 10s. 6d.

*Avisos Medicos ás familias a respeito da conservação da saúde, e tratamento das molestias: com huma taboa dos symptomas, que indicão o grão do perigo, e com que se distinguão humas das outras molestias, etc.* 5.<sup>a</sup> edição. 1:890 rs.

The Physician's Vade Mecum, containing the Symptoms, Causes, Diagnosis, Prognosis, and Treatment of Diseases, accompanied by a select Collection of Formulæ, and a Glossary of Terms. By Robert Hooper, M. D. A New Edition. 12mo. 7s.

*Vade mecum de Medicos. Contem os symptomas, causas, diagnostico, prognostico, e tratamento das molestias; e huma escolhida collecção de formulas, e hum vocabulario de termos.* 1:060 rs.

Letters to a Student of Medicine on his commencing Practice, containing a Comparison of the condition of Naval, Military, and Private Practitioners; with a few Directions for Medical Gentlemen who propose entering the Royal Navy. By John Strang, Surgeon, R. N. 8vo. 3s.

*Cartas a hum Estudante de Medicina, que começa a praticar. Comparação das condições dos Práticos na Marinha, no Exercito, particulares. Algumas direcções para os Medicos, que se propõem entrar no Serviço da Marinha Real.* 540 rs.

Observations on the Diseases of the Liver, and on the Effects of Mercury in their Treatment. By Thomas Mills, M. D. 8vo. 2s. 6d.

*Observações sobre as molestias do figado, e sobre os effeitos do Mercurio no seu tratamento.* 450 rs.

Reecan Pandect of Medicine, containing a new Nosological Arrangement of Diseases. By Richard Reece, M. D. Royal 8vo. 12s.

*Recc. Pandecta de Medicina. Nouo arranjanmento Nosologico de molestias.* 2:160 rs.

A Dissertation on the Bite of a Rabid Animal; being the Substance of an Essay which received a Prize from the Royal College of Surgeons in London, in the Year 1811. By James Gillman, 8vo. 7s.

*Dissertação sobre a mordedura dos animaes danados. Substan-*

*cia de hum Ensaio, que recebeu hum premio do R. Collegio de Cirurgiões em Londres no anno de 1811. 1:260 rs.*

Nosology, or Diseases arranged in their Classes, Orders, Genera, and Species, with accurate Definitions, translated from the Latin of William Cullen, M. D. late Professor of the Practice of Physic in the University of Edinburgh. 12mo. 2s.

*Tradução da Nosologia de Cullen de Latim para Ingles. 360 rs.*

The Principles of Botany and of Vegetable Physiology, translated from the German of D. C. Wildenow, Professor of Natural History and Botany at Berlin. A new Edition, greatly enlarged by the Author. Plates. 8vo. 15s.

*Principios de Botânica, e de Physiologia vegetal; traducção da Alemão para o Ingles. Nova edição muito augmentada. Com Estampas. 2:700 rs.*

Observations on the contracted Intestinum Rectum, and the Mode of Treatment, accompanied with Cases, illustratiye of the different Morbid appearances attendant on the Complaint; to which are subjoined two Engravings of the Disease. By J. White, 12mo. 3s. 6d.

*Observações sobre o intestino recto contrahido, e modo de tratallo. 630 rs.*

A Review of Mr. Everard Home's Practical Observations on the Diseases of the Prostate Gland, and of his important Anatomical Discovery. By Jesse Foote, Surgeon. 8vo 2s.

*Revista de observações práticas sobre as molestias da glandula prostata. 360 rs.*

Elements of the Science of Botany, as established by Linnæus; with Examples to illustrate the Classes and Orders of his System. 3 vols. 8vo. Third Edition. Plain, 1l. 6s.; coloured, 2l. 5s.

*Elementos da Sciencia de Botanica, como Linéo a estabeleceo. 3.ª edição em colorido 8:100 rs.*

Report of the Medicinal Effects of an Aluminous Chalybeate Water lately discovered at Sandrocks, in the Parish of Chall in the Isle of Wight, pointing out its Efficacy in the Walcheren and other Diseases incident to Soldiers who have served abroad, and more particularly the Advantages to be derived from its introduction into private Practice. By William Lempriere, M. D. In one volume, 8vo 5s. boards.

*Noticia dos effeitos medicinaes de huma agoa aluminosa chalybiada, descoberta ha pouco em Sandrocks. 900 rs.*

*Lista dos Livros, que, sobre diversos ramos de Sciencias Naturaes, se publicãrão, a maior parte em Inglaterra no anno de 1811, e alguns em outras Nações: extrahida do Num. VII. do Investigador Portuguez.*

## CHYMICA.

*Elements of Chemistry, &c.* 2 Vols. 8vo. 1l. 1s. — Elementos de Chymica, por J. Murray, Professor de Chymica e Materia Medica, etc. em Edimburgo.

*New System of Chemical Philosophy.* — Novo Systema de Phylosophia Chymica, Parte II. por J. Dalton, 8vo. 1os. 6d.

Taboas de Chymica Práctica, para uso dos Medicos, Boticarios, e Estudantes; por G. G. Meyer. — *Em Alemanha.*

*Allgemeine chemische bibliothek.* — Bibliotheca Chymica Geral; Obra periodica publicada em Erfurt, por R. Tromsdorff, consistindo em hum exame critico das Obras, que sahem sobre esta sciencia. — *Em Alemanha.*

*Chemisch-pratische Bleikhkunts.* — Ensaio sobre a theoria e prática da Branqueação; publicado por L. Engelman; em que descreve, depois da pratica usual, o methodo usado na Silezia de branquear pelo acido muriatico oxygenado. 8vo. Glogaw. — *Na Prussia.*

## GEOLOGIA.

*The Organic Remains of a Former World, &c.* — Restos Organicos de hum Mundo Primitivo, de Mr. Parkinsom. Tom. III.

*Transactions of the Geological Society, &c.* — Transacções da Sociedade Geologica. Vol. I. 4to. 2l.

Viagens Geologicas em Inglaterra, por I. A. de Luc.

*Geological Travels, &c.* — Viagens Geologicas pelo Norte da Europa, contendo observações sobre algumas partes da Costa do Baltico, e mar do Norte, pelo mesmo Author. Vol. II. 8vo.

*O Ziemoro-dztwie gór dawniey Sarmacye.* — Memoria sobre a geogonia das montanhas d'antiga Sarmacia ou Polonia moderna, lida na Sociedade dos amigos da sciencia em Varsovia. Por Stanislaw Stasgie, etc. 8vo. com duas estampas. — *Na Polonia.*

## BOTANICA.

*Hortus Kewensis,* ou catalogo das Plantas cultivadas no Jardim Real de Kew. Por Guilherme Aiton. Vol. I. 8vo. 12s.

Historia Botanica e Literaria, seguida de huma nova intitu-

lada "as Flores ou os Artistas de Mde. de Genlis, traduzida em Inglez. Vol. II. 10s.

*Sketches of the Physiology of Vegetable Life.* — Esboços da Physiologia da Vida Vegetal. Pelo Author dos Dialogos Botanicos. 8vo. 10s.

Introducção á Botanica, ou explicação da theoria d'aquella sciencia, extrahida das obras de Linneo. Com hum appendice, de James Lee, corrigido, e augmentado por Charles Steward. 8vo. 9s.

*Abbildungen aller medizinischen oe konomische und technischen gewacchae, &c.* — Descripção de todas as Plantas usadas em Medicina, economia domestica, e manufacturas, arrançadas segundo o systema de Murray. Por F. B. Vieltz, 4to. — *Em Vienna.*

Mr. Curt Springel publicou o primeiro Vol. da sua "Historia Rei Herbariae;" dividida em quatro livros. 1.<sup>o</sup> *Prima rei herbariae rudimenta.* 2.<sup>o</sup> *Rei herbariae incrementa.* 3.<sup>o</sup> *Rei herbariae decrementum.* 4.<sup>o</sup> *Rei herbariae pennatas literas instauratio.* 8vo. *Em Hollanda.*

#### AGRICULTURA.

*History of British Implemens and Machinery, &c.* — Historia dos Instrumentos, e Máquinas Inglezas applicaveis á Agricultura; com observações sobre o seu melhoramento. Por Mr. Les-ten Illustrada com estampas. 4to. 1l. 11s. 6d.

*Treatise on Rural Affairs, &c.* — Tractado sobre Negocios Ruraes, com estampas de instrumentos de Agricultura. Por Robert Brown. 2. Vol. 8vo. 1l. 5s.

Vista Geral da Agricultura de Aberdeenshire, tirada por ordem da Meza de Agricultura. Por G. S. Keith. 8vo. 13s.

Tractado sobre a criação das Porcas, e preparação do Toucinho; com idéas, noções sobre outros objectos de Agricultura. Por R. Anderson. 8vo. 5s.

Relação sobre o systema de Agricultura de Thomaz Grig, em Coles, Hertfordshire. 8vo. 3s.

Noticia historica e descriptiva das quatro especies de Carneiros Peruvianos chamados Carneiros de La Tierra: com outros particulares relativos á domesticação das duas especies bravas, e experiencias feitas pelos Hespanhoes, para atravessar as respectivas crias, e melhorar as lãs, etc. Por Guilherme Walton, Jun. Com cinco estampas illuminadas, representando os animaes vivos.

#### MINERALOGIA.

*Mineralogisches Taschenbuck.* — Descripção Mineralogica da Baixa Austria. Por Staez e Muhlfield. 8vo. — *Em Vienna.*

## GEOGRAPHIA.

*Allgemeine Weltkunde.* — Descrição Geral do Mundo; publicada em Leipsic por G. A. Galetti, constando de taboas geographicas, historicas, e stadisticas de todos os Estados da Europa. 8vo. com estampas illuminadas. — *Em Alemanha.*

## MATHEMATICA.

*Lehrhuk der Astronomie.* — Tractado de Astronomia. Por A. Broets. Publicado em Berlin. 5 Vol. 8vo.

*Kürzer Lehrbegrist der Mathematiks.* — Elementos de Mathematica; comprehendendo Mecanica, Optica, e Astronomia; publicados por Schutz. Primeiro elegante Vol. 8vo. — *Em Konigsberg.*

---

Londres 27 de Março de 1812. — Thomaz Bcosus publicou ha pouco hum supplemento ao seu Catalogo de Livros Francezes, Italianos, Hespanhoes, e Alemães, entre os quaes ha huma variedade d'edições as mais célebres dos Authores Francezes. Na parte Hespanholá d'este Catalogo se referem edições mui raras, e elegantes das Obras as mais estimadas n'esta lingua. Além d'estas, ha hum grande sortimento de Livros Alemães importados ha muito pouco tempo. Quem quizer poderá ter hum Catalogo separado dos Livros Hespanhoes, e Alemães.

---

Completou-se, e abriu-se em Petersburgo huma grande Livraria Nacional de 2500 Volumes impressos, e 1200 manuscritos; esta colleção foi começada por Catharina II.

---

*Publicações Portuguezas annunciadas nos Periodicos de Abril de 1812.*

Lista dos Officiaes de Milicias referida ao primeiro do corrente mez e anno, acompanhada dos Soldos e mais vencimentos de todos os Officiaes do Exercito e Milicias, e dos Empregados nas Repartições Civis do mesmo Exercito: preço 480 rs.

Ode ao Illustrissimo e Excellentissimo Lord Wellington, pela feliz restauração de Ciudad-Rodrigo.

Jornal Poetico, ou Collecção das melhores composições, em todo o genero dos mais insignes Poetas, tanto Estrangeiros, como Nacionaes; sahirá hum Num. todos os 15 dias, e completos que sejam 10, formarão o 1.º Vol. A subscrição para esta Obra será feita na Loja do Livreiro Deziderio Marquez Leão, ao Calhariz num. 12. O preço para os Assignantes he a 60 rs. cada Num. e para os que o não forem a 100 rs.

Luiz Gonçalves Coutinho, Professor Regio, e Author do *Resumo Orthographico*, novamente reimprimio o mesmo com o acrescentamento das regras geraes da Grammatica Materna.

Libello feito por Pascoal José de Mello, Jurisconsulto de immortal nome, Escripitor e Mestre de Direito Patrio na Universidade de Coimbra, Deputado da Junta do Novo Codigo das Leis do Reino, etc. Allegação Historico-Juridica contra a divisão do Arceediago da Sé de Leiria: Respostas do Ajudante do Procurador da Coroa. Discurso em que se mostra que as Leis não tem, nem podem ter effeito retroactivo, nem empecer ao Direito adquirido. Sentença contra a Coroa, e seu Donatario: A Allegação contem bom Direito contra as divisões, ou diminuições dos Benefícios Ecclesiasticos em geral, e particularmente do Padroado Real, e ahi incidentemente se illustrão outros pontos muito interessantes aos Jurisconsultos na Jurisprudencia Patria.

*Rio de Janeiro, 19 de Janeiro.* — Observações á cerca do Cravo da India: preço 160 rs.

*Do mesmo lugar.* — Observações á cerca do Capim de Angola ultimamente trazido e cultivado aqui: preço 80 rs.

*Do mesmo lugar.* — Observações sobre as Canelleiras: preço 240 rs.

---

## COMMERCIO.

*Relação dos Generos, que entrárão no Rio de Lisboa desde 29 de Março até 26 de Abril de 1812.*

**T**Rigo 500 toneladas, 278 moios, e 5:158 barris. Farinha 57:578 barricas. Farinha de guerra 100 saccas. Centeio 908 moios, e 47 alqueires. Cevada 1:104 toneladas, 1:807 moios, 7:073 saccos, e 5:962 barris. Ayça 1:321 toneladas, 3:301 saccos, 10:931 barris,

e a carga de hum Bergantim, cuja quantidade não se especifica. Milho 4:484 moios, 72:081 alqueires, e 50 saccos. Feijão 29 moios, 895 saccos, 100 barricas, e 181 barrís. Biscouto 200 barricas. Arróz 2:946 barricas, e 6:870 saccas. Toucinhos 205 pacas. Presuntos 3:205 barricas, e 168 canastras; d'estas vierão do Porto 150. Carnes 200 barrís. Farinha de pão 60 saccas. Tapioca 150 paneiros. Bacalhão 5:245 quintaes. Vinho (das nossas Ilhas) 50 pipas. Agoardente 1:210 pipas. Algodão 482 saccas. Café 900 saccas. Assucar 388 caixas. Couros 9:050. Bezerros 12 fardos. Atanados 400. Vaquetas 150. Meios de Vaquetas 2:200. Fazendas brancas 149 caixas. Fazendas 27 fardos, e 40 baús. Ferro 115 toneladas, e 5:917 barras. Aduellas 2:000. Queijos 40 toneladas, e 494 cabazes. Manteiga 7:841 barrís. Resina 300 barrís. Breu 16 ditos. Alcatrão 550 ditos. Azeite de peixe 67 pipas. Gomma 300 paneiros. Papel 216 balas. Cerveja 100 pipas, 120 barricas, e 40 barrís. Gengibre 34 saccos. Linho 15 toneladas. Atum 68 pipas. Mel 150 barrís. Carvão 300 toneladas. Garrafas 1:980 duzias. Tambem veio bastante taboado do Porto. Prescinde-se de outros pequenos artigos, como erva doce, cominhos, lã de camello, galha, etc. Além d'isto entrárão 10 Navios com fazendas Inglezas.

Lisboa 28 de Abril de 1812.

PREÇOS DO TERREIRO.

Trigo da terra . . . . .	1260
Grego e Torradinha . . . . .	900 . 1000
Milho da America, e da Terra . . . . .	600 até 1100
Cevada da terra . . . . .	600 . 960
Farinha de trigo por barrica . . . . .	15840
Dita por alqueire . . . . .	1160
Avêa . . . . .	440

Segundo a Estiva de 17 de Abril de 1812, o pão de arratel deve vender-se por 75 réis, e o azeite a 530 réis por canada. Nas Fabricas, e Praças porém acha-se o pão de arratel a 90 réis.

CAMBIO DE LISBOA.

Londres . . . . .	70
Madrid, Cadiz . . . . .	2700
Liorne, Veneza, Paris . . . . .	
Desconto do Papel-Moeda . . . . .	24½ por cento.

Bahia, Rio, Pernambuco	5 por cento.
Londres	6 dito.
Sicilia	10 dito.
Malta	10 dito.

## PREÇOS DO HAVER O PESO.

Manteiga	180	200	240	por arratel.
Arroz				75 por dito.
Azeite	6000	6200	6300	por almude.
Bacalhão		2000	2200	por arroba.

## MISCELANEA.

*Antiguidades.*

**H**uns Obreiros, que trabalhavão perto de Hellins, no Condado de Kent, acharão algumas urnas cheias de cinza, com inscripções curiosas. He hum precioso contraste para a historia d'este Condado, pela qual consta que huma Legião Romana estivera ali acampada, e que o lugar das urnas servira para as sepulturas dos Romanos.

*Universidade de Berlim.*

Londres 7 de Abril. — O Almanak da Universidade de Berlim dá este anno quasi 650 Estudantes. — Em Theologia 147. — Em Jurisprudencia 155. — Em Medicina 218. — Em Phylosophia e Phylologia 118.

*Literatura.*

Do mesmo lugar 21 dito. — A Classe da Lingoa e Literatura Francezas do Instituto Nacional de França conferio em Sessão de 9 d'este mez o Premio de Eloquencia, que tinha por objecto o Elogio de *Montaigne*, a Mr. *Villemain*, Professor de Rethorica no Liceo Carlos Magno. — Publicarão-se na mesma Sessão os Programmas dos Premios para o anno seguinte. Para Premio de Elo-

quencia, que a Classe julgará em Sessão Pública da primeira Quinta-feira de Abril de 1814, hum discurso sobre as vantagens, e inconvenientes da critica literaria. — O Premio de Poesia, que se ha de julgar em 1813, he hum episodio do genero epico, seja de invenção, seja tirado da historia, mas não traduzido, nem imitado de algum Poema antigo, ou moderno.

#### Historia Natural.

Copenhague 14 de Março. — Aqui se propôz o premio de 500 a 800 escudos para hum tratado exacto sobre a historia natural da Noruega; e outro de 100 escudos para a melhor descripção physica e economica dos differentes peixes das suas côstas.

#### Economia domestica.

Petersburgo 23 de Fevereiro. — Dous negociantes, e hum homem do campo descobrirão huma preparação, pela qual o oleo de linhaça serve para as luzes, como o azcote, sem que fume nem tenha outro inconveniente. Levárão por isso a medalha destinada para recompensa dos trabalhos uteis.

#### Economia rural.

Do mesmo lugar e data. — S. M. I. propôz hum premio de duas medalhas de ouro, cada huma de 100 ducados para quem satisfizer ás duas questões seguintes:

1.<sup>a</sup> Determinar, por hum calculo exacto do tempo, da qualidade, e do preço do trabalho, qual das cousas he mais vantajosa para os Proprietarios; se cultivar as suas terras com escravos, ou com trabalhadores livres.

2.<sup>a</sup> Determinar os meios, porque o Proprietario possa ter trabalhadores só destinados para o serviço do campo sem que percise dos que se devem destinar para os trabalhos mecanicos: e vice versa, com vantagem reciproca; visto que empregados em hum e outro serviço, não podem dar aos seus trabalhos aquella perfeição a que chegam os que se educão, e continuão em hum só genero de trabalho.

## MATHEMATICA.

*Breve Noticia da Faculdade de Mathematica  
da Universidade de Coimbra.*

Nós dêmos huma breve noticia da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra no nosso Num. 3.<sup>o</sup> desde pag. 190 até pag. 199, he necessario agora dar huma noticia, breve tambem, das duas Faculdades de Mathematica, e Phylosophia; não só pela connexão e influencia reciproca, que entre si tem estas tres Faculdades Naturaes, mas porque os Estudantes, para haverem de matricular-se no primeiro anno da Faculdade de Medicina, devem preparar-se com frequencia, Exames, e Approvações dos tres primeiros annos de Mathematica, e Phylosophia.

O Curso Mathematico da Universidade de Coimbra consta de quatro annos, e cinco Cadeiras.

Primeiro anno. Ensina-se 1.<sup>o</sup> Arithmetica, isto he, a sciencia dos numeros, suas propriedades, e differentes applicações: 2.<sup>o</sup> Geometria, isto he, a sciencia, que tem por objecto a extensão, considerada já separada, já conjunctamente nas suas tres differentes dimensões: 3.<sup>o</sup> Trigonometria Rectilinia, a saber: o que he necessario para achar as tres partes de hum triangulo rectilineo, sendo dadas as outras tres, entrando n'estas, pelo menos, hum lado. Por esta occasião explica-se hum pequeno tractado sobre a formação das Taboas de Senos, Cosenos, Tangentes, etc., o que se faz igualmente na Arithmetica, relativamente ás Taboas dos Logarithmos dos numeros.

Segundo anno. Ensina-se 1.<sup>o</sup> Algebra, isto he, a sciencia, que tem por objecto calcular as grandezas consideradas em toda a sua possivel generalidade: 2.<sup>o</sup> Cálculo differencial, ou o cálculo, que ensina a achar os limites da relação, que entre si tem as differenças de variaveis, cujas funções se conhecem: 3.<sup>o</sup> Cálculo integral, em que, pelo conhecimento d'aquelles limites, se passa

para o das funções ; e que he consequentemente hum cálculo inverso do primeiro.

Vê-se pois que n'estes dous annos se ensinão as Mathematicas puras , ou aquellas partes da Mathematica , em que a grandeza se considera por hum modo simples , geral , e abstracto.

Terceiro anno. O primeiro das Sciencias Physico-Mathematicas , isto he , das Sciencias , em que a algum facto da Natureza se applicão os principios das Mathematicas puras ; e n'elle se ensina Mecanica , isto he , ensinão-se leis do movimento dos corpos , e equilibrio de forças oppostas ; e chama-se particularmente Dynamica , se trata das primeiras ; e Statica se do segundo.

N'este mesmo anno se ensina Hydrodynamica , por outra a sciencia do movimento , e equilibrio dos fluidos ; que , tratando do primeiro , se chama Hydraulica , e do segundo , se chama Hydrostatica ; ensina-se finalmente Optica , ou a sciencia , que tracta da luz , e da visão ; que he optica , propriamente dicta , quando tracta da luz chegando ao olho directamente ; chama-se Dioptrica , se chega refrangida ; e Catoptrica se chega reflectida : tambem se ensinão idéas elementares de Perspectiva ; em que se tracta de representar , n' huma dada superficie , os objectos , como elles parecem , de hum ponto dado.

Quatto anno. Ensina-se Astronomia , ou a Sciencia do movimento dos Astrps ; e ha n'este anno duas Aulas : explica-se em huma tudo , o que he relativo á prática d' Astronomia ; e na outra Aula se ensina a Theorica da Attracção , e do movimento dos centros de gravidade pelo segundo Livro da Mecanica Celeste de La Place.

Os que pertendem fazer Formatura em Mathematica , bem como os que tão sómente querem ser Bachareis , são obrigados a frequentar todos os quatro annos : o acto do quarto anno he o acto de Bacharel ; e para se fazer Formatura , não he necessario frequentar novo anno , mas fazer hum novo acto , em que se tira ponto em todos os quatro annos. Os que pertendem ser ou Licenciados , ou Doutores , devem frequentar mais hum anno as duas

Aulas d' Astronomia, e tudo o mais, he, como na Faculdade de Medicina.

Os dous Lentes d' Astronomia, e o Lente Substituto d'estas duas Cadeiras, estão encarregados, junctamente com os Ajudantes do Observatorio, de tudo o que he relativo á pratica d'Astronomia, e de calcular as Ephemerides Astronomicas para o uso do Observatorio, e para o da Navegação; tudo debaixo das Ordens do Director do mesmo Observatorio, que he actualmente o Dr. José Monteiro da Rocha.

*Lentes Proprietarios da Faculdade de Mathematica.*

O Dr. Manoel José Pereira da Silva, primeiro Lente, com exercicio na Cadeira do primeiro anno.

O Dr. Manoel Joaquim Coelho de Vasconcellos Maia, que explica La Place no quarto anno. Segundo Lente.

O Dr. José Joaquim de Faria, terceiro Lente, com exercicio no terceiro anno.

O Dr. Antonio José de Araujo Sancta Barbara, que rege a Cadeira d' Astronomia Prática.

Quarto Lente, vago.

O Dr. Manoel Pedro de Mello, quinto Lente, actualmente em França, e Lente de Hydraulica, que he interinamente explicada pelo Dr. Faria.

*Lentes Substitutos.*

O Dr. José Joaquim Rivara.

O Dr. Joaquim Maria de Andrade.

O Dr. Antonio Joaquim Pinheiro.

*Astronomos.*

O Dr. Maia, primeiro Astronomo.

O Dr. Sancta Barbara, segundo Astronomo.

O Dr. Joaquim Maria, terceiro Astronomo.

*Oppositores da Faculdade, e Ajudantes do Observatorio.*

O Dr. Antonio Honorato de Caria e Moura, primeiro Ajudante.

O Dr. Agostinho José Pinto de Almeida, segundo Ajudante.

O Dr. Fr. Luiz do Coração de Maria, terceiro Ajudante.

O Dr. Fr. Sebastião Córvo de S. Vicente, quarto Ajudante.

*Dar-se-ha no Num. seguinte Noticia da Faculdade de Phylosophia.*

## AGRICULTURA.

MEMORIA sobre a Agricultura do Algarve, e melhoramento, que pôde ter: remettida aos Redactores por ....

1.<sup>a</sup> PARTE.

## §. I.

O Pequeno Reino do Algarve he huma das Provincias de Portugal a mais fertil, e que muito percisa da efficaz protecção do Nosso Augusto Soberano. (\*)

## §. II.

Elle pela sua posição geographica, e circumstancias locais he hum dos mais bellos Paizes da Europa: da parte do Sul e Poente he rodeado de Mar; do Nascente divide-o do Reino d'Andaluzia o Guadiana: ao Norte ficão as Serranias do Caldeirão e Monchique, que correndo desde aquelle Rio até ao Cabo de S. Vicente lhe fórmão hum abrigadouro natural.

## §. III.

O Clima he tão benigno, que aqui quasi reina huma Primavera continuada. A geada, e a neve são meteoros, que nunca se

---

(\*) O nosso amado Principe hum dos melhores do Mundo; quando cuidava em fazer felizes os habitantes do Algarve, e das outras Provincias d'este Reino; quiz então a desgraça da guerra que elle sahisse para fóra de nós, e fosse para os Estados do Brazil.

virão no Algarve. N'este Reino estive eu em Novembro, e Dezembro de 1790 e Janeiro de 1791, e o calor da atmosphera me pareceo igual ao que tinha experimentado nas nossas Provincias do Norte em Maio e Junho.

§. IV.

He para sentir que hum Reino tão fértil, e de hum Clima tão aprazivel esteja quasi todo inculto; porque sendo a sua superficie de duzentas e dezeses legoas quadradas; apenas se observa mal cultivada huma tira de terreno contigua ao Mar: o resto que bem amanhado podia fazer a prosperidade de muitos dos nossos Portuguezes e augmentar a riqueza do Estado, serve sómente de morada aos veados e outros quadrupedes.

§. V.

A grande decadencia, em que se observa a Agricultura no Reino do Algarve tem muitas causas Physicas, que a adiantão. 1.<sup>a</sup> faltão Estradas e Pontes; 2.<sup>a</sup> Prados naturaes, e artificiaes; 3.<sup>a</sup> Não se procurão as Nascentes, nem se aproveita a agoa dos Rios e Ribeiras para a rega dos Campos; 4.<sup>a</sup> Não ha Matas, que forneção as madeiras percisas na Economia rural, e Architectura; 5.<sup>a</sup> Não tem Máquinas e Instrumentos para facilitar a mão d'obra; 6.<sup>a</sup> Os Portos do Mar vão sendo cada vez menos importantes.

ARTIGO I.

*Faltão Estradas e Pontes.*

§. VI.

São de huma absoluta necessidade as Estradas no Algarve;

porque á excepção da de Castro Marim até Tavira não observei em todo aquelle Reino no anno de 1790 hum só, que excedesse muito a tres palmos de largura.

#### §. VII.

A falta d' Estradas causa no Reino do Algarve males incalculaveis. Como podem haver carros faltando os caminhos, por onde elles se possão mover? Não havendo Estradas e carros difficulta-se muito o fabrico das casas, de que percisão os lavradores para viver, e outros usos ruraes. Que despeza e trabalho não terião para acarretar em bestas a pedra necessaria para fazer hum edificio?

#### §. VIII.

No anno de 1790 me informação no Têrmo d'Alcôutim que, quando querião levar a mó de algum moinho para o lugar do seu destino, era ella conduzida pela força de quarenta ou sessenta homens por subidas e descidas violentas consumindo muito tempo e despeza, e ordinariamente acontecendo graves perigos. A falta de Estradas difficulta, e até impossibilita o carreto dos estrumes, de que percisão as terras; a importação e exportação das produções da Natureza, e Industria.

#### §. IX.

Não causa menos detrimento na Agricultura, e Commercio do Algarve a falta de Pontes, que n'elle se observa. Em todo este Reino desde o Cabo de S. Vicente até Villa-Real de Santo Antonio apenas se encontrão duas Pontes, hum em Loulé, e outra em Tavira sem embargo de elle ser cruzado com diferentes ribeiras e rios, que tem origem nas Serranias de Caldeirão e Monchique, que engrossão muito com as chuvas do Inverno. No anno 1790 me informárão no Têrmo d'Alcôutim, que por não haver Ponte na ribeira da Poupana muitos Lavradores no tempo do

Inverno precisavão dar huma volta de duas legoas e meia, para irem lavar as suas terras.

§. X.

Por falta de Pontes, primeiro morrem todos os annos muitos passageiros, e gado nas ribeiras de Vascão, Poupana, e do Deleite. Segundo, os Lavradores não podem nos tempos das enchentes lavar as suas terras. Terceiro, difficulta-se o carreto dos fructos dentro do Reino, e a exportação dos superfluos para outras Provincias. Quarto, sem Pontes e caminhos em bom estado mal se podem cultivar os muitos terrenos incultos, que se observão em todo o Reino do Algarve.

ARTIGO II:

*Faltão Prados artificiaes e naturaes.*

§. XI.

Os habitantes do Algarve não tem hum só Prado artificial, quando das muitas ribeiras e rios, que atravessão aquelle Reino podião tirar muitas levadas d'agoa para regar huma grande parte dos seus terrenos, e ali semear plantas, que podessem servir d'alimento aos gados e outros animaes precisos na economia rural.

§. XII.

Entre Douro e Minho a cada passo se observão Prados artificiaes, aonde sempre andão as agoas, que para elles encaminhão das ribeiras, rios, e fontes visinhas. No tempo de Inverno tem os Minhotos muitas hervagens, e de Verão abundantes colheitas de milho, e legumes; por isso aquella Provincia he mui farta de grãos e gado vacum.

## §. XIII.

O mesmo pôde acontecer no Algarve se os Lavradores d'este Reino praticarem o mesmo, que fazem os da Provincia do Minho. Devem aproveitar no tempo de Inverno a agoa doce dos rios de Lagos, Alvor, Portimão, e Tavira, e das ribeiras de Vascão, Deleite, Poupãna, Bolixe, Fuseta, Ludo, Quarteira, Almada, Azevial, Benasoutão para Prados artificiaes, que cumpre aqui multiplicar; porque na mesma razão crescerá o gado vacum, de que ha grande escacez n'este Reino.

## §. XIV.

São melhores aquelles Prados d'onde nunca de Inverno sahe a agoa; porque em todo este tempo dão muita hervagem, e frequentes camadas d'esta succedem humas ás outras, de maneira que hum Lavrador com pequeno Prado d'esta natureza tem sempre feito o seu gado.

## §. XV.

Se porém faltarem terrenos, que estejam nas referidas circumstancias; n'este caso fazem-se Prados artificiaes, preparando primeiro o chão, que para elles fór destinado, e depois procurando plantas, que lhe sejam accomodadas. O centeio mesmo, que no Algarve costumão semear em terrenos areentos, pôde ser huma boa hervagem para os gados, sendo ceifado em Dezembro; porque depois filha ainda mais, e o Lavrador recolhe huma abundante colheita. Isto tenho eu visto praticado na Provincia do Minho, e Traz os Montes; e porque não acontecerá o mesmo no Reino do Algarve?

## §. XVI.

Faltão pois no Algarve não sómente os Prados artificiaes, mas tambem os naturaes, que assim se devão chamar. He verda-

de, que n'aquelle Reino existem alguns sapaes, que podem supprir a falta dos Prados, porque n'elles ha hum especie de arroz (\*) que não vem descripta em Linneo, que he hum bom sustento para as bestas e gado vacum; porém são muito poucos aquelles, aonde se encontra a dita planta, porque sómente se observa nos sapaes de Portimão; e n'aquelles, que bordão a Bahia de Faro, e continuão até Tavira.

## §. XVII.

Os outros sapaes do Algarve, que são muitos, produzem a Salicornia em grande quantidade; dão por isso pouca pastagem: apenas servem para algum gado vacum. Se todos, os que se observão n'aquelle Reino desde o Cabo de S. Vicente até Villa Real de Santo Antonio e Castro Marim, fossem adoptados, n'elles haverião grandes colheitas de trigo, milho, cevada, e legumes, e depois se converterião os Campos em Prados naturaes.

## §. XVIII.

Veremos o mesmo resultado, se vier hum dia, em que os muitos, e ferteis terrenos, que fórmão tôdas as serranias desde o Guadiana até ao Cabo de S. Vicente, sejam cultivados; porque sendo estes hum anno occupados com trigo, cevada, e centeio, e ficando em outro de pousio, naturalmente dão muitas pastagens para o gado. Devem pois os Lavradores do Algarve praticar n'esta parte o mesmo; que os da Provincia de Traz os Montes, e Alentejo, e terão Prados naturaes em abundância.

(\*) O Dr. Felix Avellar Erotero me disse tinha observado esta planta, quando viajou o Algarve.

## ARTIGO III.

*Não aproveitão a agoa dos rios, e ribeiras, para regarem os Predios, nem procurão as nascentes.*

## §. XIX.

Os campos, de que os Proprietarios tirão mais proveito, são aquelles, que produzem dous fructos cada anno, como na Primavera o trigo, centeio, cevada, e linho, e no Outono o milho, que tem semeado na revolta: alguns d'estes observei no Reino do Algarve em Novembro nos redores de Odeseixas, Aljesur, Raposeira, e Villa do Bispo; aqui principalmente admirei a fertilidade dos Predios, que ficão ao Sul, Nascente, e Poente, elles nunca conhecerão descanço, e sem estrumes dão annualmente trigo, milho, cevada, e legumes em grande fatura.

## §. XX.

Estes feteis campos já amanhados, que eu vi no Algarve, póde-se dizer que são nada a respeito dos muitos perdidos, que lá se observão: perto do Mar estão muitos e grandes sapaes desde o Cabo de S. Vicente até Villa Real de S. Antonio, e nas serranias de Monchique, e Caldeirão excellentes vargens, de que não se tira proveito algum; aquelles porém reduzidos ao estado de não serem inundados pelas marés se converterião em fertilissimos Predios; estas sendo cultivadas darião abundantes colheitas de trigo, centeio, milho, e outros fructos.

## §. XXI.

Podião os Lavradores do Algarve augmentar a fertilidade dos seus Predios assim dos cultivados, como dos que de novo forem reduzidos á cultura, sendo elles regados de Verão com a agoa de

de alguns rios, e ribeiras, aproveitando esta, quanto fôr possível, e o permittirem as circumstancias locais; nada d'isto se observa n'aquelle Reino, não observei em todo elle, nem me consta que haja, hum só canal de rega.

## §. XXII.

Hum chão regadio he muito util ao dono d'elle; porque além de ter cada anno duas colheitas seguras, na Primavera a do trigo, cevada, e centeio, e no Outono a do milho sementeado na resteva, póde tambem de Inverno reduzir-se a hum Prado artificial, sendo continuamente limado de agoa, como se pratica no Minho, e Traz-os Montes.

## §. XXIII.

Todas estas utilidades poderão ter os Lavradores do Algarve, se fizerem, como os da Provincia do Minho, a diligencia para que no tempo de Verão sejam regados os Predios possiveis, e como porém só alguns o poderão ser com agoa dos rios e ribeiras, querendo pois multiplicar as regas e fertilidade dos seus campos, cumpre procurar as nascentes, que se hão de encontrar muitas por todas as faldas das montanhas do Caldeirão, e Monchique.

## §. XXIV.

Tantas fadigas, e trabalhos merece ao Lavrador do Minho a rega do seu chão, e a pesquisa das fontes. Só o do Algarve he tão desleixado em procurar estes mananciaes de abundancia, e riqueza. Muitos Predios vi eu n'aquelle Reino, que sómente dão trigo, centeio, e cevada, os quaes sendo regados poderião depois produzir huma abundante colheita de milho.

## ARTIGO IV.

*Não tem Matas o Algarve, nem se procura a sua propagação.*

## §. XXV.

No Algarve ha huma grande falta de Matas, e supposto ella seja geral em todas as Provincias, com tudo he mais consideravel n'aquelle Reino. No anno de 1790 desde o Cabo de S. Vicente até ao Guadiana apenas observei dous pinhaes, hum em huma pequena distancia da ribeira de Ludo, e perto do Mar, e outro nos redores de Castro Marim, os quaes então estavam em bom estado: vi mais outro entre Villa Real de Santo Antonio, e a praia de Monte Gordo, que então estava destroçado com grave detrimento dos Predios visinhos, que ficão em direitura d'aquella costa. Eis-aqui os pinhaes do Algarve, que he quasi o mesmo que cousa nenhuma a respeito dos muitos, que pôde ter, e da grande percisão, que ha d'elles n'aquelle Reino (\*).

## §. XXVI.

Para mostrar os muitos terrenos, aonde se podem propagar os pinhaes, e a grande percisão, que ha d'elles perto do Mar, faço a seguinte advertencia:— Em toda a Costa d'estes Reinos por onde fiz a minha viagem observei que n'aquelles lugares, aonde o Mar he bordado de rochas ou altas barreiras, as áreas não inundavão os Predios visinhos pela resistencia, que lhes fazem aquelles obstaculos, porém aonde faltão, apparecem os campos cobertos d'arça, que de ferteis se tem tomado infructiferos.

(\*) Nos redores das Caldas de Monchique observei alguns pinheiros nas fendas de humas rochas de granito; porém todos elles fazem huma somma muito insignificante.

## §. XXVII.

Faço vêr esta verdade com algumas observações, que fiz na Costa do Algarve. N'aquelle Reino desde o Cabo de S. Vicente até Lagos está o Mar bordado de rochas continuadas, e não se observão Predios visinhos inundados de arêa; desde a dita Cidade até Villa Nova de Portimão não ha este muro natural, ou outro qualquer obstaculo, que faça retroceder a arêa, que o vento acarreta para terra; por isso se observão ali os campos visinhos coadhados d'ella, e reduzidos a huma praia deserta.

## §. XXVIII.

Em Albufeira, e d'aqui até Péra andei eu pela borda do Mar, e vi que a respeito do nivel d'este a superficie dos terrenos visinhos fica em huma grande altura; por isso nenhum damno lhe fazem as arêas, que os ventos pertendem ali depositar. Desde Péra até Balieira não se observão rochas, nem outro algum obstaculo, que as fação voltar, por esta causa estão cobertos d'ellas os Predios, que correspondem á referida praia em huma grande distancia do Mar.

## §. XXIX.

Muitos terrenos em iguaes circunstancias aos referidos se observão na Costa do Algarve, que pela mesma causa são mais ou menos arentos, taes são os que ficão proximos ao Mar desde Albufeira até Torre de Pexegueira nos redores de Quarteira, Castello Novo, e d'aqui até perto da ribeira de Ludo.

## §. XXX.

Em todos os terrenos arentos já referidos, e outros mais, que ficarem perto do Mar, se podem propagar os pinhaes, que são ali mui necessarios para defenderem das arêas os Predios visinhos,

e supprirém a falta das rochas, e outros obstaculos naturaes, como tambem para darem as madeiras percizas para Architectura, Marinha, usos domesticos e rurares (\*).

## §. XXXI.

Não sómente os terrenos areentos proximos ao Mar podem produzir Pinhaes, mas tambem ha outros no Algarve muito capazes de n'elles se propagarem aquellas arvores. Quando em Novembro de 1790 fui costeando desde Lagos até o Cabo de S. Vicente observei perto de huma Aldéa chamada Figueira huma grande charneca muito pedregosa, porém propria para crear matas de Pinheiros; entre Odeseixas e Aljesur vi tambem outra, que pôde muito bem servir para o mesmo fim.

## §. XXXII.

Entre a grande extensão de terras incultas, que tem todas as serranias de Monchique e Caldeirão, assim como ali se observão muitas fortes, que amanhadas darião abundantes colheitas de grãos, assim tambem existem outras magras muito capazes para pinheiros; quanto mais, que entre nós tem mostrado a observação que prosperão muito bem os pinheiros n'aquelles Predios, que não servem para outro genero de cultura.

## §. XXXIII.

Além das Matas de pinheiros, que podem haver no Algarve,

---

(\*) Os Pinhaes contiguos ao mar, que devem servir como huma muralha capaz de fazer voltar as arêas, que os ventos pretendem trazer para a terra, devem-se sempre conservar em estado, que possão satisfazer a este fim, que cumpre ter sempre em vista, quando se cortarem alguns pinheiros; se tivessem praticado isto no Pinhal, que observei entre Villa Real de Santo Antonio, e a praia de Monte Gordo, não estarião os campos visinhos tão perdidos, como eu os vi.

tambem ali se podem propagar outras muitas de carvalhos, muito principalmente em todas as terras altas, que se observão desde o Guadiana até ao Cabo de S. Vicente, que ainda estão por cultivar. Nas Provincias da Beira, e entre Douro e Minho tenho visto muitas vezes aquellas arvores em terrenos mui semelhantes aos das serranias do Algarve.

§. XXXIV.

Muitas arvores aquaticas, como olmos, salgueiros, amieiros, e chopos, podião bordar as ribeiras e rios do Algarve n'aquellas partes, aonde não chega a maré, porém nada d'isto se pratica; quando da plantação das ditas arvores podem os Proprietarios ter muitas utilidades. 1.<sup>a</sup> Defendem os Predios do damno, que lhes podem causar as torrentes, que levão a terra, e fazem muitas escavações. 2.<sup>a</sup> Dão pães, que pelo seu comprimento tem muito uso na Architectura. 3.<sup>a</sup> São de huma utilidade conhecida na Economia rural, porque tambem dão vergas percisas para os espaleiros, e dos olmos se fazem arcs para os toneis.

ARTIGO V.

*Ha grande falta de Máquinas e Instrumentos raras.*

§. XXXV.

As charruas, que são de huma absoluta necessidade no Algarve, são mui raras n'aquelle Reino: no anno de 1790 sómente havia huma em toda a Comarca de Tavira, e talvez fosse então a unica, que houvesse desde o Cabo de S. Vicente até ao Guadiana.

§. XXXVI.

Os carros de conducção tão percisos para os usos Economi-

cos, Ruraes, e Militares são mui poucos no Algarve. No anno de 1790 não se contava hum só em todo o Termo de Alcoutim, que terá mais de trinta legoas quadradas, e então sómente havião dous no de Castro-Marim. No resto do Reino creio que n'esse tempo serião muito raros. Eu desde o Cabo de S. Vicente até Villa Real de S. Antonio não encontrei hum só, em que pudesse notar a sua descripção. Por falta de carros acarretavão os Lavradores para as suas eiras o trigo e centeio, depois de ceifado, em jumentos e outras bestas muates.

§. XXXVII.

As Máquinas precisas para espremer o azeite e vinho erão pouco conhecidas no Algarve, quando eu lá estive, segundo as informações, que então me derão. Em Alcoutim mettião as uvas em saccos, que depois pisavão com os pés para d'ellas tirar o mosto, e por falta de hum aparelho competente perdião huma boa parte d'elle, que se podia aproveitar espremendo o bagaço; a mesma rotina seguião a respeito das azeitonas, e já depois de estar meia adiantada a podridão d'ellas; de maneira que os habitantes d'aquella Villa, e seu grande Termo, não sabião no anno de 1790 o que era hum lagar de vinho e azeite, e os do resto d'este Reino pouco mais adiantados estavam n'aquelle tempo.

ARTIGO VI.

*Os Pórtos vão sendo cada vez menos importantes.*

§. XXXVIII.

Agricultura adianta-se, quando se facilita a exportação dos generos, que crescem do consumo do Paiz pelo bom estado das estradas, e dos pórtos de mar, aquellas faltão no Algarve, e estes vão sendo cada vez menos importantes; porque as barras se vão entupindo cada vez mais. Sagres era hum dos melhores portos d'a-

quelle Reino, quando lá viveo o Senhor Infante D. Henrique; porém hoje em dia mal se observão as suas ruinas.

§. XXXIX.

A barra de Ferragudo foi em outro tempo tão notavel, que por ella entravão Navios grandes, porém no anno de 1790 estava já tão entupida, que apenas admittia alguns Hyates. Se vier hum em que pelas sabias providencias do PRINCIPE REGENTE N. S. ella torne ao seu primitivo estado, que grandes vantagens se podem seguir! Não só para a Navegação; mas porque no Rio de Portimão se pôde fazer hum dos melhores Molhes da Europa.

Fim da 1.<sup>a</sup> Parte.

(Continuar-se-ha.)

## PHYSICA.

Copenhague 14 de Março.

**O** Cometa, que appareceu na Noruega em Ergseet era mui distincto no principio das noites de 2 até 7 de Janeiro; não podendo ser observado mais tarde por causa do nevoeiro e luar.

*Do mesmo lugar.* — Não lembra hum inverno tão doce como este. Na Fionia a 6 de Março já apparecião flores, e muitas arvores tinham botões mui vigorosos; e o mais he que se vião violas nos ultimos dias de Dezembro, he verdade que em lugar exposto ao Sol do meio-dia. Em Janeiro o Thermómetro de Reaumur estava na Zelandia em 3 grãos, e a neve não se conservava sobre a terra por mais de 14 horas.

*Berna 16 de Março.* — O degelo em diferentes partes, e povoações do Paiz dos Grisões tem produzido tristes ruinas nos dias 15 até 17 de Fevereiro: tem coberto e inutilizado algumas estradas por espaço de dez dias: tem precipitado massas consideraveis, que derribarão algumas casas: despregou do mais alto das montanhas na distancia de meia legoa em frente huma tão enorme massa, que levou diante de si homens, rebanhos, e gado graúdo, casas, palheiros, curraes, e moinhos.

*Petersbourgo 12 de Março.* — Chegárão do Caucaso, e partem para Dorpat os dous sabios viajadores Mrs. Engelhard, e Parrot. — Elles empregárão hum anno em achar qual dos dous mares Caspio, e Negro he mais elevado, reconhecendo por observações barometricas o nivel geral das terras entre aquelles mares. Esperase o resultado, e por elle se poderá determinar a direcção de canaes, que os possão communicar.

Achárão, que a perpendicular de Kasbeck o mais alto pico da cadeia do Caucaso iguala, se não excede, a do Monte-Eranco.

Conseguirão tocar as nascentes do rio Terek, com a gloria de serem os primeiros, que ali chegarão, e os lugares sagrados, em que os Ingouschs celebrão seu culto no cume do Ossay.

Pyrómetro he hum Instrumento para fazer conhecer a dilatação dos Corpos pelo calor. Até agora explorava-se em experiencias separadas, e em consequencia em circumstancias differentes, a dilatação de cada sólido: processos, que tem comsigo inconvenientes invenciveis, quando se trata de comparar entre si a dilatação de sólidos differentes.

Recebemos, e lançaremos em nosso Periodico o mais cedo que nos fôr possível huma = *Memoria sobre hum novo Pyrometro de comparação, pelo Dr. Constantino Botelho de Lacerda Lobo, Lente de Physica Experimental na Universidade de Coimbra* = na qual se expõem, e remedção perfeitamente aquelles inconvenientes.

**MEMORIA sobre hum novo modo de applicar ao movimento das Máquinas a força do vapor da agoa fervendo por meio huma Máquina rotatoria (\*): lida na Sessão pública da Academia Real das Sciencias de Lisboa, de 18 de Janeiro de 1805 por seu Author o Dr. Constantino Botelho de Lacerda Lobo, Lente de Physica Experimental da Universidade de Coimbra, e Socio da mesma Academia.**

CAPITULO I.

*Motivo, que deo occasião a esta descoberta.*

§. I.

Musschenbroek na sua Obra intitulada *Introductio in Philosophiam Naturalem* Tom. II. Cap. 27, tratando da agoa no estado de vapor, pertende mostrar que ella, sem embargo de ter hum volume 14<sup>o</sup> vezes maior, do que antes, não perde a natureza de fluido; e como tal lhe compete a propriedade de todos os fluidos, que consiste em huma igualdade de pressão para todos os lados.

(\*) Veja-se sobre esta Memoria a pag. 168, N. E. (*Redactores.*)

## §. II.

Querendo pois Musschenbroek provar com a experiencia a pressão lateral da agoa reduzida em vapor, serve-se de hum cylindro de cobre movel á roda do seu eixo, que tem na parte superior dous tubos lateraes com dous pequenos orificios oppostos hum ao outro: introduzindo no cylindro-huma quantidade d'agoa, que occupe a terça parte da sua capacidade, ou ainda menos; logo que ella chega ao estado de fervura pelo fogo, que se applica, sahindo huma parte do vapor pelos pequenos buracos, a outra, fazendo huma forte impulsão nos lados oppostos, move o cylindro em huma direcção opposta á corrente do fluido, sendo a velocidade tanto maior, quanto mais cresce a força do vapor. Eis-aquí o que refere Musschenbroek no dito Cap. 27 Tom. II. pag. 584 §. 1469, e não adianta mais nada.

## §. III.

Esta experiencia, que faço todos os annos no Gabinete de Physica experimental da Universidade de Coimbra, além de mostrar a pressão lateral do (\*) vapor da agoa fervendo, não tinha outro fim mais, do que enterter, e divertir as pessoas, que concorrião a ver as experiencias.

## §. IV.

Eu me lembrei, que d'este grande agente da Natureza, do

---

(\*) Dalton tem determinado a força do vapor aquoso, e afirma o seguinte:

“La force de la vapeur aqueuse à 212 degrés de Fahrenheit, ou 80 degrés de Reaumur est égale au poids de trente pouces anglais de mercure, ou le poids de l'atmosphère.

“A 182 degrés de Fahrenheit ou 66 $\frac{2}{3}$  Reaumur elle est égale a 15 pouces anglais, ou une demi atmosphère.

“A 252 degrés de Fahrenheit, ou 97 $\frac{2}{3}$  Reaumur elle est égale a 60 pouces anglais, ou deux atmosphères. = Journal de Physique tome 56 pag. 15. „

modo, que o apresenta Musschenbroek, se poderia tirar alguma utilidade na Hydraulica, Economia, e Artes, applicando na parte superior do cylindro huma roda dentada, ou parafuso sem fim; fazendo communicar qualquer d'estas duas máquimas rotatorias com outras:

Qualquer máquima rotatoria movida pela força da agoa reduzida em vapor, além de ser simples, e economica, se consegue com ella hum movimento contínuo, e circular mais vantajoso, do que o alternativo das Bombas ordinarias a fogo.

## CAPITULO II.

*Dos diversos modos de applicar a força motriz da Máquima rotatoria do vapor.*

§. VI. O cylindro rotatorio, posto em movimento pelo vapor da agoa fervendo, pôde communicar a sua força motriz a qualquer aparelho (\*) a que se ajuntar, e este receber huma velocidade igual, menor, ou maior.

§. VII. Querendo pois que o aparelho A da fig. 1.<sup>a</sup> que communica com o cylindro tenha huma velocidade igual, deverá ter a sua roda hum igual diametro, e tambem hum igual numero de dentes; então no tempo em que o cylindro der huma volta inteira, o aparelho dará outra.

(\*) Apparelho chamo a tudo aquillo, que he posto em movimento pela máquima, ou cylindro rotatorio.

## §. VIII.

Se o uso, que se fizer do aparelho pedir, que a sua velocidade seja menor, que a do cylindro rotatorio C fig. 1.<sup>a</sup> n'este caso a roda dentada d'este será menor, que a do aparelho: e suppondo que a roda d'este, B, tenha hum diametro tres vezes maior, o cylindro dará tres voltas, em quanto a roda, que com elle communica, dá huma só, e será a velocidade do cylindro: Roda :: 3:

## §. IX.

Para diminuir mais a velocidade do aparelho, em lugar da roda dentada pósta na parte superior do cylindro rotatorio, póde-se applicar no eixo, que se move juntamente com elle, huma lâterna, communicando com huma roda dentada de maior diametro, do que aquella, que representa B, fig. 1.<sup>a</sup> Supponhamos que os diametros, e numero dos dentes estão entre si como hum para seis, n'este caso o cylindro rotatorio dará seis voltas, em quanto o aparelho dá huma só, e será a velocidade d'aquelle para a d'este :: 6 : 1 (\*).

## §. X.

Para diminuir ainda mais a velocidade do aparelho, em lugar da roda dentada posta na parte superior do cylindro póde-se applicar hum parafuso sem fim; C, fig. 2.<sup>a</sup> com este se faz communica huma roda dentada, D, de maneira, que o plano d'ella seja perpendicular ao horisonte. Supponmos que a roda dentada tem 36 dentes, e que sómente tres entrão nas roscas do parafuzo, então dará o cylindro 12 voltas, em quanto a roda dentada dá só huma, e a velocidade do cylindro será para a da roda: 12 : 1.

(\*) Querendo fazer uso de hum carrete em lugar de lâterna, então o eixo A D, da roda B, fig. 1.<sup>a</sup>, deve ser perpendicular ao horisonte.

Para que a velocidade do aparelho seja maior, que a do cylindro, terá a roda dentada d'este hum diametro maior, que o d'aquelle: supponho que o diametro da roda dentada A, fig. 2.<sup>a</sup> posta no cylindro he para a do aparelho B, como 3: 1, e que n'esta mesma razão está o numero dos dentes; em quanto o cylindro der huma volta, o aparelho dará tres; e será a velocidade d'este para a d'aquelle como 3: 1.

## §. XII.

Querendo augmentar ainda mais a velocidade do aparelho, que se pertende mover, se fará communicar a roda dentada A, fig. 2.<sup>a</sup> firmada no Cylindro rotatorio, ou eixo d'elle com hum carrete B, applicado no dito aparelho: supponho que a roda tem 80 dentes, e o carrete 8; em quanto o Cylindro der huma volta, o aparelho dará 10; e a velocidade d'este será para a d'aquelle como 10:1.

## §. XIII.

A força motriz do Cylindro pôde-se applicar ao mesmo tempo a diversos aparelhos; recebendo estes velocidades iguaes, maiores, ou menores, segundo o differente mechanismo, com que forem feitas, e as applicações, que se lhes derem (\*).

---

(\*) A Memoria sobre este assumpto, que se acha no Archivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa, tem huma Estampa com 12 figuras, relativas aos diversos casos, em que o Cylindro rotatorio pôde communicar a sua força; mas como esta he impressa á custa de hum particular, para lhe economisar a sua despesa, em duas figuras, que tem a Estampa, faço as mesmas applicações.

## CAPÍTULO III.

*Das applicações, que se podem fazer da Máquina rotatória*

A Máquina rotatoria de vapor póde applicar-se ao movimento de muitas bombas aspirantes, e compressorias, e por este modo fazer subir muita agoa a diferentes alturas; applicação esta, que póde ser util para esgotar a agoa das minas.

Com a Máquina rotatoria de vapor se facilita o uso da Nora funicularia de Vera. Esta Máquina he recommendavel pela sua simplicidade; porque com huma corda, e duas roldanas se levanta a agoa a grandes alturas; porém o effeito he proporcionado ao numero, grossura, qualidade das cordas, e velocidade, com que se movem; e he necessaria huma grande quantidade de força, para que d'ella se possa tirar algum proveito: por isso, com muita vantagem, se lhe póde applicar a força motriz do Cylindro rotatorio.

§. XVI. O mesmo effeito se pode alcançar com a mesma força, e com menos economia, se se applicar a força motriz do Cylindro rotatorio a uma roda de moinho.

Póde-se applicar com muita utilidade, e economia a força motriz da Máquina rotatoria para moer os grãos, quando as circumstancias locaes não permittem, que se faça uso de outro agente mais commodo.

§. XVII. A mesma Máquina póde servir para serrar as madeiras em grande, movendo-se ao mesmo tempo hum grande numero de serras: e d'este modo economisam-se muitos braços.

III  
MACHINE À MANIVELLE

Fig. 1.

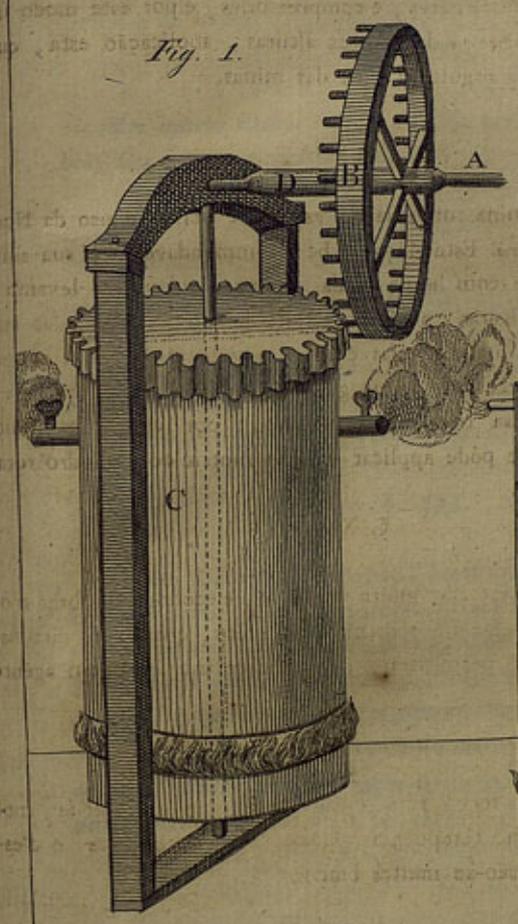
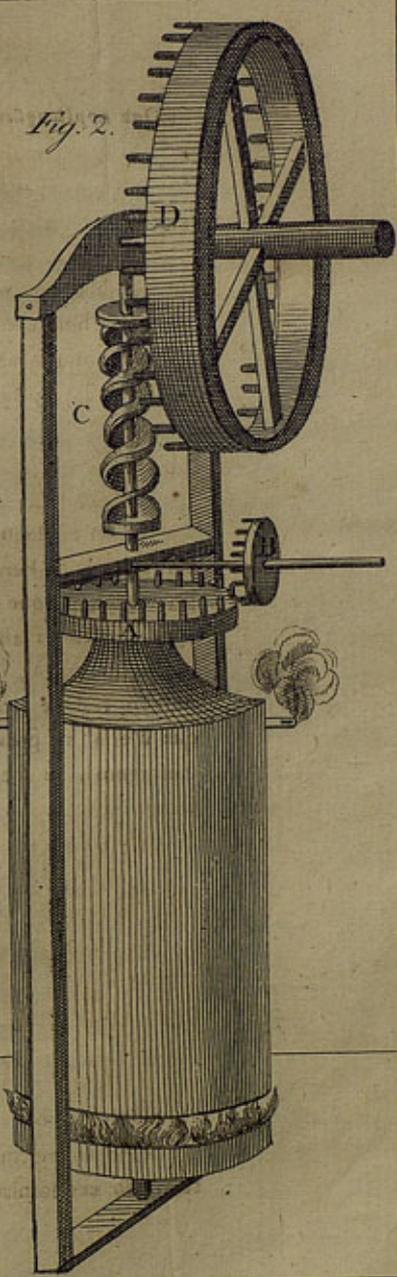


Fig. 2.



XXVII

Podese aplice, con multa...  
Quando se responde...  
e se responde...  
e se responde...

XXVIII

Em caso de...  
e se responde...

XXIX

Quando se responde...  
e se responde...

XXX

Quando se responde...  
e se responde...

XXXI

Quando se responde...  
e se responde...

XXXII

Quando se responde...  
e se responde...

XXXIII

Quando se responde...  
e se responde...

## §. XVIII.

Póde-se applicar, com muito proveito, na fição da lã, e algodão. Quando as máquinas destinadas a este fim, não podem ser movidas por huma corrente d'agoa, faz-se necessario hum grande numero de braços, que se evitão, fazendo uso da Máquina rotatoria de vapór.

## §. XIX.

Em outras muitas Officinas póde ter uso, como nas do papel, Cordoaria, Arsenaes, etc.

*Advertencia.*

## §. XX.

As forças, de que principalmente se faz uso para o movimento das máquinas, são as do vento, de huma corrente d'agoa, dos braços dos homens, e as dos quadrupedes.

## §. XXI.

Entre todas estas potencias moventes tem o primeiro lugar huma perenne, e igual corrente d'agoa; e o segundo a força motriz do vento. A applicação d'estes dous agentes he muito economica, e de grande vantagem; porém como as circumstancias locais não permitem, muitas vezes, fazer uso das sobreditas forças, n'este caso será conveniente recorrer á força motriz da Máquina rotatoria, porque, além de ser muito economica, tem hum uso muito geral.

## §. XXII.

Em muitas Officinas, aonde as máquinas são movidas por huma corrente d'agoa, se faltar esta, ou diminuir consideravelmen-

te, então párao, ou diminuem muito as preparações, que dependem do movimento das máquinas: querendo pois acautelar este inconveniente, recorrem aos braços dos homens, ou á força d'alguns quadrupedes; porém, em tal caso, será mais util fazer applicação da força motriz da Máquina rotatoria.

## XXIII.

Não posso negar os grandes attritos, que terão as referidas máquinas, e que todos hão-de ser vencidos á custa da força motriz da Máquina rotatoria; porém podem-se diminuir muito mudando os attritos da primeira especie nos da segunda; senão forem todos, ao menos os possiveis; para o que basta sómente, que os eixos se movão entre tres cylindros, movendo-se estes á roda do seu eixo.

## §. XXIV.

Todas as applicações da força motriz da Máquina rotatoria de vapor são projectos, dos quaes póde haver toda a esperanza de se realisarem, aonde as circumstancias o permittirem; e as experiencias, feitas em grande, mostrarão aquella applicação, que he mais util.

## §. XXV.

Fiz o ensaio com hum pequeno Cylindro, que tinha de altura  $\frac{12}{100}$  do metro, e de diametro  $\frac{10}{100}$ , em que lancei hum pequena quantidade d'agoa, que não chegava a occupar a 3.<sup>a</sup> parte da sua capacidade: na parte superior tem hum roda dentada, communicando esta com outra de hum diametro tres vezes maior. A experiencia foi feita na Sessão pública de 18 de Janeiro de 1805, e approvada pela Academia Real das Sciencias a nova applicação de vapor d'agoa fervendo ao movimento das máquinas.

## §. XXVI.

O modelo, com que fiz o ensaio na presença da Academia, acha-se no Gabinete de Physica Experimental da Universidade de Coimbra. Dei desenhos da Máquina rotatória a quem mos pediu. Fez-se pública esta descoberta na Gazeta de Lisboa de 24 de Janeiro de 1805, e participei logo esta noticia a meu amigo José Correa da Serra, que residia em Paris.

## §. XXVII.

D'esta participação seguio-se que Mr. Verzy, arrogando para si esta descoberta, a propôz ao Ministro d'Estado do Interior da França, o qual estabeleceo logo os fundos percisos para se fazerem experiencias em grande. Publicou-se esta noticia na Gazeta d'Inglaterra (\*) do 1.º d'Agosto de 1806, mais de 18 mezes depois que eu fiz o ensaio da Máquina rotatoria de vapor na presença do PRINCIPE REGENTE N. S., e de toda a Côte: e logo que soube da usurpação, que se me fez, reclamei, e portastei conservar-me na posse da minha invenção.

---

(\*) Gazete de la Grande Bretagne, ou Mercure universel de l'Europe. Londres Vendredi le 1 Aout. 1806. N. 136. pag. 1086.

## ABRIL DE 1812.

MAPPA DE OBSERVAÇÕES METEOROLÓGICAS feitas no Gabinete de Physica Experimental (as do Barómetro, Thermómetro, e Hygrometro) e no Hospital (as do Anemómetro) da Universidade de Coimbra em todo o mez. — A explicação do Mappa irá no fim.

M A N H A.

Dias do mez.	Hor.	Min.	Barometro.		Thermo-	Hygro-	Anemómetro.	Estado do Cco.
			Pol.	linh.	metro.	metro.		
					gr.	gr.		
1	10		28	m.	13	85	N. N. E.	p. n.
	12		—	—	—	—	N. N. E.	s. n.
2	10		28	m.	13	86	N. N. E.	s. n.
	12		—	—	13½	—	N. N. E.	s. n.
3	10		27	11 m.	13 m.	87	E.	s. n.
	12		—	11½	—	87 m.	E.	s. n.
4	10		27	11	13	87	E.	s. n.
	12		—	—	13 m.	—	E.	s. n.
5	10		27	10	14	86 m.	S. E.	s. n.
	12		—	—	14½	85 m.	S. E.	s. n.
6	7	30	27	9 m.	13 m.	88	S. E.	s. n.
	10		—	10	14 m.	85	S. E.	s. n.
7	7		27	10	13 m.	88	N. N. O.	c.
	11	30	—	10½	14½	86 m.	N. N. O.	s. n.
8	7		27	9½	13	87 m.	N. N. E.	nev.
	10		—	9 m.	14	87	N. N. E.	s. n.
9	7	15	27	8	13 m.	87	N. O.	nev.
	11		—	—	14½	85	N. O.	a. n.
10	7	15	27	8	13½	86	E.	c.
	12		—	8½	—	82 m.	E.	c.
11	7	30	27	10	13½	86	E. S. E.	c.
	10		—	—	13½	84	E. S. E.	c.

ABRIL DE 1812.

T A R D E.

Dias do mez	Hor.	Min.	Barometro		Thermo- metro.	Hygro- metro.	Anemometro.	Estado do Ceu
			to	linh.				
1	2		28	12	13 m.	86	N. O.	s. n.
	5		—	—	13	86 m.	N. O.	s. n.
2	3		28	12	13	85 m.	N. O.	s. n.
	5		—	—	13	85	N. O.	s. n.
3	3		27	11	13	87	N. O.	s. n.
	5		—	—	13	—	N. O.	s. n.
4	1		27	11	13 m.	86	N. O.	s. n.
	5		—	10 m.	13	—	N. O.	s. n.
5	3		27	10	14 m.	85 m.	S. O.	s. n.
	5		—	9 m.	14	86 m.	S. O.	s. n.
6	2		27	10	16	84	N. O.	s. n.
	5		—	—	17	—	N. O.	s. n.
7	3		27	10	14	86 m.	N. O.	s. n.
	5		—	—	—	—	N. O.	s. n.
8	1		27	9	14	86	O.	s. n.
	5	30	—	9	14	86 m.	O.	s. n.
9	2		27	8	14	85	O.	a. n.
	6		—	—	—	84 m.	O.	a. n.
10	3		27	8	13	83	N. O.	c.
	6		—	9	13	—	N. O.	c.
11	2		27	9	14	84 m.	O. S. O.	c.
	6		—	9 m.	13	84	O. S. O.	c.

## Continuação do Mappa de Abril.

MANHÃ.

Dias do mez	Hor	Min	Barómetro.		Thermó- metro.	Higro- metro.	Anemómetro.	Estado do Cee.
			Pol.	linh.	gr.	gr.		
12	10		27	9	13	85	S. S. E.	c. ch.
	12		—	8	—	86	S. S. E.	c. ch.
13	7	45	27	7	13 $\frac{1}{2}$	87	S. E.	c.
	10		—	—	13 $\frac{1}{2}$	85 m.	S. E.	c.
14	7	30	27	7 $\frac{3}{4}$	12 $\frac{1}{2}$	86 m.	S. E.	c.
	12		—	6	14	83	S. E.	c.
15	7	15	27	4	12 $\frac{1}{2}$	87	S. E.	s. n.
	11		—	—	13	87 m.	S. E.	c. ch.
16	10		27	5	13 $\frac{3}{4}$	85	S.	m. n.
	12		—	6	—	—	S.	m. n.
17	7	15	27	6 m.	13	88	E. S. E.	c.
	11	30	—	3	14	85	E. S. E.	c.
18	7	15	27	2 m.	12 m.	88	E.	c. ch.
	11	30	—	3	13 $\frac{1}{2}$	84 m.	E.	m. n.
19	6	45	27	5 $\frac{3}{4}$	11 m.	79	E.	s. n.
	11	30	—	6 m.	11 $\frac{1}{2}$	74	E.	s. n.
20	7	30	27	9	11 $\frac{1}{2}$	76 m.	E.	s. n.
	11		—	9 m.	12 m.	70	E.	s. n.
21	7	30	27	10 m.	11 $\frac{1}{2}$	77 m.	E.	s. n.
	11		—	—	12 $\frac{1}{2}$	72	E.	s. n. v.
22	7	15	27	10 $\frac{1}{2}$	12	76 m.	E. N. E.	p. n.
	11		—	10 m.	13 $\frac{1}{2}$	73 m.	E. N. E.	s. n.
23	7		27	9 m.	13 $\frac{1}{2}$	75 m.	E.	s. n.
	10	23	—	9	14	72 m.	E.	s. n.
24	7	30	27	7 m.	13 $\frac{1}{2}$	75 m.	E.	m. n.
	14		—	—	14 m.	74	E.	a. n.

## Continuação do Mappa de Abril.

## T A R D E.

Dia do mez.	Hor.	Min.	Barómetro.		Thermo-	Hygró-	Anemómetro.	Estado do Céo.
			Pol.	linh.	metro.	metro.		
					gr.	gr.		
12	3	15	27	7 m.	13	86	O. S. O.	c.
			—	—	—	86 m.	O. S. O.	c.
13	2	7	27	7	13	85	S. S. E.	c.
			—	—	13 $\frac{3}{4}$	86	S. S. E.	c.
14	3	30	27	5 m.	13	85	S. E.	c. ch.
			—	5	13 m.	86	S. E.	c. ch.
15	3	6	27	4 m.	13 m.	86 m.	S. S. O.	c. ch.
			—	—	—	87	S. S. O.	c.
16	1	7	27	6	14	85 m.	O.	c. ch.
			—	7	13 m.	86 m.	O.	c.
17	3	6	27	2 m.	13 m.	86	E. S. E.	c.
			—	2	13	86 m.	E. S. E.	c.
18	4	6	27	3	13 $\frac{1}{4}$	87	E. N. E.	c.
			—	3 m.	13	87 $\frac{1}{2}$	E. N. E.	ch.
19	3	6	27	7 m.	13	75	N. E.	s. n.
			—	—	—	76	N. E.	s. n.
20	3	6	27	9 m.	13	71 m.	N.	s. n.
			—	9 $\frac{1}{2}$	12 m.	73	N.	s. n.
21	3	5	27	10	13	73 m.	E. N. E.	s. n. v.
			—	—	—	74	E. N. E.	s. n. v.
22	3	30	27	9 $\frac{3}{4}$	13 $\frac{3}{4}$	75	N. E.	s. n.
			—	—	13 $\frac{1}{2}$	78 m.	N. E.	s. n.
23	1	15	27	9	15 $\frac{1}{4}$	68	E. N. E.	a. n.
			—	8	14 $\frac{1}{4}$	71	E. N. E.	a. n.
24	1	15	27	7 m.	15	72 m.	N. N. E.	a. n.
			—	7	15 $\frac{1}{4}$	—	N. N. E.	a. n.

## Continuação do Mappa de Abril.

M A N H Ã.

di- jo- nez	Hor.	Min.	Barometro.		Thermometro.	Hygro- metro.	Anemometro.	Estado do Ceo.
			col.	linh.	gr.	gr.		
25	7	30	27	8 m.	13 m.	76 m.	E. S. E.	a. n.
	11	—	—	8 $\frac{1}{2}$	15	75 m.	E. S. E.	a. n.
26	8	30	27	8 $\frac{1}{2}$	14	79	S. E.	m. n.
	11	20	—	8 m.	14 $\frac{1}{2}$	78 m.	S. E.	m. n.
27	7	30	27	7 $\frac{1}{2}$	13 $\frac{1}{2}$	80 m.	N.	m. n.
	11	15	—	—	13 $\frac{1}{2}$	79	N.	m. n.
28	7	15	27	7	12 $\frac{1}{2}$	79 m.	E.	m. n.
	11	—	—	—	13 $\frac{1}{2}$	79	E.	c.
29	7	15	27	7	12 $\frac{1}{2}$	80 m.	S. S. E.	m. n.
	11	—	—	7 $\frac{1}{2}$	13 $\frac{1}{2}$	80	S. S. E.	m. n.
30	7	15	27	8 m.	12 $\frac{1}{2}$	82	S. S. E.	c.
	12	—	—	8 $\frac{1}{2}$	13 m.	81 m.	S. S. E.	m. n.

N. B. Explicação do Mappa. — O Thermómetro he o de Reaumur. — As pequenas linhas transversaes equivalem ao numero superior mais proximo.

N. = Norte. — S. = Sul.

E. = Este. — O. = Oeste.

N. E. = Nordeste. — N. O. = Noroeste.

S. E. = Sueste. — S. O. = Sudoeste.

N. N. E. = Nor-nord-este. — N. N. O. = Nor-nor-oeste.

E. N. E. = Es-nord-este. — E. S. E. = Es-su-este.

## Continuação do Mappa de Abril.

## T A R D E.

Dia do mez	Hor.	Alb	Barómetro.		Thermó-	Hygro-	Anemómetro.	Estado do Ceo.
			Pol	linh.	metrio.	metrio.		
					gr.	gr.		
25	1	15	27	8 m.	16½	74	S. O.	m. n.
	4	15	—	—	14	79	S. O.	c. t. ch. g.
26	1	30	27	8½	15	78 m.	N. O.	a. n.
	5	15	—	8	14½	79	N. O.	a. n.
27	3	45	27	7¾	13	77	N. O.	m. n.
	6	30	—	7 m.	11½	—	N. O.	m. n.
28	3		27	7 m.	13 m.	78	N. O.	m. n.
	7	15	—	7	12 m.	80	N. O.	m. n.
29	1	15	27	7½	13½	79	S. O.	m. n.
	7	45	—	7½	12 m.	82	S. O.	m. n.
30	3		27	8 m.	14	81 m.	O. N. O.	m. n.
	7	15	—	8½	13	83 m.	O. N. O.	m. n.

N. B. O Estado do Ceo a respeito de quantidade de nuvens he considerado dos quatro modos seguintes: 1.º a. n. — quando por acaso apparece alguma nuvem. 2.º p. n. — quando menos da metade do Ceo tem nuvens. 3.º m. n. — quando mais da metade do Ceo tem nuvens. 4.º c. — quando o Ceo está inteiramente coberto de nuvens.

m. (adiante dos algarismos) =  $\frac{1}{2}$

m. (no Estado do Ceo) = muita.

n. = nuvens. — nev. = nevoa.

c. = cuberto. — s. = sem.

a. = algumas. — v. = vento.

p. = pouca. — g. = granizo.

ch. = chuva. — t. = trovoada.

S. (no Estado do Ceo) = Sol.

m. a. p. = deve entender-se n'aquelle genero ou numero, em que estiver o substantivo seguinte.

*Corollarios das Observações Meteorologicas d'este mez.*

I.

A maxima subida do Mercurio no Barómetro foi de 28 polegadas e huma linha no 1.<sup>o</sup> d'este mez ás 2 e 5 horas da tarde.

II.

A minima subida foi de 27 polegadas e 2 linhas no dia 17 ás 6 horas da tarde.

III.

Em todo este mez sómente nos dias 9 e 13 foi constante a marcha do Barómetro; nos outros variou ora mais, ora menos.

IV.

A maxima subida do Mercurio no Thermómetro foi de 17 grãos no dia 6 ás 5 horas da tarde.

V.

A minima subida do Mercurio no Thermómetro foi de 11½ grãos no dia 19 ás 11 horas da manhã, e ás 7 no dia 20.

VI.

Sómente no dia 12 foi constante a marcha do Thermómetro; nos mais dias variou ora mais ora menos.

VII.

Não houve hum só dia em que fosse constante a marcha do Hygrómetro.

VIII.

A maxima humidade foi de 88 grãos nos dias 6, 7, 17, e 18.

IX.

A minima foi de 68 grãos no dia 23.

X.

Só nos dous dias 14, e 17 foi constante a marcha do Anemómetro; em todos os outros variou ora mais, ora menos.

XI.

Na maxima subida do Mercurio no Barómetro foi então o vento N. N. E. de manhã, e N. O. de tarde.

XII.

Na minima subida do Mercurio no Barómetro foi então o vento E. S. E.

XIII.

Na maxima subida do Mercurio no Thermómetro foi então o vento S. E., e de tarde N. O.

XIV.

Na minima subida do Mercurio no Thermómetro foi então o vento de manhã E., e de tarde N. E.

XV.

Em todo o mez houverão 13 dias em que o Ceo esteve claro sem nuvens; seis chuvosos; e em hum trovões, relampagos, e granizo.

XVI.

Observarão-se 7 dias, em que o Ceo esteve coberto de nuvens; e 4 o Sol entre nuvens.

## C H Y M I C A.

MEMORIA sobre a Barrilha; por Luiz de Siqueira Oliva: lida n' Academia Real das Sciencias de Lisboa no anno de 1806.

Não ha nenhum d'entre vós, Senhores, que não conheça a Barrilha, esta substancia, que todas as Nações civilizadas procurão com avidez, e cujos usos são tão necessarios, como multiplicados; he por sua intervenção, que nós conhecemos, e gozamos d'estes vasos crystalinos, que fazem o principal ornamento das sumptuosas mezas dos Grandes, e da meza sem fausto do rustico Agricultor; he ella, que principalmente entrando na composição das tintas, nos produz estas brilhantes, e modestas côres, que, estendidas sobre a superficie de hum tecido lanoso, ou fibroso, nos encantão a vista, e com suas multiplicadas variações, formão o gosto da moda, que tanto concorre para os progressos da Industria: he ainda a ella, que se deve aquella bem conhecida substancia, que unica concorre para a limpeza, e accio dos Cidadãos, renovando todas as semanas as roupas, que o uso tinhão tornado sujas, e por isso incapazes de servirem a seus indispensaveis usos; bem se vê que fallo do sabão, cuja maior extracção denota quasi sempre entre as Nações, tanto o estado de sua prosperidade, como o de sua melhor saude; e he sem dúbida, depois que o seu uso se multiplicou, que a lepra, e outras molestias cutaneas desapparecêrão insensivelmente da Europa: he finalmente a esta substancia, que se deve a composição d'immensos remedios, que feitos, e applicados por habeis peritos afixão a saude dos Cidadãos, e se faz por isso recommendavel aos olhos do verdadeiro Phylantropo. D'estes tão variados usos se pôde já vir no conhe-

cimento de quantos esforços devem fazer todas as Nações para possuírem huma substancia, que, logo que a não tem, he necessario procuralla a troco d'immense numerario, e cuja perda he sentida desde o Estado até ao ultimo dos Vassallos.

A melhor Barrilha conhecida he a que vem d'Alicante, e a apoz ella a de Genova, todas as mais são muito inferiores, e por isso tem hum uso limitado: Portugal, que faz hum consumo de milhões d'esta droga, a manda vir d'aquelle primeiro paiz; a qual, em razão da sua grande extracção, tem chegado a hum preço exorbitante; causa, que sem dúvida concorre bastante para a decadência d'aquelles Estabelecimentos, que tem por principal base esta substancia. Movido pois pelo interesse da Patria, e pela protecção do Illustrissimo Senhor Gerardo Wencesláo Braçcamp d'Almeida Castello-Branco, me propuz a fazer algumas indagações a este respeito, para ver se poderia resolver esta questão: — Portugal, tributario do Estrangeiro a respeito da Barrilha d'Alicante, terá ou não em seu seio plantas, que possam fornecer huma Barrilha, quando não em tudo igual á d'Alicante, pelo menos capaz de a supprir? — Creio havella resolvido affirmativamente, como abaixo se verá das minhas experiencias.

Primeitamente tratei de me informar se entre nós havia Barrilha do Paiz, e com effeito a obtive da Fabrica de Marvilla: dissolvi huma porção d'ella, fiz huma especie d'ensaio sobre a dita dissolução por meio dos reactivos; achei-lhe huma quantidade tão grande de sal marinho, e outros saes, que a *alkaliditez* ficava amortecida pela abundancia d'estes: por outro lado continha muita terra, e não formava huma substancia dura, e quasi vitrificada, como a d'Alicante; julguei, á primeira vista, que a causa de conter tantos saes, e terra, provinha da maneira de a queimar em covas salgadas, que, pela pouca exactidão dos que a fabricavão, se vinha ajuntar ao producto da combustão, o que depois a experiencia me ensinou não ser assim, como xereimos adiante: igualmente conheci a razão por que todos os Fabricantes tinham abandonado o uso d'esta substancia; os Saboeiros me dizião que o

sabão se não ligava com ella, o que necessariamente devia acontecer, logo que este se fabrica com agua salgada, e não ha o cuidado de lha extrahir, renovando a com agua doce: os Fabricantes de vidro achavão, que sua pasta senão vitrificava, e liquidificava homogeneamente; e os Tintureiros encontravão huma cor diferente d'aquella, que seus receituarios lhes indicavão.

Para vér pois se seria possível, ou melhorar a maneira de queimar esta mesma Barrilha, ou procurar nova planta, que melhor a fornecesse, me transportei ao lugar d'Alverca, aonde me dizião que se tinhão queimado, em outro tempo, as plantas maritimas; aqui procurei o homem, que melhor me pudesse instruir, o qual não teve duvida prestar-se para o dito fim; este homem, que creou, e conserva a escola, por assim dizer, de queimar a Barrilha, e cuja presteza, para quem nunca a vio queimar d'outra sorte, he admiravel, se chama João Nunes; creio que seu nome não [se deve perder; elle fez tudo, quanto seus conhecimentos podião avançar; mas não faria tanto, possuindo hum genio ordinario.

Não nos foi necessario pisar muito terreno para encontrarmos ás bordas do Têjo huma planta, que parecia ter alguns caracteres do genero *Salsola* de Linneo, e talvez a verdadeira Barrilha dos Hespanhoes: juntamente me informei com o dito homem das plantas, que costumava queimar, que erão as que elles chamão *Mate maurisco* ou *Morraça*, e *Espanta*; estas sempre, e mui raras vezes a *Salgadilha*, e *Primasola* de mixtura com aquellas: as duas primeiras, que, sem dúvida são duas variedades pertencentes á mesma especie, abundão immenso, a povoão todos os valados das terras visinhas ao Rio; nas Lezirias se servem d'ellas para accender o lume, e formar paredes nas propriedades; o gado recusa comellas: em quanto ás outras duas, são hum pouco raras, e por isso não se tinhão queimado á parte.

Tratei de fazer apanhar molhos de cada huma destas plantas, para n'ellas fazer meus ensaios particulares; o que fiz em casa de hum Boticario d'Alhandra, que voluntario me franqueou os ins-

trumentos, que possuia. Minha intenção era de fazer huma analyse completa dos principios fixos d'estas plantas, para depois as comparar entre si, e saber qual d'ellas melhor nos conviria; porém, infelizmente, os instrumentos, e substancias reagentes me faltavão, e com bastante mágoa apresento aqui algumas idéas desligadas da natureza d'estas plantas, que apezar d'isso farão conhecer ao menos a razão da preferencia de humas entre outras, para o fim, a que nos propunhamos em nossas observaões.

#### DO MATOMOURISCO OU MORRAÇA.

Esta planta, arbusto, he conhecida em Botanica debaixo do nome de *Paspalum Cynosuroides*.

##### Experiencia 1.<sup>a</sup>

Primeiramente exprememos a parte tenra d'esta planta, fizemos ferver a parte liquida, para separar a fecula por meio do filtro; deixámos esfriar o licor, que medido nos deu duas cañadas, pesando cinco arrateis e quarta, e ao areómetro dava onze grãos; este licor não era acido, nem alcalino; e pelos reactivos lhe observámos muito acido muriatico, bastante sulfurico, muita magnesia, e quasi nenhuma cal: passámos depois a evaporar todo o licor, recolhemos o primeiro precipitado, e continuámos a evaporar o resto: quando tudo tinlia tomado consistencia pastosa, o tirámos do fogo, e calcinámos os dous productos separadamente; o primeiro precipitado não tinha fórma salina, nem mesmo era salgado, era antes, pelo contrario, insipido, mas em fórma de huma substancia vegetal, muito dividida, e á maneira do que chãmo vulgarmente *polme*: o segundo da ultima evaporação era, pelo contrario, salgado; durante pois a calcinação observámos hydrogenio sulfurado ao principio, e depois oxygenio, e tudo a final se tornou branco, e mesmo se vitrificou em parte: todos estes dous productos assim calcinados pesavão 40 outavas, e por

consequente, o que falta para se completarem os cinco arrateis e quarta, se deve attribuir á separação das substancias vegetaes reduzidas pela combustão a gazes, e a agoa, que todo o succo das plantas contem naturalmente.

Dissolvemos depois cada hum d'estes productos de per si, filtrámmollos, e evaporámmollos para crystalisarem; o primeiro nos deo huma muito pequena quantidade de carbonato de soda, que pesava quatro outavas: o segundo nos deo sal marinho, sulfato de soda, sulfato de magnesia, e sulfato de potassa em muito pequena quantidade, não decompostos pela combustão, que pesavão 22 outavas; o que falta para completar as 40 outavas tinha ficado no filtro, por se não ter dissolvido; e deve attribuir-se á cal, e ao carbonato de magnesia, ou outras terras, que são pouco dissoluveis, como *alumina*, ou mesmo *silice*. D'esta experiencia se conclue naturalmente, que a parte liquida d'esta planta, que he justamente a que deve fornecer mais alkalino, contem de soda real huma tão pequena quantidade, e huma tão grande de saes, e terras, que não merece a pena de se queimar para se fabricar a Barrilha, e, o que he mais singular, que o succo d'esta planta parece ser o mesmo que a agoa salgada, com a pequena differença das substancias vegetaes, e do carbonato de soda.

#### DA ESPANTA.

##### Experiencia 2.<sup>a</sup>

Esta planta differe pouco da precedente, em Botanica he conhecida debaixo do nome igualmente da precedente, de que parece ser huma variedade.

Cresce nos lugares, aonde a antecedente existe; fazendo d'esta a mesma analyse, nos deo os mesmos productos com pequena differença; e escusado será gastar o tempo em referilla.

## DA SALGADILHA.

Experiencia 3.<sup>a</sup>

Esta planta, que os Botânicos chamão *Halimus*, pertence ao genero *Atriplex*. He muito succosa, não gosta de ser banhada pelas agoas salgadas: em quanto á sua analyse, contem igualmente muitos saes, mas não são em tão grande abundância, e parece ser huma planta capaz de produzir huma Barrilha de segunda ordem.

## DA PRIMASOILA.

Experiencia 4.<sup>a</sup>

Esta planta, que parece ter todos os caracteres da verdadeira Barrilha, e que os Botânicos chamão *Salsola Soda* he hum pouco rara; cresce muito nas terras salgadas, que não são continuamente banhadas pela maré: gosta muito d'existir solitaria, e que as terras sejam hum pouco ligeiras, para poder estender sua raiz perpendicularmente, e pompar o succo salgado, que a terra lhe offerece talvez n'hum estado já differente d'aquelle, em que ella se acha nas agoas do mar: esta planta, entre nós, amadurece no mez de Novembro.

Tres quartilhos pois do succo d'esta planta, que pesarão dous arrateis, dando seis grãos pelo arcómetro, fervido, e separada a fecula, e fazendo n'elle experiencias com os reactivos, achámos logo huma differença notavel, contendo sim os mesmos principios salinos, mas em huma quantidade muito pequena, em comparação dos das outras plantas: tratámos de evaporar tudo, até consistencia de mel, lançámos-lhe espirito de vinho para ver como se comportava, mettendo tudo em hum vaso de vidro, que agitámos continuamente, e a final deixámos repousar: no outro dia observámos hum grande precipitado indissolúvel, que separámos do resto do licor, lavámollo ainda com espirito de vinho,

para lhe dissolvermos tudo o que fosse susceptivel de dissolver-se; este precipitado, assim indissolúvel, era *pulverulento*, como o primeiro precipitado da primeira planta: não tinha sabor algum; sobre os carvões se comportava como as substancias vegetaes, sem dar indícios alguns de ser de natureza salina: por não termos outros meios de fazer a analyse d'esta substancia, a calcinámos muito ligeiramente, cuidando não alterariamos consideravelmente seus principios; e assim, apenas secca, e carbonisada hum pouco, a tirámos do fogo, lançámos-lhe agoa para a dissolver; filtrámos sua dissolução, e no filtro ficou huma substancia negra muito leve, que era carvão, e o liquido, com bastante admiração nossa, depois de convenientemente evaporado, nos forneço crystaes de carbonato de soda puros sem mistura d'outros saes, que, em muito pequena quantidade, se tinham dissolvido no alcool, juntamente com a parte extractiva da planta, do que nós nos assegurámos, calcinando este liquido, depois de bem evaporado, dissolvendo-o em agoa, evaporando esta, até que os saes podessem pelo esfriamento seccar-se: estes, que são da mesma natureza que os das mais plantas, erão em pequena quantidade em proporção do carbonato de soda. Não ajuntamos aqui as quantidades de cada hum d'estes productos da analyse, pois operando nós sobre vasos de barro, pelos póros d'estes se nos perdêrão parte d'estas substancias, ainda que nós obtivéssemos com effeito estes resultados, que affirmamos existirem nas proporções, que referiremos. Devemos finalmente advertir, que nem durante a calcinação, nem depois nos licores dissolvidos do total d'esta planta, não observámos hydrogenio sulfurado, nem enxofre, ou sulfuro, qualidade esta preciosa; e que faz com que esta planta, e sua Barrilha, deva ser eminentemente boa para a tinturaria, pois, como bem se sabe, este gaz altera consideravelmente todas as côres, aonde entrão dissoluções metálicas.

Conclusão sobre a analyse das plantas.

Do que temos dito se conclue: 1.º Que as tres plantas *Matomourisco*, *Espanta*, e *Salgadilha*, por isso que são summamente salgadas, são incapazes para a fabricação da Barrilha, visto que estes saes, de que he impossivel desembaraçallas, sem muita despezas, tornão quasi nenhuns os effeitos, que se desejão achar n'esta substancia; e d'aquí vem a razão, porque a Barrilha, dita da terra, tem tido pouca extracção, e mesmo deixou de se fabricar ha muitos annos.

2.º Que a *Primasoila* he a unica d'estas, que parece, e com effeito reúne todas as qualidades de produzir huma boa Barrilha, tanto porque não contem enxofre, ou sulfuros hydrogenados, como porque tem muito poucos saes estranhos, e finalmente porque pertence ao genero *Salsola Soda* de Linneo.

3.º Se segue igualmente que as plantas maritimas muito succosas, e que dão mais grãos ao areómetro, parecem ser as menos alkalinas, e mais salgadas: que, pelo contrario, as menos succosas, e de menores grãos ao areómetro, parecem ser as mais alkalinas; e que a razão da differença se pôde julgar existir na estructura differente dos vasos absorventes das mesmas plantas, os quaes n'humas sendo, por assim dizer, mais grosseiros pompão, com menos distincção, todo o succo, que a terra lhes apresenta; e d'aquí vem sem duvida, porque o çumo do *Matomourisco* parece ser, com pouca differença, o mesmo que o liquido do mar: quando, pelo contrario, outras tendo os vasos mais delicados, e de differente estructura absorvem com escolha aquelles principios, de que simplesmente necessitão, e rejeitão os superfluos: d'aquí vem igualmente, porque a *Primasoila*, que sem duvida se nutre no mesmo solo, em que o *Matomourisco*, não contem em seu succo os mesmos saes nas mesmas proporções; a pezar de que estes se apresentassem ás suas raizes nas mesmas que ao *Matomourisco*.

4.º Concluiremos igualmente que a Soda das plantas mariti-

mas, que a combustão fórma, ou desenvolve, se acha principalmente no liquido da planta, e n'este no primeiro precipitado, que se observa durante sua evaporação, ou tendo-se tudo evaporado juntamente, na parte indissolúvel pelo Alcool: substancia esta não salgada, em fórma pulverulenta, cujo character essencial, além d'estes, he o de dar, pela mais fraca combustão, carbonato de soda. Esta experiencia não sei que tenha sido atégora feita por algum Chymico, e ainda que nós a não levassemos a hum grão de perfeição, que outras observações com mais tempo, e outros instrumentos poderião fazer, lança com tudo bastantes luzes para poder-se hum dia conhecer o grande mysterio da formação da Soda nos vegetaes maritimos.

(Continuar-se-ha.)

## M E D I C I N A.

### HOSPITAES.

Londres 21 de Abril.

**E** Difica-se hum novo Hospital para dementes curaveis, e incuraveis, nos arrabaldes de *St. George-Fields*. Lord Maire, em grande pompa, e com as ceremonias do costume, lançou a primeira pedra do Edificio.

*Balanço do Hospital Real de S. José de Lisboa do mez de Março de 1812.*

#### Doentes.

Ficárão do mez de Fevereiro . . . . . 625  
Entrárão em todo o mez de Março . . . . . 644

Somma - 1:269

Sahirão curados . . . . . 476  
Falecérão . . . . . 110 } 586  
Ficárão para Abril . . . . . 683

Morreo menos da quinta parte.

## Dinheiro.

Saldo do último de Fevereiro . . . . .	6:143:414
Receita em todo o mez de Março . . . . .	8:633:265
	<hr/>
Somma —	14:776:679
	<hr/>
Despeza em todo o mez de Março . . . . .	8:058:025
Saldo para o mez de Abril . . . . .	6:718:654
	<hr/>

Se soubessemos o numero das existencias diarias, diriamos quanto em totalidade importava diariamente a despeza de cada docente.

## Longevidade.

Londres 17 de Março. — Anna Thomaz, Preta, na Jamaica, morreo em Novembro passado na idade de 132 annos, conservando todo o tino até ao dia da sua morte.

## Fecundidade.

Petersbourgo 23 de Fevereiro. — Huma Aldeã de Sashelka deo á Luz ha pouco dous meninos e duas meninas, todos quatro e a mãe gozão perfeita saude.

## Vaccina.

Londres 7 de Abril. — O Conselheiro da Corte Brodsky, na Russia, proprietario de terras no circulo de Constantino-grande, governo de Pultewa, introduzio nos seus dominios a vaccinação dos carneiros pelo seguinte methodo facil e seguro:

Enfia-se na ponta da orelha do carneiro hum fio embebido na solução do *virus vaccino*: fica o fio; e passados dias, apparecem os mesmos symptomas que no menino vaccinado. Segundo o mesmo Brodsky o melhor tempo para esta operação he o mez de Setembro.

Em premio do zelo d'este digno Vassallo S. M. o Imperador da Russia o nomeou Cavalheiro de S. Wadimir da 4.<sup>a</sup> Classe.

## DO PHOSPHORO COM O MEDICAMENTO.

Apresentaremos : 1.<sup>o</sup> Authoridades , e factos estrangeiros a favor do uso interno do *phosphoro* no tratamento das molestias, consequencia de prostração de forças. 2.<sup>o</sup> Authoridades , e factos estrangeiros , que depõem negativamente sobre o mesmo uso. 3.<sup>o</sup> Caso , em Lisboa , a favor do uso interno do *phosphoro*. Comparação dos dous oppostos Partidos. Resultado positivo d'esta comparação. 4.<sup>o</sup> Preparações do *phosphoro* mais accommodadas ao uso interno. 5.<sup>o</sup> Dose no mesmo uso interno. 6.<sup>o</sup> Noticia de outros Medicamentos *phosphoricos* , e seu uso em particular. 7.<sup>o</sup> Modo de obter o *phosphoro*. 8.<sup>o</sup> Suas propriedades chymicas e physicas. 9.<sup>o</sup> Outros usos. Phenomenos mais notaveis.

## I.

*Authoridades e factos a favor do uso interno do phosphoro no tratamento de molestias de prostração de forças.*

Entre os elogiadores das maravilhosas virtudes do *phosphoro* ha nomes de Personagens mui distinctas, taes como Kramer, Wather, Mentz, Reus, Bœnnken, Morgenstern, Hartmann, Anchemwitz, Barchewitz, Crantz, Leroy, Lecointre, Conradi de Northeim, Handel, Wolf, etc.

*Leroy* teve sempre por mui suspeito o uso interno do *phosphoro* : a experiencias não se resolvia ; até que chamado para huma doente , achou huma agonisante , em quem senão podia esperar de vida mais de cinco ou seis horas : havia tres annos que a sua *menstruação* tinha cessado , e começado aquella molestia , que a tinha nas bordas da sepultura. *Leroy* recordando-se então da grande actividade do *phosphoro* , e de que seus máos effeitos , se os produzisse , já não erão de grande consequencia ; no seu proprio laboratorio lançou hum pouco de *phosphoro* em agoa , juntou-lhe algum xarope , e mandou , alta noite , este remedio á agonisante. No dia seguinte avisarão *Leroy* de que a doente ainda vivia , e até se achava melhor. Foi huma surpresa para o Medico , que visitando-a continuou na applicação do remedio , e a mulher viveo mais de quinze dias ainda (\*).

(\*) He muito mal feita , ou ao menos muito mal contada , esta observação. Não se sabe a idade da mulher , a sua constituição , a sua molestia individualmente , os remedios , que se lhe tinham applicado , os symptomas , que tão máo estado attestavão ,

Leroy, resolvendo-se a experiencias, deu *phosphoro* a muitos animaes em doses de espantar; e os effectos diminuirão o seu medo.

Authorisado com estas observações Leroy attendeo mais as dos Alemães a este respeito; notou que elles tinham administrado esta substancia internamente, e na dose até de doze grãos nas febres malignas. Este Medico, desejando experiencias bem proprias, tomou elle mesmo tres grãos de *phosphoro* em *theriaca*, que por duas horas lhe fez incommodos extraordinarios: bebeo frequentemente pequenas doses d'agoa fria; e passadas poucas horas achava-se no seu natural. As suas urinas erão muito encarnadas; no outro dia porém as forças musculares achavão-se consideravelmente augmentadas, e sentio huma irritação venerea insupportavel (\*).

Leroy ficou então convencido de que o *phosphoro* se podia applicar internamente, mas sempre com muita circunspecção e prudencia: e este remedio ficou hum dos seus favoritos em todos os casos agudos e chronicos d'extremo abatimento.

Hum velho, de 87 annos, Tio de Mme. de Fourqueux, em quem a vida parecia ir a extinguir-se por momentos, restabeleceose, e viveo ainda 7 annos, o melhor que se podia esperar da sua idade, debaixo do seguinte tratamento, dirigido pelo mesmo Leroy:

Seis onças de diferentes agoas aromaticas destilladas, huma onça de oleo com tres grãos de *phosphoro* em dissolução; duas onças de xarope: tudo isto misturado, e tomado na dose de tres colheres por dia. Tomava além d'isso duas vezes por dia, pouco antes do comer, oito gotas de *ammoniac*o (espírito de sal ammoniac), em hum copo d'agoa aromatisada, e com assucar.

Hum homem de 24 annos de idade, depois de diferentes causas debilitantes, foi, em Paris, atacado de huma febre *podre* (*adynamica*), no principio de Julho de 1799: os symptomas erão abatimento de forças consideravel, pulso mui raro, escarro de sangue, falta de calor no peito, vômito de colera ao principio amarella, depois verde, e como ferrugem. Parecia que o prin-

a dose, e vezes em que o *phosphoro* se applicou, em que consistião essas melhoras depois do uso do *phosphoro*, etc. Desgracadamente quasi todas as observações, assim a favor como contra o uso do *phosphoro* são contadas com a inexactidão d'esta.

(\*) Pelletier lançando agoa em huma bacia de cobre, que tinha tido *phosphoro*, por acaso huns patos beberão d'ella; e todos morrerão envenenados; mas com a singularidade, que o macho foi de tal sorte provocado a cobrir as femeas que morreu primeiro que todas ellas. Huma porção d'aquelle *phosphoro* tinha dissolvido huma parte do cobre, ficando assim hum refinado veneno.

cipio da vida estava totalmente esgotado, e que os humores estavam em dissolução. Todos estes symptomas foram crescendo cada vez mais apesar dos soccorros, que parecião os mais appropriados; tudo chegou a ponto de parecer quasi destruida toda a sensibilidade.

Applicárão-se-lhe *vesicatorios*; e a carne debaixo da *cuticula* levantada era pallida e insensivel. Mal podia mover-se; não chegava a abrir os olhos, mesmo quando o agitavão; levantando-se-lhe as palpebras vião-se-lhe as *pupillas* mui dilatadas: a lingua mucosa e entumecida não podia sahir da boca: os joelhos, as côxas, as faces, e as mãos tudo estava frio: havia tres dias que as evacuações alvina, e da urina erão involuntarias: a decomposição dos humores parecia ter chegado ao ultimo periodo; e o seu corpo exhalava já hum cheiro cadaverico: a chaga dos vesicatorios o o eseroto ião-se dispondo para gangrena. Será difficil ter exemplo de huma podridão tão exaltada em corpos vivos. *Leroy*, Medico assistente d'este doente, achou que estas erão as circunstanças, em que o *phosphoro* estava melhor indicado, e em que os seus effectos, quando salutiferos, erão o menos equivocos possivel.

Dous grãos de *phosphoro* diluidos em huma collier d'oleo de linhaça, misturado com duas onças de *loach* composto com a agoa, em que o *phosphoro* se tinha infundido, eis-aqui o remedio, de que o doente tomou huma colher todas as horas da noite de 23 de Julho. Na visita da manhã achou *Leroy* calor, pulso restabelecido, suppuração nas chagas dos vesicatorios, sensibilidade nas pernas. Informárão os enfermeiros que á medida que lhe ião administrando o remedio, o tinhão sensivelmente visto voltar á vida. Hum dos enfermeiros teve hum susto extraordinario, quando, dando este medicamento longe da luz, parte d'elle tinha cahido sobre a barba do doente, e pareceo-lhe fogo.

No dia seguinte, já o doente pedia ir á cadeia, e governava na evacuação da urina. Houve então algum *delirio*, e augmento de febre, que *Leroy* olhou, como presagio feliz. Repetio-se o remedio seis vezes no espaço de sete dias, a ultima foi em clyster. Desde esta época o doente melhorava de dia a dia, até que se restabeleceo perfeitamente.

*Leroy* e *Lecointre* applicárão sempre com utilidade o *phosphoro* nas febres malignas; nos doentios effectos dos prazeres de *Venus*; em casos de *rheumatismo*, gota, molestias pituitosas, agudas, e chronicas, e grande numero de *affecções nervosas*.

*Handel* creê no *phosphoro* para a cura da *epilepsia*; elle cita o exemplo de huma menina de idade de 16 annos, de huma constituição delicada, e de hum character mui colérico: huma mui pequena causa suscitava n'ella *cardialgias*, cólicas violentas, ás quaes succedião *convulsões epilepticas*. Tinhão-se tentado inutilmente

todos os meios de cura. Hum dia, em que ella devia tomar huma infusão d'hortelã apimentada, bebeo por engano huma onça d'água de huma garrafa, que continha *phosphoro*. Assegura-se que ella não teve mais paroxismos. *Handel* fez então experiencias do *phosphoro* na *epilepsia*, e cita novos exemplos de cura radical.

Das observações apresentadas por Mr. Gauthier-Glaubry resulta que o *ether phosphorado*, administrado na dose de algumas gotas por dia, nos casos de *paralysis* e *atonia* extrema com infiltração teve successos tão espantosos, como rápidos.

*Alibert* notou em huma mulher expirando de hum *escorbuto* inveterado intervallos de melhora muito sensivel: pareceo que as suas forças se levantáráo pela acção do *phosphoro*.

*Leroy* affirmou finalmente depois das suas proprias e reiteradas experiencias, e das de *Lecoindre*, Medico no Hospital de *Rambillet*, que nunca tinha achado o *phosphoro* nocivo; que muitas vezes elle tinha sido de huma grande vantagem; e se algumas vezes inutil, era só quando o homem tinha já começado a morrer.

II.

*Authoridades e factos que depõem negativamente sobre a utilidade do uso interno do phosphoro.*

O Dr. *Brera*, Medico de *Pavia*, querendo augmentar as provas da utilidade do novo medicamento, *phosphoro*, applicou dous grãos dissolytidos em mucilagem de *gomma arabica* por quatro vezes a huma mulher atacada d'*hemiplegia*; teve porém na desgraça de a ver morrer em pouco tempo atormentada de agudas dores.

Anatomisando-a observou nos intestinos signaes e videntes de *phlogose*; e para evitar ensaios tão funestos, confessou publicamente o erro, em que tinha cahido, e publicou ao mesmo tempo reflexões sobre o uso interno do *phosphoro*.

Depois Mr. *Charles Giulio*, Professor de *Physiologia* em *Turin* provou os perniciosos effectos do *phosphoro* tomado internamente com experiencias repetidas sobre animaes assim de sangue quente, como frio: as primeiras forão feitas em *frangos*: hum frango, a quem fez engolir dous grãos de *phosphoro*, em poucos minutos aprêsentou signaes decisivos de incommodo; olhos fechados, cabeça inclinada, crista e paleares frios, corpo tremulo, e a respiração difficil: pouco depois seguirão-se alternadamente o *lethargo*, e a *convulsão*; e o animal morreo dentro em quatro horas. Abrindo-se-lhe o papo desenvolveo-se hum *fumo phosphorico*; e os intestinos observáráo-se cheios de manchas vermelhas e lividas na extensão de 12 a 14 polegadas. Outros *frangos*, a quem fez engolir  $\frac{1}{2}$  ou  $\frac{1}{4}$  de grão, ou doses ainda mais pequenas, morrêráo em pouco tempo com symptomas analogos, mas em es-

paços desproporcionaes ás quantidades de *phosphoro*. Fez as mesmas experiencias em *pardaes*, e morrerão promptamente. Nem sempre se notávão signaes de *phlogose* nos intestinos. Os cadáveres parecião dispostos a huma prompta decomposição.

He notavel que os *frangos* obrigados a beber em grande dose agou, em que o *phosphoro* tinha estado de infusão por muito tempo, e que conservava cheio manifesto áquella substancia, não sentissem incommodos, antes mostrassem mais fogo e viveza.

O effeito do *phosphoro* não he menos deleterio sobre os animaes de sangue frio: as mais pequenas porções d'esta substancia introduzidas na boca de algumas *rãs*, e em contacto com a sua superficie interna por alguns minutos; simples vapores *phosphoricos*, que as *rãs* á violencia inspiravão por mais ou menos tempo, bastarão a dar-lhes a morte; e seus cadáveres sujeitos logo á acção do Galvanismo, ou não dérão signaes de contractilidade, ou os dérão mui fracos, e por mui pouco tempo.

Huma das observações recolhidas por *Weikard* he que hum Judeo, em consequencia de hum ataque violento de *apoplexia*, tinha perdido o uso da voz, e o movimento de huma das pernas; e posto que o appetite se conservasse, tinha huma teimosa constipação de ventre. Todos os soccorros ordinarios tinham sido inúteis. *Weikard* tentou o *phosphoro* dando ao doente dous grãos incorporados em huma conserva: no outro dia augmentou-se a dose até tres grãos em *mel*: elle se propunha augmentar progressivamente, quando de repente, e pela meia noite, o estomago do doente se agitou por *contractões violentas*, etc.: applicou-se-lhe então hum *vesicatorio*, e huma bebida mucilagínosa. O rosto do doente anhupciava hum estado de dôr extrema: quatro dias depois morreu. De este successo affligio muito a *Weikard*.

*Darwin* conta que hum homem fôra repentinamente atacado de insupportavel sentimento de calor no estomago, pulso fraco mas não frequente, rosto livido, dôr de ventre mesmo a ligeiro toque, vomitos continuos, com que finalmente lançou até algum sangue. Nunca declarou causa alguma para esta repentina molestia: dizia porém que emeticos de certo a curarião: applicação-se-lhe dous: mas elle não cabo de cinco ou seis dias de molestia morreu. Hum Boticario declarou então que elle tres dias antes que adoecesse lhe tinha mandado fazer humas pilulas de quatro grãos de *phosphoro* com conserva, a fim de augmentar-lhe o appetite venereo. Julgou-se que tomaria ametade das pilulas pouco mais ou menos.

*Alibert* examinando as razões de ambos os partidos assim a favor como contra a applicação interna do *phosphoro*; a fim de sentenciar fundamentalmente instituiu tambem competentes experiencias; entre ellas ha que hum homem de 44 annos de idade fez-se *epileptico* pelo terror, consequencia da morte repentina de

humã pessoa, que elle muito estimava. Os ataques amudavão, e tinhão de tal modo enfraquecido o doente, que se achava em hum *marasmo* extremo. Havia tres annos que a molestia tinha começado; péorava sempre a despeito dos medicamentos *antispasmodicos*, que todos se tinhão ensaiado. *Alibert* fez administrãr então hum grão de *phosphoro* muito e mui habilmente triturado em humã mucilagem de gomma Alcatira. Esta preparação ministrou-se por muitas vezes no espaço de 24 horas, e continuou-se perto de hum mez. O doente não melhorou; ao contrario as suas digestões fizerão-se mui laboriosas; e vivia atormentado de *flatos* e *cólicas*. Os movimentos *epilepticos* continuavão na fórma do costume. Como esta teve *Alibert* mais cinco observações.

### III.

*Caso, em Lisboa, a favor do uso interno do phosphoro. —*  
*Comparação dos dous oppostos partidos. — Resulta-*  
*do positivo d'esta comparação.*

A Ex.<sup>ma</sup> S.<sup>ra</sup> D.<sup>na</sup> *Joaquina de Sousa Salema* padecia, havia muitos annos, frequentes vertigens, dores lombares, constipação de ventre, e em geral todos os *symptomas*, que costumão sobrevir a *hemorrhoidas*. Sendo frequente a exacerbação d'estes *symptomas*, costumava ser sangrada repetidas vezes, até que, tendo esta Senhora avançado em idade, temeo-se a continuação de semelhante remedio. Erão já completos 80 annos de idade, e a sua constituição, ou estado de vida geral, se iderentrapas de ventre, era conforme com a idade, e progressiva fraqueza, com que a circulação se fazia principalmente no systema da veia das portas. Foi n'estas circumstancias que no anno de 1807 foi accommettida de humã *hemiplegia*: porém sendo de prompto soccorrida pôde restabelecer-se hum pouco de maneira que chegou a dar alguns passeios, ainda que encostada a outra pessoa. No decurso de dous annos e meio continuou a soffrer muitas repetições da molestia, sendo tres ataques bastantemente fortes: em todos estes se foi conhecendo cada vez menos actividade nos diversos estimulantes, que judiciosamente se lhe aconselhão. Tanto podia a progressiva decadencia da vitalidade, o habito dos estímulos anteriores, e em humã palavra a infallivel destructibilidade para que todos machamos, e a que a natureza condemnou todos os entes organicos! N'este estado cada vez mais falta de forças geraes, impossibilitada já de andar, pois que a perna, além de immovel, estava retrahida, foi então, no mez de Agosto de 1809, novamente atacada de *hemiplegia*, porém no lado opposto ao dos ataques anteriores. Tomou portanto a molestia toda a generalidade possível, e a excepção das funções intellectuaes, que pouco mais se alte-

rário do que a sua idade permitia; todos os outros órgãos estavam mais ou menos paralyzados; a bexiga urinária era hum dos que mais padecia; chegando a suspender-se inteiramente a saída da urina.

Tratava d'esta Fidalga o Dr. José Pinto de Azeredo, hoje defuncto, e que exercitou a sua Profissão medica em Angola primeiro, depois em Lisboa, com muita intelligencia, e igual honra. Requereo-se huma conferencia para esta Senhora; e para ella fomos rogados, e concorremos Romão José Nunes, e nós. O Assistente tendo exposto a molestia, e todo o seu tratamento até aquelle momento, prognosticou de morte inevitavel, e não se enganou ainda mal. Tendo corrido sem fructo a extensa e importantissima classe de medicamentos estimulantes lembrou o *phosphoro*: analysou as principaes opiniões e experiencias a este respeito; e allegou com a sua propria e seguinte experiencia.

José Antonio de Couto, que em Lisboa exercitou com muitos creditos a *Arte obstetricia*, padecia, havia alguns annos, os incommodos de fraqueza de estomago, fraqueza, que progressivamente foi apparecendo nas demais entranhas de ventre, e a que se seguia dor nas articulações, e até mesmo *paralysias* parciaes, como foi em musculos motores dos olhos. A maior extensão, que tomáron os torpores abdominaes, foi reputada a causa d'esta *arthritis* e *estrabismo*; concorrendo para o augmento de tudo os frequentes purgantes, e ás vezes drasticos, que o doente, persuadido de outra therapeutica, e capitulo da molestia, pelo seu unico voto, tomou fora de proposito; como attestão os Professores, que em diversas occasiões lhe assistirão. Erão também notaveis os amiludados movimentos convulsivos, que muitas vezes erão substituidos por immobilidades *paralyticas*; o que bem provava o abatimento do centro nervoso, e a falta de regularidade das suas irradiações.

Remediáron-se estes incommodos por vezes com o auxilio de medicamentos estimulantes, e com todos os que se julgáron apropriados ás circumstancias; porém huma ou outra vez, que o doente se purgava, era certa a recahida. Em huma d'estas, além dos symptomas referidos, apparecia nas ourinas hum grande deposito calcareo; o systema urinário participava consideravelmente do entorpecimento; que n'este doente era já tão geral: tinhão-se applicado inutilmente todos os estimulantes, e foi então que n'estas circumstancias que o Dr. Azeredo se lembrou do *phosphoro*; aconselhou-o; e a sua lembrança foi em hora tão feliz que depois do uso d'este remedio o doente se reputou perfeitamente curado, ao menos o extraordinario deposito calcareo das urinas cessou, e o systema nervoso em geral, e em particular nos órgãos entorpecidos, adquirio huma melhoria tão real que o doente se julgou curado.

N'este estado se achava a Couto, quando se fazia a conferencia, de que tratamos: porém passados tempos, e pela repetição dos purgantes, uso dos banhos mornos, e outras irregularidades de tratamento medico, segundo agora nos referem, as *paralysias*, augmentarão em força e extensão a ponto de terminarem a vida d'este Professor.

Todos nós tínhamos presentes os incommodos, ás vezes horrorosos e mesmo fataes, que o *phosphoro* tinha produzido nos casos já referidos e em muitos outros: como porém este era hum caso absolutamente desesperado não só a respeito da cura d'aquella Senhora, mas da possibilidade de durar muitos dias; como ás observações e as experiencias de *Leroy* em si, e em varios doentes de prostração de forças apresentarão quasi uniformemente o *phosphoro* como hum remedio eminente para tal qualidade de molestias; conformando-se exactamente em observações, em experiencias, e em opiniões *Leroy* e muitos outros Medicos não só da mesma Nação, mas da *Alemanha* (na mão de quem, he verdade, tantos remedios extraordinarios produzem efeitos mais extraordinarios ainda), e de outras Nações; como o exame das observações e experiencias do *partido* contra o uso interno do *phosphoro* não he tão atemorizador, como os resultados, que o mesmo *partido* d'ellas tira; como nas observações e experiencias do mesmo *partido* opposto ha até, que os frangos, que tomirão hum pequena quantidade de *phosphoro*, como succedeo aos que bebérão da agua, em que o *phosphoro* tinha estado d'infusão, e tinha hum ponto do cheiro d'aquella substancia, mostravão e com effeito tínhão maior vigor e viveza; como finalmente depunha a favor do uso interno do *phosphoro* a experiencia do companheiro, hoje de saudosa memoria encontramos unanimemente em que se applicasse aquelle medicamento á *Ex.<sup>ma</sup> S.<sup>a</sup> D. Joaquina* filha de *Sousa Salema*, com a circunspecção a todos os respeitos, que o caso aconselha, e o assistente propunha. Prescreveo-se pois hum grão de *phosphoro* em huma librá de hum liquido mucilaginoso; e recommendou-se que se administrasse huma colher de meza d'este liquido; mas que outra colher se não dèsse sem nova visita do assistente. Seria talvez huma desgraça! não appareceo nem nas Boticas Portuguezas, nem nas Inglezas de Lisboa o *phosphoro*, com que a receita se aviassé. A *S.<sup>a</sup>* doente ficou privada do bem, que não era absolutamente impossivel d'ali lhe resultasse: e nós ficámos privados além d'esse bem de huma observação mais, ou a favor ou contra o uso interno do *phosphoro*.

Tornando-se por tanto de dia em dia mais poderosas as causas da molestia, interrompida a mutua harmonia e associação das funcções, chegou por ultimo, como era de esperar, a total extincção da vida no dia 19 de Setembro de 1809.

Ainda que este caso nada adianta as observações sobre o uso

do *phosphoro* como medicamento, julgámos conveniente referillo, porque mostra hum dos casos, em que nos pareceo que o *phosphoro* sustentaria por algum tempo mais a vida da doente, e porque dos symptomas, que apparecêrão n'esta molestia, se podem tirar induções sobre as circumstancias, em que segundo o nosso parecer se poderão continuar as observações sobre a applicação do *phosphoro*.

A falta que por occasião d'esta molestia soubemos haver de *phosphoro* em Lisboa, e que ainda hoje ha, deo motivo a concluirmos estas observações medicas com a descripção das propriedades physicas e chymicas, e o modo de obter esta substancia, para assim mais facilmente se poder encontrar nas Boticas, e estar á disposição dos Professores, que pertenderem applicar o *phosphoro*.

Esta substancia he de grandissima actividade: se se declararem bem, e bem sem equívoco, as suas virtudes medicinaes; se se individuarém bem as circumstancias, que a indiquem; se se determinar com a possível precisão sua conveniente dóse; se se ensinar a preparação, a mistura, ou combinação, que lhe corrigão algum vicio, se ella o tem essencialmente, e fação mais energicas as suas virtudes: se tudo isto se verificar, fica a materia medica com hum medicamento mais, que em nada cederá talvez ao opio, e que terá muitas vantagens sobre este já mui provado remedio.

He portanto muito para desejar, e nós o rogamos, que os Medicos Portuguezes tomem em consideração esta importante materia, e nos communicuem, para as publicarmos, algumas observações practicas, que a respeito do *phosphoro* tenham collido, ou que para diante fizerem; levando em vista que a grande acção estimulante em geral, e muito em particular sobre os orgãos da geração distingue eminentemente esta substancia.

**Preparações do Phosphoro mais accommodadas ao uso interno.**

Ha huma grande difficuldade em moer e attenuar o *phosphoro* sem que elle se inflamme. Léroij lançava-o em agoa muito quente, em que elle se funde; agitava-o violentamente e elle se dividia, como o oleo, em hum numero incrível de pequenos globulos; lançava-lhe agoa fria, e o *phosphoro* se precipitava então em pó; tomava d'este pó hum grão ou dous de peso, que misturava com assucar, e huma gota ou duas de oleo, e huma pequena porção de gemma d'ovo; tudo em almofariz de vidro, mettido em agoa bem fria, ou em gelo, continuando a operação até se fazer hum *Loche*.

O mesmo *Leroy* dava algumas vezes o *phosphoro* em huma mistura de oleo, xarope, e agoa distillada aromatica.

O mesmo applicou tambem tres colheres por dia de huma mistura de seis onças de diferentes agoas aromaticas destilladas, huma onça de oleo com tres grãos de *phosphoro* em dissolução, e duas onças de xarope.

Mr. Hufeland usava da formula seguinte :

De Phosphoro	_____	dous grãos
Agoa da fonte	_____	seis onças
Mucilagem de gomme arabica	_____	Q. S.
M. exactamente,	e por huma longa trituração	
faça emulsão,	a que ajunte	
De Orxata	_____	huma onça
Licor anodino de Hofman	_____	trinta gotas

*Pelletier* mettia seis grãos de *phosphoro* cortado em pequenos pedaços em huma onça d' *Ether sulphurico* rectificado a 65 gr.; e agitava de tempo em tempo a mistura por tres ou quatro dias.

*Conradi* fazia huma agradável mistura de dous grãos de *phosphoro*, meia onça de oleo de amendoas doces, huma onça de amoras framboezas.

Omittimos todas as preparações de segredo, taes como as *pillulas luminosas*, que *Kunckel*, na Inglaterra, applicava: e omittimos muitas outras preparações analogas ás que deixamos escritas.

#### V.

#### Dose do Phosphoro no uso interno.

Deve ser mui pequena a quantidade de *phosphoro*, por onde se comece. Se o doente está a ponto de morrer, se poucas horas se lhe espera de vida, se não ha tempo para consultar por experiencia a quantidade, que se deverá administrar n'aquelle caso particular, poderá applicar-se huma porção de qualquer d'aquellas preparações, que contenha de  $\frac{1}{4}$  até 1 grão. Em molestia chronica, e quando a morte senão veja ainda tão proxima, deverá começar-se por huma quantidade muito menor, que de  $\frac{1}{8}$  de grão, e huma ou duas vezes por dia, augmentando a dose, e amudando as vezes a proporção do effeito.

*Ether phosphorado*, preparado conforme o processo indicado por Mr. Charles *Pelletier*, he composto de maneira que cem gotas d' *Ether sulphurico* tem em dissolução hum grão de *phosphoro*. A sua dose he algumas gotas por dia.

*Extracto dos mais notaveis acontecimentos Politicos, e Militares, que forão publicados nos Periodicos de Portugal no presente mez de Abril de 1812.*

## A M E R I C A .

### ESTADOS-UNIDOS.

As noticias dos Estados-Unidos continuão a dar esperanças de que se não verificará rompimento entre estes, e a Grã-Bretanha.

*Mappa da Povoação dos Estados-Unidos no fim do anno de 1811.*

	<i>Habitantes.</i>
Virginia . . . . .	965:079
Nova York . . . . .	959:220
Pensilvania . . . . .	810:363
Massachusetts . . . . .	700:745
Carolina Septentrional . . . . .	563:516
Carolina Meridional . . . . .	434:935
Keutueky . . . . .	406:511
Mariland . . . . .	380:546
Connecticut . . . . .	261:942
Tennessee Oriental, e Occidental . . . . .	261:727
Georgia . . . . .	252:433
Nova Jersey . . . . .	245:562
Ohio . . . . .	230:760
Vermont . . . . .	217:913
Novo Humpshire . . . . .	214:414
Rodeisland . . . . .	76:213
Delaware . . . . .	72:674
Oseans . . . . .	76:552
Mississipi . . . . .	40:352
Indios . . . . .	24:320
Columbia . . . . .	24:023
Luisiana . . . . .	20:845
Ilmeses . . . . .	12:282
Nichisan . . . . .	4:762
<b>Total</b> —	<b>7:237:680</b>

## AMERICA HESPAÑOLA.

*Mexico.*

O Brigadeiro D. Rosendo Polier, encarregado do commando das armas de Toluca, teve no mez de Setembro passado diversos encontros com os Insurgentes, os quaes, ainda que se apresentáram em algumas occasiões com forças superiores em numero, e mesmo se propozeram a fazer decidida resistencia com o favor de vantajosas posições, e alguma artilheria, cedêrão sempre, retirando-se ou dispersando-se, e perdendo gente, e despojos. — A 14 de Outubro, estando Polier em Toluca, diversos corpos insurgentes se aproximáram da Cidade. Polier limitou-se á defensiva, em quanto lhe não chegáram reforços. Estes chegarão a 18 pela tarde, e a 19 de manhã Polier sahio, atacou vivamente o corpo mais consideravel, que estava postado no ponto do Calvario, e tomou-lhe artilheria, gados, cavallo, etc. Os Insurgentes retiráram-se desordenados, deixando no campo muitos mortos. — O mesmo Brigadeiro a 3 de Janeiro atacou hum corpo commandado pelos Chefes insurgentes Sanchez, e Carmonal, postados em hum desfiladeiro junto de Tequaloya. Estes perderão a artilheria, e muitos effeitos, e forão perseguidos em todas as direcções por mais de duas legoas. Polier mandou destruir a fundição de peças de artilheria, e a fabrica de polvora, que os Insurgentes tinham perfeitamente estabelecido em Tequaloya.

O General Calleja, no dia 2 de Janeiro atacou o importante ponto de Zitaquaro, o qual situado entre asperas serras, cercado de reductos, e fossos, e defendido por muita artilheria, e numerosa guarnição, tinha tornado infructuosas duas expedições antecedentes. N'esta occasião a resistencia tambem foi vigorosa; o fogo durou tres horas; porém finalmente os Insurgentes fugirão, e juntamente os Membros da Junta ali estabelecida.

A 13, e 16 de Janeiro chegarão a Vera Cruz as tropas expedicionarias, vindas de Vigo (pag. 114), as quaes marcháram logo para Jalappa.

*Carthagena.*

A 11 de Dezembro publicou-se aqui hum Manifesto, segundo o qual esta Provincia se proclamou independente.

## B R A Z I L

## Rio de Janeiro.

No Faustissimo Dia 17 de Dezembro de 1811 dos felizes annos da Rainha N. S., dia, em que se celebrou o Baptismo do Serenissimo Senhor Infante D. Sebastião, Neto do PRINCIPE REGENTE N. S., publicárão-se muitos Despachos, e por todas as Repartições. — Transcreveremos alguns:

A — O Conde do Redondo, Thomé José de Sousa, Marquez de Borba,

O Conde do Vimeiro, Marquez de Torres-Vedras.

Francisco de Mello, Conde de Ficalho.

O Barão de Magé, Visconde de Magé, e o Senhorio da mesma Villa.

O Barão de Andaluz, Visconde de Andaluz.

O Barão de Condeixa, Visconde de Condeixa.

Antonio José de Miranda Henriques, Tenente General dos Reaes Exercitos, Visconde de Souteluz.

Manoel Pinto Bacellar, Tenente General dos Reaes Exercitos, Visconde de Montalegre.

João Diogo de Barros Leitão e Carvalhosa, Visconde de Santarém.

O Conselheiro Francisco Bento Maria Targini, Barão de São Lourenço.

D. Diogo de Sousa, Governador e Capitão General do Rio Grande de S. Pedro do Sul, Vedor da Casa Real.

O Bispo de Olba, Deão da Real Capella da Villa-Vieosa.

Francisco Ferreira de Azevedo, Vigario de Macacú, Bispo de Meliapor.

Fr. Joaquim da Nazareth, Religioso da Provincia de Santa Maria da Arrabida, Prelado de Moçambique.

O Conde do Funchal, Gram-Cruz da Ordem de Sant-Iago da Espada com huma Commenda da mesma Ordem.

O Tenente General Spencer, }  
O Tenente General Hill, } Gram-Cruzes Honorarios da  
O General Paget, } Ordem da Torre e Espada.

Pelo Alvará de 21 de Outubro de 1811, S. A. R. Foi servido declarar a verdadeira intelligencia do §. 3.º Tit. X., Livro III. da Ordenação do Reino: sobre os que sendo citados para comparecer em Juizo, tiverem antes sido chamados pelo Imperante ao lugar de sua residencia.

Por Decreto de 27 de Dezembro, Foi S. A. R. servido nomear o Marquez de Vagos, do seu Conselho, e do de Guerra, Marechal do Exercito, para o lugar de Governador das Armas da Corte, e Capitania do Rio de Janeiro; o qual lugar tinha vagado pela morte do Marechal do Exercito, Marquez d' Angeja, fallecido no mesmo dia.

## E U R O P A.

### R U S S I A.

Os Russos, desenganados de que os Turcos só querião ganhar tempo (pag. 39, e 215), annunciarão a terminação do Armisticio a 29 de Janeiro. Expedirão-se correios a Constantinopla, e Petersburgo com esta noticia, e os Plenipotenciarios para a paz ficarão em Bucharest esperando as respostas; as quaes, segundo as Gazetas de França de 19 de Março, vierão a concordar em concluir-se outro Armisticio por 45 dias. O 6.º Art. d'este Armisticio he concebido nos seguintes termos: = "Visto que convem aos mutuos interesses de ambas as Potencias que se conclua a paz com condições honrosas, despachar-se-hão Commissarios para arranjar os Preliminares. . . . =

Na Russia continuavão os preparativos de guerra. No principio de Março tinhão marchado para a Polonia 170 homens das Guardas de Petersburgo. Diz-se que as forças Russas na Polonia chegão a 2000 homens.

O Imperador pedio hum emprestimo voluntario aos Negociantes; e augmentou os tributos em todo o Imperio. A boa intelligencia do Imperador com a Grã-Bretanha prova-se até pelo Decreto de 21 de Janeiro de 1812, pelo qual manda continuar este anno os regulamentos de Commercio determinados para o de 1811; accrescenta a lista das fazendas admittidas; e augmenta os direitos sobre algumas d'ellas.

### S U E C I A.

A Suecia até ás ultimas noticias não tinha declaradamente seguido hum partido: tem augmentado, e arranjado o seu Exercito, que parece chegar a 6000 homens, além de 3500 recrutas: tem despachado correios para a Russia, e Inglaterra; porém não tem respirado os seus objectos. A Dieta será convocada em Outubro, e esperão-se grandes mudanças na Constituição, e Administração pública.

Na Pomerania Sueca o General Friant (pag. 215) continua a dar provas da nenhuma contemplação, em que tem o Governo Sueco. Tendo-lhe sido enviado da parte do Rei o Major General Von-Engelbrechren para saber as verdadeiras intenções das tropas Francezas, Friant não quiz fallar ao General Sueco, e mandou-lhe dizer que recorrese a Davoust, que estava em Hamburgo. As tropas Suecas na Pomerania forão desarmadas, e debandadas por ordem de Friant.

### D I N A M A R C A .

A Dinamarca assignou hum Tratado, em que consente que os Francezes levantem 600 cavallos no Holstein, e dá licença para passarem as tropas Francezas pelo seu territorio, com tanto que não excedão a 300 homens de cada vez.

A Prussia assignou hum Tratado, segundo o qual deve auxiliar a França com 5000 homens, no caso de guerra entre esta, e a Russia; e consente que os Portos Prussianos sejam guarnecidos por Francezes, á excepção de Memel, Königsberg, e talvez Colberg. Os Francezes já tomáráo posse de Anclam, Usedom, e Schwinemunde.

### F R A N Ç A .

Suppõe-se que as tropas Francezas e suas alliadas, que tem marchado para o Norte, são de 250 a 300000 homens, e tem tomado a direcção da Polonia. Em Anholt a 9 de Março constava que o Exercito Francez era dividido em 4 grandes corpos de 50000 homens cada hum, e commandados o 1.º por Massena, o 2.º por Davoust, o 3.º por Oudinot, o 4.º por Berthier: Napoleão commandará em Chefe, porém este dizia-se que não partiria para o Norte até ao fim de Abril por causa do máo estado, em que o Inverno pôz as estradas, o que tem embaraçado a marcha da artilheria grossa.

A 10 de Março, o Senado Conservador de Paris se congregou; dous discursos forão lidos, hum do Ministro da Guerra para o recrutamento de 100:000 conscritos para o anno de 1812; e outro do Ministro Maret dos Negocios Estrangeiros, que rolou sobre a guerra maritima; n'elle declara este Ministro, que em quan-

to a Inglaterra não revogar as Ordens do Conselho, e se conformar ao Tratado de Utrecht, os Decretos de Berlin, e Milão serão executados.

*Relação da Marinha Franceza.*

*Em Toulon.* — Nãos de 120 peças, 5. = Ditas de 80, 4. = Ditas de 74, 15.

*Em Anvers.* — Nãos de 74, 17.

*Em L'Orient.* — Nãos de 74, 9.

*Em Brest e Cherbourg.* — Nãos de 120, 2. = Ditas de 80, 1. = Ditas de 74, 19. — Nãos, total 72. —

*Fragatas nos diversos Portos.*

De 50 peças, 1. = De 48, 4. = De 44, 15. = De 40, 21. = De 36, 19. = De 32, 5. — Fragatas, total 65. —

**G R A - B R E T A N H A.**

O Principe Regente permittio a Lord Wellington o poder usar do Titulo de Duque de Ciudad-Rodrigo. (pag. 132.)

Em consequencia de Mensagem do Principe Regente sobre a continuacão de subsidios para Portugal, depois das discussões em ambas as Camaras do Parlamento a 16 de Março, votou-se em dar hum subsidio de dous milhões esterlinos para o Exercito Portuguez, attendendo ás decisivas provas, que tem dado, de fidelidade, constancia, e valor.

A 30 de Março Mr. Liston, Embaixador de S. M. B. junto da Porta Ottomana, sahio de Londres para o seu destino.

A Chalupa de guerra Inglesa, Rozario, auxiliada pela Griffon, atacarão 12 Brigues, e hum Lugar Francezes, que tinham sahido de Bolonha para Dieppe; tomáráo 3, fizerão varar na Costa 2, e os outros poderão chegar a Dieppe.

*Relação da Marinha Britanica no 1.º de Janeiro de 1812.*

*No mar.*

Nãos de linha 85. — Fragatas 126. — Corvetas 98. — Bombardas 5. — Bergantins 121. — Cutres 32. — Goletas, e Canhoneiras 52. — Total 519. —

*Promptas nos Portos.*

Nãos de linha 32. — Fragatas 28. — Corvetas 38. — Bombardas 1. — Bergantins 29. — Cutres 5. — Goletas 21. — Total 154. —

*Promptas, mas não armadas.*

Nãos de linha 137. — Fragatas 80. — Corvetas 48. — Bombardas 6. — Bergantins 13. — Goletas. 2. — Total 286. —

## H E S P A N H A.

### *Catalunha.*

As posições das tropas Hespanholas n'este Principado, depois dos acontecimentos, que referimos (pag. 217) erão as seguintes :

No dia 6 de Fevereiro sahio de Vich a Divisão do Marechal de Campo Sarsfield, dirigindo-se á Cerdenha para penetrar no territorio Francez, o que já tinha verificado, e se achava em Ax. No mesmo dia 6 sahio de Igualada a Divisão d' Eroles com direcção ao Valle de Aran para penetrar tambem no territorio Francez, e reunir-se com a de Sarsfield em algum ponto do Languedoc. A mais tropa Hespanhola está com Rovira em Olot, com Manso sobre as alturas de Arens, etc. Lacy se acha em Berga organisando a reserva. As Praças das Medas, Cardona, e Urgel estão em bom estado de defesa.

Sarsfield teve alguns pequenos encontros na sua expedição ao Languedoc: a 27 de Fevereiro tinha voltado para a Hespanha com 450 pesos duros, 200 cabeças de gado vaccum, e 40 de gado lanigero, além de muitos petrechos de guerra, de que se apossou nos depósitos de Ax, e Tarascon.

O Brigadeiro Rovira a 8 de Fevereiro participa que o seu 1.º Batalhão fóra atacado em Olot pelo General Clement com huma força de perto de 1:700 homens. O Batalhão fez huma obstinada resistencia: os inimigos tivêrão muitos feridos, e entre estes o General Clement. — A 29 de Fevereiro participou Rovira duas acções, que acabavão de ter as suas tropas, huma nas visinhanças de Darnius pelo 1.º Batalhão, na qual ficou inteiramente derrotado o inimigo, morto o seu General, que dizem ser Brigadeiro, 70 prisioneiros, que estão já nesta Villa, inclusos 4 Capitães, e muitos mortos, e feridos: de sorte que de 600 infantes apenas escapáráo 100. A segunda nas visinhanças de Gerona, por huma Companhia de Granadeiros, na qual fizerão 9 prisioneiros de cavalleria, 17 cavallos, e 9 caravinas, além de alguns mortos. A perda Hespanhola foi summamente diminuta.

O Brigadeiro Milans a 6 de Março surprendeo, e fez prisioneiros em Canamas 150 Francezes de Cavalleria com os seus cavallos.

O Barão d' Eroles, além de huma acção em Tolba, susten-

tada contra 2:500 inimigos, que soffrêrão grande perda, foi a 6 de Março atacado na Villa da Roda por 300 infantes, e 2000 cavallos; durou por dez horas hum vivo fogo; os inimigos forão repellidoes, perdendo além dos melhores Granadeiros, 40 Officiaes mortos ou feridos, e entre elles hum Coronel, e hum Commandante. O General Brouke, que os commandava, recebeu tres graves feridas.

#### Aragão, e Navarra.

N'este mez pouco se fallou relativamente a Aragón. As vantagens que todos os dias conseguiaõ n'este Reino as Divisões de Mina, Durão, Martin, e outros (pag. 123, e 217) destinadas a fazer diversão a Suchet, quando este General invadio o Reino de Valencia (pag. 43), obrigáráõ os inimigos a destacar forças do Exercito de Dorsenne (pag. 218), e do de Suchet para obstar aos progressos das Divisões Hespanholas. Começou portanto huma nova perseguição á Divisão Navarra.

Espoz e Mina, que foi promovido a Marechal de Campo, e que, segundo dissemos (pag. 218), operava novamente na Navarra, continuou a conservar-se n'este Reino. Depois da acção de 5 de Fevereiro (pag. 218) o General Caffarelli marchou com 400 infantes e 200 cavallos resolvido a entrar no Valle do Roncal. No dia 2 de Março ás 10 horas avistárão-se as tropas. O 3.º Batalhão Navarro, postado nos desfiladeiros, por tres vezes repellio o inimigo: este depois tomou pela esquerda do Batalhão, e subio a montanha de Viguezal para descer ao valle; porem achando na sua frente, e oppoittunamente situado o 2.º Batalhão, e observando pelas manobras do 3.º que poderia ser-lhe tomada a retaguarda, contramarchou sobre Aoiz e Urróz. Os Hespanhoes derão provas de soffrimento premanecendo até ás 9 horas da noute em jejum, e cravados na neve. A sua perda foi de 4 mortos e 6 feridos: a do inimigo de 50 dos primeiros, e 300 dos segundos, incluso n'estes o General Caffarelli levemente.

A 9 de Março houve hum choque entre hum piquete de 60 cavallos que Caffarelli destacou de Aoiz, e outro, que por ordem de Mina lhe sahio ao encontro. O inimigo foi involvido, e perdeu 20 mortos, 21 prisioneiros com as suas equipagens, e 30 cavallos uteis.

A 17 dito participou Mina que, estando o Coronel Cruchaga a 13 em Estella, o General Abbé com huma columna de 300 infantes e 300 cavallos se apresentára ás portas da Cidade. Cruchaga retirou-se para Lafia, e no dia 14 para Amescoa, sempre em boa ordem, e sem perda alguma, a pezar de ser continuamente perseguido na sua retirada.

Para se fazer idea das forças do 7.º Exercito transcreveremos o seguinte parographo.

“*Pótes 8 de Março.* — A primeira Divisão do 7.º Exercito, commandada pelo Brigadeiro Porlier, se acha sobre S. Vicente de la Barquera, a sua força he de 3000 infantas, e 400 cavallos; a segunda he do Coronel Longa, consta de 30000 infantas, e cavalleria proporcionada, e bem vestida: o seu fardamento veio de Bordeaux, por via de confidentes, que Longa tem em todas as partes, gloriando-se de que o inimigo não dá hum passo desde Burgos até Madrid, que elle não saiba: a terceira Divisão he do Marechal de Campo Mina, composta de 30000 homens, inclusa a cavalleria. Além d'estas forças o 7.º Exercito compõe-se de outras tantas, que discorrem pelas Castellas, Rioja, Aragón, e Navarra.

#### Castellas.

Os factos mais notaveis, que se publicarão, relativos a estes Reinos, são as continuadas e vantajosas correrias, choques, e prezas feitas pelas muitas Guerrilhas, que se introduzem e girão por esta parte da Hespanha. Pastor junto a Madrid aprisionou hum correio, e 50 homens, que fazião a sua escolta, e tomou-lhe o valor de 1000 cruzados em relojos. — Chaleco e Moralejo, a 7 de Março em Lillo, matarão 80, e aprisionarão 40 dos que escoltavão hum comboi. — Estes mesmos juntos com a Partida do Medico, a 27, na Estrada da Mancha, tiveram por dous dias frequentes e renhidos choques com 1500 inimigos, que escoltavão huma Deputação vinda de Valencia para Madrid: a escolta foi destrocada, e diz-se que perdèra 400 mortos, e 800 feridos. — A Partida do Principe surpredeo em Torrequeimada e Villadrigo 81 carros de viveres escoltados por 120 infantas, e 80 cavallos, que se dirigião para Burgos. — Marquinez e Padilla perto de Carrion batèrão 1:300 inimigos: porém estes depois reforçados com 600, vindos de Palencia, saquearão, e queimarão algumas Povoações.

O Brigadeiro Martin, em Fevereiro, estava em Guadalaxara. O General Guy no dia 7 teve huma mui renhida acção com aquelle Brigadeiro: houve grande perda, e prisioneiros, por huma e outra parte.

No mesmo mez juntava-se em Alcarria hum corpo de tropas ás ordens do General Bassecourt, e dos Brigadeiros Montijo e Durão. Diz-se que estas tropas se dirigem para Cuenca.

O Marquez del Palacio foi nomeado Capitão General de Cuenca, Guadalaxara, e Aragón.

*Valencia, e Murcia.*

Foi n'este mez que nos constou a Capitulação da Praça de Peniscola. Esta Praça, situada no Reino de Valencia em humna rocha sobre o mar, ligada ao Continente por hum istmo de 30 braças de largura, bem fortificada e aprovisionada, e auxiliada por 3 Navios de guerra Inglezes, rendeo-se a 2 de Fevereiro sem resistencia por Capitulação com o Marechal Suchet. Todas estas circunstancias, e os termos, em que he concebido o Officio do seu Governador Garcia Navarro, reconhecendo, como legitimo, o Governo intruso, depõem muito contra a honra e fidelidade do dito Governador.

A 18 de Fevereiro estava Suchet na Cidade de Valencia, a qual tinha posto huma contribuição de 20 milhões de reales, 800 rações diarias, e 4000 reis cada dia para o seu prato: recolhio-se todas as pratas e preciosidades. Sobre todas estas extorções tem sido bastantemente sensível aos Valencianos o Decreto de Napoleão, em data de 24 de Janeiro, segundo o qual se deve incorporar ao Imperio Francez hum capital de 80 milhões de cruzados em bens d'este Reino. Hum grande numero de Ecclesiasticos foi mandado para França, soffrendo na marcha as maiores violencias.

A Praça de Alicante tem sido bem fortificada, e he n'esta Cidade que se tem organizado, e existirá interinamente o Governo Civil e Militar do Reino de Valencia. O Marechal de Campo D. José S. Juan serve de Commandante General em quanto não chega o General Coppons, que o he de propriedade.

Em Murcia no principio de Março huma Divisão do 3.º Exercito, pelejou com vantagem, e repellio outra inimiga em Chinchilla.

Algumas tropas do 2.º e 3.º Exercito entrarão no Reino de Granada. O General Freyre com a cavalleria do 2.º Exercito, e alguma infantaria fez hum movimento sobre Baza, d'onde o inimigo se tinha retirado, deixando 200 homens em Cullar. Huma Divisão do 3.º Exercito, a 8 de Março, achava-se a 6 legoas de Malaga, estando proximos os Generaes Rey, e Matalucin com 2500 infantes, 400 cavallos, e 6 peças.

O Duque del Parque foi nomeado Capitão General de Valencia, e Murcia.

*Andaluzia.*

Segundo as noticias dos fins de Março julgava-se que as tropas do Marechal Soult na Andaluzia consistião em 17 a 18 mil homens disponiveis; 1000 para se opporem a Ballesteros; 400 nos Portos, e 400 de guarnição em cada Capital. O dito Marechal

depois de visitar as linhas de Cadiz (pag. 222), chegou a Sevilla no dia 23 de Março, e começou as suas disposições para socorrer Badajoz. N'este mesmo dia, e no seguinte sahirão das linhas de Cadiz 700 homens na direcção de Sevilla. A 30 Soutl passou revista em Sevilla a 7352 infantes, alguma cavalleria, e 46 canhões; e no dia 1.º de Abril partio para Tocina. A 2 marchou tambem Gazan com 700 infantes, e 25 canhões; mandarão-se 300 homens para S. Lucar; e recolhêrão-se na Cartucha muitas bombas e fardamentos. Soutl marchou depois para Llerena (Estremadura).

Foi então que o General Ballesteros sahindo da Ronda, e os Generaes Penne, e Morillo do Condado de Niebla (pag. 221), se aproximárão a Sevilla, chegando aquelle no dia 5 a Utrera, e no dia 8 a Azabal e outras Povoações; e estes nos mesmos dias tendo as avançadas em Gines. Houve grande rebate em Sevilla, e fôra da Cidade alguns combates, que obrigárão os Francezes a recolher-se ás suas fortificações. N'estes mesmos dias he que o General Freyre tinha avançado até Baza, como fica dito (pag. 300). Nos dias 9 e 10 os Generaes Ballesteros, e Penne começarão a retirar-se para as suas anteriores posições em consequencia de insinuação de Lord Wellington, visto ter-se já tomado de assalto na noute de 6 para 7 a Praça de Badajoz, e ser natural que Soutl voltasse sobre Sevilla, como adiante diremõs.

O General Ballesteros voltando para Ronda apoderou-se do Castello de Zahara com a sua guarnição de 120 Francezes. A 14 em Arola derrotou o General Réy, tomandolhe toda a artilheria, e bestas de bagagem.

#### Estremadura.

Esta Provincia continuou a ser o theatro das mais importantes operações militares da Península n'este mez, as quaes todas tinham em vista a Praça de Badajoz. Já vimos (pag. 220 e 221) que para ser tomada esta Praça, parte do Exercito Anglo-Luso formava o cerco, estando immediatamente debaixo das ordens do Marechal Conde de Trancoso, e do Tenente General Picton, a outra parte, dividida em dous corpos, hum commandado pelo Tenente General Graham, e outro pelo Tenente General Hill, tendo avançado ambos até ás fronteiras da Estremadura, observavão os Exercitos, que da Andaluzia, e Castellas viessem em socorro da Praça; e a Divisão do 5.º Exercito Hespanhol, commandada pelos Generaes Penne, e Morillo, postada no Condado de Niebla observava tambem por aquelle lado a Andaluzia, e pela sua posição estava habilitada para ameaçar Sevilla de acordo com o Gene-

ral Ballesteros; logo que Soult destacasse maiores forças para entrar na Estremadura.

Debaixo d'este plano foi começado o cerco de Badajoz; e continuado até ao dia 20 da maneira que fica dito (pag. *citadas*).

No dia 25 apezar do máo tempo rompeo-se o fogo de 28 peças de artilheria em 6 baterias na 1.<sup>a</sup> parallela; duas das quaes se dirigião contra o forte da Picurina; e á noute foi atacado e tomado de assalto o dito forte, e a sua guarnição de 250 homens com 7 canhões foi toda ou morta ou prisioneira. O Major General Kempt com 500 homens, commandou, e executou esta operação. Tomado o forte começou-se a 2.<sup>a</sup> parallela a 130 toezas do corpo da Praça; e na noute de 26 abríão-se duas baterias.

A 29 á noute, o inimigo fez huma sortida contra as tropas do General Hamilton, que investia a praça pela direita do Guadiana; porém foi immediatamente repellido.

A 31 começou-se a fazer fogo de 26 peças de artilheria collocadas na 2.<sup>a</sup> parallela, e a bater em brecha o baluarte da Trindade (ao S. E. da Praça), e o seu flanco denominado Santa Maria.

Continuando assim o fogo nos dias 4, e 5 de Abril, havião já duas brechas praticaveis nos ditos baluartes; porém os grandes esforços de defesa da parte do inimigo fizeram demorar o assalto para o dia 6, continuando-se o fogo para fazer brecha, que flanqueasse as obras, que o inimigo tinha construido nas outras duas.

Effectuada no dia 6 a terceira brecha determinou-se dar o assalto n'essa noute, e da maneira seguinte:

O Tenente General Picton atacaria com a terceira Divisão por escadada o Castello de Badajoz; e hum Destacamento do Regimento 48, commandado pelo Major Wilson devia atacar o Revelim de S. Roque sobre a sua esquerda; e em quanto a quarta Divisão do General Colville, e a Divisão Ligeira commandada pelo Coronel Bernard, deverião atacar as bréchas dos Baluartes da Trindade, e da cortina que as liga.

A quinta Divisão devia substituir o lugar, que a quarta tinha occupado durante o assedio; o Tenente General Leith foi destinado a fazer hum falso ataque sobre a obra exterior, chamada de Pardaleiras, e sobre as obras da parte do Guadiana, com a Brigada da esquerda da Divisão do Major General Walker, se as circumstancias se tornassem favoraveis; e o Brigadeiro General Power que investia a Praça na direita do Guadiana com a sua Brigada Portugueza, devia fazer ataques falsos sobre a cabeça da ponte, Forte de S. Christovão, e o Reducto Moncoeur.

Executou-se o ataque ás dez horas da noute, tendo-se pouco antes adiantado o General Picton com o resto das tropas; o Major General Kempt conduzio este ataque; que sahio da direita da primeira parallela, e apezar de ser ferido, e da obstinada resis-

tencia do inimigo; o Castello foi entrado por escalada, achando-se pelas onze horas e meia a terceira Divisão dentro d'elle. Em quanto isto se passava, o Major Wilson entrou no Revelim de S. Roque com o seu Destacamento.

A quarta Divisão, e a Ligeira, tendo marchado para o ataque, foram só percebidas pelo inimigo, quando chegarão ao caminho coberto: e as guardas avançadas descendo ao fosso avançãõ ao assalto das bréchas.

Mas erãõ taes os obstaculos preparados pelos inimigos, e tão obstinada a sua resistencia, que as nossas tropas não podião estabelecer-se dentro das bréchas. Muitos dos nossos bizarros Officiaes e Soldados foram mortos, e feridos por explosões no cume das bréchas, sendo outros obrigados a recuar, achando impossivel vencer taes obstaculos.

Semelhantes esforços foram repetidos até depois da meia noite, e conhecendo então Lord Wellington que não se podia conseguir o successo desejado, e que o Tenente General Picton se achava estabelecido no Castello, ordenou que as Divisões 4.<sup>a</sup> e Ligeira, se retirassem para o terreno, em que se tinham reunido para o ataque.

No entanto o General Leith tinha feito avançar pela esquerda a Brigada do General Walker, apoiada pelo Regimento 38, Num. 15 Portuguez, e pelo Batalhão de Caçadores Num. 8; e havia feito hum ataque falso ás Pardaleiras.

O General Walker forçou as baterias, que existião na estrada de Olivença, e entrou no caminho coberto pela esquerda do Baluarte de S. Vicente, junto ao Guadiana; e ali desceu ao fosso, e escalou a face d'aquelle Baluarte. O General Leith apoiou este ataque com o Regimento 38, e 15 Portuguez, e ficando as nossas tropas assim estabelecidas no Castello, que denomina todas as obras, fóra e dentro; e a 4.<sup>a</sup> e Ligeira Divisão estando outra vez formadas para o ataque das bréchas, cessou toda a resistencia; e ao amanhecer o Governador General Philippon, que se tinha retirado para o Forte de S. Christovão, se rendeu com o General Veiland, todo o Estado Maior, e Guarnição. Todos os Generaes, Officiaes, e tropas merecerão pelo seu comportamento a approvação do seu Chefe Lord Wellington.

*Perda do Exercito Anglo-Luso em todo o tempo do cerco, e no assalto dado a Badajoz.*

Mortos. = Officiaes 72, Sargentos 51, Tambores 2, Cabos e Soldados 910: total 1035. — Feridos. = Officiaes 306, Sargentos 216, Tambores 17, Cabos e Soldados 3248: total 3787. — Extraviados. = Sargento 1, Cabos e Soldados 51: total 52. — Total geral = 4874.

No numero dos Officiaes feridos se contão o Tenente General Picton, e os Majores Generaes Kempt, Wolker, Colville, e Powes, todos do Exercito Britanico; e o Brigadeiro General Harvey, do Exercito Portuguez.

O Marechal Soult tendo chegado á Estremadura (pag. 301) reuniu o seu Exercito em Villa Franca no dia 8 de Abril, e tendo ali sabido que Badajoz fôra tomada na noute de 6, retirou-se ao amanhecer do dia 9, na direcção da Andaluzia. O Tenente General Graham, que segundo as ordens de Lord Wellington se havia retirado á proporção que Soult avançava, destacou a cavalleria do Tenente General Corton para seguir a retaguarda do inimigo. Esta cavalleria, composta das Brigadas dos Gerneaes Le Marchant, e Anson, na madrugada de 11 encontrou-se em Villa Garcia com 2;500 cavallos commandados pelo General Drouet, os quaes, sendo batidos pela frente e flanco, retirárão-se, e forão perseguidos até perto de Llerana, onde estavam 8 a 1000 infantes, e 7 peças de artilheria. Todas estas tropas inimigas continuárão a retirar-se para Berlanga, e Azuaga. Nesta acção do dia 11 perdeu o inimigo, além dos mortos, 150 prisioneiros.

A 20 Drouet conservava o seu Quartel Geral em Ovejuna; Gazan tinha marchado para Sevilha; e o Marechal Soult com o seu Estado Maior para Cordova.

O General Conde de Penne, tendo-se retirado das visinhanças de Sevilha (pag. 301) pelo Condado de Niebla, estava a 27 em Badajoz; cuja Praça se reparava com actividade.

#### Reino de Leão.

O Exercito de Marmont estava a 17 de Março nas mesmas posições, que dissemos (pag. 219). Este Marechal reuniu depois algumas tropas tiradas das suas diversas Divisões, e marchou sobre Ciudad-Rodrigo, e Almeida, querendo fazer d'esta maneira huma diversão a favor de Badajoz, no momento em que o Exercito Anglo-Luso estava empregado no cerco d'esta Praça, e não tendo ficado á quem do Tormes, e nas fronteiras da Beira mais tropas do que as Hespanholas do commando do Marechal de Campo D. Carlos Hespanha; o Regimento 1.º de Hussares Britanicos; e as Divisões de Milicias Portuguezas dos Generaes Trant, Wilson, e Lecor.

Com effeito pelos dias 4 até 7 as tropas Francezas aproximárão-se de Ciudad-Rodrigo, e Almeida; e as Aliadas retirárão-se para as fronteiras de Portugal: os inimigos não tentarão atacar serio, mas limitárão-se a reconhecimentos, e depois de terem soffrido algum fogo de artilheria se retirárão da frente de Al-

meida, e passarão a fazer huma incursão na Provincia da Beira, como adiante diremos.

### Galliza, e Asturias.

Não se publicou n'este mez factos algum memoravel occorrido na Galliza.

Nas Asturias o Commandante Campillo, no mez de Março, atacou a guarnição de Meruelo, que por huma convenção entregou as munições, e retirou-se para Santona.

Nos dias 26 e 27 de Março, o Brigadeiro Porlier com 400 homens encontrou-se junto ao Tego com 1200 inimigos commandados pelo General Deberthon, e depois de alguns ataques parciaes, estes retirárão-se para Torre la Viega, tendo perdido 100 feridos, e 20 mortos, entre aquelles hum Tenente Coronel: a perda dos Hespanhoes consistio em 40 feridos, e 10 mortos.

Houve, a 7 de Abril, outra acção entre a 2.<sup>a</sup> Secção da Divisão do Principado, e os Francezes de Gordon: depois de tres horas de combate estes perdêrão 116 mortos ou feridos, 4 Officiaes, todas as equipagens, muitas armas, e o producto de algumas contribuições: os Hespanhoes tiverão 3 mortos, e 15 feridos.

### PORTUGAL.

O inimigo n'este mez invadio parte da Provincia da Beira. Marmont querendo fazer diversão ás tropas Alliadas, quando atacavão Badajoz, ameaçou Ciudad-Rodrigo, e Almeida; e no dia 9, e seguintes entrou na Beira. Por ordem do Tenente General Visconde de Montalegre as Divisões de Milicias dos Brigadeiros Trant, e Wilson, que chegavão a 6 ou 700 homens, se concentrarão nas alturas da Guarda; e a do Brigadeiro Lecor, constando de 3 Regimentos tambem de Milicias, estava na Comarca de Castello-Branco. Marmont destacou forças mui superiores, e de todas as armas, e no dia 14 atacou as Divisões de Trant, e Wilson. Estas, começando a retirar-se em boa ordem, e achando-se mesmo em posições favoraveis, dispersárão-se depois por hum terror panico, de que se deixou apoderar o Eatalhão da retaguarda, e que se espalhou pelas de mais tropas. No meio d'esta confusão hum destacamento de 40 cavallos do Regimento Num. 11 Portuguez sustentou por 20 minutos os Esquadrões inimigos, em quanto as Milicias passavão o Mondego. Estas formárão-se na margem esquerda, e retirárão-se sobre Celorico, conservando avan-

eadas na Lagiosa, as quaes nos dias seguintes recuarão por ter avançado o inimigo. Nos dias 15 e 16 o inimigo retirou-se; e a 17 as tropas de Wilton entrãõ na Guarda. O fructo, que Marmont colheo d'esta expedição, forão 150 prisioneiros, e o saque dado ás Povoações, por onde passarão as suas tropas.

A Divisão de Foy entrou junto a Penamacor, e no Alcaide dividio-se em dous corpos, hum marchou para o Fundão, e outro para Alpedrinha. No dia 11 partirão para Castello-Branco, e d'alí se espalharão por diversas Povoações, que todas soffrãõ pilhagem, incendios, e algumas mortes. O Brigadeiro Lecor, que estava n'aquella Cidade, retirou-se em boa ordem; e o Major General Alten com o Regimento 1.º de Hussares Britanicos passou o Têjo. No entanto tinha cabido Badajoz, e Lord Wellington mandou avançar estes dous Generaes, o que se executou no dia 12, á tempo que de Badajoz voltavão para a Beira algumas Divisões do Exercito Alliado. O inimigo, a 14, retirou-se de Castello-Branco, onde no mesmo dia entrãõ os Generaes Alten, e Lecor. D'este modo o Exercito Alliado foi entrando na Beira, e o inimigo retirando-se até que no dia 21 tinha inteiramente evacuado Portugal.

#### L I S B O A.

##### *Resumo das operações militares na Peninsula.*

O Exercito Anglo-Luso tomou por assalto a Praça de Badajoz. Soult sahio de Sevilha a soccorrella, e Marmont tentou humã diversão invadindo a Beira. Ballesteros, e Conde de Penne ameaçarão Sevilha, durante a ausencia de Soult; e o General Freyre entrou no Reino de Granada: estes movimentos, e a rapidez, com que Badajoz foi tomada, obrigarão Soult a voltar immediatamente para as Andaluzias. Apenas cahio Badajoz, Lord Wellington com algumas Divisões marchou para a Beira, e foi assentar o seu Quartel General em Fuente Guinaldo, tendo Marmont recuado até Salamanca.

Houverão acções parciaes de algumas Divisões do 1.º 3.º 4.º 5.º e 7.º Exercitos Hespanhoes: os corpos volantes continuarão as suas incursões, e sorprezas pelo interior da Hespanha, e retaguarda dos Exercitos inimigos.

# JORNAL DE COIMBRA.

MAIO 1812.

Num. V.

*Sequimur probabilia . . . . et refellere sine pertinacia, et refelli  
sino iracundia, parati sumus.*

CICERO.

## BIBLIOGRAPHIA.

NO nosso Num. antecedente (pag. 227) publicámos, extrahida dos Jornaes Inglezes, a Lista dos Livros, que sobre Medicina, Cirurgia, e Pharmacia se publicarão na Grã-Bretanha no primeiro trimestre do anno corrente. No nosso Num. correspondente talvez a Junho daremos huma semelhante Lista pertencente ao segundo trimestre, que acaba com o mesmo Junho.

No dito nosso Num. IV. (pag. 230), igualmente publicámos extrahida do Num. VII. do Investigador Portuguez, huma Lista dos Livros, que, sobre diversos ramos das Sciencias Naturaes, se publicarão, a maior parte em Inglaterra, alguns em outras Nações, no anno de 1811. Já então notámos o inconveniente de se não lançar completo, na mesma lingua, em que a obra se acha, o seu titulo, não havendo em alguns huma só palavra do titulo original, mas tudo em traducção Portugueza. A Lista dos Livros novos lançada no seguinte Num. VIII. (pag. 568), e em todos os os Num. do Investigador d'ahi em diante, tem aquelle inconveniente completo; não havendo em toda ella huma só palavra original; tudo he traducção. Na encommenda das obras he necessa-



rio que se escreva o titulo exactamente, como se acha nas mesmas obras; debaixo d'aquelle inconveniente nada ha mais facil, que encommendar-se huma, e receber-se outra. Na Lista que nós temos copiado, e traduzido dos Jornaes Inglezes em todos os nossos Numeros antecedentes, em nada alterámos o titulo Inglez da obra; mas a exposição em Portuguez ás vezes: a primeira cousa he de muita importancia, a segunda de nenhuma: para que se encommende hum Livro Inglez, basta que se diga o titulo Inglez, porque quem não souber o Inglez do titulo, tambem não sabe o Inglez da obra; não a quer, ainda que o mesmo titulo se lhe apresente traduzido.

Continuaremos pois a dar ao nosso modo a lista das obras, ou extrahida do Investigador, quando elle melhore este ponto, ou dos Jornaes Inglezes.

---

“Apparecerão em Copenhague duas Dissertações curiosas: huma intitula-se *De occulto urbis Romae nomine*, he do Bispo de Zealandia, Mr. Munster; sustenta que a Cidade de Roma, além do nome secreto de *Valencia*, tinha tambem o de *Saturnia*. — A outra he de hum mancebo *orientalista*, Mr. Rasmussen; elle dá novas informações sobre as montanhas do *Caphtão* famosas na geographia oriental, e que passão entre os Arabes por columnas do Ceo, e habitação da grande ave fabulosa *Ruch*, que levanta, diz-se, elephantes, como se fossem lebres. „

*Vienna 1.º de Maio.* — A nossa literatura tem sido n'estes ultimos tempos bastantemente esteril; não apparece quasi nada de obras novas.

---

#### Publicações Portuguezas.

Congratulação de Portugal no dia 1.º de Maio, Anniversario do Excellentissimo Lord Conde Wellington.

Nova edição da obra poetica = *Marilia de Dirceo* = addiccionada com muitas e raras peças de estimação do seu Author.

Princípios da Língua Ingleza expostos por hum methodo claro e facil, em que a pratica vai a par com a theoria. I. Vol. em quarto.

Memorias curiosas para a Grammatica Phylosophica da Lingua Portugueza; arranjasdas segundo os principios da Encyclopedea por hum Professor Regio de Phylosophia.

Compilação das Ordens do Dia do Quartel General do Exercito Portuguez; publicada por Ordem Superior, e addiccionada com os *Artigos de guerra*, e a *Ordenança para os desertores em tempo de paz*.

Exame dos artigos historicos e politicos, que se contem na Collecção periodica intitulado *Correio Braziliense ou Armazem Literario*, no que pertence sómente ao Reino de Portugal.

Compendio da obra da riqueza das Nações por André Smith; traduzido, e publicado no Rio de Janeiro por *Bento da Silva Lisboa*.

Tratado geral dos Prados, e das suas regas: obra ornada com estampas, e dedicada aos Lavradores.

Tratado da inflamação, precedido da Physiologia, e Pathologia necessaria para intelligencia da theoria d'esta molestia; impresso em Londres, por *Antonio d' Almeida*.

Ensaio sobre os perigos das sepulturas dentro das Cidades, e nos seus contornos: publicado no Rio de Janeiro.

Memoria sobre o Encephaloccele, acompanhado da observação de hum Hydro-Encephaloccele curado no Hospital Militar do Rio de Janeiro.

Indagações Physiologicas sobre a vida, e a morte, por Bichat: 1.<sup>a</sup> Parte, traduzida, e publicada no Rio de Janeiro, por *Joaquim da Rocha Maxarem*.

Elementos de Algebra por Mr. la Croix; traduzidos para uso dos Alumnos da Academia Real Militar do Rio de Janeiro.

Estampa do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. Rodrigo de Sousa Coutinho, Conde de Linhares, ultimamente fallecido; gravada por *Francisco Thomaz d' Almeida*, e correcta por seu Mestre o insigne Bartholozzi.

*Carta, e nota remettidas aos Redactores.*  
 Senhores Redactores do Jornal de Coimbra.

Tenho a honra de remetter a V.... a nota inclusa, e espero dever-lhes o obsequio de a fazerem publicar no seu Jornal, de que tenho lido os Num. até aqui publicados, com a satisfação, que huma Obra de tal natureza, e tão felizmente executada, deve inspirar a todos os que amão as Sciencias, e as Artes, e se interessão pela gloria nacional.

Deos guarde a V.... etc.

*José Accursio das Neves.*

O A. da historia geral da invasão dos Francezes em Portugal, e da restauração d'este Reino, tendo conduzido esta Obra em 5 Tomos até o restabelecimento do Governo legitimo na Capital, e embarque do Exercito Francez em 1808, e desejando preencher as obrigações, em que se acha constituído para com o Público, como Escriptor, e como Cidadão, trabalha em hum Supplemento destinado a varias correcções, e á exposição de alguns factos interessantes, que ficarão ommissos, e pertencem aquella época. Para melhor satisfazer a estes fins, renova aos seus Leitores, e especialmente aos que d'elle se julgarem aggravados, a lembrança do que disse na Introducção Tom. I. pag. 14 e 15, e lhes roga queirão enviar-lhe as notas e documentos, que lhes parecer a propósito, dar-lhes-ha a attenção, que no seu conceito merecerem.

#### ESTABELECIMENTOS SCIENTIFICOS.

**S. A. R. O PRINCIPE REGENTE N. S.** instaurou na Corte do Rio de Janeiro hum Academia Real Militar comprehendendo hum Curso de Sciencias Mathematicas, de Sciencias experimentaes e de observação, e das Sciencias Militates em toda a sua extensão.

O Curso completo d'esta Academia he de sete annos, sendo as materias distribuidas da maneira seguinte:

O Lente do 1.<sup>o</sup> anno ensinará Arithmetica, e Algebra até ás Equações do terceiro e quarto grão, Geometria, Trigonometria rectilinea, e primeiras noções da espherica. Os Alumnos do 1.<sup>o</sup> anno darão lições de desenho com outro Lente.

O Lente do 2.<sup>o</sup> anno repetirá as noções de calculo do 1.<sup>o</sup> anno; procederá ás applicações da Algebra á Geometria, passando depois ao calculo differencial e integral. Os Discipulos darão tambem alternativamente em hum dia lição de Geometria descriptiva, e em o outro de Desenho.

O Lente do 3.<sup>o</sup> anno ensinará os principios de Mechanica, e de Hydrodinamica. Os Discipulos terão duas lições de Desenho por semana.

O Lente do 4.<sup>o</sup> anno explicará Trigonometria espherica; os principios de Optica, Catoptrica, e Dioptrica; passando a explicar o Systema do Mundo; e exporá huma noção das Cartas Geographicas, Topographicas, e Maritimas, Geographia do Globo, etc. Os Discipulos d'este anno ouvirão além d'isto huma noção de Physica, excepto em dous dias por semana, em que se applicarão ao Desenho proprio das lições d'este anno.

No 5.<sup>o</sup> anno haverá dous Lentes. Ao primeiro pertencerá Tactica, Estrategia, Castrametação, Fortificação de Campanha, e reconhecimento dos terrenos. Ao segundo Chymica.

No 6.<sup>o</sup> anno haverá tambem dous Lentes. O primeiro ensinará de manhã Fortificação, ataque e defeza das Praças, Architectura civil, contrucção d'estradas, pontes, canaes, e portos: orçamento de Obras. O segundo Mineralogia. Haverá dous dias na semana destinados para o Desenho.

No 7.<sup>o</sup> anno os Discipulos ouvirão tambem dous Lentes. O primeiro ensinará Artilheria, Minas, e Geometria subterranea. O segundo explicará Zoologia, e Botanica.

Além d'estes onze Lentes haverá cinco substitutos: e sendo necessario estabelecer-se-hão Professores das Linguas Franceza, Ingleza, e Alemã, os quaes se substituirão mutuamente, sendo preciso.

Logo que possa formar-se huma Bibliotheca Scientifica e Militar para esta Academia, haverá hum Lente da Historia Militar, que servirá de Bibliothecario, e que no outavo anno explicará a Historia Militar de todos os Povos; os progressos que na mesma fez cada Nação; e dando huma idéa dos maiores Generaes Nacionaes e Estrangeiros, explicará tambem os Planos das mais célebres batalhas.

Por Decreto de 25 de Janeiro do corrente anno Foi S. A. R. o PRINCIPE REGENTE N. S. Servido Crear no Rio de Janeiro debaixo da Inspecção do Ministro e Secretario d'Estado das Negocios da Marinha e Dominios Ultramarinos hum Laboratorio Chymico Pratico, em que se ensaiem todos os productos de suas vastas Colonias, e se hajão, mediante as necessarias operações, de conhecer as utilidades, que d'estas substancias se podem colher

em benefício do Commercio e Industria Nacionaes, e maior desenvolvimento dos recursos e riquezas d'aquellas Colonias.

O Mesmo Augusto Senhor tendo em vista o bem dos seus Vassallos habitantes de climas doentios, como são principalmente as Colonias da Africa, mostrando a experiencia que são insufficientes as providencias, proximamente postas em pratica, de enviarlhes Professores, e medicamentos, porque os ditos Professores de ordinario são victimas da insalubridade de taes Paizes: Determinou que de cada huma das principaes Colonias da Africa se enviassem dous Moços bem educados, com principios, e disposições próprias para aprender no Rio de Janeiro hum Curso completo de Cirurgia, e Medicina pratica a fim de voltarem depois á sua Patria para exercerem a sua Profissão, e transmittirem a outros os seus conhecimentos, sendo de esperar que taes Individuos não soffrão, como os estranhos, a malignidade do Paiz, em que nascêrão.

De Angola, e das Ilhas de S. Thomé, e Principe já chegarão aquella Corte os seus Alumnos: forão transportados, e são mantidos á custa da Real Fazenda.

Quando a utilidade dos Estabelecimentos, a perfeição dos seus planos, e o zelo de quem os lembra, institue, e anima, he tão evidente aos olhos do amante das Sciencias, e ainda mesmo do não literato, mas que préza o bem dos Concidadãos, e a gloria da Patria, o Jornalista seria fastidioso, se gastasse tempo em apolojar cousas, que a todos agradão, como interessantes, e dignas de elogios. Tal he o nosso pensar sobre os objectos, que acabámos de referir.

## M I S C E L A N E A.

### Necrologia.

OS Jornaes de França annuncião assim a morte de hum célebre Naturalista: "Mr. *Sonini de Manoncourt* tinha-se exposto a morrer longe da sua Patria: tinha viajado no Egypto, Grecia, Asia menor, Valachia, e Moldavia; voltando para Paris, na idade de

66 annos, acaba de succumbir a huma molestia. Devem-se-lhe muitas obras de Historia Natural, notaveis por observações novas, e por hum estilo digno de hum dos Collaboradores de Euffon. Elle gosava em toda a Europa de huma celebridade merecida, mas que não pôde abri-lhe as portas do Instituto. „

---

*Longevidade.*

“Na Calabria ulterior habita huma mulher, chamada *Lourenza Paris* de idade de 110 annos. Tem hum filho de 80 annos, e hum grande numero de netos e bisnetos. Ella tem vivido sempre frugalmente, e conservado em todas as circunstancias da vida hum soccego extraordinario: ainda não teve huma só molestia. „

---

*Astronomia.*

*Augsbourg 26 de Abril.* — Tivemos o anno passado o espectáculo de hum Cometa; e este anno teremos no Ceo hum espectáculo de outro genero. A 11 de Maio. Venus se avisinhará de Jupiter, e estes dous grandes corpos planetarios se acharão muito perto hum do outro. Ver-se-ha a olho nu, e alto dia, Venus desde 15 de Maio até ao fim de Outubro. Este planeta achar-se-ha em todo o seu esplendor desde 29 de Junho até 8 de Outubro.

COMMERCI O.

*Relação dos Generos, que entrárão no Tejo desde 27 de Abril até 22 de Maio de 1812.*

**T**Rigo 45 toneladas, 60 moios, 15:650 fangás, e 2:250 alqueires. Farinha 86:340 barricas. Milho 10:394 moios, 16 saccos, e 2 alqueires. Cevada 375 moios, 1:173 barris, e 8 saccos. Avéa 30 barricas, 2:712 barris, e 860 alqueires. Centeio 256 moios, e 50 alqueires. Arpista 18 saccas. Carnes 1:193 barris. Persuntos 2:400, 50 barricas, e 33 barris. Toucinho 13 toneladas, e 20 arrobos. Arroz 3:096 barricas, e 30 saccas. Azeite 313 pipas. Dito de peixe 308 ditas. Agoardente 266 ditas. Feijão 473 saccos, e 3:425 alqueires. Biscouto 4:490 barricas, 140 barris, e 194 saccos.

Bacalhão 13:663 quintaes. Batatas 12 toneladas, e 200 cabazes. Queijos 20 cabazes, 225 canastras. Cerveja 132 pipas, e 69 duzias de garrafas. Manteiga 600 barris. Algodão 579 saccas. Assucar 480 caixas. Chá 30 ditas. Cravo 12 barris. Gomma 30 paneiros. Vêlas 98 caixas. Barrilha 80 surróes, e 860 quintaes. Tabaco 1:244 rolos. Couros séccos 6:814. Ditos salgados 3 $\phi$ . Vaquetas 1:514. Esparto 85 milheiros. Cabos 893 peças. Lonas 100 ditas. Breu 138 barris. Alcatrão 370 ditos, e 20 barricas. Resina 105 barris. Aduellas 5 $\phi$ . Ferro 24 toneladas. Papel 105 balas.

Veio tambem hum Bergantim Hespanhol com esparto fabricado; huma Galera, e seis Bergantins com fazendas Inglozas.

Lisboa 26 de Maio de 1812.

PREÇOS DO TERREIRO.

Trigo da terra . . . . .	1600
Grego e Torradinha . . . . .	1500
Milho da America, e da Terra . . . . .	900 até 1000
Centeio . . . . .	900
Cevada da terra . . . . .	660 . . . 900
Farinha de trigo por barrica . . . . .	18000
Avêa . . . . .	440

Segundo a Estiva de 22 de Maio de 1812, o pão de arratel deve vender-se por 79 reis; e o azeite a 510 reis por canada. Nas Fabricas, e Praças porém acha-se o pão de arratel a menos de 78 reis.

CAMBIO DE LISBOA.

Londres . . . . .	70
Madrid, Cadiz . . . . .	2700
Lionne, Veneza, Paris . . . . .	
Desconto do Papel-Moeda . . . . .	25 por cento.

SEGUROS.

Bahia, Rio, Pernambuco . . . . .	5 por cento.
Londres . . . . .	6 dito.
Sicilia . . . . .	10 dito.
Malta . . . . .	10 dito.

## PREÇOS DO HAVER O PESO.

Manteiga . . . . .	160 . . . . .	230 por arratel.
Arroz . . . . .	. . . . .	90 por dito.
Azeite . . . . .	5800 . . . . .	6000 . . . . .
Bacalháo . . . . .	2300 . . . . .	2400 por arroba.

## A G R I C U L T U R A .

MEMORIA sobre a Agricultura do Algarve, e melioramento, que póde ter. Por Constantino Botelho de Lacerda Lobo, Lente de Physica experimental da Universidade de Coimbra. (\*)

(Continuada da pag. 253.)

2.<sup>a</sup> PARTE.

Modo de melhorar a Agricultura no Algarve.

## §. XL.

O Melhoramento, que póde ter a Agricultura do Algarve consiste — 1.<sup>o</sup> Em dar hum maior gráo de perfeição aos generos de cultura lá estabelecidos; — 2.<sup>o</sup> Introduzir outros de novo, que forem accomodados ao clima e circumstancias locaes; — 3.<sup>o</sup> Multiplicar as máquinhas e instrumentos ruraes necessarios para facilitar a cultura das terras.

---

(\*) No principio d'esta Memoria (pag. 240) não declarámos o nome de seu Author, por este nos recommendar que a publicassemos anonima. Desejosos porém de que o Público conheça os sábios, que tão desveladamente se empregão no augmento da felicidade Nacional, rogámos, e conseguimos do Author a permissoão de publicar o seu nome. (Redactores.)

## ARTIGO I.

*Melhoramento da cultura já lá estabelecida**Vinhas.*

## §. XLI.

A cultura das vinhas está muito atrasada no Algarve. Devem os seus habitantes escolher a exposição, e terras, que para ellas forem mais accomodadas: huma grande parte dos predios incultos, que observei nas margens do Guadiana desde Castro Marim até Mertola, são capazes de criar muitas vinhatarias; he propria para esta cultura a natureza do terreno e a exposição, concorrendo tambem muito a navegação do Guadiana, que facilitando a exportação do vinho lhe augmenta o seu valôr.

## §. XLII.

Não sómente nas margens do Guadiana, mas a cada passo n'aquelle Reino se encontrão terrenos hum pouco inclinados com huma bella exposição, que podendo criar muitas vinhatarias, não produzem senão insignificantes arbustos: muitos vi eu d'esta natureza, cujas vertentes correm para o Cabo de S. Vicente.

## §. XLIII.

Além da escolha do terreno, e boa exposição d'elle, o que sempre devem ter em vista os moradores do Algarve; quando plantarem as suas vinhas, cumpre tambem que refoinem o modo, que tem adoptado de as podar, que he o péor, que pôde haver; porque cortão todas as vidês rentes com as cepas, e a consequen-

cia d'esta má prática he que as videiras não produzem nem metade do fructo, que podião dar. (\*)

§. XLIV.

Devem pois cuidar no melhoramento das suas vinhas com a mergulhia e enxertia das melhores castas de uvas, e a póda feita de maneira que a cepa fique sómente com o numero de varas, que seja proporcionado ás suas forças; aprendão finalmente os habitantes do Algarve a cultivar as vinhas, como os Lavradores do alto Douro; não misturem indiscretamente agoa com o mosto, que tirão das suas uvas; fação do mesmo modo, que elles, o seu vinho, e veráo que he igual em qualidade, ou talvez muito superior. (\*\*)

---

(\*) Este máo modo de podar observei nos redores de Alcoutim em Janeiro de 1791. O Desembargador da Relação do Porto Antonio José de Carvalho Pires, que então era Juiz de Fóra d'aquella Villa ensinou aos habitantes d'ella o melhor modo de podar as vinhas; a criação do bicho da seda; e fez outros serviços importantes.

(\*\*) No anno de 1790 havia no Algarve hum grande abuso no modo de fazer a vindima, e vinho. Ordinariamente vindimavão as uvas, quando ainda não tinham chegado ao perfeito estado de madureza; e muitas vezes meio maduras: erão depois postas ao Sol por oito, ou mais dias: passado este tempo, e quando muitas d'ellas estavam já pòdres, se mettião então em saccos em muitos lugares d'aquelle Reino, como Alcoutim, Portimão, Albufeira, e outros; e para lhes espremer o mosto, que depois se lançava nos tonéis, misturando-lhe hum terço d'agoa; e a alguns ainda parecia pouca aquella quantidade, e não ficavão satisfeitos, se não quando fazião a mistura por metade.

Se os Algarvios ainda hoje conservão o mesmo abuso, não tem desculpa alguma, quando hoje em dia ha muitos, e bons Escriptores, que tratão d'esta materia; ou podem imitar a prática de muitos Lavradores da Estremadura, Beira, e Traz-os-Montes. He lástima que os habitantes do Algarve tenham hum vinho d'inferior qualidade, e pouca duração, quando podia ser hum dos melhores do Mundo!

## §. XLV.

Estas boas práticas ruraes erão desconhecidas no Algarve no anno de 1790; e tambem em alguns lugares d'aquelle Reino os Algarvios estão tão aferrados a certo genero de cultura, que se descuidão de procurar aquelles, que são mais accomodados á natureza do terreno, em que vivem, e circumstancias locaes. Sirva para exemplo o grande Termo da Villa de Alcoutim: todo o vinho, que aqui houve no anno 1790, apenas chegou a vinte e nove pipas, quando sendo todo elle hum Paiz montanhoso he muito accomodado para vinhatarias e olivae; devião tambem cuidar n'estes generos de cultura, que lhes darião muito proveito; porque a cultura dos grãos pelo modo, com que a fazem, não lhes rende mais do que o quadruplo ou quintuplo da sua semente em annos abundantes; e nos estereis, como lhes falta o pão, são obrigadas as Familias a desamparar seus lares, e procurar outra habitação, como aconteceu no anno de 1777, e outros mais antigos, de que ainda ha memoria; por isso he pequena a População d'aquelle vasto Termo, pois no anno de 1790 era sómente de 6:360 almas.

*Cultura das Oliveiras.*

## §. XLVI.

A cultura das oliveiras póde adiantar-se muito no Algarve: todas as terras altas e baixas d'aquelle Reino são accomodadas para ellas: ainda mesmo na cordilheira de montes, que o sepáram da Provincia do Aléu-Téjo existem vargens incultas, aonde se podem criar muitos olivedos.

## §. XLVII.

Contão-se differentes variedades d'oliveiras no Algarve, assim como na Provincia do Aléu-Téjo, e Traz-os-Montes; e sen-

do humas mais fructiferas do que outras, a enxertia he o unico meio de as melhorar, e então terá o Proprietario com a mesma despeza huma colheita mais abundante. He para sentir que em todas as Provincias de Portugal seja quasi inteiramente despresado este modo de melhorar os olivaeis.

#### §. XLVIII.

Podem os habitantes do Algarve ainda com menos trabalho multiplicar os seus olivaeis n'aquelle Reino: basta só enxertarem o quasi infinito numero de zambujeiros, que lá existem sem que d'elles fação caso algum. Eu observei muitos em Janeiro de 1791 nas margens occidentaes do Guadiana, que estando então por amarrar são bem proprias para vinhas e olivaeis. (\*)

#### *Cultura das Alfarrobeiras.*

#### §. XLIX.

As Alfarrobeiras são arvores, que sómente tenho observado em grande quantidade no Algarve, conservão sempre a sua folha, como as oliveiras e laranjeiras, florecem no mez de Dezembro, gostão de hum clima o mais benigno, por isso eu não as vi em Alcoutim, e outras terras do alto Algarve, que ficão em huma maior altura a respeito do nivel do mar; ainda mesmo no baixo Algarve a cultura d'ellas se pôde multiplicar nos terrenos incultos, que lá vi, e melhorar pela enxertia; porque entre as variedades das Alfarrobeiras humas são mais fructiferas do que outras. (\*\*).

---

(\*) No anno 1790 me informáão, n'aquelle Reino, que costumavão arrancar as Oliveiras, que por doentes não davão fructo. He abuso culpavel! Quanto melhor he procurar remedios, que possão curar a doença, do que privarem-se d'aquellas arvores, que tantos annos custão a fazer!

(\*\*) As Alfarrobeiras são arvores taes, que até se crião nos terrenos mais magros, e pedregosos, que tem o Algarve. Eu mes-

Os Lavradores do Algarve interessão muito em adiantar e melhorar este genero de cultura; porque as Alfarrobas são hoje em dia hum importante artigo de exportação d'aquelle Reino para os Paizes estrangeiros. (\*\*)

*Cultura dos Castanheiros.*

A propagação dos castanheiros deve merecer muita contem-

---

mo as observei desde a Mexiloeira da Carregação até Tavira mettidas nas fendas das róchas: ellas crescem muito em pouco tempo: dão huma abundante colheita, sem que se faça despeza alguma na sua cultura; e cultivando os terrenos podem produzir trigo, cevada, e legumes.

(\*\*) Além de as Alfarrobeiras fazerem hum importante ramo de Commercio no Algarve, tambem d'ellas, com muita vantagem, se pôde fazer agoardente. O processo, que adoptavão em Faro, e Tavira no anno de 1790, era o seguinte: pisavão muito bem os cotyledones das alfarrôbas; depois era lançada toda a massa d'elles em huma tina de madeira, e juntamente aquella quantidade d'agoa quente ou fervendo precisa para ficar toda coberta: seguia-se logo huma fermentação vinhosa, e logo que esta acabava, e muitas vezes depois de começar a azedar, fazião a destillação do liquido, bem como se faz do vinho: o producto d'esta operação he huma agoardente, que vulgarmente chamão de prova d'azeite. Os habitantes do Algarve não tinham n'aquelle tempo huma agoardente das alfarrôbas de melhor qualidade, porque 1.<sup>o</sup> não escolhião aquellas, que tinham os cotyledones mais dôces: 2.<sup>o</sup> muitas vezes a agoa, que lhe lançavão, não era a precisa, e proporcionada á massa, que devia entrar na fermentação vinhosa: 3.<sup>o</sup> tambem ordinariamente começavão a destillação, quando no liquido havia já huma fermentação azéda: 4.<sup>o</sup> as mais das vezes não dirigião bem a operação da destillação, porque a agoardente ora adquiria hum cheiro empyreumatico, ora conservava o da alfarrôba, e muitas vezes tambem tinha hum máo sabôr. Devem pois os Algarvios regular as duas operações da fermentação, e destillação das alfarrôbas pelos principios chymicos, como adiante direi, quando fallar dos figos.

placção aos habitantes do alto Algarve pelo seu fructo, modica despeza, e bondade de madeira, que he das mais duraveis, que temos entre nós; comtudo eu sómente observei aquellas arvores nos redores da Villa de Monchique, aonde produzem castanha em abundancia. Muitos terrenos de iguaes circumstancias locaes tem as serranias d'aquelle Reino accomodados para este genero de cultura, e que nunca forão rompidos pelo arado.

*Montados.*

§. LII.

Os Montados, que são hum manancial de riqueza dos nossos Portuguezes da Provincia do Além-Têjo, faltão no Reino do Algarve, havendo aqui muitos terrenos proprios para este genero de cultura; porém o que mais admira he o pouco caso, que se faz d'aquelles, que a natureza offerece, como eu mesmo observei em 11 de Dezembro de 1790 nos montes, que ficão em direitura do Cabo de S. Vicente, conhecidos com o nome de Espinhaço de cão.

*Cultura das Amoreiras.*

§. LIII.

A plantação das amoreiras, que tem sido objecto de muitas e mui sábias Providencias, que os nossos Augustos Soberanos tem dado para este fim, ou não se tem feito no Algarve, ou não tem prosperado ali a sua vegetação, talvez por serem plantadas em terrenos pouco proprios para ellas. Em todos os lugares, por onde viajei, não vi senão huma ou duas amoreiras nos redores de Alcoutim. Os sitios montanhosos d'aquelle Reino são os mais convenientes para ellas, e aonde medrão melhor; porém no anno de 1790 erão então serranias incultas e despovoadas.

*Cultura do Esparto.*

## §. LIV.

A cultura do esparto, em que tanto cuidão os Hespanhoes, pôde restabelecer-se no Algarve (\*) com grande proveito dos seus habitantes; porque 1.º em muitos lugares d'aquelle Reino nasce elle espontaneamente, como eu mesmo observei nos redores de Sagres e Albufeira; — 2.º Os terrenos de mais inferior qualidade d'aquelle Reino proximos ao mar, que são pouco proprios para outro genero de cultura, podem muito bem servir para n'elles se propagar o esparto.

(Continuar-se-ha.)

---

---

(\*) No anno de 1563 ainda se cuidava da cultura do esparto no Algarve; porque nas Côrtes d'aquelle anno requererão os Procuradores de Silves, que elle não fosse apanhado antes do S. João.

## PHYSICA.

*Terremoto na Provincia de Venezuela.*

*Porto-Rio 15 de Abril de 1812.* — A's 4 horas e 7 minutos da tarde de 26 de Março sentio-se em Venezuela hum terremoto, que começando mui brando, cresceo durante hum minuto, e terminou por huma forte concussão, que duraria 2 segundos. Forão muitos os estragos e mortes causadas pelas ruinas dos edificios, deslocações de grandes massas dos montes, e largas aberturas, que apparecêrão em diversos pontos. As convulsões repetirão-se nos dias seguintes até 5 de Abril sendo fortissimo o aballo, que houve no dia 4 ás 4 h da tarde. Os effeitos d'este terremoto causarão graves perdas a muitas povoações; em algumas porém o catastrophe não podia ser mais horroroso. Guayra tornou-se hum monte de ruinas, em que ficarão sepultadas 1500 a 2000 pessoas, salvando-se para os campos alguns habitantes, e parte da tropa, meios nús e faltos de todos os meios de subsistencia. Igual sorte experimentou Caracas, onde o numero dos mortos foi de 10 a 120 homens; os restantes cobertos de confusão e horror vagavão infelizes, carecendo de tudo, e privados até de curativo, e remedios para suas feridas. Os edificios de Macuto, Maicatia, Ocumare, e Chorony, cahirão todos: as povoações do Valle Antimano, a Vega, e Petares, soffrêrão muito: os Valles de Aruaga não padecerão tanto. Em Valencia, Coro, e Maracaybo sentio-se o terremoto, mas não fez estragos. S. Carlos, S. Philippe, Barquisimeto, Iritagua, e outros forão arruinados. Os Povos de Santa Rosa, e Cabudare, desaparecerão. Em Carora, Cumamá, e Barcelona cahirão alguns edificios. — Tal he em resumo a historia dos desastres, que succederão a estes desgraçados povos: faltão-nos porém ainda relações scientificas dos phenomenos physicos, que naturalmente terião lugar, e que servirão de fundamento para se ajuizar com particularidade a causa d'este terremoto.

“*Turin 4 de Maio.* — Mme Blanchard fez em Turin huma ascensão aerea, Domingo 26 de Abril ás 4 horas e meia da tarde.”

“Eis-aqui as circumstancias principaes d'esta viagem, taes como as lemos em huma participação feita á Academia de Turin.”

“Quando o mercurio estava a 16 pol. e 10 lin. ella experimentou hum vento mui forte, que fez mudar a primeira direcção do balão. A 15 pol. e 6 lin. Mm. Blanchard diz ter experimentado huma diminuição de friô. A 12 pol. e 11 lin. sentio huma pulsação da arteria junto ao angulo externo do olho esquerdo, e huma especie de terror da palpebra inferior do mesmo olho. A 12 pol. e 3 lin. teve huma forte hemorrhagia de nariz. Poucos minutos depois o barómetro marcou 10 pol. e 3 lin. ultimo ponto, a que o mercurio pôde descer. Confôrme os methodos conhecidos esta indicação do barómetro leva a maior elevação de Mm. Blanchard a 31900 toesas: n'esta altura o friô era insupportavel; o thermómetro de Reaumur estava a 17 gr. acima (\*) do gelo: os vapores gelados vinhão fixar-se sobre as mãos, e sobre o rosto da aereonauta.”

“A côr do Ceo parecia quasi negra. Esta observação de Mm. Blanchard sobre a côr do Ceo coincide com aquella, que M. de Saussure tinha feito sobre o cume do *Montebianco*. Ella notou igualmente que o Sol se lhe apresentava sem os seus raios ordinarios, e com hum diametro muito menor do que aquelle, que elle offerece, quando se olha da superficie da terra. Hum momento depois d'estas observações o thermómetro, tendo ainda descido hum gr., a aereonauta quasi dormente decidio-se a descer.”

No anno 1805 o PRINCIPE REGENTE N. S. Foi servido mandar para a Universidade de Coimbra huma collecção de madeiras do Brazil, que se compõe de 1:095 parallelepipedos de madeiras mui bem polidas, e com suas lindas côres naturaes. Não são ellas de todos os Estados do Brazil, mas sómente das Capitánias de Pernambuco, Maranhão, Pará, e Bahia. José Aniceto Rapposo da Cidade de Lisboa foi por Ordem Superior encarregado de arranjar 4 collecções; huma para hum presente, que fez S. A. R.; outra para Coimbra; outra para o Gabinete d'Ajuda; e outra para ficar no Quarto de S. A. R.

O Mesmo Senhor Foi servido mandar tambem que as sóbras das madeiras das ditas collecções fossem dadas ao Dr. Constantino Botelho de Lacerda Lobo, Lente de Physica Experimental da Universidade de Coimbra, para n'ellas determinar a sua resistencia, gravidade especifica, e outras mais propriedades. N'este trabalho se tem occupado ha mais de 6 annos, e feito aquellas experiencias, que lhe tem sido possiveis, e que apresentará ao Público.

(\*) Pôde ser que esta observação thermoniétrica fosse feita por alguém sobre a superficie da terra, em quanto Mm. Blanchard voava: se porém ella he feita pela mesma Mm. então não pôde deixar de ser erro a palavra *acima*, e deve substituir-se-lhe a palavra *abaixo*. (Redactores.)

*Breve noticia da Faculdade de Philosophia  
da Universidade de Coimbra.*

O Curso da Faculdade de Philosophia Natural consta de quatro annos d'estudo effectivo; n'elles se ensina a Zoologia, a Mineralogia, a Physica Experimental, a Botanica, a Agricultura, a Chymica, e a Metallurgia: todas estas Disciplinas são distribuidas por cinco Cadeiras.

Primeiro anno. Ensina-se Zoologia, e Mineralogia.

He a Zoologia a sciencia do Reino Animal, na qual se mostram os principios fundamentaes de hum systema, a que se reduzem os animaes conhecidos com todos os caracteres, que os distinguem. Não se limita só á observação dos factos constantes e uniformes, que pertencem a toda a especie; descê tambem ás particularidades, a saber: geração, tempo do cóito e do parto, numero de filhos, lugar de habitação, sustentô, duração da sua vida, doenças, usos, e utilidades dos individuos, muito principalmente d'aquelles mais importantes á vida social.

A Mineralogia faz conhecer systematicamente as propriedades observadas nas differentes terras, pedras, rochas, saes, metaes, substancias inflammaveis, e productos volcanicos; e em geral trata de todos os corpos inanimados, e inorganicos, que se achão na superficie, e interior do globo.

Segundo anno. Ensina-se Physica Experimental.

He a Physica aquella sciencia, que faz conhecer pela experiencia as propriedades, equilibrio, e movimentos dos corpos: consiste primeiramente em colligir factos averiguados pela observação, e experiencia; chegando depois, pela combinação, e generalisação, a hum facto primordial, que, fazendo as vezes de causa a respeito dos nossos conhecimentos, possa explicar syntheticamente os factos particulares: conseguintemente he a Physica huma sciencia historica, racional, e experimental.

As propriedades dos corpos podem ser consideradas *in abstracto*, ou *in concreto*; por isso costuma dividir-se a Physica em geral, e particular.

A geral tem por objecto a Mechanica, sciencia do equilibrio, e movimento dos corpos: mas como estes ou são sólidos, ou fluidos, por isso a Mechanica se divide em Statica, ou equilibrio dos sólidos; em Dynamica, ou movimento dos mesmos sólidos; em Hydrostatica, ou equilibrio dos fluidos, e em Hydrodynamica, ou movimento dos mesmos fluidos. A particular occupa-se no exame das propriedades de certos corpos, como são, Agua, Ar, Fogo, Luz, Fluidos magnetico, electrico, e galvanico.

Terceiro anno. Tem duas Cadeiras: ensina-se em huma a Botanica, e Agricultura, e em outra a Chymica theoretica, e pratica.

Sendo a Botanica aquella parte da Historia natural, que tem por objecto o Reino Vegetal, ella trata de todos os vegetaes, considerados como entes naturaes; não se occupando só em fazer conhecer cada hum dos individuos; pelo meio de hum systema, que as mais das vezes participa do natural, e artificial; mas tambem ensinando a tirar dos vegetaes todo o partido para o nosso interesse. Esta sciencia comprehende historia, nomenclatura, organização, natureza, e fórma das suas partes, como se desenvolvem, e reproduzem, qualidade, e movimento dos succos, etc.

A Agricultura ensina a cultivar a terra, pondo-a em estado de dar as producções uteis: he a Agricultura theoretica, e pratica; a theoretica faz conhecer os principios, que são a base da vegetação, e n'ella influem, mais ou menos, a saber: calórico, luz, fluido electrico, ar, agoa, terra, etc. descreve as partes sólidas, e fluidas dos vegetaes, e explica a sua acção reciproca. A pratica occupa-se em distinguir os diversos terrenos, suas exposições, e especies de plantas, que ali se produzirão com mais vantagem; trata dos estrumes dos tres Reinos da Natureza; dos trabalhos da terra, e instrumentos para este fim; das sementes, sua conservação, e preparação; das régas, das colheitas, das enxer-

tas, das doenças dos vegetaes; e ultimamente dos meios necessários, como são, os braços do homem, a força dos animaes, e os instrumentos, etc.

20.º A Chymica he a Sciencia que ensina a conhecer a acção íntima, e reciproca dos corpos (as mais das vezes considerados como massas heterogeneas) huns sobre os outros: por isso pelos meios da analyse, ou decomposição, e da synthese, ou composição, se separão as differentes substancias, que formão hum corpo; examinão-se as propriedades, e analogias de cada huma d'ellas em particular; e combinão-se com outras substancias; produzindo pela mistura, em consequencia das affinidades, novos compostos, de que, até então, não havia modelo. Tanto a theoria, como a prática estende-se aos tres Reinos da Natureza, mostrando os differentes processos uteis nas Artes, e na Medicina.

Quarto anno. Ensina-se a Metallurgia.

Trata a Metallurgia da extracção dos metaes das suas respectivas minas: para melhor chegar a este fim, começa-se pela Domicinassa; esta consiste em ensaiar as minas, para conhecer exactamente o metal, que promettem, e a proporção das substancias, que as compõem; tendo, em ultimo resultado, a qualidade e quantidade da substancia, ou substancias metálicas.

Depois d'este interessante exame, começão-se os trabalhos, em grande, das Minas, dando os meios para sondar o terreno, abrir pozos, reconhecer os veios metálicos, seguir as suas direcções, estabelecer e sustentar as galerias, esgotar a agoa das minas, renovar o ar nos lugares subterraneos, defender os trabalhadores dos gazes nocivos á vida, extrahir a mina, lavalla, pisalla, ustullalla, fundilla, purificalla, etc.

Os Estudantes, que pertendem fazer Formatura, bem como os que tão sómente querem ser Bachareis, são obrigados a frequentar todos os quatro annos: o Acto do quarto anno he o Acto de Bacharel; e para se fazer Formatura não he necessario frequentar novo anno, mas fazer hum Acto, em que se tira ponto em todos os quatro annos. Os que pertendem ser ou Licenciados, ou Dou-

tores devem frequentar mais hum anno; e n'elle ouvem às lições do terceiro, e quarto anno. Em tudo o mais como em Medicina (\*).

Para o serviço scientifico do Curso Philosophico ha 5 Lentes Proprietarios, 4 Lentes Substitutos, 5 Demonstradores, e os Doutores Oppositores da Faculdade.

*Lentes Proprietarios.*

Primeiro, com exercicio na 1.<sup>a</sup> Cadeira, o Dr. Francisco Antonio Ribeiro de Paiva; Decano da Faculdade.

Segundo, com exercicio na 2.<sup>a</sup> Cadeira, o Dr. Constantino Botelho de Lacerda Lobo.

Terceiro, com exercicio na 4.<sup>a</sup> Cadeira, o Dr. Thomé Rodrigues Sobral.

Quarto, vago (\*\*).

Quinto, com exercicio na 5.<sup>a</sup> Cadeira, o Dr. José Bonifacio de Andrade e Silva.

*Lentes Substitutos.*

Primeiro, da 2.<sup>a</sup> Cadeira, o Dr. Manoel José Barjona, igualado ao 5.<sup>o</sup> Lente.

Segundo, da 1.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> Cadeira, o Dr. Antonio José das Neves; igualado a 6.<sup>o</sup> Lente.

Terceiro, da 4.<sup>a</sup> Cadeira, o Dr. Paulino de Nolla e Oliveira (ii).

Quarto, da 5.<sup>a</sup> Cadeira, vago.

*Demonstradores.*

Primeiro, da 4.<sup>a</sup> Cadeira, o Dr. Oppositor Sebastião Navarro de Andrade (§).

(\*) Num. III. pag. 193.

(\*\*) He regida pelo 2.<sup>o</sup> Lente Substituto.

(ii) Viajante.

(§) Viajantê.

Segundo, da 1.<sup>a</sup> Cadeira, o Dr. Oppositor Agostinho Albano da Silveira.

Terceiro, da 3.<sup>a</sup> Cadeira, o Dr. Oppositor José de Sá.

Quarto, da 2.<sup>a</sup> Cadeira, o Dr. Oppositor Joaquim Franco da Silva.

Quinto, da 5.<sup>a</sup> Cadeira, o Dr. José de Freitas Guimarães.

*Doutores Oppositores.*

1.<sup>o</sup> José Homem de Figueiredo.

2.<sup>o</sup> Caetano Rodrigues de Macedo.

Creárao-se, para ter exercicio em Lisboa, mas incorporadas na Faculdade de Philosophia, duas Cadeiras, e huma Demonstração: a 1.<sup>a</sup> de Docimassia, e Proprietario d'ella o Dr. João Antonio Monteiro (\*): a 2.<sup>a</sup> de Pharmacia, vaga; para Demonstrador das duas Cadeiras Gregorio José da Seixas.

*MEMORIA sobre os defeitos, que tem os nossos carros das transportes militares (ii); modo de os diminuir, e additamento ao da invenção de Bôulard. Pelo Dr. Constantino Botelho de Lacerda Lobo.*

PARTE 1.<sup>a</sup>

§ I.

O Exercito empregado na defenza de Portugal, commandado pelo melhor General do Mundo o Illustrissimo e Excellentissimo

(\*) Viajante.

(ii) Os transportes são como a alma do Exercito. A construcção de carros tem sido o objecto de Generaes da primeira or-

Marques de Torres Vedras, não pôde continuar na carreira das suas brilhantes victorias sem que se facilitem os transportes das suas precisas subsistencias.

## §. II.

Era para desejar que todos os transportes se fizessem em bestas muares, (\*\*) porque os bois vão sendo, entre nós, cada vez

---

dem. O Marechal General Conde de Lippe, nas suas *observações, e maneira de pôr em prática a Disciplina Militar para maior segurança de Portugal*, lançadas no N.º VII. do Investigador Portuguez, pag. 379, tem (pag. 395 no fim) "He preciso hum numero de carretas, e carros d'artilheria proporcionado ao numero, e calibre das peças, de que, a meu vêr, o parque deve ser composto; e cuja relação dei também a Mr. Valeré. Este também está encarregado de fazer hum modelo de carro d'artilheria, proprio para levar munições, segundo certos princípios, a respeito dos quaes tem as necessarias direcções. Aquelles, que vierão d'Inglaterra, não são proprios para este Paiz. He precisa toda a brevidade em começar a fazer estes carros e carretas segundo o methodo, de que Mr. Valeré está instruido; e eu continuarei a corresponder-me com elle particularmente sobre este objecto. O numero d'estes differentes carros determina-se pelos pesos, volume, e numero dos tiros para cada obuz, e canhão, fixado para marchar com as peças, e munições de reserva: tudo isto se acha determinado no projecto para o Parque d'artilheria, que tenho communicado a Mr. Valeré para acabar o seu detalhe." (Redactores.)

(\*\*) He melhor que os transportes sejam feitos em bestas muares, e ás costas d'estes animaes: d'este modo durão ellas 12 annos, e sómente quatro, quando são empregadas no movimento dos carros; porque n'este caso actua simultaneamente o maior numero de musculos, e fatiga-se mais o bófe por huma respiração mais frequente. Observações authenticas nos mostram que a accellerção da circulação do sangue he proporcional á intensidade dos esforços musculares; e que os flúidos devem ser accelerados, quando as paredes dos vasos são contrahidas com violencia. Também, quando o animal se move, oscila a sua massa já para a direita, já para a esquerda; movimento este, que he em detrimento do animal, e pura perda do seu serviço. Estas e outras importantes reflexões vem no Tratado de Tossobronc sobre o movimento dos animaes publicado em Modena no anno de 1803.

mais raros: mas não havendo por ora outros meios de os fazer, senão com estes animaes, cumpre economisar as suas forças, e que o menor numero d'elles seja sufficiente, sem detrimento do importante serviço da defesa nacional.

### §. III.

Uma menor quantidade de bois seria bastante, se não houvessem nos carros dos transportes os muitos defeitos, que ora tem. Eis-aqui porque logo se fatigão aquelles animaes. Aqui se tombão os carros; ali ficão mettidos nos atoleiros; acolá humas vezes quebra o eixo, outras as rodas; o pobre Lavrador chora a perda do seu cabedal, e o peor he, que o Exercito dos defensores da nossa Patria, soffre muitas vezes grandes privações.

### §. IV.

Para diminuir ao menos, tantos males, he preciso conhecer os defeitos dos nossos carros, e dar-lhes aquelle melhoramento, que fôr possível; o qual não sómente póde facilitar os transportes militares, mas a importação, e exportação das producções da natureza, e industria, em vantagem da Agricultura, e Commercio.

### §. V.

Os defeitos, que tem os carros dos transportes militares, e geralmente todos os de conducção são 1.º a pouca mobilidade, 2.º hum pêso demasiado, 3.º pouca segurança: e, além d'estes, não economisão a força dos animaes, e estragão os caminhos.

**Primeiro defeito.**  
*Os carros dos transportes militares não tem a devida mobilidade.*

## §. VI.

Diminuem a mobilidade as resistencias do attrito, que são grandes as que soffrem os carros dos transportes assim nos caminhos, em que se movem, como no eixo. O demasiado peso das rodas comprime muito o plano, e augmenta a fricção. O mesmo effeito produzem as cambas estreitas, e mal guarnecidas; porque mais facilmente se introduzem nas estradas, por onde passam.

## §. VII.

São tambem mui consideraveis os attritos no eixo; porque, sendo de pào, he perciso que tenha huma grossura proporcionada: cresce então a superficie, e o attrito. Não he menor a fricção, que causa o pequeno diametro das rodas; porque necessariamente hão de dar hum maior numero de voltas para caminhar hum dado espaço.

## Segundo defeito.

*Tem hum peso demasiado.*

## §. VIII.

Tem os carros hum peso demasiado nas rodas, eixo, e mêza. As rodas são em muitos d'elles quasi todas massiças, carregadas com muitas chapas de ferro, e grossos pregos. O eixo de madeira, que todos tem, he pesado em demasia. A mêza tem muitas vezes maior peso do que he necessario; porque as taboas, e barrótes, de que he feita, são ordinariamente de huma grossura excessiva.

## Terceiro defeito.

*Não tem a precisa segurança.*

## §. IX.

A pouca segurança, e duração dos nossos carros procede de muitas causas: 1.<sup>a</sup> as rodas, tendo as cambas estreitas, por ellas começa logo a sua destruição: 2.<sup>a</sup> em todos, o eixo fica abaixo da méza, e dos altos côcões em muitos d'elles; os carros assim feitos, tendo o seu centro de gravidade superior ao de movimento, tombão-se facilmente: 3.<sup>a</sup> o eixo de páo quebra a cada passo, como muitas vezes se tem visto, nos transportes militares.

## Quarto defeito.

*Não economisa a força dos animaes.*

## §. X.

A má construcção dos nossos carros economisa pouco a força dos animaes; porque deve ser superior á somma das resistencias, que nascem dos muitos attritos, demasiado peso, rodas pequenas, e grande obliquidade na direcção do movimento: e como todas estas resistencias são mui consideraveis não sómente nos carros dos transportes militares, mas geralmente em todos, por isso ou se ha de diminuir a quantidade do carreto, ou fatigarem-se muito os animaes, e reduzirem-se ao estado de não poderem servir, como todos os dias está acontecendo.

## Quinto defeito.

*Estragão as estradas.*

## §. XI.

O melhoramento d'algumas das nossas estradas não pôde conservar-se, em quanto existir a actual construcção dos nossos carros de rodas pequenas, cambas estreitas, e de huma superficie muito desigual; porque, fazendo estas regos muito fundos, pouco a pouco vão estragando os caminhos, e tambem as calçadas, quando ellas são formadas de pedras grandes e pequenas misturadas indistinctamente.

## §. XII.

Este effeito necessariamente assim ha de acontecer; porque huma pedra grande, tendo mais base, e massa, ha de resistir mais á pressão da roda, que sobre ella se move; e por isso se affunda menos; passando porém a roda de huma pedra grande para huma pequena, como esta resiste menos, se enterra mais. Eis-aqui porque as calçadas se arruinão tão facilmente, que percisão de ordinario ser reparadas todos os annos.

## §. XIII.

Tenho referido os defeitos, que tem os carros dos transportes militares, e geralmente todos entre nós; porém os peiores, e que mais escandalisão, são os de Lisboa, aonde, sem embargo de haverem hoje em dia muitas luzes, todavia tem havido descuido d'imitar as Nações civilisadas da Europa, que tem dado sábias providencias para melhorar os seus carros de conducção, e conservar as estradas.

§. XIV. *Descripção dos carros de Lisboa. Fig. 1.<sup>a</sup>*

Como pois os carros de Lisboa tem mais defeitos do que os das Provincias, por isso faço d'aquelles a descripção, para que melhor se possa conhecer qualquer dos que se encontrão n'aquella Cidade. Compõem-se de hum cabeçalho A. b., que tem de comprimento 12 palmos, de huma mêza de 6 de largura, e 11 de comprimento: compõem-se mais de duas rodas de hum diâmetro E. E. de 4 palmos e  $\frac{3}{4}$ : a sua grossura vai diminuindo desde o pião até á circumferencia, sendo aqui de  $\frac{1}{2}$  de palmo, e ali de  $\frac{3}{4}$ : não sómente as rodas tem as cambas estreitas, mas he toda a sua superficie coberta de chapas de ferro, com pregos de grande cabeça, que a fazem muito desigual. Tem duas meias luas (\*) FF. de huma grandeza arbitraria, e hum eixo de páo de  $\frac{1}{2}$  palmo de diâmetro, e 7 de comprimento: sobre o eixo estão postos de ambos os lados dous côcos NN., que tem d'altura cada hum 2 palmos e  $\frac{1}{2}$ , e sobre elles assenta a mêza do carro.

## PARTE II.

*Modos de diminuir os defeitos dos carros dos transportes militares. (\*\*)*

### §. XV.

Para diminuir os defeitos dos carros dos transportes militares, he necessario que elles sejam feitos de maneira, que tenham

(\*) Estè he o nome, que lhe dão os Lavradores de Lisboa.

(\*\*) Depois de ter mandado aos Senhores Redactores do Jornal de Coimbra huma Memoria sobre carros de transportes, constou-me que se tinham feito muitos em Lisboa com mais mobilidade e segurança, diminuindo-lhes o peso das rodas, e mêza do leito. Tive o maior prazer possível com esta noticia. Fallo todõs

as seguintes propriedades, que consistem 1.<sup>o</sup> em terem a maior mobilidade possível; 2.<sup>o</sup> menor peso; 3.<sup>o</sup> maior segurança; 4.<sup>o</sup> em economisarem a força dos animaes; 5.<sup>o</sup> não estragarem os caminhos.

Primeira propriedade.

*Os carros dos transportes militares devem ter a maior mobilidade possível.*

§. XVI.

As rodas maiores augmentão a mobilidade dos carros, que cresce diminuindo as resistencias do attrito, que com effeito são menores, porque fazem regos pouco fundos: e como andão o mesmo espaço dando hum menor numero de voltas, he menor a fricção no eixo.

§. XVII.

Se as rodas tiverem as cambas largas, e cobertas de chapas de ferro, de maneira que toda a sua superficie seja lisa, quanto fôr possível, necessariamente a fricção no plano, em que se moverem, ha de ser menor; porque diminue tanto, quanto augmenta o polimento das superficies.

§. XVIII.

Tendo, finalmente, cada roda seu eixo de ferro, girando

---

os annos sobre os defeitos, que tem os nossos carros de conducção. Mandeí já para a Academia huma Memoria, que se leo na Sessão pública de Maio de 1806: e estimo que os conhecimentos uteis se vão propagando em beneficio público. He verdade que dêrão hum bom melhoramento aos carros, mas deixarão-lhes o maior defeito, que he o centro de movimento abaixo do de gravidade.

Rogo aos Senhores Redactores que hajão de inserir esta nota em algum dos §. da minha Memoria.

sobre fulcros de latão, he muito menor o attrito; não só por se diminuir a superficie, mas por ser feito o movimento entre corpos heterogeneos, nos quaes a fricção he ordinariamente menos consideravel.

Segunda propriedade.

*Devem ter hum menor pêso.*

§. XIX.

Nos carros dos transportes militares, e geralmente em todos, os que se observão entre nós, pôde diminuir-se o pêso nas rodas, eixo, e méza. Diminue-se o pêso das rodas, não sendo ellas todas massiças, mas de raios d'huma sufficiente grossura, que, sahindo das cambas, sejam mettidos em hum corpo cylindrico, que occupe o lugar central d'ellas: d'este modo podem ficar as rodas muito menos pesadas.

§. XX.

Tendo cada huma das rodas hum eixo de ferro, os dous d'ellas ambas tem hum pêso menor, do que o de pão, de que se faz uso. Como pois, diminuindo o pêso e a inercia, he menor a somma das resistencias, d'aqui vem, que tudo, o que fizer menos pesados os carros dos transportes, augmenta tambem a sua mobilidade.

§. XXI.

Não he perciso que a méza seja feita de grossas taboas e barrotes; basta sómente, que toda esta madeira tenha a coherencia necessaria, e superior ao pêso, que sobre ella houver de carregar; se porém a natureza dos transportes assim o permittir, será conveniente, que a méza seja antes reduzida a huma grade, porque então fica o carro com menor-pêso.

Terceira propriedade.

*Devem ter a precisa segurança.*

§. XXII.

O menor pêso, a que podem ficar reduzidos os carros, não he incompativel com a sua segurança; a qual se consegue com a boa construcção das rodas, escolha do eixo, e a posição d'elle. As rodas devem ser perfeitamente redondas, para que se facilite mais o seu movimento. As cambas terão huma competente largura, e sómente aquella grossura, que fôr precisa para a sua segurança: nunca lhes ficará porção alguma das camadas còrticas da madeira, de que forem feitas, tanto na parte concava, como na convexa; porque começa por aqui a sua destruição. Havendo ordinariamente em cada roda seis cambas, terá cada huma d'ellas sua curvatura natural; para que não sejam cortadas as fibras, e se diminua a sua fôrça.

§. XXIII.

Em lugar do eixo de páo, que quebra a cada passo, devem ser dous de ferro (de que já fallei), para cada roda seu; girando em fulcros postos hum sobre a mêza, e outro em hum barroto, que lhe fique opposto: de maneira que se mude a posição dos côcões debaixo para cima: d'este modo o centro de gravidade do carro fica inferior ao de movimento, e não se tombará facilmente.

Quarta propriedade.

*Devem economisar a fôrça dos animaes.*

§. XXIV.

As rodas maiores economisão a fôrça dos animaes, não só-

mente pelas razões já expostas, mas porque a força absoluta de qualquer potencia diminue na mesma razão, que cresce a distancia do apoio, a qual nas rodas he igual ao raio, que he maior nas grandes, do que nas pequenas: d'onde se segue a grande vantagem, que aquellas tem, por ser bastante hum menor esforço dos animaes para mover os carros.

## §. XXV.

As rodas maiores vencem mais facilmente os obstaculos, que a cada passo encontrão nas estradas: introduzem-se menos nos atoleiros: e n'este caso gasta-se menos a força dos animaes, por ser menos obliqua a sua direcção.

## §. XXVI.

Não sómente as rodas grandes economisão a força dos animaes por actuarem em huma maior distancia do apoio, mas tudo quanto poder diminuir os attritos, e péso dos carros: cumpre tambem que a altura d'elles seja proporcionada á da cabeçalha; de maneira que a direcção, em que os animaes empregão o seu esforço, seja [quasi] parallela ao plano, em que se moverem.

## Quinta propriedade.

*Não devem estragar as estradas.*

## §. XXVII.

A ruina das estradas depende da má construcção das calçadas, e das cambas estreitas, que tem as rodas dos nossos carros. Evita-se, ou ao menos diminue-se muito o primeiro inconveniente, fazendo as calçadas de pedras de maior grandeza, e separando as grandes das pequenas para evitar a grande desigualdade da pres-

são (\*); e o segundo se os carros tiverem as cambas largas (†); porque tão longe estão estas, d'estrugar os caminhos, que antes servem para os aplanar, e reduzir a melhor estado.

§. XXVIII.

Quando todas as nossas estradas tiverem aquelle melhoramento, que tem algumas, então os carros de quatro rodas devem preferir-se aos de duas; 1.º porque, sendo distribuido por huma maior base o peso, com que são carregados, he menor a pressão, que fazem nos caminhos, os quaes por isso se conservão por mais tempo: 2.º pela mesma razão se introduzem menos nos atoleiros, e d'este modo se poupa muito a força dos animaes: 3.º os carros de quatro rodas podem levar maior carga, sem que se faça preciso hum maior numero de animaes: d'aqui pôde resultar muita utilidade em vantagem dos transportes militares, e do commercio, porque se facilita mais o carreto das mercadorias.

§. XXIX.

Entre todas as Nações da Europa a Inglezã he aquella, que mais cuida no melhoramento, e conservação das estradas; não sómente fazendo uso dos carros de quatro rodas, e cambas largas,

(\*) As estradas feitas de cascalho, ou pequenos pedaços de pedras misturadas com areia, são as melhores, e devem ter preferencia ás calçadas: quando porém d'este modo não podêrem ser construidas, e for preciso recorrer ao calháo, então deve-se escolher aquelle, que for de maior grandeza: mas se este faltar, e for necessario fazer uso do mais pequeno, humas ruas serão feitas d'este, e outras d'aquelle.

(†) A largura das cambas concorre muito para a conservação das estradas; porém deve ter proporção com a carga dos carros. Mafuet estabeleceu que a cada pollegada pôde corresponder a carga de 650 libras no Estio, e 300 no Inverno. *Jornal de Physica* tom. 37. pag. 312.

mas até determinando por Lei o pêsso, com que devem ser carregados tanto de Verão, como d'Inverno. (\*)

§. XXX.

As referidas propriedades, que devem ter os carros dos transportes militares, são aquellas, que se observão no da invenção de Boulard, descripto no Jornal de Physica do anno de 1785 tom. 27 pag. 426, que deve servir de modelo para aperfeiçoar, do melhor modo, que for possível, tanto aquelles, como todos os nossos de conducção.

*Descripção do carro de Boulard. Fig. 2.<sup>a</sup>*

§. XXXI.

O carro da invenção de Boulard compõe-se da cabeça A. B., e da méza B. A., cujas dimensões elle não declara, mas suppomos que sejam as mesmas, que tem os de Lisboa. Compõe-se mais de dous barrotes D. D.; e para maior segurança communicão as suas extremidades com as travessas E. E.: tem duas rodas de sete palmos de diametro com cambas largas H. H.; das quaes sahem os raios, e são mettidos em hum corpo cylindrico G. G., que occupa o lugar mais central da roda: cada huma tem seu eixo de ferro de 18 linhas de diametro, que gira nos côcões F. F., que, em

---

(\*) Nos annos de 1754, e 1758 determinou sábiamente o Governo Inglez que as cambas dos carros de conducção não possessem ter menor largura, que cinco pollegadas: que os carros de duas rodas não poderião ser carregados no Verão com maior pêsso, do que 3:300 libras, e que d'Inverno sómente poderião trazer 2:400: que os carros de quatro rodas com as cambas da mesma largura serião carregados no verão com 7:800 libras, e no inverno com 6:600: que se os carros de duas rodas tivessem as cambas de cinco pollegadas, e oito linhas, poderião ser carregados de Verão com 5:800 libras, e d'Inverno com 4:600, etc.

lugar de serem dous, são quatro, postos sobre a méza do carro, e outros nos barrotes, que lhes ficão oppostos. A méza pôde ser coberta de taboas, ou formar huma grade, confôrme o uso, que tiver.

*Addicção ao carro da invenção de Boulard.*

§. XXXII.

Ainda que este carro tem maior mobilidade do que os de transportes militares, todavia pôde-se augmentar mais, movendo-se os eixos em fulcros, ou côcões formados do ajuntamento de tres cylindros de latão, movidos cada hum d'elles á roda do seu eixo, como representa a Fig. 3.<sup>a</sup> com este accrescentamento, que me lembra, julgo que fica reduzido o carro da invenção de Boulard a hum maior gráo de perfeição; porque se muda o attrito da primeira especie para o da segunda, que oppõe ao movimento huma resistencia incomparavelmente menor, como todos os annos mostro com evidentes experiencias. D'este modo economisa-se muito a fôrça dos bois, em vantagem dos carretos, e conservação d'aquelles animaes.

Fig. 5



Fig. 2

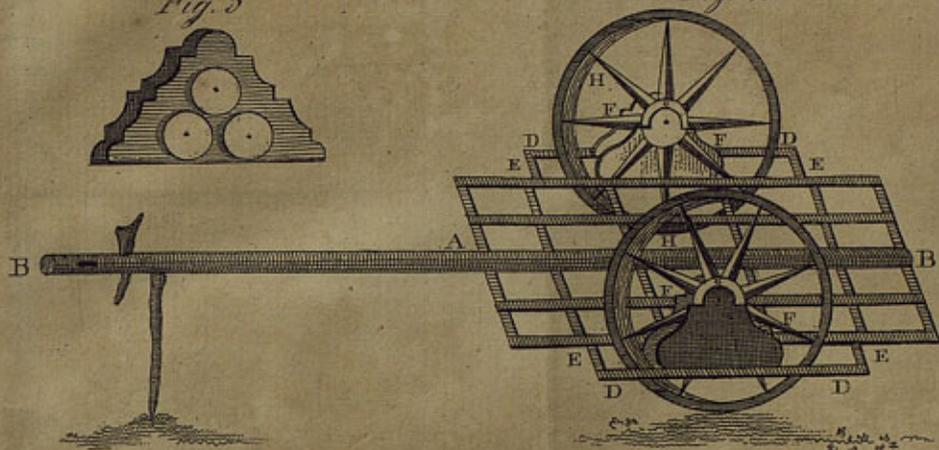
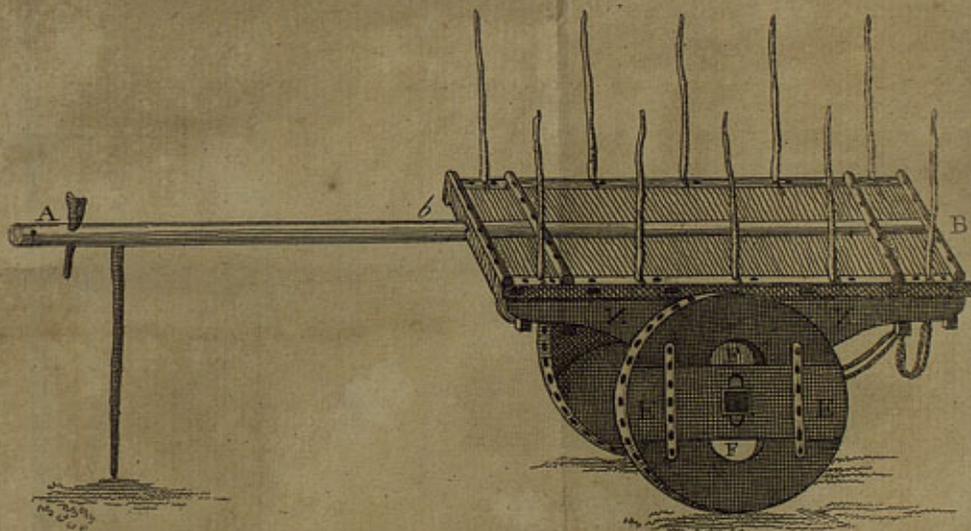
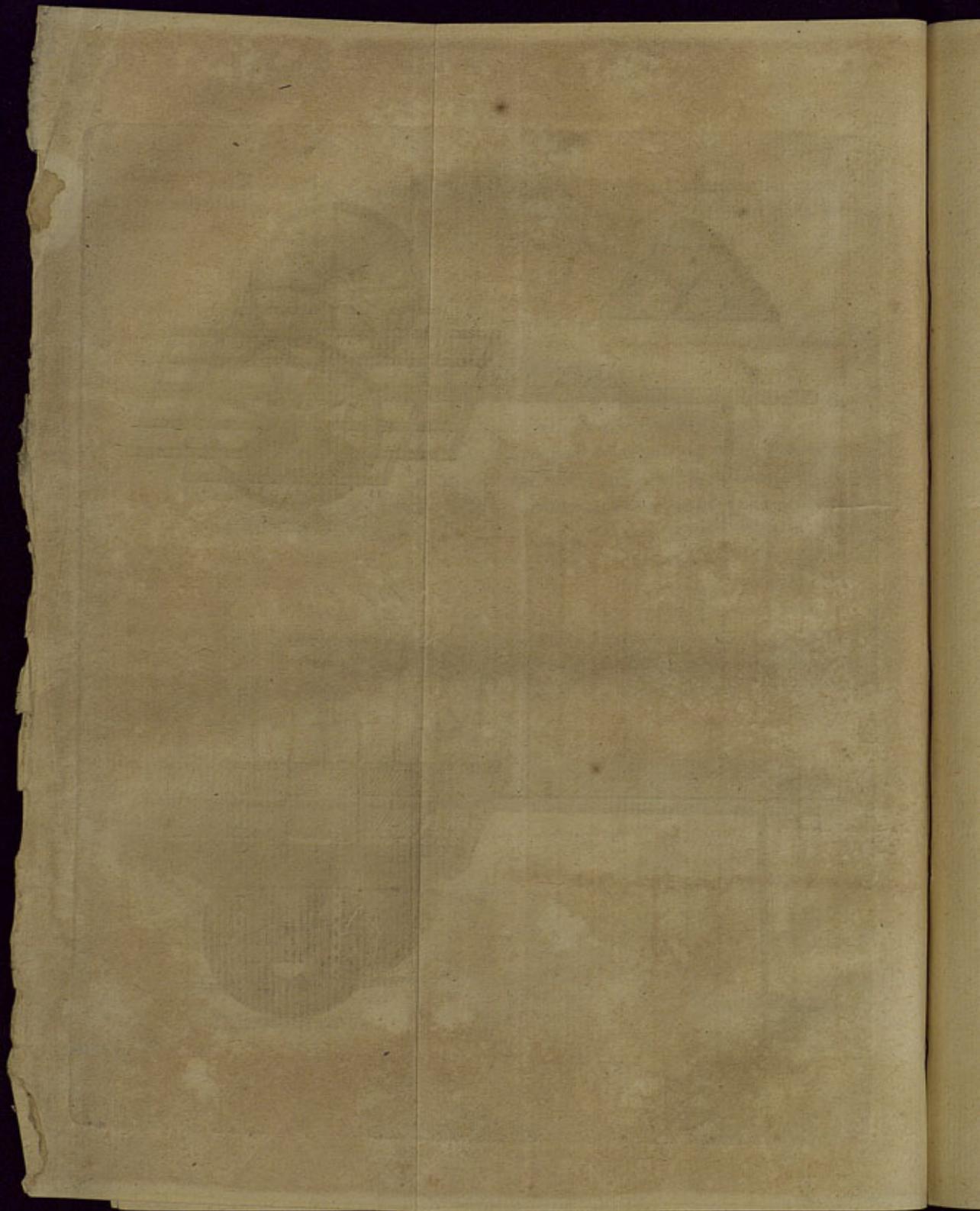


Fig. 1





## MAIO DE 1812.

MAPPA DE OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS feitas no Gabinete de Physica Experimental (as do Barómetro, Thermómetro, e Hygrómetro) e no Hospital (as do Anemómetro) da Universidade de Coimbra em todo o mez. — *A explicação do Mappa irá no fim.*

Dias do mez	Hor.	Min.	Barómetro.			Thermómetro.		Hygrómetro.		Anemómetro.	Estado do Geo.
			Pol.	linh.	4. <sup>tos</sup> de linh.	gr.	4. <sup>tos</sup> de gr.	gr.	4. <sup>tos</sup> de gr.		
1	m.7		27	7		13		82			c.
	11	15	27	6	1	13	2	82	2	SSE.	ch.
	t.4	15	27	5	3	13		85			
2	6		27	5	2	12	3	84	2		c.
	m.7	15	27	4	3	12	2	85		SE.	ch.
	8	15	27	4	2	12	3	85			
3	12		27	5		15		82	2		c.
	t.7		27	6		13		86	2	SO.	ch.
	m.7		27	7	3	12	2	86	2	SSO.	m. n.
4	t.4	30	27	8	3	14		83		O.	
	7	15	27	9		13		85			
	m.7		27	9	2	12	2	85	2	S.	m. n.
5	10	45	27	9	3	14	1	83	2		
	12		27	10		14	2	82		NO.	ch.
	m.6	45	27	10		12	2	86		SSE.	nev.
6	9	15	27	10	1	14	1	83	2		a. n.
	t.2	15	27	10		12		83	2	N.	
	3		27	9	3	12	1	82	2		
7	7	15	27	9	2	13	1	83	2		
	m.5	45	27	8	2	12	3	85	2	SE.	a. n.
	9	15	27	8		14	2	82	2		m. n.
8	11	15	27	7	2	15		79	2		
	12		27	7	3	15		77			
	t.7	15	27	6	1	14	2	79			c. v.
9	m.6	15	27	5	2	13	1	83	2	SSE.	a. ch. ; m. v.
	7		27	5	2	13	3	83			ch.
	t.7		27	6	2	14		85	2		
10	m.7		27	7	1	13		85	2	S.	ch.
	12		27	8		14	2	85			c.
	t.6	15	27	9	1	14		86	2	ONO.	

Dias do mez.	Hor.	Min.	Barometro.			Thermo-metro.		Hygró-metro.	Anemó-metro.	Estado do Ceo.
			Pol.	linh.	4. tos de lin.	gr.	4. tos de gr.	gr.		
9	m.7		27	10	2	13	3	87		c.
	t.3		27	11	3	15		85		
	7		28					14		
10	m.9	30	28		2	14	3	85	NO.	a. n.
	10	45	28	1	2	15	1	84	NO.	s. n.
	12		28	1	2	15	2	85		
	t.7	15	28		3	15		87	NNO.	m. n.
11	m.7		28		2	14		88		c.
	8		28		2	14		88		
	12		28	1	1	15	1	86		
	t.3		28			15		87		
12	m.7		27	11	2	14	1	86	N.	a. ch.
	8	30	27	11	3	15		85		a. n.
	11	30	27	11	3	14	3	81		
	t.7		27	11		13	3	86		
13	m.8	30	27	10	2	14	3	85	NE.	m. n.
	t.1	45	27	10	1	14	3	82		m. n.
	7	30	27	9	3	13	2	86		c.
14	m.8	30	27	9		14	3	84	N.	m. n.
	12		27	9		15		83	O.	a. ch.
	t.9	30	27	8	2	13		86		m. n.
15	m.7		27	9	1	14	1	86		m. n.
	9	15	27	9	2	15		82	NE.	a. n.
	11	15	27	10		14	2	75		
	t.10	30	27	9	2	13		82		s. n.
16	m.7		27	9	2	14		81	N.	a. n.
	9	15	27	9	3	15	2	81		
	10		27	10		15	3	80		
	11	30	27	10		15	2	80	NO.	
	t.10	30	27	9		14	1	85		
17	m.7		27	8	2	15		84	E.	c.
	10		27	8	2	15	1	83	O.	
	t.2	15	27	8		16		81		
	10	30	27	7	3	15	1	85		m. n.
18	m.5	30	27	7	3	14	3	86	NE.	
	10		27	7	2	15		87		
	t.2	15	27	7	3	15	1	83		ch.
	10	30	27	7	2	14	1	88	SO.	

Dia. do mez.	Hor.	Min.	Barómetro.			Thermómetro.		Hygrómetro.		Anemómetro.	Estado do Ceo.
			Pol.	linh.	4. <sup>tos</sup> de lin.	gt.	4. <sup>tos</sup> de gr.	1. <sup>tos</sup> de gr.			
19	m.7		27	7	3	14	2	86		SE.	m. n.
	11	30	27	7	3	15	2	85			
	t.5		27	8	1	15		87	2	SSE.	ch.
20	10	30	27	8	3	14	3	87			
	m.7	15	27	9		15	3	87			ch.
	9	15	27	9	1	16		84	2	S.	m. n.
21	10	30	27	9	2	16	1	85	2		
	t.10	30	27	10	1	15		88		O.	
	m.7	15	27	11		15	2	87	2	S.	m. n.
22	9	15	27	11		17		85			
	10	45	27	11		17	2	85			
	t.5		27	11		16	3	84		NO.	s. n.
	10	30	27	11	1	15		86	2		
23	m.9	15	28			17	2	84		NE.	a. n.
	12		28			17	1	83			
	t.5	15	27	11	3	17		84		N.	
	10	45	28			15	3	86			
24	m.7	15	28			16	1	85	2	NE.	nev.
	9	15	28			17	2	84			
	10		28			17	3	85			
	12		27	11	3	18	1	84			s. n.
25	t.10	45	27	11	1	16	2	87		NO.	
	m.7	15	27	11		17	1	85		NE.	a. n.; v.
	9	15	27	11		18		84			
	11	15	27	11		18	3	83	2		
26	12		27	11	3	19		80			s. n.
	t.3		27	11		19	2	78	2		
	4		27	11		20		79			
	m.7	15	27	11		18	2	83		E.	s. n.
27	9	15	27	11	1	20		81			
	10		27	11	1	20	1	80			a. n.
	12		27	11	1	20	2	77	2	NO.	
	m.6	15	27	10	2	19	1	82	2		
28	7	15	27	10	1	19	1	83			
	9	15	27	10	1	20	2	81			
	10	15	27	10	1	20	2	81			
	10	45	27	10	1	20	1	81	2	N.	a. n.
	t.8		27	8	3	17	3	85			

Dias do mez.	Hor.	Min.	Barómetro.			Thermómetro.		Hygrómetro.		Anemómetro.	Estado do Geo.
			Pol.	inh.	4. <sup>tos</sup> de inh.	gr.	4. <sup>tos</sup> de gr.	gr.	4. <sup>tos</sup> de gr.		
27	m.7	15	27	8	2	18		83			nev. c.
	9	15	27	8	1	18	3	80			
	t.12		27	7	1	18	3	80			
28	t.10		27	6		17		85			S. ch. ; v. m. n. ; v.
	m.7		27	5	3	17	3	83	2		
	12		27	6	1	17	2	79			
29	t.9		27	8		16	3	82			O. SE. a. n.
	m.7	15	27	9		17	2	82			
	9	15	27	9	1	19		80			
30	10	15	27	9	1	18	3	80			ch. a. n.
	t.10	30	27	9	3	16	2	83			
	m.9	15	27	10	1	17	2	83			S. ch. c.
31	12		27	10	2	17	2	81	2		m. n.
	t.10	45	27	11	2	16	1	84			s. n.
	m.9	15	27	11	2	18	3	81			SSO. O. a. n.

*N.B.* Explicação do Mappa. — O Thermómetro he o de Reaumur.  
m. (na columna das horas) = manhã.  
t. (na dita columna) = tarde.  
As horas, que não forem precedidas de alguma d'estas  
letras, pertencem á immediata superior.

*Anemómetro.*

N. = Norte. — S. = Sul.  
E. = Este. — O. = Oeste.  
NE. = Nordeste. — NO. = Noroeste.  
SE. = Sueste. — SO. = Sudoeste.  
NNE. = Nor-nord-este. — NNO. = Nor-nor-oeste.  
ENE. = Es-nord-este. — ESE. = Es-su-este.  
etc. N'esta columna qualquer letra indica o vento do-  
minante até á letra immediatamente inferior.

*Estado do Ceo.*

a. = algumas. — n. = nuvens. — g. = granizo.  
p. = pouca. — nev. = nevoa. — t. = trovoadas.  
m. = muita. — ch. = chuva. — v. = vento.  
s. = sem. — c. = coberto. — S. = Sol.  
m. a. p. = deve entender-se n'aquelle genero ou nu-  
mero, em que estiver o substantivo seguinte.

*Corollarios das Observações Meteorologicas do mez de Maio.*

## I.

No dia 31 não variou o Barómetro; conservou-se constantemente em 27 pol.  $11\frac{1}{2}$  linh. No dia 21 apenas variou ás 10 h. da noite subindo  $\frac{1}{4}$ , de 27 pol. 11 linh., em que se tinha conservado.

## II.

Nos mais dias foi sempre vario o péso da atmosphera, ora mais, ora menos.

## III.

Não houve hum só dia, em que o Thermómetro e Hygrómetro não variassem.

## IV.

O maximo péso da atmosphera indicado pelo Barómetro foi de 28 pol. 1<sup>o</sup> linh. no dia 10 desde as 10 h. até ás 12 da manhã. O vento NO.

## V.

O minimo foi de 27 pol.  $4\frac{1}{2}$  linh. no dia 2 ás 8 h. da manhã. Vento SE.

## VI.

A maxima temperatura da atmosphera foi, no dia 25 ás 12 h. e no dia 26 as 9 e 10 da manhã, de  $21\frac{1}{2}$  gr. Vento NO.

## VII.

A minima foi de 12 gr. no dia 5 ás 2 h. da tarde. Vento N.

## VIII.

A maxima humidade da atmosphera, indicada pelo Hygrómetro, foi de 88 gr. no dia 11 ás 8 h. da manhã. Vento NNO; e no dia 18 as 2 h. da tarde e 10 da noite. Vento SO.

## IX.

A minima foi de 75 gr. no dia 15 ás 11 h. da manhã. Vento NE.

## X.

Feitas as observações em horas iguaes do dia e da noite foi pequena a differença da temperatura da atmosphera: e no dia 17 observou-se igual ás 10 h. do dia e da noite.

## XI.

Em todas as manhãs, em que houve sol, se consultou o Thermómetro ao sol, e resultou o seguinte Mappa, em que se repetem as observações da sombra para mais prompta comparação.

DIAS.	HOR.	MIN.	SOMBRA.		SOL.	
			gr.	$\frac{4}{10}$ de gr.	gr.	$\frac{4}{10}$ de gr.
4	10	45	14	1	19	3
5	9	15	14	1	19	
	11	15	14	1	20	
6	11	15	15		17	
10	10	45	15	1	22	3
15	9	15	15		23	1
16	9	15	15	2	21	
17	10		15	1	22	1
21	9	15	17		24	2
22	9	15	17	2	24	2
23	9	15	17	2	25	
	10		17	3	25	2
24	9	15	18		27	2
	11	15	18	3	27	1
25	9	15	20		28	2
	10		20	1	29	
26	9	15	20	2	29	1
	10	45	20	1	29	
27	9	15	18	3	26	
29	9	15	19		26	
31	9	15	18	3	27	

## XII.

O maximo calorico thermometrico da atmospha em Janeiro esteve, á sombra, para o de Maio :: 10: 20 $\frac{1}{2}$ ; e o minimo :: 5: 12.

## XIII.

Não constando do Mappa senão o que succede no momento da observação escripta; tem-se dado, mas só desde 20 de Maio, huma maior extensão ás observações, a respeito de chuva e vento, como se vê.

20. da mez, desde a madrugada até das 7 para as 8 da manhã muita chuva.

28. Pouca chuva ás 5 h., e ás 9 da manhã. - Muita das 10 $\frac{3}{4}$  h. até 11 $\frac{1}{4}$  - Muita e muito vento das 2 para as 3 da tarde.

29. 10 $\frac{1}{2}$  da manhã pouca chuva - 1 $\frac{3}{4}$  h. da tarde muita - 4 h. pouca.

30. Desde 6 $\frac{1}{2}$  até ás 7 $\frac{1}{2}$ ; e desde as 8 $\frac{1}{2}$  até ás 9 $\frac{3}{4}$  pouca chuva -  $\frac{1}{2}$  h. depois do meio dia huma forte chuva por  $\frac{1}{2}$  h.

## C H Y M I C A.

«O Professor Leslie estabeleceu huma mui curiosa e importante experiencia para congelar o azougue, e foi n'ella bem succedido. He evidente que huma acção refrigerante tão prodigiosa, e que sem dúvida se aperfeioará ainda, abre hum vasto campo a indagações philosophicas: liquidos, que tem resistido até agora a congelar-se, podem fazer-se sólidos; e gases converter-se em liquidos. — Esta notavel experiencia fez-se com huma máquina pneumática de construcção nova e melhor que as conhecidas. Encheo-se de mercurio hum thermómetro largo, com huma esphera larga tambem; e prendeo-se este thermómetro a huma varinha, que atravessava, entre couro, para dentro e no cimo hum recipiente cylindrico. Este recipiente, de 7 pollegadas de largura, cobria huma bacia igualmente larga, que continha acido sulphurico, no meio da qual estava hum copo meio d'agoa. Reduzindo-se o ar encerrado no recipiente pelo trabalho da bomba até a 50ma parte, a esphera foi mergulhada repetidas vezes na agoa, e exposta outra vez depois á evaporação, até que se formou sobre a sua superficie huma crusta de gelo da grossura da zoma parte de huma pollegada. Removeo-se então o copo com a sua agoa não congelada ainda: tornou-se a collocar o aparelho, abaixando-se a esphera do thermómetro até ficar ainda menos de huma pollegada acima da superficie do acido sulphurico. Exaurindo-se outra vez o recipiente, e continuando a operação, a crusta de gelo estalou finalmente por varias partes, provavelmente porque ao intenso frio o gelo se contrahio mais do que a esphera, que o mesmo gelo vestia; e o mercurio tendo gradualmente descido no thermómetro, e chegando ao ponto de congelação, cahio de repente recolhendo-se quasi inteiramente á esphera; rarefazendo se d'esta maneira o ar dentro do recipiente 600 vezes pouco mais ou menos. Passados alguns minutos, removeo-se o aparelho, quebrou-se a esphera, e achou-se o mercurio reduzido a huma massa sólida. A temperatura da casa era então de 54 gr. de Fahrenheit. Em outra experiencia, com hum thermómetro pequeno de espirito de vinho, debaixo das mesmas circumstancias, e do mesmo gr. de rarefacção, produzio-se hum frio 70½ gr. para baixo de zero, ou ainda mais de 30 gr. abaixo do ponto ordinariamente assignado á congelação do mercurio. Nós sabemos que Mr. Leslie desde o principio d'estas indagações esperou firmemente poder congelar o mercurio por hum tal processo. Em Janeiro do anno passado elle sustentou hum frio em gr. de congelação do mercurio pelo espa-

ço de oito horas; mas a sua máquina pneumática não estava então em perfeição, e erão também defeituosas algumas outras partes do aparelho, foi por isso indispensavel differir a experiencia por algum tempo. „

He digno de grandes elogios e agradecimento público o methodo simples, porque o Professor Leslie produziu hum tão grande frio artificial, capaz não só de congelar a agoa, mas o proprio mercurio, e de effeitos ainda maiores, d'onde se podem tirar innumeraveis vantagens em Chymica, Pharmacia, e nos usos domesticos.

Ja Cullen e outros tinham observado, havia muitos annos, que o thermometro no recipiente pneumatico descia ao passo, que se ia formando vacuo; que mergulhado em alcohol descia tanto mais e com tanto maior rapidez, quanto mais veloz era o trabalho dos embolos, e quanto maior a perfeição e despejo da máquina: em fim que elle molhado em alcohol, e pendurado no recipiente, pela rerefacção do ar descia dez grãos pouco mais ou menos.

O produzirem-se grandes frios pelas dissoluções salinas era bem conhecido, havia muitos tempos; e temos a este respeito varias experiencias de Beddoes, Walker, publicadas nas Transacções Philosophicas do anno de 1787. Entre as varias misturas, que lhe produzirão maior frio, forão as duas seguintes, 1.<sup>a</sup> onze partes de muriato ammoniacal, dez de nitrato de potassa, dezesseis de sulphato de sôda, e trinta e duas de agoa. 2.<sup>a</sup> O acido nitrico, muriato ammoniacal, e sulphato de sôda. Por este meio se produziu frio 8 gr. abaixo de zero.

Antes d'este tempo já era conhecido o modo de solidificar o mercurio. Em 1759 os Academicos de Petersburgo, querendo augmentar o frio natural por huma dissolução de neve em acido nitrico, virão descer o thermometro de Delile 213 gr., que corresponde a 46 de Reaumur abaixo de zero; e parar depois o mercurio. Quebrarão o thermometro, e acharão o metal sólido e maleavel. Pallas em 1772 fez igualmente solidificar o mercurio por hum frio natural de 55½ gr. thermometro de Fahrenheit. Hadchins, Bicker, e Cavendis repetirão estas experiencias, e provarão que o mercurio se gelava a 31½ gr. abaixo de zero do thermometro de Reaumur.

Em Inglaterra determinou-se que a congelação era a 32 gr. abaixo de zero do thermometro de Reaumur.

Matheus Guthrie, Conselheiro da Côrte da Imperatriz da Russia, provou o mesmo; e disse que sendo o mercurio purificado pelo antimonio exigia mais dous gr. de frio para se solidificar (Journal Encyclopedico de Setembro de 1785.)

Walker solidificou o mercurio sem gelo e sem neve. M. Ewer-

ling-Stauberg diz em huma Carta escripta a Guyton que a mistura de ether sulphurico e muriatico produziu hum frizo capaz de gelar o mercurio, e tornar liquido o acido nitroso huma vez que este ultimo fosse d'antes reduzido a menor volume pela pressão.

No volume 66 dos Annaes de Chymica vem muitas experiencias sobre a congelação do mercurio feitas por Lowits; e os principaes resultados são os seguintes: 6 onças de crystaes de potassa com outro tanto de neve a 6 gr. para baixo de zero produzirão hum frizo 34 gr. abaixo de zero, que gelou 6 onças de mercurio. Pela mesma experiencia, feita em grande se gelarão 12 lib. de mercurio. A mistura de 12 onças de muriato de cal, e 6 de neve produziu hum frizo de 39 gr. abaixo de zero, ou negativos.

Fourcroy e Vauquelin fizeram descer o thermómetro centigrado a 39° negativos com huma mistura de 8 partes de muriato de cal, e 6 de neve dentro em hum vaso de vidro. Pondo dous vasos de vidro hum dentro no outro com semelhante mistura o thermómetro desceo a 43° negativos; e o mercurio ahi lançado se gelou. Elles tornarão sólido o gaz ammoniacal a 42° negativos; o acido nitrico com muito gaz nitroso a 40° negativos; o acido muriatico a 42° negativos; e ether sulphurico bem rectificado a 44° negativos.

A este mesmo respeito he digna de lér-se a carta, que ainda se ha-de lançar neste N.º, do habil e mui trabalhador Portuguez Antonio, etc.

“O Dr. Humphrey Davy descreveo ha pouco, em huma das suas Leituras, os caracteres dos metaes modernamente obtidos dos alkalis e das terras.

Estes, observou elle, são muito mais leves que os metaes antigamente conhecidos. *Potassium*, ou o metal da potassa, he mais leve do que a zoa; e *barium*, ou o metal da barite, he mais leve que o estanho, e differe em gravidade especifica do *potassium* tanto, como o estanho differe da platina, o mais pesado dos metaes.

Davy descreveo o processo, pelo qual estes metaes se podem obter; os das terras podem procurar-se destillando estas com *potassium* debaixo de naphta em huma pequena retorta ou tubo de vidro. *Potassium* tendo para o oxygenio maior affindade que outra qualquer substancia, separa o oxygenio das terras, e formão-se humas substancias denegridas, que forrão o tubo, apresentão algum esplendor metallico, e são conductores d'electricidade, como os outros metaes. Tôdas as substancias metallicas são, debaixo de certas circumstancias, combustiveis, mas em grãos differentes. *Potassium* queima-se sobre a superficie do gelo. Zinco, e alguns ou-

tros metaes reduzem-se a estado de vapor por combustão em gaz oxygenio. Os metaes combinão-se com determinadas porções de oxygenio, ou *chlorina*. Se o numero representante do ferro he 75, o do oxygenio será 10, e 75 partes de ferro combinão-se com 10 partes de oxygenio, com 20 partes ou com 30 partes. — O numero representante da *chlorina* será 30. — Oxydos metallicos tambem se combinão chymicamente com determinada quantidade d'agua. — Se huma dissolução alkalina se lançar em huma dissolução metallica, o metal precipita-se, e suppõe-se geralmente que este precipitado he hum oxydo metallico; porém H. Davy observou que não he hum oxydo, mas hum hydrato, isto he, huma combinação d'agua com hum oxydo, e esta agoa entra em combinação chymica, e em huma determinada proporção. — A substancia conhecida pelo nome de oxydo branco de manganeseo he hum oxydo de manganeseo em união com agoa; se este se mette em hum tubo de vidro, e se lhe applica calor, sahirá huma abundante quantidade d'agua, e a sua côr se denegrirá. — Resta ainda decidir huma questão importante e curiosa. — Os metaes são elles mesmos compostos de meros e simplicies elementos? Davy disse que algumas circumstancias o inclinavão a pensar que os metaes são huns corpos compostos. — O mercurio, quando he exposto á acção da pilha voltaica, em contacto com ammoniaco, augmenta consideravelmente de volume, e fórma com elle huma substancia, que tem todas as propriedades de huma amalgama metallica sólida. Esta amalgama combina-se facilmente com a platina, o que o mercurio por si só não faz. Sabe-se que o ammoniaco he hum composto de hydrogenio e azote; logo parece que huma d'estas substancias, ou ambas ellas, são capazes debaixo de certas circumstancias, de se fazerem metallicas. Os outros metaes podem por tanto ser compostos, e dever seus maiores grãos de leveza e combustibilidade a huma porção maior d'hydrogenio. — (Sobre este ponto nós observamos que os Chymicos Francezes Berthollet, Gay-Lusac, e Thenard se oppõem a H. Davy, não admittindo que estas experiencias provem a natureza metallica do ammoniaco). Davy passou a observar que a decomposição dos metaes, e a descoberta dos elementos, de que elles se compõem, conferirá immortal honra ao descobridor, e á idade e paiz, em que tal descoberta se fizer. Nós, continuou Davy, não devemos julgar inacessiveis taes descobertas só porque se lhes oppõem os nossos actuaes conhecimentos estribados sobre as experiencias de hoje: nós temos muitos factos na sciencia, que parecião igualmente incriveis aos nossos antepassados. Davy disse que a natureza metallica das terras e a sua inflammabilidade, quando estão em contacto com agoa, explicarião a causa dos fôgos vulcanicos, e pedras meteoricas; e sustentou as opiniões, que tinha avançado sobre este objecto nas leituras do anno passado. „

MEMORIA sobre a Barrilha; por Luiz de Sequeira Oliva: lida na Academia Real das Sciencias de Lisboa no anno de 1806.

(Continuada da pag. 271.)

*Algumas conjecturas sobre a formação da Soda.*

Os antigos Chymicos julgavão que o alkalino mineral, ou a Soda, resultado da combustão das plantas maritimas, provinha da decomposição, pelo meio do fogo, do Sal marinho contido n'estas; porém os modernos, tendo feito immensas experiencias para decomporem assim o Sal marinho, já ajuntando-lhe carvão, já outras muitas substancias á excepção d'ácidos, ou terras, jámais o poderão conseguir; daqui concluirão que a Soda se achava na planta ou combinada com hum ácido susceptível de se decompôr pelo fogo, como os ácidos vegetaes, ou o nítrico, ou que ella se formava, durante a combustão, como o alkalino volatil se fórma pela combustão das substancias animaes. O sabio, e modesto Vauquelin foi o primeiro que annunciou, não me lembra aonde, que ella se achava combinada com huma substancia vegeto-animal, porém nada mais disse: das experiencias, que acabamos de citar, se vê que foi quem mais se aproximou da verdade; com tudo resta ainda saber-se que substancia vegeto-animal he esta, e em que estado se acha combinada com a Soda, e se he possível separar este composto, sem destruir algum de seus principios, e será então que se conhecerá se a Soda existe verdadeiramente formada na planta, ou se ella não he outra cousa mais, do que esta mesma substancia vegeto-animal, n'enos hum ou mais de seus principios, ou menos certa quantidade d'algum d'estes, que a combustão lhe modificou, ou inteiramente separou; se a

questão porém fica por ora indecisa, a Sciencia tem com tudo dado hum grande passo para a decidir, sabendo aonde he na planta a sua principal habitação, e quaes são os meios de a separar de toda a planta maritima. O Commercio poderá igualmente ganhar servindo-se d'este meio chymico para, em lugar de a dar em fórma de Barrilha, a fornecer em carbonato de Soda; porém aos especuladores pertence saber o que seria mais conveniente.

*Do modo de queimar as plantas maritimas entre nós.*

Tendo nós feito os ensaios antecedentes para observarmos que plantas nos convinhão mais, passámos a fazellás queimar conforme o uso do Paiz, para o que nos servimos do dito homem d'Alverca, o qual procedeo da maneira seguinte: Em quanto ao *Mato-mourisco*, e *Etpanta* simplesmente lhe cortou a rama com o menos possivel de tige; porém nas outras conservou mesmo até á raiz; feita esta colheita, esperou que seccassem inteiramente (\*); á excepção da *Primasola* que não foi possivel seccar-se antes que o tempo mudasse, e passou a queimallas cada huma de per si, fazendo primeiro huma cova redonda de largura de tres até quatro palmos, e de dous até tres d'altura: então pegando na planta em braçados, a foi arranjando á roda da cova, metade dos molhos fóra, metade dentro por cima da cova, e assim foi continuando a pôr molhos sobre molhos até formar huma especie de figura conica; observando de que lado soprava o vento, d'este lhe lançou fogo: todo este lado se abrasou em breves minutos; e assim continuou a pôr-lhe molhos, cada hum de seu

---

(\*) Mr. Julia no Vol. 49 dos Annaes de Chymica, diz: que a especie de Barrilha chamada *Salciar* que se cultiva e fabrica junto a Narbona, he feita com a planta meio secca, e conservada em montões, para ahí soffrer huma especie de fermentação, que, diz, concorre muito para o maior desenvolvimento da Soda; e para isto se funda na opinião de Mr. Vauquelin, opinião para mim respeitavel, e que não ousou aqui contradizer; ainda que as experiencias me não permittão confirmalla.

lado, e por cima, deixando huma abertura no meio, em breve tempo se formou outra, por onde entrava o vento, e que descobria a cova, vendo-se huma especie d'abobeda, que a planta queimada formava por cima d'este: a abertura serve aqui de boca de forno, e de chaminé, ao mesmo tempo: a chama he obrigada a circular toda a cova antes de sahir, em razão de que a columna d'ar nova, e do ar gasto, entrão e sahem pela mesma abertura; a combustão pois da planta se faz n'esta abóbada, e a verdadeira calcinação no fundo da cova, que serve aqui de cinzeiro; para que o vento não faça extinguir a chama, que circula no lado da cova, que fica chegado á boca, o queimador experiente tem o cuidado de lhe pôr defronte hum mólho da mesma planta, que diz, com bastante propriedade, servir para coar o vento: durante a combustão se observão dous estrondos diferentes, hum que faz a planta, quando se queima, outro quando se liquidifica, e cahe da abobeda na cova. De vez em quando o queimador, quando vê bastante mólho na cova, isto he, a Barrillia em *liquidificação*, a mexe pela abertura com hum grande pão de pinheiro verde, para pôr em contacto toda a substancia com o ar, e acabar de calcinalla: igualmente vai arredondando com o mesmo pão o exterior do montão da planta, e fazendo que os lados interiores da abobeda vão cabindo na cova. Quando tudo se acabá de queimar, escolhe dos lados exteriores d'esta a planta mais queimada para a lançar na cóva, mas rejeita igualmente aquella, que está muito mal queimada; feito isto, mexe bem toda a parte liquida, calcando-a pelos lados, e pelo meio, e assim a deixa esfriar, até que a tira, passadas 24 horas, em fórma de pão redondo, que pèsa ás vezes de quatro a oito quintaes, ou mais, conforme a cova, e a quantidade da planta.

Parece pois, á vista d'esta fraca descripção, que as condições necessarias para que a combustão, e calcinação sejam completas, são: 1.º que as plantas sejam assás seccas para se queimarem: 2.º que o vento seja bastante forte, e constante, para que não seja necessario fazer outra boca, o que faz com que muita planta mal

queimada não possa mais servir: 3.º que o fogo, e chama rodêe toda a cova, e o calor seja bastantemente concentrado, de maneira que a Barrilha em *liquidificação* se conserve sempre n'este estado: d'onde se pôde já conhecer, que he necessario ter huma experiencia grande de queimar as ditas plantas, e hum tacto fino e particular, para remedear muitas vezes o máo vento, ou a falta d'elle; e que nem todos, os que pela primeira vez tentarem esta operação, a farão com vantagem: com tudo esta maneira de queimar, ainda que sendo habilmente executada possa dar huma Barrilha bem calcinada, para poder concorrer com a d'Alicante, pôde soffrer alguns melhoramentos, como por exemplo, praticando huma abertura na mesma terra, fazendo a cova em hum declive, o que serviria não só de lhe fazer entrar huma maior corrente d'ar, mas igualmente de concentrar mais o calor; a boca poder-se-hia diminuir, ou augmentar á proporção que a necessidade o exigisse.

Não posso acabar este artigo sem lembrar aqui algumas reflexões, que estes trabalhos me sugerirão; a primeira consiste no descuido d'aquelles, que antes de nós queimarão as plantas maritimas, não se tendo lembrado de as queimar á parte, para verem quaes serião preferiveis: descuido, sem dúvida, devido á sua ignorancia, e que mostra bem evidentemente, quanto os conhecimentos chymicos são necessarios em toda a empreza de semelhante natureza, e que, pelo contrario, aquelle, que os possui, encontra sempre huma colheita abundante, aonde a ignorancia desanimada só tinha encontrado hum campo esteril: a segunda consiste na força do habito, que causa na maior parte dos homens, huma existencia nova, e que se estende a todas as suas faculdades; principalmente quando o homem não tem cultivado o dom precioso da razão: o queimador das plantas maritimas he a prova d'esta verdade; o qual, por estar habituado a queimar todas as plantas indistinctamente, e não concebendo a razão, porque tal se devesse fazer, ia queimando estas simultaneamente, se eu não me acho lá para lho prohibir; e isto depois de lhe termos huma, e mais vezes recommendado que tal não praticasse.

Quadro comparativo da Soda real, que cada huma d'estas plantas contém, tomando por termo de comparação a Barrilha d' Alicante.

Vauquelin foi o primeiro, que traçou o quadro das diferentes Potassas; n'isto fez hum serviço á Chymica, e ainda outro maior ao Commercio: porém as diferentes Sodas, ou Barrilhas ainda não forão inteiramente analysadas (\*); n'este quadro, que aqui ajuntamos, apenas tratamos d'aquellas Barrilhas, que nós mesmos fabricámos, á excepção da d' Alicante, que tomámos por comparação, e da de Tanariffa pela termos á nossa disposição; para este fim pois nos servimos do methodo de Vauquelin, que consiste em fazer huma dissolução de cada huma das Barrilhas, levallas ao mesmo grão pelo areometro, e fórmar d'ellas iguaes quantidades; lançar-lhe depois em cada huma pequenas medidas d'acido nitrico de hum grão constante; e pela maior quantidade, que cada huma das Barrilhas absorve d'acido para se saturar, se julga da sua melhor qualidade: este methodo he fundado em huma theoria bem certa, e bem facil de conceber: obrando pois por este methodo, achei o resultado seguinte:

Barrilha d' Alicante	0,800
da Primasoila	0,800
da Salgadilha	0,400
da Espanta	0,350
da de Tanariffa	0,333
do Matomourisco	0,300

Talvez cause admiração que a Primasoila n'este quadro esteja a par da d' Alicante, pelo que pertence á sua Soda especifica, e real; confesso que esta identidade me surpredeu, julgo que minhas experiencias forão feitas com alguma exactidão, e que posso

(\*) Mr. Chaptal analysou quatro especies de Barrilhas da França, e não foi por esta maneira.

affirmar confiadamente, que se estas duas Barrilhas differem, he muito pouco, e que, n'esse caso, não sei qual será das duas a mais abundante em alkalinos.

Não devo igualmente concluir esta, talvez já comprida Dissertação, ou Memoria, sem fazer huma advertencia necessaria para aquelles, que, olhando para a fórma, que tem a Barrilha da Primasoila, não possuem persuadir-se que seja tão boa como a de Alicante: confesso que o Commercio tem este abuso, e que julga, as mais das vezes, da qualidade pela fórma, ou superficie; e que muitos exemplos existem de grandes Estabelecimentos decahirem, só por não darem a seus artigos manufacturados a fórma d'aquelles, que se propunhão imitar: com tudo sou obrigado a dizer, que nos pequenos ensaios, que fizemos, não nos foi possível queimar esta planta secca, tanto por ser difficil de seccar, como pelo receio de que chovesse, o que a experiencia depois confirmou; em consequencia do que foi-nos forçoso queimalla meia verde, e d'aqui veio não podermos obtella bem calcinada, e bem homogenea: com tudo aquella, que assim mesmo obtivemos, he igual em qualidade á d' Alicante, e não póde deixar de de ser melhor, se melhor se calcinar: quando pois tivermos planta secca, e em abundancia á nossa disposição, ousou aqui avançar sem temer ser desmentido, que somos capazes de lhe dar a mesma fórma, e gráo de calcinação, que tem a d' Alicante.

## Carta aos Redactores.

Senhores Redactores.

Vejo no Caderno Num. X. do Investigador Portuguez, que a destillação tem recebido ultimamente em França grande aperfeiçoamento, tanto no que toca ao modo de economizar o combustivel, como na pureza e suavidade do alkool e agoardente, que se obtem da qualidade que se deseja, isto he, mais ou menos forte, logo em huma só destillação; e que estes inventos são devidos a Edward Adam, e a J. Berard.

Ainda que aquella noticia não he acompanhada de estampas, que mostrem a exacta figura dos aparelhos, nem da as explicações necessarias para a sua construcção; parece com tudo, pelas vantagens que se obtem, que o invento he identico, ou pelo menos coincide em grande parte com o que eu tive a este respeito não ha menos de 9 ou 10 annos.

Na penultima pagina do meu Ensaio sobre a economia dos combustiveis, que em 1803 offereci á Real Sociedade Maritima Militar e Geografica, premiado pela mesma Sociedade, e escolhido para ser lido na Sessão pública de 4 de Fevereiro de 1804, que S. A. R. o PRINCIPE REGENTE N. S. Honrou com a sua assistencia, principiei a dar parte dos felizes resultados que já então tinha obtido por meio dos meus novos maquinismos destillatorios. O dito Ensaio foi impresso em 1810, e acha-se ao Arsenal Num. 48.

Esta minha asserção porém comprova-se mais cabalmente á vista dos Capitulos II. e VI. da declaração de alguns inventos sobre que S. A. R. me concedeo Privilegio exclusivo em Resolução de 8 de Maio de 1804 dada em Consulta da Real Junta do Commercio; em cujo archivo está depositada a dita declaração com os respectivos desenhos. Não só para provar a prioridade d'este meu invento, mas para que os meus Compatriotas possão d'elle tirar proveito, (no caso que mereça apparecer no seu Jornal), eis-aqui por formaes palavras o que no Capitulo II. se acha concernente á destillação:

“O segundo objecto ou ramo do privilegio he huma nova forma de Alambiques, a qual, pelo que toca ao modo de lhes applicar o fogo, consiste no que já expuz relativamente a outros quaesquer vasos; mas seja qual for a forma da caldeira, quer lhe seja applicado o fogo pelo modo vulgar, quer pelos methodos que tenho referido; os aparelhos annexos que proponho, e que fazem parte d'este meu privilegio, differem consideravelmente da pratica, e uso seguido.”

“Primeiramente a abertura, por onde sahe o vapôr, he muito maior que em todos os Alambiques de que até agora se tem fei-

to uso. O capacete está sempre pegado e unido á caldeira, ou para melhor dizer a caldeira não tem capacete; o que poupa muito trabalho, e dá menos occasião á perda dos vapores e espiritos, que sempre mais ou menos se escapão pelas juntas: na parte superior da caldeira ha huma abertura que se fecha perfeitamente com sua tampa, e só se abre quando se quer entrar dentro d'ella para a lavar, ou tambem para lhe lançar o vinho, ou outro liquido, mas para este fim he melhor soldar-lhe hum canudo, que se abra e feche por meio de hum resisto, isto he, huma torneira ou chave. „

“O capacete e serpentina, em que se costuma fazer a condensação dos vapores, são substituidos por hum tubo muito comprido e largo, a que chamarei condensador; o qual está dentro de outro tubo ou canal cheio de agoa fria, a que chamarei refrigerante. „

“Querendo-se tirar ao mesmo tempo diferentes qualidades de productos, isto he, licores espirituosos de diferentes grãos de força, divide-se interiormente o condensador por huma especie de anneis de distancia em distancia, os quaes sem embaraçarem a passagem do vapor de humas divisões para as outras, obstão todavia á passagem do licor destillado, para melhor dizer, já condensado, o qual sahe para recipientes separados por tubos estreitos soldados cada hum a hum pequeno orificio praticado em cada divisão junto a cada hum dos referidos anneis. „

“O canal refrigerante tambem se divide por huma especie de diafragmas, atravez dos quaes passa o condensador na parte inferior proxima ao fundo, ficando correspondendo as divisões do condensador ás divisões do refrigerante. Em summa este refrigerante pôde ser huma serie de caixas unidas humas ás outras, entre as quaes se communica a agoa pela maneira seguinte: Lança-se a agoa fria (por huma vez, ou melhor por bica perenne) na ultima caixa por hum tubo que a conduz ao fundo; da parte superior d'esta sahe outro tubo que a conduz ao fundo da precedente, e assim por diante de caixa em caixa, até que finalmente a agoa já muito quente sahe fóra da primeira caixa proxima á caldeira, por hum tubo que lhe dá sahida na parte superior. „

“Podia dispensar-me de dizer (pois he bem claro) que o nivel da agoa na ultima caixa, e o orificio que lhe dá sahida, deve estar mais acima do nivel da agoa da antecedente, e assim de cada huma a respeito da immediata; para que correndo a agoa fria na ultima caixa possa ir passando por todas, e seja sempre a agoa mais quente (que he a que sobe acima) a que primeiro vá passando para a caixa immediata até chegar á primeira proxima á caldeira. „

“Com este maquinismo consegue-se que a agoa da ultima caixa, ou divisão do refrigerante se conserve sempre muito fres-

ca, o que muito convem para o aproveitamento, e boa qualidade dos licores destillados; ao mesmo tempo que não ha inconveniente, antes he melhor que a agoa da primeira caixa immediata á caldeira esteja algum tanto quente, para que na primeira divisão do condensador só se condense a fleuma, e os productos pouco espirituosos de que se quer fazer separação. „

“Tenho descripto a caldeira com o seu respectivo condensador e refrigerante; agora vou descrever outro meio de economisar o calor, e a agoa do refrigerante: Sobre o canal ou serie de caixas que servem de refrigerante se colloque outro canal, ou outra serie de caixas em contacto com a agoa do dito refrigerante, as quaes servirão para conter o liquido que se ha de destillar na seguinte caldeirada. „

“As conveniências que daqui resultão são bem palpaveis. Primeiramente todo o calor que o vinho toma n'estes reservatorios, ou caixas, economisa o tempo, e o combustivel; pois se o dito vinho, ou outro liquido se lança já quente na caldeira, promptamente principia a destillar, e com muito menor consumo de lenha ou carvão, do que se se lançasse frio: em segundo lugar o vinho, ou outro liquido que se quer destillar, aquece roubando calor á agoa contida no refrigerante, a qual consequentemente aquece menos, tarda mais a aquecer, ou mesmo não aquece; do que resulta bastar huma menor porção de agoa fria, economia importantissima quando não ha agoa corrente, e que he necessario baldealla. „

“Poderá não ser necessario fazer o reservatorio para o vinho, composto de tantas divisões como o refrigerante, pois que em as ultimas pouco ou nenhum calor pôde adquirir, e provavelmente bastará huma só caixa imposta sobre a primeira divisão do refrigerante, na qual unicamente será consideravel o calor. E até se poderá escusar tal caixa ou reservatorio, enchendo com o proprio vinho ou liquido, que se ha de continuar a destillar, as varias divisões do refrigerante, ou ao menos a primeira; a qual em tal caso (bem entendido) não terá communicação com as seguintes que contem a agoa. „

“Além d'estes reservatorios supplementarios em que se lança, e vai aquecendo o vinho ou outro liquido que deve ser destillado na seguinte caldeirada, pôde-se usar do expediente já exposto no primeiro capitulo; isto he, impôr sobre a caldeira outro reservatorio pelo meio do qual passe huma prolongação do tubo que contem o fogo, para que ali fique algum calor que se poderia escapar no funo, e gases, productos da combustão. „

“A passagem do vinho de taes reservatorios para a caldeira, deve ser feita por tubos que se abrião e fechem por meio de resistos ou chaves, o que simplifica o trabalho, e evita perda de espiritos, que seria grande estando o vinho quente. „

“Todo este aparelho, isto he, caldeira, refrigerante, reservatorios supplementarios, etc. deve estar tudo bem envolto por materias pouco conductoras de calor, como cobertores, colchões de lã, esteiras, cortiças, etc.

“O tubo condensador, e seu refrigerante pôde ter aquella direcção que fór mais accommodada ao local; poderão ser formados em angulo para lhes fazer seguir as paredes da casa, se esta não for tão comprida que baste huma só parede. Tambem podem ser formados em direcção ascendente (que até julgo ser a melhor), dando lhes alguma obliquidade; pôde mesmo ser quasi vertical. Nem he necessaria grande agudeza de engenho para variar a construcção de taes aparelhos á medida das circumstancias que se podem offerecer.”

Dê factó quando dei esta declaração, não individuei algumas particularidades por serem faceis de se prever. Por exemplo, estes vasos reservatorios devem ter na parte superior certa cavidade ou espaço a que não chegue o vinho, e que communique com o condensador geral, ou com algum outro, a fim de se aproveitar o alkool que se evapora do vinho quente, e para evitar toda a possibilidade de explosão.

Tambem não fiz a advertencia, que segundo o gráo de calor em que se conservar o liquido em cada caixa ou divisão do refrigerante, assim se obterá em cada divisão do condensador agoardente da força que se deseje. E no caso de querer só espirito ou alkool, deverão fechar-se por competentes resistos todos os officios das varias divisões que dão sahida ás agoardentes, para que estas (para assim dizer, empoçadas junto a cada anel do condensador) ali mesmo vão evaporando o espirito; o qual irá passando até á ultima divisão em que será condensado.

Não julguei com tudo ser superfluo o prevenir no Cap. V., que adoptando-se o methodo de communicar o calor por meio do vapor de agoa fervendo, fosse a quaesquer vasos destillatorios, ou outros, e querendo-se addicionar tal innovação aos ditos meus inventos, não servisse jámais esta addição para os arrogar a si, confundindo-os com huma circumstancia accessoria.

Depois no Capitulo VI. da mencionada declaração se acha o seguinte:

“A caldeira ou vaso, que serve de conter o liquido, que se quer destillar, pôde ser de fórmas mui variadas. Na fig. 26 está representado de maneira que haja de servir a fogo nú, será pôrém mais conveniente: primo que a destillação se faça em banho-maria, ou em banhos de outros liquidos, ou ainda de materias sólidas no determinado e proprio gráo de calor, conforme já expuz para os fornos, e outros objectos: secundo que a caldeira seja muito achatada, e que para a destillação só se lhe lance huma pequena altura de liquido, huma polegada quando muito, ou

ainda muito menos, tão pouco que apenas conserve molhada a chapa que faz as vezes de fundo da caldeira; d'este modo as destillações poderão ser tão rápidas que cada huma dure apenas hum minuto, ou para melhor dizer, que seja huma continua, seguida, e não interrompida serie de destillações, estando em cada momento em a caldeira huma extremamente pequena porção de liquido; o que se conseguirá fazendo que alternativamente entre na caldeira huma muito pequena porção do liquido, e alternativamente saia o residuo ou sedimento, que fica depois de evaporada ou destillada essa dita pequena porção: ou em summa, que esteja constantemente entrando hum fio do liquido na caldeira, (a qual pôde não differir de hum tableiro comprido tapado por cima, e pelos lados, á excepção da abertura que communica com o condensador), e que logo ao mesmo tempo vá sahindo, pela parte mais inferior de tal caldeira ou tableiro, outro mais diminuto fio do residuo ou pé do liquido que não foi evaporado.

“D'isto resultão grandes vantagens; faz-se a evaporação muito mais abundantemente, e sem que o liquido tenha soffrido hum calor demasiado, que muitas vezes nos alambiques ordinarios chega a decompôr huma grande porção de alcohol, nem por muito tempo; o que concorre para a boa qualidade do licor destillado.”

Quando dei esta descripção tambem ommitti, por me parecer desnecessaria, certa addição, que agora aconselho para o caso de se querer adoptar este ultimo expediente, isto he, que o vinho entre constantemente na caldeira, e que d'ella constantemente vá sahindo o residuo ou pé. E consiste a tal addição em fazer construir o fundo da caldeira ou tableiro em fôrma de canal estreito ou rêgo, que (á imitação dos que se fazem nos campos com o arado) cêrra no sentido da largura do mesmo tableiro, de hum lado ao outro lado tantas vezes, quantas for preciso para que o dito fundo fique todo occupado pelo tal rêgo, e para que o fio do vinho tenha que passar pela extensão de hum grande numero de braças, desde que entra até que depois de evaporado todo o alcohol, sahe para fóra da caldeira por hum pequeno orificio no fim do dito rêgo.

Finalmente no mesmo capitulo VI. está descripto hum aparelho destillatorio, do qual tambem apresentei a descripção, e os desenhos á R. S. Maritima em 1805. Além de ser muito util para a destillação do vinho, he muito proprio para a da agoa do mar a bordo das embarcações, pelo motivo de occupar muito pouco lugar e tempo, relativamente á quantidade de liquido destillado.

Consiste em huma caldeira em fôrma de cylindro, ou de prisma, bastante alta, a qual cheia de agoa, ou de outro liquido, serve de banho a hum grande numero de outros vasos

chatos, e de pouca altura, postos huns sobre os outros dentro da dita caldeira, com intervallos porém entre si para que seja cercado cada hum pelo liquido do dito banho, e faça cada hum as vezes de hum alambique separado, recebendo o liquido, ou do mesmo banho que os rodèa, ou de outro reservatorio separado; e esta introduccão pôde ser ou pelo modo já dito dos resistos e chaves competentes, ou por hum artificio apontado pelo Conde de Rumford, e (creio que hoje) mui seguido em Inglaterra para outros fins, e usos; e vem a ser que cada hum dos vasos, que serve de alambique, por si mesmo receba a quantidade de liquido necessaria á evaporação ou destillação.

He facil de observar que por meio d'este aparelho se augmenta extraordinariamente a superficie evaporante; seguindo-se d'este augmento, o fazer-se a evaporação ou destillação em cada hum dos ditos alambiques com huma brandura e suavidade admiravel, e poder-se applicar á caldeira ou vaso, que serve de banho, hum fogo muito mais forte, (e por isto mesmo muito mais expedito), visto que tem que fornecer e distribuir calor a tantas superficies do liquido, quantos forem os taes vasos ou alambiques; e até se evita por este modo a maior parte da perda de calor, que sempre se faz pela superficie externa de quaesquer vasos; pois bem se vê que com este maquinismo vem a ser diminutissima tal superficie externa relativamente á evaporante, quero dizer, relativamente á somma de todas as superficies dos vasos ou alambiques internos, em que se faz a evaporação do liquido n'elles contido.

Tendo exposto os meus maquinismos destillatorios, e provado que nos effectos são os mesmos, ou pouco differentes dos que depois se tem descoberto, e praticado em França; não fará pouca admiração o vir no conhecimento que tambem já ha muitos annos, eu tive hum invento, que agora vejo no mesmo Caderno X. do Investigador Portuguez, ser recente fructo dos conhecimentos, e grande genio do celebre Chymico Mr. Leslie de Edimburgo. He o frio artificial ou (como ali se lhe chama) máquina de fazer gelo.

Como em alguns verões se experimentava (e ainda se experimenta) em Lisboa grande falta de neve, e de agua nevada, fosse ou porque o contratador d'este artigo não tivesse todo o cuidado em fazer no inverno antecedente as necessarias provisões e reservas, ou por outros motivos; julguei que era objecto importante o descobrir algum meio artificial de supprir áquella falta, por modo mais facil e económico, do que o antigo, e muito conhecido da dissolução do salitre, e do sal ammoniaco, o qual se podesse pôr em prática mesmo em Portugal, e que seria de muito maior acceitação, e lucro nas nossas Colonias.

Apresentando á minha meditação os principios elementares do modo porque o calor se desenvolve e manifesta, ou se combina e faz latente; e como este phenomeno tem sempre lugar na passagem dos corpos de hum estado de menor a maior, ou de maior a menor densidade, persuadi-me que facilmente resolveria o problema.

Muito costumado a meditar na combustão, e a observar que a passagem do oxigenio do estado rarefeito em que se acha na atmosphera, a huma combinação mais densa, como na formação do acido carbonico, da agoa, e de outros acidos e oxidos, larga calorico, e produz calor sensivel, tive por certo e indubitavel, que fazendo passar por alguma operação inversa o ar ou outros gazes, a agoa ou outros liquidos, ou alguns sólidos como os saes, do seu estado a outro mais rarefeito e menos denso, conseguiria o fim contrario, quero dizer, absorpção de calor sensivel, isto he, frio artificial.

Vendo então as experiencias de alguns chymicos que usando do gèlo natural triturado com outros mixtos conseguirão hum frio que gela o vinho, e até grandes porções de azougue; e que o muriato de cal era hum dos saes que na sua passagem de sólido a liquido absorvia muito calorico, e produzia maior frio, foi este o expediente de que me lembrei usar com preferencia, e entrei no facil projecto de extrahir este sal ou de o formar com grande economia, para, por meio de aparelhos proprios que imaginei, o aplicar em grande ao referido objecto. —

Depois, tendo sempre em vista aquelles principios que já referi, e vendo-os comprovados pelas engenhosas experiencias e doutrinas de muitos chymicos taes como Wilke, Crauford, Kirwan, Deluc, Saussure, Gay-Lussac, e ultimamente com mais particularidade por Davy e por Dalton, descobri (assim como o fez Leslie) que a agoa no vacuo, obrigada a huma grande evaporação, e introduzido no mesmo vacuo algum corpo para o qual os vapores da agua tivessem grande attracção, seria hum meio commo para conseguir o fim desejado: devo porém declarar que não me tinha lembrado do acido sulphurico, de que se serve aquelle chymico, nem me parecia ser esta a materia mais adequada; e a experiencia em grande decidirá se outros corpos hygroscopicos são mais ou menos proprios.

Finalmente além dos dous maquinismos já mencionados, projectava outro aparelho praticavel muito em grande, fundado na evaporação, na hygrometria, e em outros principios meteorologicos descobertos por alguns dos referidos Philosophos.

Esta he huma fiel e abreviada narração das minhas descobertas a respeito do frio artificial, a qual bastaria para as pessoas, que me conhecem, ficarem persuadidas da anterioridade da minha invenção: devo com tudo referir alguns factos que comprovem o que affirmo.

Ha não menos de 7 para 8 annos que desejando saber as condições do contrato da neve, participei estas minhas idéas ao Conselheiro Desembargador do Senado João José de Faria da Costa Abreu Guião. Quasi todas as pessoas da minha familia ou de amizade familiar, por exemplo, Francisco Antonio dos Santos, José Pedro Busse, (se bem me recordo) Joaquim José Monteiro Torres, presentemente Vice-Almirante no Rio de Janeiro, alguns dos meus collegas Officiaes da Secretaria de Estado dos Negocios da Fazenda, e varias outras pessoas, que he desnecessario nomear, me ouvirão com extraordinaria admiração o projecto que a este respeito tinha formado; e não o publiquei mais geralmente por entender que era mais acertado reservar a publicação para quando o praticasse em grande, o que me pareceo mais proprio no Brazil, differindo tambem para então o pedir Privilegio exclusivo que a todo o tempo authenticasse ser minha a dita invenção, e a fim de compensar as grandes despezas que tinha feito e intentava fazer em experiencias sobre este e outros varios objectos.

Em 1806 estava já tão decidido á prompta execução do projecto, que fiz encomendar de Amsterdam vinte barricas de muriato de cal: deo-se a ordem em 11 de Fevereiro á casa de Commercio d'aquella Praça Jacob Kramer, o qual respondeo em 12 de Março do mesmo anno que podia obter por preços commodos as modicas porções que ali havia d'este sal, mas que não achava quem por preços justos quizesse preparar tão avultada porção. Foi então que tentei extrahillo aqui das agoas que ficão de resto nas marinhas de sal, ou mesmo formallo totalmente de novo com a combinação do acido muriatico e da cal; o que se obtem por preço assás commodo.

Quando tivemos a desgraça de entrarem os Francezes em Portugal e de partir a Familia Real para o Brazil, nenhuma cousa suavizou tanto esta minha mágoa, como a idéa de que a residencia da Corte n'aquelle continente era muito favoravel ás minhas vistas e projecto de lá ir formar aquelle estabelecimento. Isto novamente foi ouvido por todos os meus principaes amigos. E affligindo-me por não poder apromptar-me para ser da comitiva, nem ter lugar em algum dos navios que partirão, logo me dispuz áquella viagem na primeira occasião em que sem risco extraordinario a podesse tentar.

Logo depois da feliz Restauração d'estes Reinos abertamente me principiei a preparar para a dita viagem: e escrevendo a Manoel Jacinto Nogueira da Gama pela Fragata Ingleza Boadissea, que d'aqui se fez á véla alguns mezes depois para o Rio de Janeiro, lhe avisei que eu estava a partir, sendo o meu principal designio cooperar quanto me fosse possivel para diminuir a Suas Altezas Reaes os incommodos d'aquelle clima, por quanto me destinava a pôr em prática e em ponto grande os meus inventos,

não só de destillação, para purificar a agoa que se dizia lá ser muito má, mas principalmente os de promover o frio artificial para refrescar as bebidas. E até lhe dava conta de outros meus projectos para aproveitar alguns productos d'aquelle paiz, e de outra minha invenção sobre hum muito facil e barato modo de fazer Stereotypos.

No entretanto pedi licença por hum anno, allegando miudamente as razões e motivos mencionados na sobredita carta; de cuja importancia inteirado o Excellentissimo D. Francisco Xavier de Noronha, fez-me a honra de apresentar ao Governo o meu Requerimento, que até ia acompanhado de hum dos meus Stereotypos. Tudo isto porém foi sem effeito, nem se me concedeo a licença pedida, por causas politicas que então occorrêrão, e que difficultarão semelhantes licenças e passaportes, principalmente a empregados públicos.

Passado algum tempo renovei as minhas instancias para obter a dita licença, mas como persistia a mesma causa forão seguidas do mesmo infeliz exito. Com isto algum tanto esmoreceo o gosto que eu fazia de pôr em prática os meus projectos, e resolvi-me a temporizar. — Com effeito quando se aparelhou a Náo Vasco da Gama, mereci que se desse ordem para n'ella se me preparar lugar; não se effectuando porém aquella viagem, e augmentando-se muito as minhas molestias e inacção; ficou a execução do meu plano dependendo do pouco provavel restabelecimento da minha saúde, e de alguma extraordinaria occasião que me fosse mais propicia.

Eis-aqui o que se tinha passado quando agora vejo annunciada no Investigador Portuguez a descoberta de Mr. Leslie, cuja gloria não pertendo diminuir; contentando-me sómente de mostrar, que á mesma e com grande anterioridade eu estava intitulado; e que não por culpa minha, mas sim por certas casualidades e pouca fortuna, não tive a honra de ser o primeiro que procurasse a Suas Altezas Reaes as commodidades e satisfação que agora lhe procura aquelle sábio Estrangeiro.

Sou, etc.

*Antonio de Araujo Travassos. (\*)*

---

(\*) Foi fatal a ommissão de todo este nome. na pag. 351 linh. 23, aonde elle se deve lêr como aqui.

## M E D I C I N A.

Balanço do Hospital Real de S. José de Lisboa no mez de  
Abril de 1812.

## Doentes.

Ficção do mez de Março . . . . .	683
Entrão em todo o mez de Abril . . . . .	646
	Somma — 1:329

Sahião curados . . . . . 539	} 630
Faleção . . . . . 91	
Ficção para o mez de Maio . . . . .	699
Morreo menos da sexta parte.	

## Dinheiro.

Saldo do ultimo de Março . . . . .	6:718:654
Receita em todo o mez de Abril . . . . .	6:434:350
	Somma — 13:173:004

Despeza em todo o mez de Abril . . . . .	10:922:269
Saldo para o mez de Maio . . . . .	2:250:735

Se soubessemos o numero das existencias diarias, diriamos quanto em totalidade importava diariamente a despeza de cada doente.

Relação dos Estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, que tendo-se matriculado, frequentado, e provado os seus respectivos annos, fizeram finalmente os seus Exames, e forão n'elles approvados Nemine Discrepante: no mez de Maio.

## 2.º Anno.

Dia 26. Jacinto Luiz Amaral Frazão.

Objecto da Dissertação d'Acto. — *Vasorum absorbentium motus aliquando retrogradus inter valde probabilis.*

O movimento retrogrado nos vasos absorventes, em certas circumstancias, he muito provavel.

27. Antonino de Lima Ferreira.

*Ab arteriarum basi cranei decurrentium pulsu elevato depressio que alternat cerebri, quum dantur, pendere videntur.*

A elevação e depressão do cerebro, quando existem, parecem depender da pulsação das arterias da base do craneo.

29. José Joaquim Alves.

*Lactis secretionem per arterias confectum iri plusquam inter probabilia admittimus.*

Julgamos mais que provavel, que pelas arterias se faz toda a secreção do leite.

30. Aureliano Pereira Frazão Aguiar.

*Unde temperamentorum discrimina? A composita animalia constructentium alia elementorum quantitate; et, circa vim, longe diversis actionibus hinc prodeuntium organorum.*

¿ De que depende a differença dos temperamentos? Da differente quantidade dos elementos, que entrão na construcção dos compostos animaes; e da differente energia da acção dos órgãos, que d'ali resultão.

3.º Anno.

- |     |   |                               |
|-----|---|-------------------------------|
| 26. | { | Jeronimo de Almeida Moraes.   |
|     | { | Bento Rodrigues de Aquino.    |
| 27. | { | José Xavier dos Reis Picão.   |
|     | { | Carlos José Pinheiro.         |
| 29. | { | Gaspar Milton Sanctos.        |
|     | { | Joaquim José Ferreira Sobral. |
| 30. | { | Luiz Antonio Marques Presado. |
|     | { | Joaquim Marques Rolin.        |

4.º Anno. — Tomarão o Grão de Bacharel.

26. João Lopes de Moraes.  
 27. Félix Manoel de Mattos Pinto Teixeira.  
 29. João Baptista de Barros.  
 30. Antonio José de Sá.

Hão de continuar no mez seguinte os Exames de 2.º, 3.º, e 4.º Anno; e hão de fazer-se depois os do primeiro, e as Formaturas.

## DO PHOSPHÓRO COMO MEDICAMENTO.

(Continuada da pag. 290.)

## VI.

Noticia de outros Medicamentos phosphoricos; seus usos; e doses.

*Acido Phosphorico.*

Mr. *Linten*, Medico d'Hannover, annuncia ter feito uso d'este acido com grande successo na cura de hum caso de *Phthisica* pulmonar.

*Hacke* empregou com vantagem o *acido phosphorico* em huma affecção cancerosa do utero.

*Hartenkeil* empregou-o com o mesmo effeito em huma *carie syphilitica*.

Mr. *Pelletier* foi testemunha de que hum homem enervado pelos prazeres de *Venus* tinha cahido em hum estado de *marasmo*, e de *consumpção dorsal*, e restabeleceo-se em mui pouco tempo só com o uso de limonada preparada com *acido phosphorico*, e *mcl*.

*Leroy* teve o *acido phosphorico* por hum remedio preciosissimo. Elle conheceo muitas pessoas, que de quando em quando fazião uso de huma limonada composta de *acido phosphorico*, *asucar*, e *agoa de flôr de laranja*, e que julgavão ter n'esta limonada hum meio de conservar a sua saude, as suas forças, e de prolongar mesmo a sua velhice.

*Lintin* dava 25 gotas d'*acido phosphorico* em quantidade de agoa, que o gosto determinasse.

*Phosphato de cal.*Começa a administrar-se aos *Rachiticos*, etc.*Phosphato de soda.*

Tem hum sabor hum pouco salgado, e nada desagradavel. He hum doce purgante.

*Phosphato de potassa.*He como o *phosphato de soda* hum bom purgante.

*Modo de obter o Phosphoro.*

*Historia da sua descoberta.*

O *phosphoro* parece que foi por muito tempo desconhecido, e occulto pela natureza aos olhos dos homens; não temos monumento algum, por onde possamos concluir que os Antigos tivessem idéa d'esta admiravel substancia; o que temos de mais positivo sobre a sua descoberta vem referido por *Leibnitz* no I. Volume da Obra intitulada *Miscellanea Berolinensia* anno de 1710. Elle attribue a descoberta a *Brandt* Alchymista Amburguez, que trabalhando sobre a urina para achar a Pedra Philosophal descobriu em 1667 o *phosphoro*, que não procurava; communicou a sua descoberta a *Kraft*, e este vendeo por alto preço, e por muitas vezes, o producto, e depois o methodo de o obter.

*Leibnitz*, sabendo de *Kraft* qual era o descobridor, o mandou chamar por ordem do Duque de *Hanover*; fello trabalhar na sua presença; e d'elle aprendeo toda a operação, e a praticou. *Kunckel* tendo noticia da descoberta, sem saber o modo, porque se fez (como querem alguns, no que *Leibnitz* não convém (\*),) e sabendo que *Brandt* extrahio da urina aquelle producto, depois de repetidas tentativas, ao fim de quatro annos obteve o *phosphoro*, que por muitos tempos se ficou chamando *phosphoro* de *Kunckel* em razão dos grandes trabalhos, que elle teve para o extrahir.

Ainda que o processo de *Brandt* se fez publico, entretanto *Kunckel*, e *Godfredo Halwith* forão os unicos, que por muito tempo extrahirão o *phosphoro*, e o vendêrão para os Gabinetes de Physica, aonde elle era unicamente admirado pelo phenomeno luminoso; e só em 1737 he que pela primeira vez se procedeo a este trabalho em Paris com mais authenticidade, e de baixo de vistas mais extensas. Hum Estrangeiro executou a operação em presença de *Geoffroi, du Fay, du Hamel*, e *Hellot*, ficando este ultimo encarregado de notar todas as circumstancias essenciaes (Memor. da Acad. das Scienc. de Paris, anno de 1737).

(\*) *Leibnitz* assevera que *Brandt* ensinou a *Kunckel* o methodo d'extrahir o *phosphoro*; porém que, tendo esquecido a este ultimo alguma circumstancia da operação, a mandou perguntar ao primeiro, que já pezaroso de ter communicado o segredo a não quiz ensinar (d'isto se queixa muito *Kunckel* em cartas escriptas a *Brandt*, as quaes *Leibnitz* vio): pelo que indignado *Kunckel* variou de muitas maneiras o processo até que por si mesmo emendou o erro, em que tinha cahido.

Em 1743 *Margraaf*, Chymico de *Berlim* publicou hum melhor methodo, o qual foi por muito tempo seguido.

Quaesquer porém que fossem os meios até ali propostos para obter o *phosphoro*, a unica substancia empregada para este fim era sempre a urina, sem haver conhecimento de alguma outra, que o podesse subministrar: os processos são longos e enfadonhos, e o producto obtido sempre em mui pequena quantidade, até que os dous Suecos, *Gahn* e *Scheele*, célebres Chymicos, nos mostráram que a parte mais dura dos ossos se compunha de terra calcarea, e de hum acido, cujo radical era o *phosphoro*. A isto chegarão os trabalhos de *Gahn*: *Scheele* nos ensinou além d'isto a obter o *phosphoro* pela decomposição dos ossos em mui to major abundancia, com mais brevidade, e menos incommodo do que pelos methodos, até a esse tempo conhecidos; os seus trabalhos foram successivamente aperfeiçoados (Diccion. Encyclop.) por muitos Chymicos, e entre elles ultimamente por *Fourcroy*, e *Vauquelin*, que tratáram d'este objecto, a nósso ver, com bastante exactidão, extrahindo o *phosphoro* da mesma substancia, mas por meios mais faceis e vantajosos.

Depois que se augmentáram os trabalhos sobre o *phosphoro*, se conheceu que elle existia em todos os tres Reinos da Natureza, principalmente no animal, mas sempre combinado, e que só pelo artificio o podiamos conseguir puro. Seria util referir cada huma das substancias, em que elle existe, e descrever circumstanciadamente cada hum dos processos, que tem havido, para o extrahir; porém isto excederia os limites, a que nos propomos; e por isso exporemos unicamente o seguinte, que parece mais facil, e exacto:

*Processo para obter o phosphoro.*

Escolhem-se os ossos mais duros, queimão-se até se fazer muito branca a parte externa, e a interna denegrada; reduzem-se a pó, pensirão-se; lança-se-lhes pouco e pouco dous quintos do seu peso de acido sulphurico concentrado; mexe-se o todo muito bem; e deixa-se em digestão por dous ou tres dias; no fim dos quaes se lhe começa a lançar agoa, vai-se remexendo a massa, exposta a hum fogo muito brando; juntão-se ss agoas da lavagem (\*); lança-se-lhes a dissolução de acetito, ou muriato de chumbo; e se continua até não dar mais precipitado (§). Este

(\*) Estas agoas da lavagem são o *phosphato acidulo de cal* dissolvido, que pelos caracteres de acidez se julgo por muito tempo ser unicamente o *acido phosphorico* livre da sua base calcarea.

(§) Este precipitado he o *phosphato de chumbo*, formado por huma afinidade de concurso.

precipitado lava-se muito bem, mistura-se com partes iguaes de pó de carvão, lança-se a mistura em retorta de barro *loricada*, faz-se communicar a retorta com o seu recipiente, em que se lança d'agoa quanto baste para cobrir o rostto da mesma retorta; introduz-se a extremidade de hum tubo no orificio menor do recipiente, e mergulha-se a outra extremidade do mesmo tubo em hum vaso d'agoa.

Disposto assim o aparelho, lutão-se-lhe as juncturas, admistrase-lhe fogo nú, a principio brando, e depois se augmenta gradualmente, até se pôr em brasa o corpo da retorta. Chegando a esse estado (\*) o phosphoro principia a sahir, parte em vapores brancos, que se condensão na agoa do recipiente, parte em gaz, parte em fim reduzido a liquido (á maneira de cera fundida), que tornando-se concreto fórma pequenas massas, semitransparentes da figura de lagrimas.

O phosphoro nunca se extrahê bem puro, mas sempre mais ou menos oxydado, e unido com outras substancias: o melhor meio de o purificar he destillallo com pó de carvão em huma retorta mui pequena, unida ao seu recipiente com agoa, como dissemos; não he necessario lutar-se a retorta, porém devem-se tomar as cautelas indicadas, pelo que pertence ao mais. Ainda que este meio seja o mais exacto, entretanto por simplicidade, se usa vulgarmente de outro, que vem a ser fundir o phosphoro em agoa quente, e fazello passar atravez do couro, como se faz ao mercurio. O phosphoro assim purificado deve guardar-se em vasos cheios de agoa muito bem tapados; e até se deve partir, e manejar dentro em agoa quanto for possível.

## VIII.

*Propriedades physicas, e chymicas do phosphoro.*

Corpo simples, ou ainda não decomposto, semitransparente, mais ou menos *hyalino* (§), cheiro analago ao do alho (+),

(\*) Estando a retorta em brasa, o pó de carvão combinando-se com o oxygenio do *acido phosphorico* fórma o *acido carbonico*; e o phosphoro unido com a materia do calor sahe pelo rostto da retorta.

(§) Chaptal diz que o phosphoro he cor de carne; e Cadet que elle he amarelado: estas differenças dependem dos diferentes grãos de pureza, em que o obtiverão; nenhum, ao que parece, o vio de todo puro; o mais puro, que temos visto he cor de pingos d'agoa, a que os Physicos chamão sem cor; e muda para amarelo, e para vermelho ao passo, que se vai oxygenando, ou estando combinado com outras substancias. Temos visto o phosphoro de huma e a mesma extracção, porém nos diferentes

gosto hum pouco acido e desagradavel, facil em se cortar com a faca, e até mesmo com os dedos, susceptivel de crystallisar em agulhas, e de outras fórmãs; o seu péso especifico, segundo Fourcroy = 2,9332; a luz o torna ductil, e muda para vermelho; funde-se a 32° de Reaumur. No ar atmospherico entra em combustão (§) lenta, espalha de dia fumos brancos, e ás escuras se torna luminoso (\*); e a 24° de Reaumur entra em combustão

períodos d'ella, mostrar todas as tres côres; e temos observado, que as duas ultimas sempre são filhas de impureza: entretanto não podemos assegurar, se a côr, a que chamamos *hyalina* indica hum estado de pureza absoluto.

(†) Este cheiro, segundo Cadet, provém da sua combinação com o hydrogenio; porém, seja ou não devido a isto, he certo que elle acompanha sempre o phosphoro, e por isso deve entrar nos seus caracteres.

(§) Em razão da grande combustibilidade do *phosphoro* estando fóra d'agua e exposto ao ar atmospherico, he bastantemente difficulto pesar pequenas quantidades d'esta substancia; porém esta operação se torna mais facil, e a dóse mais segura, dissolvendo certa quantide de *phosphoro* em huma dada porção d'oleo d'amendoas doces, da qual dissolução se pôde misturar certa dóse com xarope, emulsão, etc. prescrevendo-se ao doente huma ou mais colheres da mistura segundo as proporções d'estes medicamentos, e a porção de *phosphoro*, que se pertende dar por cada vez. Supponhamos que em cada onça d'oleo forão dissolvidos 2 grão de *phosphoro*, cada outava da dissolução tem  $\frac{1}{5}$  de grão de *phosphoro*; portanto mandando-se ajuntar á dita outava huma onça de xarope, e, sendo esta mistura administrada em duas dóses, o doente em cada huma d'ellas toma  $\frac{1}{5}$  de grão de *phosphoro*.

Na Botica de José da Rocha Domingão, no Campo de Santa Anna Num. 125, se vende a dissolução do *phosphoro* em oleo, que foi feita na proporção acima referida; e na mesma Loja ha também *phosphoro* em substancia. Como talvez se não encontre em nenhuma outra Lotica, por isso julgámos conveniente fazer este annuncio.

(\*) Por esta unica propriedade luminosa se conservava o phosphoro a principio nos Gabinetes de Physica, e se formavão com elle letras, e differentes figuras. Fazem-se huns pequenos cylindros, com que se pôde escrever, como com lapis, e as letras vistas ás escuras parecem de fogo, e estão em hum continuo movimento até se apagarem: este phenomeno tem penetrado de medo as pessoas desapercibidas. Conta se entre outros effeitos produzidos pela luz do phosphoro, que certo homem querendo brincar com hum seu amigo, lhe fizera, sem elle o saber, na ca-

rápida (†); mergulhado em gaz oxygenio puro não luz ás escúras, nem dá vapores brancos de dia á temperatura ordinaria, mas fundido arde no mesmo gaz, desenvolvendo muito calorico, e hum luz tão viva, e que fere tanto o olho, como a do Sol. Póde o phosphoro existir combinado com o gaz oxygenio em tres differentes estados, de oxydo, de acido phosphoroso, e de acido phosphorico, conforme o modo, porque se fez a oxygenação. Dissolve-se no gaz azote (§), no gaz hydrogenio (†),

beceira do leito a seguinte inscripção = *Esta nocte morrerás* = foi se o homem deitar, e em quanto conservou a luz não percebeo; mas apenas a apagou, vio a inscripção; e foi tal o susto que morreu no dia seguinte.

(†) Chaptal diz que elle entra em combustão rápida a 24° de Reaumur; Cadet que a 28°; e Fourcroy que acima de 40°. He bem notavel a differença das temperaturas, e parece que duas d'estas asserções são falsas; entretanto julgamos, que todos elles fallão verdade, mas que erão differentes as circumstancias, em que trabalharão. O grão de combustibilidade póde variar, e varia effectivamente em razão da pureza do phosphoro, e do ar, em que se fizerão as experiencias; em razão do estado de humidade e secura do mesmo ar; da maior ou menor intensidade da luz, que toca o local das combustões; e pela inexactidão do thermómetro, etc. Porém sempre seria bom que os Authores nos dessem hum relação exacta das circumstancias; mas procedem nisto ás vezes com alguma negligencia. O facto observado no *Laboratorio Chymico da Universidade de Coimbra* prova bem quanto a humidade e secura pódem influir. Tendo-se preparado o phosphoro em hum dia de inverno e bem chuvoso, se lançarão alguns fragmentos das *allongas*, que servirão á operação para hum pateo immediato, cujos fragmentos cahindo por acaso debaixo das beiras do telhado, se conservarão mergulhados n' agoa o resto d'aquelle dia, e o seguinte, em que continuou a chover copiosamente; seguio-se depois o melhor tempo, e os fragmentos forão pouco a pouco enxugando; chegando se por acaso á porta que communica o dito pateo inesperadamente se observarão deflagrações espontaneas no lugar proximo á mesma porta, sem que á primeira vista lembrasse a que podessem ser devidas; reflectio-se então, e se observarão os fragmentos das *allongas* acima referidos, no interior dos quaes havião ficado adherentes alguns atomos de phosphoro. Então foi facil a explicação d'aquelle combustão espontanea e rápida.

(§) A propriedade, que elle tem de se dissolver no gaz azote, he a causa da sua combustão lenta no ar atmospherico, mesmo em temperaturas muito baixas: não se combina a frio com o

no alcohol, no ether, nos oleos (\*), e principalmente nos vólates; mergulhado em agoa fria a torna acida (§), e lhe communica o seu cheiro.

Combina-se com os metaes, com o enxofre, e com pequenas quantidades de carbonio.

(Concluir-se-ha.)

gaz oxygenio puro, mas dissolvido primeiro no gaz azote, depois por afinidade disposta se combina mais facilmente com o oxygenio, como pensão Cadet, e Fourcroy, (póde ser além d'isto que o acido carbonico tambem influa no phenomeno).

(†) Resulta d'esta combinação o gaz hydrogenio phosphorado, que se inflamma á temperatura ordinaria. Apparece a superficie de certas agoas ás vezes inflammada. Existem certos lugares constantemente ardendo, a que se dá o nome de *fontes de fogo*! Tal he a descoberta por Lampi nas Collinas de Santa Colomba; outra nos suburbios de Grenoble, etc. Observão-se chamas frequentes vezes discorrendo pelos cemeterios, e nos lugares, aonde apodrecem outros animaes! Estes e outros phenomenos verdadeiramente espantosos e medonhos aos olhos do Povo, e muito dignos da attenção do Philosopho, se attribuem hoje á combustão do gaz hydrogenio phosphorado.

(\*) Esta dissolução oleosa de phosphoro ás escuras he luminosa, e torna igualmente luminosas quaesquer pessoas, que se untaem com ella. He hum espectáculo curioso ver ás escuras hum homem untado com banha phosphorescente. A luz dos insectos chamados pyrilampos, ou vaga-lumes, (*lampyris splendidula* L.) he, segundo Chaptal, huma dissolução oleosa do phosphoro. Depois de grandes fadigas apparece o suor ás vezes phosphorescente; Henckel, no Livro VIII. da sua Pyritologia, diz que hum homem no excesso do suor achando-se muito afflicto se despio, e ao tirar a camisa lha virão illuminada com luz phosphorica, e conservou o clarão por largo espaço. Certo enfermo que tinha tomado phosphoro, morrendo, e sendo anatomisado, encontráram-se-lhe os intestinos luminosos, e ficáram igualmente luminosas as mãos do Anatomico ainda mesmo depois de se ter lavado.

(§) O phosphoro conservado em agoa pelo decurso do tempo, se converte em oxydo, e depois em acido; isto resulta da decomposição da agoa, segundo Cadet, e, segundo Fourcroy, he devido ao ar, que n'ella existe: e porque não resultará da decomposição de ambos os fluidos, quando he sabido que o phosphoro decompõe separadamente hum e outro?

## Carta aos Redactores.

Lisboa 6 de Julho de 1812.

Senhores Redactores.

Leio com muito prazer o seu *Jornal*, que por dous motivos principalmente o considero mui apreciavel: 1.<sup>o</sup>, pela *modestia* com que he redigido, virtude que muito estimo, e sobre tudo nos *Homens de Letras*, seu melhor ornamento: 2.<sup>o</sup>, por ser o unico que de Sciencias Nacionaes se imprime dentro da minha querida Patria. Eu desconfiei sempre dos progressos d'estas n'aquelle *Paiz*, onde o *mostrador* de hum *Jornal* me não indica a sua marcha. Os *Jornaes Scientificos*, Senhores, estão para o homem que deseja descobrir conhecimentos humanos, como as *plantas aquaticas* para os que desejão no seio da terra encontrar o liquido elemento.

Li com bastante gosto a Memoria, que vem no Num. IV., sobre o *phosphoro*, como medicamento; e a pezar de não ser da profissão medica, nê ser dos comprehendidos no modesto convite de V.... com tudo como julgo indispensavel o conhecimento das suas propriedades chymicas para melhor se descobrirem suas virtudes medicinaes, por isso tomo a liberdade de lhes comunicar as seguintes observações:

Nas experiencias do Piemontez, *Charles Giulio*, sobre o *phosphoro*, que V.... transcrevem, leio a seguinte frase: "he notavel que os *frangos* obrigados a beber, em grande dose, agua em que o *phosphoro* tinha estado de infusão por muito tempo não sentissem incommodos, antes mostrassem mais fogo e viveza." Quando pelo contrario nas experiencias do mesmo Piemontez, morrião fazendo-os engolir dous grãos de *phosphoro* em estado de solidez.

He este, Senhores, hum dos infinitos exemplos, que demonstrão com toda a evidencia, quanto os conhecimentos chymicos são essenciaes ao Medico, e Boticario. Humia mesma substancia, preparada de diferentes maneiras, ou posta em contacto com outras substancias, muda as mais das vezes de propriedades chymicas, formando novos *compostos*, e por conseguinte de *virtude medica*, a ponto de ser remedio e veneno ao mesmo tempo, segundo as suas diferentes modificações.

Tal he o *phosphoro* na presente hypothese; dado em sólido *matava*; applicado em dissolução *vigorisava*. Debalde o Medico sem conhecimentos chymicos pertenderá explicar este phenomeno por essas *theorias de nomes*; o resultado será sempre contra a humanidade.

Segundo pois as experiencias mais recentes, o *phosphoro* posto de infusão em agoa, não privada do ar atmosphérico, nem do contacto da luz, soffre huma lentissima combustão apenas capaz de *oxydar* a sua superficie, e d'aqui vem a formação de huma ligeira crusta avermelhada, que se observa nos *paosinhos* de *phosphoro*, que n'este liquido se conservão. Este oxydo, assim formado, ávido ainda de *oxigenio* para se converter em acido *phosphoroso*; e depois em *phosphorico*, decompõe a agoa pelas dobradas affinidades, convertendo-se por huma parte em acido *phosphorico*, e por outra em hydrogenio *phosphorado*; isto he, o *oxigenio* d'agoa se combina com o oxydo do *phosphoro*, e o hydrogenio d'esta com outra porção do mesmo oxydo de *phosphoro*, em cujo estado se dissolve n'agoa.

Esta experiencia mostra que na hypothese presente os frangos não tendo tomado a mesma substancia não podião soffrer o mesmo resultado; quando *morrêrão*, tomárão *phosphoro* sem mais nada; quando *vigorisavão*, bebêrão *hydrogenio phosphorado*, e alguma porção de acido *phosphorico*, dissolvidos em agoa, que já não era *phosphoro chymicamente* considerado.

Se V.... julgarem estas linhas dignas do seu estimavel Periodico, e do Público illustrado, a quem o dedicação, rogo-lhes queirão publicallas: e se para o futuro meus fracos *conhecimentos chymicos* merecerem acolhimento, animado por este lles participarei quantos as circunstancias me suggerirem.

Sou de V.... possuido de toda  
a consideração e estima,

*Luis de Sequeira Oliva.*

*Resumo das operações militares do mez de Maio de 1812. (\*)*

Os Exercitos Francezes na Peninsula não intentarão operação alguma de maior importancia, e em grande. O de Dorsenne empregou-se em perseguir Mina, porém este General, depois de escapar a huma força de 19<sup>o</sup> inf. e 2<sup>o</sup> cav. aprisionou a 9 de Abril hum rico comboy. — O de Suchet e o do centro manobrarão em corpos separados, repartindo a sua attenção pelas Divisões e Guerrilhas Hespanholas da Catalunha, Aragão, Valencia, e Castellas, e formando as necessarias Guarnições. — O de Soult seguiu o mesmo plano tendo em roda de si, pelo Nascente as Divisões do 2.<sup>o</sup> e 3.<sup>o</sup> Exercito, que entrarão nas Andaluzias, pelo Sul as tropas de Ballesteros, pelo Noroeste as de Hill, e pelo Poente observando Cadiz. — O de Marmont empregou parte das suas Divisões em manter a communicação com Soult pela ponte do Arcebispo, depois que forão tomadas por Hill as fortificações de Almaraz, e a outra parte observou o Exercito de Lord Wellington, e o da Galliza. — As Guerrilhas espalhadas por toda a Hespanha, e particularmente nas Castellas, tem-se tornado cada vez mais numerosas, e interessantes.

(\*) Em huma nota pag. 7 dissemos que erão exclusivamente dos Redactores os motivos, porque o Num. I. d'este Periodico se publicou mais tarde: hum dos principaes foi o termos entendido este trabalho no meado de Janeiro, e desejarmos começar desde o dito mez o extracto das noticias politicas e militares, para no fim do anno ficar completa esta parte do Periodico. Tanto mais nos agradou esta circumstancia, quanto nos persuadimos que, feitas as diligencias, cedo nos poriamos em dia; e por isso chegamos a promettêr que depois do Num. III. ficarião as cousas em ordem. Porém contra as nossas esperanças, e sem que seja nossa a culpa, não temos conseguido amortisar o primitivo retardamento. N'estas circumstancias julgamos de nenhuma curiosidade para o Público o extracto das noticias politicas e militares, e por isso nos determinamos a reduzi-lo ainda mais até que, pelos novos meios, que vamos a empregar, possamos conseguir que a publicação de cada Num. se faça poucos dias depois de acabado o mez, a que elle pertence. No entanto daremos sempre hum pequeno resumo das principaes operações dos Exercitos Peninsulares, e annunciaremos algum factó mais importante, que tenha acontecido nos Exercitos do Norte. D'este modo, sem que inteiramente omittamos este objecto, dará o Periodico mais lugar ás muitas peças, que nos tem sido remettidas, e cuja publicação ficaria retardada, bem contra a vontade dos seus Authores, e nossa.

## P O E S I A .

O' Manes d' Albuquerque, e Castro forte,

Qu'inda os Elisios passeaes Ovantes,

Vede a Lusã Nação, qual fôra d'antes,

Sô de gloria nutrit-se, estrago, e morte.

## G L O S A

## EM OUTAVAS.

Por João Alexandrino de Sousa Queiroga,

Estudante de Medicina na Universidade de Coimbra.

**S**E de claros troféos inda cingidos

Da terrea prisão vil já despojados,

Aprasiveis vos são, vos são queridos,

Da Patria vossa os feitos sublimados,

De Bellona nos campos desabfidos,

Alterando hum momento a lei dos Fados,

Vinde admirar de Lysia o genio;

O' Manes d'Albuquerque, e Castro forte.

**II.**

Modelos de pasmosa heroicidade,

Vossos feitos réqui tão applaudidos,

Pelas claras acções da hossa idade,

Hoje no Lethes ficarão sumidos;

Lá no seio da immensa eternidade

Sereis de nobre inveja accommetidos

Pachecos immortaes, Gamas prestantes,

Qu'inda os Elisios passades Ovantes.

## III.

Veriathos, Sertorios, que aterrastes  
 A que outr' hora altas Leis dictava ao Mundo,  
 Que os louros vezes mil, e mil murchastes  
 Ao terrível Romano furibundo;  
 Dos exemplos, que em Lysia semeastes,  
 Vêde os fructos colher com ar jucundo,  
 Seus Direitos mantendo relevantes  
 Vede a Lusa Nação, qual fôra d' antes.

## IV.

No meio do vulcão, que o Mundo abala,  
 Altêa Lysia a frente hoje orgulhosa,  
 De furor a seus pés se morde, e rala  
 Pela terceira vez Gallia raivosa;  
 Tudo em Lysia he prazer, he riso, he gala:  
 Quando Europa a cerviz curva medrosa,  
 Vê-se Lysia menor, porém mais forte,  
 Só de gloria nutrir-se, estraga, e morte.

*Vales em Lysia, quanto Fabio em Roma.*

## SONETO.

*Pelo mesmo Author.*

Cingindo a fronte de virente Louro,  
 Sustendo a palma d'inclita Victoria,  
 Ao Templo augusto da immortal Memoria  
 Sobes Wellington com feliz agouro;  
 Da afflicta Europa com fatal desdouro  
 Murchas da Gallia a decantada gloria,  
 Gravas teu Nome na futura historia  
 Em laminas gentis com letras de ouro;  
 Depois da Asia inunda de heroicidade,  
 Hoje na Europa o teu valor só dóma  
 O flagello maior da Humanidade.  
 Por ti aurea ventura em Lysia assoma,  
 E certo já de igual posteridade  
*Vales em Lysia, quanto Fabio em Roma.*

## OUTRO.

Pelo mesmo Author.

Quando Europa convulsa vacillava;  
 No seio da oppressão, que a constrangia,  
 E até Lysia fiel já se curvava  
 Ao péso da mais bruta tyrannia;

Hum Deos, que antigos votos recordava,  
 Quando instaurara a Lusa Monarquia,  
 Só de ti, raro Wellington, confiava  
 O manter-lhe as promessas de algum dia;

Manda-te á Lysia, e no maior conflicto  
 Mal o teu braço milagroso assoma  
 Por ti rebenta da Victoria o grito;

Em vão erriça o Gallo a acceza cóma,  
 Que esmagando-lhe o collo, e sempre invicto  
 Vales em Lysia, quanto Fabio em Roma.

## SONETO.

Pelo mesmo Author.

Nos Campos de Bellona sempre ovante  
 De Marte o filho, Wellington famoso,  
 De novo em Badajoz victorioso  
 Alçou mais hum Padrão, que o Mundo espante;

Em raiva ardendo em vão Gallo arrogante  
 Obstaculos lhe oppõe industrioso,  
 N'elles encontra só o Heroe pasmoso  
 Hum titulo de gloria mais brilhante;

Claro berço d' Heroës, Britania Augusta,  
 Lysia, Lysia feliz, vossa ufania  
 Hoje á face do Mundo, oh quanto he justa!

Ante o genio, que audaz vos incendia,  
 Despotismo feroz, que Europa assusta,  
 No sólio a vacillar já principia.

# JORNAL DE COIMBRA.

JUNHO 1812.

---

## Num. VI.

---

*Sequimur probabilia..... et refellere sine pertinacia, et refelli sine iracundia, parati sumus.*

CICERO.

---

### MISCELLANEA.

*Relação dos generos, que entrãõ no Rio de Lisboa desde 25 de Maio até 30 de Junho de 1812.*

**F**arinha 5:058 barricas, e 700 ditas para o Porto. Trigo 200 fangas, 1:032 moios, 169 barrís, e 679 moios de trigo, cevada, e avêa. Milho 32:100 alqueires. Cevada 550 moios, 1:901 barrís, 1:130 fangas, e 536 moios de cevada e avêa. Avêa 62 tonnelladas, 1:728 moios. Biscouto 150 barricas. Feijão 1:250 alqueires, Fava 11 moios. Arroz 11:445 saccas. Azeite 657 pipas, e 550 odres. Vinho (da Madeira) 19 pipas. Agoardente 337 ditas. Oleo 6 ditas. Farinha de guerra 100 saccas. Café 630 ditas, e 120 paneiros. Algodão 935 saccas. Assucar 805 caixas. Cacão 2:807 saccas, e 312 barricas. Tabaco 1:350 rolos. Couros 11:450. Vaguetas 9:509. Atanados 300. Meios de sola 10. Cerveja 65 pipas. Carnes 1:380 barrís. Toucinho 385 pacas. Presuntos 9 barricas. Manteiga 4:099 barrís. Queijos 15 tonnelladas, e 118 cabazes. Balchão 3:100 quintaes. Gomma 100 paneiros. Mel 160 barrís, Tapioca 120 paneiros, e 30 saccas. Herva doce 48 fardos, Quina 13

ddd

ditos, e 4 caixas. Linho 4 toneladas e 16 fardos. Cabos 142 peças. Lãna 25 toneladas. Ferro 400 barras. Cera 68 currões, e 35 pães. Marfim 3 toneladas. Pão para tintas 4 ditas. Pãos de construção 30 ditas. Taboado do Porto, e da Figueira 768 duzias. Enxofre 600 quintaes. Barrilha 1:200 ditos. Papel 334 balas. Garrafas 70 duzias. Entrarão também hum Patacho da Figueira com tabuado, dous Cahiques com esparto, e cinco Navios com fazendas Inglezas.

Em todos os Numeros antecedentes nós dêmos a relação dos preços do Terreiro de Lisboa: e projectavamos não só continuar, mas ajuntar os preços dos generos do paiz nas Terras principaes de cada huma das Províncias de Portugal: no atrazamento porém de publicação, em que este nosso Periodico se acha (tanto contra nossa vontade, e a despeito dos nossos maiores esforços) ommittimos o artigo do preço dos generos assim na Capital como nas Províncias, e o ommittiremos em quanto o Numero de qualquer mez se não publicar nos primeiros dias do mez seguinte.

Agradecemos aos nossos amigos, que tão circunstanciadamente nos tinham satisfeito sobre participações d'esta natureza; e de novo tomaremos a liberdade de os avisar por esta via.

*Academia Real das Sciencias de Lisboa.*

“Em 24 do mez de Junho celebrou a Academia Real das Sciencias de Lisboa huma Sessão Publica, a que assistirão alguns dos Senhores Governadores do Reino, Socios da Academia. O Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Vice-Presidente abriu a Sessão com hum breve Discurso Preparatorio. Recitou depois o Secretário o costumado Discurso Historico, relatando as Transacções Academicas, desde a época da ultima Sessão Pública até a presente. Seguirão-se a este as Leituras das seguintes Memorias: O Senhor José Martins da Cunha Pessoa leu huma Memoria sobre os meios de fazer mais saudavel a Cidade do Rio de Janeiro. O Senhor Francisco de Paula Travassos leu hum Discurso sobre a Memoria de Mathematica, corbada na Sessão, cujo Author pela abertura se mostrou ser o Senhor Matheus Valente do Couto; n'este Discurso mostrou ao Publico os motivos dos Programmas, o que sobre elle havia já feito, e o que acrescentou e descobriu de novo o Premiado. Seguiu-se depois a Leitura, que fez o Senhor João Croft, do resultado da Analyse das Quinas do Brazil, que por ordem do Governo foi incumbida a huma Commissão de Academicos. Lerão igualmente os Senhores Sebastião Francisco Mendó Trigoço, e o

Doutor José Bonifacio de Andrada e Silva, o primeiro a sua Memoria sobre a pretendida chuva de Algodão, que cahio em alguns lugares das visinhanças de Lisboa, e o segundo o seu Commentario e observações sobre o Capitulo XXVII. do Propheta Ezechiel, acerca das riquezas e vasto Commercio dos Phenícios, que são huma das Notas Illustrativas ao seu Ensaio sobre a Historia e Processos da Metallurgia desde os primeiros tempos até á irrupção dos Barbaros do Norte. Forão ainda destinadas para se lerem n'esta Sessão, huma Memoria do Senhor Antonio Caetano do Amaral, que trata de seus Estudos Academicos, e traça hum quadro Philosophico do Estado de Portugal nas duas primeiras épochas da nossa Monarchia, isto he, desde o seu principio até ao Senhor D. Diniz, e d'este Rei até ao Senhor D. João I.; e outra do Senhor Conselheiro José Antonio de Sá, na qual se apontão alguns obstaculos da Agricultura, que conviria remover; mas os limites do tempo não permitirão tão interessante Leitura. Apresentarão-se tambem exemplares impressos das Obras seguintes, que sahião dos Prêlos da Academia = Memorias de Mathematica e Physica a I. Parte do Tomo III. = Memorias de Literatura Portugueza a I. Parte do Tomo VIII. = Collecção de Memorias para a Historia das Nações Ultramarinas. Os numeros 1.º, 2.º, 3.º, e 4.º = Collecção de Viagens nos Dominios Ultramarinos os numeros 1.º e 2.º, e o Programma do costume. Anunciou-se a proxima publicação do 4.º das Memorias Economicas, cuja impressão está a acabar-se.,,

Por todo o Portugal e seus Dominios tem-se vaccinado muito, e ha muito; mas, tendo sido hum trabalho puramente de particulares, os seus effeitos tem sido parciaes e interrompidos. A Academia Real das Sciencias de Lisboa estabeleceo pois huma *Commissão de Vaccina*, para a qual nomeou os seus Membros Medicos.

He, como era d'esperar, grande o concurso, de Lisboa e redores, de Vaccinandos, e de Vaccinados em quanto he tempo d'observações e d'extracção de materia, nas Sâlas da Academia nos dias determinados. Ha sempre ali vidros de boa materia *vaccinica*, que se distribuem por quem os requer.

He d'esperar que este mui util Estabelecimento se ramifique devidamente por todo o Reino, dimanando d'aquelle centro quanto concorra para a utilidade e uniformidade de tão importante serviço, e dirigindo-se ao mesmo centro as necessarias representações e todas as observações. He igualmente d'esperar que a Academia Real das Sciencias venha a publicar as observações e reflexões, que sobre hum objecto de tanto momento achar consignadas nos seus Registos. Nós, até por credito da Medicina Portu-

guezza, julgamos que ninguem entre nós tem já hoje por suspeita a Vaccina: a publicação porém das observações servirá a despertar algum descuidado.

Toda a pessoa, que quizer aproveitar-se d'este bem, compareça nas Salas da Academia, ao Calhariz, nos Domingos ás 10 horas da manhã; e nas Quartas feiras ás 5 da tarde.

“A Academia Real das Sciencias da mesma sorte, que no anno passado promoveo a Agricultura, segundo lhe era possível, distribuindo semente de Trigo Serraceno, Nabos, e Favas; n'este anno se propoz a promover a cultura de Batatas, conforme se dirá no Programma. E em razão de que as posses da Academia, tendo muitos destinos, não facilitão meios sufficientes para este: S. A. R. pelo Governo n'estes Reinos, a quem representou o referido o Illustrissimo e Excellentissimo Conde do Redondo Vice-Presidente da Academia, houve por bem mandar por Portaria de 20 d'este mez entregar 1:200,000 reis em metal para aquelle fim.”

“A Academia distribuirá a mesma quantia em Premios aos Lavradores, que da Sementeira proxima seguinte mostrarem, que entre todos os Lavradores dos districtos, que se decláram, recolherão maior quantidade de Batatas; o que se conhecerá pelos attestados, que deve cada hum apresentar, dos Reverendos Parochos e Ministros Territoriaes: e deverão juntamente aquelles Lavradores dar noticia, 1.º da qualidade de terra, em que tiverão a producção; 2.º de que sorte fizerão a cultura; e 3.º do modo que queirão usar para conservar as Batatas por mais tempo sem corrupção.”

Os Premios são os seguintes:

3 Premios para cada huma das Comarcas de Castello-Branco, Leiria e Alcobaga, Thomar e Ourem.

2 Premios para cada huma das Comarcas de Bragança, Miranda, Moncorvo, Portalegre, Elvas, Aveiro e Mira, Coimbra e Arganil, Santarém; Territorios, além do Lima, além do Guadiana.

1 Premio para cada huma das Comarcas de Viseu, Lanhães, Lamego, Chão de Couce, Riba-Têjo, Torres-Vedras, Alemquer, Lagos, Faro, Tavira, Villa da Chamusca.

Premios 40, a 300,000 reis sommao 1:200,000 reis.

*Programma da Academia Real das Sciencias de Lisboa,*  
*annunciado na Sessão Pública de 24 de Junho de 1812.*

*Nisi utile est quod facimus, stulta est gloria.*

A Academia entendendo, que o terem concorrido muito poucas Memorias sobre os Assumptos annunciados no Programma de 1810 procedêra do nenhum sócego, que tem tido o Reino pelas calamidades da presente guerra; torna a propôr dos mesmos Assumptos (além de outros) os que não forão perfeitamente desempenhados.

NAS SCIENCIAS NATURAES.

*Em Physica.* — Para o anno de 1813. — Descrever os jazigos dos metaes, e mineraes uteis em alguma Comarca do Reino, que nas actuaes circumstancias possam ser aproveitados; tendo em vista a sua natureza *Geognostica*, e *Oryctognostica*; indicando as suas lenhas, agoas, e caminhos; e apontando os meios mais economicos, e faceis de os pôr em lavra regular. — Para o anno de 1814. — Huma Descripção Mineralogica das Ilhas dos Açores todas em geral, ou pelo menos da maior parte d'ellas, tendo respeito á Economia Rural em todos os seus ramos.

*Em Economia Rural, e Domestica.* — Para o anno de 1813. — Qual seja o methodo melhor, e mais economico de seccar as Batatas para se poderem conservar em todo o tempo, e se moerem em farinha para o pão de mistura; sendo tudo comprovado com experiencias decisivas feitas entre nós. — Para o anno de 1813. — Huma Memoria, que dê conta do estado actual da criação dos Porcos no Reino, e sobre tudo na Provincia do Alê-m-Têjo: declarando as raças conhecidas; o modo de os criar, e engordar; que vantagens a dita Provincia tira d'esta criação; e por que maneira se governa. Qual seja o commercio d'este gado no Alê-m-Têjo; a que epidemias contagiosas está sujeito; qual seja o estado de suas subsistencias; e que posturas notaveis ha a seu respeito nas Camaras. — Para o anno de 1814. — Quaes sejam as sementes fari-nhentas, que além das conhecidas, e usadas em Portugal, possam supprir o trigo, centeio, e milho; produzindo experiencias, que comprovem a doutrina; e mostrem os resultados praticaveis no nosso Paiz. — Para o anno de 1814. — Huma Memoria, que mostre o estado actual da criação do gado lanigero no Reino, e mais particularmente na Provincia do Alê-m-Têjo: dando noticia das

raças conhecidas d'este gado entre nós, comparando-as com as da Hespanha; do numero de suas cabeças, producto das lãs, commercio d'estas, e do gado. Que montanhas epidemicas, e contagiosas pallece este gado: e que providencias se dão para curar, e evitar a molestia. Equaes sejam suas subsistencias, e falta d'ellas: e qual o govérno d'este gado.

— *Premios extraordinarios em Agricultura.* — Cinco Premios de 200000 reis cada hum para os cinco Lavradores da Comarca de Pinhel, que da proxima seguinte sementeira recolherem maior quantidade de Batatas. O mesmo para a Comarca de Trancoso. O mesmo para a Comarca da Guarda.

— *Em Medicina.* — Para o anno de 1813. — Quaes são as enfermidades mais ordinarias nos Exercitos Portuguezes, suas causas em geral, e os modos de as prevenir. — Para o anno de 1814. — Sendo em tempos antigos tão frequente a Lepra em Portugal, que deo motivo á instituição de muitas Gafarias em diversas partes do Reino; e havendo-se de alguns annos para cá extendido muito a Elephantiasis: indagar, se esta he da mesma qualidade, que a primeira. Se a que grassa actualmente he de huma só especie, ou de diversas, ou se são sómente variedades. Quaes as suas causas, differentes methodos de cura, sua preferencia, e precauções.

— *Assumptos fixos para todos os annos.* — I. A Descripção Physica de alguma Comarca, ou Territorio consideravel do Reino, ou Dominios Ultramarinos, que comprehenda a Historia da Natureza do paiz descripto. II. A Descripção Economica de alguma Comarca, ou Territorio consideravel do Reino, feita conforme o Plano adoptado pela Academia para a visita da Comarca de Setubal, e que se publicou no Tomo III. das suas Memorias Economicas.

#### NAS SCIENCIAS EXACTAS.

— *Em Analyse.* — Para o anno de 1813. — Determinar qual seja a natureza dos Logarithmos das quantidades negativas. — Para o anno de 1814. — Mostrar: como, e porque a notação contribue para a resolução das questões mais difficultosas, e isso com exemplos escolhidos da Mecanica Celeste de la Place.

— *Em Mecanica.* — Para o anno de 1813. — Determinar qual seja a fórma dos Carros mais proprios aos terrenos desiguaes, e montanhosos: com o methodo simples de avaliar o esforço do motor em qualquer posição do mesmos Carros.

*Em Hydrostatica.* — Para o anno de 1814. — Entre os modos conhecidos de aproveitar a força das marés, para o movimento das Máquinas, por exemplo, dos Moinhos, determinar: qual seja o mais proprio nas paragens do nosso Reino; indicando outrosim o que pertence ao seu mecanismo, e construcção mais vantajosa.

*Assumpto fixo para todos os annos.* — Hum Plano de Canal para aproveitar as agoas de algum Rio de Portugal na réga dos campos: com todas as nivelações, e calculos necessarios, para que a Academia os possa verificar.

#### NA LITTERATURA PORTUGUEZA.

*Em Lingoa Portuguesa.* — Para o anno de 1813. — Hum Glosario, ou Catalogo de palavras, e phrases, em o qual se mostrem, com toda a individuação, as que são proprias da Lingoa Franceza, e que por descuido, ou ignorancia se tem introduzido na Locução Portuguesa moderna contra o antigo e bom uso: e principalmente as que forem contra o genio da nossa Lingoa, e como taes indoptaveis n'ella. — Para o anno de 1814. — Hum Tratado dos Synonymos da Lingoa Portuguesa: apontando quaes são as palavras, que tem significação exactamente a mesma; e quaes exprimem mais; e quaes menos. Isto segundo a norma seguida nas melhores Obras a este respeito.

*Assumpto de Premio dobrado, sem limitação de tempo.* — Huma Grammatica Philosophica da Lingoa Portuguesa.

*Em Poesia; e Theatro Nacional.* — Huma Tragedia Portuguesa. Huma Comedia de character em verso, ou em prosa.

*Em Historia Portuguesa.* — O Elogio Historico do Senhor Rei D. João IV.

Os Premios Ordinarios consistem em huma medalha de ouro do peso de 500000 reis, ou este valor: e todas as pessoas podem concorrer a elles, á excepção dos Socios Honorarios, e Efectivos da Academia.

As condições geraes para todos os Assumptos propostos são: que as Memórias, que viêrem a concurso, sejam escriptas em Portuguez, sendo os seus Authores naturaes d'estes Reinos: e em Latim, ou em qualquer das Lingoas da Europa mais geralmente conhecidas, sendo os Authores Estrangeiros: que sejam entregues na Secretaria da Academia pór todô o mez de Maio dô anno, em que houverem de ser julgadas: e que os nomes dos Authores ve-

nhão em carta fechada, a qual traga a mesma divisa que a Memoria, para se abrir sómente no caso em que a Memoria seja premiada: e finalmente que as Memorias premiadas não possão ser impressas senão por ordem, ou com licença expressa da Academia: condição que igualmente se estende a todas as Memorias, que, não obtendo Premio, merecerem com tudo a honra do *Accessit*. Porém nem esta distincção, nem a adjudicação do Premio, nem mesmo a publicação determinada, ou permittida pela Academia deverão jámais reputar-se como argumento decisivo, de que esta Sociedade approva absolutamente tudo, quanto se contiver nas Memorias, a que conceder qualquer d'estes signaes de approvação; porém sómente como huma próva, de que no seu conceito desempenhãrão, senão inteiramente, ao menos em relação ao estado presente dos conhecimentos da Nação, a parte mais importante dos Assumptos propostos. Lisboa na Secretaria da Academia Real das Sciencias aos 24 de Junho de 1812.

*João Guilherme Christiano Muller,*

*Secretario da Academia.*

*Publicações Portuguezas.* — Novo Telegrapho de Signaes das entradas e sahidas dos Navios, em huma Tabella bem illuminada.

Lista dos Officiaes do Exercito, Linha, e Milicias, referida ao mez de Abril passado.

Exame critico do Gama, Novo Poema Epico.

A Academia das Nobres Artes de Cadiz propõe-se a publicar huma Collecção de desenhos, feitos por dous célebres Professores, hum de Pintura, e outro de Perspectiva; os quaes forão de proposito a Saragoça copiar as ruinas d'aquella Cidade, para dar huma idéia dos combates, e patriotas mais assignalados, que se distinguirão no primeiro cerco. A Collecção he composta de 36 laminas, de que sahirão 3 cada mez. A Subscripção em Lisboa faz-se em casa de Francisco Bartolozzi, pelo preço de 340800.

*O Investigador Portuguez em Inglaterra,  
ou Jornal Literario, Politico, etc.*

São Portuguezes, residentes agora em Inglaterra, os Redactores d'este Jornal. Publica-se hum Caderno cada vez. A subscrição para Portugal, e Ilhas, he 10\$440 reis: para a America, e mais partes, fóra da Inglaterra, 11\$340 reis: e faz-se, em Lisboa, no Correio Inglez, na Loja da Gazeta, na de Carvalho aos Martyres.

O Prospecto d'este Jornal publicou-se em Março de 1811; o primeiro Caderno foi do primeiro mez do 2.<sup>o</sup> semestre do mesmo anno. "Para dar-mos (Investigador, etc. Caderno I. pag. 2.<sup>a</sup>) huma idéia . . . clara d'este Jornal, o dividimos em quatro distinctas partes: "

"Na primeira daremos huma noticia das Obras de Literatura, que forem sabindo, e extractos das suas melhores passagens, dando ao mesmo passo o nosso juizo critico sobre ellas. "

"Na segunda exporemos as ultimas, e importantes descobertas nas Sciencias Naturaes, principalmente aquellas, que tiverem huma immediata applicação ás Artes. A Botanica, a Agricultura, e a Mineralogia occuparão hum lugar distincto n'este Jornal: a Medicina, e a Cirurgia terão no Investigador Portuguez aquella parte, com que diariamente a illustrão os seus mais habéis Professores. "

"Na terceira apresentaremos todas as Observações, Discursos, e Memorias, que nos forem enviadas sobre Literatura, Sciencias, e Politica. "

"Na quarta parte em fim daremos o resumo dos successos occurrentes mais notaveis nas quatro partes do Mundo principalmente na Europa, Asia, e America. "

Eis-aqui o plano, sobre o qual o Investigador Portuguez na Inglaterra promette marchar.

Muitas são as circumstancias, que aconselhão lér aquelle Periodico; nós apenas 1.<sup>o</sup> transcreveremos o Indice de cada hum dos Cadernos do Investigador Portuguez. 2.<sup>o</sup> alegaremos todas as razões, que tivermos, em abôno de Portugal, Inglaterra, e Hespanha, ou de qualquer Portuguez, quando seja injustamente tratado pelo Investigador. 3.<sup>o</sup> de qualquer outro objecto trataremos n'esta parte do nosso Periodico só quando tivermos alguma idéia a acrescentar.

*Primeiro Caderno do Investigador Portuguez pertencente ao primeiro mez do 2.º semestre do anno de 1811, contém:*

## L I T E R A T U R A.

Ensaio sobre a Política Militar, e Instituições do Imperio Britânico; por C. W. Pasley, Capitão do Real Corpo d' Engenheiros. Parte I. 3.º pag. 333. Londres 1810. — Reflexões sobre esta Obra.

Taboa Chronologica dos Accoentcimentos mais notaveis, que houve em todo o anno de 1810. Ode Saphica á Gloria Militar Portugueza pela expulsão dos Exercitos Francezes de Portugal.

## S C I E N C I A S.

Historia da Chymica pelas suas tres differentes épochas, a saber: Chymica phlogistica, ou de Stahl — Chymica pneumatica, ou de Lavoisier — Chymica electrica, ou de Davy.

Historia concisa da Medicina.

## A G R I C U L T U R A , E C O M M E R C I O.

Carta a Mr. Clennell sobre a educação propria para hum Agricultor. — Reflexões sobre esta carta, e a respeito da Agricultura em Portugal. — Total dos generos que entrarão pela barra de Lisboa no mez d' Abril de 1811.

## C O R R E S P O N D E N C I A.

Observações sobre os mapps da povoação do Reino, e Ilhas. — População de Portugal em 1801. — Resumo da população de Portugal em 1801. — População das Ilhas dos Açores em 1796. — Dita da Ilha da Madeira em Dezembro de 1807. — Dita das Ilhas de Cabo verde em 1807.

## P O L I T I C A.

America. — Brazil, Mexico, Buenos-Ayres, Hayty.

Europa. — Portugal, Hespanha, França, Inglaterra.

Passemos a fazer brevissimas reflexões, a que derem lugar algumas das expressões, ou doutrina do Investigador Portuguez.

“Hum Reino (Portugal), que se acha lastimosamente devastado por todos os horrores da guerra.” (pag. 2.)

He necessario declarar bem o espirito d'esta expressão. Quem não presenciar o estado das Provincias, quem não reflectir maduramente no que se passa, póde, ouvindo aquellas expressões, assustar-se excessivamente, e pela excessiva desgraça actual do seu Paiz, e por que se persuadirá talvez, que estão absolutamente extintos os nossos recursos para a continuação da guerra.

Grandes, e de toda a qualidade são, nem podem deixar de ser os incommodos actuaes de Portugal; mas tambem já disse-mos, Num. II. pag. 99, que devastação geral nem a ha presentemente, nem deve recear-se muito em Portugal.

A razão mostra, que a Agricultura deve padecer agora muito: com o augmento do Exercito regular, e com as Milicias, com os transportes, e viveres para o Exercito, com a lembrança da possibilidade, que em huma, ou outra parte se trabalhe para o inimigo, os trabalhos do campo hão de diminuir: e se hum genio hum pouco melancolico pezar, e desenvolver aquellas reflexões, defenderá talvez a impossibilidade de trabalhar agora nos campos de Portugal; e que não haverá mesmo quem se aventure a fazer grandes importações em terras, sobre as quaes he possível que o inimigo faça algumas incursões.

Para contrabalançar porém aquellas razões ha outras de muito péso, e cujos uteis e felizes resultados nós vamos disfructando. Devem ser enormes as sommas, que pelos nossos Exercitos se distribuão no grande pé em que se achão, a respeito de sòldos, os que servem no Exercito, sejam Soldados, ou empregados em Repartições Civis. Todas estas sommas, com bem pequenas excepções, se consomem aonde se recebem. Qualquer Provincia, qualquer Povoação, aonde o Exercito se demore, soffre incommodos, mas fica tambem nadando em dinheiro, e este a girar muito.

As Nações mui commerciantes parecem mais ricas do que na realidade são; as Nações indolentes sobre traficat parecem mais pobres do que verdadeiramente são. De que servem á Nação, ou ainda a quem os possui, muitos milhões ferrolhados em hum cofre? Pouco dinheiro, girando sempre, parece muito: huma Nação com grande actividade de Commercio, tem creditos, sem os quaes não he possível que haja grande negocio; e os creditos são o maior dos fundos, a mais sólida, e a mais segura das riquezas.

O grande Frederico da Prussia distribuia, quanto as circumstancias permitião, o seu Exercito pelas Provincias, preferindo mesmo as pequenas Cidades do Reino, e era ordinario que os habitantes de qualquer Povoação lamentavão a sahida da Tropa: relações, e mais ainda interesses pessoaes erão a causa de tanta saudade.

Praças d'armas são ordinariamente Povoações ricas, e tanto mais, quanto mais numerosa he a sua guarnição. A nossa Miranda do Douro existe, posto que em grande abatimento, talvez só

porque ali residia sempre hum Destacamento de huns 70 homens do Regimento de Bragança.

Com estas considerações sobre cousas militares são connexas outras de qualidade differente, mas de resultados identicos. Ha Nações, em que os Fidalgos, e grandes Senhores são obrigados a sahir das Capitaes, e a residir em certos tempos do anno sobre os fundos de raiz das suas casas: ganha-se com esta medida, que os ricos tenham gôsto pela agricultura; que pelas Provincias gire mais dinheiro; e que se diminua a despeza das Capitaes. Recordo-me por esta occasião de que hum grande Medico, amigo nosso, residente sempre em huma Provincia, mandado huma vez á Corte; reputou doente o seu Reino, e capitulou grave apoplexia a molestia; a maior parte da gente, e da riqueza do Reino, achava-se na Capital; confusão aqui, e inanição no resto, era o caso.

Nações ha em que na Capital da Nação, e ás vezes mesmo em Cidades Provincias se não consentem grandes estabelecimentos; Fábricas, Collegios, e ainda alguns Tribunaes pelo interior das Provincias tanto quanto o consentem os seus destinos, promovem a Agricultura, e ás vezes mesmo o Commercio. Se lançarmos os olhos aos redores das grandes Fábricas estabelecidas pelas Provincias de Portugal, veremos mui medrada a Agricultura, e a população; estas duas circunstancias influem-se reciproca e essencialmente.

Aquella parte do Reino, em que ha mais gente, e gira mais dinheiro, he mais e melhor a Agricultura: os nossos Exercitos tem divagado por quasi todas as Provincias de Portugal, tem-se demorado mesmo em algumas paragens.

Os campos de Portugal pois achão-se, na maior parte cultivados. Vinhas, e Oliveas plantarão-se, alguns muros levantarão-se, muitas casas compozerão-se, em terreno ainda quente de Francezes. O Commercio interior gira, e muito: as povoações estão abastecidas de generos da primeira necessidade. He verdade que Leiria, Pombal, Condeixa, e algumas outras povoações, e campos, que o Exercito inimigo atravessou, na sua fugida, ficarão queimadas, e talados de maneira, que tarde tornarão a ser o que d'antes erão; Coimbra porém, e muitas outras povoações, calcadas aliás pelo Exercito inimigo, se alguma differença tem do que d'antes erão, relativamente ao necessario para a vida, he quasi insensivel.

Nas Provincias, e muito mais na Côte ha, e em abundancia, o necessario para o Exercito, e para os habitantes pacificos: he verdade, que pelas Provincias por acaso s'encontrará hum traste de prata, ou alguma outra preciosidade; tudo deverá ter-se recolhido para dentro das linhas de defeza de Lisboa. Todos estão já hoje persuadidos da possibilidade de correrias do inimigo por qualquer ponto de qualquer das Provincias; e a cára lição da ex-

perencia tem mostrado, que pelo inimigo ninguem, a não ser Exercito, e sufficiente Exercito, deve esperar; que todos devemos estar quanto mais desembaraçados, a fim de que a necessidade nos retiremos sem risco, salvando o pouco que em occasiões de tanto aperto se póde salvar, e inutilizando o resto.

As Proclamações do Governo, e dos Generaes mostrarão primeiro; ellas e os factos evidenciarão depois, que todo o Portuguez, para bem seu, e em consequencia para bem da sua Nação, deve dirigir-se por aquelles principios, e plano.

“O Investigador Portuguez em Inglaterra longe do estrondo das armas, que occupão exclusivamente os seus Nacionaes em Portugal. . . (pag. 2.)

Em Março de 1811, em que estas palavras se escrevêrão em Londres, ainda Massena se achava em territorio Portuguez; não mettendo, he verdade, já medo a ninguem, mas não podendo ainda as Repartições Civis voltar bem a seus póstos. N'esta, mesmo n'esta occasião pouco se cogitava de letras; cedo porém tudo voltou a seus eixos. A Universidade abriu-se com toda a regularidade, e na fórmã do costume, e da mesma sorte se tem feito o serviço d'ella a todos os respeitos: o numero dos Estudantes pouco desceo do ordinario em tempos felizes, e de muito socêgo. Todos os outros cursos d'estudos estabelecidos por diferentes partes do Reino tem continuado da mesma maneira. O Governo do Reino, e os Generaes do Exercito tem conciliado de tal maneira a defeza do mesmo Reino com o exercicio literario, que não só se não distrahem os Professores do ensino, mas todo o homem, ainda que em optimas circumstancias de pegar em armas, se toma o caminho das letras, não só se não desvia, mas auxilia-se. Os Portuguezes occupão-se hoje em armas muitissimo, mas exclusivamente não: Ensino público, Administração da Justiça, Agricultura, Commercio, etc. tudo marcha, hoje mesmo, no plano, que lhes determinão as Leis do Paiz.

He verdade que a cultura da grã do carrasco diminuiu, ou acabou no Algarve, como o Investigador diz (pag. 84): a razão porém não foi sómente a preguiça dos Algarvios; variarão as circumstancias, como bem mostra o Dr. Constantino Botelho de Lacerda Lobo na segunda parte da sua Memoria sobre a Agricultura do Algarve.

O Investigador (pag. 88) attribue a ignorancia d'Hydraulica, á dilapidação, ou desperdicio dos capitães juntos a falta d'utilidade no encanamento do rio Mondego. Ninguem se lembre que o Investigador julga que em Portugal se não sabe Hydraulica; a hum homem sómente he que o Investigador alude ignorancia. Não he porém mui decidido, que dirigido que fosse por grandes conhecimentos hydraulicos, o encanamento do Mondego, elle havia de tomar exclusivamente a direcção, que conviesse aos campos de

Coimbra. O campo de Coimbra está, por hum calculo aproximado, mais alto que a superficie do mar 406 polegadas sómente, que no espaço de 7 legoas, que vão de Coimbra á Figueira faz hum mui pequeno declive. Depois o facto mostra a grande facilidade, com que o Mondego se entulha: diz-se que a ponte actual está sobre outra, e esta sobre outra, e que estas duas alagadas erão incomparavelmente mais altas, que esta, que ora serve, a pesar de ter em outro tempo 100 degráos até a agoa. Diz-se que a primeira ponte he mui antiga; que a segunda fôra feita no Reinado do Senhor D. Affonso Henriques I. Rei de Portugal; e a 3.<sup>a</sup> no Reinado do Senhor Rei D. Manoel. Que profundidade de rio! assim mesmo está alagado, que tendencia a entulhar-se!

Já El Rei Philippe II. escreveu de Madrid em 6 d'Abril de 1629 ao Padre Geral de Santa Cruz; para que, conferindo com o Bispo Conde, o Mondego se encanasse de huma maneira util; o que nunca se effeituou. Encanamento do Mondego creio que he de muita difficuldade; manejado mesmo debaixo de bons principios d'Hydraulica.

“Concluiu-se (a estrada Real de Lisboa) até Coimbra... mas... deixou-se arruinar, e perder.”, (pag. 88.)

Não chegou a fazer-se estrada nova nas duas grandes, e más legoas de Condeixa até Coimbra. De Lisboa até para diante do carregado (7 legoas) a estrada he boa, mas não he pela fórma do resto até Condeixa; he com effeito magestosa e commoda pela sua largura, admittindo bem quatro seges a par, pelo seu bemfeito e seguro, pela desfeita das suas subidas, e descidas, pelo bordado de arvores, que de verão fazião em partes huma continuada, e fresca sombra aos viajantes, e que o inimigo, na sua fugida, quasi inteiramente decepou. Esta estrada, he verdade que está, em partes, mui estragada; mas por essas mesmas partes transitão carrações, e toda a qualidade de transportes para o Exército. Perdida não está ainda esta estrada; he por ella que ainda tomão todos, os que passão de Lisboa para Coimbra; quasi toda ella está ainda boa, e sem difficuldade, e mui grande despeza se compunha.

“S. A. R. o Principe Regente N. S. não pôde evitar a (guerra) de 1801.”, (pag. 89.)

Eis-aqui d'antemão confirmado o que nós dissemos sobre esta guerra de 1801 no nosso II. Num. pag. 98, e 101. A guerra de 1801 não pôde escusar-se.

He horrorosa a pintura, que o Investigador faz da Agricultura de Portugal na pag. 90! Por ella fica o nosso Paiz hum Paiz de selvagens; he horrorosa a injustiça, que o Investigador faz n'esta parte aos Portuguezes! Copiemos:

“ Nas viagens, que fizemos por todo o Portugal, nós vimos com dor por toda a parte vastos, e preciosos terrenos incultos:

nós vimos em muitas partes os Lavradores cangando-se de balde a cultivar terrenos impraprios para as sementes, que lhes lançam: gastando dobrado tempo, e empregando duplicado trabalho daquelle, que seria preciso se conhecessem os melhoramentos, que se tem feito nos diversos instrumentos, e máchinas ruraes. Nós vimos em muitas partes os animaes empregados na Agricultura magros, e perecendo de fome á mingoa de pastos; e esta provindo, entre outras causas, da falta de prados artificiaes, que não ha em Portugal, onde talvez são mais precisos, que em nenhuma outra parte. Os estrumes, que geralmente se empregão, são poucas, e esses máos. O methodo de fazer as colheitas dos diversos productos da Agricultura he em geral mui penoso, difficil, e despendioso. A maneira de converter estes productos em aros ordinarios, geralmente fallando, não he boa; e daqui vem, que podendo nós ter os melhores, e mais exquisitos vinhos, sômente são conhecidos os do Douro, Carcavellos, Setubal, e Bucellas. Nós podiamos ter o mais precioso azeite do mundo, e em muita abundancia: e nós não temos o que he preciso, e o pouco, que temos, não he bom.

“Nós vimos em muitas partes de Portugal campos arruinados, lezírias perdidas pelas enchentes, d’onde se podião tirar, e se tiravão n’outro tempo incalculaveis utilidades. Nós vimos paes, que facilmente se podião cultivar, e de perniciosos, que são, tornarem-se de grande proveito.”

“Ha Leis calculadas com muita sabedoria para prevenir a maior parte dos males, de que acabamos de fallar: ha Leis para os remediar depois de feitos: ellas não estão derogadas pelo Soberano: porque razão pois as não executão as Authoridades Municipaes, e os Ministros territoriaes? Entre as Memorias d’Agricultura da Academia Real das Sciencias de Lisboa ha muitas, que não cedem ás melhores das mais célebres Academias da Europa: mas de que servem, se huns daquelles, a quem o Soberano confia o Governo dos seus Povos não as lêem: e o que he mais criminoso ainda, e mais detestavel, até são inimigos declarados dos que estudão Sciencias Naturaes; e outros se as lêem, não as entendem, porque não têm os principios necessarios?”

Não póde ser senão de testemunhas a prova para a maior parte dos artigos d’esta causa; e eu chamo, para este fim, a juizo todos os Portuguezes, e todos os Estrangeiros, que tem marchado pela nossa terra.

¿ Não ha prados artificiaes em Portugal? Em quasi todas as Provincias os ha, e em algumas ha muitissimos. Entre Douro e Minho a cada passo se observão prados artificiaes (\*): ha-os em Trás-os-Montes, em Beira, etc. Em Algarve he verdade que não

(\*) Veja-se o Jornal de Coimbra Núm. IV. pag. 243 §. 12.

ha prados, mas ali mesmo ha alguns sapães (\*), que os imitação hum pouco. Em Portugal ha pois muitos pastos; e póde jurar-se, que em Portugal não ha, geralmente fallando, animaes magros, e perecendo de fome á mingua de Pastos, a não ser seu dono excessivamente desleixado.

*São poucos, e esses máos os estrumes, que geralmente se empregão? — Não se sabe em Portugal fazer as colheitas? — Não he boa a maneira de converter os productos da Agricultura em usos ordinarios? ... Em que consistem estes tão grandes feitos? Se os Lavradores o não sabem, como se hão-d'emendar. A quem será util este modo, tão vago, de fallar a respeito dos Portuguezes?*

*Nós não temos o (azeite) que he preciso, e o pouco, que temos não he bom! Agora que os Oliveaes de Portugal estão cheios de ferrugem, temos de certo pouco azeite; mas quando as Oliveiras não padecião esta terrivel molestia, tínhamos muito; sobejava muito do nosso consumo, era grande a nossa exportação n'este genero. A cultura das Oliveiras tem-se promovido talvez demasiadamente. O azeite, na maior parte de Portugal, faz-se bem, e he bom. Talvez que não tenhamos hoje o azeite, que precisamos; mas a razão he sómente não termos sabido prevenir, e não sabermos ainda curar a fatal molestia, ferrugem, de que quasi todas as Oliveiras de Portugal se achão hoje atacadas: molestia sobre a qual se tem trabalhado muito, mas por ora sem grandes resultados práticos, ainda mal. Forte serviço faria o Investigador á sua Patria, se lhe ensinasse o methodo prophylactico e curativo para a ferrugem das Oliveiras; elle veria cessar immediatamente a importação do azeite em Portugal, e, em vez d'ella, fazer-se grande exportação.*

*Aquelles, a quem o Soberano confia o Governo dos seus Povos... até são inimigos declarados dos que estudão Sciencias Naturaes. Nunca tal ouvimos: que haja guerra, e guerra declarada entre Ministros e Naturalistas, he para nós huma ideia inteiramente nova. Não ha guerra, nem má vontade entre os professos em Sciencias positivas, e os professos em Sciencias Naturaes; mas sempre ha lugar para huma distincção, e algumas reflexões.*

Comparemos em qualquer povoação dous homens de igual merecimento, hum professo em Direito com sua banca d'Advogado, outro professo em Medicina, e dado á clinica; eu não direi que o Medico he mais respeitado que o Letrado; mas tambem ninguem se atreverá a pronunciar, que o Letrado he mais respeitado que o Medico. Eis-aqui pois perfeitamente niveladas as profissões. Voltemos o objecto d'outro lado.

Comparemos dous homens d'igual merecimento pessoal, hum

(\*) Veja-se o Jornal de Coimbra Num. IV, pag. 245 §§. 16 17.

Medico puramente clinico, e hum Jurista Ministro; poderá alguém escandalizar-se, que se tributem ao Ministro maiores atenções e respeitos, que ao Medico? O Ministro he depositario d'hum porção maior ou menor d'Authoridade Real; e poderá jámais reputar-se demasiado o respeito, com que se olhe? Qualquer Ministro, hum Juiz da Vintena até, he na ordem pública mais respeitavel, não digo só, que o Medico, digo mui abertamente que o Conde, que o Marquez, que o Duque. (\*)

D'outra parte; suba legitimamente o Medico á alta dignidade de depositario d'alguma porção d'Authoridade Real, o que he tão frequente, elle fica mais respeitavel que o Advogado na sua Banca.

Comparemos Estudantes Juristas com Estudantes Naturalistas. Em iguaes circumstancias não tem differença d'estimação; se compararmos porém hum pobre com hum rico, o filho de hum homem ordinario com o filho de hum Conde, etc. as atenções costumão ser a favor do filho do Conde, e do rico, qualquer que seja a estrada litteraria, que estes tomem.

Finalmente nós achamos niveladas todas as Profissões Litterarias. Se algum Professo adquire respeitos particulares, e acima dos da sua classe, e das outras, deve-o immediatamente não á Profissão, mas a essas circumstancias particulares: e assim devia ser, porque cada huma das Profissões concorre com a sua quota parte para o bem da Sociedade.

O Naturalista tem a seu cargo a conservação da saude dos homens, e o tratamento de suas molestias; a Agricultura em todos os seus ramos, fructos, instrumentos ruraes, gados, etc. Artes, Fábricas, Architectura, etc. Navegação, etc., etc.

O Jurista tem a seu cargo segurar a cada hum a sua propriedade, e o socêgo. Pése-se a importancia dos objectos, e os imparciaes examinem a favor de quem está o fiel da balança.

Todas as Profissões Litterarias tem huma grande importancia, huma importancia, que só ellas podem reciproca, e justamente avaliar: seria bem miseravel a Nação, seria de bem lástima a Profissão, que menoscabasse o estudo da Natureza. *Ars non habet osorem, nisi ignorantem.*

---

(\*) Na Historia de Portugal, traducção de Antonio de Moraes Silva tom. 1.º pag. 264 da edição de Lisboa em 1802, ha hum factó, que confirma bem esta doutrina.

“E porque hum Porteiro se lhe (D. Pedro I.) queixou de que hum Fidalgo lhe déra huma punhada, e lhe depennára as barbas, indo elle notificallo, voltou-se ElRei para o Corregedor da Córte, que ali estava, e lhe disse: “Acudi-me aqui, Lourenço Gonçalves, porque hum homem me deo huma punhada no tosto, e me depennou as barbas.” Foi o Fidalgo prezo, e degolado.

Se houve (duvido muito que em tempo algum houvesse), terminou completamente, e ha muito, *aquelle ignorante, e insultador desprezo, que os homens de Sciencias positivas tem pelas que se applicão ás Sciencias Naturaes.*

Temos comparado Naturalistas com Juristas sómente; Professores em Sciencias positivas são os Theologos tambem, mas com esses não pertenderão medir-se, nem os Naturalistas, nem mesmo os Juristas, a qualidade de letras, que profissão, o character, de que se revestem, e as dignidades, a que sobem, são superiores a cousas do mundo.

*He pois absolutamente preciso, que todos os que se destinão a lugares de letras, sejam obrigados a formar-se tambem em Philosophia; só assim poderão adquirir os conhecimentos necessarios de Physica, de Mecanica, de Chymica, de Botanica, e Agricultura.* pag. 91. Seria de huma utilidade incalculavel, que cada hum dos homens soubesse quanto ha no mundo; mas he absolutamente impossivel, e he ainda mui difficiloso, para dizer tudo de huma vez, que hum homem profunde dous differentes ramos das Sciencias da Natureza de maneira que possa bem utilmente applicallos á prática: he raro hum homem, ao mesmo tempo, Physico eminente, e eminente Chymico: bom Jurisconsulto, bom Politico, bom Physico, Chymico, Botanico, Agricultor, etc. hum homem só, he, e será sempre hum desideratum, hum ente de imaginação: sirvámo-nos dos homens como elles são, e não, como alguem pensa que elles deverião ser. O homem, que se destina á vida de Ministro, aprenda meios de manter-nos em nossas propriedades, e em socêgo; e não se distraha com applicações tão dispartadas da sua Profissão como he Chymica, Physica, etc. Cada homem de Letras profunde hum só ramo; cultive hum pouco os outros ramos que lhe ficão proximos, e tenha dos mais remotos huma breve notícia apenas: pertender saber tudo dá infallivelmente de si não saber nada.

A mesma pag. 91 do Investigador tem huma idéia magestosa, idéia de huma utilidade mais que decidida, e sem réplica; fallo do estabelecimento de Sociedades d'Agricultura. Todos os Professores na Sciencia da Natureza devião congregar-se em Sociedades, a fim de que se conhecessem quanto mais perfectamente todos os pontos do Paiz, se assentasse os meios de fazellos quanto mais uteis, e se praticassem estes meios: Para isto não se carece d'intervenção do Govêrno. Que huns poucos de Medicos concorram regularmente a communicar-se reciprocamente os casos práticos, que se lhe apresentam; se debata o meio mais opportuno de tratar outros semelhantes; não he possivel que desagrade. Nem he possivel que desagradem, em conferencias semelhantes, os Physicos, os Lavradores, os Negociantes, etc. He huma pena que Portugal não esteja n'esta criação, n'este habito. Sociedades he

hum grande meio de se profundarem, e propagarem os conhecimentos humanos.

Os Jornaes gravemente dirigidos supprem, até certo ponto, as Sociedades. Quem tem alguma idéia util a declarar, tem aonde o faça; quem tiver reflexões a fazer sobre as idéias, que se publicação, tem aonde as lance, etc.

“Seria facil formar huma Sociedade de Agricultura em cada cabeça de Camara, composta dos Lavradores mais experimentados, Medico, ou Medicos da Camara, Juiz de Fóra, e Corregedor, que seria o Presidente nato., Se a Agricultura he hum dos ramos, e dos mais importantes da Sciencia da Natureza, se o Investigador reputa os Ministros inimigos declarados dos que estudão Sciencias Naturaes, não sei como quer, em Sociedade d’Agricultura, Lavradores, Medicos, e Ministros. Nós estamos intimamente persuadidos, que não ha tal ignorante, e insultador desprezo dos homens das Sciencias positivas, pelos que se applicão ás Sciencias Naturaes: assim mesmo porém não nos agradarião talvez Ministros nas Sociedades d’Agricultura. A Profissão do Ministro não he Agricultura; vémollos muito occupados em cousas mui proprias, e exclusivas, dos seus Lugares; pelo pouco tempo, que se demorão n’elles, não o tem para tomarem conhecimento dos differentes objectos, de que a Sociedade deveria ser encarregada, etc. Sociedades, e mesmo qualquer homem, divergem do util, do sólido, em anhelando, e em se revestindo de grandes apparatus.

Do proprio Investigador he que em muitos dos Reinados passados a Agricultura floreceo admiravelmente, e que n’estes ultimos tem progredido sempre, mas em huma fatal decadencia. Todos sabem que as Chymicas, as Physicas, as Historias Naturaes, as Agriculturas, etc. Só n’estes ultimos Reinados se tem cultivado em Portugal; e mesmo pelos Estrangeiros pouco havia, em tempos mais remotos, d’alguns d’estes ramos da Sciencia da Natureza. A cultura d’esta Sciencia influe muitissimo na Agricultura; recordêmo-nos porém de que o fundamento, e os materiaes para hum seguro systema natural são os factos; e que estes são, debaixo de circumstancias identicas, sempre identicos; he verdade que os Professos na Sciencia sabem produzir factos, que outrem não sabe, entendem-nos, e generalisáo-nos melhor; e, recebendo assim dos factos muitas luzes, fazem reflectir estas sobre outros factos. Não admira pois que a Agricultura medrasse em Portugal, falto d’estudos regulares de Sciencias Naturaes; mas he tambem de toda a evidencia, que, com os mesmos esforços, deve medrar hoje incomparavelmente mais.

Se póde haver mais que certeza he, que a Agricultura não está hoje em Portugal no atrazamento, em que o Investigador a pinta. Nós julgamos, que em nenhuma das epochas passadas ella

esteve n'esse adiantamento, que ao Investigador se figura. Póde ser que nós apresentemos brevemente o que em Portugal tem havido de Lei, e de bem entendido facto sobre esta materia.

(Continuar-se-ha.)

“No Times de 25 de Abril apparece huma declaração feita e assignada pelo Dr. André Halliday, em que este ingenuamente confessa, que ha muitos erros na sua obra intitulada *Observações sobre o estado actual do Exército Portuguez*; os quaes elle se propõe corrigir na segunda edição, que vai dar da mesma obra... que sente muito ter por falta de advertencia publicado opiniões, não só injustas, e mal fundadas, mas offensivas á Religião estabelecida, e ao Governo de S. A. R. o PRINCIPE REGEN-TE N. S. . . .”, Investig. Port. Num. 11 pag. 551.

Na Gazeta. de Lisboa já Halliday fez huma semelhante declaração.

No Investig. Port. Num. 12 pag. 704 ha huma *carta do Dr. Halliday aos Redactores* d'aquelle Periodico, aonde o tal, não sei se Medico, se Cirurgião, se que, declara que suas vistas fôrão, na publicação d'aquelle obra, contrariar a *mais errada opinião relativamente ao Exército de Portugal, que havia entre huma grande parte da Nação Inglesa*; e pôr em evidencia os grandes e meritorios esforços de Sir William Carr Beresford para elevar as tropas a hum tal grão de perfeição.

“Mas procurando (palavras d'Halliday) fazer justiça ao Exército de S. A. R., e ao distincto General, e Officiaes, que o organisarão, eu não podia fechar meus olhos a muitos abusos, que observei, particularmente na repartição, a que eu pertencia.”

“Por tudo quanto tenho visto e ouvido, eu sou levado a crer, que foi verdadeiramente mui desgraçado para o seu Paiz aquelle dia, em que o Dr. Abrantes foi tirado da Repartição Medica do Exército; e se agora fosse occasião propria, eu acharia pequena difficuldade em vos provar indubitavelmente que os seus successores na direcção e Governo d'aquelle Repartição tem feito maior injustiça ao seu systema e regulações, do que eu n'alguma das minhas observações: e se elle soubesse a maneira, com que o seu regulamento tem sido transformado, torcido, e explicado em algumas occasiões, elle não se espantaria d'eu dizer que alguns paragrafos são inuteis, senão absurdos. Mas eu conheço que não ha agora tempo de huma tal discussão.”

“... Eu sinto dizer que a nimia pressa, com que escrevi a minha obra, e outras circunstancias fizeram com que eu publicasse opiniões, que depois achei tão injustas como mal fundadas. Eu

posso assegurar-vos que estas serão plenamente corrigidas na segunda edição, que, segundo espero, ficará prompta para a publicação n'hum, ou dous mezes. „

No Departamento Medico-Militar, assim como em todos, ha lei, e factos. Halliday tratando deste Departamento Portuguez não respeitou nem huma nem outra cousa: Halliday não insultou o Regulamento dos Hospitaes Militares menos, do que a prática, que elle diz ter a este respeito observado: o exame da sua obra, a Analyse, que d'ella fez o Investigador, e o muito que, até por moda, se tem escripto e fallado contra Halliday, fazem esta verdade de toda a evidencia.

O Investigador Portuguez irritou-se ao máo tratamento, que o Regulamento dos Hospitaes Militares recebeu d'aquelle famoso Inglez, analysou-o no Num. VI. severamente, e usando até de "*algumas expressões duras* (\*)„ e repete (†) a tenção, em que estava d'imprimir mais cousas a respeito d'Halliday.

Halliday concebeo grandissimo medo do dito e para dizer pelo Investigador; acudio a apagar a impressão, que no Investigador tinhamo justamente feito algumas das suas espinhosas proposições e doutrina, e maneja produzir impressões oppostas. Halliday já não ralha do Regulamento; diz que elle "*tem sido transformado, torcido*„. As idéias, que Halliday hoje escreve, relativamente ao Regulamento, estão em ignominiosa contradicção com o que elle mesmo tem até agora escripto.

Halliday não só não falla hoje contra o Regulamento; mas discorre muitissimo obrigantemente a respeito do que julga A. do mesmo Regulamento. A Lei e quem a fez são cousas d'extraordinario merecimento; o serviço pratico porém he péssimo, porque a Lei se não executa.

He notavel! Halliday quiz elogiar o Exercito, e o General, que o organisou e commanda; e com o maior disparate acarretou milhares de insultos sobre todas as Repartições Civis do mesmo Exercito. Ressentio-se o Investigador pela parte que lhe tocava, retratou Halliday, e ficou preparando tintas para aperfeiçoar e afinar o retrato. Informado Halliday desdiz-se em tudo quanto offendia o Investigador, e trata de obrighallo e prendello; mas de mistura agrava e multiplica os insultos a outros Empregados.

Está conhecido o homem, com quem temos esta má casta de relações. Elle não sabe pôr penna em papel sem que diga mal d'alguem. Tratando-o mal e promettendo-o tratar ainda peor, o homem acóde logo a dar satisfações, a pedir perdões, a fazer tudo quanto póde lisongear a pessoa escandalisada. Halliday n'esta

(\*) Inv. Port. Num. XII. pag. 705.

(†) Id. Num. XI. pag. 551.

sua carta ao Investigador diz o maior mal, que, na ordem pública, pôde dizer-se dos que ora estão á testa do Departamento Medico-Militar. Estes sabem já com toda a certeza que começando a escrever contra Halliday, e annunciando que ficão apurando pennas para mais; elle acodirá logo a desdizer-se, a pedir perdão, mas a dizer mal d'alguma outra pessoa. Ninguem tem tantos nem tão bons documentos para a vida Medica em Portugal de Halliday, como os que estão á testa do Departamento Medico-Militar.

Irrita ao ultimo ponto que Halliday tenha tempo para dizer tão mal das pessoas, que se achão á testa do Departamento em questão, *mas conheça que não he agora tempo nem occasião de huma tal discussão!* Se não tem agora tempo para provar as suas horrorosas proposições, guarde o soldado para quando o tiver.

Nós já dissemos (Num. pag. ) que por charidade devião occultar-se as relações que Halliday tinha tido com alguns Medicos Portuguezes: n'estas relações ha escripto que Halliday se regosijava de que a publicação de certos escriptos se se imprimissem daria muito dinheiro. Halliday pois escreve para ganhar dinheiro; este he o seu fim principal; elle approvará todos os meios que augmentem a extracção das suas obras. Será para Halliday muito lisonjeira a Analyse do Investigador, porque a divulgou mais; e com effeito, se ella fosse em Portuguez, só pelo muito que n'ella se tem fallado, muito se havia de vender. Halliday diz que em hum ou dous mezes ha-de publicar nova edição; tem-na feito esperar pela Gazeta de Lisboa, pelo Investig. Port., pelo Times, etc., e ainda mesmo por este nosso Periodico: Halliday está já hoje prevenido huma grande venda á sua obra futura, e ainda passada.

Bem que esteja ainda hoje em problema se a crítica he a favor ou contra o progresso das letras, nós que somos da affirmativa; gostaremos que Halliday, e qualquer outro Escriptor, declare, mas só com provas convincentes os defeitos de qualquer racção pública ou escripto público. Disgostamo-nos extraordinariamente quando ouvimos ralhar sem fundamento: e não podemos com tal, quando o objecto he Portugal, ou algum Portuguez.

Eu sempre quero que se me prove esse meu serviço pratico no Departamento Medico-Militar com o Excellentissimo Marechal Conde de Trancoso á testa do Exercito! Está hoje mais que provado o merecimento relevante de S. Excellencia, não digo sómente em factura, digo em disciplina; Como he possivel que S. Excellencia conservasse em hum Departamento tão importante Chefes de hum serviço tão máo assim a respeito de saude, como de fazenda? A experiencia nos mostra que a S. Excellencia se não podem occultar por muito tempo defeitos mesmo pequenos; Como se lhe occultarião cousas de tanto momento e por tanto tempo, como aquelle a que Halliday anda ralhando? Quando eu vir

provado indubitavelmente que he máo o serviço dos Hospitais Militares, fico á espera de vêr fóra do serviço do Exercito e castigado exemplarmente quem faz esse máo serviço.

---

A G R I C U L T U R A .

MEMORIA sobre a Agricultura do Algarve, e melioramento, que póde ter. Por Constantino Botelho de Lacerda Lobo, Lente de Physica Experimental da Universidade de Coimbra.

(Continuada de pag. 322.)

Cultura das Figueiras.

§. LV.

A Cultura das Figueiras he huma das mais importantes do Algarve, e em que este excede a todas as Provincias de Portugal. N'aquelle Reino vi eu no dia 13 de Novembro de 1790 nos rededores de Lagos todos os prédios muito bem amanhados: aqui campos e campos mais ou menos inclinados erão sómente occupados com Figueiras, bem como estão muitos com Oliveiras nas outras Provincias: ali em humas partes excellentes vargens criavão trigo, milho, e legúmes, em outras vinhatarías misturadas com muitas Figueiras erão mui proveitosas aos donos d'ellas. Tudo em duas legoas em roda estava bem cultivado. Praza a Deos, que assim estivesse todo o resto do Algarve.

§. LVI.

Desde o dia 22 de Novembro, em que sahi de Lagos até 23

(\*) estive em Portimão: aqui não sómente observei o estado das Marinhas, e Pescarias, de que principalmente fui encarregado; mas o da Agricultura dos redores d'aquella Villa d'Alvôr, e Montes d'Alvôr: nos arrebaldes d'estas tres Povoações o que encontrei em maior quantidade forão Figueiras, Vinhas, e terrenos occupados com Sumágre.

§. LVII.

A grande cultura das Figueiras não sómente se observa nos redores de Lagos, Alvôr, Montes d'Alvôr, e Portimão, mas eu mesmo vi muitas logo que passei o rio d'esta Villa em 29 de Novembro de 1790; como tambem nas visinhanças da Mexiloeira da Carregação, Estombar, Alagoa, Proxes, Albufeira: geralmente em todo o Baixo Algarve, por onde andei, via em grande quantidade não sómente as Alfarrobeiras, Amendoeiras, Oliveiras, mas até em muitas partes campos cobertos de Figueiras.

§. LVIII.

Como pois os habitantes do Algarve tirão muito proveito da cultura das Figueiras, devem adiantalla (já que tem tanto aonde),

---

(\*) No dia 28 fui ás Caldas de Monchique, e caminhando em direitura á montanha, em que ellas tem origem, e ao Norte de Portimão, vi até meia legoa de distancia as terras aproveitadas: humas produzião Figueiras, outras Oliveiras, e algumas trigo, e outros grãos. Quasi tudo o mais estava por amañhar até ao cume do monte. Que boas vargens, que bellas collinas estavam então ali perdidas, quando podião ser empregadas em muitos generos de cultura! Os habitantes de muitos lugares da Provincia de Trás-os-Montes até aproveitão as migalhas de terra, que estão mettidas entre as rochas: aqui lhes introduzem videiras, ali lhes semeião centeio; só os Algarvios são tão descuidados! Haverão causas moeraes, que causem tantos estorvos? Não sei, só ouvi em Lagoá, no mez de Novembro de 1790, que algumas retardavão o progresso da Agricultura dos muitos terrenos incultos proximos ao Cabo de S. Vicente: os que lá vi são taes, que creio, no Mundo não os ha melhores para Vinhatarias, Alfarrobeiras, Tamareiras, Figueiras, Amendoeiras, e Oliveiras, e até para propagar arbus-tos, e plantas exóticas, que ha mister naturalizar no Algarve.

e dar-lhe aquelle melhoramento, que ella póde ter. Cumpre que fação escolha das melhores castas d'aquellas arvores, de huma boa exposição, e terrenos accommodados a ellas; como o devem praticar nas vinhatarías; porque então vem mais cedo o perfeito estado de madureza dos figos, são mais doces, dão huma maior quantidade d'agoardente (\*), e julgo terem tambem preferencia no Commercio. Não fação pois os Algarvios a plantação das suas

(\*) Os figos não sómente são exportados para Lisboa, Porto, e Paizes Estrangeiros, mas tambem d'elles fazem a agoardente do modo seguinte: Lanção aquelles fructos em hum balseiro, e sobre elles agoa quente, ou fervendo, quanto baste para ficarem todos cobertos: estão d'infusão dous, ou tres dias, até estarem bem enopados: depois tirão-se, e retalhão-se, e se faz segunda infusão, que dura 24, ou 36 horas: passado este tempo, são os figos outra vez tirados, e espremidos: o liquido, que resulta da pressão, e das duas infusões, he envasilhado em huma pipa: no 4.º ou 5.º dia de fermentação vinhosa começa a destillação do liquido. Eis-aqui o modo de fazer agoardente dos figos, que me referio em Dezembro de 1790 o Capitão de Milicias de Faro, Domingos da Costa Dias e Barros, e me disse era o que praticava.

Outros porém pisão com os pés os figos, e sómente fazem huma infusão, na qual estão aquelles fructos oito dias, pouco mais ou menos; e, passado este tempo, he o liquido destillado; e como por falta d'apparelhos não fazem a pressão dos figos, perdem huma boa parte d'aquelle fluido vinhoso, e tem menor quantidade d'agoardente.

Se os habitantes do Algarve regularerem as duas operações da fermentação, e destillação pelos principios chymicos, terão maior quantidade d'agoardente, e de melhor qualidade. Devem escolher os figos mais doces: e como he preciso, que se dissolva a substancia sacharina, cumpre que se faça a infusão; mas julgo ser melhor que antes sejam retalhados, para mais facilitar a acção dissolvente da agoa: e como esta he augmentada pelo calórico, acho muito a proposito que aquelle fluido tenha huma temperatura elevada. A fluidez deve sómente ser precisa para haver a fermentação vinhosa, e aquelle jôgo d'affinidades necessario para n'aquella operação se formarem os differentes productos: por isso a quantidade d'agoa da infusão deve ser determinada pela experiencia. O calórico thermometrico necessario para a fermentação ha sempre no Algarve, porque no dia 28 de Novembro de 1790 era de 68 grãos do Thermómetro de Fahrenheit no cume da Serra de Monchique. Como a agoardente he hum producto de fermentação

Figueiras nas terras baixas, e muito humidas; serão sim aquellas arvores mais viçosas, darão mais fructo, mas de inferior qualidade.

*Cultura das Palmeiras.*

§. LIX.

As Palmeiras chamadas vulgarmente da Igreja, ou Tamareiras, existem no Algarve em muito menor quantidade, do que as outras arvores; mas vivem ali muito bem, assim como na Grecia, e Provincias meridionaes da Hespanha, França, e Italia. Os Póvos da India, da Persia, da Syria, e do Egypto tirão das tamaras huma grande parte do seu sustento. A medulla dos tenros ramos das Palmeiras faz hum alimento delicado: até mesmo aproveitão, para uso da cozinha, os cachos d'aquellas arvores d'hum, e outro sexo antes d'estarem endurecidos. Nada ha que lançar fóra: folhas, tronco, e fructo, assim verde, como maduro, tudo se aproveita.

§. LX.

Habitantes do Algarve, que viveis em hum dos Paizes o mais bello do Mundo, adiantai este genero de cultura, que entre vós está mui atrazado, e vos póde ser de grande proveito. Aquellas arvores góstoão muito de terrenos areentos, vós tendes tantos, que nada produzem. Lembra-me que no anno de 1790, indo de Quarteira para Faro, por qualquer parte que lançava os olhos, vinhosa, seria conveniente que só depois que esta acabasse, começasse a destillação.

Eis-aqui porque fui informado no anno de 1790, que a agoardente de figos era muitas vezes de má qualidade; que ora adquiria hum cheiro empyreumatico, ora conservava o do fructo, de que era feita. E porque não ha de acontecer assim? Se os Algarvios não fazem huma boa escolha dos figos; muitas vezes já comecção a apodrecer, quando d'elles fazem a infusão; e alguns sómente se lembrão destillar o fluido vinhoso, quando elle já está azedo.

não via senão huma charnéca, quasi continuada; em humas partes era areenta, em outras tinha muito boas vargens: aqui, e em outros muitos lugares d'iguaes circumstancias, que ha n'aquelle Reino, se pôdem multiplicar as Tamareiras, Alfarrobeiras, etc.

*Das Palmeiras chamadas das vassouras.*

§. LXI.

Estas Palmeiras são infinitas no Algarve: toda a casta de terreno, seja bom, seja máo, as cria espontaneamente, e em demasia: os sitios mais pedregosos se observão povoados d'aquellas plantas, sem que haja necessidade de amanho algum. Em 3 e 4 de Dezembro de 1790 vi eu nos redôres de Quarteira, e Castello-velho campos fertilissimos pertencentes ao Morgado do Marquez de Loulé, que então era, occupados com ellas, que julgava mais bem empregados em outros generos de cultura; porque as ditas Palmeiras prosperão muito bem até nos peiores terrenos, que tem o Algarve.

§. LXII.

No anno de 1790 podia qualquer pessoa n'aquelle Reino apañhar livremente a palma, para d'ella fazer as suas manufacturas, exceptuando nas terras do Marquez de Loulé, já nomeado, (segundo me informáreo) porque este, ou seu administrador, não consentia n'aquelle tempo, que lá colhessem aquella planta sem lhe pagarem certa pensão.

§. LXIII.

As Palmeiras dão a materia ao mais importante ramo d'industria, que ha no Algarve. Tanto parecem descuidados os Lavradores d'aquelle Reino, quanto suas mulheres e filhas s'esmerão em adiantar, e aperfeiçoar as manufacturas da palma, como

vassouras, capachos, ceiras, etc.; de maneira que na Mexiloeira da Carregação, e outros portos do Algarve se carregão todos os annos hyates com producções naturaes d'aquelle Reino, como alfarrôbas, figos, passas d' uva, sumagre, etc.; e da industria, como esteiras, etc., que depois vão para Lisboa, Porto, e Paizes estrangeiros.

*Dos Carrascos, aonde se cria a Grãa (\*).*

§. LXIV.

Os Carrascos observão-se nas differentes Provincias de Portugal, mas a Grãa não me consta que se tenha apanhado senão n'aquelles do Reino do Algarve, e termos das Villas de Setubal, Palmella, Cezimbra, Coina, Barreiro, Alhos-vedros, Aldéa-Galega, Alcoxete, Çamora Correa, e Alcacer do Sal. A quantidade do insecto era maior nos lugares mais chegados ao mar, e quando o inverno tinha sido mais benigno.

§. LXV.

No Reinado do Senhor Rei D. João III., e dos Soberanos, que lhe precederão, cuidavão muito em aproveitar a Grãa não sómente os moradores do Algarve, mas tambem muitos habitantes da Estremadura transtagana das Villas já refferidas. Ella fazia, antes do descobrimento da America, hum importante ramo de Commercio não sómente de Portugal, mas tambem de algumas Provincias d' Hespanha, França, e da Ilha Candia.

§. LXVI.

Em tempos mais antigos se recolhia entre nós a Grãa em

---

(\*) *Coccus tinctorius ilicis*, Lin.

grande quantidade, e d'ella pagavão dizimo: e como o Mestre de S. Thiago se persuadio, que este lhe era diminuido por abusos, que então havião, requereo hum Regimento relativo á Grãa, que com effeito se concedeo no dia 22 de Julho de 1541. Este Regimento regula o modo de apanhar a Grãa do Carrasco dos termos de Setubal, Palmella, Cezimbra, Coina, Barreiro, Alhos-vedros, Aldea-Galega, Alcoxete, Camora Corrêa, e Alcacer. Mandase 1.º que a Grãa não se colha antes de 8 de Maio. 2.º Que ella seja coutada. 3.º Que ninguem possa cortar os Carrascos. Este Regimento acha-se no Livro do Registo da Villa de Setubal a folh. 143; e pela identidade de razão, julgo que seria tambem commum para o Reino do Algarve.

#### §. LXVII.

Acabou este importante ramo de Commercio em Portugal pelas mesmas causas politicas, porque findou na Hespanha, na Provença, no Languedoc, e na Ilha de Candia, que forão o descobrimento d'America, e a grande quantidade de cochonilha, que todos os annos vem para a Europa do Mexico, muito principalmente das Provincias Tlascala Guaxaca, Guatimala, e Honduras, de maneira que no anno de 1736 se calculou que virião d'aquelle novo Mundo annualmente para os Póvos Europeos 8800 libras de cochonilha. Entre nós, além d'esta causa geral, julgo haverão outras mais.

#### ARTIGO II.

*Generos de cultura, que se podem introduzir no Algarve.*

#### §. LXVIII.

A cultura do trigo de Jerusalem póde ser a mais util, e vantajosa de todas aquellas, de que he capaz o Algarve: os en-

saios (\*) que d'ella se tem feito dão huma producção de 200 por 1: este exemplo deve animar aos habitantes d'aquelle Reino a introduzir n'elle hum genero de cultura, que lhes pôde ser mui proveitosa, muito principalmente havendo ali muitos terrenos por amanhoar muito proprios para ella.

§. LXIX.

A grande distancia, em que vivemos da Asia e America pôde ser em muitas occasiões a causa de nos faltarem os generos coloniaes; por isso ou nos havemos de habituar a viver sem elles, ou procurar que se naturalisem entre nós as arvores e plantas exoticas, que os produzem. O Reino do Algarve pela sua latitude e circumstancias locaes he o Paiz, que temos mais accomodado para este fim.

§. LXX.

O Arbusto, que dá o chá, que se observa em quasi todas as latitudes da China, pode-se naturalizar no Algarve, como tambem

---

(\*) O Brigadeiro Francisco de Borja Garção Stockler me participou tinha mandado para o Algarve huns grãos de trigo de Jerusalem; que lá se tinham feito alguns ensaios; e que era tal a sua producção, que dava 200 por 1.

Tambem no anno de 1806 me mandou dentro de huma carta huns poucos de grãos do mesmo trigo, que semeei na primavera do anno de 1807 em hum quintal contiguo ás Cazas, em que vivo; filhou muito; as espigas humas erão singelas, outras dobradas; mas não recolhi fructo algum, ou foi por ser tardia a sementeira, ou por outra causa, que agora me não lembra. Referi este successo ao dito Brigadeiro, e lhe pedi mais alguns grãos, que logo me mandou com muito gosto e promptidão; e disse devião ser semeados no principio de Novembro. Fiz então a sementeira do trigo, que recebi; filhou muito; forão dobradas quasi todas as espigas, e sem embargo de comerem os passaros huma grande parte, a producção d'elle foi talvez mais de 100 por 1.

a cana do assucar, que já se cultivava em grande quantidade na Corsega, na Sicilia e nas Provincias meridionaes da Italia.

§. LXXI.

O Ruibarbo, que se eria em muita abundancia nas Montanhas da Tartaria, do Perú, e China se póde naturalizar no Algarve, e geralmente em todo o Portugal, assim como hoje em dia vemos as Laranjeiras, as Amoreiras, e Pecegeiros.

*Máquinas e instrumentos ruraes.*

§. LXXII.

Tendo as nossas estradas o melhoramento, que he de esperar de hum sábio e illuminado Governo, convém depois fazer uso do carro da invenção de Boulard, e preferillo a todos os outros; porque — 1.º economisa muito as forças dos animaes; — 2.º tem a maior mobilidade possivel; — 3.º he mais seguro do que aquelles, que tenho observado entre nós; — 4.º he pouco pesado; — 5.º não estraga as estradas: reune pois todas as vantagens, que podem ter os bons carrões de conducção.

LXXIII.

Se forem reduzidos a cultura os muitos Sapaes, que tem aquelle Reino, são ali indispensavelmente necessarias as charruas. E para que se escolhão as que forem mais accomodadas ás circumstancias locaes, podem-se consultar os muitos tratados, que hoje em dia se tem publicado de economia rural.

§. LXXIV.

Além das charruas precisa tambem o Lavrador — 1.º de má-

quinas para arrancar as raizes e troncos das arvores, as quaes má-  
quinas são muito necessarias para os terrenos incultos, que se hou-  
verem de rotear; — 2.<sup>o</sup> de gadanhos para ceifar as searas de ce-  
vada, trigo, e centeio; — 3.<sup>o</sup> de máquinas para espremer o vi-  
nho, e o azeite, que ainda as mais defeituosas erão desconheci-  
das no Algarve no anno de 1790; — 4.<sup>o</sup> de máquinas para lim-  
par os grãos, e moenda d'elles; — 5.<sup>o</sup> de máquinas hydraulicas  
para a rega dos predios, quando de outro modo se não pôde fa-  
zer. (\*)

“ Quem lançar os olhos desde as margens do Guadiana até  
às Lesirias do Têjo, sobre o extenso e fertilissimo terreno desde  
Elvas até Serpa, e desde Abrantes até Benavente, verá com hor-  
ror e mágoa os lamentaveis estragos d' innumeraveis Erdades (aliás  
importantissimas) reduzidas a hum abatimento tal, que hoje não  
produzem a decima parte do que produzião ha menos de 40 an-  
nos; . . . . . ” 16 de Abril de 1812. ,,

“ Não he por se desconhecer o terreno d' Além-Têjo, que  
a Agricultura tem decahido: já demonstrámos que elle he bem  
conhecido, (falta de braços) dos seus Agricultores; mas se a  
este respeito he necessaria mais alguma instrucção, veja se a Me-  
moria Academica do Desembargador Antonio Henriques da Silveira  
— e os artigos em outro tempo dirigidos pelo Excellentissimo  
D. Rodrigo de Sousa Coutinho ao Provedor da Comarca de Evo-  
ra Joaquim José de Carvalho, illustrados, e perfeitamente desen-  
volvidos pelo profundo observador Manoel de Brito, Lavrador da  
Erdade da Commenda grande. ,,

“ Evora, Capital do Além-Têjo, comprehende no districto  
do seu Arcebispado, dos confins de Cabrela, até Mourão, 19 le-  
goas d' Oriente a Poente, e de Benavente até Villa Viçosa, mais  
de vinte, quasi de Sul a Norte: este vasto territorio, que abran-  
ge mais de 2:000 Erdades, (só o Termo d' Evora tem 960 Er-  
dades, e Monuras tem 666) as mais bellas da Provincia, com-

(\*) No Diccionario d'Agricultura de Rozier, que já he mui-  
to vulgar e até mesmo traduzido em Portuguez, podem-se vér  
compiladas as descripções e riscos de muitas charruas, como tam-  
bem na collecção de economia rural da Encyclopædia Methodica  
publicata no anno de 1802, aqui achará o Lavrador do Algarve  
muitas charruas desenhadas, e outras máquinas e instrumentos pa-  
ra escolher, os que mais lhe convierem.

põe-se de 65:872 habitantes, segundo os mappas de população feitos pelos Parochos em 1808. Reduzindo aquelle total de almas sómente ao sexo masculino, talvez não fique por metade, que são 32:936, abatendo d'este numero metade, que são os menores, deve ficar em 16:468, e tirando d'esta quantia a sua terça parte, que são os Ecclesiasticos, os funcionarios, e as pessoas invalidas e inhabeis, apenas se poderá contar com 10:979 pessoas disponiveis. Contemos agora que cada Erdade occupa sómente seis homens (muitas occupão mais de quarenta). E discorra-se como não deve estar extenuada a Agricultura por falta de braços!!! A falta de gados para a cultura dos campos no presente anno he tão manifesta, que pouco falta para se reputar extinta. „

“Em toda a Provincia do Douro, como he publico, a maior cultura he de vinho, tanto d'embarque, como para o consummo do Reino. As vinhas porém tem de tal sorte diminuido na sua producção, que as de 20 pipas apenas dão hoje 10, ou 7. „

“Toda a causa d'esta diminuição são as chamadas empreitadas; as quaes são huns ajustes por hum tanto para os empreiteiros darem a cultura feita . . . „

“ . . . He evidente que no estado actual não ha systema, nem dentro de administração algum „ (em Agricultura); “e sem isto he impossivel que possa melhorar huma cousa tão extensa, e tão ligada nos seus varios ramos, como he a Agricultura: estes pertencem presentemente a differentes Tribunaes, tudo de hum modo isolado; e objectos ha, que não tem sido tomados ainda em consideração. „

“Agora referiremos os objectos principaes, que a dita Junta devia dirigir immediatamente; e a sua mesma enumeração convencerá os nossos Leitores, de que não he possivel, que elles se adiantem, nem mesmo que sejam cousa alguma, sem haver huma Junta Administrativa, que execute as Leis do Soberano, e vigie nos progressos dos mesmos objectos. „

1.º “*Plantação de arvoredos ao longo das estradas, dos rios, e nos montes incultos.* Cada particular póde, e deve cuidar na plantação das suas terras; mas inda quando se incumbisse ás Cameras, ou a qualquer Delegado, que tivessem cuidado no plantio, e conservação das arvores do seu districto, sem huma Administração, que fiscalisasse a execução d'estas ordens, ellas ficarão sem effeito algum, segundo o costume. A falta, que temos de lenhas, a utilidade que se poderia tirar d'essa immensa madeira, porque a maior parte dos montes, que não podem ter outra serventia, dos rios, e das estradas estão sem plantação alguma, e os seus proprios fructos darião os meios de trazer sempre as estradas reparadas, fertilisarião as terras, e causarião muitas outras vantagens; mas he impossivel, que se obtenhão, em quanto se não estabe-

lecer huma Junta Administrativa de Agricultura, de cuja obrigação seja o plantio das arvores proprias nos sitios já mencionados.

2.º “*Enxugo de paues.* Este he o maior artigo de Agricultura, a que se póde dirigir presentemente a attenção do Governho. Os paues são o terreno mais fertil para pão, que se conhece: hum paul rende frequentemente o duplo, e não poucas vezes o triplo do que outra igual terra de campina. Todos os nossos grandes Rios tem muitos d'esses paues, o Têjo os tem mui grandes; o Mondego, e o Vouga igualmente; o Sadô no Além-Têjo, e muitas partes no Algarve estão nas mesmas circunstancias; e a maior parte d'elles estão incultos. Alguns ha tão baixos, que se rião precisas grandes obras, e mesmo máquinhas semelhantes aos Engenhos dos Hollandezes para se enxugarem; d'estes, que são felizmente mui poucos, não devemos fallar agora, porque não he tempo para taes despezas: mas os outros, que são quasi todos os do Reino, tem-se constantemente enxutos, huma vez, que suas Vallas estejam abertas, e limpas permanentemente. Não o estão no estado actual; 1.º porque pertencem a grandes Senhores, que não cultivando por sua conta arrendão os seus bens por hum preço certo: o Rendeiro não tem frequentemente interesse em fazer estas despezas em bens alheios; 2.º o paul tem huns poucos de donos, e n'este caso he quasi impossivel que se ajustem para hum trabalho commum; 3.º outras vezes hum grande paul se acha cercado por terras de outros Proprietarios, que a pesar de todas as conveniências são tão máos Cidadãos, que não querem deixar passar huma valla, ou hum cano por terras suas. Bem se vê que em todos estes casos a necessidade de huma Junta, que mande executivamente abrir todas as vallas, he evidente. O que se póde affirmar com certeza he que o Reino de Portugal alcançaria muitos milhares de moios de pão de mais, só com a operação de se mandarem abrir, e profundar sufficientemente as vallas de todos os paues, que tem tido já esta cultura.”

3.º “*Pastagens de gados.* No nosso Reino he a pastagem dos gados sujeita a regras mui varias, e arbitrarías: basta esta reflexão para nos convencer quanto seria conveniente, que huma Authoridade central, dirigida por hum systema, tivesse a seu cargo regular este objecto importante, e sujeito a tantas disputas.”

4.º “*As regas,* principalmente, quando se trata de distribuir huma ribeira por grande extensão de campos, são outro objecto publico, que não he regulado quasi senão pelos usos dos particulares; a este respeito temos boas Leis; mais huma razão para haver quem vigie pela sua execução.”

“Outros casos, e outras razões mais se poderião trazer para mostrar a necessidade de huma Junta Administrativa de Agricultura; mas julgamos bastante o que fica dito.”

“Ao Sulsueste, e defronte da Cidade de Lisboa fica situada a Villa da Mouta, povoação de 1:200 visinhos, occupando 350 fogos, com mui pouca differença: he o porto aonde embarção para a dita Cidade quasi todos os Almocreves, e Passageiros da maior parte do Além-Têjo, e de todo o Algarve: abunda esta Villa de tudo o necessario á vida, tirando as provisões, ou da Côte, ou de Setubal. Os habitantes occupão-se a maior parte na vida maritima, e em tudo o que diz respeito a Passageiros, e conduções, como Estalagens, Casas de Pasto, Carreteiros, Arrieiros, etc. Existem algumas pessoas empregadas em officios mechanicos, mas poucas. Tem só duas Fábricas, huma na Villa, outra no Têrmo, ambas de sóla. A da Villa he grande, boa, e bem situada, mas por motivos alheios d'este lugar, e particulares, se acha em decadencia. A do Têrmo he muito mais pequena, e no mesmo estado que a outra com pequena differença. He o Têrmo d'esta Villa mui pequeno: sendo nullo da parte do Poente, comprehende, para qualquer dos outros lados, meia legoa d'extensão, formando assim hum semicirculo em que estão situados os lugares de Rosario (com huma boa Estalagem e Cães ainda que aruinado), e Sarilhos pequeno, além de muitas fazendas espalhadas, que tem cabanas (vulgarmente chamadas maltas), e casas para habitação das pessoas a ellas pertencentes. Serão 50 os fogos (não contando as maltas), e 500 os habitantes comprehendidos no Têrmo. Existem 3 moinhos d'agoa, dos quaes o maior tem oito pedras: porém com o uso das farinhas de fóra tem perdido muito do seu rendimento.”

“*Terreno.* He geralmente arenoso, mais ou menos solto, mais ou menos sêcco, e mais ou menos combinado com argilla, ou barro, conforme a situação.”

“Não tem rios; com tudo o paul, que da parte do Sul se segue á Villa he muito alagadiço (e por isso se chama Brejos). Só depois do principio de Abril, e á custa de grandes vallas, e sargentas he que elle se cultiva. Tem pouca terra humus: não se devendo reputar portal huma areola preta, schistosa, alagada em agoa, existente nos ditos Bréjos. A exposição varia muito; tem altos, baixos, abrigados, ou absolutamente descobertos, etc. Não tem penedias, nem terras calcáreas, apenas alguma areia combinada com muito pequena porção de gesso. Nada indica haverem mineraes, excepto ferro em pequenissima quantidade.”

“*Produções.* Marinhas, vinhas, batatas, e pinhaes, são as principaes produções do Paiz. São 11 as marinhas, que se comprehendem no Têrmo, cujo rendimento se póde reputar em muito perto de 2:000 moios de sal, que pela sua finura e alvura se gasta todo em Lisboa, e terras do Norte. Os pinhaes pertencentes ao Têrmo são muito poucos; mas, como aqui he o principal embarque de lenhas para a Côte, a utilidade dos immensos pinhaes,

que cercão a Villa, vem a redundar em proveito dos habitantes pela negociação e conducção d'ellas. He muito proprio para vinhas todo este terreno (excepto os Bréjos), e com effeito a sua cultura he bem extensa (e ainda podia ser mais): está regulada a colheita annual em 200 pipas pouco mais ou menos. No Reino, ou ao menos nas visinhanças de Lisboa não ha terra, em que proporcionalmente seja mais extensa a cultura da batata. Este anno principalmente não se observa senão sementeira de batatas: 200 moios se julga a sua colheita em annos bons: este anno excede muito esta somma, (assim como he de esperar, que a do vinho chegue a 300 pipas): ainda actualmente se semeia batata, e se continua a semear. Segue-se depois (pela quantidade da colheita) o milho, e feijão que se poderá regular em 30 moios cada hum. Com tudo para estes vegetaes assim como para as leguminosas, de que geralmente se semeião pequenas quantidades, a terra não parece ser muito propria: nem se pôde exactamente determinar a sua colheita, assim como a do centeio, e cevada, que são semeados para verde, e muito pouco para secco. Trigo pela mesma insufficiencia de terras he mui pouco cultivado; seis até oito moios he o muito com que se pode contar. Hortaliças tñhãõ boas terras para ellas, até mesmo de Verão; mas não tendo gasto na Villa, nem podendo transportar-se sem se exporem ao risco de damnificar-se pela incerteza das marés, não tem grande extensão este genero de cultura. Pomares de caroço dão, geralmente fallando, muito bem, porém desgraçadamente a sua cultura está atrazadíssima. Ignora-se absolutamente a póda das arvores, a theoria de enxertos, estacas, etc. Pomares de espinho ha muito poucos e maltratados. Julgava eu, que concorria para isso a qualidade do terreno, mas tirarão-me d'essa duvida dous pomares de Sarilhos pequeno muito soffríveis plantados em areia safa (muito solta), e terra alta, ainda que abrigada com muros. He muito pequena a cultura do azeite, porque a azeitona quasi toda se apanha para comer.

“*Estado de Agricultura.* He grande o atrazamento da boa prática d'Agricultura n'estes sitios. Depende isto ou de causas geraes a todo o Reino, e filhas ou da época presente, ou de motivos mais antigos, mas que são alheios da brevidade d'esta Nota, ou então de causas particulares ao Paiz, das quaes enumerarei as principaes. 1.<sup>a</sup> São os habitantes pela maior parte maritimos; a cultura por isso acha-se entregue a homens da Beira, e Comarca de Coimbra, que todos os annos aqui chegão para esse fim, e que muitas vezes não sabendo senão cavar, não fazem as outras operações da cultura senão pelo método, que virão aos outros nas terras d'onde vem, e que bastante differem d'estas. A céga rotina he a sua mestra; ignorão o arranjamento de vallas, pódas de arvores, etc. e ainda em cima tem huma presumpção insup-

portável. 2.<sup>a</sup> As fazendas sendo muito extensas em terreno, ou pertencem a Proprietarios pobres, que as não beneficião, nem podem; ou a Proprietarios ricos, Negociantes de Lisboa, que não as reputando senão como entretenimento não cuidão sériamente no seu adiantamento. 3.<sup>a</sup> Tem-se deixado perder muitas fazendas já cultivadas para ir rotear novas terras com muita despeza, e pouco lucro. 4.<sup>a</sup> A falta de estrume, tão necessario para estas terras; e a despeza da sua conducção. D'esta regra quasi geral devo exceptuar em obsequio da verdade, as fazendas do Capitão Mór, que se achão soffriavelmente cultivadas, depois que faz a sua assistencia na Villa, e mais algumas de outros particulares. Devo igualmente fazer menção n'este lugar do Capitão do Real Corpo de Engenheiros José Vicente Soares, cuja amizade, attendendo á modestia, que o caracteriza, me prohibe tecer maior elogio. Basta dizer que foi premiado pela Academia, pela cultura da batatá: senhor de 3 fazendas não tem palmo de terra inutil. D'ellas está desterrada a rotina. Os seus trabalhos são presididos por elle debaixo de bons conhecimentos práticos e theóricos de Agricultura: últimamente emprehendo juntamente comigo—hum serie de experiencias sobre hum método facil de exterminar a ferrugem das oliveiras, e do resultado avisarei o público. ,,

Todos os artigos antecedentes são extrahidos da Gazeta de Agricultura: este ultimo he huma cópia fidelissima; não era possível ommittir hum palavra. O nome de seu Author he por exteño João Baptista Antunes, Bacharel Formado em Medicina pela Universidade de Coimbra; ao menos mostremos n'esta declaração o nosso agradecimento por hum trabalho, que nos dá tão boa idéa da Villa da Mouta, como se a estivessem vendo: trabalho, que póde servir de modelo (gostaríamos de ver muitos que o excedessem ainda) aos que emprehenderem, em beneficio público, outro semelhante.

No Num. 26 pag. 204 da mesma Gazeta de Agricultura ha, relativamente ás ultimas linhas daquelle artigo, o seguinte:

“No fim da mesma folha antecedente se annunciavão experiencias, que se tinham achado favoraveis para a cura da ferrugem das oliveiras; as ditas experiencias consistem em estrujar os pés das arvores doentes com a casca de carvalho, ou sobre, isto he, com as cascas, que servem para cortar os couros: e a theoria não deixa de achar alguma probabilidade n'esta opinião; o que he certo he terem sido d'este modo limpos dous olivãos, que estavam bastantemente negros. ,,

Merecem repetir-se muito as idéias derramadas por esta Gazeta relativamente ao estabelecimento de Sociedades de Agricultura; e mui simplificadas n'este Num. 26.

“Em quanto aos muitos e varios objectos em que temos tocado no espaço d'estes seis mezes, aquelle que viria a produzir

hum proveito mais prompto, seria o Estabelecimento das Sociedades de Agricultura: a guerra não póde servir de obstaculo algum; em primeiro lugar, porque se faz actualmente além das nossas fronteiras; em segundo, porque na associação de huns poucos de homens instruidos, e zelosos do bem da sua Patria, não se empregão grandes cabedaes, ou fundos, que passem pelo risco de se perderem no mui duvidoso caso de alguma nova invasão. Porém não podemos deixar de confessar, que na geração, que nos precedeo, dominava huma funesta apathia, e indifferença para quasi todas as cousas, que não erão de interesse particular. „

“Por este motivo temos algum receio de que se não venhão a fundar as ditas Sociedades, se o paternal Governo de S. A. R. não insinuar a differentes pessoas nas diversas Comarcas o quanto seria do agrado do mesmo Senhor, que ellas se incumbissem de arranjar cada huma na sua Comarca huma Sociedade de Agricultura, cujos objectos, e fins temos expellido largamente. Oxalá que possamos vêr realisados os nossos votos dentro em pouco tempo! „

Nós projectávamos inserir n'este Periodico hum artigo novo, e que nos parece mui importante: projectávamos dar conta da vegetação por todo o Reino; e temos em nosso poder muitas e bem discretas participações, que, por muito obsequio, os nossos amigos nos tinham feito das principaes Terras de cada huma das Provincias de Portugal. He com tudo de pequena curiosidade lêr por Agosto adiante como os campos se achavão em Junho; tirando-se aliás com esta relação o lugar a objectos, que são importantes sempre. Nós começaremos com este novo artigo, quando chegarmos a conseguir que o Numero pertencente a qualquer mez se publique nos primeiros dias do mez seguinte: e esperamos que então, em obsequio do público e nosso, os nossos amigos, e todas as pessoas em favoraveis circumstancias para esse trabalho, no lo dirijão. Os principaes quesitos, com que nós recorreremos sobre este objecto aos nossos amigos, são:

- 1.º Quaes são as plantas, e os fructos, que se cultivão em qualquer districto; e qual he a cultura, que ali se lhes dá?
- 2.º Em que estado se achava cada huma das castas de plantas e fructos no principio do mez? Que lhe succedeo no decurso do mez, assim a favor, como contra?
- 3.º Como ficou este objecto para o mez seguinte?

## PHYSICA.

HE d'immensas observações, a muitas das quaes nós assitimoz, o Mappa Meteorologico, que recebemos do Gabinete de Physica Experimental da Universidade de Coimbra: ha dia, em que se faz acima de huma duzia de observações. São muitos os Corollarios, que d'aquellas observações se tirão. Tudo se conserva no mesmo Gabinete. Seria de desejar que no nosso Periodico coubessem todas aquellas interessantes Observações e Corollarios; he porém tanto o que occorre, he (com vistas de nos pôrmos quanto antes em dia) tão pequeno por ora o numero de nossas paginas, que nos vémos forçados a reduzir aquelle Mappa e os mesmos Corollarios.

Para o seguinte Mappa nós só aproveitámos aquella occasião d'observações, em que ha maximo ou minimo diario em algum dos Instrumentos, Barómetro, Thermómetro, ou Hygrómetro: e com esse maximo ou minimo assentámos de caminho todas as observações, que n'aquella occasião se fizerão, enchendo assim as columnas, que de outra sorte ficarião em branco.

1		1	88	2	01	1	11	75	02	10	1
2	344	1	88	2	01	1	11	75	02	10	1
3		2	88	2	01	1	11	75	02	10	1
4		2	88	2	01	1	11	75	02	10	1
5	344	2	88	2	01	1	11	75	02	10	1
6		2	88	2	01	1	11	75	02	10	1
7	344	2	88	2	01	1	11	75	02	10	1
8		2	88	2	01	1	11	75	02	10	1
9	344	2	88	2	01	1	11	75	02	10	1
10		2	88	2	01	1	11	75	02	10	1
11	344	2	88	2	01	1	11	75	02	10	1
12		2	88	2	01	1	11	75	02	10	1
13	344	2	88	2	01	1	11	75	02	10	1
14		2	88	2	01	1	11	75	02	10	1
15	344	2	88	2	01	1	11	75	02	10	1
16		2	88	2	01	1	11	75	02	10	1
17	344	2	88	2	01	1	11	75	02	10	1
18		2	88	2	01	1	11	75	02	10	1
19	344	2	88	2	01	1	11	75	02	10	1
20		2	88	2	01	1	11	75	02	10	1
21	344	2	88	2	01	1	11	75	02	10	1
22		2	88	2	01	1	11	75	02	10	1
23	344	2	88	2	01	1	11	75	02	10	1
24		2	88	2	01	1	11	75	02	10	1
25	344	2	88	2	01	1	11	75	02	10	1
26		2	88	2	01	1	11	75	02	10	1
27	344	2	88	2	01	1	11	75	02	10	1
28		2	88	2	01	1	11	75	02	10	1
29	344	2	88	2	01	1	11	75	02	10	1
30		2	88	2	01	1	11	75	02	10	1

## JUNHO DE 1812.

MAPPA DE OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS feitas no Gabinete de Physica Experimental (as do Barómetro, Thermómetro, e Hygrómetro) e no Hospital (as do Anemómetro) da Universidade de Coimbra em todo o mez. — *A explicação do Mappará no fim.*

Dias do mez.	Hor.	Min.	Barómetro.			Thermómetro.		Hygrómetro.		Anemómetro.	Estado do Céo.
			Pol.	linh.	4. tos de lin.	gr.	4. tos de gr.	gr.	4. tos de gr.		
1	m.7		27	11		16	3	84		SE.	c.
	12		27	11	1	17	3	82	2		
	t.10	30	27	11	3	16	1	86	2	O.	c. nev.
2	m.9		27	11	3	17	3	84		SSO.	a. n.
	11		27	11	2	18		82			c.
	t.10	30	27	11	3	17		88		O.	c. nev.
3	m.9		27	11	2	17		86	2	N.	c.
	12		27	11	1	18	2	83			m. n.
	t.10	30	27	11	1	16	2	88	2		
4	m.9		27	11		16		90		NNE.	m. n.
	11	15	27	11		18	2	80	2		
	11	30	27	11	1	18	2	81	2		
	t.10	30	27	11	3	17		86	2	NO.	c. nev.
5	m.8		27	10	2	18		84		NNE.	m. n.
	9	45	27	10		19	2	82			
	10		27	9	2	17	2	87		ONO.	c.
6	m.6		27	8	3	17		86			c.
	10		27	8	2	18	3	83		O.	m. n.
	t.2		27	8	2	18	3	82	2		
	10	30	27	8		17	3	87			
7	m.9		27	8	2	16	3	88		S.	ch.
	10		27	8	2	16	2	89			c.
	12		27	8	2	18	3	82	2	SSO.	m. n.
	t.10	30	27	9	3	17	2	87	2		
8	m.7		27	10	1	18	3	84	2	E.	a. n.
	10		27	10	2	20		82			
	t.4	45	27	10	3	20		85			
	10	30	27	11	1	18	3	85	2	S.	
9	m.7		28			18		86			c. nev.
	9		28		3	20	1	83	2	ONO.	a. n.

Dias do mez.	Hor.	Min.	Barómetro			Thermómetro.		Hygrómetro.		Anemómetro.	Estado do Ceo.
			Pol	linh	to de lin.	gr.	to de gr.	gr.	to de gr.		
10	t.2		28		3	20	2	85			c. nev. a. n.
	10 30		28	1		19		88			
	m.9		28		3	20	2	85	N.		
	t.3		28		1	22		82			
	4 45		28		1	21	3	82	2		
11	7		28	1		19	3	87		NO.	c.
	10 30		28		1	19		88			
	m.7		28		1	19		87		N.	c. nev. a. n.
	9		28			21		84	2		
	11 30		28			21		83	2		
12	t.4 45		28			20	3	85		ONO. NNO.	a. n.
	m.9		27	11	3	20		84	2		
	t.3		27	11	2	20	2	83	2		
	10 30		27	11	2	19	1	85		ONO.	c. nev. c. nev. a. n.
	m.6		27	11	1	18	3	85			
13	7		27	10		18	3	85			
	9		27	10		19	1	84		NO.	
	10		27	10	1	19	3	83	2		
	10 30		27	10	2	18	3	85			
	m.9		27	10	3	20		85			c. m. n.
14	11 30		27	10	3	20		78		NO.	
	t.7		27	11		19	1	81			
	10 30		27	11	2	19		82	2		
	m.7		27	11	1	19	2	82	2		a. n.
	9		27	11	2	20		81		NNO.	
15	12		27	11	2	20	2	80			
	t.5 15		27	11	2	19	3	80			
	10 30		27	11	3	18	2	84			
	m.7		27	11	3	19	3	82		NNE.	m. n.
	9		27	11	3	19	3	80	2		
16	12		27	11	3	20	1	79			ch. m. n.
	t.5 30		28			19		78		N.	
	10 30		28			17	2	80			
	m.7		28			19	1	77	2	NE.	c. m. n.
	9		28		1	19	1	75	2		
17	t.1 30		28		2	19		71	2	N.	
	10 30		28		2	17	2	78			
	m.7		28		2	18	3	77	2		s. n.
	9		28		2	19	2	73	2	NE.	
	12		28		2	19	3	72	2		

Dia: do mez.	Hor.	Min.	Barómetro.			Thermo- metro.		Hygío- metro.		Anemó- metro.	Estado do Ceo.
			Pol	linh	4. <sup>tes</sup> de lin.	4. <sup>tos</sup> de gr.	4. <sup>tos</sup> de gr.	4. <sup>tos</sup> de gr.			
19	t.10	30	28			18	2	78			
	m.9		27	11	3	20	1	76	2	N.	a. n.
	12		27	11	1	19	2	76	2		
20	t.3		27	10	3	19	2	75	2		
	10	30	27	10	2	18	2	81	2	NO. OSO.	c. ch. c.
	m.7		27	9	1	18	1	81			
	9		27	9	1	18	2	82	2		
	12		27	9		18	3	84			ch. c.
21	t.2	30	27	9		18	2	85	2	NO.	c.
	10	30	27	9	1	17	2	83	2		
	m.7		27	9	3	18		82	2		m. n. c.
	9		27	10		18	3	80		ONO.	m. n.
	12		27	10	1	18	3	78	2		
22	t.3		27	10	1	18	3	78			
	10	30	27	11		17	2	80			
	m.7		27	11		17	2	81		E.	m. n. c.
	9		27	11		18	2	80			
	t.3		27	11	2	18	3	75		ONO.	a. n. c.
23	10	30	28			17	2	78			c.
	m.7		27	11	3	17	1	79	2	ENE.	c.
	9		28			18	1	79			
	12		28			18	3	79			
	t.3	45	28			19		78	2		
24	10	30	28			17	1	82		NO. NNE.	a. n. a. n.
	m.7		28			19		80			
	9		28			20		79	2		
	t.5		28			20		78		N.	
	10	30	28			18		80		NNO.	a. n.
25	m.7	30	27	11	2	19		79			
	9		27	11	2	19	2	78			
	11		27	11	2	20		77			
	12		27	11	2	20		77	2	NO.	
	t.4	30	27	11		20		78	2		
26	10	30	27	11		18	3	82		NNE.	c.
	m.7		27	10		18	3	81	2		a. n.
	9		27	10		19	3	80			
	12		27	10		20		78	2	NNO.	
	6		27	9	3	19	1	83			c.
10	30	27	9	3	18	3	83				

Dias do mez.	Hor.	Win	Barómetro.			Thermómetro.		Hygrómetro.		Anemómetro.	Estado do Ceo.
			Pol.	linh	4. <sup>to</sup> de linh.	gr.	4. <sup>to</sup> de gr.	gr.	4. <sup>to</sup> de gr.		
27	m.6		27	9	3	18	1	84		ONO.	c. ch.
	7		27	9	3	18		83	2		a. n.
	9		27	10		19	1	80			
	t.4	30	27	10	3	18	2	87			a. n.
28	10	30	27	11	1	17		81		N.	
	m.8		28			16	2	81			s. n.
	9		28		1	19	1	77			
	11		28		2	19	2	76		N.	
	12		28		1	19		76			
	t.5	15	28		1	18		76	2		
29	10	30	28		1	17	2	79			
	m.8		28		1	17		80	2	NNE.	s. n.
	9		28			18	2	79			
	10	30	28			20		77			
	11	30	28			19	3	76	2		
30	t.10	30	27	11	2	17	1	83		NO.	
	m.7	30	27	11		19		79	2	NO.	s. n.
	9		27	11		19	2	79			
	12		27	11	1	20		79			
	t.4		27	11	2	20		79			
	10	30	27	11	2	18	3	81		ONO.	

N.B. Explicação do Mappa. — O Thermómetro he o de Reaumur. — m. (na columna das horas) = manhã. — t. (na dita columna) = tarde. — As horas, que não forem precedidas de alguma d'estas letras, pertencem á immediata superior.

*Anemómetro.*

N. = Norte. — S. = Sul. — E. = Este. — O. = Oeste. — NE. = Nordeste. — NO. = Noroeste. — SE. = Sueste. — SO. = Sudoeste. — NNE. = Nor-nord-este. — NNO. = Nor-noroeste. — ENE. = Es-nord-este. — ESE. = Es-su-este etc. — N'esta columna qualquer letra indica o vento dominante até á letra immediatamente inferior.

*Estado do Ceo.*

a. = algumas. — n. = nuvens. — nev. = nevoa. — m. = muita. — ch. = chuva. — v. = vento. — s. = sem. — c. = coberto. — m. a. p. = deve entender-se n'aquelle genero ou numero, em que estiver o substantivo seguinte.

## Corollarios, e Notas.

I. A maxima pressão da atmospherá foi de 28 pol. 1 lin. no dia 9 ás 10 h. da noute. Vento ONO. e no dia 10 ás 7 h. da tarde. Vento NO.

II. A mínima pressão da atmospherá foi de 27 pol. 8 lin. em todo o dia 6. Vento O. e no dia 7 ás 9, 10, 12 h. da manhã. Vento S.

III. A maxima temperatura da atmospherá foi de 22 gr. no dia 10 ás 3 h. da tarde. Vento N.: e a mínima de 16 gr. no dia 4 ás 9 h. da manhã. Vento NNE.

IV. O maximo gr. d'humidade foi de 90 gr. no dia 4 ás 9 h. da manhã. Vento NNE. e o mínimo de 71½ gr. á huma h. da tarde no dia 17. Vento N.

V. Em horas do dia iguaes ás da noute, foi pequena a differença de temperatura da atmospherá assim n'este mez, como no passado. No dia 29 ás 10 h. da manhã foi o calorico thermometrico da atmospherá de 20 gr., e ás 10 h. da noute de 17¼ gr. Foi pois a maxima differença de temperatura entre noute e dia de 2¾ gr.

VI. No dia 7 ás 10 h. do dia foi a temperatura da atmospherá mais baixa, que ás 10 da noute; porque nesta hora foi de 17½ gr., e n'aquella de 16½ gr.

VII. A maxima temperatura da atmospherá em Janeiro esteve para a de Junho :: 10:22: e a mínima :: 5:16.

VIII. Em todas as manhãs, em que o sol esteve descoberto, se observava o thermómetro ao Sol. A maior differença da observação á Sombra para a observação do Sol foi, no dia 11 ás 9 h. da manhã, de 11 gr.; achando-se o Thermómetro á Sombra em 21.º, e ao Sol em 32.º.

IX. Continuando a dar conta das observações, como no Corollario XIII. pag. 348.

1.º do mez choveo pouco, e por pouco tempo, pelas 9½, 12 da manhã, e 6 da tarde.

7. — 9 h. da manhã chuva por pouco tempo, e miuda.

16. — meio dia, chuva miuda por 6 minutos.

19. — 10½ da noute, o mesmo.

20. — desde as 5½ h. da manhã até ás 2 da tarde, choveo pouco, e a intervallos.

21. — Choveo de manhã, mas pouco.

27. — Desde as 5½ h. até ás 6½ choveo muito.

No mez de Junho pois choveo em 7 dias, a saber, 1, 7, 16, 19, 20, 21, 27. Toda a quantidade de chuva foi de 14 lin.

X. A quantidade d'agoo evaporada em todo o mez foi de 16 lin. estando á sombra o vaso, que contém aquelle fluido.

XI. A observação do Anemómetro faz-se quasi todas as horas: na competente columna porém só se assenta a pluralidade da manhã, e a da tarde; e assenta-se huma vez sómente, quando esta coincide.

---

M E D I C I N A.

*Balanço do Hospital Real de S. José de Lisboa no mez de Maio de 1812.*

Doentes.

Ficárão do mez de Abril . . . . .	699
Entrárão em todo o mez de Maio . . . . .	766

Somma - 1:495

Sahirão curados . . . . .	440	} 556
Falecêrão . . . . .	116	
Ficárão para o mez de Maio . . . . .		939
Morreo menos da quarta parte.		

Dinheiro.

Receita da vendagem do Terreiro . . . . .	5:704:540
Despeza em todo o mez de Maio . . . . .	9:547:942

## DO PHOSPHORO COMO MEDICAMENTO.

## IX.

*Usos do Phosphoro.**Em Chymica.*

Serve de eudiometro, isto he, para indicar a presença do gaz oxygenio, e as proporções, em que elle existe (\*).

Mostra a quantidade de calórico existente em hum dado volume do sobredito gaz (§).

Reduz muitos óydos metallicos, e altera consideravelmente as propriedades metallicas principalmente no estado de phosphoreto.

Decompõe alguns acidos principalmente o nitrico, d'onde resulta ás vezes inflammação.

(\*) Este meio de conhecer a presença do gaz oxygenio, e o seu volume, tem sido empregado por Lavoisier, Seguin, Fourcroy, e outros; para este fim toma-se hum tubo de vidro tapado de huma parte, e da outra aberto e mais largo; enche-se de mercurio, emborca-se na *tina hydrargyro-pneumatica*; introduz-se-lhe hum bocadão de phosphoro, que tendo menos pêso especifico, que o mercurio, vai occupar a parte superior do tubo, isto he, o seu fundo; aquecta-se o tubo pela parte externa até se fundir o phosphoro; introduz-se-lhe pouco a pouco o ar, em que pretendemos fazer ensaio, cujo volume tem sido exactamente determinado: acabada a operação examina-se o volume do residuo, e a differença dos dous volumes mostra a quantidade de gaz oxygenio existente no ar submittido á experiencia, cujo radical se combinou com o phosphoro. Quando não ha diminuição he quasi certa a não existencia do gaz oxygenio (Vol. IX. dos Ann. de Chym. Mem. de Seguin). Humboldt assegura que este eudiometro não he exacto, porque sempre restão duas ou tres centessimas de gaz oxygenio depois da analyse do ar pelo phosphoro.

(§) Pela combustão rápida do phosphoro o gaz oxygenio abandona maior quantidade de calórico do que pela combustão de outro qualquer corpo, e por senão poder avaliar essa pequena quantidade, que resta no oxygenio combinado com o phosphoro, nas experiencias se reputa nulla.

A sua combinação com o oxygenio formando óxydo, e os dous acidos phosphoroso e phosphorico, he de grande uso no jôgo das afinidades.

*Em Economia domestica.*

Accende promptamente o fogo tanto no estado de pureza, como de combinação com o enxofre, para cujo fim se empregão ordinariamente as vélas phosphoricas, em que entra ou sómente o phosphoro, ou este combinado com o enxofre, o que torna a inflamação ainda mais prompta e duravel: igualmente se empregão os petiscos phosphoricos. Póde mesmo usar-se o phosphoro sem preparação alguma para accender fogo, basta simplesmente esfregallo para se inflamar, porém este meio não he tão commo como os antecedentes (\*).

(\*) Parece-me conveniente expôr o modo de preparar e usar tanto das *vélas phosphoricas*, como dos *petiscos phosphoricos*: as primeiras preparão-se da maneira seguinte: introduzem-se em hum tubo de vidro, de 4 polegadas de comprimento pouco mais ou menos, e 1 linha de largura, fechado de huma extremidade, muito menos de hum grão de phosphoro, e hum fio de algodão molhado em cera; fecha-se ao *magarico* a outra extremidade, e depois mergulha-se em agoa a ferver a parte, que d'antes estava fechada; passado algum tempo tira-se, e guarda-se; e quando se quer accender fogo, quebra-se o tubo da parte que não foi mergulhada, puxa-se pelo fio rápidamente, e ao sahir do tubo já vem inflammado.

Para se prepararem os *petiscos* pratica-se do seguinte modo: lança-se hum bocado de phosphoro dentro em hum frasquinho, e depois mette-se no dito vaso a ponta de hum fio de ferro em brasa: o phosphoro se funde, e pega ás paredes do frasco, e principia a inflammarse; tira se depois o fio, e tapa-se de repente o frasco para se apagar a chamma. Quando se quer accender fogo, introduz-se no frasco a extremidade de huma torcida d'enxofre, e esfrega-se hum pouco, e tira-se accessa: tapa-se immediatamente o frasco, que póde servir para muitas vezes.

Relação dos Estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, que tendo-se matriculado, frequentado, e provado os seus respectivos annos, fizeram finalmente os seus Exames, e forão n'elles approvados Nemine Discrepante: no mez de Junho.

(Continuada da pag. 369.)

1.º Anno.

- Luiz Pedro de Sande.  
Objecto da Dissertação d' Acto. — *Humano foetus alantois nulla.*  
O feto humano não tem membrana alantoidea.
- Dia 9. { João Bernado de Sousa.  
*Textus uteri proprius non muscularis, sui vero generis habendus.*  
Não he muscular, he *sui generis*, o tecido proprio do utero.
- 
- Lourenço d' Assís Pereira da Cunha.  
*Lienis membrana fibrosa.*  
A membrana propria do baço he de natureza fibrosa.
- 10. { Manoel Francisco de Medeiros.  
*Lamina, durae-matris interna dicta, arachnoideae tribuenda.*  
A lamina, chamada interna da dura-mater, pertence a arachnoidea.
- Mariano Simões.  
*Amnios, foetus epidermidi quamvis continua, serosas inter membranas locanda videtur.*  
O amnios, posto que seja continuação da epiderme, pertence ás membranas serosas.
- 11. { Antonio Joaquim Barjona.  
*Testis vaginalem tunicam peritonci productionem, tamquam probabilius propugnabimus.*  
Defenderei, como mais provavel, que a tunica vaginal do testicula he continuação do peritoneo.

2.º Anno.

- Francisco Antonio Manso.  
*Inter synoviae secretionem indagandum exhalatio praeponenda.*  
A synovia he hum dos liquidos exhalados.
- Dia 2. { Francisco Antonio Fino Leitão.  
*Alibilium ventriculique liquidorum natura, ejusdem organi vita atque motus, omnia digestioni necessaria praestant.*  
A natureza dos ingestos, e dos liquidos digestivos, a vida, e o movimento do estomago, eis-aqui quem faz a digestão.
- 3. { João Baptista Rebello da Costa.  
*Uteri plethora circa pubertatis tempora menstrui primi causa.*  
A plethora uterina na puberdade he a causa da primeira menstruação.
- João Alexandrino de Sousa Queiroga.  
*Quorumquorum muscularum contractionem a nervo actu, prout irritamentum, proxime pendere probabilius.*  
Toda a contracção muscular depende immediatamente da acção nervosa, como estimulo.
- José Joaquim Pereira Rosa.  
*De voce, et loquella.*  
Da voz, e da falla.
- 4. { Joaquim Pinto da Silva.  
*In vitae proprietatum exercitio, secernentiumque organorum in materiem actione, secretionum causa rimanda.*  
He ao exercicio das propriedades vitaes, e á acção dos órgãos secretorios, que, havendo materia, as secreções se devem.
- 6. { Manoel José de Moura.  
*Animalium calóricum a compositis, denuoque decompositis deducendum.*  
O calórico animal deve-se a composições e decomposições.

Clemente José Dias.

*Muscularis uteri contractio ad partum minime necessaria.*

He desnecessaria fibra muscular no utero para explicar as suas contracções no parto.

- 8. { Antonio José Lopes Pereira.  
       *In arteriis minime irritabilitas.*  
       As arterias não tem irritabilidade.

4.º Anno. — Tomarão o Gráo de Bacharel.

Dia 2. { Ignacio Antonio da Fonseca Benevides.  
       Manoel José Ribeiro.

— 3. { José Ignacio Pereira Derramado.  
       Antonio José de Lemos.

— 4. { Francisco Ignacio Pereira Rubião.  
       Dr. Joaquim Franco da Silva.

— 6. { José de Moura Castanho.  
       Antonio Eliseu Vito de Macedo.

— 8. { José Francisco de Freitas.  
       José Antonio Alves.

— 9. { José Lino dos Santos Coutinho.  
       Sebastião d' Almeida e Silva.

— 10. { Caetano José da Costa.  
       Theodoro Joaquim da Maia.

Hão de continuar no mez seguinte os Exames do 3.º Anno; e hão de fazer-se as Formaturas.

He provavel que lancemos n'este nosso Periodico algumas das Dissertações aqui annunciadas dos Estudantes examinados do 2.º Anno. Estas Dissertações são em Latim; crémos porém que os seus Authores as traduzirão em Portuguez; e assim as lançaremos.

*Methodo novo de curar segura e promptamente o Antraz ou o Carbunculo, e a Pustula maligna. Por Luiz de Santa Anna Gomes. Rio de Janeiro. Em 8vo. 32 pag.*

Agradecemos ao nosso amigo e companheiro de Profissão, Bernardino Antonio Gomes, aquelle Folheto, de quem o recebemos.

Elle não contém, nem affecta conter, idéas novas. O seu A. mostra com tudo muita lição, e que sabe, na sua distincta e util Profissão, separar o bom do máo, escolher do bom o optimo, e que possui demasiada candura para não extorquir ou diminuir a gloria da Invenção a quem ella pertence. Oxalá que o A. não interrompa, e que faça quanto antes públicos, os trabalhos, que diz ter debaixo da penna sobre a Therapeutica Cirurgica.

Nós daremos d'esta Obra hum extracto brevissimo, mas que apresente as boas e uteis idéas do A. (idéas, que convém muito vulgarisar) no conhecimento e tratamento do Antraz ou Carbunculo, huma e a mesma molestia. Nós daremos, 1.º a definição do Carbunculo; e a differença entre elle e algumas outras molestias; com que alguma vez se tem confundido: 2.º o tratamento geral desta molestia: 3.º o seu tratamento, como especifico.

1.º *Definição do Carbunculo: differença entre esta, e algumas outras molestias.*

O Antraz ou Carbunculo he huma molestia local.

Heister define o "Carbunculo huma especie particular de inflammação, que acontece principalmente em tempo de peste, e que he acompanhada de vesiculas semelhantes ás que a queimadura e os vesicatorios fazem elevar sobre a superficie da pelle. Esta inflammação de ordinario se termina apressadamente pela gangrena; faz-se negra, e corroe muitas vezes as partes, que lhe são inferiores, privando-as da vida, e de sentimento, denegrindo-as de repente, como o carvão...."

"Não he sómente (diz Richerand, quando descreve o Antraz ou Carbunculo e a Pustula maligna) pela fraqueza do pulso e a prostração das forças que se reconhecem as inflammações gangrenosas taes como o Antraz e a Pustula maligna: o caracter da parte affectada, a influencia das causas, a que o doente tem sido exposto, servem a fazella distinguir das outras inflammações. Assim a côr do Carbunculo he livida, a vermelhidão inflammatoria,

exactamente limitada, não se dissipa insensivelmente indo do centro para a circumferencia: na Pustula maligna hum slictena ou empôla se fórma, a pelle toma a côr vermelho-pálido, a inchação parece ser combinada do estado edematoso e inflammatorio; em fim a parte affectada offerece hum aspecto cadaveroso. . . .”

*Enaux* e *Chausier* descrevem o Carbunculo por quatro diferentes periodos.

I. “O virus, sendo absorvido pela pelle, obra lentamente. Ha hum ligeiro prurido, sem dôr, nem inflamação; depois vê-se huma vesicula serosa, que não excede a hum grão de milho, mas que cresce pouco a pouco, e faz-se trigueira: o prurido vem por intervallos, e apparece huma ou duas gotas de huma serosidade avermelhada. . . .”

II. “Offerece a formação de hum pequeno tuberculo duro e renitente, ou antes, hum pequeno tumor movel, duro, e circunscrito, tendo a fórma lenticular. A pelle faz-se livida e averdoengada no fundo da vesicula; o prurido faz-se incommodo, e manifesta-se hum sentimento de calôr, d'erosão, e de queimadura. A pelle ingorgita-se, e fórma-se no tecido reticular huma sorte de circulo de diversas côres, com pequenas slictenas isoladas no principio, depois reunidas, cheias de huma serozidade vermelha: o tumor primitivo faz-se trigueiro, duro, insensivel; isto he, hum ponto gangrenoso. . . .”

III. “O tecido celular ingorgita-se, o centro do tumor faz-se mais duro, e inteiramente negro, a escara gangrenosa augmenta, o circulo vesicular alarga-se por grãos, e fórma huma elevação em torno do nó primitivo; e sobrevem huma inchação consideravel, que não he nem inflammatoria, nem edematosa; mas que tem apparencia de meteorismo, e de arisipela, e assemelha-se a huma inchação elastica, e renitente, que ameaça a parte de estrangulamento, e de estupor. . . .”

IV. “Em fim o mal não he mais local; ha infecção geral, e symptomas de huma febre ataxica que se manifesta no grão mais intenso; taes como hum pulso pequeno, concentrado, desigual, huma lingua arida, a pelle seca, calôr abraçador, interiormente, sede inextinguivel, sincopes, cardialgias, respiração curta, e convulsiva, delirio, e huma decomposição pôdre antes da morte. . . .”

Quando no Carbunculo as pustulas vem logo negras ou lividas, dá-se á molestia o nome de Pustula maligna, he huma e a mesma molestia em qualidade; o perigo porém, com que esta ameaça, he maior.

“O Furunculo he hum pequeno tuberculo duro, acompanhado d'inflamação, de vermelhidão, e dores vivissimas. Tem a sua séde debaixo da pelle, e no tecido gordurozo, e não ha parte que lhe não seja sujeita. . . .”

“Cada especie d'inflamação tem sua côr particular; a sa-

ber, a Erisipela tem a côr vermelha-rosada; o fleimão agudo, vermelho-vivo; o vermelho-roxo, e mesmo negro pertence ao Antraz. . . . ,

2.º *Tratamento geral do Carbunculo. Estimulantes.*

Tem sido diferentes os methodos atégora adoptados no curativo do Antraz ou Carbunculo, e Pustula maligna; agradando a huns cataplasmas emolientes, e supurativos; applicando outros supurativos fortes; outros praticando logo a sarja, e separação da côstra gangrenosa, recorrendo aos estimulantes e tonicos separadamente. Esta incoherencia será talvez effeito de se ter muitas vezes confundido o Antraz com o furunculo mais volumoso, etc.

Richerand "reprovando os chamados antiflogísticos ou debilitantes interna e externamente diz que não fazião senão augmentar a fraqueza: ordena os cordiaes os mais energicos; entretanto que applica topicamente os irritantes, ou mesmo o caustico sobre a parte inflammada. Esta cauterisação por meio do fogo, do muriato de Antimonio liquido, ou do acido sulphurico he indispensavel no tratamento do Carbunculo e da Pustula maligna. Os remedios fortificantes, as cataplasmas feitas com substancias acres e irritantes não bastão para levantar a acção vital entorpecida. He mister cauterisar a parte tocada d'inflammação gangrenosa. Eu tenho muitas vezes retido (continúa Richerand) pela applicação do muriato d'antimonio liquido os progressos da gangrena nos antrazes da face. . . . n'estes casos a administração do vinho tomado por bebida ordinaria, os julepos camphorados, as bebidas cordiaes, devem ser combinadas com a applicação dos causticos. ,,

"Empregão-se os causticos, estimulantes, a pedra de cauterio, a dissolução nitrosa de prata, o acido muriatico. Serve-se depois dos topicos, onde entra o cozimento de quina, as agoas camphoradas e aromaticas; e o interior deve ser, como na febre pôdre ataxica, e mesmo a pestilencial.

Já antes do A. muitos Cirurgiões antigos do Rio de Janeiro, entre os quaes se contão João Adolfo, e Antonio Mestre; e mais modernamente João Baptista Darrigue, Ildefonso José da Costa e Abreu, e Antonio José Pinto, seguirão o methodo estimulante, do qual passavão rapidamente á sarja, e separação da côstra gangrenosa. Ha já hum seculo que o nosso insigne Ferreira applicava n'esta terrivel molestia os remedios poderosos e activos, sarjando o proprio Carbunculo.

He conforme ás boas idéas geraes, sobre o tratamento do Antraz, a prática tradicional da gente do campo no Paiz do A. "logo que apparece o Carbunculo, tratão de o sarjar, fazem golpes em cruz, e mesmo extirpão a côstra gangrenosa, e tumor, applicando-lhe em cima huma cataplasma composta d'hortelã, fu-

mo verde, picão preto, alho, e sal marinho, e varias plantas indigenas estimulantes.

3.<sup>o</sup> Remedio, como especifico, no tratamento do Carbunculo. Opio.

Ducros, Medico de *Sainte-Tulle*, applicou pela primeira vez opio topicamente no Carbunculo, e com grande successo. Tratando de hum Carbunculo na face de hum homem, que tinha já agônias e desmaios, o pulso pequeno, a face hypocratica; e procurando assim mesmo evitar sarjas e deformidades, applicou sobre a vesicula hum emplastro de opio em substancia; a escara gangrenosa se limitou, huma supuração de boa qualidade se estabeleceo, e todos os symptomas espantosos se dissiparão. Desde então mais de cincoenta Pustulas malignas tem sido assim curadas como por encantamento. Do momento que a Pustula apparece, cobre-se de hum ou dous gr. de opio, o que se renova no dia seguinte: se ha inflammação, inchação ao redor da Pustula, serve-se de huma cataplasma de miolo de pão, largamente regada de laudano liquido: se ha algum signal de inflammação, ou se a inchação edematosa opprimia a respiração; faz-se huma sangria, e se empregão os remedios interiores que os symptomas indicão. Quando a Pustula he simples, só o emplastro de opio cura. Depois que este remedio he empregado, não tem morrido em dez annos hum só enfermo d'este mal entre os moradores de *Sainte-Tulle*. Se por negligencia, ou defeito de tratamento, se tinha para combater huma gangrena que tivesse feito progressos consideraveis; seria preciso cobrir a ulcera com o pó de carvão da cozinha: he este o mais poderoso antiseptico, que nós conhecemos: nós o temos empregado muitas vezes com successo em diversas circumstancias espantosas, e onde todos os signaes de huma morte proxima se fazião já muito apparentes. Todas as vezes que se tiver hum fóco de putrefacção para se destruir, o carvão obrará além de toda a esperança.

O A. consigna no estimavel Folheto, que temos á vista; seis observações proprias de Carbunculos em pessoas de ambos os sexos, diferentes idades e circumstancias, curados perfeita facil e brevemente com a cataplasma de miolo de pão embebida de laudano liquido, renovada de 6 em 6 horas, applicando immediatamente á chaga; quando formada, mas com muita sensibilidade, hum digestivo composto de gemma d'ovo com laudano liquido, e por cima de tudo a mesma cataplasma: internamente tinctura de quina, vinho, purgantes, etc. conforme as circumstancias exigião. Quando o opio era em pequena quantidade, alguma vez a molestia não cedia; mas cedia logo que a quantidade d'opio se augmentava.

*Resumo das operações militares do mez de Junho de 1812.*

As Divisões do 1.º Exercito Hespanhol tiveram alguns encontros, sendo o mais notavel o de 26 de Maio em Molins de Rei. — O 2.º e 3.º Exercito continuou a operar, parte ás ordens de Bassecourt na raia oriental do Reino de Murcia, observando as tropas inimigas de Valencia; parte commandada por Freyre no Reino de Granada distrahindo as forças de Soult. — As Divisões moveis do 4.º Exercito commandadas por Ballesteros atacarão o inimigo fortificado em Bornos, porém forão repellidos, e soffrêrão grave perda. O resto do 4.º Exercito conservou-se na Ilha de Leão. — O General Hill, e o 5.º Exercito continuarão a manobrar na Estremadura: as tropas de Soult carregarão em maior força para este lado, procurando chamar a attenção de Lord Wellington; porém Hill recuou, e fortificou-se em Albuera; o inimigo então, não se determinando a atacallo, retirou-se. — O Exercito de Lord Wellington entrou a 17 em Salamanca, que havia sido evacuada pelas tropas de Marmont deixando tres fortes guarnecidos com 800 homens e 30 canhões. D'estes fortes dous forão tomados de assalto, e hum capitulou, tudo no dia 27 do corrente. Tomados os fortes, Marmont retirou-se sobre Toro e Tordesilhas; e o Exercito Alliado avançou, e acampou sobre o Guarena. — O 6.º Exercito sahio das suas anteriores posições, a 14 approximou-se de Astorga, e a 17 começou a collocar artilheria para dar principio ao cerco d'esta praça. — A Divisão de Bonnet, que a 19 de Maio tinha entrado novamente em Oviedo, e occupado as Asturias, em consequencia dos acontecimentos de Salamanca, e da retirada de Marmont, tornou a evacuar o Principado, a 15 de Junho, dirigindo-se pelas alturas de Pajares para se unir ao Exercito de Marmont. — Na Biscaia, Navarra, Aragão e Castellas, continuarão a manobrar as Divisões e columnas volantes Hespanholas, tornando cada vez mais difficultosas as communicações das tropas inimigas, e mais arriscadas as marchas das suas pequenas columnas, e combois.

Entre os muitos effeitos espontaneos da exultante alegria pela Victoria nos Campos de Salamanca, houve a illuminação de toda a Lisboa em duas noites: huma, em que constou aqui, e logo com certeza, os Louros que as tropas alliadas tinham colhido naquelles Campos na tarde do dia 22 de Julho, e outra quando depois de ter chegado o Despacho de Lord Wellington sobre o certo e seguro pedestal da Independencia da Peninsula, e do socêgo de Portugal, indo para longe o theatro da guerra, se celebrou so-

lemnissimo *Te Deum*, houve salvas, e todas as demonstrações públicas dos sentimentos que nos corações trasbordavam.

Em occasiões taes he sempre de capricho a illuminação de José Pedro, no Rocío. Na primeira noute havia entre a illuminação o retrato de Lord Wellington com muitos, e appropriados emblemas inferior e lateralmente. Superiormente havia huma fita, e nella a seguinte inscripção :

Por ti Britania e Lysia excedem Roma.

Ao lado direito do retrato, lia-se :

Basta, oh Wellington! Menos iracundo  
Vê, se ao Córso mais louros se depáráo;  
Os qu' outr' hora extorquiu do vasto Mundo  
Debaixo de teus pés já se murcharão.

Ao lado esquerdo havia :

E tu, oh Beresford, se assim derrubas,  
E onde vás, em ti levas a Victoria,  
Ser-te-hão da Fama poucas as cem Tubas,  
Estreito o Templo da immortal Memoria.

Na segunda noute era o mesmo o plano d' illuminação, e decorações. As inscripções erão :

Superiormente.

E's d' Europa e do Mundo firme Esteio.

Ao lado direito.

Ao raio, oh Wellesley, qu' a mão t' adorna,  
Já cahirão Junot, Soult, e Massena;  
Cahe Marmont, e s' humilde á paz não torna  
Tema igual sorte o vandalo do Sena.

Ao lado esquerdo.

Luso, Anglo, Hybéro, na sanhuda guerra,  
Mãos se dérão, quem ha que lhes resista?  
De ser dos tres sómente a longa Terra  
O momento feliz talvez não dista.

He no dia 12 de Agosto o Anniversario Natalicio do Principe Regente d'Inglaterra, JORGE, que ha de ser IV. Illuminou-se neste dia Lisboa; e na illuminação do mesmo José Pedro havia o retrato daquelle Principe, nosso Amigo; e

Ao lado direito.

A' luz, que sôbre o Throno d'Inglaterra  
 Reflecte, ó novo Heroe, teu almo dia,  
 O Côrso treme; e sôbre a Lusa Terra  
 Ergue-se a Glória, espalha-se A'legria.

Ao lado esquerdo.

Ao fausto asylo do terceiro JORGE  
 Acolheo-se a Européa liberdade;  
 E por mais que a ambição maquine, e forje,  
 Renova o Quarto de Saturno a idade.

SONETO (\*).

Nos olhos pranto em fio, a voz magoada,  
 Sôltas as tranças, macilento o rosto,  
 Lysia envôlta na dor de acre desgosto,  
 Busca de Jove a divinal morada.

O Throno avista, eis geme, eis assim brada:  
 Oh Deos, se ao mal de Lysia és sempre opposto,  
 Como derramas fel nos bens, no gôsto,  
 Com que hoje me acclamava afortunada:

Jaz Frido Beresford! Se a fatal sorte  
 Me rouba o General, detesto a gloria,  
 Que supportar me faz perda tão forte.

Não temas, Jove diz, goza a Victoria.  
 Que a vida lhe respeite ordeno á Morte.  
 E o Tempo guardará sua Memoria.

Chapuzet.

(\* ) Telegrapho Portuguez Num. 65.

Concluiu-se o Semestre, e em consequencia o 1.º Volume do Jornal, a que nos obrigámos. Com este 6.º, e ultimo Num. damos o Frontespicio, e Indice de todos os seis Num., ou do Volume.

Agradecemos muito Obras tão importantes como as que se nos tem dirigido, e de que só temos lançado huma mui pequena parte; porque a pequenez dos Folhetos nos não permittio mais. Projectámos augmentallos, mas no atrazamento de publicação, em que estamos, não nos attrevemos a isso. As medidas tomadas por nós, crêmos nós, mui brevemente em dia este nosso trabalho; e para o Semestre seguinte poderemos satisfazer aos nossos desejos.

Começámos a lançar os preços de todos os generos do Terreiro de Lisboa. Projectámos lançar os preços dos generos do Paiz nas principaes Povoações de cada huma das Provincias do Reino; parecendo-nos curiosa, e hum pouco interessante a comparação deste objecto em muitos e differentes pontos de Portugal.

Projectámos igualmente dar em cada hum dos nossos Num. noticia da Vegetação por todo o Portugal; parecendo-nos de mui-ta, e mui util curiosidade, e ainda d'instrução Botanica, a noticia de como qualquer mez tinha recebido os vegetaes, e seus fructos: o que no decurso do mesmo mez lhes tinha succedido assim a favor, como contra, e o motivo: e como finalmente o mesmo mez tinha entregado os vegetaes e fructos ao mez seguinte.

Lançámos nos nossos Num. 1.º, 2.º, e 3.º as principaes noticias politicas, e militares do mez; pareceo-nos bem que apresentassemos em hum ponto de vista, e em fórma historica, todos estes objectos d'importancia derramados pelos Periodicos Portuguezes em todo o mez.

A noticia sobre aquelles tres objectos, Preço dos generos por todo o Reino, Vegetação, Factos politicos e militares, pareceo-nos ainda da mesma importancia, dando-se poucos dias depois do fim do mez: a publicação porém, já em Agosto, do que a este respeito houve em Maio, pareceo-nos deslocada, e de pouco interesse. Ommittimos portanto (pag. 379, 384, 420) este tres artigos, e os ommittiremos em quanto andarmos atrazados em publicação, o que talvez nos não succeda muito tempo.

He nosso proposito não analysar Jornaes; mas se em algum Portuguez nos parecer alguma vez que ha inexactidão historica, ou lapso de penna em desdouro dos Portuguezes, pedimos licença para o notar com a sinceridade, que deve caracterisar os nossos escriptos. Ninguem terá mais percisão, que nós, de advogar a causa dos Jornalistas a respeito de precipitação em discorrer, estrever, e publicar. Se o conselho de Genuense he = *Nonum saltem post annum permitto.* = Ninguem imprima, sem decorare em

nove annos pelo menos depois da Obra concluída. = Se o conselho d'Horacio he = *Nonum que prematur in annum.* = que vale o mesmo, e que polimento, e perfeição se póde esperar em hum Escripto, que se faz á pressa para se remetter á imprensa?

O Jornalista impõe-se a espiuhosa obrigação de analysar as Obras, que se publicão, Escriptos ha, cuja leitura não póde deixar de picar o temperamento mais flegmatico, a constituição mais indolente: o primeiro effeito das primeiras impressões d'este estimulo he mais ou menos, mas sempre desordenado; e se n'esta occasião se escreve e se imprime logo, o mesmo, que escreveo, desconhece, quando já de sangue frio, os seus escriptos, desagradão-lhe na maior parte, mas já quando não tem remedio: *Nescit vox missa reverti.* (Hor.)

Eis-aqui o espirito, com que he de desejar que os Jornaes se leião; eis-aqui o espirito, com que nós lêmos desde que se começou a publicar, o *Investigador Portuguez*, de que começamos a fallar regularmente na pag. 391. Eis-aqui o que deve ter-se em vista, quando se lêr o que escrevermos sobre o mesmo Investigador.

He claro que nos não damos a este tão arduo, e tão aturado trabalho senão pela gloria, e interesse da nossa Nação. Seria de certo de sentimentos pouco liberaes, estaria em grande ignorancia do que a este respeito se passa pela nossa Terra aquelle, perante quem esta mais que verdade carecesse de demonstração. Parecerá em nós demasiado amor proprio persuadirmo-nos que entre tantos Portuguezes tão respeitaveis pelo seu saber, sejamos capazes de apresentar huma producção de gloria, e de interesse para a Nação, a que felizmente pertencemos, e a quem nós devemos em todas as nossas Faculdades. Persuadimo-nos porém que com os nossos curtos conhecimentos o nosso Jornal póde ser de hum merecimento relevantissimo.

¿Vivemos no meio de Sábios, e Sábios zelosos pela gloria da nossa Nação? de certo. Sempre esperámos que homens tão importantes nos dirigissem as suas producções até porque, arranjado o Escripto, d' incommodo só lhes festava mandallo ao Correio. Corrente a respeito de Licenças, não o póde ser mais o nosso Periodico: Licenças não demorão hum momento nem a impressão, nem a publicação d'este papel. Qualquer Author pois, que nos dirija a sua Obra, tem certeza de a vér lançada (se he de natureza, que o possa ser) no nosso Jornal, e isto com a possível brevidade, e com muita fidelidade. São estas Obras, que gearão grandes créditos para o nosso Jornal.

INDICE DO VOLUME I.

AGRICULTURA, E BOTANICA.

<i>Alvará sobre emprazamento de baldios</i> . . . . .	pag. 79
<i>Carta sobre a cultura das vinhas, figueiras, milho, e batatas no Algarve</i> . . . . .	162
<i>— sobre o melhoramento das lãs por encruzamento das raças</i> . . . . .	164
<i>— Regia sobre o soccorro para as Provincias invadidas</i> . . . . .	165
<i>Cera vegetal</i> . . . . .	10
<i>Decreto Francez sobre florestas</i> . . . . .	41
<i>Loteria Real Botanica</i> . . . . .	11
<i>Mappa estatístico da Villa da Mouta</i> . . . . .	417
<i>Memoria sobre a Agricultura do Algarve; por C. B. de Lobo</i> . . . . .	240, 315, 405
<i>Noticia sobre a Agricultura do Alem-Têjo</i> . . . . .	414
<i>Objectos geraes de Agricultura</i> . . . . .	415
<i>Portarias sobre Agricultura das Provincias invadidas</i> . . . . .	55
<i>Reflexões sobre a gandra d' Albergaria</i> . . . . .	79
<i>Sementeira do trigo mouro</i> . . . . .	162
<i>Transplantação do cravo da India, noz muscada, etc.</i> . . . . .	10

ARTES, E INDUSTRIA.

<i>Grande escada de Mr. Regnier</i> . . . . .	72
<i>Máquina para torcer a seda</i> . . . . .	9
<i>Tinta azul tirada da planta pastel</i> . . . . .	72

BIBLIOGRAPHIA.

<i>Biblia polyglota de Arias Montano</i> . . . . .	8
<i>Duas Dissertações publicadas em Copenhague</i> . . . . .	308
<i>Ensaio sobre as antigas Poemas dos Escandinavos</i> . . . . .	156
<i>Informe sobre a Lei agraria de Jovellanos</i> . . . . .	11
<i>Introdução á Geographia; por Mr. Scipion-Breislak</i> . . . . .	156

Lista de Livros sobre Medicina, Cirurgia, e Pharmacia, publicados na Grã-Bretanha em 1811 . . . . .	1, 65, 153, 227
— de Livros sobre outros ramos de Sciencias Naturaes . . . . .	230
Manuscripto Arabe sobre o uso da polvora, etc. . . . .	9
Memoria sobre a Historia de Corfú . . . . .	157
Noticia de diversos Jornaes sobre Sciencias Naturaes . . . . .	71
Obras de B. A. Gomes . . . . .	167
— de C. B. de L. Lobo . . . . .	168
Prospecto do Jornal de Coimbra . . . . .	I, 166, 379
Publicações Portuguezas do primeiro semestre de 1812 . . . . .	6,
68, 155, 232, 308, 399	
Reflexões sobre as listas dos Livros . . . . .	307

## C H Y M I C A.

Carta de A. de A. Travassos sobre alguns dos seus inven- tos . . . . .	359
— de L. de S. Oliva sobre phosphoro . . . . .	377
Indagações sobre as mudanças feitas no ar atmosferico pela germinação das sementes . . . . . etc.; por Dr. Ellis . . . . .	27, 86, 185
Memoria sobre a Barrilha; por L. de S. Oliva . . . . .	271, 353
Modo de obter o phosphoro, suas propriedades, e usos chy- micos . . . . .	371, 373, 428
Novos metaes descobertos por Davy . . . . .	351
Processos para fazer o frio artificialmente . . . . .	349

## C O M M E R C I O.

Alvará sobre os documentos dos Navios Portuguezes . . . . .	39
— sobre atanados . . . . .	ib.
— sobre isempções de direitos . . . . .	ib.
— sobre Commissarios volantes . . . . .	158
Aviso sobre entrada de vinhos . . . . .	74
Cambios, e Seguros em Lisboa no primeiro semestre de 1812 57, 75, 160, 234, 314	
Decreto Hespanhol sobre extracção do ouro . . . . .	77
— generos d' algodão . . . . .	ib.
— es Estanques de cordovões . . . . .	158
— Portuguez sobre importações da Asia . . . . . etc. . . . .	72
Generos e prata cunhada, que entrou em Cadiz, vinda da America Hespanhola, em 1811 . . . . .	78
— ditos nos principios de 1812 . . . . .	45, 77
— entrados no Téjo no primeiro semestre de 1812 56, 74, 159, 233, 313, 383	
Licenças do Governo Britanico para o Baltico . . . . .	157, 158

Ordem do Senado de Lisboa sobre azeite . . . . .	73
Portaria sobre exportação para a Estremadura . . . . .	159
Preços de alguns generos na Praça de Lisboa . . . . .	57, 75, 160
— do Haver o peso . . . . .	57, 77, 161, 235, 315
— do Terreiro . . . . .	57, 75, 160, 234, 314

## ECONOMIA DOMESTICA.

Ensaio sobre a semente do lyrio para substituir o café . . . . .	78
Pão de trigo e batatas . . . . .	79
Preparação do oleo de linhaça para as luzes . . . . .	236
Processos para conservar as carnes, etc. . . . .	12
Usos economicos do phosphoro . . . . .	429

## ESTABELECIMENTOS SCIENTIFICOS.

Academia Real da Marinha do Porto . . . . .	155
— das Sciencias de Lisboa . . . . .	139, 384
— das Nobres Artes . . . . .	390
Estabelecimentos Scientificos do Rio de Janeiro . . . . .	310
Premios propostos em Copenhague . . . . .	236
— em Petersburgo . . . . .	ib.
— pela Sociedade Teyleriana de Harlem . . . . .	72
— pelo Instituto de França sobre Literatura . . . . .	235
Sociedade Philomatica . . . . .	10
Universidade de Berlim . . . . .	235
— de Coimbra; Faculdade de Mathematica . . . . .	237
— Dita de Medicina . . . . .	190
— Dita de Philosophia . . . . .	325
— Relação dos Estudantes Medicos . . . . .	195
— Ditos approvados . . . . .	368, 430
— Ditos premiados . . . . .	199

## HISTORIA, E POLITICA.

Analyse das observações sobre o estado actual do Exercito Portuguez; por A. Halliday . . . . .	33, 60, 95, 208
Declaração de A. Halliday . . . . .	402
Estatuas achadas junto de Athenas . . . . .	155
Extracto das noticias politicas e militares dos Periodicos de Janeiro de 1812 . . . . .	37, 62
— dito de Fevereiro . . . . .	116
— de Março . . . . .	214
— de Abril . . . . .	291
— de Maio . . . . .	379

_____ de Junho . . . . .	437
Investigador Portuguez em Inglaterra . . . . .	391
Necrologia . . . . .	71, 312
Ossos de diversos animaes achados na Siberia, e ao Norte d'America . . . . .	157
Relação da Marinha Ingleza no primeiro de Janeiro de 1812 . . . . .	296
_____ da Marinha Franceza . . . . .	ib.
Urnas e inscripções achadas no Condado de Kent . . . . .	235

POESIA . . . . .	380, 438
------------------	----------

### MATHEMATICA.

Cometa visto de Marselha a 16 de Novembro de 1811 . . . . .	8
_____ da Noruega a 2 de Janeiro de 1812 . . . . .	254
Prognostico astronomico . . . . .	313

### MEDICINA.

Algalias elasticas . . . . .	14
Carbunculo: seu mais util. tratamento . . . . .	433
Caso dos bons effeitos da Datura Stramonium na asthma . . . . .	83
_____ de fecundidade extraordinaria . . . . .	280
_____ de longevidade . . . . .	15, 280, 313
_____ em que se tomou grande quantidade de opio . . . . .	84, 207
_____ sobre a expulsão de varios insectos . . . . .	15
Decreto Portuguez sobre a Agoa de Inglaterra . . . . .	82
Determinação Regia para o ensino de Moços dos Dominios da Africa . . . . .	312
Hospital novo para dementes . . . . .	279
_____ Real de S. José de Lisboa . . . . .	15, 82, 189, 279, 368, 427
Observação, e reflexões sobre huma gangrena; por J. M. Soares, e J. J. Vieira . . . . .	15
_____ sobre huma hydropesia enkistada; por W. A. Soares . . . . .	200
_____ sobre o chamado vento da bala; por Dr. Ellis . . . . .	20
Ophthalmia epidemica observada por B. A. Gomes . . . . .	113
Phosphoro como medicamento . . . . .	281, 370, 428
Vaccina . . . . .	14, 81, 83, 280, 385

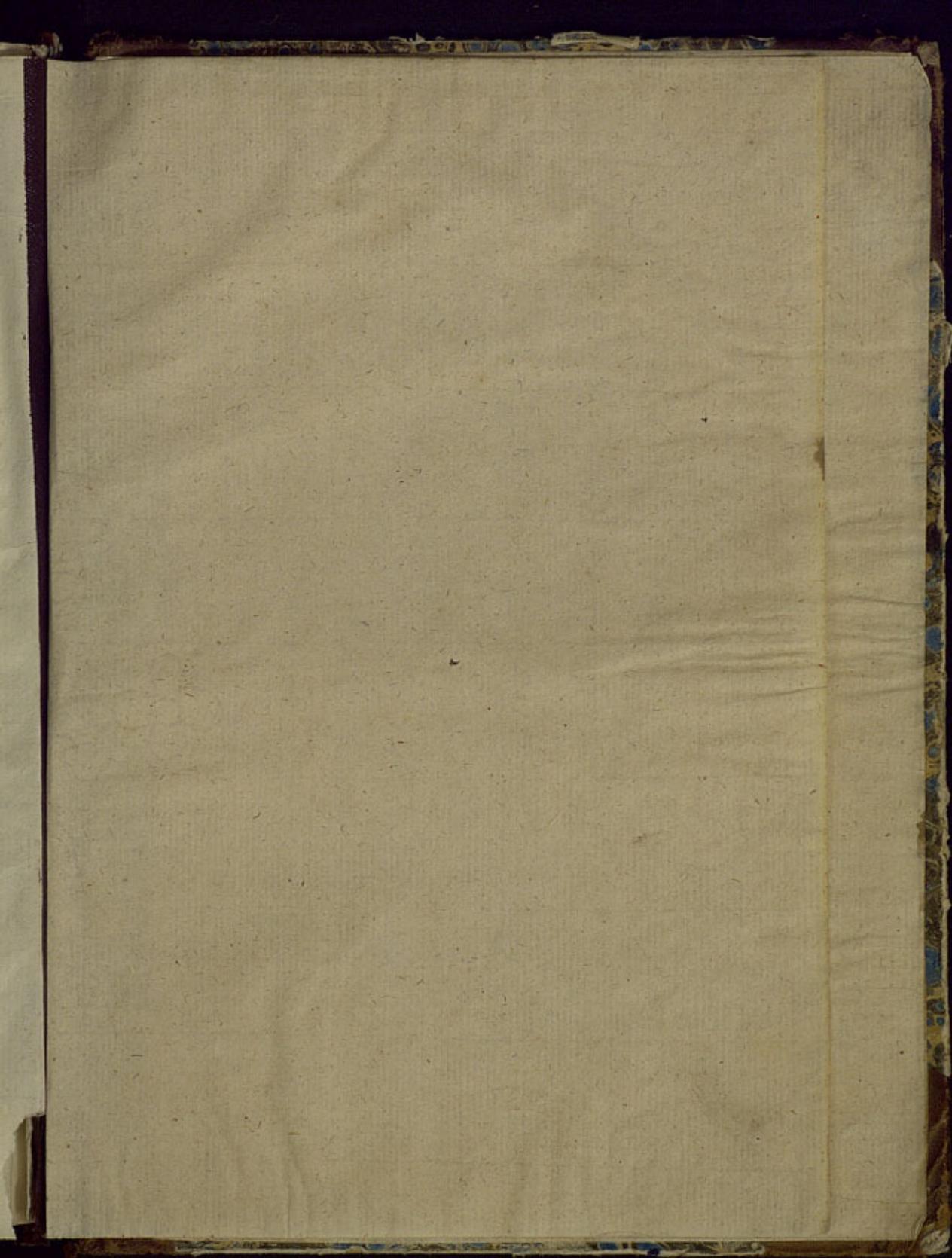


## Erratas.

Pag.	Lin.	Erros.	Emendas.
I.	15	viagentes	viajantes
III.	27	Combra	Coimbra
25	24	colorico	calorico
26	30	elavação	elevação
28	8	colorico	calorico
28	8	colorico	calorico
32	25	da Davy	de Davy
45	7	comprirão	cumprirão
49	6	expulsão	explosão
50	39	Polier	Porlier
53	6	Eruchaga	Cruchaga
53	8	Eruchaga	Cruchaga
33	17	ás postas	às portas
72	15	de França	de França
90	11	hiberando	hibernando
97	1	guera	guerra
97	22	excravação	excavação
100	39	Portoguez	Portuguez
103	31	ouve	houve
100	45	combates	combatentes
167	9	vuigar	vulgar
187	30	gozoso	gazoso
197	14	Carcere	Caceres
210	22	astenantes	attenuantes
210	22	mercuriaes	mercuriaes
234	32	Pão de arratel 90 reis	pão de arratel 60 reis
246	10	feteis	ferteis
252	17	meia adiantada	mui adiantada
253	5	se vier hum	se vier hum dia
258	19	sem fim ; C, fig. 2. <sup>a</sup>	sem fim, C fig. 2. <sup>a</sup> ,
298	21	e e 200	e 200
303	30	denomina	domina
304	12	Gerneaes	Generaes
305	10	Tego	Téjo
311	21	contrução	construcção
324	6	termor	tremor
325	26	averiguados	averiguados
334	13	mais	mais
334	16	eis-aqu	eis-aqui
350	17	rerefacção	rarefacção
372	36	ss	as

Pag.	Lin.	Erros.	Emendas.
401	8	Camara	Comarca
402	22	meritorios	meritorios
404	14	(Num. pag. )	(Num. I. pag. 33.)
404	33	racção	acção
404	36	meu serviço	mão serviço
404	40	factura	táctica
411	28	antajosa	vantajosa.
413	4	que se eria	que se cria.
239		Dr. Antonio José d'Araujo Sancta Barbara he 4.º Lente. 5.º Lente vago por fallecimento do Dr. Tristão Alvares da Costa. — Dr. Manoel Pedro de Mello he 6.º Lente.	

*Fim do I. Volume.*



	Numero	Contenido	Contenido
100	22	medicinas	medicinas
101	24	libros	libros
102	25	libros	libros
103	26	medicinas	medicinas
104	27	libros	libros
105	28	medicinas	medicinas
106	29	libros	libros
107	30	medicinas	medicinas
108	31	libros	libros
109	32	medicinas	medicinas
110	33	libros	libros
111	34	medicinas	medicinas

112 Dr. Antonio José de Ayala Santa Rosa de Lima  
 113 Libro de las enfermedades de la India  
 114 Medicina de la India — Dr. Manuel Polo de Medina  
 115 de la India

Fin de la Memoria

